

## Introdução

Até recentemente, estudar Caldas Barbosa significava reunir referências esparsas e seccionadas a seu respeito, nem sempre apoiadas em documentação original, devido à ausência de pesquisas mais abrangentes sobre o Poeta. Os investigadores estavam de acordo ao considerarem-no improvisador e intérprete de modinhas e de lundus ao som da viola, bem como ao mencionarem a sua negritude, perpetuando o preconceito tão antigo quanto antiquado.

As breves referências à vida de Caldas Barbosa oscilavam entre o seu nascimento em pleno mar ou já em terra firme do Rio de Janeiro por volta de 1740. Seu pai, português, vinha de Angola, acompanhado de sua mãe, uma africana, talvez sua escrava. De sua juventude os estudiosos arriscavam apenas informações sobre sua permanência como soldado na Colônia do Sacramento para onde teria sido enviado em represália a seus versos desrespeitosos para com o governador e capitão general do Rio de Janeiro, Gomes Freire de Andrade, 1º Conde de Bobadela.

De volta ao Rio de Janeiro logo teria partido para Portugal com o objetivo de cursar a Universidade de Coimbra de onde terá saído com o diploma na mão. Dizia-se que durante esses anos de estudo universitário fez-se logo conhecido por sua extraordinária capacidade de improvisar versos e de cantá-los, acompanhando-se à viola. É então referido como sendo o introdutor da modinha em Portugal, afirmação, contudo, que não tem consenso entre os pesquisadores. Estão, entretanto, de acordo ao mencionarem seu indiscutível sucesso, causado, não apenas por seus versos em linguajar popular, quase crioulo, e abasileirado, mas especialmente pela forma de os interpretar em público. Aos olhos e ouvidos desavisados da sociedade portuguesa contemporânea, seus trejeitos, seu à vontade e o ritmo novo eram vistos como “tafularia do amor” em que a decantada “meiguice do Brasil” apresentava “ares voluptuosos” de grande sensualidade.

A proteção do Conde de Pombeiro e o Benefício Simples que transformava Domingos Caldas Barbosa em Presbítero Secular são notícias recorrentes entre os investigadores, mostrando que o Poeta gozou de uma vida confortável e despreocupada. Embora as referências sobre a Academia de Belas Letras sejam incompletas, esta instituição é sempre lembrada, atribuindo-se sua fundação e presidência a Caldas Barbosa. Os poetas que a ela pertenceram são raramente mencionados, mas nota-se a destacada ênfase dada a Bocage que, ao invés de ser lembrado por sua obra de mérito, comparece como detrator mordaz do poeta Lerenó.

O reconhecimento do valor literário de Caldas Barbosa repousa na *Viola de Lerenó*, cuja primeira edição data de 1798, em Lisboa. A recepção desta obra de cunho popular foi tão significativa que ela teve várias reedições tanto em Portugal quanto no Brasil e seu sucesso pode ser avaliado por sua sobrevivência na memória literária bem como na popular. Nas palavras de Câmara Cascudo esta é realmente a “A obra do Pe. Caldas Barbosa” a restante “participa da arqueologia literária apenas útil como recordação e confronto de época passada e defunta.”<sup>1</sup> Esta afirmação deixava dúvidas pois, na verdade, são muito poucos os críticos que apontam a existência de outras obras do Poeta, mencionando rapidamente a *Coleção de Poesias feitas na inauguração da Estatua Equestre de D. José I* e o *Almanak das Musas*, desconsiderado como obra de pouca valia poética.

Há consenso sobre a data de sua morte em 1800 e insistência na tônica da sua negritude, estando, ainda, a maioria dos críticos de acordo em considerá-lo poeta menor.

A escolha de Caldas Barbosa como tema de estudo desta dissertação se assentava no conhecimento das modinhas e lundus sobre seus versos e nas referências tradicionalmente veiculadas sobre o poeta. Este universo restrito apresentava, entretanto, muitas lacunas sem resposta: quem teria sido de fato Caldas Barbosa? Como teria conseguido conviver com os grandes que tanto o favoreceram, se tivesse sido apenas “um sagui de sua pátria”? Como era o ambiente em que circulava? Quem eram os nobres e fidalgos que frequentava? Como se comportava Lerenó nesse meio? Como delinear com mais precisão a figura desse poeta tão prezado em seus dias e tão esquecido pela posteridade?

Inicia-se o presente estudo por um levantamento dos títulos e datas de seus trabalhos, fato que evidenciou o privilégio de Caldas Barbosa ter assistido em vida à publicação de sua obra em prosa e verso, aí incluídos textos para a música e o teatro. O caminho indicado apontava para a necessidade de um melhor conhecimento de sua produção, estratégia que

---

<sup>1</sup> Cascudo, Luis da Câmara (1976 : 21- 23)

provou ser a mais acertada. A *Viola de Lerenó*, até hoje alvo de atento estudo dos pesquisadores, permite compor uma imagem bastante fiel, embora parcial, da personalidade de Caldas Barbosa. Das “peças ligeiras” e prezadas “acima de seus méritos”, segundo palavras de Antonio Candido, intui-se um homem encantador, com fino senso de humor, comunicativo, direto, qualidades que certamente destoavam das normas em voga entre a sociedade portuguesa de seu tempo. Segundo informações dos investigadores, no contexto popular da *Viola*, entretanto, ficava excluída a alta nobreza com a qual convivia Caldas Barbosa. Acrescido a isto e, a par da *Viola de Lerenó*, existia um conjunto de obras de cunho erudito que nunca tinha sido examinado atentamente e que, provavelmente, haveria de explicar a sua aceitação por aquela classe e de completar-lhe o retrato.

Previam-se que o contacto direto com as obras do Poeta viesse a desvendar quem era o seu autor, quais os motivos que o teriam levado a escrever esta ou aquela obra, em que momento o teria feito, como se integravam no contexto de sua época, além de abrir a possibilidade de determinar alguns princípios literários que as regiam. Ao lançar um olhar atento à obra do Poeta, esperava-se reunir uma série de dados, acrescidos de novas informações advindas de estudos recentes.

Serviu de base a esta dissertação uma importante observação de José Ramos José Ramos Tinhorão ao afirmar que Caldas Barbosa não é um mas dois poetas paralelos: o da *Viola de Lerenó*, popular, e o do *Almanak das Musas*, horaciano. A não atenção a este dado evidencia-se num o desvio de perspectiva que levou a considerar-se Caldas Barbosa, autor da *Viola de Lerenó*, como poeta menor. Os críticos nunca poderiam encontrar na *Viola de Lerenó* a obediência aos preceitos neoclássicos. Em contrapartida, o julgar o *Almanak das Musas*, pela ótica popular daquela obra conduz uma visão deturpada dessa obra horaciana.

Por outro lado, indagava-se sobre sua índole, buscando-se uma resposta plausível para o fato de um mulato sem eira nem beira passar a protegido vitalício de uma família da alta nobreza de Portugal. Varnhagen via-o “mais como truão do que como poeta”, um homem que, desprezando a sua cor, teria preferido “passar por bobo [e], ser o primeiro a escarnecer de si ainda à custa de sua dignidade, mas ir vivendo descansado”. Desprezando a sua cor, teria sido de fato uma espécie de bobo da corte, um mero oportunista? Manter essa postura durante quase quarenta anos no seio de uma família da alta nobreza era obra para um indivíduo sem princípios, seria o caso do Poeta?

Alguns críticos entretanto, afirmavam que ele fora estimado e respeitado. Lerenó, enfim, é o seu melhor biógrafo e nesta dissertação procura-se perceber as indicações do próprio Poeta sobre sua vida e obra, confirmando ou acrescentando referências aos

conhecimento fornecido por outros. Ao rastrear esses dados, tentamos refazer a trama de seu percurso em que surgem momentos mais significativos da vida do Poeta, do contexto em que viveu, de sua alargada cultura bem como do seu domínio da arte do verso. A amizade dedicada aos companheiros, aos amigos, e a legítima gratidão à família dos Condes de Pombeiro são outros aspectos que emanam dos versos de Caldas Barbosa, definindo com maior nitidez o retrato do Homem e do Poeta.

Para além da *Viola de Lerenó* ainda restava, sem dúvida, muito a ser desvendado. Muitas das respostas foram encontradas e muitas outras foram descobertas a partir da leitura da obra completa de Lerenó Selinuntino e dos diversos estudos recentes sobre o Poeta. Embora ainda permaneçam muitos aspectos carentes de investigações pormenorizadas, julgamos assim poder contribuir para esclarecer alguns equívocos, repondo a verdade histórica e facultando um mais completo conhecimento de Caldas Barbosa.

### **Explicativo sobre a formatação**

#### **Índice Onomástico:**

No corpo da dissertação, bem como na transcrição dos poemas (Anexo 1), estão patentes diversos nomes e títulos de personagens, bem como de figuras mitológicas seguidos de (\*). Este sinal gráfico remete a explicações ou a curtas biografias registradas no Índice Onomástico e no Índice de referências mitológicas citadas. Evitou-se, desta forma, a repetição de mesmas informações nas notas de rodapé.

#### **Transcrição dos poemas:**

Na transcrição dos poemas de Caldas Barbosa (Anexo A) patentes no *Almanak das Musas*, procura-se estabelecer um equilíbrio entre o respeito pelas características da escrita do poeta e do seu tempo e os interesses de um público atual mais alargado. Isto implica o abandono de uma edição diplomática, considerando-se que, na 2ª metade do século XVIII, a Língua Portuguesa já havia passado por grande número de transformações de natureza linguística que lhe conferiram o aspecto que tem hoje, embora na escrita não houvesse atingido homogeneidade. Desde então a ortografia do Português, quer em Portugal, quer no Brasil, passou por várias alterações, sobretudo após o recente Acordo Ortográfico que não se traduz contudo numa total unidade ortográfica. Os poemas de Caldas Barbosa apresentam diversos usos em alternativa, alguns idênticos aos dos nossos dias, outros não, daí que se mantenham as formas que poderiam corresponder a variações reais de pronúncia. Procuramos seguir na

presente transcrição a **norma ortográfica atual do Brasil**, sem afetar, contudo, as características essenciais da linguagem de Caldas Barbosa que importa preservar.

Os objetivos da transcrição são, pois:

- 1) possibilitar uma leitura acessível dos poemas a um vasto público;
- 2) manter aspectos da escrita original que possuam valor documental do ponto de vista linguístico e estilístico, o que significa preservar certos aspectos da linguagem do poeta nos planos fônico, morfológico e sintático;
- 3) conservar aspectos gráficos e oscilações cuja representatividade não seja possível aferir com segurança;
- 4) manter a pontuação original.

Foram mantidas as grafias originais em virtude da rima **-impia** (e não ímpia) / fia; **vassalage** / Bocage; **agoa** / **fragoa** / mágoa – ou por opção do Poeta: abóbeda, almeirante, ariçadas; companha, corpolento, Correas, cousa, cuberto; desarreiga, disgraça, disgraçado, disvelo; felices, gerarquia; parabém, peiores, permeditar, pertender, poude; romoto; sogredo, subtil.

# 1. Biografia de Domingos Caldas Barbosa

As Histórias da Literatura e alguns Dicionários Biográficos limitam-se a curtas referências à vida e à obra de Caldas Barbosa mas por elas fica-se sabendo que nasceu no Brasil em 1740<sup>2</sup>, aportou em Lisboa em 1763 e aí faleceu trinta e sete anos depois, em 1800. Viveu plenamente os seus sessenta anos, assistindo em vida à publicação de sua obra poética e musical entre 1775, data do seu poema para a *Inauguração da Estátua Equestre de D. José I*<sup>3</sup>, e 1799, quando veio a público a sua *Descrição da Grandiosa Quinta de Belas*<sup>4</sup>.

## 1.1. Genealogia, nascimento e primeiros anos

Os biógrafos de Caldas Barbosa não estão inteiramente de acordo quanto ao local e à data do seu nascimento. A grande maioria afirma que o Poeta nasceu no início de 1740 na cidade do Rio de Janeiro. Alguns apontam, contudo, o ano de nascimento como sendo 1738. São a favor de 1738: Jacinto Prado Coelho, Hernani Cidade, Buarque de Holanda e Câmara Cascudo. Antonio Candido não especifica a data, dizendo ter ocorrido o nascimento “antes de 1740”. Manifestam-se a favor de 1740: Teófilo Braga, Silvio Romero, José Veríssimo, Massaud Moisés, José Ramos Tinhorão.

A este respeito opina Marcia Taborda:

O primeiro biógrafo de Caldas Barbosa foi o Cônego Januário da Cunha Barbosa, sobrinho do poeta. Cunha Barbosa, que nasceu em 10 de julho de 1780, tomou ordens sacras em 1803 e no ano seguinte fez viagens a Lisboa, voltando ao Rio de Janeiro em 1805. Para elaborar seu testemunho sobre Caldas Barbosa contou com o depoimento de um outro parente, também sobrinho do poeta. Considera-se ainda a possibilidade de que em sua passagem por Lisboa, o cônego Januário tivesse travado contato com pessoas do convívio de Caldas, cujo falecimento se dera há apenas quatro anos.<sup>5</sup>

Sobre o mesmo assunto leia-se o depoimento de Januário da Cunha Barbosa:<sup>6</sup>

<sup>2</sup> Cascudo, Câmara (1972 : 8) Segundo este autor, a julgar pelo dia de seu onomástico – dia de S. Domingos - Caldas Barbosa terá nascido a 04/AGO/1740.

<sup>3</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1775).

<sup>4</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1799)

<sup>5</sup> Taborda, Marcia (2006 : 1)

<sup>6</sup> “O Cônego Cunha Barbosa nunca viu o tio, que faleceu quando ele tinha 20 anos, mas ouviu confidências de um parente ainda vivo do poeta.” Cf. Cascudo, Camara (1972 : 6)

Meu tio (assim nos informou um parente ainda vivo deste nosso poeta) não era preto nem branco, nem d'África nem da América; mas era um homem de muitos talentos e de virtudes sociais: expliquemos estes ditos. O pai de Domingos Caldas Barbosa, depois de muitos anos de residência em Angola, regressava para o Rio de Janeiro, e em sua companhia vinha uma preta grávida, que na viagem deu à luz o nosso Caldas. Seu pai, apenas desembarcado, o reconheceu e o fez batizar.<sup>7</sup>

Entretanto, nos versos do seu poema *A Doença*<sup>8</sup>, o próprio Caldas Barbosa certifica ter nascido no Rio de Janeiro:

Um dia, quando ao som da doce avena  
 Cantava Americana Cantilena  
 Por entre a gente, que a ouvir se ajunta,  
 Moço alegre rompeu, que lhe pergunta  
 Se é ele o mesmo Caldas Brasileiro,  
 Que tem por pátria o Rio de Janeiro,  
 Filho de outro Caldas nomeado,  
 Que morrera infeliz, vivendo honrado. (Canto II, v. 278 a 285)

O nome do pai de Caldas Barbosa consta dos registros dos nomes dos candidatos ao curso de leis e cânones da Universidade de Coimbra, onde se lê ter sido o Poeta “filho de Antonio de Caldas Barbosa”.<sup>9</sup> Havia sido funcionário de D. João V em Angola, de 1731 a 1734, como reza o seguinte documento assinado pelo próprio D. João V:

Ouve Sua Magestade por Bem por se achar vago o officio de Thezoureiro das Fazendas dos defunctos e auzentes Cappellas e Residuos de Angola e ser necessario e conveniente servise o dito officio por pessoa de toda a satisfação havendo respeito ao que se representou por parte do dito Antonio Caldas Barboza e as informações que de suas partes suficiencia e bom procedimento preçederão do Thezoureiro geral das mesmas fazendas e Prometor e Procurador dos Captivos e confiando delle que em tudo e o de que o encarregar servira muita a sua satisfação [...] Ha Sua Magestade por bem fazer lhe merce da serventia do dito officio de Thezoureiro das fazendas dos defunctos e auzentes Cappellas e residuos do Reyno de Angola por tempo de 3 annos [...] na Provizão registada a fl. 170 e esta foi feita por 2 vias a 3 de Abril de [1]731 ]<sup>10</sup>

Há também uma referência ao nome do nosso poeta no verbete do *Dicionário das Famílias Brasileiras*, editado por Carlos Eduardo de Almeida Barata e Antonio Henriques da Cunha Bueno<sup>11</sup>:

**Linha Africana:** O cap. Antonio Caldas Barbosa [c. 1715, Viana – 1763, RJ], negociante na Praça do Rio de Janeiro, faleceu solteiro, declarando em seu testamento, ter tido um filho natural havido com Antonia de Jesus, “preta-forra”. Foi este filho o grande poeta e dramaturgo Domingos Caldas Barbosa.

<sup>7</sup> *Apud* Barbosa, Domingos Caldas (1980 : 14) Transcrito a partir do *Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro* (1950 : 312-318)

<sup>8</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1777)

<sup>9</sup> Tinhorão, José Ramos (2004 : 28)

<sup>10</sup> *Barbosa, Domingos Caldas* (2003 : 64)

<sup>11</sup> Barbosa, Domingos Caldas (2003 : 12): *Dicionário das Famílias Brasileiras*, IberoAmérica, vol. I, (s.data : 595-596)

A “preta forra” Antonia de Jesus a que alude este verbete teria sido escrava do pai do Poeta, tendo dado à luz já no Rio de Janeiro ao chegar de Angola. Foi provavelmente alforriada pelo companheiro para impedir que o filho mestiço se criasse como escravo.<sup>12</sup>

Esta é a única referência que se conhece a esta mulher humilde que jamais foi mencionada pelo filho em nenhum de seus versos. É plausível que, movido pelas melhores intenções em relação ao seu rebento, tivesse o pai separado o menino de sua mãe, mantendo-o em ambiente de brancos para garantir-lhe uma formação de *status* social mais elevado. O pequeno Domingos, portanto, não teria tido oportunidade de criar laços afetivos com sua progenitora. Apagaram-se-lhe da memória a figura de sua mãe assim como as referências à infância. Restam apenas tênues alusões ao “infausto dia” de seu nascimento em alguns de seus poemas.<sup>13</sup>

Outro aspecto relevante diz respeito à explicação da escolha de seu prenome Domingos, segundo uso corrente em Portugal, onde se respeitava o nome do santo do dia do nascimento:

o nome lhe veio por nascer no dia de São Domingos, uso respeitadíssimo em Portugal, onde os próprios Soberanos obedeciam, seria de 4 de agosto o seu onomástico.<sup>14</sup>

## 1.2. Escolaridade: dos primeiros estudos à Universidade de Coimbra

Desconhece-se que tipo de educação Caldas Barbosa terá recebido na infância. Nos versos da *Viola de Lereno* pode-se de imediato apreciar duas de suas qualidades irrefutáveis: o conhecimento da língua portuguesa e o da arte de versejar. Acresce a isto a desenvoltura com que o Poeta se move dentro dos temas característicos da poesia contemporânea, demonstrando um considerável conhecimento da História de Portugal e de suas regiões com referências à Serra de Sintra, a Salvaterra de Magos, Benfica, Caldas da Rainha e Belas, regiões próximas a Lisboa e escolhidas para os momentos de lazer da Corte que o Poeta frequentava amiúde.

Caldas demonstra uma apreciável cultura geral, que podemos constatar quando o Poeta inclui na *Viola de Lereno*, de cariz popular, a sua própria tradução, entre a de tantos outros autores, da conhecida cançoneta *La partenza* (Viena, 1746) com o título de “Partida”<sup>15</sup>, de Pietro Metastasio, poeta e autor dramático (1698-1782). A *Viola de Lereno*, entretanto, está

<sup>12</sup> *Apud* Tinhorão, José Ramos (2004 : 2)

<sup>13</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1793), Ver: *Negras noturnas aves agoiraram*, Anexo 1; *Neste Dia fatal, infausto Dia*, Anexo 1.

<sup>14</sup> Cascudo, Câmara (1972 : 8)

<sup>15</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1980 : 144)

longe de nos mostrar cabalmente a cultura de Caldas Barbosa, aceito como aluno da Universidade de Coimbra. Na época, a educação formal era rara para os meninos e inexistente para as meninas. Dentre a nobreza,

O destino dos filhos da Casa, estava ditado a partir de tenra idade, com o primogenito destinado à representação e perpetuação da Casa, sendo à partida escolhida a aliança matrimonial mais conveniente, tendo em conta o parentesco e a posição hierárquica na Corte. Para os filhos secundogenitos estavam abertas as carreiras eclesiásticas e militares. [...] Qualquer que fosse o destino de cada um dos filhos, o objectivo primordial que tinham para além de servir o Estado e a Igreja, era o de engrandecerem a Casa onde nasceram.<sup>16</sup>

Os meninos menos aquinhoados tinham de se contentar em ser soldados ou ingressar na vida eclesiástica. À disposição da classe minimamente abonada, desde o século XVI, em Portugal e em suas colônias, havia os ensinamentos dos jesuítas que detiveram sob sua responsabilidade a educação até serem expulsos por D. José I e pelo Marquês de Pombal em 1759.

O Cônego Januário da Cunha Barbosa destaca a dedicação paterna de Antônio de Caldas Barbosa à formação do filho, enviando-o para o Colégio dos Jesuítas no Rio de Janeiro onde se preparou para, mais tarde, poder ingressar em Coimbra:

e quando chegou à idade própria curou de sua educação literária, por isso que lhe reconhecia uma viveza e penetração não vulgares, que lhe auguravam bons resultados dos estudos, a que o fez aplicar. Nas aulas Jesuíticas começou Caldas a desenvolver os seus talentos, hobreando com os melhores estudantes;<sup>17</sup>

Caldas devia ter uns doze anos quando aí ingressou. Teria por volta de dezenove ao se formar pouco antes do encerramento do Colégio em 1760 depois da expulsão dos Jesuítas no ano anterior. Caldas Barbosa integraria a última turma de alunos dos santos padres como recorda José Ramos Tinhorão:

O programa escolar dos jesuítas, realmente, baseava-se ainda por aqueles meados do século XVIII no plano de estudos denominado *Ratio Studiorum* (promulgado em 1586 e reafirmado em 1599), que instituiu o ensino das chamadas sete artes liberais e da filosofia, dividido em dois conjuntos de matérias: o básico denominado *Trivium* (gramática, dialética e retórica), e o mais avançado *Quadrivium* (geometria, aritmética, musica e astronomia). A esses cinco anos de curso médio, acrescentava-se no Colégio dos Jesuítas do Rio de Janeiro o curso de Artes para estudos de filosofia e ciências, divididos em três anos: 1º ano, filosofia de Aristóteles e Santo Tomás de Aquino; 2º ano, física e ciências naturais; 3º ano, física especial ou aplicada. Os cinco anos compreendidos pelo *Trivium* e *Quadrivium* compunham o chamado curso de Letras Humanas ou Humanidades Latinas.<sup>18</sup>

Esses fundamentos recebidos dos jesuítas constituíram a base da formação literária clássica de Caldas Barbosa, fato que explica o tipo de alusões culturais patente nos versos do *Almanak das Musas*.

<sup>16</sup> Mendóça, Filipe Folque de (2010 : 22)

<sup>17</sup> Barbosa, Januário *apud* Barbosa, Domingos Caldas (2003 : 63)

<sup>18</sup> Tinhorão, José Ramos (2004 : 31-32)

Durante os anos despreocupados do jovem aluno nas aulas de retórica, dialética e lógica aristotélica, atravessava-se um período de grandes tensões entre Portugal e Espanha, com direta repercussão na colônia do Brasil. Estava em pauta uma luta de interesses que envolvia os dois Reinos enquanto conquistadores e proprietários das respectivas colônias na região mais austral da América do Sul.<sup>19</sup> Além de antigos problemas relativos à definição de fronteiras, havia tensões com os engenhosos e poderosos jesuítas que defendiam os índios ao impedirem a sua escravização. As lutas aí travadas exigiram envio de tropas portuguesas para a região onde se encontravam os Sete Povos das Missões e a Colônia do Sacramento.

Domingos Caldas Barbosa, portanto, vê-se envolvido indiretamente nesse confronto uma vez que o regulamento do Colégio dos Jesuítas implicava a possibilidade de serem seus alunos convocados para o serviço militar pois, segundo o cronista da história carioca Vieira Fazenda: “Formavam uma companhia militar, com capitão eleito em lista tríplice e escolhido pelos governadores.”<sup>20</sup> Caldas Barbosa, recém-formado, tinha a idade prevista para ser convocado, o que explica a sua partida como soldado num batalhão requisitado pelo governador e capitão general do Rio de Janeiro, Gomes Freire de Andrade, Conde de Bobadela, com destino à colônia do Sacramento entre 1761 e a ingloria retirada em 1762.

Da permanência do soldado Caldas Barbosa em Sacramento pouco se sab, além do que relata no seu poema *Zabumba*<sup>21</sup> do qual citamos algumas quadras. Não faltavam o vinho, as cantorias, os namoricos e a camaradagem como se fossem três anos de férias depois da rigorosa disciplina do Colégio dos Jesuítas.

Amor ajustou com Marte	Vejo alegres Camaradas
Vãos Mancebos alistar,	Os baralhos aprontar:
Um lhes dá trabalho honroso,	Param, topam, sujo cobre
Outro os faz rir e zombar:	A perder, ou a ganhar:
Vem quartilho, vai Canada	Uma brigada em colunas
Toca enfim a emborrachar;	Marcha a outra a obliquar,
A cabeça bambaleia,	Os contrários fazem cara,
Ali ouço rressonar:	Toca a morrer, e a matar:

De volta à casa paterna, é provável que tenha rapidamente ocorrido o final dos seus anos de juventude despreocupada. Seu pai, persistindo no seu costumeiro desvelo, despachou o filho para prosseguir seus estudos na Universidade de Coimbra na expectativa de que mais

<sup>19</sup> Contexto que pode ser apreciado no filme *A Missão* de Joffé, Roland, Diretor (1986)

<sup>20</sup> *Apud* Tinhorão, José Ramos (2004 : 36)

<sup>21</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1980 : 66)

tarde viesse a ter uma profissão digna.<sup>22</sup> É de Teófilo Braga a notícia da chegada de Caldas Barbosa a Lisboa:

A época de sua retirada para a Europa fixa-se em 1763, pela ‘Relação de pessoas a quem se passaram atestações pela Mesa de Inspeção da cidade do Rio de Janeiro desde que sahiu a Frota do anno de 1761 athé a sahida da presente Frota de 1763, que vae para Lisboa’ - Domingos Caldas Barbosa, estudante, vae para Coimbra a continuar seus estudos”.<sup>23</sup>

Formado pelo Colégio dos Jesuitas do Rio de Janeiro, Caldas Barbosa estava apto a matricular-se na Universidade de Coimbra, onde terá comparecido a 1º de Outubro de 1763, com pretensões aos cursos da Faculdade de Leis, uma vez que possuía certidão de latim. Entretanto, documentos da Universidade de Coimbra provam que Caldas Barbosa estava matriculado no curso de Leis dos anos 1764 e 1765, mas não se apresentou para confirmar sua matrícula. Este fato é indicativo de não ter concluído o ano letivo. Os estudos de cânones deveriam ser feitos nos anos de 1766-67, mas o nome de Caldas Barbosa não consta dos livros de matrículas. Conclui-se, portanto, que, embora matriculado em 1763, não teria frequentado nenhum dos cursos para os quais se inscrevera e não se formou na Universidade de Coimbra.

No poema *A Doença*<sup>24</sup> Caldas Barbosa alude à perseguição de sua má sorte, permitindo-nos entrever o que se passou tão logo chegou a Coimbra:

E a fortuna cruel de que fugia,  
Eu vi que sempre ao lado me seguia. (Canto III, v. 15-16)

Faz que eu desmaie às portas da ciência,  
Rouba-me o caro Pai, (Canto III, v. 22- 23)

Apenas se publica, e se divulga  
A triste morte de meu Pai, se julga  
(E acaso se acertou) que esta orfandade  
Me poria em cruel necessidade  
De depender dos mais, e dependente  
Pouco me estima a orgulhosa gente. (Canto III, v. 35- 40)

A “cruel necessidade” (Canto III, v. 8) mencionada foi causada, por volta de 1764, pela morte do pai que o financiava. Caldas Barbosa, obrigado a buscar maneira de sobreviver, valeu-se de suas qualidades para entreter plateias com seu dom de improvisar versos e de cantar modinhas e lundus. Segundo o Poeta:

Fiz verso dantes de ter conhecimento<sup>25</sup> (v. 130)

<sup>22</sup> As investigações mais recentes e mais precisas sobre Domingos Caldas Barbosa são o resultado das pesquisas de José Ramos Tinhorão que as publicou em 2004 no seu livro *Domingos Caldas Barbosa - O poeta da Viola, da Modinha e do Lundu (1740-1800)*. Têm origem nesta fonte as informações abaixo, relativas aos estudos do jovem poeta na Universidade de Coimbra.

<sup>23</sup> *Apud* Tinhorão, José Ramos (2004 : 41)

<sup>24</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1777)

Tu sabes que desde a tenra idade  
 Amei a singular suavidade  
 Das camenas sonoras: e Talia  
 Co'a harmônica doce melodia  
 Minha voz, meus discursos ajudava:  
 Já na silvestre América eu cantava,<sup>26</sup> (Canto III, v. 61- 66)

### 1.3. O apoio de Grandes de Portugal e a emancipação

De acordo com seu próprio depoimento em *A Doença* (Canto III, v. 57)<sup>27</sup>, o Poeta se dirigiu para as cidades de Barcelos e Viana da Foz do Lima (hoje Viana do Castelo), às margens dos rios Cavado e Lima, onde diz:

Eu vivi do louvor da minha Rima;  
 Ali dous Vasconcelos ma escutaram,  
 Ali os respeitei, ali me honraram,  
 Naquele pouco tempo, em que descansa  
 A dura lida da astreal balança,  
 Que eles junto ao Douro então sustinham.<sup>28</sup> (Canto III, v. 74-79)

Tratava-se dos irmãos José Luís\* e Luís de Vasconcelos e Sousa\*, respectivamente, futuros Conde de Pombeiro e Conde de Figueiró. Sendo ambos desembargadores da Relação na cidade do Porto, conheceram Caldas num provável momento de lazer de sua vida profissional, cuja responsabilidade era a de fiscalizar e aplicar a justiça em toda a região do Entre Douro e Minho<sup>29</sup>. Estabeleceu-se nesse contacto uma apreciação genuína dos irmãos pelo poeta brasileiro a quem este se sentiu fortemente ligado. É com desalento que Caldas Barbosa deles se despede:

Quando José nos braços me apertava,  
 O grato coração me palpitava,  
 E mais se inquietou ao despedir-me,  
 Como então já querendo separar-me,  
 Que haviam proteger-me, e amparar-me.<sup>30</sup> (Canto III, v. 87-92)

Por algum motivo, o Poeta teve que voltar a Lisboa onde se encontrou em situação ainda mais deplorável do que quando aí chegara. Abandonado à própria sorte, viveu penosamente o contexto socio-econômico por que atravessava a capital da metrópole. Nessa época, por volta de 1765, apenas dez anos após o terremoto, Lisboa despendia um grande

<sup>25</sup> Idem (1793). Ver: *Que glória, que capricho*, Anexo 1.

<sup>26</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1777 : 28)

<sup>27</sup> Idem (1777 : 28)

<sup>28</sup> Ibidem (1777 : 28)

<sup>29</sup> Tinhorão, José Ramos (2004 : 44)

<sup>30</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1777 : 29)

esforço para sua reconstrução, dando prioridade às necessidades básicas da população e relegando para última instância qualquer atividade que não fosse a de garantir a subsistência.

As atividades culturais encontravam-se praticamente paralisadas – a vida literária, o teatro e a produção intelectual, inclusive a popular, divulgada em folhetos de cordel, só ia ressurgir a partir de fins da década de 1770 – o que transformava a figura dos literatos em seres absolutamente dispensáveis e extravagantes. A consequência natural de tal posição na retraída sociedade liboeta do tempo era a rejeição e a miséria.<sup>31</sup>

À míngua, num derradeiro esforço para não se deixar morrer, Caldas Barbosa apelou para um estrategema que surtiu efeito inesperado:

Consultando o cansado sofrimento;  
Eu usei dum forçado fingimento;  
A minha desnudez fingi, e creram,  
Que um estranho humor desordens eram,  
Mudei o humilde tom de desgraçado;  
E como não pedia, era escutado.”<sup>32</sup> (Canto III, v. 105-110)

Essa “indústria feliz” (Canto III, v. 113), segundo Caldas, deu-lhe novo alento, levando-o de volta a Coimbra mas não à Universidade. Assim viveu mais um período, participando de certames poéticos em que avaliava o seu conhecimento com perfeita “consciência de superioridade de sua poética espontânea”<sup>33</sup>, nas palavras de Tinhorão.

Nos certames Poéticos temido  
Eu fazia calar-se arrependido

Nos versos abaixo, o próprio Poeta nos relata a sua técnica de improvisação, não deixando dúvidas sobre o modo como procedia:

Aquele, que soberbo se me opunha,  
E disto é muita gente testemunha.

Não ia como muitos preparado  
Com um métrico enfeite decorado  
De palavras pomposas retenintes,  
Que deixam como absortos os ouvintes,  
Sem saber o que ouviram: nem levava  
Como algum a cabeça, que julgava  
A todo o corpo vão que ali fazia,  
E em outros muitos corpos mais fervia;  
Eram os versos meus ali formados,  
E aos motes propriamente acomodados:<sup>34</sup> (Canto III, v. 141-155)

<sup>31</sup> Tinhorão, José Ramos (2004 : 45-46)

<sup>32</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1777 : 29-30)

<sup>33</sup> Tinhorão, José Ramos (2004 : 50)

<sup>34</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1777 : 31)

O sucesso, entretanto, não foi duradouro e Caldas encontrou-se novamente em Lisboa onde foi acolhido pelos irmãos Vasconcelos. Estes fidalgos<sup>35</sup> pertenciam tradicionalmente aos Grandes de Portugal e suas origens se prendem à fundação do Reino no século XII.<sup>36</sup> Foram muito próximos a Caldas Barbosa os três filhos mais velhos de D. José de Vasconcelos e Sousa Caminha Câmara Faro e Veiga\*, 1º Marquês de Castelo Melhor<sup>37</sup>: Antônio\*, José Luis e Luis<sup>38</sup>.

Como vimos, foi em Barcelos, por volta de 1765, que Caldas encontrou pela primeira vez José Luis e seu irmão mais moço, Luis de Vasconcelos e Sousa, ambos solteiros na época. Ao decidirem abrigar o Poeta, José Luís o instalou em casa de seu irmão mais velho, Antônio<sup>39</sup>, que herdara do pai os títulos<sup>40</sup>. Este gesto altruísta ficou relatado por Caldas Barbosa no seu poema *A Doença*:

Por ele é que a alegria me aparece,  
E que a miséria enfim desapareça  
Dos olhos meus; e em vez da fome escura,  
Eu veja da Abundância a formosura.

E por livrar-me mais desta inimiga  
Do caro Irmão à sombra ele me abriga,  
E entre os favores seus, e os do bom Conde  
As garras da desgraça ele me esconde.<sup>41</sup> (Canto III, v. 297 a 304)

D. Antônio já era casado com D. Mariana de Assis Mascarenhas<sup>42</sup> a quem Caldas Barbosa dedicou o poema “Raivas Gostosas”<sup>43</sup>, referindo-se a ela pelo seu pseudônimo Armânia. Nos seus versos fica patente sua verve de coqueteria e graça, qualidades traduzidas em música na modinha de Marcos Portugal.<sup>44</sup>

<sup>35</sup> Ver Anexo 1: Notas e Genealogia dos Vasconcelos e Sousa.

<sup>36</sup> Monteiro, Nuno Gonçalo Freitas (1955 : 530)

<sup>37</sup> Sua casa ficava originalmente onde é hoje o Rossio. Destruída pelo terremoto, reconstruiu-a na então Rampa da Glória, onde hoje se vê, na atual Praça dos Restauradores e, depois de ter sofrido inúmeras alterações, o Palácio de Castelo Melhor, mais conhecido como Palácio Foz.

<sup>38</sup> D. Luis de Vasconcelos e Sousa, foi o 4º Conde de Figueiró. Nomeado 12º Vice-Rei do Brasil e Capitão General de Mar e Terra do Estado do Brasil, exerceu o cargo com grande dedicação por doze anos (1778-1790), traduzidos em importantes reformas urbanísticas, entre outras realizações, até sua morte no Rio de Janeiro. Segundo Braga, Teófilo (1984 : 351), em 1786, o Vice-Rei Luis de Vasconcelos e Sousa festejou a passagem pelo Rio de Janeiro do futuro Governador-geral de Goa, D. Francisco da Cunha Meneses e o secretário de Estado e desembargador Sebastião José Ferreira Barroco em companhia de quem viajava também o oficial Manuel Maria Barbosa do Bocage.

<sup>39</sup> Nos seus poemas, Caldas Barbosa referia-se a ele pelo seu pseudônimo poético como Aônio, conforme . Cascudo, Câmara, (1972 : 33).

<sup>40</sup> Tornou-se 9º Conde da Calheta, 2º Marquês de Castelo Melhor. Entre seus cargos, destacam-se os de Conselheiro de Estado, Reposteiro-Mor vitalício da Casa Real e Mordomo-Mor de D. Carlota Joaquina.

<sup>41</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1777: 36)

<sup>42</sup> Casamento: 28/NOV/1777 em Santos-o-Velho, Lisboa.

<sup>43</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1980 : 93); Marschal, Pedro Anselmo, *Jornal de Modinhas*, Ano I, nº 18 (1792)

<sup>44</sup> Ver: Registros em CDs, Sawaya, Luiza e Achille Picchhi, *Veneno de Agradar* (1998 : Faixa 9)

Eu gosto muito de Armânia  
Que é mui dengue, é mui mimosa,  
Que meiga a todos agrada.  
E até me agrada raivosa.

Gosto das suas raivinhas  
Que avivam a cor de Rosa;  
Eu gosto de a ver corada,  
Por isso a quero raivosa.

Estrilho:  
O Céu tais graças lhe deu,  
Que ainda raivosa é bela,  
E senão que o diga eu,  
Que gosto das raivas dela.  
Armânia, Armânia, Armânia

Caldas Barbosa dedicou a D. Antônio, além de um soneto para celebrar o seu aniversário<sup>45</sup>, o *Epitalâmio*<sup>46</sup> na data de seu casamento em 1777. Mas é a sua mulher, D. Mariana de Assis Mascarenhas, que abre o coração para, no poema “Memorial”<sup>47</sup>, implorar-lhe ajuda junto à Corte a fim de obter sua independência financeira.

Contudo, D. José Luís foi, sem sombra de dúvida, o Vasconcelos e Sousa mais chegado ao Poeta. Integrava os Grandes de Portugal, tendo ocupado cargos relevantes junto à Corte, entre outros, Fidalgo da Casa Real e Desembargador da Relação e Casa do Porto e dos agravos da Casa da Suplicação.

Em 29 de Novembro de 1783, casou-se com D. Maria Rita de Castelo Branco Correia e Cunha\*, 6ª Condessa de Pombeiro. Pelo casamento recebeu o título da mulher, bem como a administração de todos os bens desta nobre Casa, incluindo a Quinta de Belas. Passou a ser o 6º Conde de Pombeiro e 1º Marquês de Belas. A graça e a formosura de D. Maria Rita despertaram elogios de seus contemporâneos. O Embaixador Bombelles registrou:

Sa femme est une des plus jolies du Portugal; ses ancêtres avant d’avoir été créés par Alphonse VI condes de Pombeiro en 1668, étaient déjà depuis fort longtemps vicomtes de Castelo Branco, titre qu’ils prirent en quittant celui d’une ancienne baronnie dont on voit l’illustration par l’emploi d’alcaide-mor de Monsanto donné à l’un de ces barons en 1367 par le roi Pierre premier.<sup>48</sup>

William Beckford\* escreveu no seu *Diário* que, tendo ido ao Teatro do Salitre, viu a Condessa de Pombeiro no camarote do proscênio “com seus cabelos louros e a alvura da sua cútis”<sup>49</sup>.

Depois de ter vivido seis anos em casa do Conde da Calheta, Caldas Barbosa foi recebido pelos Condes de Pombeiro em sua casa como se da família fosse. Residiam no

<sup>45</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1793). Ver: *No Dia em que teus dias começaram*, Anexo 1.

<sup>46</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1777), *Epithalamio*.

<sup>47</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1793). Ver: *Já que te chega a ventura*, estrofes XI e XII, Anexo 1.

<sup>48</sup> Bombelles, Marc-Marie (1788 : 140-141). ”Sua mulher é uma das mais belas de Portugal; seus antepassados, antes que Afonso VI lhes outorgasse o título de condes de Pombeiro em 1668, já eram havia muito tempo viscondes de Castelo Branco, título que tomaram ao deixarem o de uma antiga baronia referente ao cargo de alcaide-mor de Monsanto outorgado a um destes barões em 1367 pelo rei Pedro I.”

<sup>49</sup> Beckford, William (1787 : 162)

Palácio da Bemposta<sup>50</sup>, hoje Embaixada da Itália, onde viveu até sua morte, tendo participado de todos os acontecimentos familiares. Sua amizade e sua gratidão aos condes de Pombeiro vêm amplamente documentados nos seus poemas, patentes no *Almanak das Musas*, a ponto de D. José Luís se ver obrigado e detê-lo nos seus agradecimentos e elogios. Nas suas “Quintilhas”<sup>51</sup> Caldas acrescentou uma nota elucidativa no penúltimo verso dessa estrofe:

Se me não fora vedado...  
Céus minha boca fechai,  
Não vá eu arrebatado  
Desobedecer ao Pai  
Eu devo admirar calado.

**Nota do Autor:** O Excelentíssimo Senhor Conde de Pombeiro tem proibido ao Autor o dar-lhe louvores, quaisquer que eles sejam.

O Poeta celebra D. Maria Rita por seu aniversário<sup>52</sup> e louva as excelsas graças da Condessa<sup>53</sup>; a D. Antônio Maria, primogênito dos condes de Pombeiro, oferece, por duas vezes seguidas, felicitações de aniversário para o cumular de louvores noutro poema<sup>54</sup>. Segundo Varnhagen, além de Caldas Barbosa ter ganho uma família, o Conde de Pombeiro

introduziu-o em toda a boa sociedade da Corte, cuja estima o protegido depois soube captar, já pela facilidade de seus improvisos cantados ao som da viola, à semelhança de um lírico grego ou de um trovador da idade média, já por sua alma afetuosa e inofensiva que não criava inimigos, nem era acessível a intrigas.<sup>55</sup>

Os nobres com quem conviveu estão referidos por Caldas Barbosa no Canto II do seu poema *A Doença*:

O seu nome espalhando pela Corte  
Mais conhecido o fazem desta sorte.  
No meio dos Noronhas, e Meneses,  
E outros muitos Ilustres Portugueses  
Até aos pés do Rei fora levado: (v. 7 a 11)

Já em casa o recebe o grande Angeja: (v. 17 a 18)

O grande Marialva atento o escuta, (v. 25)

Os Val de Reis piedosos o agasalham, (v. 41)

Cem casas da grandeza Lusitana  
Lhe abrem as portas.<sup>56</sup> (v. 53 e 54)

<sup>50</sup> Palácio da Bemposta: Largo Conde de Pombeiro, 6, Lisboa.

<sup>51</sup> Barbosa, Domingos, Caldas (1793). Ver: *Bela Mãe de filhos belos*, Anexo 1.

<sup>52</sup> Barbosa, Domingos, Caldas (1793). Ver: *Cansada a natureza, ou preguiçosa*, Anexo 1.; *Hoje é dia de oblação*, Anexo 1.

<sup>53</sup> Barbosa, Domingos, Caldas (1793). Ver: *Enfeitam Graças a formosa trança*, Anexo 1.

<sup>54</sup> Barbosa, Domingos, Caldas (1793). Ver: *Bela Mãe de Filhos belos*, Anexo A ; *Aceita, Ilustre Menino*, Anexo 1.; *Se eu vejo o forte, o impávido Tebano*, Anexo 1.

<sup>55</sup> Varnhagen, Francisco Adolpho (1850 : 447)

<sup>56</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1777 : 15-17), *A Doença*.

O Marquês Marc-Marie Bombelles\*, serviu como Embaixador francês em Portugal durante os anos de 1786 e 1788. Registrou relevantes informações sobre inúmeras áreas da vida portuguesa e aponta em seu diário alguns momentos em que conviveu de perto com Caldas Barbosa. Desta maneira, oferece uma confirmação contemporânea da presença do Poeta nas altas esferas da sociedade lisboeta. Bombelles havia sido convidado pela Condessa de Vimieiro\*, dama de D. Maria I e, como tal, da mais alta nobreza, para um jantar em sua casa em Março de 1788. Relata o Embaixador:

j'ai trouvé l'abbé Caldas improvisant aussi heureusement qu'obligamment sur le prochain départ de Mme. de Bombelles et le mien. Cet homme a vraiment une imagination d'une fertilité extraordinaire. Le premier sujet lui avait été donné par Mme. D'Oyenhause: c'était que les Muses pleuraient le départ des Grâces. Il a ennobli, il a rendu intéressants des sujets que ne paraissaient prêter à aucun développement agréable; lorsque ses premiers succès ont doublé son action, il a réellement eu des moments et des tirades sublimes. Sa tête est meublée de tout ce que la Fable et l'Histoire offrent de mieux; la manière dont il s'approprie ces richesses est celle d'un poète qui joint à la chaleur de ses idées une justesse, une suite de raisonnement dont les meilleurs improvisateurs d'Italie ne se piquent pas.<sup>57</sup>

Caldas Barbosa era muito apreciado pela alta sociedade da época, sobretudo por suas qualidades de improvisador e intérprete. Como ele mesmo descreve nos versos acima apontados, os fidalgos que frequentava o levaram à presença do Rei D. José que

Piedoso o tinha ouvido, e tinha honrado;  
E o repentino influxo de u'a Musa,  
Que a socorrer-lhe o estro não se escusa,  
Lhes tinha felizmente grangeado  
Geral estimação, geral agrado.<sup>58</sup> (v. 21-16)

Esta inesperada recepção real deve ter ocorrido antes de 1775, data em que o Monarca sofreu o derrame que o manteve afastado da governação até sua morte em 1777. Movido por seu entusiasmo, o Poeta compôs um soneto dedicado “A El Rey N. Senhor”<sup>59</sup>, citado por José Ramos Tinhorão. Este poema foi provavelmente escrito em data anterior a 1775, quando o Poeta ainda assinava seu nome de acordo com o que fizera na sua candidatura ao curso da Universidade de Coimbra: Domingos de Caldas Barboza, filho de Antonio de Caldas Barboza. A partir da publicação de suas poesias feitas para a inauguração da estátua equestre

<sup>57</sup> Bombelles (1788 : 289): “encontrei o abade Caldas improvisando, mais por simpatia do que por dever, sobre a próxima partida de Mme. de Bombelles e a minha. Este homem tem indubitavelmente uma imaginação de uma fertilidade extraordinária. O primeiro mote lhe havia sido dado por Mme. D'Oyenhause: que as Musas choravam a partida das Graças. Ele enobreceu, tornou interessantes os motes que não pareciam se prestar a qualquer desenvolvimento agradável; quando seus primeiros sucessos o levaram a dobrar sua ação, ele de facto teve momentos e tiradas sublimes. Sua cabeça está repleta de tudo o que a Fábula e a História oferecem de melhor; a maneira como ele se apropria de suas riquezas o torna um poeta que reúne ao calor de suas ideias uma justeza, uma sequência de raciocínios dos quais os melhores improvisadores italianos carecem.”

<sup>58</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1777) *A Doença*.

<sup>59</sup> Ver: Apêndice documental, “Dois sonetos”.

de D. José I em 1775, passou a assinar apenas Domingos Caldas Barbosa, sem a preposição, substituindo a letra “z” por “s” no seu apelido.<sup>60</sup>

Elevado de simples “Trovador a Poeta do Pinheiro” por obra e graça do elogio d’El Rei, Caldas Barbosa provavelmente viu nesse encontro a possibilidade de vir a receber das mãos do Monarca o benefício que tanto almejava para sua independência financeira. Suas expectativas, entretanto, logo se desvaneceram, uma vez que D. José veio a falecer pouco tempo depois, como registrou no seu “Memorial”.<sup>61</sup>

O depoimento do Embaixador Bombelles confirma a versatilidade de Caldas Barbosa como Poeta de rara capacidade para improvisar. Destaca, não apenas o seu dom natural de criar versos, mas, sobretudo, testemunha a vasta cultura armazenada em sua memória a que recorre a “*tout ce que la Fable et l’Histoire offrent de mieux*”.

No poema “Memorial”<sup>62</sup>, provavelmente com data posterior à do casamento de D. Antonio e de D. Mariana de Assis Mascarenhas em Novembro de 1777, Caldas demonstrava o seu antigo desejo de “obter algum posto na área administrativa da Igreja, o que era permitido a quem obtinha o estado de clérigo secular, ou seja, quem ingressasse na vida religiosa por intermédio apenas da tonsura, sem receber as ordens sacras regulares”<sup>63</sup>, fato que lhe garantiria a independência econômica. Tratava-se de “cargo eclesiástico cujos rendimentos eram concedidos a alguns padres seculares e cujo pecúnio era recebido sem terem necessidade de se deslocar à paróquia que os proporcionava.” Caldas depositara grandes expectativas no favor real, mas D. José I não o pôde atender por ter sofrido graves problemas de saúde que o incapacitaram algum tempo antes de sua morte. Caldas Barbosa voltou-se então para D. Mariana, pedindo-lhe, nos versos do já citado poema *Memorial*<sup>64</sup> que intercedesse a seu favor.

Quase dez anos mais tarde, em seu “Bilhete de Boas Festas” dedicado ao Senhor Arcebispo Inquisidor Geral\* e confessor de D. Maria I, Caldas Barbosa renova, desta vez a Frei Inácio de São Caetano, o seu pedido de ajuda. Era dia 6 de Janeiro, Dia de Reis - ou talvez uma data próxima – do ano de 1787.<sup>65</sup>

<sup>60</sup> Apud Tinhorão, José Ramos (2004 : 57). Nota do Autor: “*Manuscrito da Biblioteca da Ajuda, Ref. Cat. 946, Cota 54-X-12 (47). O quarto verso da primeira quadra ganha sentido ao lembrar-se que andar à pilha (do verbo pilhar) é procurar, por qualquer meio, o que se deseja ou necessita. Embora a leitura do original autógrafa indique a palavra Neunas, Caldas Barbosa terá querido escrever Nêneas, termo que às vezes excede seu sentido latino de canto fúnebre, para estender-se ao de canção plangente ou de versos em memória de alguém, como nos epicédios.*”

<sup>61</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1793). Ver: *Já que te chega a ventura*, v. 100-110. Anexo 1.

<sup>62</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1793) Ver: *Já que te chega a ventura*, Anexo 1.

<sup>63</sup> Tinhorão, José Ramos (2004 : 59)

<sup>64</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1793). Ver: *Já que te chega a ventura*, estrofes XI e XII, Anexo 1.

<sup>65</sup> Idem (1793). Ver: *Eis-me a vossos pés prostrado*, (v. 26 a 45), Anexo 1.

Apenas seis meses mais tarde, Domingos Caldas Barbosa veio a receber, finalmente, o que tanto almejava mediante o decreto de D. Maria I. Estava, portanto, financeiramente emancipado:

Sua Magestade havendo respeito ao que lhe representou o dito, Domingos Caldas Barbosa Presbitero Secular há por bem fazer lhe mercê de hum Beneficio Simples que se acha vago na Igreja Parochial de S. Pedro da Vila de Terena no Arcebispado de Evora que há insolidum do Padroado Real De que se lhe passou Alvara em 11 de Julho de 1787.<sup>66</sup>

#### 1.4. As Letras, o Teatro e a Música

Paralelamente à participação nos eventos sociais, Caldas Barbosa desenvolveu intensa atividade literária, a julgar pelas datas de publicação de seus diversos trabalhos. Desde sua chegada a Portugal em 1763, até 1790, data da fundação da Academia de Belas Letras, Caldas Barbosa esteve presente no mundo editorial com várias publicações. Além disto, a participação efetiva de Caldas Barbosa na Academia de Belas Letras constitui um momento fulcral de sua existência, pois foi ele o principal vetor dos acontecimentos relativos a essa instituição.

Datas e fundadores da Academia das Belas Letras, também conhecida como Nova Arcádia, têm sido diferentemente referidos com frequência. Estudos recentes, entretanto, põem um ponto final na questão. Trata-se de uma carta de Francisco Joaquim Bingre a José Maria da Costa e Silva, datada de 27 de Junho de 1848 e citada na introdução ao volume I das *Obras Completas* desse autor, cujo estudo se deve à Dra. Vanda Anastácio<sup>67</sup>. Em poucas linhas Bingre resume a origem da Academia das Belas Letras:

N'esta época me demorei em Lisboa, aonde, com alguns meus antigos amigos, demos principio à nossa *Arcadia* [c. 1790], sendo eu e Belchior Curvo de Semedo Torres de Siqueira e Joaquim Severino Ferraz de Campos, as pedras fundamentaes d'ella; eu, primeiro sócio, Belchior segundo, terceiro Joaquim Severino, que foi secretario da mesma Academia com o titulo de *Academia de Bellas Letras de Lisboa*; e depois, vindo Bocage da India, tomou conhecimento de grande amisade commigo, e entrou para a nossa Academia, e muitos outros, fazendo as primeiras sessões em casas particulares; e algumas no palácio do conde de Pombeiro no quarto do Caldas, chamadas *Quartas-feiras de Lereno*, onde depois de um bello almoço se tocavam alguns instrumentos de curiosos e improvisava o Caldas cantando, e se liam as obras que fazíamos para serem lidas na Academia, que foi a rogos do Intendente da Policia, Manique, transferida para o Castelo de S. Jorge, onde celebrámos grandes sessões, e fomos convidados para uma extraordinária no Paço da Ajuda em obsequio do nascimento da Princeza senhora D. Maria Thereza, cuja oração da Presidencia foi feita pelo Doutor José Thomaz da Silva Costa Quintanilha, e ao do fim por José Agostinho... Eis aqui a origem da nossa Academia...<sup>68</sup>

<sup>66</sup> *Apud* Barbosa, Domingos Caldas (2003 : 67)

<sup>67</sup> Anastácio, Vanda (2000)

<sup>68</sup> *Idem* (2000 : X-XI : vol. I)

À Academia de Belas Letras pertenceram muitos nomes do final do século XVIII, mas sua história acabou por ficar mais conhecida pela verdadeira guerra civil entre seus sócios – tendo Bocage no epicentro - que pelos serviços prestados às letras dos quais só é conhecida a publicação do *Almanak das Musas* em 1793.

Desencadeou-se uma insurreição na Academia de Belas Letras por causa de vaidades dos seus integrantes em que incidentes desagradáveis transformaram-se em graves desentendimentos. Acreditava-se que Bocage, sempre desejoso de ser superior a todos os demais e, querendo dar uma estocada fatal nos colegas, teria escrito o soneto “Preside o neto da rainha Ginga”<sup>69</sup> cujos versos, prenhes de insultos, descrevem as sessões arcádicas nos aposentos de Lerenó no Palácio do Conde de Pombeiro.

Na liça estavam, de um lado, Bocage, a desferir em versos golpes para todas as direções. Do lado oposto vinham, na linha de frente, seu antigo companheiro José Agostinho de Macedo, Elmiro, ao lado de Belchior Curvo de Semedo, Belmiro, e o sereno Caldas Barbosa, como alvo central. Bocage se insurgia ao que julgava ser a total incompetência poética de Lerenó e, muito provavelmente, ao sucesso que aquele “cafre”, aquele “loquaz saguim”<sup>70</sup> como o chamava, tinha junto ao Conde, aos fidalgos e aos amigos poetas.

Bocage habitualmente exagerava na sua ácida crítica, pois não são desconhecidas as inúmeras caricaturas dessas assembleias referidas em diversos documentos. Como veremos abaixo, é de fato possível que este soneto não seja de sua autoria. Sabe-se que

as assembleias tinham uma periodicidade regular (uma ou mais vezes por semana) e que durante estas funções se lia em voz alta e se fazia a crítica das obras daqueles que nelas participavam. Era servida uma refeição ligeira (na maior parte dos casos chá e fatias de pão com manteiga) e havia momentos em que se tocava música, se cantava ou se dançava.<sup>71</sup>

A autoria do soneto “Preside o neto da rainha Ginga” acima citado, se consolidou na História como sendo de Bocage o que é posto em causa por Francisco Joaquim Bingre que, em carta datada de 4 de Setembro de 1847 e dirigida a José Feliciano de Castilho, relata o fato ocorrido ainda em 1793, data provável do referido soneto:

O soneto *Preside o neto da rainha Ginga* não é de Bocage, mas sim de Belmiro<sup>72</sup>, que por disfarce, se introduziu a si mesmo nele; o que eu posso afiançar, *porque lh'o vi compor*; porém o pobre Bocage é que padeceu o furor do conde de Pombeiro, regedor da justiça, que deu ordem para elle ser preso; por este motivo esteve escondido muito tempo em Santarém, em casa dos Salinas; e custou muito a

<sup>69</sup> Ver: Apêndice documental, “Bocage e Caldas Barbosa”.

<sup>70</sup> Castilho, José Feliciano de (1867 : 4)

<sup>71</sup> Anastácio, Vanda (2009 : 35)

<sup>72</sup> Belmiro Transtagano: nome arcádico de Belchior Curvo de Semedo Torres de Sequeira, um dos fundadores da Nova Arcádia.

descapacitar o conde de que elle não fora o seu autor. Circunstancia mui singular d'este soneto, é que foi elle a causa de findarem as quartas-feiras de Lereno em casa do conde.<sup>73</sup>

Belmiro se eximiu da responsabilidade mas, desejando apenas incriminar Bocage, causou o encerramento das “Quartas-feiras de Lereno” ao insultar o Conde de Pombeiro. O infatigável Pina Manique, poderoso Intendente de Polícia, sempre a favor dos árcades e sempre contra Bocage, transferiu as sessões para o Castelo de São Jorge, pondo-os a salvo da perseguição que lhes vinha fazendo o insigne poeta a quem mantinha debaixo de vigilância apertada.

Findava o período mais produtivo da Academia de Belas Letras em que Caldas Barbosa desempenhara uma liderança centrada, quiçá, nos seus conhecimentos e no seu encanto pessoal ao abrigo de um dos Grandes de Portugal, o Conde de Pombeiro. À sua volta reuniu alguns intelectuais que permaneceram esquecidos durante pelo menos cerca de dois séculos embora tenham sido presença relevante na história e nas letras luso-brasileiras.

Exceto Francisco Joaquim Bingre\* (Francelio Vouguense), participaram diretamente da referida contenda os seguintes árcades: Antonio Diniz da Cruz e Silva\* (Elpino Nonacriense), Belchior Curvo de Semedo Torres de Sequeira\* (Belmiro Transtagano), Domingos Caldas Barbosa (Lereno Selinuntino), Joaquim Franco de Araujo Freire Barbosa\* (Corydon Neptunino, o Abade de Almoester), José Agostinho de Macedo\* (Elmiro Tagidio), José Thomaz da Silva Quintanilha\* (Eurindo), Luiz Correa França Amaral\* (Melyseo Silenio), Manuel Maria Barbosa du Bocage\* (Elmano Sadino) e Miguel Antonio de Barros (Melibeo)<sup>74</sup>.

Caldas, entretanto, mantinha-se sempre ativo. A partir de 1790 encontramo-lo envolvido com o teatro ao traduzir do italiano dois dramas jocosos para o Teatro do Salitre<sup>75</sup>. Foi parceiro de grandes músicos contemporâneos como Antônio Leal Moreira e Marcos Portugal como libretista e autor de textos para modinhas. Acrescente-se a toda esta atividade a sua atuação permanente nos encontros da sociedade lisboeta. Brindava os presentes com os seus consagrados improvisos cujos textos foram publicados na *Viola de Lereno*<sup>76</sup>.

A *Gazeta de Lisboa*, nos meses de Julho e Dezembro de 1793 e, em Dezembro de 1794, anunciou a publicação das quatro partes do *Almanak das Musas* que será objeto de estudo pormenorizado nesta Dissertação.<sup>77</sup> Os poemas de Caldas nesta publicação seguem as

<sup>73</sup> Apud Castilho, José Feliciano de (1827 : 52)

<sup>74</sup> Castilho, José Feliciano de (1827 : 252)

<sup>75</sup> Ver pormenores sobre o envolvimento de Caldas na música nesta Dissertação à p. 75.

<sup>76</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1980)

<sup>77</sup> Ver: Dissertação, p. 31.

leis da poética de seu tempo, guardando pouca semelhança àqueles voltados às cantigas de cunho popular cujos versos foram publicados na *Viola de Lerenó*. Essa obra revela outros aspectos do homem de letras com sua cultura admirável e delineiam com mais nitidez os traços de sua personalidade revelados na *Viola de Lerenó*. Trata-se de uma obra que reúne vários dos poemas de Caldas Barbosa e os de alguns de seus amigos poetas. Na opinião de José Feliciano de Castilho, o *Almanak das Musas* foi o único serviço prestado às letras pela Academia de Belas Letras.<sup>78</sup> Com o recuo do tempo, entretanto, nosso olhar assume outra perspectiva de valor que vem contradizer essa pequena valia que lhe foi imputada.

Em 1799, cerca de um ano antes de sua morte, Caldas Barbosa publica a *Descrição Da Grandiosa Quinta Dos Senhores De Belas*, sua última obra e seu único texto em prosa, que o Poeta dedicou a D. Maria Rita, Marquesa de Belas. No seu estilo fluente, como a despedir-se da vida, Caldas Barbosa parece deliciar-se ao passear pelas alamedas da Quinta, sorvendo tudo o que a natureza lhe oferece. Ao deparar-se com exemplares de plantas brasileiras, tece alguns comentários em que se percebe uma contida saudade de sua terra natal à qual nunca retornou. Seu discurso tranquilo deixa entrever um homem maduro e realizado, apenas preocupado em demonstrar ainda uma vez sua gratidão aos Condes de Pombeiro, seus protetores.

### 1.5. Morte

Aos 60 anos, dia 9 de Novembro de 1800, morreu Caldas Barbosa. Varnhagen relata que o Poeta veio a falecer “de uma rápida enfermidade que apenas lhe permitiu prover-se dos sacramentos. Depois de ser depositado seu corpo numa capela que tem os Condes de Pombeiro dentro de um bosque no seu palácio da Bemposta, foi enterrado na igreja paroquial dos Anjos.”<sup>79</sup> Devemos a Manuel Morais a transcrição do seu assento de óbito:

Em nove de Novembro de mil oitocentos faleceu, em casa do Ilustríssimo Excelentíssimo Conde Regedor, com todos os Sacramentos o Reverendo Domingos Caldas Barbosa, e depois sepultado nesta Igreja no dia dez o Coadjutor Desiderio José Nunes Delgado.<sup>80</sup>

<sup>78</sup> Castilho, José Feliciano de (1867 : 27-28)

<sup>79</sup> Varnhagen, Francisco Adolpho (1850 : 455)

<sup>80</sup> *Apud* Morais, Manuel (2003 : 73). À mesma página, em nota de rodapé: “A atual Igreja de Nossa Senhora dos Anjos, situada na Avenida Almirante Reis, sucedeu ao antigo templo seiscentista da mesma invocação, que se erguia a cerca de 300 m, e que foi demolido aquando da abertura daquela artéria. A nova igreja foi inaugurada em 1910 tendo sido aproveitado quase todo o recheio do primitivo templo. Salvo duas pedras com inscrições que se assentaram nas duas paredes laterais, logo abaixo do altar-mor, não encontramos, infelizmente, qualquer lápide alusiva ao nosso poeta.”

## 2. Caldas Barbosa e o *Almanak das Musas*

### 2.1. Os almanaques no universo setecentista

Sob a designação genérica de **almanaque**, a conhecida e despreziosa brochura recebeu, no seu longo percurso, nomes os mais diversos de acordo com os assuntos de sua especialidade: calendário, diário, borda-d'água, repertório, lunário, sarrabal, perfeito lavrador e mesmo tratado e dissertação.<sup>81</sup>

Sua origem remonta a tempos imemoriais e se prende originalmente ao fato de as populações antigas se regerem pelos astros. Sua posição no firmamento lhes indicava a divisão do ano e a sucessão das estações, permitindo-lhes conhecer de antemão os melhores momentos para suas atividades quotidianas. Como afirma Rosa Galvão:

Um almanaque é um guia, um instrumento onde se encontram elementos para a organização do quotidiano. Em primeiro lugar, organiza o tempo, tendo por base um calendário anual. [...], Organiza o espaço fornecendo uma imagem clara do universo, tradicionalmente assente na astrologia. Sem perder um sentido original de contagem, a noção do almanaque tenderá a reflectir a ideia de compilação de saberes, em particular destinados a públicos com pouco acessos a outras leituras.<sup>82</sup>

O conhecimento cronológico diluiu-se no misticismo do desconhecido e do imponderável, cristalizando um outro aspecto dos primeiros almanaques, isto é, o da astrologia, fonte da previsão do futuro e da antevisão do próprio destino.

A origem da palavra almanaque não encontra consenso entre os investigadores que apontam suas origens ou no Árabe *almanakh*, ou no baixo latim *almanachus*, ou no baixo grego *almanakon*. Acrescentam ainda que os almanaques eram ofertados pelos astrólogos das Cortes orientais a seus reis como objetos preciosos. Esses indicadores do movimento dos astros foram os precursores dos almanaques propriamente ditos e já eram conhecidos do

---

<sup>81</sup> Galvão, Rosa (2002)

<sup>82</sup> Idem (2002)

Ocidente a partir de finais da Idade Média. Seus autores foram inicialmente astrólogos árabes e seus sucessores judeus ou conversos.<sup>83</sup>

Considerados objetos exclusivos, eram elaborados de maneira a enriquecer o seu aspecto externo, transformando-os, por vezes, em verdadeiros objetos de arte com raro acabamento. Margarida Cunha recorda que

A encadernação do almanaque adaptou-se à função informativa e social que estas obras foram tendo, reflectindo a evolução do gosto, os estilos e a posição social de quem os deteve em certa época. [...] Os almanaques de pequenas dimensões, dos séculos XVIII e XIX, eram objectos de colecção com que se obsequiavam os amigos na época do Ano Novo.<sup>84</sup>

Os almanaques constituem, no dizer de Jean-Yves Mollier “*une sorte de phénix de l’imprimerie moderne*”<sup>85</sup>, mostrando que, embora sua trajetória indique sinais de declínio, sua força de renovação e de adaptabilidade durante cinco séculos desde a Idade Média determina um contínuo renascimento e desafia qualquer possibilidade de extinção em futuro próximo. Pouco antes de 1500 encontramos na Europa os *Mathieu Laensberg* (1455) e o *Grand Calendrier compost des bergers* (1491), envolvendo países como França, Alemanha, Bélgica, Suíça e Itália, entre outros. O uso dos almanaques estendeu-se ainda à Inglaterra e aos países da Península Ibérica, Portugal e Espanha, alcançando suas colônias das Américas. Neste contexto destacam-se nos nossos dias o Brasil e a Índia como grandes cultores do gênero, onde prevalece considerável grau de analfabetismo. Ainda segundo Jean-Yves Mollier,

Qu’il s’agisse de l’image de soi et des autres dans les almanachs allemands, de celle des Anglais dans leurs homologues français ou des figures de l’exotisme [...] dans les imprimés de large circulation autrefois, une autre fonction de l’almanach pouvait être éclairée. Organe de propagande ou d’endoctrinement, véhicule d’acculturation des populations [...], l’almanach [se présente comme] fluide, plastique, poreux et accueillant à la nouveauté en même temps que gardien de la tradition [...] aujourd’hui.<sup>86</sup>

Os almanaques possuem certas características próprias a começar por sua periodicidade. Quase sempre anual, compõem-se de um número variável de páginas entre as tradicionais dezesseis (8 folhas) dos folhetos de cordel até algumas centenas que podem atingir 500 páginas, com uma apresentação gráfica atraente, garantindo um aspecto didático e educacional, sobretudo se considerarmos seu grande público iletrado ainda hoje existente.

<sup>83</sup> Guerreiro, Manuel Viegas, João David Pinto Correia (1988 : 44-45)

<sup>84</sup> Cunha, Margarida (2002)

<sup>85</sup> Mollier, Jean-Yves *apud* Lusebrink, Hans-Jurgen (2003: 13)

<sup>86</sup> Mollier, Jean-Yves *apud* Lusebrink, Hans-Jurgen (2003: 13) “Quer se trate de sua própria imagem ou da imagem de outros nos almanaques alemães, nos dos ingleses e nos seus homólogos franceses, ou se apreentam como figuras do exotismo nos antigos impressos de grande circulação, os almanaques preenchem uma outra função. Órgão de propaganda ou de doutrinação, veículo de aculturação das populações [...], o almanaque (se apresenta como) flúido, plástico, poroso receptor da novidade ao mesmo tempo em que é guardião da tradição [...] nos nossos dias.”

Em Portugal encontramos almanaques cujos títulos sintetizam estas observações, demonstrando a seriedade, a ligeireza ou o humorismo de certas rubricas: *Endimião Português, prosopoético, fabulógico, jocoserio*,(1737); do século XIX em Portugal: *Almanaque do Agricultor, Veterinário e Medicina Doméstica, Almanaque do Jardineiro, Almanaque do Belo Sexo, Almanaque Das Travessuras de Cupido, Almanaque do Feiticeiro, Almanaque os bons Fadinhos, Almanaque Dos bons Pitéus*, publicados a partir de 1644 e compostos por licenciados como Galhano Lourosa e outros, têm como herdeiro o ainda hoje muito popular *Borda d'água*.

Verdadeiro fenômeno editorial, os primeiros exemplares de almanaques conhecidos são manuscritos e datam, como vimos, do século XV. Nessa época, Gutenberg se tornou no grande disseminador da cultura através de sua invenção dos tipos móveis para imprensa, por volta de 1439. Este engenho permitiu que os almanaques impressos se espalhassem através de um público cada vez maior e mais variado em todos os sentidos, sendo a Alemanha quem produziu o primeiro exemplar impresso de almanaque, por volta de 1455

[Au début du XXe siècle au Brésil] Tandis qu'un livre n'atteignait qu'un tirage de 600 ou 800 exemplaires – ou bien 2.000, quando il s'agissait d'un *best-seller* – les almanachs pouvaient atteindre le record de 30.000 ou 100.000 exemplaires. [...] On constate que les almanachs, à côté de la Bible, étaient les livres de lecture plus fréquemment rencontrés dans un foyer, soit urbain soit rural.<sup>87</sup>

Há notícias de que, no Nordeste do Brasil, os editores Vitorino de Melo e José da Costa Leite haviam preparado respectivamente uma primeira tiragem de 1.000 exemplares de seus almanaques do ano 2000.<sup>88</sup> Em Portugal, no ano 2005, a Editorial Minerva informa a tiragem de 150.000 exemplares do almanaque *Borda d'água*.<sup>89</sup>

### 2.1.1. Almanagues portugueses

O primeiro almanaque de que se tem notícia em Portugal – *Almanach Perpetuum* – foi publicado em Leiria em 1496, tábuas astronômicas e indicações para seu uso, destinado a homens de ciência, de autoria de Abraão Zacuto (c. 1450-1532), judeu de Salamanca que, como tantos outros, passou por Portugal no final do século XVI e que publicou manuais de terapêutica antigas. No século XVI encontramos alguns “repertórios” dedicados ao mesmo assunto. O primeiro constitui o trabalho adaptação à realidade portuguesa do *Repertorio dos*

<sup>87</sup> Lopes, Claudia Neves *apud* Lusebrink, Hans-Jurgen (2003: 189-190) “ [No início do século XX no Brasil] Enquanto um livro atingia uma tiragem de 600 ou 800 exemplares – ou ainda 2.000, quando se tratava de um *best-seller* – os almanaques podiam atingir o record de 30.000 ou 100.000 exemplares. [...] Constata-se que os almanaques, ao lado da Bíblia, eram os livros de leitura mais frequentemente encontrados nos lares, fossem urbanos ou rurais.

<sup>88</sup> Benjamin, Roberto Câmara *apud* Lusebrink, Hans-Jurgen (2003: 193)

<sup>89</sup> *Borda d'água* (2005)

*Tempos*, de Andrés de Li, de Saragoza, editado por Valentim Fernandes em 1518, reeditado inúmeras vezes por Germão Galhardo entre 1521 e 1557. Com o mesmo título foi publicado em 1585 o repertório de André de Avelar, professor de Coimbra.<sup>90</sup>

Em geral, os autores dessa época se apresentam como matemáticos, astrólogos, teólogos, médicos, pertencendo a diferentes regiões de Portugal: Lisboa, Covilhã, Leiria, entre outras, com publicações realizadas entre 1612 e 1676.

No século XVIII os almanaques desfrutaram do progresso das publicações, apresentando-se com melhor qualidade gráfica, com mais páginas (cerca de 40) e geralmente com uma capa ilustrada. Mantêm com sucesso a sua circulação no país, embora enfrentando a desaprovação do Governo pombalino, temeroso da entrada em Portugal de ideias tidas como revolucionárias contra o poder estabelecido. Havia intenso contrabando de impressos vindos da Itália, da França e da Espanha, difícil de controlar, introduzido pelas fronteiras da Beira e de Trás-os-Montes e alcançando todo o território nacional. Numa demonstração desse intenso fluxo decorrente do grande interesse pelos almanaques,

em Cabeceiras de Basto, a polícia descobre 102 exemplares em casa de Manuel Pereira, ausente no momento da busca, e cinco pacotes em casa de Bento Antunes, que é então detido. Segundo relatório policial, era este contrabandista que recebia as folhas em maços e as juntava em cadernos antes de proceder à sua distribuição.<sup>91</sup>

A censura demonstrava, contudo, grande tolerância quanto aos almanaques publicados em Portugal como atesta o censor Johann Wilhelm Christian Muller\* ao ponderar que os almanaques eram “veículo de propagação e de notícias sumamente úteis e dignas de serem universalmente sabidas por entre o vulgo.”<sup>92</sup>

Embora saibamos que os almanaques incluíam pequenos textos poéticos, é curioso notar que a bibliografia sobre os almanaques em Portugal menciona que apenas um deles foi exclusivamente dedicado à poesia, não acrescentando nenhuma outra informação ou comentário sobre a obra, exceto o título, seu autor, local e data de publicação. Trata-se do *Almanak das Musas*, impulsionado por Domingos Caldas Barbosa e publicado em 1793.

### 2.1.2. *L'Almanach des Muses*

Considerando a marcante influência da cultura francesa em Portugal no século XVIII e o fato de, entre os seus almanaques, constarem alguns exclusivamente dedicados à poesia,

---

<sup>90</sup> Galvão, Rosa (2002)

<sup>91</sup> Idem (2002)

<sup>92</sup> Ibidem (2002)

abrimos parênteses para observações sobre os que provavelmente serviram de inspiração à obra de Caldas Barbosa.

No século XVII a França produziu mais de 1300 almanaques, também considerados objetos elegantes, cujas encadernações eram decoradas por ilustres artistas da época, gravados em papel de alta qualidade, mostrando com capas em veludo ou pelica marroquina.

Podem ser classificados em três tipos: os de variedades, os galantes (em maior número) e os literários. Os títulos revelam o caráter popular dessas publicações, dirigidas muitas vezes a leitores específicos: *Almanach turc*, *Almanach de la vieillesse*; para os músicos o *Almanach Petit Rameau*; para os interessados em variedades, *Almanach Joujou des coeurs sensibles*, *Almanach de la Jeune Parisienne enlevée par un Américain* e almanaques religiosos como *Almanach Chrétien instruit de sa religion* com gravuras de santos. Os mais populares, entretanto, são os destinados à libertinagem cuja lista de títulos é considerável como o *Almanach de Priape* entre muitos outros.

Os almanaques mais relevantes para o nosso estudo são os literários, não só pelas obras em primeira edição ou reeditadas, como também pelas notícias sobre os autores e sobre mulheres escritoras. Entre os títulos mais significativos, citamos: *Le Fleuriste du Parnasse* (1702), *Almanach des dames savantes françaises avec l'abrégé de leurs vies et le catalogue de leurs ouvrages* (1728 e reeditado até 1735), *Tablette des Muses ou L'Origine et progrès des sciences et des arts en France* (1758), *Almanach des gens d'esprit* (1762), *Les Philosophes en querelle, éternelles encyclopédiques* (1765), *Almanach des muses allemandes* (1772-1775), *Tableau de nos poètes vivants par ordre alphabétique* (1789-1790).

No universo editorial dos almanaques destaca-se o *Almanach des Muses*, coleção anual de poesias publicado sem interrupção de 1765 a 1833 e fundado por Claude Sautreau de Marsy que assim o apresentou ao público:

Parmi la foule des almanachs de toute espèce qui renaissent exactement chaque année, il en est plusieurs d'utiles et quelques uns d'assez curieux. [...]. On entreprend d'en donner un pour les gens de goût. C'est un recueil fait avec soin des meilleures pièces publiées dans le cours de l'année dernière, soit dans les différents journaux, soit séparément. Il est aisé d'imaginer quelle supériorité cet almanach doit avoir par sa nature sur les autres ouvrages du même genre.<sup>93</sup>

Esta publicação teve o grande mérito de apresentar uma ampla visão da literatura poética da viragem do século XVIII para o XIX, fato que o qualifica como um documento de

---

<sup>93</sup> Marsy, Charles Sautreau, *apud* Grete, Cardinal Georges (1960 : 40). "Entre a imensa quantidade de almanaques de toda a espécie que renascem pontualmente a cada ano, há muitos entre eles de reconhecida utilidade e alguns bastante curiosos. Todos os demais não passam de pequenas coletâneas compostas de acordo com as canções medíocres e muitas vezes antigas ou com anedotas pouco fidedignas e feitas para o povo. Temos o intuito de apresentar um almanaque para pessoas de gosto. Trata-se de uma coletânea que reúne as melhores produções publicadas no curso do ano anterior, sejam providas de diversos jornais, sejam separadamente. É de bom alvitre verificar qual será a vantagem que, por sua natureza, este almanaque apresentará em relação às outras obras do mesmo gênero." Ver: Anexo C.

fundamental importância. Com o objetivo de desenvolver o gosto pela poesia, os editores ainda tiveram o cuidado de anexar comentários e críticas a cada obra, deixando registradas para o futuro as produções de escritores hoje desconhecidos.

Sua longa existência e a divulgação das novidades francesas em Portugal levam a crer que esta publicação fosse do conhecimento do público português. É provável que Caldas Barbosa o tivesse tomado como modelo para o seu *Almanak das Musas*.<sup>94</sup>

## 2.2. O *Almanak das Musas* e seus colaboradores

Constituído por dois tomos, cada um com duas partes, o *Almanak das Musas* conta com uma única edição publicada em Lisboa entre 1793 e 1794. Esta obra consiste na coletânea de poemas cujos autores, ainda pouco estudados, pertenceram à Academia de Belas Letras ou Nova Arcádia. Suas produções apresentam-se sob diversos gêneros poéticos segundo o estilo contemporâneo.

Atualmente os estudos dedicados à poética do século XVIII têm contribuído para preencher uma lacuna de conhecimentos sobre esse período. O *Almanak das Musas*, relegado a opiniões pouco abonadoras como a de José Feliciano de Castilho ou de Varnhagen, que o consideravam uma obra menor, confirma, entretanto, a existência de um rico e variado material para investigações aprofundadas da poesia do final desse século em Portugal, descortinando um panorama com obras de valor apreciável.

Entre Julho de 1793 e Dezembro de 1794 a *Gazeta de Lisboa* nos dá as seguintes notícias:

26/JUL/1793

Saiu à luz a primeira e segunda parte do Almanaque das Musas. Vende-se na loja da Gazeta, na de Bertrand, e na Dubié, onde se aceitarão assinaturas a todas as pessoas, que quiserem a continuação desta obra.

13/DEZ/1793

Saíram à luz: a terceira parte do almanaque das Musas, nova Coleção de Poesias inéditas, entre as quais vem uma *Cançoneta* premiada pela Academia Real das Ciências. Vende-se na loja da Impressão Régia debaixo da Arcada, na loja da Gazeta, e nas de Bertrand e Dubié a 300 reis, e para os Assinantes a 240.

11/DEZ/1794

Saíram à luz: A quarta parte do almanaque das Musas de 1793. Vende-se na loja da Gazeta, na de Bertrand aos Mártires, na de Luiz José de Carvalho, de frente do convento dos Paulistas e no Porto na de Antonio Álvares Ribeiro.

Tratava-se da publicação do *ALMANAK DAS MUSAS, oferecido ao Genio Portugues*<sup>95</sup>, com organização de Domingos Caldas Barbosa.

<sup>94</sup> Ver: Iconografia, Imagens do *Almanach des Muses*, Anexo 2.

<sup>95</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1793)

Como se depreende do anúncio da *Gazeta de Lisboa*, esta obra foi realizada mediante subscrição pública de 300 réis, reduzidos a 240 réis para os assinantes da Gazeta.

Temos alguns testemunhos sobre preços. O *Reportorio* de André de Avelar custava, em 1509, dois tostões (200 réis). Em meados do século XVII, encontramos os pequenos *Prognósticos* à venda por quatro, seis, oito ou 10 réis. Ou seja, os volumes de cerca de 200 páginas transformam-se em folhetos de 16 a 30 páginas, vendendo-se a um preço muito mais acessível, com variações de preço que tanto se devem ao maior número de páginas como a mudanças de impressores. Em 1659, Antônio Craesbeck faz descer de novo o preço de um livro a seis réis quando o preço normal já era 10 réis. Já no século XVIII cada folheto custará normalmente 20 réis (um “vintém”).<sup>96</sup>

Para efeito de comparação de valores, apresentamos o quadro abaixo, verificando que o preço de venda do *Almanak das Musas* ficava dentro da expectativa comercial na época:

Correspondências do valor da moeda – Século XVIII		
20 réis	1 vintém	
100 réis	5 vinténs	1 tostão
200 réis	10 vinténs	2 tostões
240 réis	12 vinténs	2 tostões + 2 vinténs
300 réis	15 vinténs	3 tostões

Em um de seus sonetos, Bocage refere o preço do *Almanak das Musas*, assim informando ser assinante da *Gazeta de Lisboa*. Só teria que pagar 12 vinténs pela obra o que seria de fato muito pouco provável como se depreende no último terceto deste soneto:

Contra Elmano Sadino, urrando, avança,<sup>97</sup>  
 O estéril Coridon, o vão Belmiro,  
 Bernardo, o Nênia, lúgubre vampiro,  
 Que do extinto Miguel possui a herança,

O curto Quintanilha, o torpe França,  
 O tonsurado retumbante Elmiro:  
 Vibram tiros ao vate; e cada tiro  
 Mais frouxo que pedrada de criança.

Elmano solta um... eis fuge tudo!  
 Eis os sócios ganindo ao som do ...  
 Quais de funil apenso os cães no entrudo.

Mas se inda a corja renovar o ataque,  
 Bocage que fará? Por-se de escudo,  
 Perder doze vinténs no Almanaque.

Ainda segundo anúncio da *Gazeta de Lisboa*, esta obra se apresenta em quatro partes mais tarde reunidas em dois volumes: o Tomo I encerra as Partes 1 e 2, enquanto o Tomo II traz as Partes 3 e 4. Os volumes consultados na Biblioteca Nacional de Portugal apresentam iluminuras galantes na capa de rosto de cada uma das quatro Partes que o integram,

<sup>96</sup> Galvão, Rosa (2002)

<sup>97</sup> *Apud* Castilho, José Feliciano de (1867 : 37 a 39)

concedendo-lhes um toque de elegância. De resto, não apresentam nada de mais significativo, nem como encadernação, nem como trabalho gráfico.<sup>98</sup>

A obra completa foi publicada “Com a licença da Real Meza da Comissão Geral, Sobre o Exame, e Censura dos Livros” e cada Parte foi editada em uma oficina tipográfica específica:

Parte 1: *Lisboa, Na Officina de FELIPPE JOZÉ DE FRANÇA, ANNO M.DCC.XCIII.*

Parte 2: *Lisboa, Na Officina de Antonio Gomes. ANNO MDCCXCIII.*

Partes 3 e 4: *Lisboa, Na Off. de João Antonio da Silva, Impressor de Sua Magestade, ANNO M.DCC.XCIV.*

Os membros da Academia de Belas Letras primaram por estabelecer uma

ponete entre o ressuscitado ideal clássico e o gosto dos leitores e espectadores do seu tempo. [...] em vez de actas das sessões, de orações académicas ou de dissertações sobre problemas de teoria literária, o que [o Almanaque das Musas] oferece ao leitor é uma colecção de poesias, ou seja, de *realizações práticas* de um ideal poético.<sup>99</sup>

De fato, embora nesta obra encontrem-se alguns textos sobre questões teóricas (“Cartas de Lerenio a Arminda” e tradução da *Art Poétique* de Boileau), estes têm a forma de epístolas em verso à semelhança da *Epístola aos Pisões* de Horácio, sobrepondo o objetivo pedagógico ao desígnio reformador. Os parâmetros estéticos que direcionaram os árcades da Academia de Belas Letras se revelam na produção impressa do *Almanak das Musas* a começar pela epígrafe impressa no verso do rosto de cada um dos quatro tomos dessa obra:

Nem sempre hão-de ocupar sérios cuidados  
De nossa vida os dias pressurosos  
Hajam também prazeres misturados.

Estabelece um contraste com o formalismo e os objetivos anteriores à sua fundação e anuncia o espírito que regerá a obra. Assim é que, no lugar de uma epígrafe em latim que condense o objetivo da obra, surge um terceto em língua vulgar, onde os “sérios cuidados” da “nossa vida” sejam “misturados” com “prazeres”. Os sócios da Academia de Belas Letras se consideram discípulos dos antigos mestres da Academia Lusitana na sua preocupação reformadora e enquanto defensores do mesmo ideal pedagógico de utilidade. Atingiam, entretanto, o patamar de paz da poesia restaurada uma vez que o “seiscentismo” se distanciava rapidamente, procurando, então, o deleite que a poesia haveria de provocar no leitor.

<sup>98</sup> Ver: Iconografia, Imagens das capas dos almanaques, Anexo 2. A inclusão da gravura em que figuram Apolo e as nove Musas na contracapa da Parte 4 do *Almanak das Musas* indica, provavelmente, que Caldas Barbosa teria desejado a chancela do protetor das Artes e das Musas que cuidavam de cada de suas manifestações.

<sup>99</sup> Anastacio, Vanda (2000 : XVIII)

Outros aspectos renovadores estão patentes no *Almanak das Musas*, sobretudo na tensão interna subjacente entre a aceitação dos modelos antigos concomitante ao desejo de afastamento dos mesmos. Do ponto de vista estilístico e formal, verifica-se a incidência de subgêneros poéticos como os ditirambos, as odes, as cantatas e as cantilenas, mantendo, da poética italiana, apenas o soneto, ao passo que se dedicam largamente à composição de formas em metro de redondilha. É ainda abundante o uso da mitologia que os poetas tratam como um repositório de alegorias, práticas que visam à restituição do bom gosto dentro da renovação da poesia e do teatro.

O soneto de abertura do *Almanak das Musas* sintetiza o objetivo de Lerenó na organização desta obra:

Versos, qu'Amor, e qu'a Razão ditara  
A ternos Vates, qu'a Amizade unira,  
Ide girar por onde livre gira  
Prole, a qu'a vida o prelo dilatara:

Crimina Apolo aquela Musa avara,  
Qu'entezoiando os dons, qu'ele lhe inspira,  
O seu fogo vãmente consumira,  
Quando a luz recebida sufocara:

O Público vos chama, e vos espera,  
Ah! Não temais a língua detratora,  
Que mal diz o qu'enfim não entendera

Em amiga união sai embora,  
E ensinai, a quem inda não soubera.  
Como se ri de Amor, como se chora.<sup>100</sup>

Caldas Barbosa deixa claro o seu intento de apresentar nessa obra as produções dos vates unidos pela amizade, instando-os a publicar seus poemas. Que não temessem receber críticas daqueles que desconheciam o seu valor pois esses caros amigos eram testemunhas de “como se ri de Amor, como se chora.”

Os gêneros abordados no *Almanak* incluem: apólogos, canções, cantatas, cantilenas, cartas em versos, ditirambos, elegias, epigramas, epístolas, idílios, madrigais, odes e sonetos, sendo estes dois últimos os mais privilegiados. Entre os poemas há duas traduções em verso: a primeira consiste numa tradução da *Ode I* de Horácio por Caldas Barbosa; a segunda é a tradução da *Art Poétique* de Boileau realizada por D. Francisco Xavier de Meneses, 4º Conde de Ericeira, seguida da publicação da carta de agradecimento do poeta francês ao Conde.

<sup>100</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1793). Ver: *Versos, qu'Amor, e qu'a Razão ditara*, Anexo 1.

É curioso notar o caráter inovador de Caldas Barbosa ao organizar esta obra pois, como vimos, embora este modelo antigo persista até os nossos dias, no século XVIII vemos surgir um novo conceito editorial dos almanaques que os direciona para a literatura. Considerando a destacada divulgação das novidades francesas em Portugal e os quase setenta anos de publicação ininterrupta do *Almanach des Muses*, esta coletânea provavelmente integrava as fontes de conhecimento do público português, sendo muito provável, como já mencionado anteriormente, que Caldas Barbosa o tivesse tomado como modelo para o seu *Almanak das Musas*.<sup>101</sup>

São dezessete os poetas escolhidos para comporem esta coletânea portuguesa, todos pertencentes à Academia de Belas Letras, fundada por Francisco Joaquim Bingre, Belchior Curvo de Semedo Torres de Siqueira e Joaquim Severino Ferraz de Campos por volta de 1790.<sup>102</sup> No total, foram publicados 165 poemas dos quais 151 estão assinados com os nomes ou pseudônimos dos autores, portanto, claramente identificados. Há 14 poemas sem indicação de autoria, sendo que 8 possuem no texto indicações evidentes de terem sido escritos por Caldas Barbosa. Restam, portanto, seis poemas cuja identificação não pôde ainda ser efetuada.<sup>103</sup>

Os árcades davam-se duplos pseudônimos pastoris que, em geral, indicavam: o primeiro, o pseudônimo do poeta e, o segundo, o de seu lugar de origem.

<b>Nome</b>	<b>Pseudônimo<sup>104</sup></b>
Anacleto da Silva Moraes	Anaclusio
André da Ponte de Quental Fonseca	Marisbeu Ultramarino
Antônio Bersane Leite de Paula	Tionio
Antônio Dinis da Cruz e Silva	Elpino Nonacriense
Belchior Manoel Curvo de Semedo Torres de Sequeira	Belmiro Transtagano
Domingos Caldas Barbosa	Lereno Selinuntino
Francisco Joaquim Bingre	Francelio Vouguense
D. Francisco Xavier de Meneses, 4º Conde da Ericeira	Ormano Palisco
Ignácio da Costa Quintela	Jacindo Ulyssiponense
Ignácio José de Alvarenga Peixoto	Alcindo Palmireno
Jerônimo Martins da Costa	Cassindro Lisbonense
João Baptista de Lara	Albano Ulissiponense
Joaquim Franco de Araujo Freire Barbosa	Coridon Neptunino
Joaquim Severino Ferraz de Campos	Alcino Lisbonense
José Agostinho de Macedo	Elmiro Tagidio
José Thomaz da Silva Quintanilha	Eurindo Nonacriense
Luis Correa da França Amaral	Melyseo Silenio
Nome não identificado	Leocacio Melpomineo

<sup>101</sup> Ver: Iconografia, Anexo 2.

<sup>102</sup> Ver história da Academia de Belas Letras à p. 19 desta Dissertação.

<sup>103</sup> Ver Anexo 1, Relação de poemas de outros autores no *Almanak das Musas*.

<sup>104</sup> Ver: Índice onomástico.

Como referido acima, do *Almanak das Musas* também consta a colaboração de D. Francisco Xavier de Meneses, 4º Conde de Ericeira\*. Trata-se da primeira publicação da tradução, em oitavas portuguesas, da *Art Poétique* de Boileau, realizada por volta de 1697. A iniciativa de Caldas Barbosa demonstra, em primeiro lugar, a sua preocupação com as regras vigentes da Poética, trazendo para o *Almanak* a chancela de Boileau, muito prestigiado na época. Em segundo lugar ainda podemos supor, que Caldas Barbosa, ao incluir no *Almanak* a tradução do Conde de Ericeira, tenha prestado uma homenagem póstuma a D. Francisco (morrera em 1746): ao mesmo tempo em que dava à estampa a importante tradução, corrigia um desagravo sofrido por tão ilustre português.<sup>105</sup>

A exemplo do *Almanach des Muses* publicado por Claude Sautreau de Marsy, Caldas Barbosa reuniu um conjunto de produções poéticas do final do século XVIII que provavelmente ter-se-iam perdido. Alguns desses poemas tiveram no *Almanak das Musas* a sua única edição, fato que futuras investigações poderão comprovar. Faltaram a estes dois volumes de versos as anotações biográficas e as observações críticas encontradas no almanaque francês. Talvez esta preocupação não tivesse sido considerada por se tratar de uma publicação entre amigos, bem conhecidos entre si e dentro do círculo social diminuto em que viviam.

Os poemas estão divididos desigualmente entre as quatro Partes do *Almanak das Musas*, sendo que as três primeiras Partes foram publicadas no espaço de seis meses, entre Julho e Dezembro de 1793. A Parte 1 é a que contém o maior número de poemas, 65, reduzindo-se praticamente à metade na Parte 2 com apenas 31 poemas e não mais de 20 na Parte 3. Um ano depois, em Dezembro de 1794, foram dados à estampa os trabalhos de quatorze poetas - o maior número de autores incluídos numa única parte - com 50 poemas.

Os poetas com maior número de trabalhos são, em primeiro lugar, Belchior Curvo de Semedo (57), seguindo-se Caldas Barbosa (43) e João Baptista de Lara (25). Exceto Antônio Diniz da Cruz com 5 poemas e Francisco Bingre com 4, os demais contribuem para o conjunto com um ou dois apenas.

A apreciação crítica da obra dos poetas amigos de Lereno aguarda investigações em todos os níveis. Apenas Francisco Bingre mereceu um estudo aprofundado realizado pela Dra.

---

<sup>105</sup> *apud* Monteiro, Ofélia Paiva (1963 : 218-222) Ao enviar a Boileau a sua tradução, o Conde de Ericeira anexou-lhe uma carta cuja resposta do poeta francês, foi também publicada no *Almanak*. Nesta missiva Boileau agradecia cortesmente o privilégio de que tinha sido alvo, prometendo ao Conde de Ericeira incluir sua tradução portuguesa junto à sua Obra quando a publicasse. Ao ter em mãos a edição de Boileau em 1701, D. Francisco terá verificado que lá faltava, como prometido, a sua tradução, motivo de provável decepção. Na carta de Boileau a seu editor Brossette pode-se verificar a pouca importância que atribuiu ao trabalho do Conde de Ericeira, valendo-se de desculpas nada convincentes para não o publicar como acordara. *apud* Monteiro, Ofélia Paiva (1963 : 218-222)

Vanda Anastácio.<sup>106</sup> Os demais, como estes, certamente virão ocupar um lugar de destaque na História da Literatura de sua época depois de serem devidamente estudados. Neste momento, o que nos é dado apreciar no *Almanak das Musas* já pode ser considerado digno de nota.

### 2.3. A poesia de Caldas Barbosa no *Almanak das Musas*

Caldas Barbosa é o mais significativo dos poetas presentes no *Almanak das Musas*: em primeiro lugar por ter sido o seu idealizador e o seu coordenador e, em segundo, pelo fato de esse *almanaque* ser a fonte mais importante de sua obra poética erudita, desempenhando o papel de contraponto da *Viola de Lereno*. Além da produção das quadrinhas inspiradas de suas modinhas e dos gracejos em versos dos seus lundus, o Poeta já se fizera conhecido através de algumas composições eruditas<sup>107</sup> mas nenhuma delas alcança a qualidade dos trabalhos publicados no *Almanak*. Estes somam ao todo quarenta e três poemas que, para efeito de estudo, foram classificados em quatro categorias: artes poéticas; poemas líricos; textos de circunstância; composições dedicadas a festejos.

#### 2.3.1. Artes Poéticas

Os quatro poemas passíveis de serem definidos como artes poéticas podem ser agrupados em dois conjuntos: reflexões de Caldas Barbosa sobre o *métier* de poeta e arrolamento das principais regras de certas formas poéticas. No primeiro conjunto estão a tradução da *Ode I* de Horácio a Mecenas e a da “Carta de Mme. Deshoulières”. O segundo, composto pelas duas “Cartas a Arminda”, consubstancia a teoria poética que servia de base para os contemporâneos do Poeta e, acabando por assumir o papel de obra de referência na matéria, constitui documento inestimável para o estudo da poesia portuguesa do século XVIII, pois não se tem notícia de outra obra que revele tão pormenorizadamente a poética desse período.

#### Tradução da *Ode I* de Horácio a Mecenas<sup>108</sup>

Caldas Barbosa refere o objetivo desse poema no subtítulo da sua tradução - “Em que o Poeta mostra desejar só a glória da Poesia, principalmente da Lírica” – e toma a *Ode* horaciana como um referencial importante para sua própria obra. Horácio é a baliza a partir da qual desenvolve suas composições no plano técnico e também a ele se assemelha o poeta

<sup>106</sup> Anastácio, Vanda (2000)

<sup>107</sup> Ver: Dissertação à p. 75.

<sup>108</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1793). Ver: *Ouve, ó Mecenas, que de Reis descendes*, Anexo 1; *Ode I* de Horácio, Apêndice documental.

luso-brasileiro ao mostrar-se igualmente desprovido de preocupações com os meios de sobrevivência material.

Não por acaso Caldas Barbosa coloca esta *Ode I* de Horácio a abrir a Parte 3 do Tomo II do *Almanak das Musas*, o que sugere não só a importância que lhe atribui, mas ainda a intenção de traçar um paralelo entre Mecenas e o Conde de Pombeiro. Ambos foram protetores que ofereceram uma vida segura e despreocupada, respectivamente a Horácio e a Caldas, para que pudessem ambos se dedicar à arte do verso. Assim como o nobre e rico cavaleiro romano, o Conde de Pombeiro descendia dos Grandes de Portugal, possuía terras e riqueza, além de ser magnânimo como Mecenas, a quem Horácio dedica os seguintes versos na tradução de Caldas Barbosa:

Ouve, ó Mecenas, que de Reis descendes,  
 Tu que me honras, tu que me defendes:  
 Ter de Olímpico pó cuberto o rosto  
 Em honrosa carreira é d'uns o gosto:  
 Girando em torno a perigosa meta  
 No veloz carro o destro, o forte Atleta  
 Sem que as rodas lhe toquem, se assinala;  
 E esta vitória aos Deuses os iguala. (v. 1 a 8)

O nosso poeta parece fundir-se à pessoa de Horácio, fazendo suas as palavras dele na última estrofe da tradução desta Ode:

A hera, que honra o sábio, esta somente  
 Entre os Deuses me põe: fujo da gente  
 Ao frio bosque a ouvir suaves coros  
 Das Ninfas, e dos sátiros sonoros;  
 Quando a tocar o Líbico alaúde  
 Polímnia inspire, e Euterpe a flauta ajude.  
 Se entre os Líricos vates me numeras,  
 Eu subirei às luzidas esferas.<sup>109</sup> (v. 37 a 44)

Como se fora o autor da ode, Caldas menciona a hera que coroa a fronte dos sábios e os eleva junto aos Deuses; exorta as deusas e as Ninfas para que o ajudem, concluindo que, se Mecenas/Pombeiro o incluísse entre os Líricos, sentir-se-ia honrado por subir às “luzidas esferas” onde só os eleitos têm assento. A *Arte Poética* de Horácio é a matriz de boa parte da poesia portuguesa dos séculos XVI a XVIII<sup>110</sup> razão pela qual a tradução que dela faz o nosso poeta exprime, além do seu desejo de ser coroado como poeta lírico, a sua admiração pelo Mestre que serve de modelo ao seu protetor, o Conde de Pombeiro.

<sup>109</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1793). Ver: *Ouve, ó Mecenas, que de Reis descendes*, Anexo 1; *Ode I* de Horácio, Apêndice documental.

<sup>110</sup> Do *Almanak das Musas* consta ainda uma teoria poética muito prezada pelos contemporâneos de Caldas Barbosa: a *Art Poétique* de Boileau, o grande mestre do século XVII. Trata-se da primeira publicação da tradução desta obra feita em oitavas portuguesas, por D. Francisco Xavier de Meneses, 4º Conde de Ericeira\*, por volta de 1697.

Ao comparar-se o texto original em latim com a tradução livre de Caldas Barbosa<sup>111</sup>, podemos apreciar a intimidade de Lerenó com o Poeta clássico e com a língua latina. Sua tradução nos permite avaliar a liberdade com que busca a equivalência do pensamento horaciano em português. Caldas mantém-se fiel ao assunto do poema latino, mas opta por uma nova forma estrófica, escolhendo o verso decassílabo (o original latino usa o metro *asclepiadeum primum*) enquanto procura conservar o lirismo original.

**“Tradução de uma Carta melancólica de Mme. Deshoulières\*<sup>112</sup> a uma Senhora, que pretendia ser Poeta”<sup>113</sup>**

Se na tradução da *Ode I* de Horácio, Caldas Barbosa sinaliza seu desejo de se tornar um poeta entre os poetas, a “Tradução de uma carta de Mme. Deshoulières” constitui um metapoema em que expõe as suas reflexões sobre a criação poética e as suas críticas ao *métier* de poeta. É provável que Lerenó tivesse tido a intenção de fazer da tradução desta carta, um complemento da que fez da *Ode* de Horácio no contexto da arte de fazer versos. Desta forma, figuraria entre os mestres consagrados e obteria o reconhecimento perene do seu valor, condições fundamentais para a sua felicidade plena.

O poema em análise apresenta uma clara intertextualização na medida em que Caldas entrelaça a sua pessoa com a das demais personagens: Mme. Deshoulières, a Senhora desejosa de se tornar poeta e Amaranto<sup>114</sup>. Cada uma a seu modo representa uma faceta do nosso poeta: Mme. Deshoulières figura como a poetisa consagrada, mas melancólica, devido aos desaires de sua vida intelectual; a pretensa Senhora encarna os anseios do próprio Caldas, desejoso de alcançar com sabedoria e discrição a glória de ser poeta; Amaranto traduz a sua aspiração de obter reconhecimento duradouro em lugar de uma glória fugidia como a da Rosa que, mal abre, se desfolha.

O título do poema indica que o seu original é uma carta de Mme. Deshoulières a uma senhora desconhecida que a autora logo identifica com Amaranto. Já na primeira estrofe se percebe que, na verdade, Mme. Deshoulières personifica Caldas Barbosa, o poeta inquieto e caprichoso, seduzido pela esperança de alcançar a glória. A senhora destinatária dos conselhos melancólicos da poetisa, por sua vez, assume o papel de Caldas Barbosa na figura de Amaranto, símbolo da permanência no tempo, posto que o nosso poeta ansiava por obter o

<sup>111</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1793 : 3-5), Ver: Apêndice documental, “Ode I de Horácio”.

<sup>112</sup> **Mme. Des Houlières:** Ver: Índice onomástico, **Deshoulières**.

<sup>113</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1793). Ver: *Que glória! Que capricho! Que esperança*, Anexo 1.

<sup>114</sup> **Amaranto:** Referência à fábula de Amaranto e a Rosa. O Poeta chama de Amaranto a Mme. Deshoulières, comparando-os. Ver: Índice das referências mitológicas citadas - **Amaranto**.

reconhecimento de seus pares e inscrever-se na galeria de nomes consagrados. Mme. Deshoulières/Caldas, entretanto, logo deixa cair a acridoce advertência de que a glória e a perfeição nunca são atingidas sem sofrimento:

Que glória! Que capricho! Que esperança  
 Vos tenta, e inquieta?  
 Quereis ser sábia? O nome de discreta  
 Sem desgosto, Amaranto, não se alcança.  
 Nem este nome um tempo glorioso  
 Conserva nada em si de doce, e honroso. (v. 1 a 6)

Não podemos deixar de notar que “ser sábia” constituía a meta desta senhora que desejava se tornar poeta, condição ideal que se resumia, segundo Caldas Barbosa, a ser chamada de “discreta”. A segunda estrofe, entretanto, acrescenta ao “ser discreta” uma nota amarga diante da opressão e da infelicidade que esse *status* confere, de nada valendo a virtuosidade:

Deste odioso título oprimida  
 De nada val’ o seres virtuosa:  
 Basta ser por discreta conhecida,  
 Para em vão pertenderdes ser dítosa (v. 7 a 10)

Ambas as qualidades – discrição e virtuosidade – eram características de Caldas Barbosa, um homem sempre modesto, embora detentor de grande conhecimento. Não sendo propriamente um poema autobiográfico, esta carta encerra o pensamento do poeta sobre o aspecto prático do *métier* de poeta.

Caldas Barbosa volta a sobrepor-se às personagens (v. 11 a 17) ao aludir às benesses que Mme. Deshoulières recebera por nascimento ilustre (o oposto de Caldas) e por seu gênio (à semelhança dele), bem como ao afirmar que ele/ela tem por objetivo apenas nutrir o próprio talento. Segue com as suas considerações, referindo-se aos poetas falsos e pedantes (v. 19), pretensiosos (v. 24), invejosos e dissimulados (v. 39-40), ignorantes (v. 74 a 81) em implícito contraste com ele, cujo saber é fruto de sólida aprendizagem:

Há gênios bem adversos,  
 Que não sofrem escusas,  
 E cuidam, que quem tem trato co’as Musas,  
 Só sabe fazer versos.  
 Quanto ministra a Fábula à Eloquência  
 E da história se aprende! (v. 74 a 79)

Caldas alude às plateias soberbas e despreparadas que, desconhecendo o teor dos versos declamados e sem nada deles compreenderem, simulam haver tudo entendido, tornando-se ainda, sem conhecimento de causa, os juízes mais críticos de um autor. Acrescenta:

Vendo-os num ar soberbo, e presumido,  
 Que afetam escutando  
 Verso, que para eles não é lido:  
 Talvez se estão bons votos esperando:  
 Ninguém se fie desta farsa usada;  
 Porque umas vezes não escutam nada:  
 E muitas vezes mais nada compreendem:  
 E assim acusam uns, outros defendem.  
 Por dois bonitos toda a obra é boa,  
 E toda é má se um verso mal lhe soa (v. 82 a 91)

Em sua opinião, este tipo de público dedicar-se-ia a estudos de pouca monta, mas teria a pretensão de, para espanto e desgosto de Caldas, afirmar ser profundamente conhecedor de Homero e de Horácio, ambos tratados com o desprezo decorrente da sua ignorância:

Torpe desolação, jogos proscritos  
 São seu estudo fero,  
 E eles falam de Homero,  
 E de Horácio, e comparam seus escritos.  
 Confundem d'um, e d'outro a Poesia  
 Tão conhecidos como tão diferentes,  
 E as obras excelentes  
 Trarão como quimera, e zombaria. (v. 92 a 99)

Diante da exaustiva argumentação de “prognosticada desventura” (v. 115), Mme. Deshoulières/Caldas pergunta à Senhora a quem chama de Amaranto o que pretende fazer, dado que ninguém mais se interessa pelo saber nem aprecia gente discreta. Que sirvam de lembrete, contudo, os avisos de quem conhece a fundo esse contexto e sabe que é frustrante o desejo da glória, permanente causadora de decepção:

Mais de um exemplo triste vos segura  
 Desta prognosticada desventura.  
 A moda está passada:  
 Já o saber a todos desagrada.  
 Gente discreta para nada serve.  
 Fazei que se conserve  
 Destas fatais verdades a memória,  
 Qu'ela pode vencer  
 O vão desejo de uma fútil glória,  
 Que dá muito pesar, pouco prazer. (v. 114 a 123)

Numa derradeira confissão, Mme Deshoulières/Caldas Barbosa revela o seu brio, ao proclamar a sua independência e rejeitar veementemente a perda da liberdade de escolha. Lamenta, entretanto, a existência dos grilhões impostos pelo Destino que lhe deu o dom de fazer versos, obrigando-o a servir para sempre os desígnios do seu gênio. Oferece à Senhora que quer ser poeta um último conselho: o de não se dedicar à poesia para evitar a infelicidade. Baseado na própria experiência, pois vivia esse drama, revela-se desditoso na sua carreira devido à sua atitude modesta. Sabedor e talentoso, foi no entanto, relegado a “versejador de segunda categoria” em virtude de ideias preconceituosas.

Mas ó dos nossos Fados Lei impia!  
 Ninguém se rege a si, o esforço é vão,  
 É mui violenta a nossa inclinação.  
 Fiz verso dantes de ter conhecimento  
 Do mal, que causa este fatal talento.

Mas pois Vós não nascestes, que eu conheço,  
 Co' o infeliz talento, que aborreço;  
 Não, não vos apliqueis a estudo tal,  
 Qu' é concorrerdes para o vosso mal. (v. 127 a 135)

### As duas “Cartas a Arminda”

Embora alguns dos contemporâneos e dos críticos posteriores não considerem Caldas Barbosa poeta de primeira grandeza, há que admitir que dominava os conhecimentos da arte do verso. Comprova desde logo a apresentação que faz da sua arte poética sob a forma de duas cartas endereçadas a Arminda.

**“Carta de Lerenó a Arminda, em que se dão as necessárias regras dos versos de arte menor, ensinando a conhecer, o que sejam consoantes, e tonantes; e o que são palavras agudas, graves, e esdrúxulas &.”<sup>115</sup>**

Esta carta é a única arte poética em língua portuguesa que, apoiada em exemplos clássicos, dedica-se à codificação da redondilha, sobretudo na sua forma peculiar da redondilha ibérica, praticada desde a Idade Média. Cabe, porém, observar a não assinatura deste poema que, em tudo, entretanto, evidencia a autoria de Caldas Barbosa corroborada desde logo pela assinatura da “Carta Segunda a Arminda”.

A pedido de Arminda, o Poeta se propõe a dar-lhe diretrizes para a escrita de versos, referindo os seus méritos de especialista do assunto mas, recusando o título de Mestre

Porque falando a verdade,  
 De mim mesmo vos direi,  
 Qu' eu tenho esta habilidade,  
 E como a tenho não sei.

Sinto n' alma, subtil, destro,  
 Um doce furor vagar;  
 É isto o que chamam estro,  
 Que me faz poetizar.

Sem as regras aprender,  
 Que aprendê-las sempre é bom,  
 Versos me viram fazer  
 Por inato, e doce tom. (v. 21 a 32)

<sup>115</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1793). Ver: *Arminda, cuja beleza*, Anexo 1.

Dando testemunho da sua facilidade inata de versejar, pois nunca aprendera as regras do ofício, Caldas inicia a sua lição, tratando dos quartetos, das quintilhas e da décima. Destaca a supremacia da redondilha, forma característica da poesia popular<sup>116</sup> que já em tempos idos e sob as asas da deusa Terpsicore era utilizada pelos agricultores nos seus cantos e danças de trabalho nas eiras ao som de um simples pandeiro. (v. 53 a 64).

A “Carta” de Lerenó permite também apreciar o seu conhecimento da Mitologia, dado que abre parêntesis para mencionar o belo Apolo, deus da luz, sagrado pelas Musas protetor das artes e da perfeição, sob as asas de quem, portanto, um poeta se deve abrigar

Mas de passagem senhora,  
Se a digressão não escusas,  
Falo deste Nume<sup>117</sup> agora,  
E do Parnaso\*, e das Musas\* (v. 177 a 180)

Este Nume presidia,  
Segundo diz esta História,  
E eram sua companhia  
Nove Filhas da Memória.<sup>118</sup> (v.185 a 188)

Dentro do seu estilo sedutor, Caldas finaliza esta digressão com um elogio gracioso feito a Arminda, incluindo-a entre as filhas de Mnemôsine, que acompanhavam Apolo.

Se acaso fosse verdade,  
Vós íeis a fazer dez, (v. 193 a 194)

Meticulosas são as suas lições sobre as rimas consoantes, toantes, agudas, graves ou esdrúxulas (v. 68 a 160) e a sua explicação sobre as estrofes formadas por diferente número de versos. Principiando pelas “cantigas ordinárias, / Que hoje costumam vogar; / Por isso as mais necessárias.” (v. 206 a 208), explica a contagem das sílabas poéticas e tira as dúvidas que podem advir de ajustes da dicção, submetendo-se à sinalefa, ao ocorrer ou não a elisão das vogais (v. 213 a 240) ou quando se está na presença da sinérese:

Outra figura há também,  
Que Sinérises chamamos,  
Da dicção no meio vem,  
Se o próprio lugar lhe damos.

Com ela duas vogais  
Fazem ali união;  
*A glória de mandar mais*  
Eis aí que unidas vão.

Se não fosse contraída  
A letra *i* com o *a*,

<sup>116</sup> A tônica popular da redondilha está presente em inúmeros poemas da *Viola de Lerenó*.

<sup>117</sup> **Nume**: refere-se a Apolo\*, divindade que inspira a arte.

<sup>118</sup> **Nove Filhas da Memória**: alusão a Mnemôsine\*. Ver: Índice onomástico, **Musas**.

Seria longa a medida  
Pelas regras ditas já.

Esta contração se faz  
Na sílaba subsequente,  
Quando ferida se traz  
A sílaba antecedente.

Às vezes é mais pomposo  
Soltar-se o preso ditongo;  
Como o nome *glorioso*  
Quando o *i* se faz mais longo. (v. 245 a 264)

Ao iniciar a abordagem das estrofes, do número de seus versos e o seu esquema de rimas, o Poeta lança mão de variados exemplos tirados de obras de autores clássicos portugueses a começar pelos de Camões, afirmando:

Deixai falar que falar,  
Este sempre o Mestre é;  
Nem vós podeis encontrar  
Quem mais certas regras dê. (v. 302 a 305)

Caldas não chama, contudo, a atenção para o esquema rímico dessa quadra (abab) que não considerava, certamente, modelo obrigatório, uma vez que nem sempre o seguiu nas composições da *Viola de Lereño*<sup>119</sup>.

Segundo Caldas Barbosa, se às quadras ou quartetos se acrescentarem 6 versos, formar-se-á uma décima que os antigos compunham com duas quintilhas (v. 385 a 406), por sua vez originadas de uma redondilha à qual se acrescentou um quinto verso (v. 306 a 345) como indicam os versos abaixo:

Vai-se este modo seguindo,  
Que os antigos não usavam:  
Duas quintilhas unindo  
Suas Décimas formavam.

É um modo de formar  
Esta chamada quintilha  
Mais um Verso acrescentar  
Aos quatro da redondilha.

#### I. EXEMPLO

*Ora vede que perigos  
Tem cercado o Coração,  
Que no meio da opressão  
A seus próprios inimigos  
Vão pedir a detenção.*

Camões – *Epist.*

<sup>119</sup> Nesta obra o nosso poeta se vale, por vezes, do esquema abab, como se pode ler na seguinte quadra: “Quem me ouvir a suspirar / Não me pergunte o porque, / Se o meu bem aqui não vê, / Não tem mais que perguntar” *apud* Barbosa, Domingos Caldas (1980 : 178)

Que atendais isto eu requeiro,  
 Té ao quarto é redondilha,  
 E o que a segue derradeiro  
 É quem a forma quintilha. (v. 338 a 355)

Afirma Caldas que a variedade das quintilhas está na sua rima (v. 356 a 383). Com a mesma medida, contudo, podem-se delas fazer tercetos e sextilhas cujos nomes vêm do número de versos da estrofe (v. 407 a 414).

Sobre as glosas e os motes há também na “Carta” significativas informações e exemplos, sobretudo ao referir como cinzelavam seus versos os poetas antigos:

Camões, Bernardes, Ferreira,  
 E outra mais antiga gente  
 Glosavam d’outra maneira;  
 Hoje a glosa é diferente.

De certo modo glosavam  
 A que eles chamavam voltas,  
 Que umas o mote ligavam,  
 Outras iam livres, soltas. (v. 427 a 434)

Minucioso na lição à sua discípula, não esquece os “Romances galantes, / Que servem para narrar,” (v. 546-547) lembrando que ainda

Faltam endechas<sup>120</sup>, cantigas  
 De uma medida menor,  
 Feitas em louvor de amigas,  
 E doce paixão de Amor.

De sete sílabas muitas  
 De seis, e de cinco mais, (v. 574 a 579)

Mas verificando que as suas lições ainda vão a meio, aconselha Arminda (v. 590 a 625) a começar por estas primeiras informações às quais deverá adestrar-se aos poucos a fim de dominar sua técnica, ter prudência e,

Guiada do sério estudo  
 E guardando as suas Leis,  
 Ah formosa Arminda! tudo  
 A seu tempo alcançareis. (v. 626 a 629)

Os ensinamentos contidos nesta primeira carta a Arminda oferecem ao leitor uma visão precisa das formas poéticas peninsulares tradicionais além de, por sua atualidade, nortear aqueles que, nos nossos dias, queiram se tornar poetas.

---

<sup>120</sup> **Endechas:** cantigas fúnebres ou penas melancólicas.

**“Carta Segunda a Arminda em que se trata da composição do verso grande, ou de Arte Maior a que vulgarmente chamamos Heróico.”<sup>121</sup>**

Esta “Carta”, igualmente inserida na Parte 2 do Tomo I do *Almanak das Musas* é, de fato, uma continuação da anterior. Aqui Caldas Barbosa se regozija de seu sucesso como mestre pois refere a sua discípula como uma iniciada na arte do verso, já afeita às regras básicas da poesia mais comum em redondilhas que já lhe ensinara.

Foram úteis Lições, úteis fadigas,  
 Tu já fazes quartetos, já cantigas,  
 As Décimas ajustas, compões glosas,  
 E pasmam de te ouvir mil orgulhosas,  
 Que invejando-te muito a face linda  
 O engenho, e arte mais t’invejam inda. (v. 28 a 33)

Os críticos que consideravam o autor da *Viola de Lerenó* um mero improvisador de versos deveriam retificar essa ideia diante do que o próprio Caldas aconselha a sua aluna: não deixar que os poemas brotem espontaneamente de seu estro mas aprimorá-las segundo o estudo sério e o domínio do ofício. Adverte ainda Arminda sobre os perigos da adulação e dos elogios:

Os olhos fitos sobre o rumo d’arte  
 Apruma, e sonda para desviar-te;  
 E em seguro baixel que rege o estudo,  
 A são e salvo tu vadeias tudo. (v. 68 a 73)

Neste poema, Caldas Barbosa trata do decassílabo a que chama de verso Grande ou de arte maior e, de fato, dele se serve nos 444 versos deste poema. Lerenó faz um histórico do aparecimento da “doce divinal Poesia [que] / Propagando os triunfos da harmonia” surgiu na Grécia, estendeu-se a Roma e alcançou, além da Itália, França, Espanha, a Lusitânia dos “austeros Portugueses”. Considera que as línguas desses quatro últimos países, oriundas do Latim, oferecem riquezas a serem respeitadas (v. 90 a 115) e que cada uma tem seu brilho próprio, mas privilegia o Português e aconselha a Arminda:

Ouve a Camões a Épica trombeta;  
 Verás que a rima ornou Musa discreta,  
 E que sábia, e gentil não desfigura  
 De Adamastor a hórrida figura. (v. 134 a 137)

Nota-se aqui a admiração que ele nutre pelos poetas portugueses vistos como modelos da poesia e colocados ao nível dos Antigos. Mais uma vez sublinha a importância de Camões como mestre por excelência da lírica portuguesa.

<sup>121</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1793). Ver: *Graças ao meu trabalho, que eu já vejo*, Anexo 1.

A lição sobre o Verso Maior tem início com a menção à “heróica Musa” ao apontar a superioridade do decassílabo português na voz dos grandes poetas:

Com estes Versos se maior medida  
 A heróica Musa ao Canto nos convida,  
 Heróico assim se chame, porque tome nome.  
 Do assunto a que é mais próprio, um próprio  
 Com ele aos Lusos deu eterna fama  
 O imortal Cantor do ilustre Gama,  
 E com ele o grandíloquo Pereira.  
 Deu a Lisboa a glória verdadeira:  
 Nos Versos desta ordem são cantados:  
 E ou solto, ou preso co’a sonora rima  
 Tem dos próprios, e estranhos alta estima. 190  
 Com ele a Poesia abranda, adoça  
 Duros princípios da Linguagem nossa. (v. 179 a 192)

Regras e medida do decassílabo heróico vêm descritas minuciosamente a seguir, considerando-se todas as alternâncias de acordo com o número de sílabas e com o acento tônico que incide no hemistíquio e na última palavra do verso. Há que tomar tento às explicações que, sob uma aparente simplicidade, são, na verdade, bastante complexas (v. 193 a 205).

Ao dar a primeira estrofe d’ *Os Lusíadas* como exemplo, Caldas discorre sobre a epopeia (v. 206 a 223), assinalando suas características heróicas a par com a graciosidade de seus versos:

Esta grata invenção, que da Castália  
 Correu a secundar Espanha, Itália,  
 De uma fácil maneira se acomoda  
 A todo o assunto, e a matéria toda.  
 Assusta-nos co’o rufo dos tambores,  
 Alegra-nos co’as graças, e os amores,  
 Pinta os Campos, Cidades, Leis costumes,  
 No mundo honra os mortais, no Céu os Numes;  
 Um ora esfria, outr’ora se afogueia  
 E alterna a marcha a gosto da Epopeia. (v. 232 a 241)

De Camões são também retirados exemplos para as Sextilhas, Oitavas (v. 242 a 257) e os Quartetos (v. 258 a 277), igualmente exemplificados com versos do próprio Lereño (v. 278 a 293). O canto fúnebre da elegia e a écloga vêm também exemplificadas por versos de Camões. Sobre a segunda o Poeta diz ser “modo fácil, e corrente” (v. 313), pois

Ele serve aos terníssimos Pastores  
 E exprime a voz dos duros Pescadores:  
 Com eles é que a Écloga me pinta  
 O que amor faz sentir, e quer que eu sinta. (v. 315 a 318)

Todas estas espécies poéticas constituem apanágio da Literatura Portuguesa a que se acrescenta uma reflexão sobre o Soneto:

Diversa travação de consoantes  
 Ordenam mil Poemas elegantes,  
 Que tratados com arte, e com destreza  
 Dão fama, e honra á Musa Portuguesa:

E destes que por força hão de ter rima,  
 Que grande valor tem, que grande estima  
 O Soneto, que em métrica falange  
 Arrostra quanto a Poetisa abrange? (v. 328 a 335)

É de grande interesse o que nos diz esta carta sobre o soneto quinhentista de que apresenta um exemplo camoniano:

De outra arte a Musa antiga os acomoda,  
 Que ainda os Versos tem usança, e moda.  
 Temos quartetos ditos terceados,  
 Temos tercetos n'outro som travados:  
 Tem o chavão de Mestres respeitáveis,  
 Mas são hoje entre nós pouco agradáveis.

**Exemplo.**

*Vos que escutais em ritmas derramado  
 Dos suspiros o som que me alentava,  
 Na juvenil idade, quando andava  
 Em outro, em parte do que sou, mudado.*

*Sabei que busca só do já cantado  
 Em tempo que ou temia, ou esperava,  
 De quem o mal provou que eu tanto amava,  
 Piedade, e não perdão o meu cuidado.*

*Pois vejo que tamanho sentimento  
 Só me rendeu ser fábula da gente  
 (Do que comigo mesmo me envergonho.)*

*Sirva de exemplo claro meu tormento,  
 Com que todos conheçam claramente,  
 Que quanto ao mundo apraz, é breve sonho. Cam. Son. 101.(v. 366 a 384)*

Em desuso Caldas considera também os acrósticos, moda tão antiga quanto à “do bigode à Fernandina” (v. 388), comparação que mais uma vez demonstra o lado jocoso do poeta, patente mesmo em suas obras eruditas, mas revela, sobretudo, a valorização das poéticas contemporâneas. O mesmo acontece com os enigmas e os anagramas no tempo em as Damas discretas se divertiam com a presença sedutora do “deus equívoco”, uma clara alusão a Pã, o grande sedutor.

Lereno observa, por outro lado, que o decassílabo servia também às líras, às canções bem como aos madrigais e odes “Com a rima travada em som diverso” (v. 396):

Que aos Astros soltas conduzir tu podes;  
 Sua desordem graciosa, e bela  
 Ext'riores preceitos atropela,  
 E vai da mente acesa no Capricho  
 Volteando a estrada a seu objeto fixo:  
 Assim matéria própria arde inflamada,  
 Flutua a flama unida, ou separada;

E seguindo este vário desafogo  
Mostra abatida que se apaga o fogo. (v. 398 a 406)

O madrigal, a silva e o romance são gêneros que considera de fácil manejo pelo “Vate, que se inflama de improviso” (v. 408 a 418). Ao passo que o epigrama “Onde ostenta agudezas a Poesia: / [...] / Parece que singelo vai tecido, / E remata porém dobre o sentido. (v. 420 a 426)

Caldas Barbosa remata a sua lição com um último elogio à discípula:

Não quero mais Arminda não cansar-te,  
Basta de Exemplos, Regras, Leis, e Artes:  
Pouco basta a quem tem tanta viveza, (v. 435 a 437)

Suas cartas a Arminda constituem, tal como os textos de Horácio e Boileau já referidos, um elenco de regras e princípios reguladores da atividade poética, como se fora uma poética normativa cuja finalidade seria a de servir de orientação aos jovens candidatos ao ofício de poeta. Também oferecem aos leitores de nossos dias uma lição inestimável, remontando muitas vezes a exemplos já caídos em desuso e hoje desconhecidos. Sua leitura revela, outrossim, o grande conhecimento literário de Caldas que cita, com toda a segurança, inúmeros fragmentos de diversas obras de poetas clássicos de grande nomeada para ilustrar as regras poéticas que apresenta.

### 2.3.2. Poemas líricos

Já no subtítulo de sua tradução da *Ode I* de Horácio, Caldas expressa o desejo de se tornar um poeta lírico. Nesse conjunto foram reunidos vinte e três poemas que revelam a faceta sentimental e íntima do Poeta. Abordam uns o tema da amizade, outros, o amor. Alguns são claramente autobiográficos, recuperando certos momentos da vida do escritor.

Tendo sido uma constante na sua própria vida, a amizade é um dos temas favoritos de Caldas Barbosa. Dela trata o soneto “Versos, qu’ Amor, e qu’a Razão ditara”<sup>122</sup>, que abre o *Almanak das Musas*, ressaltando a importância primordial que este sentimento tem na concretização da Academia de Belas Letras, a mais importante agremiação de poetas portugueses do final do século XVIII. O mesmo valor é atribuído ao amor, tema lírico por excelência, como revelam os versos do soneto “Com a terna Amizade, Amor lutava”<sup>123</sup> que traz à lembrança a justiça de Salomão:

<sup>122</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1793). Ver: *Versos, qu’ Amor, e qu’a Razão ditara*, Anexo 1.

<sup>123</sup> Ver: *Com a terna Amizade, Amor lutava*, Anexo A.

Com a terna Amizade, Amor lutava,  
 Fora a primeira vez, que vira a terra  
 Destes meigos Irmãos a usada guerra,  
 E assustada tremia, e vacilava:

Longa trança da Deusa ao ar ondeava  
 Entre o sendal<sup>124</sup>, que desatado erra,  
 E o véu fatal, que ao Nume os olhos cerra,  
 Em pedaços ao vento volteava:

Desce dos Céus fatídico Destino;  
 Ouve da boca de ambos a verdade;  
 Marfida os move a este desatino:

Decretou a infalível Divindade;  
 Parta-se o coração, de ambos é dino;  
 Dê-se uma parte a Amor, outra à Amizade.

“As Doentes”<sup>125</sup>, poema em redondilha, trata do mesmo tema, desta vez discorrendo sobre o entendimento inédito do Amor e da Razão que, como prevê o Poeta, não perduraria. Amor logo se desespera em busca da amada e cruel Alcina e, como em todo arrufo amoroso, o que salva é a razão, cabendo à amizade, tão prezada pelo poeta, apaziguar a tormenta:

Inda estava assim bradando  
 Esta meiga Divindade,  
 Eis qu’ à pressa caminhando  
 A solícita Amizade  
 Vem o caro Irmão buscando.

À esperta Razão saúda,  
 Depois a Amor brandamente  
 Diz que à sua Alcina acuda,  
 Porque Alcina está doente; (v. 56 a 64)

Mas as explicações oferecidas pela Amizade não convencem Amor que tudo pode e, resoluto,

Já ia em tanta aflição  
 Armar-se de arco, e de aljava,  
 Sustem-lhe o braço a Razão,  
 E a Amizade suplicava  
 Precisa quietação. (v. 111 a 115)

Por entre a vereda estreita  
 Voa Amor ferindo as gentes,  
 A Razão seu vôo espreita,  
 E vê que às suas doentes  
 Vai preparar a receita. (v. 121 a 125)

<sup>124</sup> **Sendal:** tecido ralo usado para cobrir o corpo, revelando-o na transparência do tecido.

<sup>125</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1793). Ver: *Entre os frescos arvoredos*, Anexo 1. Este poema traz em rodapé a seguinte **Nota do Autor** [v. 125]: “Estes Versos precederam às cantigas da Receita de Amor, que irão nos folhetos Viola de Amor, que se darão com brevidade ao Público.” Haverá aí, provavelmente, uma alusão à futura *Viola de Lereno*, publicada em 1798, cinco anos após ter sido dado a estampa o *Almanak das Musas*, embora nenhum poema com o título *Receita de Amor* conste dessa obra.

Neste poema, Caldas Barbosa parece querer deixar uma lição ao mostrar que não se deve fiar no Amor, sempre impetuoso, ao passo que a “esperta Razão” talvez seja excessivamente fria. Sugere, pois, que nada se compara à temperança da Amizade. Ainda dentro do tema do amor e da amizade, a saudade, palavra tão cara aos portugueses, constitui assunto duma série de redondilhas reunidas sob o título “A Ilustre O’Neill\* pergunta que cousa sejam saudades.”<sup>126</sup> Caldas Barbosa define esse sentimento, tido como português, mas que a todos pertence, faltando-lhes apenas palavras apropriadas para defini-lo.

Pois saber o que é saudade  
Gentil O’Neill careces,  
Vou talvez dizer-te um mal,  
Que sofres, e não conheces.

Dirão uns qu’ é sentimento.  
Que só Portugueses têm;  
E qu’ importa falte aos outros,  
Vozes qu’ o expliquem bem: (v. 35 a 42)

Nessa homenagem à Sra. O’Neill, inglesa de nobre clã irlandês e radicada em Lisboa, Caldas mostra conhecer grandes nomes da cultura britânica, tais como Pope, Robinson, Swift e Newton<sup>127</sup> (v. 12 a 19).

Aos críticos do autor da *Viola de Lereno* agrada de citar, em tom de velado desprestígio, uma quadra em que ele faz um paralelo entre a Sra. O’Neill, um Cisne do Tamisa, e ele próprio, o Brasileiro Papagaio. A tendência desses críticos é subestimar essa ave tão valorizada fora do Brasil pela beleza de suas penas coloridas e por sua capacidade única de imitar a voz humana. Assim, o Poeta observa que não se ouve a voz do Cisne britânico mas a do garboso Papagaio do Brasil, que não é um pardaleco mas um pássaro altaneiro, sugerindo com isso o valor que ele próprio se atribuía.

Não é do Tamisa um Cisne,  
Que vai soltar doce canto,  
Brasileiro Papagaio  
De arremedo a voz levanta (v. 23 a 26)

Caldas arrola várias definições poéticas de saudade, “filha de cruel ausência” que se nutre de ternas lembranças, desejos e esperanças, mencionando também a saudade que sentem os que estão ligados pelo amor ou pela amizade. Conclui com manifestações de encanto e sedução tão característicos dos poemas da *Viola*, ao afirmar que, sem o saber, por ser tão amada e admirada, a O’Neill terá ela própria causado muita saudade:

<sup>126</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1793). Ver: *Musa, basta de silêncio*, Anexo 1.

<sup>127</sup> Ver no Índice onomástico os nomes citados.

Basta, Senhora: já sabes,  
 Qu'enfim saudade só é  
 O sentimento que um sofre,  
 Quando o que estima não vê:

Tu qu'onde quer qu'apareces,  
 Causas Amor, e Amizade,  
 Terás dado (eu não duvido)  
 Motivo a muita saudade. (v. 99 a 106).

São dez os poemas cujo tema é amor propriamente dito dos quais, apenas três não citam os nomes das suas musas inspiradoras.

A Arminda, até hoje não identificada, são dedicados três poemas. No soneto “Todos querem saber quem seja Arminda”<sup>128</sup>, Caldas Barbosa mostra a sua intenção de esconder ciosamente a identidade da sua musa, afirmando:

Talvez piedade o meu segredo seja;  
 Eu não lhe mostro Arminda, que não quero,  
 Qu'eles morram de Amor, elas de inveja. (v. 12-14)

No soneto “De uma gruta no seio cavernoso”<sup>129</sup> Caldas insiste na afirmação do seu grande afeto por essa musa, como se pode depreender do abandono de tudo para estar na sua companhia:

Acorda alegre o pescador; já vedes,  
 Que por sonhados bens da formosura,  
 Deixa o certo descanso, o barco, as redes. (v. 12-14)

E, finalmente, em “Se eu vejo o forte, o impávido Tebano”<sup>130</sup> confessa estar irremediavelmente preso a Arminda pois:

Não há que resistir, pobres amantes,  
 Porque contra o poder do Deus vendado,  
 Nem d'Hércules as forças são bastantes. (v. 12-14)

O fato de Caldas Barbosa ter dirigido suas duas artes poéticas a Arminda<sup>131</sup> permite concluir que ela terá sido uma das musas mais queridas e supor que fosse alguma das senhoras de seu círculo de convivência, provavelmente uma bela poetisa. Nesse caso, estariam D. Joana Isabel de Lencastre Forjaz (c. 1745 -?), ou a Marquesa de Alorna (1750-1839) ou, ainda, D. Maria José de Meneses, Condessa de Soure, a quem chamavam de Márcia Bela.

Seguem-se outros três sonetos com tema amoroso e uma Carta em versos em que Caldas Barbosa cita os nomes de outras de suas musas inspiradoras: Tirce, Diana, Bela Márcia e Anfriza.

<sup>128</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1793). Ver: *Todos querem saber quem seja Arminda*, Anexo 1.

<sup>129</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1793). Ver: *De uma gruta no seio cavernoso*, Anexo 1.

<sup>130</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1793). Ver: *Se eu vejo o forte, o impávido Tebano*, Anexo 1.

<sup>131</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1793). Ver: *As duas Cartas a Arminda*, p. 39.

Para Tirce, que morava na outra banda do Tejo, o Poeta compõe um soneto<sup>132</sup> em que descreve todos os esforços que faz para cruzar o rio, pois o barco encalhara e só mesmo com a chegada da maré alta pode realizar o seu intento. Conclui o soneto com um provérbio, como era de uso em alguns poemas de sua época:

Só chegando a maré se põe em nado,  
E deste próprio exemplo é qu'eu resumo,  
Que sem ocasião, tudo é baldado.

No soneto que dedica a Diana<sup>133</sup>, ela surge como a amada orgulhosa que despreza a admiração do poeta, castigando-o pelo simples fato de ser objeto de seu amor. Entristecido com isso, ele recrimina a sua amada que, ao invés de castigá-lo, deveria antes cuidar de não o seduzir com a sua formosura:

Para ver o seu gênio satisfeito,  
Castigue a sua mesma formosura,  
Castigue a causa, não castigue o efeito.

À Bela Márcia Caldas Barbosa dedica um soneto<sup>134</sup> em que menciona várias flores ligadas à vida e à morte: perpétua (ou amaranto), cipreste, mangerona, murta. O alecrim, entretanto, é como o amor, fenece rapidamente mas a Bela Márcia<sup>135</sup> decidira que haveria de viver sempre no peito amante do Poeta.

Fazendo uso de sextilhas em decassílabo na “Carta a Frondelio”<sup>136</sup> o Poeta a apresenta Anfriza, outra das musas inspiradoras e relata que mais uma vez se vê preso nas malhas da rede lançada por Amor, pois acabava de perder Livia e já este lhe trazia Anfriza. Receoso de perder também esta amada, busca consolo com Frondelio a quem confessa seus temores:

Não peço a Amor me solte, não, só peço  
Que conserve o meu bem sempre segura,  
    Qu'eu muito bem conheço  
Como é vária, inconstante a formosura,  
    E entre imensos rivais  
Temo a Fortuna, e não o amor dos mais. (v. 30 a 35)

Em apenas um dos sonetos com tema amoroso<sup>137</sup>, o nome da musa inspiradora não é citado pois, ao contrário das demais, esta é cruel e dura:

<sup>132</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1793). Ver: *A Cabana de Tirce, qu'eu respeito*, Anexo 1.

<sup>133</sup> Idem (1793). Ver: *Arde em raivas Diana, eu o conheço*, Anexo 1.

<sup>134</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1793). Ver: *De mirradas Perpétuas* amarela, Anexo 1.

<sup>135</sup> O pseudônimo Márcia Bela foi muito usado na época e pertencia à D. Maria José de Meneses, Condessa de Soure. É provável que Caldas Barbosa o tenha invertido por se referir a outra pessoa.

<sup>136</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1793). Ver: *Enquanto à sombra dos nodosos freixos*, Anexo 1.

<sup>137</sup> Idem (1793). Ver: *Não vês, cruel, o Cedro corpolento*, Anexo 1.

Se a ti o pensamento ora levanto,  
Vejo que mais resistes, qu'és mais dura  
Qu' o tronco, e a pedra te dão espanto:

Em “Canção”<sup>138</sup>, Caldas Barbosa alude ao ambiente pastoril tão em voga na época, relatando a história do pastor que, depois de conquistar muitas pastoras, desiste da carreira de sedutor contumaz ao sucumbir a Amor e prender o seu coração a uma única pastora. Observamos a delicadeza do Poeta na apresentação de suas ideias e imagens.

Qual enxame de abelhas sussurrando  
Entre as mimosas flores,  
Vejo voar o bando,  
Lindo bando, de alígeros Amores:  
Poisam na areia as brancas asas fecham  
Arcos, e aljava sobre a praia deixam. (v. 1 a 6)

O Poeta usa sextilhas e alterna versos decassílabos e hexassílabos, emprestando ao poema o ritmo sugerido pelo título, como se fora cantado. Horácio enfatizava a correlação entre poesia e música, característica que, em Caldas Barbosa, se manifesta através dos temas e das variações métricas e estróficas de seus poemas. “Canção” constitui um exemplo, assim como “Epitalâmio” e as redondilhas da *Viola de Lerenó*.

No poema d'amor “Tempestade”<sup>139</sup>, apresenta com traços fortes um rigoroso inverno ocorrido próximo ao rio Lima, no Minho, onde o Poeta teria vivido os primeiros momentos após a notícia da morte de seu pai por volta de 1794. Depois de envolver o leitor no quadro de furiosa tormenta, apresenta o aconchego da choça de Corina, onde vem pousar “Um alígero bando de Amorinhos”, pois é ela que, melhor que qualquer pastora, sabe abrigar amores (v. 43 a 49). O Poeta usa de grande delicadeza ao descrever as graças de Corina, seus “belos olhos”, os terníssimos gemidos do Poeta “A qual ditoso toca / Ir recolher-se na engraçada boca” ou a seu níveo peito em que “Sobem e descem dois gelados orbes”. Termina o poema com uma nota de graciosa sensualidade. Guiado pelo seu mais íntimo desejo, diz, sem dizer, onde teria ido perder-se aquele amorinho tão seu. Ao deixar dúbia a sua intenção, usa da mesma estratégia dos lundus que têm sentido duplo, como vários da *Viola de Lerenó*<sup>140</sup>.

Mas um, que no meu peito eu sempre abrigo,  
Que eu nutro sempre, e vive, e está comigo.  
Sentindo o sussurrar dos companheiros,  
Do coração aos olhos se me assoma,  
Rápido vôo toma:  
Meu desejo atrevido é quem o guia.  
Gira Corina em roda,

<sup>138</sup> Ibidem (1793). Ver: *Qual enxame de abelhas sussurrando*, Anexo 1.

<sup>139</sup> Idem (1793). Ver: *O torvo inverno sobre pardas nuvens*, Anexo A.

<sup>140</sup> “Amor comigo é tirano / Mostra-me um modo bem cru, / Tem-me mexido as entranhas / Qu'estou todo feito angü.”, “Lundum de Cantigas Vagas”, *Viola de Lerenó*, Barbosa, Domingos Caldas (1980 : 238)

Desde a cabeça até os pés lhe desce  
 Guiado do desejo  
 Escondeu-se, ocultou-se, eu não o vejo. (v. 65 a 74)

São nove os poemas que apresentam referências autobiográficas, permitindo que se siga uma linha cronológica bastante acurada a partir das referências presentes nos seus versos. Dois sonetos, publicados lado a lado, tratam do nascimento de Caldas Barbosa, um tema recorrente<sup>141</sup> na sua obra e que nos deixa entrever quão amargas seriam suas únicas lembranças de infância.

Em “Negras noturnas aves agoiraram”<sup>142</sup> ele faz menção ao “funesto, malfadado dia” em que nasceu e em que se viu nos braços das desgraças que só não lhe roubaram um único bem - a amizade - numa provável referência aos Vasconcelos e Sousa e a seus amigos poetas.

Negras noturnas aves agoiraram  
 Este funesto, malfadado dia;  
 Dia em qu’a triste idade principia  
 De um triste, qu’as Desgraças bafejaram: (v. 1 a 4)

Mágoas, desgostos, marcam minha idade,  
 Mas esqueceu à minha má Ventura,  
 Tirar-me o refrigério da amizade. (v. 12 a 14)

Também no soneto “Neste Dia fatal, infausto Dia”<sup>143</sup>, Caldas refere o dia em que vem ao mundo, frisando, contudo, ter sido embalado pelas musas e destinado a servir Melpômene, a deusa da poesia, numa alusão à sua inata verve poética. O momento de seu nascimento, portanto, constitui um marco tão importante quanto doloroso para o Poeta e traz-lhe sempre tristes recordações. Talvez se possa dizer que a memória de sua mãe fique vagamente subentendida na dor causada por sua ausência.

Ah! Nascestes infeliz, e em vão te cansas;  
 Lereno, já teu fado estava escrito,  
 Serão teu maior bem vãs esperanças  
 Neste Dia fatal, infausto Dia,

Nasceu ao Mundo mais um desgraçado;  
 E bem, que pelas Musas embalado,  
 Só para Melpômene é que nascia;

<sup>141</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1980 : 35) Este tema também está patente no poema *Lereno melancólico*, incluído na *Viola de Lereno*, . Sua melodia é considerada da autoria de Joaquim Manoel Gago da Câmara. *20 Modinhas Portuguezas par Joaquim Manoel da Camera, notées et arrangées avec acct. de pf par Sigismund Neukomm*, nº 9, manuscrito autógrafo, B.N. de France. Ver: Registros em CDs. Sawaya, Luiza, Pedro Persone, *20 Modinhas* (1998 : Faixa 9)

<sup>142</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1793). Ver: *Negras noturnas aves agoiraram*, Anexo 1.

<sup>143</sup> Idem (1793). Ver: *Neste Dia fatal, infausto dia*, Anexo 1.

Outros três sonetos, publicados em sequência, parecem relatar os acontecimentos e o estado de espírito do Poeta no momento da perda de seu pai por volta de 1764. Todas as expectativas de uma carreira de estudante despreocupado desmoronam ao ficar inesperadamente desamparado e sem meios de subsistência. Em “Escurece-se o ar, troa em redondo”<sup>144</sup>, Caldas apresenta-se apanhado de surpresa pelos acontecimentos, sucumbindo a uma violenta tempestade semelhante àquela que lhe vai na alma, em plena mocidade, abalada pelo “peso enorme da cansada vida”, ainda maior que o da própria morte.

Cintas de fogo o Horizonte esmaltam,  
Tortos corifeus<sup>145</sup> d’entre as nuvens saltam,  
O raio os ares rasga em rouco estrondo:

Qu’a u’a alma de desgostos combatida,  
Muito mais qu’o morrer, muito mais custa  
O peso enorme da cansada vida.

Em “Mirradas pernas, e mirrados braços”<sup>146</sup> o Poeta já se encontra em completo estado de miséria, enfraquecido pela fome, mal podendo andar, minado pela fraqueza, tentando esquivar-se da morte que as Parcas lhe deixam entrever. Segue combatido, sem saúde, sem dinheiro e triste.

Mirradas pernas, e mirrados braços;  
Tortas bocas, e esquálidas figuras,  
Perdidas da beleza as cores puras,  
Os olhos vivos se tornaram baços:

Já não pode reger aquele os passos,  
Esta não pode as mãos erguer seguras,  
Assim vem a esquivar-se às sepulturas,  
Qu’a Parca lhe mostrou entre ameaços:

Finalmente, em “Eu vivo ainda, ó Ínclita Lisboa”<sup>147</sup> Caldas encontra-se já em Lisboa, provavelmente vindo do Minho, onde estava no momento da morte de seu pai. Dirigindo-se à ínclita cidade, afirma que ainda vive em extrema pobreza e que seus dias se desenrolam sob a constante ameaça das Parcas.

Eu vivo ainda, ó Ínclita Lisboa,  
Meus dias volve ainda o fatal fuso,  
E as hórridas Irmãs<sup>148</sup> os tem escuso  
À tesoura fatal, que perto soa.

<sup>144</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1793). Ver: *Escurece-se o ar, troa em redondo*, Anexo 1.

<sup>145</sup> **Corifeu:** Mestre do coro na tragédia e comédia antigas o qual exercia a função de principal representante do povo e de intermediário entre os coreutas (cada um dos membros do coro do teatro clássico) e as personagens principais. Em sentido figurado, pode se referir a mestres que orquestravam a tempestade a exemplo dos coros do teatro clássico.

<sup>146</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1793). Ver: *Mirradas pernas, e mirrados braços*, Anexo 1.

<sup>147</sup> Idem (1793). Ver: *Eu vivo ainda, ó Ínclita Lisboa*, Anexo 1.

<sup>148</sup> **Fatal fuso / hórridas irmãs:** alusão às três irmãs Parcas\* Ver: Índice das referências mitológicas citadas, Anexo 1.

A Idade, qu'entre mil desastres voa,  
 Leva meus anos a um montão confuso,  
 E em triste conta vai marcar por uso,  
 Com branca pedra os dias qu'amontoa:

Eu vivo ainda: o tempo em qu'o Céu some  
 A conta dos meus dias, não tem marca,  
 Ou enganou-se a sorte com meu nome:

Nem comigo terá trabalho a Parca;  
 Porque eu hei-de finar-me às mãos da Fome,  
 Sem ter no Letes com que pague a barca.

Estes três sonetos devem ter sido escritos no período compreendido entre a morte do pai de Caldas Barbosa, no final de 1764, e o período que antecede à guarida dos irmãos Vasconcelos e Sousa, ocorrida depois do casamento de D. Antônio Vasconcelos e Sousa com D. Mariana de Assis Mascarenhas, em 1777.

Os poemas “Desafogo do estro”<sup>149</sup> e “Memorial”<sup>150</sup> contêm inúmeras referências autobiográficas e, embora o primeiro não esteja atribuído, pode-se comprovar sua autoria através de referências nele feitas ao pseudônimo de Caldas Barbosa. Publicados, respectivamente, nos tomos I e II do *Almanak das Musas*, ambos se reportam a Armânia - nome arcádico de D. Mariana Assis Mascarenhas - em busca de apoio para a obtenção do benefício que permitiu a independência financeira de Caldas Barbosa<sup>151</sup>.

Em “Desafogo do estro” o Poeta usa de um subterfúgio, inscrevendo o seu pedido na fantasia de um sonho que aponta o desprezo injusto que lhe é votado pelo fato de os seus poemas serem alegres e espontâneos, além de apresentarem repetidos elogios aos grandes heróis que enumera a seguir:

Ó triste sorte do infeliz Lerenó.  
 Porqu'ajusta co'a lira alegres versos,  
 Qu'o louvor dos Heróis alçam às nuvens,  
 Ou com as graças entre as Ninfas brincam,  
 É esta a culpa infanda, é este o crime: (v. 62 a 67)

Compara-se a Camões, expoente máximo da poesia portuguesa, descrito de forma vívida, demonstrando que o ofício do verso só traz a desgraça:

Qu'è isto? Ó Céus! Desmaio: espectro novo!  
 Gorro emplumado o rosto seu me oculta:  
 Pende dos ombros remendada capa,  
 Já com poucos botões prende o justilho,

<sup>149</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1793). Ver: *Já fatigado de forçar vãmente*, Anexo 1.

<sup>150</sup> Idem (1793). Ver: *Já que te chega a ventura*, Anexo 1.

<sup>151</sup> Este poema deve ter sido escrito ainda antes de 11/JUL/1787, data em que D. Maria I\* assinou o alvará que concedeu a Caldas Barbosa a mercê de um Benefício pelo qual passaria a receber o estipêndio almejado que lhe dava independência financeira.

Ata-lhe velha fita as fofas calças,  
 Rotos pantufos, mal cerzidas meias  
 Qu'ê isto? O sangue ferve-me nas veias.

Uma espada, sobraça, longa, e larga,  
 E pende-lhe à direita a aguda adaga:  
 Pede em suja escudela o seu sustento,  
 E enquanto espera a prometida esmola,  
 Do hirsuto peito tira, e desenrola  
 Grosso volume em que ateimado escreve,  
*As armas, o os varões assinalados,*  
 Ó versos tristes, versos desgraçados: (v. 91 a 106)

Em “Memorial” Caldas Barbosa torna-se mais incisivo e chega a exigir que Armânia lhe obtenha o almejado benefício o que leva a pensar ter atingido o limite de sua paciência. Pode-se por isto supor que este poema seja posterior a “Desafogo”. Nele, o Poeta menciona a figura do pai (v. 18 a 22), a vinda para Portugal e a orfandade inesperada que o deixou desamparado (v. 56 a 67). Alude ao que chama de “infeliz talento” (v. 68) que de nada vale para o seu sustento.

Vates vivem na pobreza  
 Pois do estro o atrevimento  
 Tudo, parece, despreza.  
 Mas eu nisso vou com tento:  
 Pois sei por triste certeza  
 Que se não vive do vento,  
 E versos não fartam mesa. (v. 71 a 77)

Menciona a proteção de D. Antônio Vasconcelos e Sousa e de D. Mariana ao indicar que

Alguém à sombra me há posto  
 Da sua própria ventura,  
 E me escuda ao vil desgosto  
 Que me arroja à sorte dura: (v. 89 a 91)

No fecho do poema, exige que Armânia faça cumprir sem demora a promessa de lhe darem um benefício, não aceitando qualquer recusa de sua parte. A veemente insistência de Caldas Barbosa junto a D. Maria Rita, Condessa de Pombeiro, é claramente indicativa da preocupação do Poeta em se desvencilhar da dependência em que vivia sob a proteção da Família Vasconcelos e Sousa, Sousa, demonstrando com isso não ser um parasita mas um homem de brio.

Que se cumpra esta promessa,  
 Que me fez bens esperar,  
 Parece justo, que eu peça  
 E justo não é escusar.  
 Mereça, Armânia, mereça,  
 Queiras meu caso advogar,  
 E seja com toda a pressa  
 Qu'ê meu contrário o vagar.  
 A Petição apareça

Faze-a ler, faze-a tomar  
Um lugar, que nunca esqueça:  
Tu sempre me hás de lembrar.<sup>152</sup> (v. 122 a 133)

Em “Basta de Amores, minha Musa, basta”<sup>153</sup>, o aparecimento de cabelos brancos leva Caldas a expressar o desejo de pôr fim aos “Loucos dias de amar” (v. 4) ao mesmo tempo em que alude ao fato de se ver finalmente de posse do benefício concedido por alvará de D. Maria I, em 1787, estipêndio que o libertou dos grilhões que o prendiam à dependência financeira. Nesse caso, o soneto teria sido composto depois dessa data, quando o poeta estaria próximo dos seus 50 anos, já considerado idoso na sua época. A idade, entretanto, não o impedia de fazer versos o que o leva a pedir à Musa:

Mas não me prives das mimosas flores,  
Com que a velhice desta lira iludes,  
Quando emparelha à de louçãos cantores:

Preciso agora mais, que tu me ajudes:  
Se eu deixo de cantar graças, e Amores,  
Subo mais alto, e voa cantar virtudes.<sup>154</sup>

No *Almanak das Musas* a “Epístola a Belmiro Transtagano”<sup>155</sup> não está assinada mas a autoria de Caldas<sup>156</sup> pode ser sustentada com base no seu assunto, que era da maior importância para o escritor. A sua escrita datará provavelmente do auge das desavenças entre os poetas da Academia de Belas Letras e Bocage, isto é, do ano de 1794, quando foram interrompidas as reuniões realizadas no apartamento ocupado por Caldas Barbosa no Palácio de Pombeiro. Bocage foi especialmente impiedoso em relação a Belmiro Transtagano e a Lerenó ao contrário de Caldas Barbosa que, dando provas de seu carácter conciliador, aconselha Belmiro (pseudônimo de Belchior Curvo de Semedo) a não replicar às invectivas de seu inimigo:

Eis aqui, meu Belmiro, o que tu deves  
Obrar embora como prudente, e sábio.  
Deixa chover mil Sátiras infames;  
Que a justa imparcial Posteridade  
Lerá os Versos teus cheia de assombro.

<sup>152</sup> A veemente insistência de Caldas Barbosa em pedir, tanto ao Rei quanto a Armânia, uma mercê sob forma de benefício é claramente indicativa da preocupação do Poeta em se desvencilhar da dependência em que vivia sob a proteção da Família Vasconcelos e Sousa.

<sup>153</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1793). Ver: *Basta de Amores, minha Musa, basta*, Anexo 1.

<sup>154</sup> **Cantar virtudes:** se de fato escreveu este poema por volta dos 47 anos, idade considerada avançada para sua época, o Poeta se obriga a mudar o tema de seus versos: abandona os amores e passa a cultivar as *mimosas flores* que são as *virtudes*.

<sup>155</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1793). Ver: *Caro Belmiro, meu prezado amigo*, Anexo A.

<sup>156</sup> Castilho, José Feliciano de (1867 : 50) José Feliciano de Castilho também é de opinião de que esta *Epístola* é de autoria de Caldas Barbosa.

E em vez de abandonares esta Arcádia  
 Como, ingrato Belmiro, projetavas,  
 De mãos dadas c'os teus fiéis Alunos,  
 Que te estimam, que te amam, que te adoram,  
 Façamos que ela venha a ser olhada  
 Com respeito dos Povos do Universo. (v. 56 a 66)

O poema menciona também a fundação da Academia de Belas Letras por Francisco Bingre, Curvo de Semedo e Joaquim Severino Ferraz de Campos<sup>157</sup> por volta de 1790.

### 2.3.3. Poemas de circunstância

No âmbito do Arcadismo, a poesia de circunstância constitui uma vertente em que os preceitos teóricos tenderam a tolher a expressão individual dos escritores, levando-os a uma subserviência indiscriminada às regras vigentes. Segundo a estudiosa Lênia Mongelli, o século XVIII foi um dos períodos mais estereotipados da história literária pois a repetição das normas foi levada ao extremo, tendo sido empregadas em detrimento da inspiração e dos sentimentos pessoais. Sobre a poesia de circunstância refere que

[além disto] o caráter elevado que Aristóteles e todos os seus continuadores [...] atribuíram à Poesia corrompeu-se num oceano de trivialidades, sendo o fator particular registrado de seu ângulo superficial e transitório. [...] Faltou-lhes o “engenho” para que sua “arte” realizasse a difícil poesia da “circunstancialidade filosófica”, maneira da verossimilhança aristotélica transsubstanciar superiormente a realidade.<sup>158</sup>

A poesia áulica é construída com vistas à declamação em momentos solenes, tratando-se de uma composição de caráter entusiástico e festivo desde a sua origem entre os gregos. O “oceano de trivialidades” referido pela investigadora, embora verdadeiro em muitos casos, oferece entretanto, momentos de interesse que demonstram as transformações da Poética do século XVIII.

Como era usual entre seus contemporâneos, Lerenó não se furtou a realizar poemas de circunstância, introduzindo um caráter pessoal em seus versos sobre o assunto ao apoiar-se nas orientações estéticas de sua época. De fato, a tradição da poesia de encômio da Antiguidade Clássica será modificada no século XVIII pois

representa uma particularização significativa do discurso laudatório clássico, [...] à medida que o século XVIII caminha para o seu fim e que forem a florando, cada vez mais, tentativas de expressões de raiz mais subjetivas e, com elas, a eclosão de manifestações encomiásticas voltadas a interesse cada vez mais particulares.<sup>159</sup>

<sup>157</sup> Ver: Índice onomástico, verbetes dos árcades mencionados.

<sup>158</sup> Mongelli, Lênia Márcia de Medeiros (1985 : 17-20)

<sup>159</sup> Rennó, Adriana de Campos (2005 : 86-87)

Nos dois dos poemas que Caldas Barbosa endereçou ao futuro D. João VI e ao Arcebispo Confessor de D. Maria I, a sua poesia de circunstância pelo fato de se dirigir a membros da alta esfera política é tida por alguns pesquisadores como poesia mecenática. Mecenático será também o poema - não publicado no *Almanak das Musas* – que escreveu especialmente para a inauguração da estátua de D. José I, de acordo com uma tendência contemporânea de que é exemplo *O Uruguay*, dedicado pelo seu contemporâneo e compatriota José Basílio da Gama a Francisco Xavier de Mendonça Furtado, irmão do Marquês de Pombal, cuja obra, entretanto, excede às de seu compatriota em muitos aspectos.

Ao dirigir a maioria de seus poemas encomiásticos aos Vasconcelos e Sousa, seus protetores, Lerenho homenageou diversos membros do núcleo íntimo dessa família, tendo aproveitado, frequentemente as suas datas de nascimento ou de casamento para tecer-lhes elogios.

O soneto dedicado a D. Antonio de Vasconcelos e Sousa<sup>160</sup> - publicado no Tomo I do *Almanak das Musas*, o que lhe dá maior destaque - é a única composição dessa obra dedicada ao segundo Marquês de Castelo Melhor<sup>161</sup> e, tendo sido escrita para festejar o seu natalício, datará certamente do dia 15 de Fevereiro de ano que não é possível fixar com rigor. Sabe-se que Caldas Barbosa viveu pelo menos seis anos na casa de D. Antonio de Vasconcelos e Sousa e que se instalou na de D. José Luís de Vasconcelos e Sousa, após o seu casamento, em 1783, conseqüentemente este poema deverá ter sido escrito entre 1777 e 1783. Trata-se, contudo, de um escrito de menor importância, pois a grande homenagem a D. Antonio terá sido feita para celebrar o seu casamento com D. Mariana de Assis Mascarenhas<sup>162</sup> no poema *Epithalamio*<sup>163</sup>, já citado.

O poema “O Jardim”<sup>164</sup>, dedicado a D. José Luís de Vasconcelos e Sousa, não é assinado por Caldas Barbosa, mas a sua autoria é indubitável, o poeta, além de referir a benevolência do Conde de Pombeiro que lhe oferecera “a doce habitação”, (v. 28), afirma que cantará muitas vezes as ações do seu protetor (v. 22 a 24), o que de facto aconteceu. Também o teor dos últimos versos (v. 208 a 210) permite concluir a autoria do nosso poeta.

É curioso notar que ele escreveu apenas dois poemas em versos soltos, este e “Festas na Real Quinta de Queluz”<sup>165</sup>. Sob a égide de Flora, cria neste poema rico e etéreo cenário para

<sup>160</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1793). Ver: *No Dia, em que teus dias começaram*, Anexo 1.

<sup>161</sup> Um dos títulos de Antonio José de Vasconcelos e Sousa Câmara Caminha Faro e Veiga (1738 – 1801). Ver: Índice onomástico, Vasconcelos e Sousa, Antônio.

<sup>162</sup> Casaram-se em 29 de Novembro de 1777, na igreja de Santos-o-Velho, em Lisboa.

<sup>163</sup> *Epithalamio* à p. 74 desta Dissertação.

<sup>164</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1793). Ver: *À fresca sombra dum cerrado bosque*, Anexo 1.

<sup>165</sup> Idem (1793). Ver: *Pois chega a Moda ao Pindo, eu sigo a Moda*, Anexo 1.

enaltecer o benfeitor que lhe dá morada. Levado no carro de Flora, cercada de zéfiros perfumados, antevê em sonho o futuro do conde de Pombeiro. Seu intento encomiástico obedece a uma ordem da deusa:

Não consintas, ó Vate, não consintas,  
Que às letárgicas ondas sonolentas  
Entregue fique deste Herói preclaro  
A doce habitação, que me dedica. (v. 28 a 31)

Faz uso de diversas figuras mitológicas que vêm enobrecer o passeio do Poeta por regiões onde só habitam os deuses. Estas alusões nos permitem avaliar o seu conhecimento, sobretudo quando vai buscar referências a elementos pouco comuns. É o caso de citar Plutão, mais frequentemente conhecido como deus do inferno. Sua proteção à agricultura é pouco lembrada, mas Caldas Barbosa aqui vincula “Plutão soberbo” ao mito de Proserpina<sup>166</sup> sua mulher que, ao lado de sua mãe Ceres, traz a Primavera. Provavelmente será esta a razão de retratá-lo reclinado em “férreo bidente”, uma rústica ferramenta agrícola ainda usada em nossos dias (v. 79-80)<sup>167</sup>.

O recurso ao sonho serve para idealizar a realidade pois o Conde de Pombeiro, homem de leis, é de fato aquele que lança “a vista sobre abertos livros, / Que sisudo entre as mãos sustem” (v. 172-173) e que no Reino é o

Sábio Ministro, liberal, e justo,  
Da mão Augusta recebendo as ordens;  
E ao público sossego as Leis ditando; (v. 183 a 185)

O Poeta apressa-se e “afina a grata Lira” para registrar o nome do ilustre Conde:

Enquanto d’alvas Ninfas rodeada,  
Pelos nodosos troncos dos loureiros,  
Em mil sublimes versos entalhado  
De Vasconcelos deixo o nome ilustre.” (v. 194 a 197)

Lereno espera raiar o dia de consagração de D. José Luís, quando antevê a sua própria glória e procura convencer o mundo com seus versos da grandeza de seu protetor

então vaidoso  
Tenteando da Lira as áureas cordas  
Do Sábio, do Famoso Vasconcelos,

<sup>166</sup> Proserpina, filha de Júpiter e de Ceres, foi pedida em casamento por Plutão, deus do inferno. Ao ser recusado, raptou a jovem, levando-a para o seu reino nas profundezas do Terra. Ceres saiu em busca da filha, negando-se a frutificar a terra. Para impedir tal desastre, Jupiter ordenou que Proserpina ficasse sempre em companhia da mãe, passando um terço de sua vida com Plutão, seu esposo, outro terço com ela, a deusa da agricultura, a quem se identifica nos seus deveres de fazer a terra florir e frutificar. Enquanto no inferno, Proserpina representa o inverno e, ao lado da mãe, a primavera.

<sup>167</sup> **Bidente:** ou alvião ou sachola, instrumento rústico de trabalhar a terra. Tem de um lado a forma de uma enxada e, do outro, uma ponta como picareta que serve para arrancar pedras, raízes ou batatas. Ver: *À fresca sombra dum cerrado bosque*, Anexo A. v. 81.

Alegre cantarei o Nome Ilustre  
 O largo mundo atenderá meu canto,  
 E de louros cingida minha fronte  
 Levantarei acima das Estrelas. (v. 207 a 210)

O poema “No dia em que os Poetas Amigos de Lerenó o ajudaram a louvar o Benigníssimo Benfeitor”<sup>168</sup> está assinado com o apodo de Beneficiado, o que nos induz a crer que Caldas o tenha composto depois de 1787, data em que recebeu essa mercê por alvará de D. Maria I. O que não invalida a hipótese de tê-lo escrito apenas em 1794, no momento da publicação da Parte 4 do *Almanak das Musas*, quando estaria profundamente sedimentada a sua amizade com os poetas da Academia de Belas Letras. Segundo Roberto de Oliveira Brandão, era norma arcádica que os poetas vestissem “a capa da humildade retórica”, atestando com modéstia a sua incapacidade de louvar o seu Protetor<sup>169</sup>. Por este motivo, Lerenó invoca não só o auxílio dos poetas seus amigos como o de outras Camenas.<sup>170</sup>

Na mesma composição, Caldas solicita a D. Maria Rita (pseudônimo Amira), mulher do Conde de Pombeiro, que venha inspirá-lo com sua beleza e suas virtudes, cujo exemplo as musas guardam no templo da memória (v. 13 a 32). Enaltece os antepassados de D. José Luís, figuras emblemáticas a quem a Nação tanto deve. O primeiro exemplo recai sobre seu próprio pai<sup>171</sup>, protetor dos poetas pois, antes dele como afirma Caldas, “o Parnaso era mendigo” (v. 62 a 64). Aponta um sem número de elogios às qualidades pessoais de D. José Luís, por sua dedicação à família, sua bondade, suas virtudes, atitudes benfazejas junto às pessoas, aspectos de que é testemunha o próprio Poeta:

Eu mesmo, eu sou exemplo,  
 Ouvem-me em roda gratos companheiros,  
 Respiramos aqui uma aura pura,  
 José venceu a nossa má ventura.

A gratidão no peito me bafeja,  
 Um fogo ativo que a meus hinos cresta,  
 As asas com qu’ao Céu subir forcejam,  
     Em vão fracos adejam,  
 Rojo na Terra: não, não posso tanto,  
 Vates amigos, ajudai meu Canto. (v. 98 a 107)

<sup>168</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1793). Ver: *Estes vates, os sonoros vates*, Anexo A.

<sup>169</sup> Brandão, Roberto de Oliveira (2000 : 50-51)

<sup>170</sup> **Vates amigos de Lerenó**: os arcades da Nova Arcádia amigos de Caldas Barbosa eram: Francisco Joaquim Bingre, Belchior Manoel Curvo de Semedo Torres de Sequeira, D. Francisco Xavier de Meneses (4º Conde da Ericeira), João Baptista de Lara, Joaquim Franco de Araújo Freire Barbosa, José Agostinho de Macedo, José Thomaz da Silva Quintanilha, Ignácio da Costa Quintanilha, Luis Corrêa da França Amaral, André da Ponte do Quental e Jerônimo Martins da Costa.

<sup>171</sup> José de Caminha Vasconcelos e Souza, 4º Conde e 1º Marquês de Castello Melhor, (1706 – 1769).

São quatro os poemas dedicados a D. Maria Rita<sup>172</sup>: dois sonetos e duas quintilhas que celebram o seu aniversário e o primeiro aniversário de seu primogênito. O soneto “No Dia dos Anos da Ilma. E Exma. Sra. Condessa de Pombeiro”<sup>173</sup> foi composto provavelmente no dia 5 de Abril, data do nascimento de D. Maria Rita, não sendo possível precisar o ano. Como Caldas Barbosa ter-se-á mudado para a residência da homenageada logo após o seu casamento com o Conde de Pombeiro em 1783, é possível que tenha estreado os seus elogios a D. Maria Rita nessa época. Louva-lhe as graças conferidas pela Natureza que

Co’as virtudes, co’as graças de mãos dadas,  
Em ti formou raríssima beleza,  
Que vence as outras tanto exageradas:

Mas qual será da Terra inda a pobreza,  
Se outras belas não vem por ti moldadas,  
Q’o molde quebrou-o a Natureza.

Noutro soneto<sup>174</sup> a ela dedicado - inserido como o anterior no Tomo I, Parte 1 do *Almanak das Musa* e estampado logo a seguir a ele - o título e o fato de se lhe seguir apontam para a hipótese de ter sido escrito em data posterior. Como o seu texto refere a “linda Prole”, provavelmente D. Maria Rita já teria dado à luz o seu primogênito, nascido em 1785. No primeiro soneto, Lerenó apenas ressaltara virtudes e graças, aspectos visíveis, enquanto neste deixa transparecer que a presença do amor frutificou, fazendo supor que de fato teria sido de fato escrito depois do nascimento de D. Antônio Maria.

Enfeitam Graças a formosa trança,  
Aviva Amor o Gesto gracioso,  
E o casto pejo o torna mais formoso,  
Quando mais rosas sobre a neve lança.

Foste de Ilustres Pais, doce esperança,  
És a consolação do Ilustre Esposo;  
À linda Prole, exemplo precioso,  
És dos servos fiéis a segurança.

Em contrapartida, não é possível identificar o ano em que foram escritas as quintilhas<sup>175</sup> que Caldas dedicou a D. Maria Rita, provavelmente no dia 5 de Abril, data do seu nascimento. Nelas, o Poeta demonstra o quanto lhe é devedor, afirmando que seu coração “traz agradecimento / Por câmbio de gratidão” (v. 53-55), pois a Condessa sempre o honrara ao ouvir seus versos com interesse e dar alento à sua desventura (v. 66 -70). Faltando-lhe o estro, só lhe deseja o maior bem: a própria vida.

<sup>172</sup> Ver: Índice onomástico, **Condessa de Pombeiro**.

<sup>173</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1793). Ver: *Cansada a natureza, em preguiçosa*, Anexo 1.

<sup>174</sup> Idem (1793). Ver: *Enfeitam Graças a formosa trança*, Anexo 1.

<sup>175</sup> Ibidem (1793). Ver: *À Hoje é dia de oblação*, Anexo 1.

Nega-me o Céu cabedais,  
Qual seja a razão não sei;  
Porém como vós vivais;  
Mais nada ao Céu pedirei:  
Vivei, não desejo mais. (v. 106-110)

Noutras quintilhas<sup>176</sup>, oferecidas a mesma dama no dia em que completou ano o seu primeiro filho completou um ano, dirige-se à sua protetora, exaltando a

Bela Mãe de filhos belos  
A quem os Fados põem francos  
Seus tesouros para havê-los,  
Unindo a Castelos-Brancos,<sup>177</sup>  
A Estirpe de Vasconcelos. (v. 1 a 5)

Há indícios claros de que Caldas é o autor do poema, não só porque era o poeta oficial da família Vasconcelos, mas também porque nunca deixava de celebrar em versos momentos festivos como o do primeiro aniversário do primogênito dos Pombeiro. O subtítulo deste poema - “Estes versos foram postos diante de Sua Excelência nas mãos de uma figura de um pobre” - indica uma tradição em uso na época: lançar mão de um pobre, ou do próprio poeta assim travestido, para participar dessas ocasiões, provavelmente para estabelecer o contraste com a riqueza dos que o recebiam, movidos por um gesto de caridade.

Senhora, não te soçobres  
Essa ao teu Antonio entrega,  
E cuido que lhe descobres  
Que um pobre já se lhe chega,  
Porque nasceu para os Pobres. (v. 26 a 30)

Lereno aproveita o ensejo para referir os Grandes das respectivas genealogias de D. Maria Rita: os Castelo-Branco, os Correia e os Cunha, ao lado dos Vasconcelos e Sousa (v. 66 a 75). Se seus versos eram encomiásticos, seus elogios e expressões de gratidão continham, entretanto, alguma sinceridade.

Também para D. Antonio Maria escreveu Caldas Barbosa alguns poemas. Nas quintilhas<sup>178</sup> feitas para o dia “em que completou anos o Primogênito<sup>179</sup> dos Ilustríssimos, e Excelentíssimos Senhores Condes de Pombeiro”, o nosso Poeta veste novamente “a capa da humildade retórica”<sup>180</sup> ao incluir no texto mais uma vez a alusão a “um despido pobre” e aproveita para falar ao sucessor dos Pombeiro sobre os Grandes de sua Casa. Insere inúmeras notas referentes aos nomes mais antigos dos Castelo-Branco e dos Castelo-Melhor (v. 25 a

<sup>176</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1793). Ver: *Bela Mãe de filhos belos*, Anexo A.

<sup>177</sup> **Unindo a Castelos-Brancos:** O Conde de Pombeiro era Vasconcelos e Sousa e sua mulher, Castelo-Branco.

<sup>178</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1793). Ver: *Se um despido pobre viste*, Anexo 1.

<sup>179</sup> Nasceu a 08/MAR/1785.

<sup>180</sup> Ver nota 170, p. 60.

75), demonstrando o seu conhecimento da genealogia da Família. Não deixa de incluir o Brasil no seu discurso ao citar D. Antonio de Castelo-Branco, oficial da armada, que contribuiu para expulsar os holandeses (v. 65-66).

É curioso apreciar a preocupação de Caldas Barbosa com a educação do menino, herdeiro do título, oferecendo-lhe “um abecedário disposto em dados para aprender brincando” como ele próprio refere em Nota do Autor aposta ao verso 84, pois antevia que D. Antonio seria dedicado às letras e às armas:

Os meus próprios olhos vêm,  
As tuas graças dispostas  
A desempenhar-te bem;  
Vejo que das armas gostas,  
Gosta das letras também. (v. 86 a 90)

Depreende-se dos versos de Lerenó a grande proximidade que gozava no seio da família Vasconcelos e Sousa, seguindo dia a dia os progressos de D. Antonio Maria e percebendo a necessidade que logo teria de aprender a ler. O Poeta alude ainda ao fato de muitas vezes trazer nos braços essa criança (v. 124-125), antecipando o futuro ao pedir auxílio a D. Antonio Maria:

Sede arrimo, e dai a mão  
Aos que como eu envelhecem. (v. 114-115)

Em tempo, entretanto, lembra-se da advertência do Conde de Pombeiro para que abreviasse seus elogios, o que constitui mais uma prova da sua autoria:

Se me não fora vedado...  
Céus minha boca fechai,  
Não vá eu arrebatado  
Desobedecer ao Pai<sup>181</sup>  
Eu devo admirar calado. (v. 92 a 95)

No poema “Ao Ilmo. E Exmo. Senhor D. Antônio Maria De Castelo-Branco Correa e Cunha, Primogênito dos Ilustríssimos, e Excelentíssimos Senhores Condes de Pombeiro”<sup>182</sup>, à semelhança de outros sem assinatura, a dedicatória, o assunto e ainda a citação do nome de Lerenó (v. 7) indicam a autoria de Caldas Barbosa. Não escrita a propósito de uma data festiva, o poema visa apenas que D. Antonio Maria se acostume desde tenra idade a ouvir os versos de Lerenó -

Deixa qu’a Lira  
Nas mãos eu tome  
E qu’o teu nome

<sup>181</sup> **Nota do Autor** [No original, junto ao verso 94]: *O Excelentíssimo Senhor Conde de Pombeiro tem proibido ao Autor o dar-lhe louvores, quaisquer que eles sejam.* [Esta Nota do Autor constitui mais uma prova de que esta *Quintilha* era da autoria de Domingos Caldas Barbosa, protegido do Conde de Pombeiro.]

<sup>182</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1793). Ver: *Deixa q’a Lira*, Anexo 1.

Possa cantar:  
 Vai-te ensaiando  
 Desde pequeno  
 A ouvir Lerenó  
 Por ti chamar: (v. 1 a 8)

- ao mesmo tempo que incita o menino a seguir o exemplo valoroso de seus antepassados (v. 22-23) que lhe poderão oferecer muitas lições (v. 33 a 40).

Sem que se possa precisar o ano, o poema “Ao Ilustríssimo, e Excelentíssimo Sr. D. Antônio de Castelo Branco Correa e Cunha Vasconcelos e Souza, no dia de seus anos oferecendo-lhe uma Espada, e uma Pena”<sup>183</sup> foi sem dúvida composto para festejar o dia 15 de Fevereiro, data de nascimento do destinatário. É curioso notar que neste como noutros textos o Poeta faz repetidas menções às Letras: alude ao seu ofício, destaca os conhecimentos do Conde de Pombeiro e os de seu pai, José de Caminha Vasconcelos e Sousa, a quem considera protetor das Letras e antes de quem o “Parnaso era mendigo”.<sup>184</sup>

Aceita, Ilustre Menino,  
 Toma a espada, toma a pena  
 Instrumentos que te cumprem  
 Da heróica vida na Cena:  
 Vai-te assim acostumando  
 Ao que te deve servir.  
 Teu nascimento te obriga  
 Tomar uma, e outra cingir: (v. 1 a 8)

Enfatizando a ascendência nobre de D. Antônio Maria, ao citar vários os seus antepassados, Caldas Barbosa demonstra sempre profundo conhecimento da História de Portugal, palco dos atos de heroísmo dos homens dessa família. Serve de exemplo a referência, com a devida explicação em Nota, a um episódio há muito esquecido da conquista de Lisboa aos árabes, ocorrido no Castelo de S. Jorge e do qual Martim Moniz foi o heróico protagonista (v. 38 a 40). Também em Nota do Autor, Caldas Barbosa restaura o nome de “Outro D. Antonio que foi na Armada de socorro ao Brasil”, que não foi possível identificar.<sup>185</sup>

O poema “Bilhete de Boas Festas, e Anos Bons ao Excelentíssimo, e Reverendíssimo Senhor Arcebispo Inquisidor Geral Confessor da Rainha Nossa Senhora”<sup>186</sup> destina-se, como indica o seu título, ao Arcebispo Confessor da Rainha D. Maria, a quem Caldas dá as Boas Festas e faz um pedido, em tom de desalento. Afeito à convivência dos nobres e, revelando um elevado grau de intimidade com esta autoridade de tão alto nível religioso, o Poeta aproveita o momento festivo do Natal de 1787 - mais especificamente o 6 de Janeiro, dia

<sup>183</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1793). Ver: *Deixa qu'a Lira*, Anexo 1.

<sup>184</sup> Ibidem (1793). Ver: *Estes vates, os sonoros vates*, Anexo 1.

<sup>185</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1793). Ver: *Aceita, Ilustre Menino, Notas do Autor*, notas 3 e 5 respectivamente, Anexo 1.

<sup>186</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1793). Ver: *Eis-me a vossos pés prostrado*, Anexo 1.

“Dos donativos dos Reis”, quando então se costumava oferecer presentes -, para pleitear o seu estipêndio, desta vez ao Arcebispo, cuja mão seria “Capaz de mudar meu fado, / E que em piedosa intenção / Me tem beneficiado” (v. 2 a 5). Já começando a vislumbrar a sepultura, a exemplo de Camões, que só “Foi feliz depois de morto” (v. 30), manifesta um desejo simples:

Quisera que a Real Mão,  
Que faz felices as gentes,  
Me tirasse de aflição:  
E enquanto inda tenho dentes  
Me desse da Igreja o Pão. (v. 41 a 45)

Prepara-se para alterar o seu *modus vivendi*, já que seu único pecado terá sido tão-somente o de cantar:

Fora o meu crime cantar,  
Se isso crime pode ser!  
Agora vou-me a mudar  
De cantar para comer,  
A comer para rezar.(v. 41 a 45)

Também expressa o desejo vão de ofertar ouro ao seu destinatário, mas confessa só ter para lhe dar “mirra, e incenso.” (v. 55). Mesmo assim, Caldas recebeu o benefício seis meses depois.

No poema “Ao Muito Alto, E Muito Poderoso Senhor D. João Príncipe do Brasil Nosso Senhor. &c. &c. &c.”<sup>187</sup> Caldas Barbosa é movido, não só pelo intuito de engrandecer aquele príncipe, mas também pela profunda exaltação ao Brasil que menciona em algumas passagens bastante inspiradas. Referindo-se ao Brasil, Lereno traz “verdades sem enfeite, ou arte / Da singela do Mundo última parte”, fazendo-se arauto da homenagem da gente de sua terra ao afirmar que “por mim seu amor tudo lhe ofreça / Quanto possue, e em seu terreno cresça.” (v. 34-35). Garante a D. João o júbilo e lealdade brasileiros ao dizer:

No romoto país da Zona ardente  
Qual júbilo espalhou da Fama o brado?  
Exultou de prazer a baça gente,  
De quem, mais que temido és adorado:  
Quanto é bela, Senhor, a singeleza  
De amor leal na voz da natureza! (v. 25 a 39)

Oferta corações, puros, constantes  
Que valem mais que o oiro, e que os diamantes.(v. 59-60)

Tu verás co’s teus lusos de mistura  
A teu mando as Brasílicas falanges,  
Ou as precise a paz, ou a guerra dura  
Marchar aonde com teu nome abranges:  
Nem terão as Nações prova primeira  
Da Fé, da lealdade Brasileira. (v. 61 a 66)

<sup>187</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1793). Ver: *Eia, Príncipe Augusto, ouviste o canto*, Anexo 1.

Tem imagens felizes como a de transformar em cisnes os navios ancorados no Tejo: “De alvos Cisnes, qu’o fulvo Tejo aninha;” (v. 2). Culmina sua homenagem ao comparar D. João a Salomão e o Brasil a seu Templo:

Não é tão rico assim da Aurora o berço,  
 Ásia um tempo vaidosa, hoje lhe cede:  
 Quanto pelas três partes tem disperso  
 A natureza junto lhe concede.  
 Já o novo Salomão eu te contemplo,  
 Eis as riquezas para o novo Templo. (v. 49 a 54)

#### 2.3.4. Composições dedicadas a festejos

Além da estreita relação do poeta com a música, preconizada pela poética de Horácio, não falta a Caldas Barbosa o dom de poeta-pintor, segundo o preceito do Mestre do *ut pictura poesis*.

As bases pictóricas e musicais da poesia atravessam tanto o barroco como o arcadismo. No primeiro, configurando uma tendência plástica e sensorial; no segundo, atestando sua antiga origem bucólica e pastoril. [...] pintura e música são como que instrumentos do poeta, extensões de sua própria atividade criativa. Se a primeira empresta sua antiga função mimética à poesia, a segunda lembra sua origem lírica comum.<sup>188</sup>

Nesse contexto, verificamos que, de posse de uma paleta, pincel e tintas, ele emprega esta lição clássica em quatro composições em que apresenta festejos, cujos versos estão repletos de descrições que dão vida às personagens, forma e colorido às cenas. O poeta exerce, paralelamente, o papel de um *metteur en scène* ao tratar os assuntos como se fora uma apresentação teatral em que não faltam ação e suspense. Seus versos, muitas vezes presos à cadência musical, congregam todos esses elementos, levando o leitor a vivenciar o momento descrito.

Nas quintilhas intituladas “Ficando em Salvaterra o Autor, quando / Suas Majestades saíram dali, o Senhor / Arcebispo Confessor quis que / descrevesse aquela saída, e como ficava / a terra”<sup>189</sup> reporta-se a um acontecimento que deve ter ocorrido entre Fevereiro e Março de 1788. Numa prática típica da poética clássica, apela à Musa para que o auxilie no cumprimento de um desejo do Arcebispo Confessor. Ao assumir uma certa desimportância, cultiva a modéstia, uma virtude ética com o objetivo de obter a benevolência do público.

A ausência da assinatura neste poema não impede a certeza da autoria de Caldas Barbosa, já pelo assunto, já pelas inúmeras menções nele encontradas a seu respeito. Entre outros, vejam-se os versos 91 e 92 onde se faz referência à mercê que Caldas recebeu da mão

<sup>188</sup> Brandão, Roberto de Oliveira (2000 : 58)

<sup>189</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1793). Ver: *Musa, mandam-nos pintar*, Anexo 1.

da Rainha; a primeira Nota do Autor, aludindo ao seu poema “Lebreida” e à nota 192, em que é mencionado o período de resguardo da Condessa de Pombeiro após o parto de seu filho José, em 1788.

Numa clara confirmação do exposto acima sobre a poética clássica, Caldas Barbosa inicia as suas *Quintilhas* em redondilha maior com estes versos:

Musa, mandam-nos pintar  
Majestosa despedida;  
Vai os pincéis preparar;  
Traça do quadro a medida,  
Vai as cores misturar. (v. 1 a 5)

Os primeiros cinquenta versos dessa composição tratam dos preparativos para a execução duma pintura, o que constitui um desafio, pois “mandam-[l]he] pintar gente, / Gente é justo que celebre” (v. 39-40), sendo necessário o uso de uma apurada técnica poética.

O verso “Seia, larga, solta, cassa” (v. 51) introduz termos náuticos que comprovam o conhecimentos de Lerenó na matéria, um *atout* de sua cultura. O mesmo ocorre quando “Já o Bergantim dourado” (v. 126) solta as amarras ao acomodar todos os passageiros,

E entre a celeuma se escuta  
O Patrão mor sempre rouco. (v. 134.135)

Deu-se ao mais robusto a boga;  
E o Mancebo que a alcançara  
Nenhum outro lugar roga,  
Nem por tal honra trocara,  
Uma de bengala, ou toga.

Já o tostado Algarvio,  
O punho do remo aperta,  
E alçado n’um pé com brio,  
Em voga arrancada, e corta  
Talha este braço do rio. (v. 141 a 150)

À vista da Rainha, Caldas Barbosa titubeia e quase entrega os seus pincéis “Sem pintar esta que ao Trono / Chamou Afonso em Lamego”, introduzindo esta curiosa charada.<sup>190</sup> Em seguida, refere as pessoas da comitiva real, as irmãs, os filhos e as filhas de D. Maria, que saúda com vivas e reverências. Na voz de uma “Velha que de longe viu / Na popa os moços reais” (v. 161-162) expressa os bons votos de todos -

Bem haja a Mãe que os pariu.  
Dê-lhes Deus boa maré  
E cubra de boas fadas; (v. 165 a 167)

<sup>190</sup> No início da formação do Reino de Portugal, reuniram-se as Cortes em Lamego e, entre as diversas disposições legais, estabeleceu-se o direito de governar conferido às herdeiras reais, neste caso, a D. Maria I.

- augúrios que se prolongam até que sejam feitos, um a um, os agradecimentos pelas mercês recebidas (201 a 220). E “Lá vai desaparecendo [o Bergantim] / Da vista de Salvaterra” (v. 156-157) enquanto “Triste fica o Povo, e chora / Ao ver que assim apressada / Se alonga a sua Senhora” (v. 151 a 153).

O Poeta e sua Musa cuidam então de quem ficou em terra, onde se instala a festa com boa comida com fartura, regada a vinho para a saúde de Sua Majestade. Corre-se ainda para as ruas em busca das últimas compras, findas as quais, diz Lereno: “Musa, não há que pintar / Por estas desertas ruas” (v. 2512-253). Caldas Barbosa fica então na companhia de seus protetores, já que a Condessa permanecia de resguardo em Salvaterra<sup>191</sup>, e pede à Musa:

Pinta-me em tal solidão  
Junto dos meus Benfeitores,  
Tendo ao lado a Gratidão:  
E tendo aos reais louvores,  
Preparada a voz, e a mão. (v. 256 a 260)

A grandiosidade do poema épico “Lebreida ou Caçada Real das Lebres”<sup>192</sup> requer decassílabos para as oitavas portuguesas que, num longínquo eco camoniano, louvam o rei D. José I sob a égide da poética de Horácio. Caldas Barbosa segue novamente aqui o preceito do poeta-pintor, almejando “pintar tanta grandeza” (v. 23) e acusa modéstia por sua “voz, que enfraquecida aqui levant[a],” (v. 30), incluindo ainda a prática neoclássica da *bienséance*, ou seja, da idealização que excluía as realidades brutas ou desarmônicas. De fato, na obra de Caldas Barbosa não há lugar para a descrição do feio, do baixo e do mesquinho. O Monarca, portanto,

Não vai ao espetáculo d’horrorosas  
Feras, que um dia aos míseros humanos,  
Rodeados de turbas belicosas,  
Costumavam lançar Ímpios tiranos:” (v. 9 a 12).

Como sugere o seu título, o poema relata uma caçada real em Salvaterra de Magos que deve ter ocorrido antes de 1775, data em que D. José deixou o governo por grave motivo de saúde. Era o mês de Janeiro, pleno inverno:

No Mês, a que deu nome o Deus bifronte,  
Em que o giro dos anos principia,  
Quando se c’roa d’alvo gelo o monte,  
E inda não nos visita Progne impia,  
Quando o ardente Pai do Faetonte,  
Os seus raios parece em neve esfria,  
Quando o frio Aquilão sopra com raiva,  
E os troncos despe a horrífona saraiva.

<sup>191</sup>Ver: *Musa, mandam-nos pintar*, Anexo 1. Em Nota no final do poema o Autor registra: “Os Senhores Condes de Pombeiro ficavam, porque a Senhora Condessa estava mal convalescida do parto em que teve o Senhor D. José de Castelo-Branco.” Nasceu em 7 de Fevereiro de 1788.

<sup>192</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1793). Ver: *Eu canto a Magestade, o Fausto, a Pompa*, Anexo 1.

Em um dia, em que o Sol desembrulhava  
 As densas nuvens d'úmidos vapores,  
 E por entre elas mesmas espalhava  
 Sobre a terra brilhantes resplendores,  
 Vibrando o turvo ar então soava  
 Voz de marciais clarins, e de tambores:  
 O estrépito dos brutos já se ouvia;  
 Mas não causava horror, tudo alegria. (v. 55 a 70)

Instala-se um alvoroço na aldeia e reúnem-se os moradores (v. 71 a 94), destacando-se em meio daquele aglomerado o vulto de um velho oficial que ostenta uma brilhante cruz ao peito. Este discorre sobre suas memórias de orgulhoso soldado a serviço de D. Pedro II, avô de D. José, nas lutas contra os castelhanos. Caldas Barbosa mais uma vez exhibe o seu conhecimento da História, ao referir pormenores desses acontecimentos distantes.

Mas suspendeu as vozes, quando ouvia  
 Som guerreiro, que ao longe vem soando,  
 E ao longe as ricas fardas vermelhavam  
 Com as tecidas pratas, que as ornavam.

Eram eles, que a tudo precediam,  
 Em ligeiros cavalos bem montados,  
 Os carros de clarins, que já se ouviam  
 De sonoros timbales alternado.  
 Outros d'iguais librés logo os seguiam,  
 Que traziam no braço apoleirados  
 Com os olhos tapados os Açores,  
 Que haviam ser no campo os contendores (v. 139 a 150)

A expectativa dos aldeões seduzidos pelas histórias heróicas mistura-se com o rufar dos timbales, o som altaneiro dos clarins, as cores dos ricos tecidos bordados em prata. Pasmam todos diante das figuras ameaçadoras dos aguerridos açores. Caldas Barbosa pinta o quadro com vívidos detalhes que encantam os olhos, os ouvidos e a alma.

Uma vez montada a cena, faz desfilar os Grandes do Reino a começar por D. José, acompanhado por fidalgos de alta linhagem, seguidos dos mais nobres servidores, mencionados pelo nome e pelo cargo que ocupam. O poema descreve cada montaria e seus “jaezes de cobre, / E as fitas, como aos outros, enlaçadas / Lhes faziam as crinas matizadas.” (v. 204 a 206). A tudo se misturam a propósito significativas figuras mitológicas e históricas (v. 183 a 268), frutos da grande cultura de Caldas Barbosa.

Aqueles são os principais, aqueles  
 Compõem de Portugal a alta Nobreza,  
 Debalde é repetir o nome deles,  
 Que a Fama espalha em toda a redondeza. (v. 269 a 272)

No ato seguinte, inicia-se a caçada:

Pelo campo em comprida ala s'estendem:  
 Já muda a comitiva de figura;

Já os sôfregos galgos se desprendem;  
 E o raivoso Falcão vê a luz pura.  
 Parece, que estes brutos já entendem  
 Ao que foram trazidos; pois procura  
 Cada um seu lugar: questão discreta!  
 Um Filósofo a trate, eu sou Poeta. (v. 325 a 332)

Neste último verso, entrevê-se o seu provável desagrado diante dos horrores da caça, pois delega ao Filósofo a reflexão já que a ele, como poeta, não cabe fazer juízo. Apressa o ritmo da cena para descrever cruamente todos os passos dessa perseguição brutal (v. 333 a 359).

Há na terra, e no ar igual batalha.  
 Aqui tem os infantes derradeiros  
 Calada lebre, e gritadora gralha:  
 Chove sangue do ar, na terra corre  
 Sangue das veias do animal, que morre. (v. 360 a 364)

Termina o poema, comparando a desventura da batalha travada nesta caça à tímida lebre, desejando que a

cândida Paz co'as longas asas  
 Cubra, e defenda a Lusitana terra,  
 Enquanto homens, Cidades, campos, casas  
 Desola ao longe o ardor voraz da guerra. (v. 373 a 376)

No poema “A Feira da Luz, Canto”<sup>193</sup> Caldas Barbosa descreve essa famosa feira que, já muito antes do século XVIII, se realizava no Campo da Luz\*, junto da Igreja da Luz, então situada nos arrabaldes da cidade de Lisboa e onde se participava de diversas festas populares e touradas. O poema mostra um ambiente festivo em que o Deus Amor tinha todas as oportunidades de levar a cabo os seus intentos, aproveitando-se para enlaçar muitos corações desprevenidos. Nele estão patentes as qualidades poéticas de Caldas Barbosa no que se refere à presença da música e da pintura em suas descrições.

Em sextilhas que alternam versos decassílabos e hexassílabos (decassílabos quebrados), introduz uma cadência concorde com o movimento da multidão: uns passeiam, uns se distraem enquanto outros de dedicam às compras. Entre molhos de flores, os comerciantes oferecem objetos populares e baratos –

matizadas fitas,  
 Bordadas coifas, lenços mil galantes,  
 Várias plumas bonitas,  
 Lindas caixas, anéis extravagantes,” (v. 31 a 34)

<sup>193</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1793). Ver: *Librado sobre as asas*, Anexo 1.

– aproveitando o interesse dos fregueses para elevar seus preços. Muito procurados eram os pequenos corações dourados, onde ficavam gravadas as previsões do futuro.

Na grande feira nota-se a presença de Martezia que destroçava os corações mas mantinha o seu invicto, pois Amor não conseguira ainda dominá-la. Cupido vingava-se afinal, trazendo-lhe Frondelio com muito ouro nas algibeiras e Martezia delira “Mas seu vil interesse é desprezado / Alvícaras, Amor, estás vingado” (v. 95 e 96). Para que se aprenda a lição, Caldas Barbosa remata o poema com um lembrete para o ano vindouro:

Incautos Moços, conhecei o engano,  
E nele contemplai o que eu contemplo,  
E para o outro ano,  
Lembrando o conto que vos dou d'exemplo,  
Ninguém fiar se queira  
Em achadiços corações da feira. (v. 97 a 102)

No poema sobre as festas da Real Quinta de Queluz<sup>194</sup>, Caldas não prescinde do pincel e das tintas assim como, segundo ensinamento de Horácio, para atingir a perfeição faz antes o seu rascunho:

é qu'eu careço  
Do pincel delicado, e finas cores, (v. 9-10)  
Mas talvez do rascunho tirar possas (v. 13)

Utiliza versos decassílabos pois, em se tratando de retratar pessoas de estirpe, cumpria o emprego do estilo elevado da poesia. anuncia a chegada de novos preceitos poéticos que assume como diretrizes: “Pois chega a Moda ao Pindo, eu sigo a Moda, / Desato os Versos das prisões da Rima” (v. 1-2). Como observa Roberto Brandão, Horácio já o sugeria no início da sua Arte Poética, ao falar das prerrogativas e dos limites do artista: “Direis vós que a pintores e poetas igualmente se concedeu, desde sempre, a faculdade de tudo ousar.”<sup>195</sup>

Além de unir a música e a pintura à poesia, Lereno “ousa” inovar, ao se valer de versos brancos<sup>196</sup> pela primeira e única vez na sua obra. Esta composição, incluída no último tomo do *Almanak das Musas*, publicado em 1794, sugere que o Poeta, em plena maturidade e próximo dos sessenta anos, buscava novos rumos, distanciando-se dos antigos preceitos poéticos sem os abandonar por completo.

A festa descrita neste poema foi realizada em Julho de 1793 para celebrar o nascimento de D. Maria Teresa de Bragança, Princesa da Beira, primogênita de D. João e de D. Carlota Joaquina. Tendo em conta a descrição pormenorizada na *Gazeta de Lisboa* de 31

<sup>194</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1793). Ver: *Pois chega a Moda ao Pindo, eu sigo a Moda*, Anexo 1.

<sup>195</sup> *Apud* Brandão, Roberto de Oliveira (2000 : 23)

<sup>196</sup> Também usa versos soltos em “O Jardim”. Ver: *À fresca sombra dum cerrado bosque*, Anexo 1.

de Agosto de 1793<sup>197</sup>, é possível verificar o realismo de Caldas Barbosa, ao relatar vividamente as touradas (v. 120 a 153) e, sobretudo ao descrever a iluminação feérica preparada para o término dos festejos.

Parecia, qu'ó Céu na terra estava,  
E a clara habitação do Pai das Luzes  
Eu vi no plano de Queluz viçosa:  
As Pilastras de luz, de luz cornijas  
Plintas<sup>198</sup>, e Capitéis, Bases, e Socos:  
Era fonte de luz, a que foi d'água,  
Estátuas, Pedestais, Árvores, Flores,  
De uma matéria lúcida era tudo. (v. 163 a 170)

Ao citar a presença de tantos convidados ilustres, o Poeta exime-se de os nomear não deixando, entretanto de revelar a presença da Marquesa de Belas, sua protetora, a quem se refere com admiração:

Mentiram os Poetas, sim mentiram,  
Albano, não são três somente as graças: (v. (97-98)

Ali estavam... não, não tas nomeio,  
Que talvez não conheces, colhe os votos,  
E a maioral de Belas (vou contigo,  
E repito o que tu já propuseste:)  
É mais bela que Vênus, e em virtudes  
Às que chamaram Deusas sei qu'excede. (v. 103 a 108)

---

<sup>197</sup> *apud* Ferro, M. Inês (1997 : 41)

<sup>198</sup> **Plintas**: ou plintos, termo de arquitetura. Indica peça quadrangular que serve de base a uma coluna ou um pedestal.

### 3. Outras obras de Caldas Barbosa

A julgar pelas datas de publicação de seus diversos trabalhos, Caldas Barbosa desenvolveu intensa atividade literária desde sua chegada a Portugal, em 1763, até 1790, data da fundação da Academia de Belas Letras, estando presente no mundo editorial com várias publicações. A maior parte delas são poemas e versos para música.

#### 3.1. Textos Poéticos

##### 3.1.1. “Collecção de Poesias feitas na feliz inauguração da Estatua Equestre de El Rey Nosso Senhor Dom José I em 6 de junho de 1775, por Domingos Caldas Barbosa” (1775)<sup>199</sup>

Tendo como motivo central homenagear e o seu Ministro Pombal, foi publicado um conjunto de poemas para serem declamados durante o grande evento da inauguração da estátua equestre de D. José I no Terreiro do Paço. Domingos Caldas Barbosa ocupa, neste opúsculo, lugar de certo destaque como autor de sete sonetos e cinco odes. O texto que introduz esta obra apresenta um roteiro do desfile, indicando os momentos em que se cantaria o Hino e se faria a Oração Gratulatória pela inauguração da estátua régia. A seguir há um autêntico programa para a leitura dos diversos poemas inscritos o que nos faz supor que cada autor declamaria sua própria obra. Seguiu o provável roteiro da cerimônia de inauguração, com poemas consentâneos com o desfilar dos carros alegóricos.<sup>200</sup>

---

<sup>199</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1775)

<sup>200</sup> Ver: Apêndice documental, “Caldas Barbosa: excertos”.

**3.1.2. “Recopilação dos successos principaes da Historia Sagrada: em verso pelo Beneficiado Domingos Caldas Barbosa, Capellaõ da Casa da Supplicação.” (1776/1793)<sup>201</sup>**

Esta obra teve duas edições: a de 1776, com versos sobre a História Sagrada; a segunda, de 1793, inclui um *Index* em que inclui referências a diversas personagens citadas ou a explicações sobre vocabulário. Caldas Barbosa se propôs a versificar os principais acontecimentos da História Sagrada com o objetivo de torná-la mais didática e mais facilmente aprendida pela juventude. O poema tem 1998 versos decassílabos: abre com o *Gênesis* e termina com a conquista da Judeia pelos Romanos. Esta obra de Caldas Barbosa nos permite rever a História Sagrada de uma maneira inusitada, didática e informativa. Seus apontamentos, registrados no *Index* comprovam, uma vez mais, a sua vasta cultura e o domínio da arte de versejar.<sup>202</sup>

**3.1.3. “Nas felicíssimas núpcias do Illustríssimo e Excellentíssimo Senhor Antonio de Vasconcelos, Conde da Calheta, com a Exclelentíssima Senhora D. Marianna de Assis Mascarenhas: Epithalamio.” (1777)<sup>203</sup>**

Para celebrar o casamento D. Antonio de Vaconcelos e Sousa e de D. Mariana de Assis Mascarenhas (29 de Novembro de 1777 na igreja de Santos-o-Velho, em Lisboa) Caldas Barbosa compôs este epitalâmio para os noivos. Em se tratando de pessoas de estirpe, Caldas Barbosa utiliza o estilo elevado da poesia épica, obedecendo à forma estrófica da Ode, em que alterna versos decassílabos e hexassílabos (decassílabos quebrados), conferindo-lhes uma cadência épica. Neste poema Caldas Barbosa enfatiza o quanto dele depende a sua sorte de permanecer sob a guarida dos condes da Calheta, propondo-se mais uma vez a cantar os seus ilustres nomes.

**3.1.4. “A Doença. Poema oferecido à Gratidão por Lereno Selinuntino da Arcádia de Roma, aliás, D. C. B.” (1777)<sup>204</sup>**

Este poema é o que contém maior número de referências autobiográficas do autor. Baseia-se na estrutura da epopeia clássica embora usando de muitas liberdades tanto na sua forma quanto no seu conteúdo. Está dividido em quatro Cantos que correspondem à estrutura clássica: no Canto I apresentam-se a Proposição, a Invocação, a Narração e a . Dedicatória,

<sup>201</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1776/1793)

<sup>202</sup> Ver: Apêndice documental, “Caldas Barbo: excertos”.

<sup>203</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1777), *Epithalamio*.

<sup>204</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1777), *A Doença*.

sempre em decassílabos, dispostos num total de 129 estrofes com número irregular de versos. O protagonista é o próprio Domingos Caldas Barbosa, apresentado como herói individual, segundo o modelo das antigas epopeias, tendo em mente os *Lusíadas*, cujos ecos se fazem ouvir já no Canto I, 2ª estrofe:

**Camões**

E também as memórias gloriosas, [...] Cantando espalharei por toda a parte. (v. 9 e 15)

Se a tanto me ajudar engenho e arte. (v. 16)

**Caldas Barbosa**

Ó árbitra do Mundo [...] Mandaste, e eu espalhei por toda a terra Meus filhos a fazer-lhe acesa guerra. (Canto I, v. 93, 97, 98).

Se houver algum mortal, que possa tanto (Canto I, v. 1)

## 3.2. Textos para música

### 3.2.1. Música para Teatro

Em 1790 encontramos Caldas Barbosa envolvido com o teatro ao traduzir em versos, do italiano, o drama jocoso em dois atos, “Os viajantes Felizes”<sup>205</sup>, com música de Marcos Portugal\* para ser apresentado no Teatro do Salitre. Mais tarde, em 1795 traduz, igualmente em versos e do italiano, outro drama jocoso em um ato, “A escola dos ciosos”<sup>206</sup>, com música de Antonio Salieri.

Para a inauguração do Teatro de São Carlos, dedicado à Princesa do Brasil, mulher de D. João, em 1793, foi apresentada pela uma ópera em língua portuguesa - “A Saloia Enamorada ou O Remédio é Casar” - uma farsa dramática com música de Antonio Leal Moreira e libreto de Domingos Caldas Barbosa. Seu libreto impresso subsistiu mas, da parte musical, restaram apenas duas pequenas árias manuscritas, tendo-se considerado perdido o restante da partitura<sup>207</sup>. Um acaso, entretanto, revelou que sua partitura completa encontra-se hoje depositada na *Library of Congress* nos Estados Unidos<sup>208</sup>. Em 1794, dos mesmos parceiros Antonio Leal Moreira e Domingos Caldas Barbosa, subiu ao palco do São Carlos “A Vingança da Cigana”<sup>209</sup>, ópera em dois atos, em que, segundo Manuel Ivo Cruz, o Poeta “retrata com rara vivacidade e colorido a Lisboa da época através das suas personagens e de

<sup>205</sup> Silva, Francisco Inocêncio da (1849, vol. II 473 : IX, 139-140), *I viggatori felici*, Filippo Livigni.

<sup>206</sup> Idem (1849, vol. II 473; IX, 140), *La scuola dei gelosi*, Francisco Marchesi e Caterino Mazzola.

<sup>207</sup> “Duetto da Saloia Insolente”; “Ária do Entremez da Saloia”.

<sup>208</sup> Está catalogada sob o título “Azeitonas novas”, extraído do primeiro verso da farsa “Quem merca azeitonas novas!”

<sup>209</sup> Ver: Registros em Videos, Luiza Sawaya, Lucia Lemos, Achille Picchi, Nicholas McNair, Nuno Ivo Cruz, “Árias de *A Vingança da Cigana*”.

uma pertinente crítica social.”<sup>210</sup> Ambas as óperas foram escritas no mais puro estilo oitocentista em voga, exigindo para sua execução músicos e cantores de excelente formação. O libreto, entretranto, conserva a verve de Caldas Barbosa, poeta jocoso e espontâneo.

### 3.2.2. Música para canções: *Jornal de Modinhas*, a *Viola de Lerenó* e a *Música Escolhida*

#### *Jornal de Modinhas* (1792)

No âmbito das canções de salão, em 1792, teve início a publicação quinzenal do primeiro periódico musical editado em Portugal – *Jornal de Modinhas*.<sup>211</sup> Como era costume na época, as canções vinham acompanhadas apenas do nome de seu compositor entre os quais citamos Marcos Portugal, Antonio Leal Moreira\*, Antonio da Silva Leite\*, José Maurício\*, José do Rego\*, todos de formação erudita. Há entre as modinhas, algumas com texto poético de Domingos Caldas Barbosa, todos patentes na *Viola de Lerenó*: quatro de Marcos Portugal<sup>212</sup> e uma de Antonio da Silva Rego<sup>213</sup>, ambos músicos de excelência de sua época. Quanto a Caldas Barbosa, ao contrário dos compositores acima mencionados, não sabia ler nem escrever música e, sendo assim, não poderia ter ele mesmo registrado em pauta as suas canções. As modinhas publicadas no *Jornal de Modinhas* tiveram seus legítimos compositores os quais, portanto, criaram, dentro do estilo da época, as melodias para os versos de Lerenó.

#### *Viola de Lerenó* (1798)

Esta é a obra mais conhecida e mais estudada de Caldas Barbosa. Anunciado na *Gazeta de Lisboa* de 4 de Maio de 1798,<sup>214</sup> a edição *princeps* do primeiro volume da foi realizada em Lisboa (única em vida do autor) e, a do segundo volume, também em Lisboa, em 1826. Compõe-se de dois volumes que tiveram sucessivas reedições em Portugal e no Brasil (1806, 1813, 1819, 1825) que ainda hoje suscitam discussões entre os estudiosos, alguns dos quais todavia se questionam sobre se os poemas são poemas ou se são textos de canções.

Sobre esse impasse da criação verso/melodia por Caldas, Francisco Joaquim Bingre, testemunha contemporânea irrefutável, elucida a questão em uma carta dirigida a José Maria

<sup>210</sup> Sousa, Filipe de, *Apud* Manuel Ivo Cruz (1983), Publicação da Associação Ópera-Brasília e Secretaria de Educação e Cultura do Distrito Federal, Brasília.

<sup>211</sup> Marschal, Pedro Anselmo (1996).

<sup>212</sup> Idem (1996): “Você trata Amor em brinco” (Ano I, nº 7) / Ver: Registros em vídeos, *Jornal de Modinhas*, “Se dos males que eu padeço” (Ano I, nº 13), “Raivas Gostosas” (Ano I, nº 18) / Ver: Registros em CDs, e “A doce união do Amor” (Ano II, nº 2).

<sup>213</sup> Ibidem (1996): “Ora, adeus, Senhora Ulina” (Ano I, nº 8).

<sup>214</sup> *Gazeta de Lisboa*, nº 18, suplemento, 4 de Maio de 1798.

da Costa e Silva, datada de 27 de Junho de 1848 e citada na introdução ao volume I das *Obras Completas* desse autor, cujo estudo se deve à Dra. Vanda Anastácio.<sup>215</sup> Em poucas palavras relata como Caldas Barbosa improvisava, concomitantemente, versos e melodias de suas cantigas ao afirmar que

[algumas sessões da Academia de Belas Letras transcorriam] no palácio do conde de Pombeiro no quarto do Caldas, chamadas *Quartas-feiras de Lerenó*, onde depois de um bello almoço se tocavam alguns instrumentos de curiosos e improvisava o Caldas cantando<sup>216</sup>

“Improvisava o Caldas cantando”, isto é: davam-lhe o mote, tomava da viola e logo brotavam-lhe os versos, já emoldurados pela melodia numa dupla improvisação, motivo pelo qual, nesta dissertação, a *Viola de Lerenó* inclui-se entre as obras de Caldas dedicadas à música, embora, Suetônio Soares Valença ateste que,

Dramaticamente não nos chegou a melodia original de qualquer dos inúmeros poemas da coletânea, cujo autor seria o próprio Caldas Barbosa.<sup>217</sup>

### ***Muzica Escolhida da Viola de Lerenó(1799)***

Há muito poucos exemplos musicais cuja autoria possa ser atribuída a Caldas Barbosa. A maioria está patente em *Muzica Escolhida da Viola de Lerenó* uma coletânea manuscrita, datada de 1799, onde foram copiados quarenta poemas de Caldas Barbosa, ou considerados de sua autoria, musicados como modinhas ou lundus em que os versos de vinte e cinco destas peças constam da *Viola de Lerenó*. Na sua edição crítica entretanto, Manuel Morais<sup>218</sup>, não aceita a hipótese de Lerenó ser o compositor das respectivas melodias.

É interessante observar que este manuscrito foi realizado em 1799, um ano antes da morte do Poeta, o que nos induz a pensar que ele o teria aprovado nessa versão. Provavelmente Caldas Barbosa teria cantado a sua composição para o músico que a transcreveria segundo as regras de Escola, adaptando a canção singela a *voce sola*, para duas ou três vozes como era o uso na época, a exemplo do que faziam Marcos Portugal, Antonio da Silva Leite, Leal Moreira e outros compositores contemporâneos, segundo registros no *Jornal de Modinhas*. Podemos, portanto, afirmar que as melodias, assim como os textos poéticos, teriam sido de autoria Caldas Barbosa. Em qualquer das hipóteses, contudo, torna-se difícil ignorar a evidência de ser Caldas Barbosa o autor, tanto dos versos como das respectivas melodias.

<sup>215</sup> Anastácio, Vanda (2000 : X-XI : vol. I)

<sup>216</sup> Idem (2000 : X-XI : vol. I)

<sup>217</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1980 : 28)

<sup>218</sup> Barbosa, Domingos Caldas (2003)

Outros registros musicais baseados na obra de Caldas Barbosa são Joaquim Manoel da Câmara e Sigismund Neukomm.<sup>219</sup>

### 3.3. Texto em prosa

#### “Descrição da Grandiosa Quinta Dos Senhores de Belas”

Esta é a última obra de Caldas Barbosa foi a “Descrição Da Grandiosa Quinta Dos Senhores De Bellas”, publicada em 1799, cerca de um ano antes de sua morte. Único texto em prosa de sua autoria que se conhece faz uma homenagem a D. Maria Rita, Marquesa de Belas a quem dedica a obra.

Esta obra constitui uma descrição minuciosa de Domingos Caldas Barbosa sobre os melhoramentos realizados pelos Condes de Pombeiro na Quinta desde que pela primeira vez lá estivera. Caldas Barbosa aponta mais de 400 espécies de árvores decorativas entre tantas que consegue nomear, como algumas “árvores Americanas” como ele as chama e, entre elas, as “viçosas e floridas Tuinantibas”<sup>220</sup>, afirmando:

Ora, por aqui era certamente mais fácil, e breve a passagem para a longa e assaz admirável rua [...] Mas perdoe-se à força do amor da Pátria o que em tais circunstâncias faz que eu, desviando-me do pronto caminho, recue, e rodeie para outra parte. Nem me demorei em admirar as muitas altas, e frondosas Nogueiras, que enchem de sua sombra o grande espaço, que medeia deste tanque aos troncos das duas saudosas árvores Americanas, e Brasileiras. Salve ó viçosas, e floridas Tuinantibas, que do Mundo ultimamente aparecido viestes propagar aqui entre os vossos descobridores, e extender na Europa a vossa geração. [...] É um agradecido Brasileiro quem saudoso estima ver-vos aqui, aonde a fortuna o traz agora também a aproveitar-se da Magnanimidade de vossos novos Senhores. Assim me consolava eu falando a estas fermosas árvores, que no Brasil conhecera benignas hospitaleiras de engraçados, e suaves passarinhos. E vigiando-as curiosamente, mas sempre embebido nesta doce ideia, descubro ali um ninho, que ia a confirmar-me em que com elas tivessem vindo também as aves da descoberta, nova, e quarta parte do Mundo. Vi que ao chegar de uma pequena ave chilravam os mal emplumados filhos<sup>221</sup>

Caldas refere à Capela e ao Obelisco que foi erigido no jardim para celebrar a visita, em 1785, dos soberanos cuja imagem está esculpida “no expressivo Relevo as Augustas Efígies do nosso amado Príncipe Regente, o Muito Alto, e Poderoso Senhor D. João, e Sua Real Esposa a Senhora D. Carlota.”<sup>222</sup>

Entretidos com a alternada diversão que faz a agradável variedade do feitio do tronco das flores [...] passeamos, quase sem o sentirmos, o longo caminho de 650 passos que esta Rua tem de comprimento [...] até este Lugar do Obelisco [...] que já dissemos ter uma forma piramidal, se assenta sobre uns altos

<sup>219</sup> Ver: Registros em CDs e em Vídeos.

<sup>220</sup> **Tuinantiba:** na impossibilidade de encontrar o nome botânico desta árvore, recorri aos conhecimentos de Hardy Alcoforado sobre a língua Tupi: “*Tuim* é o nome de um pequeno periquito; *Nam* ou *nã* é o mesmo que pequeno bando, família. Como em *maracanã* (pássaros que voam em bando, grasnando como se reproduzissem o som de um maracá). *Tiba* significa “muito”, uma das formas de plural em Tupi. Parece-me que esta árvore seria o lugar onde pequenos bandos de tuins costumariam se alojar. Literalmente, seria **um grande número de pequenos bandos de tuins.**”

<sup>221</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1799 : 16-17)

<sup>222</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1799 : 47)

degraus, que o acompanham em roda com 20 palmos de diâmetro [...] Neste Pedestal [...] se lê a Inscrição Lapidar, que bem explica o que o Conde, presente Senhor desta Quinta, determinou conservar em memória, que vejam, e respeitem os Séculos vindouros.<sup>223</sup>

A Quinta de Belas foi palco de grandes festas que reuniam a melhor sociedade de Lisboa. No dia 4 de Julho de 1787 o Embaixador Bombelles foi convidado para uma delas, tendo podido admirar a hospitalidade dos Condes de Pombeiro e a grande facilidade de improvisar de Caldas Barbosa.<sup>224</sup> A hospitalidade dos Condes de Pombeiro ainda incluía um baile e o espetáculo dado pelos fogos de artifício, observados da varanda iluminada ao luar. Nada se igualava, entretanto, ao aprecio de improvisadores que, mediante assuntos sugeridos pelas damas presentes, recitaram sonetos criados ao gosto do momento.

Du bal on a été voir tirer un feu d'artifice également long et languissant, ensuite on est venu se ranger sur une terrasse qui règne le long et au-dessus de la principale cour de la maison; elle n'était éclairée que par le clair de lune. Dans un pavillon un orchestre a exécuté de la très bonne musique après quoi ont paru, enveloppés dans leurs manteaux, huit ou neuf improvisateurs qui ont récité d'abord des sonnets faits à grand loisir et honorés de grands bravos, puis les dames du haut de la galerie ont donné à ces poètes différents sujets. [...]

Entre os improvisadores, o Embaixador Bombelles destaca aquele que considera o melhor dentre eles, Caldas Barbosa:

L'auditoire ne se possédait pas de joie; [...] Des gens bien versés dans le portugais comme dans l'italien m'avaient déjà dit que les Italiens surpassaient beaucoup les Portugais dans l'art d'improviser. Il y a pourtant un prêtre de Lisbonne, nommé Caldas, qui versifie avec une facilité qu'on prétend être également surprenante et heureuse.<sup>225</sup>

Na “Descrição da Grandiosa Quinta de Belas” Caldas Barbosa entoava um autêntico hino à natureza, fruindo todas as riquezas que ela lhe oferece enquanto passeia pela propriedade de seus protetores. No final de sua vida ainda manifesta profundas saudades do seu país natal nas referências à espécies botânicas de origem brasileira, mas seu discurso tranquilo deixa entrever um homem maduro, satisfeito e sempre grato ao que lhe coube na sua longa vida plena de realizações.

<sup>223</sup> Ibidem (1799 : 44-46). A longa inscrição está escrita em latim.

<sup>224</sup> Bombelles, Marc-Marie (1788 : 142).

<sup>225</sup> Bombelles (1788 : 140-142). “Após o baile fomos assistir a fogos de artifício que se fizeram ver demoradamente por muito tempo e, em seguida nos acomodamos em um terraço que se estende ao longo e sobre o principal pátio da casa; estava apenas iluminada pelo luar. Em um pavilhão uma orquestra executou excelente música após o que surgiram, envolvidos em seus casacos, oito ou nove improvisadores que primeiramente recitaram sonetos feitos muito espontaneamente e honrados com grande *bravos*, depois do que as damas do alto da galeria deram a esses poetas diferentes motes. / O auditório não cabia em si de alegria; / Pessoas bem versadas em português como em italiano já me haviam dito que os italianos ultrapassavam em muito os portugueses na arte de improvisar. Há entretanto um padre de Lisboa, chamado Caldas, que versifica com uma facilidade que se acredita ser igualmente surpreendente e feliz.”

### 3.4. Outros textos de Caldas Barbosa

- **Sonetos: “A El Rey Nosso Senhor” e “A Rainha e Nossa Senhora”**

Recentemente localizados e publicados por Tinhorão, encontram-se depositados na Biblioteca do Palácio Nacional da Ajuda. Senhor”<sup>226</sup> D. José I<sup>227</sup>. É provavelmente datado de cerca de 1775, quando Domingos Caldas Barbosa foi apresentado ao Rei pouco antes deste ser acometido pelo derrame cerebral que o afastou do trono.

- ***Carta ao Senhor Pedro Rademacker***<sup>228</sup>

Este documento manuscrito de Caldas Barbosa, depositado na Academia das Ciências de Lisboa e até recentemente inédito, foi encontrado e publicado por Tinhorão. Trata-se de uma carta em versos, sem assinatura, registrada no catálogo de Manuscritos “Provenientes do antigo Convento de Nossa Senhora de Jesus, também conhecido como Documentos dos Frades.”<sup>229</sup> Esta carta é dirigida a Pedro Rademacker, provavelmente um amigo frade franciscano.

---

<sup>226</sup> Tinhorão, José Ramos (2004 : 57; 167-171)

<sup>227</sup> Ver: Apêndice documental.

<sup>228</sup> Ver: Apêndice documental.

<sup>229</sup> Tinhorão, José Ramos (2004 : 168)

## 4. Fortuna crítica e Esquecimento

### 4.1. Fortuna Crítica

#### 4.1.1. A apreciação da criação literária em Portugal e no Brasil no século XVIII

A literatura produzida em Portugal e no Brasil, territórios indissociáveis no século XVIII, ainda se prendia, nessa época, aos modelos advindos dos dois séculos precedentes. Suas fontes baseavam-se na prática poética anterior e na tradição de bons autores “que marcaram a história da reflexão poética, passando muito cedo a ser vistas como referencial para a compreensão, a produção e a avaliação de poesia.”<sup>230</sup>

Segundo Fidelino de Figueiredo<sup>231</sup>, a crítica em Portugal terá tido início no século XVI com os pareceres dos censores aos pedidos para publicação de qualquer tipo de documento literário ou nos comentários esporádicos aos textos com alguma reflexão literária. Os juízos de valor baseavam-se principalmente na obediência do autor aos parâmetros exigidos na época: sociais, políticos, morais, religiosos e de gosto literário. Nas últimas décadas do Setecentos a recepção crítica em oposição aos preceitos do Cultismo e o do Conceptismo, se concretizaria sob a égide do Iluminismo e do Arcadismo. Em Portugal, os intelectuais objetivavam a análise rigorosa de aspectos científicos e linguísticos numa tentativa de revisão e modernização de conceitos. Teria sido este um dos motivos da fundação das inúmeras academias e arcádias que então floresceram. Mas já em 1696, D. Francisco Xavier de Menezes, 4º Conde de Ericeira\*, fundara *Conferências Discretas e Eruditas* cujas

<sup>230</sup> Brandão, Roberto de Oliveira (2000 : 20)

<sup>231</sup> Apud Chaves, Vania (1997 : 132): *História da Crítica Literária em Portugal. Da Renascença à Actualidade* (1916)

reuniões se faziam “em sessões poético-culturais realizadas aos Domingos, com a presença da melhor sociedade lisboeta, no palácio do Cunhal das Bolas, onde, em pleno Bairro Alto, residia por então o jovem Ericeira, seu patrono.”<sup>232</sup>

Os sócios da Academia Real de Ciências, fundada em 1779 pelo Duque de Lafões<sup>233</sup>, entendiam por Literatura Portuguesa “a língua, e a História Portuguesa, considerada em todos os possíveis aspectos e relações”<sup>234</sup> e, entre 1792 e 1814, o estudo da literatura nacional, produzindo oito volumes intitulados *Memórias Literárias*. A fundação da Academia de Belas Letras, sob a proteção do Conde de Pombeiro, leva José Feliciano de Castilho à conclusão de que a iniciativa literária daqueles últimos séculos tinha tido origem no interesse de Reis e nobres “tão cultores como protetores das musas”, acrescentando que o *Cancioneiro de Rezende* teve “por colaboradores, em séculos aliás obscuros, toda a fidalguia do reino.”<sup>235</sup> Esta observação nos remete a uma genuína apreciação dos textos literários e participação na sua produção pela alta nobreza portuguesa, demonstrando que seu interesse pode defini-los como importantes receptores de obras literárias. Castilho descreve minuciosamente quais os procedimentos dos exercícios acadêmicos durante as sessões das reuniões da academia:

Nas frequentes reuniões secretas, repetiam todos produções, ou em verso sobre assunto livre, ou em prosa, sobre assunto muitas vezes obrigado. Distribuíam-se as composições a um censor, o qual, noutra conferência, expunha por escrito seu parecer; ouvida a defesa, sentenciavam presidente e árbitros, devendo as emendas ser feitas pelo autor em presença da sociedade; e conservando-se secretos os livros de pareceres e resoluções, a ponto de ser excluído quem violasse o segredo.<sup>236</sup>

Na Colônia brasileira a teoria e a crítica literárias não tiveram desenvolvimento semelhante ao da Metrópole, entretanto, com o aparecimento das Academias, os escritores coloniais puderam exercer as práticas literárias a despeito de estarem distantes daquele centro. Entre os árcades das Minas Gerais sabe-se que promoveram não apenas o intercâmbio de seus conhecimentos técnicos como o da mútua apreciação de suas produções literárias segundo confirma a *Epístola* de Silva Alvarenga, o mais importante texto teórico-crítico da época.<sup>237</sup>

<sup>232</sup> Monteiro, Ofélia Paiva (1963 : 205)

<sup>233</sup> D. João Carlos de Bragança e Ligne de Sousa Tavares Mascarenhas da Silva (1719-1806).

<sup>234</sup> Saraiva, Antonio José (1979 : 103)

<sup>235</sup> Castilho, José Feliciano de (1867 : 26). – D. Dinis, D. Duarte, D. João III, D. Pedro V, D. Antônio Álvares da Cunha, Trinchante-Mor - Academia dos Generosos (1647), o 4º Conde de Ericeira - Conferências Discretas e Eruditas (1696), o Duque de Lafões, Academia Real de Ciências, (1779.).

<sup>236</sup> Castilho, José Feliciano de (1867 : 26)

<sup>237</sup> Chaves, Vania Pinheiro (1997 : 26)

#### 4.1.2. Fortuna crítica de Caldas Barbosa no século XVIII

A obra de Caldas Barbosa ainda hoje carece de estudos que a possam inserir *in totum* na História da Literatura Luso-brasileira. Como vimos nos capítulos anteriores apenas a *Viola de Lereño* tem merecido a atenção de alguns estudiosos, fato que impede um juízo de valor preciso e abrangente. A mera leitura de sua produção, entretanto, permite, à partida, considerá-lo um poeta merecedor de figurar com destaque na História da Literatura pelas múltiplas vertentes que oferece ao leitor e ao estudioso. A presente dissertação preocupou-se em realizar uma abordagem da sua obra, tendo como ponto de partida o *Almanak das Musas*, trabalho que não pretende, contudo, ser exaustivo.

Não há testemunhos de recepção crítica formal no século XVIII, pois, segundo Vania Pinheiro Chaves,

Encontram-se no Setecentos luso-brasileiro diversas espécies mais e menos embrionárias de recepção valorativa, que se consubstanciam ora em comentários isolados ou inseridos em textos de teorização literária, ora em discursos não especificamente literários, como a correspondência privada, as memórias, as obras moralizantes, os discursos políticos, religiosos. Uma das expressões mais comuns e características da teoria e recepção literárias da época é a que Fidelino de Figueiredo denominou *crítica poética* e definiu como forma de “meditação crítica e de juízo estético, não explícit[a] em género autónomo, antes anastomasad[a] na ficção”. Praticada por Horácio e Boileau e tendo algo de atemporal, ela configura uma fase primitiva da crítica<sup>238</sup>

Nos documentos contemporâneos de Caldas Barbosa existem indícios de apreciação pessoal à sua obra: alguns versos elogiosos de seus colegas, outros em total desacordo com sua produção, dois depoimentos de estrangeiros de passagem por Lisboa na época e outros de intelectuais de seu tempo. A recepção contemporânea de seus versos não ultrapassa os limites da sociedade lisboeta. Nenhum deles, entretanto, configura o que a moderna teoria literária considera como uma abordagem crítica uma vez que, no âmbito luso-brasileiro, observamos a falta de “formas mais objetivas de análise e de reflexão mais sólida, uma vez que mantém a interpretação e o juízo das obras no plano das generalidades, embelezadas pelo artifício poético.”<sup>239</sup> Estes postulados teórico-críticos se encontram expostos na *Arte Poética* de Pina e Melo, na *Epístola* de Silva Alvarenga bem como nos versos da *Ode* de Filinto Elísio:

Poétas por Poétas sejam lidos:  
Sejam só por Poétas explicadas  
Suas obras divinas; que não lavra  
No esquivo engenho d’um Benthley Saturno,  
D’um Min-éllio um Juvencio apoquentados

<sup>238</sup> Chaves, Vania Pinheiro (1997 : 27)

<sup>239</sup> Idem (1997)

A sacra chamma do Estro desenvolto  
 Como pode colher um acanhado  
 Secco commentador a ideia altiva  
 D'um destemido Vate ali-potente,  
 Que d'um ao outro Pólo estende o voo,  
 Quando elle as azas tem agorentadas? (v. 1-11)<sup>240</sup>

O *Almanak das Musas* foi publicado entre 1793 e 1794, momento de especial felicidade para Caldas Barbosa que havia quase vinte anos vivia no aconchego da família Vasconcelos e Sousa de quem se tornara quase membro de raiz, tais foram suas demonstrações de dedicação e de gratidão.<sup>241</sup> Contudo, seus contemporâneos ignoraram esse aspecto, oferecendo apreciações críticas desfavoráveis a Caldas Barbosa. Entre as poucas discordâncias uma delas ficou tão fortemente marcada na História da Literatura Luso-brasileira a ponto de quase obliterar a produção poética dos pastores da Academia de Belas Letras. José Feliciano de Castilho observou que a contumaz susceptibilidade reinante entre os poetas dava margem à “discórdia entre os inocentes pastores, porque enfim eles sempre eram da carne e do osso de que é formado o *genus irritabile*.”<sup>242</sup>

### **Bocage (1765-1805) e Caldas Barbosa: A polêmica**

O mais acabado exemplo do *genus irritabile* foi também um dos grandes gênios da poesia portuguesa: Manuel Maria Barbosa du Bocage. Por motivos talvez vinculados à sua própria personalidade, surgiu uma profunda desavença entre este poeta e os demais sócios da Academia de Belas Letras, tendo Bocage atacado principalmente Caldas Barbosa. Como poeta, a participação de Bocage nesta Academia foi diminuta conforme atestam Castilho<sup>243</sup> e Teófilo Braga<sup>244</sup>. Há duas hipóteses para o início da guerra entre os pastores: a publicação do *Almanak das Musas* do qual Elmano fora excluído e o seguinte soneto contra Caldas Barbosa cuja autoria sempre lhe foi atribuída:

<sup>240</sup> “Comentário sobre *Addis cornua pauperi* de Horacio [...]” *apud Versos de Filinto Elisio, 1797-1802*.

<sup>241</sup> Esse amparo possibilitou que transitasse livremente pela mais alta sociedade portuguesa que o aplaudiu com entusiasmo por seus dotes de poeta, de compositor e de intérprete. Obteve reconhecimento entre seus pares pelos trabalhos publicados e pelo acolhimento amigo que sempre lhes oferecera em seus aposentos no Palácio dos Condes de Pombeiro. Seus dois libretos musicados por Leal Moreira subiram ao palco do maior e mais moderno da época em Portugal - o Teatro de São Carlos - com imenso sucesso: o primeiro, na sua inauguração e o segundo, um ano depois. Compositores contemporâneos de renome musicaram seus versos em cinco das modinhas publicadas no *Jornal de Modinhas*. Em 1794 acabava de publicar a última parte do seu *Almanak das Musas* em que reunia, não apenas os seus poemas, mas também os de seus amigos poetas. Para culminar a lista de motivos de júbilo, é justo lembrar que, havia quase dez anos, recebera o benefício que lhe trouxera a independência financeira tão almejada por Alvará de Sua Majestade D. Maria I em 11 de Julho de 1787.

<sup>242</sup> Castilho, José Feliciano de (1867 : 26)

<sup>243</sup> Idem (1867, : 28). Bocage recitara três poemets nas sessões de 1790, 1791 e 1792 da Academia de Belas Letras.

<sup>244</sup> Braga, Teófilo (1876 : 92). Poemas de Bocage recitados por ele nas sessões da Academia de Belas Letras: *Queixumes do Pastor Elmano, Idílios Marítimos*, primeira parte de suas *Rimas*

Preside o neto da rainha Ginga  
 À corja vil, aduladora, insana;  
 Traz sujo moço amostras de chanfana,  
 Por copos desiguais se esgota a pinga;

Vem pão, manteiga, chá, tudo à catinga:  
 Masca a farinha a chusma americana,  
 E o orang-outang a corda à banza abana  
 Com gestos e visagens de mandinga:

Um milhão de comparses logo acode  
 Do fofo Conde ao novo Talaveiras;  
 Improvisa berrando o rouco bode.

Aplaudem de contínuo as frioleiras  
 Belmiro em ditirambo, o ex-frade em ode...  
 Eis aqui do Lerenó as quartas-feiras.<sup>245</sup>

Várias afirmações deste soneto foram consideradas como dados suficientes para garantir a autoria de Bocage: o teor deletério dos versos, a descrição caricata das reuniões dos árcades, a alusão pejorativa às *Quartas-feiras de Lerenó*, a referência nominal a alguns dos sócios da Academia de Belas Letras além da desfaçatez de chamar de “fofo Conde” a Pombeiro, Regedor de Justiça de D. Maria I. Diante desta atitude de profundo desrespeito, o Conde de Pombeiro interrompeu a realização das sessões da dita Academia em seu palácio da Bemposta e, sob a proteção do Intendente de Polícia Pina Manique, elas foram transferidas para o Castelo de São Jorge. Francisco Bingre, entretanto, em carta dirigida a José Feliciano de Castilho e datada de 4 de Setembro de 1847, explica que o autor do soneto era, de fato, Belchior Curvo de Semedo, o Belmiro Transtagano<sup>246</sup> e que

Reciprocamente se arremessaram as culpas dos dois campos. [...] Dizem uns que, depois das publicações de 1791 [*Rimas* de Bocage], o orgulho e desabrimento do poeta se tornara intolerável, sendo seus próprios companheiros alvos de suas invectivas; que, desde os primeiros dias, Bocage, que em nada sofria igual, se pôs a afetar uma superioridade incômoda, e a dar leis aos seus colegas; que pretendia dominar, absorver tudo, reinar despoticamente, arvorar-se em imperador dos versos, em sultão, que, à moda muçulmana, precisava, para subir ao trono, estrangular seus irmãos.<sup>247</sup>

Não há contudo uma razão clara que justifique a crítica tão exasperada ao poema. A violência e a virulência de seus insultos deixam entrever aspectos pessoais que nos permitem supor, embora sem provas concretas e definitivas, quais teriam sido os seus reais motivos de desacordo.<sup>248</sup> O próprio Elmano Sadino elucida sobre a sua *vendetta*. Pertencente a uma família da alta burguesia, ligada à Marinha e à Magistratura, provavelmente ter-lhe-ia sido difícil aceitar a situação de Caldas Barbosa, órfão, sem dinheiro que, entretanto, angariara a

<sup>245</sup> Transcrição segundo texto anotado de Castilho, José Feliciano de (1867 : 32)

<sup>246</sup> Ver: Academia de Belas Letras à p. 19 desta Dissertação.

<sup>247</sup> Castilho, José Feliciano de (1867 : 29)

<sup>248</sup> Ver: Apêndice documental, “Bocage e Caldas”.

proteção dos Vasconcelos e Sousa, Grandes de Portugal. Aí talvez estejam as primeiras raízes da inveja, do despeito e dos ciúmes em relação a Caldas Barbosa.

Da mesma forma não lhe teria sido fácil ser preterido por um mulato abrigado pelos Condes de Pombeiro a quem não importunava o “defeito” da cor do poeta, além de vê-lo aplaudido entusiasticamente pela nobreza e pela sociedade de Lisboa. O preconceito parece ter sido um dos grandes fatores de desavença pois Bocage não economizou o seu vocabulário mordaz e pertinente sobre o tema. Compara Caldas à figura de macaco aos guinchos e de dentes arreganhados, por lhe cortarem a cauda. Considera-o prole da tostada rainha africana Ginga, negro, feíssimo, tresandando a catinga e movido a mandingas. A negritude incomodava-o e, ao que parece, enraivecia-o. Anos mais tarde, ainda Hipólito da Costa comentaria que:

Os naturais do Brasil, quando vinham a Portugal, eram olhados como estrangeiros pelo Governo, e como macacos pela plebe.<sup>249</sup>

O preconceito de Bocage parece ter fomentado essa peleja inglória que envolveu os sócios da Academia de Belas Letras. Multiplicaram-se sátiras, ditirambos e odes atiradas uns contra os outros para quem “Elmano se considerava uma oitava maravilha, obra-prima da criação, constringendo o Criador a descansar, depois de haver produzido tal portento.”<sup>250</sup> No dizer de Castilho eram todos, de fato, parte do *genus irritabile*.

O que é pena é que, nos impulsos da revindita, como nos da simpatia, escrevendo de si, dos amigos ou dos inimigos, Bocage não tenha evitado uma desmesura que só difere da alheia, porque em parte a desculpam, não tanto as convenções da escola, como as excedências do temperamento – e os dons incontestáveis do talento.<sup>251</sup>

Caldas terá permanecido afastado da celeuma pois dele só se conhecem duas sutis manifestações relativas aos desagravos de Bocage<sup>252</sup>. A primeira é a quadrinha abaixo que recebeu resposta de Elmano Sadino. À discreta elegância de Caldas, Bocage revidou, como de costume, grosseiramente.

**Disse Caldas:**

De todos sempre diz mal  
O ímpio Manuel Maria;  
E se de Deus o não disse,  
Foi porque o não conhecia.

**Respondeu Bocage:**

Dizem que o Caldas glotão  
Em Bocage aferra o dente...  
Ora é forte admiração  
Ver um cão morder na gente!

<sup>249</sup> Costa, Hipólito José da, *Correio Brasiliense*. Apud Barbosa, Francisco de Assis (1980 : 23-24)

<sup>250</sup> Castilho, José Feliciano de (1867 : 51)

<sup>251</sup> Cidade, Hernani (1986 : 46)

<sup>252</sup> Castilho, José Feliciano de (1867 : 41)

A segunda é a “Epístola a Belmiro Transtagano”<sup>253</sup> incluída na Parte 4 do *Almanak das Musas* e publicada em 1794 e que provavelmente terá sido escrita no auge das desavenças entre os árcades e Bocage. Com bom senso, dignidade e espírito conciliador, Caldas aconselha Curvo de Semedo a se manter acima das questiúnculas que os aborreciam a todos em relação aos ataques de Bocage.

Diga-se, no entanto que, pelo menos, Elmano, demonstrou publicamente alguma admiração por Caldas Barbosa num soneto citado por Hernani Cidade<sup>254</sup>:

A Lerenó que é homem de juízo  
Por muitos versos bons, cheios de beleza,  
Perdoa, se não gostas de improviso...

## Outros contemporâneos

### Filinto Elísio\* (1734-1819)

A apreciação de Filinto Elísio aos poemas de Caldas Barbosa reduz-se a poucos versos incluídos na “Carta” de 1790 que evidenciam depreciativamente, quer a sua poética, quer a negritude de Caldas Barbosa.

Os versinhos anões a anãs Nerinas  
Do cantarino Caldas, a quem parvos  
Põem a alcunha de Anacreonte luso,  
E a quem melhor de Anacreonte fulo  
Cabe o nome; pois tanto o fulo Caldas  
Imita a Anacreonte em versos, quanto  
Negro peru, na alvura, ao branco cisne.<sup>255</sup>

A exemplo de Bocage esse intelectual também se pautava pelo preconceito da raça, o que constituía voz corrente no século XVIII, como explica Francisco de Assis Barbosa:

Outro rebelado, Filinto Elísio, não pouparia a Caldas Barbosa, dedicando-lhe uma estrofe terrível – estrofe de inhaca racista, própria do tempo -, é bom não esquecer como os brasileiros - notadamente os que “coçavam” – eram tratados em Portugal antes da mudança da Corte para o Rio de Janeiro.<sup>256</sup>

Quanto aos aspectos literários e poéticos, diz Ramos Tinhorão:

Se ao contrário do que têm feito desde o século XIX historiadores e críticos literários, considerar-se que houve estilisticamente não um, mas dois Domingos Caldas Barbosa – um cultivador do neoclacismo horaciano, outro fazedor-improvisador de versos para cantar -, a avaliação do poeta-compositor se tornaria mais fácil e mais justa.<sup>257</sup>

<sup>253</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1793). Ver: *Caro Belmiro, meu prezado Amigo*, Anexo 1.

<sup>254</sup> Cidade, Hernani (1986 : 44)

<sup>255</sup> *Apud* Cascudo, Câmara (1972 : 23). “Chamavam-no o ‘Anacreonte luso’. Os elogios exasperaram Filinto Elísio que, de Paris onde morria de saudades de Lisboa, riscou-o com um caco de vidro, incluindo-o na ‘Carta’ de Junho de 1790, sonho de um *Ad Pisones* que morreu sem propagar-se.”

<sup>256</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1980 : 23-24).

<sup>257</sup> Tinhorão, José Ramos (2004 : 111)

Filinto Elísio esteve exilado em Paris desde 1778 mas sua influência se fez sentir na cultura portuguesa até meados do século XIX. É provável que antes de sua partida para o exílio tivesse podido se inteirar das modinhas e lundus de Caldas Barbosa, canções construídas a partir do que Filinto chamou de “versinhos anões”.

Filinto não considerava, portanto, a vertente de “fazedor-improvisador de versos para cantar” como diz Tinhorão, tão distante da poética vigente na sua época. Na sua concepção literária, ao que parece, ou se seguia Horácio e Boileau ou não se era digno de crédito.

### **Antônio Ribeiro dos Santos**

O erudito Antônio Ribeiro dos Santos<sup>258</sup> - Elpino Duriense – que participara de uma reunião na casa de D. Leonor de Almeida, futura Marquesa de Alorna, em São Domingos de Benfica, assim como Filinto Elísio, foi aparentemente mais um intelectual contemporâneo desavisado quanto às novidades poéticas de Caldas Barbosa, tomando-o apenas como “fazedor–improvisador de versos para cantar”. Elpino reconhecia os talentos de Caldas Barbosa mas permanecia indeciso quanto ao partido a tomar. Era contra as “tafularias de amor” mas a favor da versatilidade de Lereno. O seu comentário se refere às modinhas e lundus interpretados por Caldas logo depois de chegar a Portugal, em 1763, e que, reunidos na *Viola de Lereno*, só seriam publicados em 1798:

Eu admiro a facilidade da sua veia, a riqueza das suas invenções, e a variedade dos motivos que toma, e o pico e graça dos estribilhos e retornelos com que remata; mas detesto os seus assuntos, e mais ainda, a maneira com que os trata e com que os canta.<sup>259</sup>

### **Marc-Marie de Bombelles (1744-1822)**

O Marquês Marc-Marie de Bombelles, designado Embaixador da França em Portugal, aí permaneceu durante dezoito meses, entre 1786 e 1788. Homem de fino trato, culto, inteligente e religioso, dedicou sua vida à carreira militar, à diplomacia e à Igreja, vindo a falecer como Bispo de Amiens. Graças ao seu espírito inquieto e perscrutador, redigiu minuciosa e persistentemente um diário no qual deixou registradas observações inestimáveis sobre os dezoito meses passados em Portugal.

<sup>258</sup> Tinhorão, José Ramos (2004 : 69-70). Antônio R. dos Santos viveu no Rio de Janeiro, tendo estudado no Seminário de N. S. da Lapa entre 1756 e 1764; discípulo de Direito Canônico da Universidade de Coimbra da qual foi bibliotecário e professor. Este depoimento está patente na “Carta sobre as cantigas e modinhas, que as Senhoras cantam nas Assembleias”, manuscrito da Biblioteca Nacional da qual foi primeiro diretor em 1796.

<sup>259</sup> Braga, Teófilo, *Filinto Elysio e os dissidentes da Arcádia* (1934 : 616-617), *apud* Tinhorão, J. Ramos (2004 : 71)

Já referimos como, na data de data de 4 de Julho de 1787, Bombelles relata ter sido convidado para uma das grandes festas realizadas na Quinta dos Condes de Pombeiro, em Belas, onde se reunia a melhor sociedade de Lisboa. No seu Diário deixou registrado em pormenor tudo a que assistiu, incluindo a apreciação da grande facilidade de improvisar de Caldas Barbosa:

L'auditoire ne se possédait pas de joie; [...] Des gens bien versés dans le portugais comme dans l'italien m'avaient déjà dit que les Italiens surpassaient beaucoup les Portugais dans l'art d'improviser. Il y a pourtant un prêtre de Lisbonne, nommé Caldas, qui versifie avec une facilité qu'on prétend être également surprenante et heureuse.<sup>260</sup>

Em outra ocasião, o Embaixador Bombelles, convidado pela Condessa de Vimieiro\* para um jantar em sua casa (30 de Março de 1788), registrou com admiração o encontro com Caldas Barbosa:

j'ai trouvé l'abbé Caldas improvisant aussi heureusement qu'obligeamment sur le prochain départ de Mme. De Bombelles et le mien. Cet homme a vraiment une imagination d'une fertilité extraordinaire. Le premier sujet lui avait été donné par Mme. D'Oyenhause: c'était que les Muses pleuraient le départ des Grâces. Il a ennobli, il a rendu intéressants des sujets qui ne paraissaient prêter à aucun développement agréable; lorsque ses premiers succès ont doublé son action, il a réellement eu des moments et des tirades sublimes. Sa tête est meublée de tout ce que la Fable et l'Histoire offrent de mieux; la manière dont il s'approprie ces richesses est celle d'un poète qui joint à la chaleur de ses idées une justesse, une suite de raisonnement dont les meilleurs improvisateurs d'Italie ne se piquent pas.<sup>261</sup>

### **William Beckford\*(1760-1844)**

Chegando a Portugal, onde permaneceu de Junho de 1787 a Janeiro de 1788, este excêntrico e inquieto aristocrata inglês, romancista, crítico de arte, escritor de viagens e político, deu início ao que ficou conhecido como o *Grand Tour de Beckford*. Durante essa curta estada no País, foi recebido com grande simpatia e admiração por nobres e pela alta sociedade portuguesa que frequentou assiduamente, tendo realizado anotações pormenorizadas de sua permanência que foram publicadas mais tarde sob forma de diário.

No dia 29 de Outubro de 1787, Beckford assim registrou o seu encontro com Caldas Barbosa:

<sup>260</sup> Bombelles, Marc-Marie (1788 : 142). “O auditório não cabia em si de alegria; / Pessoas bem versadas em português como em italiano já me haviam dito que os italianos ultrapassavam em muito os portugueses na arte de improvisar. Há entretanto um padre de Lisboa, chamado Caldas, que versifica com uma facilidade que se acredita ser igualmente surpreendente e feliz.” Ver: *Quinta de Belas* à p.105 desta Dissertação.

<sup>261</sup> Bombelles, Marc-Marie (1788 : 289), “encontrei o abade Caldas improvisando, mais por simpatia do que por dever, sobre a próxima partida de Mme. de Bombelles e a minha. Este homem tem indubitavelmente uma imaginação de uma fertilidade extraordinária. O primeiro mote lhe havia sido dado por Mme. D'Oyenhause: que as Musas choravam a partida das Graças. Ele enobreceu, tornou interessantes os motes que não pareciam se prestar a qualquer desenvolvimento agradável; quando seus primeiros sucessos o levaram a redobrar sua ação, ele de fato teve momentos e tiradas sublimes. Sua cabeça está repleta de tudo o que a Fábula e a História oferecem de melhor; a maneira como ele se apropria de suas riquezas o torna um poeta que reúne ao calor de suas ideias uma justeza, uma sequência de raciocínios dos quais os melhores improvisadores italianos carecem.”

Tivemos mais gente à mesa do que eu desejaria no meu presente estado de debilidade e abatimento. Estava D. Luís de Miranda, Martinho Antônio de Castro e Caldas, o poeta, o qual, assim que trouxeram a sobremesa, se desentranhou numa torrente de improvisados versos e durante mais de meia hora prosseguiu lamentando a minha partida em rimas extraordinariamente harmoniosas. Não pude deixar de sentir um entusiasmo que me fez sentar ao cravo e me obrigou a cantar, a despeito da minha indisposição. O resultado foi eu ser acometido de violentas palpitações e de um razoável ataque de febre. Pus-me a pintar a Caldas com tais cores a imbecilidade da corte portuguesa que espero bem se lembre de tudo isso por muito tempo. [...] Deixei o poeta e segui a pé, muito sóbrio, ao escurecer, para a casa do meu amigo.<sup>262</sup>

A par com a apreciação elogiosa aos versos harmoniosos de Caldas, não deixou, entretanto, de subestimar o seu talento ao referir pejorativamente que o poeta se “desentranhou numa torrente de improvisados versos” que provavelmente o enfadaram, uma vez que chegou a marcar o tempo de duração da respectiva declamação, a meia hora que lhe deve ter parecido uma eternidade. Não sabemos qual terá sido a reação de Caldas Barbosa diante de seus comentários pouco dignificantes sobre a “imbecilidade da corte portuguesa.”

### **José Tomáz da Silva Quintanilha\***

Sócio da Academia de Belas Letras com o pseudônimo arcádico de Eurindo Nonacriense, Quintanilha contribuiu com dois poemas para o *Almanak das Musas* que, pelo assunto, estão vinculados a Caldas Barbosa. O primeiro homenageia seus protetores: “Versos Em contemplação do sempre venturoso dia das núpcias dos condes de Pombeiro”<sup>263</sup>; o segundo é claramente dedicado a Lereno: “Epístola ao Beneficiado Domingos Caldas Barbosa”<sup>264</sup>.

Neste poema, Eurindo demonstra sua amizade e sua admiração pelo Poeta brasileiro, destacando traços louváveis do amável caráter de Lereno e o seu coração bondoso que acolhe “mil dotes cândidos”. Enaltece suas qualidades de poeta, descrevendo-o como “pulido, e puro, escrupuloso, e vasto”, além de demonstrar o domínio que possuía Caldas Barbosa da arte de fazer versos. Eurindo Nonacriense deixou gravado um retrato fiel que nos permite hoje apreciar quem terá sido de fato o Poeta.

<sup>262</sup> Beckford, William (1988 : 159)

<sup>263</sup> Nonacriense, Eurindo, *Almanak das Musas*, Tomo II, Parte 4 (1794 : 64 a 66): “Em contemplação do sempre venturoso dia das núpcias dos Ilustríssimos e Excelentíssimos Senhores Condes de Pombeiro”.

<sup>264</sup> Nonacriense, Eurindo, *Almanak das Musas*, Tomo II, Parte 4 (1794 : 91-97): “Epístola ao M. R. Senhor Beneficiado Domingos Caldas Barboza”.

### **José Agostinho de Macedo\* (1761-1831)**

Sócio da Academia de Belas Letras com o pseudônimo arcádico Elmiro Tagideo, tem o seu inegável talento e sua vasta erudição prejudicados por seu temperamento arbitrário que suscitou muitas querelas políticas e incitou inimizades. Publicou duas odes no *Almanak das Musas*, uma delas com o pretexto de cumprimentar o Conde de Pombeiro pelo seu dia de anos mas dirigida a Caldas Barbosa a quem enaltece com admiração e amizade <sup>265</sup>.

Macedo dirige-se diretamente a Lerenó a quem chama de “Sublime e sonoro Caldas”, aludindo à sua pátria americana e, a exemplo de uma invocação poética, exalta-o para que venha inspirar o seu canto que há de se elevar pelos céus até onde brilham as estrelas da constelação do Cruzeiro do Sul. Os versos de MaElmiro revelam sua grande admiração, não apenas pelo poeta, mas pelo amigo entre os ínclitos vates que o rodeavam.

### **José Basílio da Gama\* (1740-1795)**

Foi contemporâneo, amigo e parceiro de Caldas Barbosa. Aludindo à proximidade de Basílio da Gama junto ao Marquês de Pombal, Câmara Cascudo considera que este terá facilitado a participação de Caldas Barbosa entre os poetas que louvaram a inauguração da estátua em homenagem a D. José I em 1775. Sem citar a fonte, Câmara Cascudo relata um encontro de Basílio e Caldas em Sintra, como segue:

Menção verídica é a sua presença [de Caldas Barbosa] em Sintra, 1773, com o amigo José Basilio da Gama, poeta do já publicado *Uruguai* [sic]. Gama gravara num tronco d’árvore:

Neste tronco com meus votos  
Escrevo os de Márcia bela.

Estacara. O “pobre mulato” lindamente termina:

Porém, se o tronco murchar,  
Não é por mim, é por ela.<sup>266</sup>

A fonte primária de Câmara Cascudo terá sido a do Cônego Januário da Cunha Barbosa que relata o mesmo episódio<sup>267</sup> do modo seguinte:

J. B. da Gama, estando em huma Quinta em Cintra, escrevia no tronco de huma arvore os seguintes versos:

Neste tronco, com meus votos,  
Escrevo os de Marcia bella,

<sup>265</sup> Macedo, José Agostinho de, *Almanak das Musas*, Tomo II, Parte 4 (1794 : 74): “No Faustosíssimo Dia Natal / do Ilustríssimo, e Excelentíssimo / Senhor / Conde Regedor./ ODE / Dirigida ao M. R. Sr. Beneficiado / Domingos Caldas Barbosa”.

<sup>266</sup> Cascudo, Câmara (1972 : 12)

<sup>267</sup> Barbosa, Januário da Cunha (1842 : 36-37)

Huma Senhora, amante das Musas, o fez não continuar, pedindo ao Padre Domingos Caldas Barbosa, natural do Rio de Janeiro, que se achava presente, que acabasse de improviso a quadra: e elle sem demora escreveo os seguintes versos:

Porém se o verso murchar  
Não he por mim, he por ela.

Este episódio é também citado por José Ramos Tinhorão<sup>268</sup>, a partir do depoimento de Joaquim Norberto de Sousa e Silva que, também sem citar a fonte, relata este fato, invertendo, contudo, a ordem dos autores dos versos da referida quadra. Segundo Joaquim Norberto, quando Caldas Barbosa se encontrava em convalescença na Quinta de Belas, teria sido visitado pelos poetas Basílio da Gama e Lucas José de Alvarenga<sup>269</sup>. Atribui à Condessa de Pombeiro o pedido para que Caldas escrevesse alguns versos no tronco de uma árvore. Ela mesma o teria interrompido, solicitando a Basílio da Gama que terminasse a quadra. Caldas, portanto, seria o autor dos dois primeiros versos e Basílio, dos dois últimos.

### **Joana Isabel de Lencastre Forjaz (c. 1745- ?)**

À biografia de D. Joana Forjaz faltam dados importantes<sup>270</sup> mas seu perfil é bem definido pelas relações com escritores e poetas de sua época. Sua formosura e suas qualidades intelectuais foram cantadas em versos por nomes destacados da literatura, tais como, Basílio da Gama, Silva Alvarenga, Anastácio da Cunha e Nicolau Tolentino de Almeida.

Ignácio José de Alvarenga Peixoto, dedicou-lhe três sonetos encomiásticos, aludindo aos seus dotes poéticos e, sobretudo, à sua decantada formosura. Um dos sonetos – “Chegai, Ninfas, chegai, chegai, pastores”<sup>271</sup> - se reporta a uma competição de beleza em que certa vez se viram confrontadas D. Joana e a Condessa de Soure, D. Maria José de Meneses<sup>272</sup>, conhecida por Márcia Bela<sup>273</sup>.

<sup>268</sup> *Apud* Tinhorão, José Ramos (2004 : 164), “Joaquim Norberto de Sousa e Silva, História da literatura brasileira, Poetas repentistas, Revista Popular, Rio de Janeiro, B. L. Garnier, vol 14, Abril-junho de 1862, p. 130 a 146.” A fonte primária provavelmente foi a mesma, isto é, a do Cônego Januário da Cunha Barbosa (nota 338). Januário refere-se a uma “Quinta em Cintra” e a “Uma Senhora, amante das Musas” sem identificá-la. No seu depoimento Basílio escreve os dois primeiros versos e Caldas os arremata. Nesta versão entende-se que a Condessa de Pombeiro seja Márcia Bela quando, na verdade, esta alcunha pertence a D. Maria José de Meneses, filha do 4º Marquês de Marialva, segunda mulher do Conde de Soure.

<sup>269</sup> Este desentendimento terá ocorrido entre Basílio da Gama, Inácio José de Alvarenga Peixoto e seu irmão. Quanto a Lucas José de Alvarenga (1768-1831), autor do romance-folhetim *Statira e Zoroastes* (1826), era bem mais moço e seria menino quando se deu tal acontecimento. (Informação gentilmente cedida por Vânia Pinheiro Chaves).

<sup>270</sup> Topa, Francisco (2002 : 15) Terá nascido a 23 de Março de 1745; seu pai esteve ligado à Corte como Moço Fidalgo; casou-se aos 13 anos com Fernando Martins Freire de Andrade, quase quarenta mais velho que sua noiva pois tinha 51 anos nessa ocasião; tiveram cinco filhos.

<sup>271</sup> Ver: Apêndice documental, “Soneto de Alvarenga Peixoto...”, p. 415

<sup>272</sup> Filha do 4º Marquês de Marialva, segunda mulher do Conde de Soure.

<sup>273</sup> Ver: Gravações em CDs, Sawaya, Luiza e Achille Picchi, “Marcia Bela”.

Esta disputa terá sido suscitada por um soneto de Caldas Barbosa ainda não identificado. Demonstrando a amizade e a admiração nascidas da convivência que teria tido junto a Caldas Barbosa, D. Joana respondeu a Lerenó com o seguinte Soneto<sup>274</sup>:

Não me engana o espelho cristalino,  
Nele vejo, ó Lerenó, o meu defeito;  
Mas nem sinto da inveja o baixo efeito  
Nem infeliz por isso me imagino.

Quando vejo o semblante peregrino  
Da bela Márcia, então louvo e respeito  
A Sábia providência, que tem feito  
Uma prova do seu poder divino.

Longe de mim a mísera fraqueza  
Do sexo feminino, que não consente  
Os louvores de ouvir doutra beleza;

A sorte repartiu prodigamente,  
À bela Márcia graça e gentileza,  
A mim bom coração; estou contente.

#### **D. Leonor de Almeida Portugal, Marquesa de Alorna (1750-1839)**

D. Leonor de Almeida Portugal Lorena e Lencastre<sup>275</sup>, 4ª Marquesa de Alorna, que ocupa lugar privilegiado nas Letras portuguesas do século XVIII, esteve muitos anos encarcerada no mosteiro de São Félix, em Chelas.<sup>276</sup> Neste período dedicou-se a leituras as mais diversas, a escrita de seus primeiros versos bem como às muitas cartas escritas a seu pai, D. João de Almeida Portugal<sup>277</sup>. Membro de uma família pertencente à alta nobreza de Portugal, ela viveu entre os grandes de sua estirpe além de cercar-se dos intelectuais e políticos de seu tempo.

Através de suas cartas tomamos conhecimento das pessoas com quem conviveu, sendo uma delas D. Joana Isabel de Lencastre Forjaz que, como ela, era poetisa de renome, bem como da sua participação nas assembleias frequentadas por escritores e por intelectuais contemporâneos. Durante a permanência no convento (1758 a 1777) D. Leonor, sua mãe e sua irmã foram visitadas na “grade” por homens de letras que frequentavam os *outeiros* ali

<sup>274</sup> *Apud* Topa, Francisco (2002 : 60-61)

<sup>275</sup> Ver: Índice onomástico, **Alorna, Marquesa de**.

<sup>276</sup> D. Leonor foi encarcerada juntamente com sua mãe e sua irmã, em virtude da perseguição movida pelo Marquês de Pombal à sua família. Teve por grande amiga D. Teresa de Mello Breyner, Condessa de Vimieiro\* de quem recebeu apoio desde os anos de 1770.

<sup>277</sup> Anastácio, Vanda (2009 : 14-15). As cartas que trocava com seu pai e com a Condessa de Vimieiro “constituem a fonte principal para o conhecimento dos anos de juventude de D. Leonor e documentam o modo como a futura Marquesa de Alorna foi construindo a sua personalidade, guiada pelos conselhos paternos e, sobretudo, por uma sede de conhecimento que a levou a dedicar-se intensamente à leitura, ao estudo de idiomas (francês, italiano, inglês, latim e árabe) e à aprendizagem da música e da pintura.”

realizados. Entre eles estavam Filinto Elisio, seu professor e de sua irmã D. Maria Rita. Em uma das cartas dirigidas a seu pai, a futura Marquesa de Alorna relata:<sup>278</sup>

Os Poetas é Felinto e Albano e o Caldas que pela amizade dos Vasconcelos, é o mesmo que se qualquer dos nossos criados<sup>279</sup> fosse a casa da Marquesa de Fronteira. Além disto ele é admetido até em casa das Valenças, e considerado de suma indeferença em toda a parte.

Esta citação prova a aceitação de Caldas no meio da alta aristocracia. Sua presença junto à Marquesa de Alorna e a troca de poemas entre ambos é mais uma vez confirmada pelo Embaixador Bombelles no registro que fez no seu Diário no dia 30 de Março de 1788, já referido acima. No mesmo jantar oferecido pela Condessa de Vimieiro em sua casa estiveram reunidos, no mais íntimo círculo familiar, várias pessoas amigas, todas, como ela, integrantes da alta sociedade portuguesa.

Mme. la comtesse de Vimieiro a réuni aujourd'hui sa famille et nous a donné à dîner avec elle, le duc de Lafões, la duchesse, M. et Mme. Lebzelter<sup>280</sup> et le marquis de Pombal. La table, assez bien servie, l'était dans une salle qui donne sur le Tage et d'où l'on découvre à merveille la barre et la pleine mer. Je me suis acquitté fidèlement de la commission que m'avait donnée Mme. la comtesse d'Oyenhhausen: elle a plus de succès que je ne le soupçonnais. [...]

O Embaixador Bombelles ainda acrescenta:

Le duc de Lafões a ensuite fourni son contingent avec Mme. D'Oyenhhausen. Un fort-piano m'a inspiré aussi quelques vers mis en chansons. La nuit s'est avancée sans que la société s'en doutât; pour que la fête fût complète, le duc et sa femme ont dansé, Mme. De Vimieiro s'est masquée en paysanne et nous a apporté sur la tête une collation.<sup>281</sup>

No excerto do relato do Embaixador Bombelles, já referido anteriormente, podemos apreciar a proximidade entre Caldas Barbosa e a Marquesa de Alorna com quem mantinha uma relação assídua, demonstrando a existência de grande sintonia intelectual e de amizade entre ambos. Nestas linhas do Embaixador verificamos que Lerenó estava perfeitamente integrado no grupo que privava da convivência estritamente familiar de pessoas da sociedade, encantando-os com suas improvisações poéticas.

<sup>278</sup> Ver: Apêndice documental, “Carta de D. Leonor de Almeida Portugal a seu pai”, gentilmente cedida pela Dra. Vanda Anastácio.

<sup>279</sup> ‘qualquer dos nossos criados’ substitui ‘João António’ riscado em curso.

<sup>280</sup> Barão Adam de Lebzelter, Ministro do Imperador da Alemanha em Lisboa.

<sup>281</sup> Bombelles, Marc-Marie (1788 : 289), “A Sra. Condessa de Vimieiro reuniu hoje sua família e nos ofereceu um jantar em sua residência em que estiveram presentes, além dela, o duque de Lafões, a duquesa, o Sr. e a Sra. Lebzelter e o marquês de Pombal. A mesa, muito bem servida, estava disposta numa sala que dá sobre o Tejo e de onde se avista perfeitamente a barra e o mar alto. Eu saldei fielmente a comissão que me tinha dado a Sra. Condessa d'Oyenhhausen: ela goza de mais sucesso do que se imagina. [...] O duque de Lafões ofereceu em seguida a sua colaboração à Sra. d'Oyenhhausen. Um forte-piano também me inspirou alguns versos transformados em canções. A noite avançou sem que a sociedade se desse conta do fato; para que a festa fosse completa, o duque e sua mulher dançaram, a Sra. de Vimieiro se mascarou como camponesa e nos cumulou com uma consoada.”

### 4.1.3. Fortuna crítica de Caldas Barbosa no século XIX

O século XIX se caracteriza pelo aparecimento de diversas correntes literárias imersas em novas perspectivas que interagiram entre si e provocaram o definitivo distanciamento das premissas clássicas. Entretanto, no despontar do século XIX, a recepção das obras literárias estava ainda presa à estética do século anterior.

Primeiro, tentou-se localizar a produção literária do passado e reuni-la em florilégios ou parnasos, cuja importância é assinalável, pois constituíam a única hipótese de leitura de textos raros ou inéditos. Paralelamente ou em seguida, esboçaram-se panoramas sucintos da literatura brasileira, passando-se depois ao exame individualizado e mais alargado de cada autor, em geral sob a forma de biografias. Gênero importante da crítica romântica, preocupada sobretudo com o autor e com as condições da sua criação, tais biografias incluíam, como era de praxe, a bibliografia e a apreciação das obras do biografado. Estas, por sua vez, foram (re)publicadas em edições completas. Com base nos elementos conhecidos, procurou-se finalmente traçar a história literária no Brasil. Fez-se ainda a crítica da literatura do presente, que foi realizada principalmente em jornais e revistas e que teve, entre seus praticantes, diversos ficcionistas e poetas.<sup>282</sup>

Posteriormente manifesta-se “o desenvolvimento do sentido histórico traduzido na consciência da diversidade e da historicidade da vida humana”<sup>283</sup>, tendo como consequência o aparecimento de novas formas de crítica. No Romantismo observa-se ainda o aparecimento de um público emergente no que respeita à leitura, uma vez que a difusão da alfabetização veio possibilitar o maior acesso à leitura advinda do aumento de edições e de publicações periódicas.

As três primeiras testemunhas de recepção oitocentista a Caldas Barbosa viveram no dealbar do século XIX, estando de certa maneira, portanto, ainda presos à estética do século anterior.

#### **Cônego Januário da Cunha Barbosa\* (1780-1846):**

Além de ser parente próximo de Domingos Caldas Barbosa - seu sobrinho - é o mais antigo biógrafo do poeta e sua recepção privilegia um esboço biográfico de Lerenó. Segundo Marcia Taborda<sup>284</sup>, o Cônego tomou ordens sacras em 1803 e no ano seguinte foi a Lisboa, onde teria entrado em contacto com pessoas do convívio de Caldas Barbosa, falecido havia três anos apenas. Disse o Cônego:

Meu tio (assim nos informou um parente ainda vivo deste nosso poeta) não era preto nem branco, nem d’África nem da América; mas era um homem de muitos talentos e de virtudes sociais: expliquemos estes ditos. O pai de Domingos Caldas Barbosa, depois de muitos anos de residência em Angola, regressava para o Rio de Janeiro, e em sua companhia vinha uma preta grávida, que na viagem deu à luz o nosso Caldas. Seu pai, apenas desembarcado, o reconheceu e o fez batizar.<sup>285</sup>

<sup>282</sup> Chaves, Vania (1997 : 129)

<sup>283</sup> Chaves, Vania (1997 : 115)

<sup>284</sup> Taborda, Márcia (2006)

<sup>285</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1980 : 14), *Apud Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro* (1950 : 312, 317 e 318)

Por este depoimento verificamos que a família de Caldas Barbosa se inscrevia entre pessoas de bom nível social e intelectual elevado a julgar por seu pai, funcionário de D. João V em Angola, e de seu sobrinho, Cônego Januário, homem ilustrado. Explica-se desta forma o reconhecimento de seu pai pelas qualidades intelectuais do filho bem como a sua preocupação de inscrevê-lo na sociedade através do batismo e futura educação.

A apreciação crítica do Cônego Januário oferece alguns comentários sucintos sobre a inteligência diferenciada de Caldas Barbosa, o seu talento e a sua componente racial, que considera um “embaraço” para a sua vida:

[Seu pai] que lhe reconhecia uma viveza e penetração não vulgares, que lhe auguravam bons resultados dos estudos, a que o fez aplicar. Nas aulas Jesuíticas começou Caldas a desenvolver os seus talentos, ombreando-se com os melhores estudantes; mas o seu gênio desinquieto e picante brilhava sobremaneira em algumas sátiras, que, como é natural, lhe granjearam inimigos. [...] mas conhecendo que não se adiantaria na carreira militar, apesar de seus bons créditos literários, porque o acidente de sua cor lhe era então um embaraço, mais forte do que o haver nascido fora de Portugal,<sup>286</sup>

Considerando que no século XVIII não se encontram testemunhos de recepção crítica formal, podemos afirmar que o Cônego Januário seja ainda participante dessa linha de pensamento uma vez que não oferece uma recepção crítica segundo os moldes atuais.

### **Inocência Francisco da Silva (1810- 1876):**

O mais destacado bibliógrafo lusófono de seu tempo, reuniu toda a informação disponível sobre autores de língua portuguesa até meados do século XIX no seu *Dicionário Bibliográfico Português* (1849). O verbete sobre Domingos Caldas Barbosa traz importantes informações biográficas embora algumas estejam desatualizadas à luz de pesquisas recentes. Sobre sua índole diz:

Consta que fora homem prestável e estudioso, de trato ameno, disposto sempre a interessar-se por seus amigos, e a obsequiá-los no que podia, ainda que alguns se houvessem para com ele ingratamente.<sup>287</sup>

Em poucas linhas Inocência exprime sua apreciação crítica, seguida de uma lista incompleta das obras de Caldas Barbosa:

Conquanto não chegasse a merecer a qualificação de poeta de gênio, e de grande imaginação, todavia seus versos respiram facilidade, correção e elegância, e não lhe cabiam por certo as censuras e apodos mordazes com que Bocage e José Agostinho [de Macedo] a seu turno procuraram deprimi-lo, valendo-se às vezes, em falta de boas razões, de argumentos risíveis e inescusáveis, tais como o de chamar-lhe *trovador fusco, mulato, orang-outang*, etc. etc. – Na *Revista Trimensal do Instituto do Brasil* vem duas biografias de Caldas: [...] a segunda mais bem desenvolvida e melhor averiguada, acompanhada do seu retrato, no tomo XIV pag. 449 e seguintes, pelo Sr. Varnhagen. – A que José Maria da Costa e Silva escreveu para ser inserta no *Ensaio Biogr. Crítico* existe ainda manuscrita, e entrará no lugar que lhe

<sup>286</sup> *Apud* Barbosa, Domingos Caldas (2003 : 63)

<sup>287</sup> Silva, Francisco Inocência da (1849 : 185)

compete, se na continuação do mesmo *Ensaio* vier a imprimir-se a parte relativa à escola francesa, da qual Caldas é considerado um dos melhores alunos entre os engenhos de segunda ordem.<sup>288</sup>

É interessante ressaltar que Inocêncio não faz referência à negritude de Caldas, atitude rara entre os intelectuais dessa época, assim como o comentário revelador de que “não lhe cabiam por certo as censuras e apodos mordazes”. É também digno de nota o comentário de que Caldas tenha sido “um dos melhores alunos entre os engenhos de segunda ordem” da “escola francesa”.

### **Francisco Adolpho de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro (1816-1878).**

Patrono da cadeira 39 da Academia Brasileira de Letras, Varnhagen ingressou, em 1841, no Instituto Histórico e Geográfico. Este militar, diplomata e historiador e Visconde de Porto Seguro, integra o grupo de estudiosos que se dedicaram a criar a história da literatura brasileira. Em 1850 publicou os três volumes do *Florilégio da Poesia Brasileira* que contém uma antologia de poetas brasileiros falecidos, suas biografias e um *Ensaio Histórico sobre as Letras no Brasil*.

No segundo volume apresenta um estudo sobre Caldas Barbosa com informações biográficas em parte desatualizadas, mas também com apreciações significativas. Descreve-o “à semelhança de lírico grego ou de um trovador da idade média” por suas qualidades de improvisador de versos à viola, embora o considere “mais como truão do que como poeta” pelo uso de expressões populares que julga serem impropriedades da língua, como por exemplo: “Meu bem está mal com eu; Gentes de bem pegou nele; Tape, tape, tipe, ti”.

Varnhagen via Caldas Barbosa como pessoa de boa índole, de “alma afetuosa e inofensiva, que não criava inimigos, nem era acessível a intrigas”, mostrando-se sempre prestativo e sendo avesso “a todo sentimento de inveja ou rivalidade.” Parecendo relevar a negritude em função do patriotismo do “bom fulo Caldas, que tanto se ocupou do Brasil” - mesmo que tenha sido através dos “chulos lunduns da *Nhânhasinha* e do *Charapim*, em que se lembra da *cua*, do *angu*, do *quingombó*, da *malagueta*, do *mel do tanque*, etc.” – rebaixa-o, no viés do preconceito, ao afirmar que Caldas Barbosa, consciente da sua mulatice, teria preferido “passar por bobo, ser o primeiro a escarnecer de si ainda à custa de sua dignidade, mas ir vivendo descansado”.

Quanto à obra de Lereno, Varnhagen a desvaloriza, sendo de opinião que o Poeta “profundava pouco, sabia menos, não estudava”, provavelmente ignorando as duas vertentes poéticas de Caldas: o poeta popular e o erudito. A seu ver, portanto, Caldas

<sup>288</sup> Silva, Francisco Inocêncio da (1849 : 185)

olhava só ao efeito do momento, não à rima e perfeição; surpreendia os motes e glosava-os segundo se lhe apresentavam; [...] Encontrareis aí muitos desalinhos, e falta d'arte, mas através dessa irregularidade e pobreza de vestuários descobrirei muita vez inspirações originais. Nos seus estribilhos admite trivialidades, e até disparates sensabores;

Em contraposição, dá algum crédito aos poemas publicados no *Almanak das Musas*:

Ao mesmo rei D. José dedicou Caldas a *Lebreida* uma frouxa composição em 50 oitavas rimadas, que nem merece o nome de poema [...] Quintilhas nos deixou que têm muito da natural graça e singeleza das de Sá de Miranda; compôs muitos sonetos, e pode dizer-se que se ensaiou em todo o gênero de poesia. No didático possuimos dele, em rimas emparelhadas, uma recopilação da história sagrada, [...] obra que ainda hoje podia servir nas escolas para os meninos reterem na memória o mais importante da Escritura. Compôs também Caldas neste gênero duas epístolas a Arminda acerca da metrificacão, cujos preceitos expõe com clareza, mas demasiado pobremente. Além disso fazemos menção do canto em verso solto, *O Jardim*; da *Canção*; da tradução da ode 1ª de Horácio, e da carta a Mme. Deshoulières à Sra. que queria ser poetisa.<sup>289</sup>

### **Beatriz Francisca de Assis Brandão**<sup>290</sup> (1779-1875)

Esta poetisa de Ouro Preto foi autora de uma obra dispersa mas recentemente publicada a partir de pesquisas para a tese de mestrado e de doutoramento de que foi objeto.<sup>291</sup> Em 1855, mais de meio século após a morte de Caldas Barbosa, Beatriz Brandão publicou na *Marmota Fluminense*<sup>292</sup> dois poemas em que figuram, respectivamente, duas quadras do Poeta.

Sem ter podido contar com a divulgação póstuma de suas poucas publicações, verificamos que a recepção da *Viola de Lereno* na cultura brasileira perdurou, sem alarde, mas de forma constante e efetiva de que é exemplo esta citação em meados já do século XIX.

- **José Feliciano de Castilho**<sup>293</sup> (1810-1879)

Em sua obra sobre Bocage, Castilho<sup>294</sup> relatou minuciosamente muitos aspectos da vida dos poetas do século XVIII, fornecendo importantes referências sobre os acontecimentos

<sup>289</sup> Varnhagen (1851 : 447-455)

<sup>290</sup> Beatriz Francisca de Assis Brandão: (Ouro Preto, 1779 – Rio de Janeiro, 1875). Auto-didata, poetisa, compositora e tradutora de inúmeros poemas italianos e franceses. Foi uma líder nata, mulher de vanguarda. Tendo vencido os desagrvos de um divórcio, deixou sua cidade natal para viver na capital do Império. Seus poemas estão dispersos. Muitos deles foram publicados na *Marmota Fluminense*.

<sup>291</sup> Pereira, Cláudia Gomes (2005 e 2011)

<sup>292</sup> *Jornal de modas e variedades* editado por Paula Brito, de Maio de 1852 a Junho de 1857.

<sup>293</sup> José Feliciano de Castilho de Barreto e Noronha: (Lisboa, 04/MAR/1810 - Rio de Janeiro, 11/MAR/1879). Jornalista, escritor e advogado. Em 1843 foi nomeado bibliotecário-mor da Biblioteca Nacional de Lisboa; em 1846 publicou a *Livraria Clássica* com o seu irmão António Feliciano da Castilho, época em que se estabeleceu no Rio de Janeiro.

<sup>294</sup> Castilho, José Feliciano (1867)

da época. Oferece um panorama da história da fundação das academias e das arcádias em Portugal, entre elas, a Academia de Belas Letras da qual fizeram parte Domingos Caldas Barbosa e muitos de seus sócios. Suas informações esclarecem inúmeros aspectos até hoje veiculados sem uma verificação mais apurada das fontes como é caso do seu relato sobre os desentendimentos entre os poetas dessa Academia. Detém-se na biografia resumida mas muito informativa dos poetas bem como oferece o seu parecer sobre suas obras.

Aqui d’el-rei! Não se faça a este pobre beneficiado a honra de o confundir com o padre Antonio Pereira de Souza Caldas [...] Era presidente da Arcadia [de Belas Letras] este Domingos, mulato, feiíssimo, que tinha por uso acompanhar à viola os seus improvisos e trovas; e não só presidente, como dictador da Arcadia, e cortezão do conde de Pombeiro. Deixou muitas trovas colligidas na sua Viola de Lerenó (tomo I de 1819, e tomo II de 1826), e diversas producções, como odes, cantatas, quintilhas, epistolas, etc. (op. cit, p. 39-40)

Castilho demonstra pequena consideração, não apenas por Caldas Barbosa como por seu *Almanak das Musas*:

Está o famoso *Almanak das Musas* (o livro dos doze vinténs) pejado de denominadas poesias do mesmo infatigável, de quilates não mui superiores aos d’esta [*“Os poetas pintão as bocas”*]; sendo para pasmar que semelhante reputação usurpada houvesse conquistado applausos de vários contemporaneos distinctos, se não lhe soubessemos de dous outros talentos sublimes: o de ser bom empenho para fidalgos, e o da delicadeza e profusão dos seus jantares.<sup>295</sup>

Sobre a contribuição do *Almanak das Musas* e de seus poetas manifesta-se com evidente desagrado e desaprovação:

por serviços duradouros prestados às letras [constituindo uma] insignificância em quatro volumes, de que pouco se pode aproveitar. Releva igualmente observar que a composição da *Nova Arcádia* estava longe de equiparar à da antiga, a que pertenceram Garção, Diniz, Quita, Gonzaga, e outros peregrinos talentos. (op. cit., p. 27-28).

- **Teófilo Braga**<sup>296</sup> (1843-1924)

Considerado o mais importante crítico e teórico da segunda metade do século XIX em Portugal, Teófilo Braga aderiu às concepções positivistas e ao pensamento determinista de Taine para efetuar uma crítica histórica da literatura, tendo dado especial atenção à poesia popular e ao folclore, além de ter deixado uma contribuição inestimável pela descoberta de importantes documentos biográficos e bibliográficos.

A sua apreciação sobre Caldas Barbosa resume-se a algumas referências: à presença na Academia de Belas Letras, à incompetência literária, à negritude, às improvisações, às Modinhas e à índole pacífica e tolerante do Poeta. Teófilo Braga relata como se passavam as reuniões dos pastores da Academia de Belas Letras presididas por Caldas Barbosa na

<sup>295</sup> José Feliciano de Castilho (1867 : 41)

<sup>296</sup> Teófilo Braga: Ponta Delgada, 24/FEV/1843 — Lisboa, 28/JAN/1924. Político, escritor e ensaísta; dedicou-se à etnografia, à poesia, à ficção e à filosofia. Foi o introdutor do Positivismo em Portugal. Exerceu fugazmente o cargo de Presidente da República, entre 29/MAI/ e 04/AGO/1915.

residência do Conde de Pombeiro.

A *Academia das Humanidades de Lisboa* foi transformada na Academia de Belas-Letras pelo mulato brasileiro, o Pe. Domingos Caldas Barbosa, reunindo-se às quartas-feiras no palácio do Conde de Pombeiro. [...] o Pe. Caldas, que presidia às sessões literárias, e à maneira italiana brindava os neo-arcades com chá e bolos, cantando *Modinhas brasileiras*, tornando faladas as quartas-feiras de Lereno. Bocage não podia suportar tanta<sup>297</sup> chateza. Além das sessões da quarta-feira, celebravam uma sessão especial a 8 de Dezembro à Conceição da Virgem.<sup>298</sup>

É interessante verificar neste depoimento de Teófilo Braga a apreciação pela modinha na época de Caldas Barbosa. Na sua opinião eram elas as únicas responsáveis pelo sucesso de Lereno, segundo ele, tão bom cantador quanto incompetente diretor de tertúlias literárias. Este ambiente medíocre, entretanto, exasperava Bocage que não podia perdoar nem o sucesso e muito menos a negritude de Caldas.

[Bocage] veio mais tarde a detestar a paixão pela Modinha, donde tirava a sua importância literária o mulato Caldas, ou o mulato Joaquim Manoel recebido e ouvido com pasmo em todas as sociedades<sup>299</sup> [...] O beneficiado Domingos Caldas Barbosa, curta mediocridade poética, não tinha competência para dirigir quaisquer trabalhos literários, e devia a sua celebridade à prenda inestimável de cantar *Modinhas brasileiras* nas reuniões de família.

Bocage não lhe podia perdoar esta condição [de mulato] e atacava-o pela cor, pelas suas canções em redondilha menor improvisada à guitarra, às quais o acento brasileiro fazia realçar esses lânguidos requiebros

Teófilo Braga enfatiza o preconceito vigente na época de Caldas Barbosa responsável por muitas das invectivas de Bocage ao Poeta que, dotado de boa índole, mantinha-se reservado. Conclui o crítico que cabia à “sociedade ignara” a aceitação tácita dos encantos de Caldas na interpretação das modinhas.

Natureza constantemente ultrajada por causa do seu nascimento, adquiriu uma tolerância que o tornava benquisto; nos virulentos ataques de Bocage, o beneficiado Caldas não respondia. O gosto da Modinha [...] é que o fazia procurado e ouvido; como brasileiro e improvisador, acompanhando-se ele próprio à viola, dava-lhe um encanto estranho que chegou a influir no gosto literário. [...] A culpa não estava da parte do Caldas, mas da sociedade ignara que se comprazia com esse gênero tradicional, renascido no século XVIII no gosto português.<sup>300</sup>

### **Silvio Romero**<sup>301</sup> (1851-1914)

Constitui a figura mais representativa da crítica literária dos anos 70 do século XIX, personagem central de uma nova geração intelectual do Nordeste brasileiro e espalhada por todo o país. Silvio Romero inaugura os estudos literários do ponto de vista sociológico, inspirado nas ideias de Taine: influência do meio, raça e momento na produção artística. Sua

<sup>297</sup> Braga, Teófilo (1984 : 371)

<sup>298</sup> Idem (1876 : 94)

<sup>299</sup> Ibidem (1876 : 26)

<sup>300</sup> Braga, Teófilo (1876 : 94-98)

<sup>301</sup> Silvio Romero: (Lagarto, Sergipe, 21/ABR/1851 - 18/JUN/1914), crítico literário, ensaísta, poeta, filósofo, professor e político.

*História da Literatura Brasileira* (1882), que inclui importantes estudos folclóricos, etnográficos, sociais, políticos, filosóficos e históricos, faz dele um marco inaugural da moderna historiografia literária brasileira. Sua leitura da obra de Caldas Barbosa se realiza dentro dessa ampla perspectiva. Ao contrário de autores do passado e de seus contemporâneos, Silvio Romero considera a negritude, não como um defeito mas, como uma mais-valia como se pode inferir de algumas de suas considerações mais significativas<sup>302</sup>, a começar pelas que referem a sua mestiçagem em relação ao temperamento de Caldas Barbosa, como quando diz:

Domingos Caldas Barbosa era um mestiço de primeira mão, filho de branco e negra; [...] Se na mestiçagem há vários graus, como é sabido, Barbosa ocupou aí um dos primeiros lugares; era um mestiço escuro, acobreado; nele não predominava o sangue branco; havia equilíbrio.

Ou quando refere as opiniões de Varnhagen:

Ao fato da cor atribuiu Varnhagen o suposto caráter submisso de Caldas Barbosa. [...] Primeiramente, o poeta não era submisso; era apenas amorável, alegre, expansivo e divertido. [...] Além disto, se alguma coisa existe no mestiço, que se possa considerar a nota predominante de seu caráter, é a rudeza, a independência, o orgulho, a tendência ao desrespeito, a falta do senso da veneração. Sob a sua epiderme mais ou menos acentuada mais depressa descansará a alma de um soberbo, de um orgulhoso, do que a de um baixo, de um servil. O mestiço junta a essa qualidade primordial de seu temperamento uma outra igualmente apreciável e que lhe serve de contrapeso: é a expansibilidade, a alegria, que às vezes propende para uma pronunciada veia cômica e satírica.

Adepto das teorias deterministas de Taine, Silvio Romero considera o fator racial como sendo da maior importância na formação da personalidade e do caráter. Destaca o valor dessa componente nos mestiços brasileiros que se tornaram grandes homens públicos e renomados artistas, como quando afirma:

Raro é o mestiço bem caracterizado no Brasil que não seja músico ou pintor, especialmente a primeira das duas coisas. Alguns têm sido excelentes compositores; neles há um sopro de originalidade puramente brasileira. Silva Alvarenga e Caldas Barbosa foram excelentes músicos e poetas, a ainda agora os melhores compositores nacionais, Henrique de Mesquita e Carlos Gomes, são mestiços, como o fora também o célebre Padre José Maurício.

### **José Veríssimo**<sup>303</sup> (1857-1916)

Contemporâneo de Silvio Romero, considerado o maior crítico do século XIX, José Veríssimo não estava totalmente de acordo com os postulados de Taine, tendo adotado uma visão mais próxima à estética da literatura. Ao analisar o que chamou de “mesquinhez poética da maior parte do século XVIII”<sup>304</sup>, considerou a existência, no Brasil, de poetas reconhecidos

<sup>302</sup> Idem (1980 : 476 a 478)

<sup>303</sup> José Veríssimo Dias de Matos (Óbidos, 08/ABR/1857 — Rio de Janeiro, 02/DEZ/1916) escritor, educador, jornalista e estudioso da literatura brasileira, Imortal e principal idealizador da Academia Brasileira de Letras.

<sup>304</sup> Veríssimo, José (1969 : 80)

pelos literatos da Metrópole cuja produção foi responsável pelos primeiros passos de uma literatura brasileira. O grupo mais destacado pertencia à chamada “escola mineira” ao lado da qual gravitavam outros de menor importância, segundo suas palavras, “tão insignificantes que podemos dispensar-nos de os levar em conta no estudo da nossa evolução literária. Deles é um dos de melhor engenho o mulato ou crioulo Caldas Barbosa.” Entretanto, José Veríssimo não o tinha em muito boa consideração, segundo seu próprio testemunho:

Passou o maior tempo de sua vida em Portugal, como familiar, parasita, quase fâmulos dos condes de Pombeiro, capelão e poeta mercenário dessa família fidalga e generosa. Não tem nenhuma superioridade, porém apenas valerá menos que muitos dos poetas portugueses seus contemporâneos com quem conviveu e emulou. (op. cit., p. 81)

O crítico enfatiza a brasilidade de Caldas Barbosa, mesmo que, do seu ponto de vista, fosse expressa de forma menos nobre, ao dizer:

Vivendo a vida portuguesa, conservou, entretanto, alerta o sentimento íntimo da poética popular brasileira revelado no estilo de algumas composições suas em que desce até as formas indecorosas ou delambidas do verso popular.<sup>305</sup>

A mesma associação com o “caráter brasileiro” está subjacente em frases como esta:

E que tais modos triviais do nosso lirismo popular de mistura com reminiscências, sentimento e sensações de cousas brasileiras.

Um século depois da recepção de Caldas Barbosa em Lisboa José Veríssimo oferece a visão dos acontecimentos na perspectiva característica do final do século XIX:

Cantados à viola, com os requebros e denguiques da musa mulata, e o sotaque meloso do brasileiro, versos tais teriam em Portugal o sainete do exótico, para resgatar-lhes a mesquinhez da inspiração e da forma. Não enriquecera a poesia brasileira. Na história desta, Caldas Barbosa apenas terá a importância de testemunhar como se havia já operado no fim do século XVIII a mestiçagem luso-brasileira, que, primeiro física, acabara por influir a psique nacional. Era natural que essa influência no domínio mental se principiasse a manifestar num mestiço de primeiro sangue, como parece era o “fulo Caldas”, dos apodos dos seus rivais portugueses. [Entretanto] é com Caldas Barbosa que expressamente se revela na poesia brasileira, a musa popular brasileira na sua inspiração dengosamente erótica e no seu estilo baboso.<sup>306</sup>

Acrescentando, mais adiante:

[Mas] Caldas Barbosa [...] não obstante as condições em que se lhe desenvolveu o engenho e em que poetou, conservou um íntimo sentimento da sua terra e espontaneamente o exprimia.<sup>307</sup>

Embora nesta última afirmação José Veríssimo procure dar a Caldas Barbosa algum valor, não se eximiu de o denegrir na sua crítica preconceituosa, não lhe conferindo o mérito que

<sup>305</sup> Veríssimo apresenta os exemplos poéticos como se pertencessem a uma única estrofe mas, por fazerem parte de diferentes cantigas, estão aqui transcritos separadamente e identificados por seus poemas de origem.

<sup>306</sup> Veríssimo, José (1969 : 82)

<sup>307</sup> Idem (1969 : 118)

hoje veio a adquirir como precursor da música popular brasileira, independentemente da sua mulatice.

#### 4.1.4. Fortuna crítica de Caldas Barbosa nos séculos XX e XXI

A recepção literária deste século apresenta uma complexidade muito maior do que a dos períodos anteriores, prendendo-se às mudanças relevantes na sociedade e na cultura do Ocidente assim como na produção de formas artísticas que apontaram para novas abordagens estéticas. Observamos a aproximação entre a arte erudita e popular, misturando-se os respectivos estilos num processo em que se verifica o universo multifragmentado do mundo contemporâneo, a preocupação com o presente sem projeção no futuro e a grande liberdade de criação.

Tido como a era da crítica, o século XX, além de efetivar uma tomada de consciência da crítica em relação a si mesma, apresenta um verdadeiro caudal de textos e uma riqueza de técnicas de abordagem das obras literárias, sustentadas por concepções diferentes da literatura. Contudo, nas primeiras décadas, as formas de crítica mais representativas do século anterior se mantiveram como práticas dominantes.<sup>308</sup>

A apreciação de uma obra depende do conhecimento do autor que a criou, acrescentando-se que a avaliação do seu mérito e de seu significado só podem ser medidos no quadro histórico em que foi produzida. Para cumprir estas premissas se faz necessária a fixação do texto e a análise de suas variantes, a datação do texto completo e das suas partes, o estudo da biografia do autor, aí incluídos o seu êxito e a sua influência.

#### José Osório de Oliveira<sup>309</sup>

Refere-se a Caldas Barbosa através de suas modinhas sobre as quais tece considerações históricas hoje desatualizadas. Classifica-o como poeta secundário da plêiade mineir, sublinhando uma vez mais a sua “brasilidade”:

De entre os poetas secundários da mesma época [a chamada *plêiade mineira* do século XVIII] não tem sido suficientemente destacado Domingos Caldas Barbosa, improvisador de *modinhas*. Mestiço, ele encontra, antes de mais ninguém, o tom poético que melhor corresponde ao sentimento lírico-erótico do povo brasileiro.<sup>310</sup>

<sup>308</sup> Chaves, Vania Pinheiro (1997 : 233- 235)

<sup>309</sup> José Osório de Oliveira (Setúbal, 1900 / ? 1964), ficcionista, poeta e crítico literário, tornou-se um dos maiores divulgadores da literatura cabo-verdiana e defensor da aproximação literária entre Portugal e o Brasil.

<sup>310</sup> Oliveira, José Osório de (1964 : 40-41)

### **Hernani Cidade**<sup>311</sup> (1887-1975)

O *Dicionário de Literatura* de Prado Coelho traz um verbete de Hernani Cidade dedicado a Domingos Caldas Barbosa. O crítico é favorável à data de 1738 como a do nascimento do poeta, enfatizando a sua recepção nos salões aristocráticos de Lisboa como improvisador de versos, de modinhas e de lundus e informa que Caldas teria ido a Roma, tornando-se sócio da Arcádia Romana com o nome de Lereno Selinuntino, além de ter sido o fundador da Nova Arcádia, afirmação já desatualizada. Destaca a troca de sátiras mordazes endereçadas por Bocage a Caldas Barbosa que contava com a amizade de José Agostinho de Macedo. Ao listar suas obras, considera que

*A Viola de Lereno*, “coleção de suas cantigas” (1798), alguns trechos da “História Sagrada em verso” (1792) e outras composições mostram, contudo, que o poeta tinha méritos superiores aos que as sátiras lhe atribuem.<sup>312</sup>

Em sua obra sobre Bocage<sup>313</sup>, entretanto, oferece mais algumas informações sobre a relação deste com Caldas Barbosa. Relata que Bocage, ao chegar a Lisboa em 1790 depois de sua longa estadia em Goa, fora convidado pelos “confrades em Apolo” a integrar a recém criada Academia de Belas Letras ou Nova Arcádia.

Segundo Hernani Cidade, Bocage não encontrava no ambiente da Arcádia nada que lhe agradasse nem que lhe desse crédito uma vez que, na opinião do crítico,

Nela tinham aplauso garantido todos os insignificantes ecos de um horacismo imobilizado em temas e formas perimidos. Os *Idílios Marítimos* que nela [Bocage] recitou, como os versos dedicados à Virgem, em sessões que a esta foram consagradas, não obtiveram nem aplausos mais fortes, nem crítica mais preocupada de justiça, do que as modinhas do Caldas ou as éclogas do conde...<sup>314</sup>

### **Manuel de Oliveira Lima**<sup>315</sup> (1867-1928)

No capítulo de seu estudo sobre a Literatura Colonial no século XVIII, Oliveira Lima deixa transparecer o seu entusiasmo pelo Brasil, segundo ele, uma permanente fonte de renovação em relação à Metrópole. No campo literário afirma que a geração brasileira supera à do Reino pela espontaneidade sem artifícios, “deixando palpitar nos seus versos a alma de

<sup>311</sup> Hernani Cidade: (Redondo, 07/FEV/1887 - Évora, 02/JAN/1975), jornalista, crítico literário, ensaísta, historiador, e professor.

<sup>312</sup> Coelho, Jacinto do Prado (1997 : 86.)

<sup>313</sup> Cidade, Hernani (1986 : 37-38)

<sup>314</sup> Ibidem (1986 : 39)

<sup>315</sup> Manuel de Oliveira Lima: (Recife, 25/DEZ/1867 — Washington, 24/MAR/1928. Escritor, crítico, embaixador do Brasil em diversos países e professor-visitante na Universidade de Harvard. Membro-fundador da Academia Brasileira de Letras

uma nova nacionalidade.”<sup>316</sup> Aponta Caldas Barbosa como responsável por fazer ressurgir as tradicionais formas líricas portuguesas, embora nem ao menos nomeie qualquer de suas obras.

A seu ver, entre todas as influências da Colônia assimiladas pelos portugueses, a música parece ter representado papel primordial e, nesse contexto, desponta

o nosso patricio Caldas Barbosa entoando ao som da viola repentes satíricos, pouco maldosos e nada imorais, que condiziam com o seu caráter manso e discreto, ou suspirando as cantigas melancólicas que tanto se casam com a idiosincrasia lusitana. O fulo capelão ao que parece sempre envergonhado da sua cor na roda em que o atirara a proteção de um gentilhomen, o marquês de Belas, e onde o seu talento de versejador e os seus amáveis improvisos lhe tinham dado reputação e grato acolhimento, sustentou galhardamente na capital portuguesa os créditos da escola brasileira de poesia.<sup>317</sup>

Ao comparar Caldas Barbosa aos seus colegas árcades, Oliveira Lima tece-lhe inúmeros elogios.

Caldas Barbosa, o repentista gracioso, delícia dos saraus lisboetas, disputado pelos curiosos da galhofa recatada, conservou a naturalidade de expressão e a singeleza de pensamento. Ambos estes predicados contrastam vantajosamente com a retórica empolada e pedantesca da quase totalidade dos colegas [...] Por causa do seu lirismo desprezioso, a que foi mesmo sensível a emoção popular, guardando-lhe várias cantigas de memória; pelo sabor brasileiro, de linguagem e de sentimento, que se desprende de muitos dos seus versos; e também pela docilidade de caráter que o distinguia,<sup>318</sup>

### **Luís da Câmara Cascudo**<sup>319</sup> (1898-1986)

A biografia de Domingos Caldas Barbosa vem relatada por Câmara Cascudo na sua “Apresentação” ao estudo dedicado a esse poeta na coleção *Nossos Clássicos*<sup>320</sup> do qual constam informações já conhecidas. Aponta, entretanto, para um aspecto não citado anteriormente pelos pesquisadores o de não haver registro da produção brasileira do autor.<sup>321</sup>

Sobre suas inúmeras produções publicadas no *Almanak das Musas*, acrescenta comentários sobre os talentos poéticos de Caldas Barbosa, elogiando-lhe a obediência aos padrões clássicos de verificação e de mitologia entre outros aspectos de mérito. Não deixou de destacar paralelamente sua capacidade de improvisação popular que usou na *Viola de Lereno* e que terá sido responsável por sua permanência na memória literária.

Quem fala no Pe. Caldas Barbosa lembra unicamente a *Viola de Lereno*, *Coleção de Suas Cantigas Oferecidas aos Seus Amigos*, [...] Caldas levava do Brasil a sensibilidade nativa e a maneira uniforme e poderosa da expansão lírica do povo, quadrinhas com rimas simples, molhadas de sensualidade, de ardor amoroso, vivas em dengue, paixão e súplica.<sup>322</sup>

<sup>316</sup> Lima, Manuel Oliveira (1896 : 172)

<sup>317</sup> Lima, Manuel Oliveira (1896 : 177-178)

<sup>318</sup> Idem (1896 : 178)

<sup>319</sup> Luís Câmara Cascudo, (Natal, 30/DEZ/1898 — Natal, 30/JUL/1986). Historiador, folclorista, antropólogo, advogado e jornalista.

<sup>320</sup> Cascudo, Luis da Câmara (1976 : 5- 30)

<sup>321</sup> Cascudo, Luis da Câmara (1976 : 10)

<sup>322</sup> Idem (1976 : 15-16)

Com opinião semelhante à de Castilho, Cascudo inclui Caldas Barbosa no cenário da Literatura como poeta popular, dizendo:

A obra do Pe. Caldas Barbosa é realmente a *Viola de Lerenó*. O resto participa da arqueologia literária apenas útil como recordação e confronto de época passada e defunta. [Mas] Que o Pe. Caldas era capaz de maiores saltos poéticos, não se discute.<sup>323</sup>

Câmara Cascudo registra com propriedade a sua importância em Portugal do final do século XVIII, sublinhando que teria levado do Brasil a matéria-prima para seus versos. Acrescenta ainda a importância da tradição poética que o autor lançou e sua indiscutível contemporaneidade. Numa apreciação final sobre Caldas Barbosa, Câmara Cascudo compara as duas vertentes poéticas de Caldas Barbosa, a horaciana do *Almanak das Musas* e a popular da *Viola de Lerenó*. No seu entender, esta última é a responsável pela irradiação do lirismo brasileiro na Europa:

Quando Caldas segue submissamente os moldes literários de Lisboa neoclássica e faz versos duros e frios estava juntando material para a fossa comum de todos os justos esquecimentos. Com a viola, cantando, era a voz sereneira, expressiva e legítima, o primeiro atrevimento, madrugada afoita, anunciando na Europa a lírica do povo do Brasil.<sup>324</sup>

Também Manuel Bandeira igualmente reconheceu Caldas Barbosa como “o primeiro brasileiro onde encontramos uma poesia de sabor inteiramente nosso”.<sup>325</sup>

### **Sergio Buarque de Holanda**<sup>326</sup> (1902-1982)

Este estudioso restringe-se à biografia de Caldas Barbosa e a sucintas linhas sobre sua obra, apenas mencionando a *Viola de Lerenó*, segundo ele, a obra da mais autêntica expressão da “meiguice brasileira”. Esta qualidade, ainda na opinião de Buarque de Holanda, valeu a Caldas o mérito de ser o antecessor da canção popular brasileira.

Mestiço e natural do Rio de Janeiro, foi Domingos Caldas Barbosa, entre os poetas de seu tempo, que, mais vivamente exprimiu a “meiguice brasileira”. Por essa qualidade, entre algumas outras, que o faz um antepassado dos atuais cantores populares, seu nome merece ser lembrado. [Em Portugal] Conseguiu rápida celebridade, como introdutor da “modinha” brasileira nos salões lisboetas. Entre as publicações de sua autoria distingue-se a *Viola de Lerenó*<sup>327</sup>

<sup>323</sup> Ibidem (1976 : 21- 23)

<sup>324</sup> Cascudo, Luis da Câmara (1976 : 30)

<sup>325</sup> *Apud* Barbosa, Domingos Caldas (1980 : 21)

<sup>326</sup> Sergio Buarque de Holanda (São Paulo, 11JUL/1902 Idem, 24/ABR/1982), um dos mais importantes historiadores brasileiros além de crítico literário e jornalista.

<sup>327</sup> Holanda, Sergio Buarque de (1953 : 284)

**Antonio Soares Amora**<sup>328</sup> (1917-1999)

É o autor do capítulo “Neoclassicismo e Arcadismo”<sup>329</sup> que integra a obra *A Literatura no Brasil* dirigida por Afrânio Peixoto. O Autor considera Caldas Barbosa como poeta de transição entre o Arcadismo e o Pré-Romantismo.

Como outros poetas dessa época, Caldas Barbosa intitulou-se pastor, falou em gado e choça, seguindo, sempre que podia, os modelos da Arcádia. [...] cantava, acompanhando-se ao violão, lundus e modinhas, graciosas e alambicadas – precisamente os que formam a maior parte da *Viola de Lereno*. As liberdades que tomava para enquadrar os versos em música, ou ao improvisar, afastaram-no do rigor arcádico, impedindo-lhe a adoção de um esquema métrico, rítmico, ou rimático.<sup>330</sup>

Amora alude à polêmica da nacionalidade de Caldas Barbosa pois, tendo vivido mais da metade de sua vida em Portugal, uns queriam-no português e outros, brasileiro. Também para este crítico a “brasilidade” de Caldas é uma evidência, como se pode concluir a partir das afirmações abaixo:

Era debate ocioso: sua linguagem é muito mais brasileira, pelo que tem de espontânea e informal, do que a dos árcades. A colocação pronominal já é bem característica, *você* é usado com frequência, depois do ostracismo a que fora relegado pelos árcades, e a expressão não obedece à sintaxe de Portugal. Por outro lado esse fato, bem como o uso de palavras regionais, curiosas para os portugueses, talvez possa ser explicado pela necessidade de manter o tom exótico, que assegurava ao violeiro a voga das suas modinhas. As quadras de Caldas são cheias de um dengue e um requebro tipicamente crioulos, de um sensualismo chão, ao mesmo tempo ingênuo, que seria impossível em homem de outra raça. Sua linhagem resume languidez, e tem um tom desabusado, servil quase, inteiramente fora da expressão nobre preceituada pela Arcádia.<sup>331</sup>

Soares Amora considera ainda que o valor da obra de Caldas Barbosa se resume a interesse puramente histórico pois, em se tratando de um autor de transição, embora ainda dentro do Arcadismo, não teve destreza para usar jogos formais que disfarçassem os lugares comuns da poesia arcádica, a exemplo de Silva Alvarenga. Pondera ainda sobre duas vertentes da possível raiz popular das cantigas de Caldas Barbosa. No seu entender, não foi responsável por influenciar com elas a verve popular mas, muito pelo contrário, terá sorvido do povo a inspiração para a sua forma de improvisar. Por outro lado, baseado no confronto de textos, considerou ser indevida a comparação que Varnhagen estabeleceu entre Caldas e Sá de Miranda. As conjecturas de Soares Amora, definindo essa questão, considerando-se as investigações até hoje realizadas sobre o poeta, seriam mais um “debate ocioso” diante da quase impossibilidade de precisar qual terá sido a influência primeira.

---

<sup>328</sup> Antônio Augusto Soares Amora (São Paulo, 18 de abril de 1917 - São Paulo, 19 de janeiro de 1999), foi um pioneiro, educador, professor, poeta, escritor e ex-presidente da Academia Paulista de Letras

<sup>329</sup> *Apud* Coutinho, Afrânio (1966 : 336-337)

<sup>330</sup> *Idem* (1966 : 336)

<sup>331</sup> *Ibidem* (1966 : 336-337)

- **Antonio Candido**<sup>332</sup> (1918)

Curiosamente, Antonio Candido vem a ser o único estudioso que enfatiza o texto poético intrinsecamente ligado à música. Dedicou para o assunto um capítulo especial, considerando, sob esse aspecto, Silva Alvarenga e Caldas Barbosa no mesmo patamar.

Silva Alvarenga foi um verdadeiro poeta e homem culto, consciente das responsabilidades da inteligência no Brasil e ao mesmo tempo dotado de uma sensibilidade delicada, que o levou a realizar-se com refinamento e graça; Caldas Barbosa, como ele mestiço, músico, terno e amaneirado, foi um simples modinheiro sem relevo criador. No entanto, deve ser posto na mesma chave porque a sua obra chega à consequência extrema de certas tendências melódicas e concepcionais da Arcádia, que em *Glaura* já tocam o ponto onde a poesia se desfaz em música.<sup>333</sup>

Antonio Candido comenta a candura com que Caldas Barbosa fala das coisas e dos sentimentos da pátria ao definir, através do vocabulário utilizado, os traços afetivos do Brasil. Por exemplo: dengue, quebranto, derretimento. Em sua opinião, o emprego de palavras mestiças provavelmente causava, pela estranheza, efeitos de surpresa e de graça ao cantar. Algumas notas pungentes de longínqua tristeza ou uma ideia poética de maior inspiração eram, entretanto,

momentos fugazes na inocuidade geral da sua lira. Na verdade a *Viola de Lereno* não é um livro de poesias; é uma coleção de modinhas a que falta a música para podermos avaliar devidamente. É possível que lhes desse o relevo que o autor com certeza lhes dava, a julgar pela relativa importância em que foi tido pela gente da Nova Arcádia. Entregues à leitura, inexistem, como acontece quase sempre às letras de modinha, que Caldas teve contudo o mérito de dignificar e que influiria ponderavelmente na evolução rítmica do verso português. [...] visto hoje, o “trovista Caldas”, tão simpático e boa pessoa, e tão maltratado por Bocage, desaparece praticamente ao lado dos patrícios mais bem dotados.<sup>334</sup>

**Antonio José Saraiva (1917-1993) – Óscar Lopes (1917)**

No seu estudo sobre a Literatura Portuguesa estes autores dedicam-se a recordar a extinção da Arcádia Lusitana e a fundação, em 1790, da Nova Arcádia ou Academia de Belas Letras. Caracterizam o poeta, sublinhando o elemento popular da sua obra, considerando-o como pioneiro do romantismo ao afirmar:

Convém notar que Caldas Barbosa (1740 – 1800), o *Lereno* da Nova Arcádia, amolece e populariza certos temas arcádicos para os adaptar às modinhas brasileiras que o celebrizam. Certa cor local e certo dengue brasileiro constituem, no conjunto destes poetas [da Escola Mineira], uma contribuição importante para a formação do gosto romântico entre nós.<sup>335</sup>

---

<sup>332</sup> Antonio Candido de Mello e Souza (Poços de Caldas, Minas Gerais, 24/JUL/1918). Escritor, professor e crítico literário.

<sup>333</sup> Candido, Antonio (1959 : 144-145)

<sup>334</sup> Candido, Antonio (1959 : 146)

<sup>335</sup> Saraiva, A. (1987 : 672-678)

Enfatizam o sucesso de Caldas Barbosa entre a sociedade lisboeta “com sua viola e o seu sotaque brasileiro nas modinhas ou num lundum chorado, predecessor do fado lisboeta.”<sup>336</sup>

Acrescentam ainda sua apreciação sobre a temática, a forma e a atualidade dos poemas de Lerenó que,

Sob o aspecto temático, muitas vezes pouco mais fazem do que reduzir e facilitar as convenções eróticas do arcadismo, de modo que possam apreender-se sem esforço através do canto. Mas o canto ajuda-o a desarticular a fraseologia erudita, a introduzir interjeições, bordões ou frases feitas da sua fala oral nativa. [...]. Com toda a sua superficialidade, em suma, Caldas Barbosa é dos raros setecentistas cujo texto mantém uma certa viveza oral ainda hoje.<sup>337</sup>

### **Massaud Moisés**

No verbete apresentado por este estudioso e dedicado a Domingos Caldas Barbosa,<sup>338</sup> sua biografia apresenta, em geral, a repetição de informações tiradas de outras fontes não primárias que repetem idênticas imprecisões. Oferece uma lista parcial das obras do Poeta, destacando apenas a *Viola de Lerenó*:

coleção de lundus, modinhas, liras de um arcadismo visivelmente de decadência, em que a frouxidão formal é compensada por certa espontaneidade de linguagem que, no adocicamento dos dengues e no sentimentalismo entre lascivo e servil, tanto quanto pelo uso frequente de termos regionais, já se pode considerar diferencialmente brasileira. Daí muitas das trovas de C. B. se terem folclorizado, consoante o depoimento de Silvio Romero.<sup>339</sup>

### **Marcia Tabora**

O levantamento bibliográfico relativo a Caldas Barbosa feito por esta pesquisadora apresenta fontes de grande interesse para o estudo do Poeta. Sua comunicação enfatiza a problemática ainda sem solução de ser Caldas Barbosa o compositor de suas modinhas e lundus ou mesmo se tocava viola. Entre outros aspectos relevantes deste trabalho, suas conclusões reiteram a discussão ainda em curso.

Na tradição da música popular é incontável o número de publicações de modinhas que circulavam pelo Rio de Janeiro, sempre desprovidas da parte musical e muitas vezes deixando de mencionar o autor da música; tão pouco era prática do compositor popular anotar suas melodias; estas se faziam conhecer pelo processo de difusão oral. [...] Não fosse ele o compositor destas melodias, que outro personagem estaria habilitado a fazê-lo?<sup>340</sup>

---

<sup>336</sup> Saraiva, A. (1987 : 680)

<sup>337</sup> Idem (1987 : 680)

<sup>338</sup> Moisés, Massaud (1987 : 74)

<sup>339</sup> Moisés, Massaud (1987 : 74)

<sup>340</sup> Tabora, Marcia (2006 : 1)

Esta questão ainda constitui assunto de discussão entre os pesquisadores pois dividem-se entre os que consideram Caldas o compositor de letra e música de suas canções e aqueles que o vêem apenas como poeta. Ainda hoje, nem sempre os músicos populares conhecem a notação musical de modo que suas criações são divulgadas oralmente, sem que se mencione o nome do compositor ou do letrista. Esta dissertação terá acrescentado mais argumentos para um direcionamento conclusivo da questão da autoria de letra e música das modinhas e lundus de Caldas Barbosa muito embora, como afirma a pesquisadora Marcia Taborda e, discordando de Manuel Morais, não se conheçam as suas melodias.

### **Adriana de Campos Rennó**

As duas publicações desta pesquisadora – *Violando as Regras* (1999) e *Caldas Barbosa e o pecado das orelhas* (2005) revelam a preocupação da autora em trazer a público a obra deste poeta sempre tão estimado pela Música quanto ignorado pela Literatura. Na primeira delas faz um estudo sobre a *Viola de Lereno* e, na segunda, apresenta uma seleção de poemas com ênfase na produção erudita de Caldas Barbosa, nomeadamente os poemas encomiásticos do *Almanak das Musas*. Se as imprecisões, por questões de data, dos dados fornecidos em *Violando as Regras* não podiam ter sido atualizados por falta de pesquisas mais abalizadas na época de sua publicação, já não se pode dizer o mesmo da obra apresentada ao público em 2005, cuja edição se situa entre o aparecimento do estudo musicológico de Manuel Morais (Portugal, 2003) e a extensa e atualizada biografia do Poeta de José Ramos Tinhorão (Brasil, 2004). Muitas alterações, a bem da precisão histórica, poderiam ganhar com uma atualização assaz merecida. Entretanto, a iniciativa pioneira desta pesquisadora no Brasil tem méritos louváveis que não sejam apenas por desvendar textos poéticos reservados às prateleiras das bibliotecas há 200 anos.

Como se sabe, a *Viola de Lereno* sempre gozou do privilégio de contar com os favores do público antes mesmo de sua publicação, isto é, na forma das muitas cantigas apresentadas por Lereno no Brasil e em Portugal, antecedendo a publicação do *Almanak das Musas* em pelo menos 40 anos. Suas duas edições brasileiras no século XIX parecem ter-lhe garantido um lugar de relativo destaque, mantendo vivas as quadrinhas e quiçá as melodias simples das suas canções cheias de vida até hoje. Já o *Almanak das Musas* ficou esquecido. Por isso a pesquisadora lança um desafio: o de

examinar, hoje, a produção de Caldas Barbosa mais comprometida com os princípios horacianos e de cunho laudatório, propositadamente renegada pelos românticos e por seus sucessores.<sup>341</sup>

No dizer de Adriana Rennó, a parte “horaciana” da obra de Caldas Barbosa, nomeadamente os poemas incluídos no *Almanak das Musas* constitui um documento imprescindível para o conhecimento da poesia luso-brasileira do final do Setecentos. Como afirmou Câmara Cascudo, “ninguém pode estudar Portugal letrado nas derradeiras décadas do sec. XVIII sem esbarrar no pobre Lerenó”.<sup>342</sup>

### **Mozart de Araujo**<sup>343</sup> (1904-1988)

A seguir a Mario de Andrade, Mozart de Araújo é o mais relevante pesquisador da música brasileira colonial. Suas investigações abriram novos caminhos para o conhecimento do assunto que hoje tem sido desenvolvido por inúmeros estudiosos. Araujo destaca na sua análise a origem luso-brasileira da tradição lírica e musical associada à viola e é nele que enquadra a poesia de Caldas.<sup>344</sup>

A autoridade de Mozart de Araújo de comentar e postular sobre Caldas Barbosa, suas modinhas e seus lundus se apoia, não apenas no seu vasto conhecimento teórico a partir do exame de documentos históricos raros que reuniu durante sua vida mas, principalmente, por ser ele também um exímio tocador de guitarra e excelente intérprete. Sua experiência com esse repertório lhe permitia falar com conhecimento de causa.

### **Edilson de Lima**

A partir de um manuscrito anônimo depositado na Biblioteca da Ajuda sob o título de *Modinhas do Brazil* este autor realizou um estudo musicológico sobre as 30 modinhas aí incluídas, publicando-as sob o mesmo título.<sup>345</sup> São provavelmente modinhas brasileiras compostas no final do século XVIII, constituindo, portanto, um *corpus* importantíssimo para a bibliografia sobre o assunto. Entre elas há duas comprovadamente de autoria de Domingos Caldas Barbosa. A primeira, “*Eu nasci sem coração*”, que pertence à *Viola de Lerenó*<sup>346</sup>

<sup>341</sup> Rennó, Adriana de Campos (2005 : 143)

<sup>342</sup> Cascudo, Câmara (1972 : 29)

<sup>343</sup> José Mozart de Araujo (Guaraciaba do Norte, 25/JAN/1904 - Idem, 23/JUN/1988), musicólogo, professor, historiador e violonista brasileiro. Reuniu uma coleção de manuscritos e edições raras sobre a música no Brasil desde o período colonial, tornando-se uma referência no assunto.

<sup>344</sup> Araujo, Mozart (1963 : 28)

<sup>345</sup> Lima, Edilson (2001)

<sup>346</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1980 : 266.)

enquanto a autoria da segunda, “*Homens errados e loucos*”, apenas pode ser confirmada por vir explícita no manuscrito.

Pelo que tudo indica, teria sido realmente durante o século XVIII que a música produzida na colônia brasileira foi adquirindo feições próprias. [...] E é nesse momento que surge o nome de Domingos Caldas Barbosa, muito difícil de ser dissociado da história da modinha; seu nome aparece não só como poeta, mas também como compositor e cantor de modinhas, tendo sempre sua viola ao peito.<sup>347</sup>

### **Manuel Morais**

A partir do manuscrito *Muzica Escolhida da Viola de Lerenó*, datado de 1799 e depositado na Biblioteca Nacional de Portugal, este investigador realizou um amplo estudo musicológico sobre as 40 poesias de Caldas Barbosa aí reunidas. Segundo o autor, estes poemas terão sido musicados por vários compositores anônimos sob forma de modinha. Na edição crítica deste manuscrito o autor juntou nove canções – oito modinhas e um lundu - exemplares dispersos em documentos por ele consultados, cujos compositores eram conhecidos no panorama musical português no final do século XVIII. Morais considera que

a colecção das cantigas do Padre Domingos Caldas Barbosa é essencialmente poesia para ser musicada e cantada. Assim, o conteúdo do impresso intitulado *Viola de Lerenó* é, para todos os efeitos, um cancionero poético-musical o que lhe conferiu estatuto de fonte importantíssima e vasta de textos para serem ensoados.<sup>348</sup>

Este manuscrito traz na folha de rosto uma dedicatória à Sra. D. Marianna de Souza Coutinho a quem Caldas Barbosa oferece essas cantigas para seu uso. Isto nos leva a crer que sejam de fato de sua autoria. É preciso considerar ainda que o manuscrito traz a data de 1799, isto é, um ano antes da morte de Caldas Barbosa, o que significa claramente que o Poeta não apenas conhecia plenamente o teor do manuscrito como o teria aprovado *ipsis litteris*. Em sua opinião a grande questão que se coloca é sobre a autoria da melodia dessas modinhas.

O mais importante contributo da publicação de *Muzica Escolhida* refere-se ao minucioso estudo musicológico realizado por seu autor. Acrescenta ainda alguns aspectos novos sobre a biografia além de extensa bibliografia sobre o Poeta.

### **José Ramos Tinhorão (1928)**

É o autor do mais recente e completo estudo sobre Domingos Caldas Barbosa. Ao tratar da biografia do Poeta inclui inúmeras informações novas baseadas em intensa pesquisa de fontes primárias e realizada ao longo dos anos. É por seu intermédio que tomamos

<sup>347</sup> Lima, Edilson (2001 : 14.)

<sup>348</sup> Morais, Manuel (2003 : 55)

conhecimento do nome de seus progenitores bem como de aspectos relativos à sua educação no Colégio dos Jesuítas e na Universidade de Coimbra. Segue toda a trajetória de Caldas Barbosa em Portugal, oferecendo informações precisas e baseadas em extensa bibliografia.

Ao contrário do pesquisador Manuel Morais, defende a tese de que Caldas Barbosa terá sido, sem sombra de dúvida, o criador dos versos e das melodias de suas cantigas, o que procura demonstrar por meio de vários testemunhos, incluindo o dos versos do próprio Caldas. Ainda segundo Tinhorão, o testemunho do erudito Antonio Ribeiro dos Santos, já citado, confirmaria que Caldas Barbosa compunha as melodias para seus versos.<sup>349</sup> Do ponto de vista desse autor, dada a recorrência de incontáveis modinhas repetidas entre a gente popular das cidades portuguesas no final do século XVIII, Caldas Barbosa se consagrou como precursor da música popular moderna.

As observações de José Ramos Tinhorão procuram demonstrar o mérito de Caldas Barbosa como precursor da canção popular no Brasil e acrescentar a confirmação da permanência do seu estro na memória coletiva. Ao sucesso obtido em Lisboa no século XVIII, baseado no caráter inédito de suas composições, seguiu-se um período em que suas modinhas deixaram a ribalta mas permaneceram nas vozes populares anônimas. Sílvio Romero confirma que recolheu exemplares de canções de Lerenó nas suas recolhas no Nordeste do Brasil, assim como colecionadores o fizeram em Portugal e na Alemanha, nomeadamente César das Neves e Auguste e Hermann Kestner, já citados. Compositores brasileiros contemporâneos têm musicado versos da *Viola de Lerenó*, como é o caso de Achille Picchi<sup>350</sup> em São Paulo.

A *Viola de Lerenó* ainda é a obra que garante a sobrevivência de Caldas Barbosa na memória literária. Se Tinhorão considera que a “pobreza criativa do poeta árcade Caldas Barbosa lhe reservava o esquecimento”, a presente dissertação, ao procurar despertar o interesse de futuros estudiosos para que se dediquem à produção arcádica de Lerenó, espera que o crítico se tenha enganado.

Do presente levantamento depreende-se que persistiu um julgamento sobre premissas falsas, isto é, que a *Viola de Lerenó* foi muitas vezes vista como obra arcádica e o *Almanak das Musas*, como verso popular. As apreciações referem-se, na maioria, à *Viola de Lerenó* enquanto os comentários à poesia arcádica, ou inexistem ou são parciais. Mas como sublinha

---

<sup>349</sup> Tinhorão, José Ramos (2004 : 112): Basta o impacto causado em Portugal pelas novidades brasileiras da modinha e do lundu, por ele [Caldas Barbosa] introduzidos desde meados de 1760 até o fim do século, [...] para comprovar o seu papel de precursor no lançamento dos dois primeiros gêneros de canto urbano caracterizadores do que se convencionaria denominar modernamente de música popular.

<sup>350</sup> Ver: Registros em CDs, Sawaya, Luiza e Achille Picchi, (2005 : Faixas 17-18-33)

José Ramos Tinhorão, houve “dois” Caldas Barbosa, um horaciano e outro improvisador de versos populares.

A isto soma-se a forte incidência do preconceito racial, destacando o Poeta negativamente pelo viés de sua negritude. Apenas Sílvio Romero, e depois Antonio Candido e Câmara Cascudo, vêem o fato de o autor ser mulato como uma grande qualidade. Poucos são os receptores que se mantiveram objetivos e isentos como aconteceu com Inocêncio que passa ao largo da cor do Poeta.

A Antonio Ribeiro dos Santos, Lereno causava desconforto por suas inovações, o que não impediu que o elogiasse. A amizade fez de alguns receptores grandes admiradores de Caldas Barbosa nem por isso tirando-lhes o discernimento para valorizar os seus versos. Por outro lado, sua “brasilidade” e a afetuosa divulgação que sempre fez de sua pátria são aspectos que reúnem um pequeno grupo de críticos favoráveis a Lereno.

Entre os músicos houve sempre consenso no que diz respeito às qualidades do poeta-compositor. Manifestam-lhe grande admiração, valorizando o seu ineditismo no âmbito da música popular brasileira de que lançou a pedra fundamental. Manuel Bandeira e, a seguir, Antonio Candido, entre os literatos, souberam ambos apreciar os dotes de Lereno como improvisador, compositor e intérprete.

O Embaixador Bombelles, justamente por ser um observador estrangeiro, talvez tenha sido o mais isento e autêntico apreciador de Caldas Barbosa. Parece ter-lhe conferido o seu justo valor como improvisador e intérprete a partir dos momentos em que foi testemunha da *performance* do Poeta, de sua capacidade inegável de improvisar e a de magnetizar o seu público.

As recentes teses brasileiras sobre Caldas Barbosa mostram o despertar de um novo interesse pelo Poeta e por sua obra, abrindo caminhos para que se prossigam as investigações sobre ele.

Os receptores entusiastas de Caldas Barbosa concretizam-se nos nomes de Oliveira Lima, Sílvio Romero, Câmara Cascudo e José Ramos Tinhorão. Oliveira Lima o integra no seu ufanismo brasileiro, Sílvio Romero o exalta a partir de sua raça, Câmara Cascudo o estuda de forma mais abrangente e José Ramos Tinhorão lhe dedica sua importante investigação. Podemos perceber que, depois de mais de dois séculos na penumbra das bibliotecas e da memória de poucos, Caldas Barbosa provavelmente reaparecerá para assumir seu justo lugar dentro da História da Literatura Luso-Brasileira.

## 4.2. Esquecimento

No Prefácio ao livro de Jorge Antonio Ruedas de la Serna, Antonio Candido se questiona sobre os motivos que fazem do Arcadismo no Brasil um tema rejeitado pelos estudiosos que têm dado mais atenção ao Romantismo, ao Barroco e à literatura contemporânea, afirmando que

O Arcadismo é o grande ausente, apesar da sua posição chave no processo de formação, não apenas da literatura brasileira, mas da própria definição da identidade nacional.<sup>351</sup>

Este quadro se torna ainda mais abrangente ao verificarmos que as dúvidas desse crítico poderiam se estender igualmente ao Arcadismo em Portugal. As referências a escritores portugueses dessa época se prendem geralmente aos nomes ligados à Academia de Belas Letras, sendo mencionados como “poetas menores”. É importante buscarmos os motivos porque ficaram ausentes da História da Literatura, além de encontrarmos justificativas para essa classificação menos abonadora de seu talento. Segundo Vanda Anastácio

Os historiadores liberais, de um modo geral, viram o século XVIII português como uma época de tirania e de obscurantismo onde o espírito criador não poderia frutificar, e os que se lhe seguiram, não podendo entender o tipo de imitação preconizada pela poética setecentista, consideraram os autores do período incapazes de criar verdadeiras obras de arte.<sup>352</sup>

O caminho seguro e irrefutável para a análise de um escritor se baseia, antes de qualquer outra premissa, no conhecimento de sua obra. O complicador desse estudo reside no fato de os autores do século XVIII não terem sido publicados ou terem-no sido poucas vezes. A obra de Francisco Joaquim Bingre, o fundador da Academia de Belas Letras e poeta muito conceituado no seu tempo, permaneceu inédita até nossos dias. Com exceção de Curvo de Semedo, que viu em vida a publicação de cinco livros de suas poesias, de Bocage, talvez pelo renome obtido em vida, e de José Agostinho de Macedo, os demais poetas tiveram publicações póstumas ou apenas poemas esparsos incluídos no *Almanak das Musas*. A única publicação dessa coletânea não rendeu louros a Caldas nem aos demais colegas, ficando a *Viola de Lereño*, com edições portuguesas e brasileiras, como sustentáculo de virtudes poéticas do seu autor. Acrescente-se a este aspecto o desafio proposto pela História da Literatura, que é

construída *a posteriori* sobre obras e autores cuja avaliação se encontra sempre, necessariamente, condicionada pelo olhar do observador. Tratando-se de uma reconstrução do passado feita com os materiais disponíveis no presente, e a partir do presente, a História Literária confronta-se com os

<sup>351</sup> Serna, Jorge Antonio Ruedas de la (1995 : XI)

<sup>352</sup> Vanda, Anastácio, vol II (2000 : VIII)

obstáculos que se apresentam a qualquer investigação histórica: falamos não apenas das lacunas da informação passível de ser reunida sobre o passado (falta de documentos, inacessibilidade de parte das fontes, etc.) mas, também, do peso que as formas anteriores de organizar os dados em presença, interpretando, valorizando ou esquecendo têm sobre a prática do presente.<sup>353</sup>

Estas considerações nos remetem à necessidade de manter atualizados os estudos dos autores e de suas obras. Muitos são os que foram relegados ao esquecimento por motivos sem fundamentos, influenciados por modismos, por escolha tendenciosa de antologias escolares ou pelo desconhecimento de sua produção, levando a que sejam considerados “poetas menores”.<sup>354</sup>

Câmara Cascudo, ao lembrar Caldas Barbosa, põe em causa essa denominação, dizendo:

O poeta Caldas Barbosa fica na classe dos “Poetas Menores”? Este dístico de “poeta menor” é uma novidade de Roma há dois mil anos. Gênero de gaiola onde pomos os pássaros cujos cantos não gostamos e não admitimos predileção alheia. Como a definição (*definitio res periculosa est*) obrigasse ao implemento de sentença passada em julgado pelo voto único de quem não gostou.

À classificação de “menor” contrapõe, sob forma de ajuste de contas, realizações do poeta que considera “maiores”:

Caldas Barbosa tem dois aspectos “maiores” para valorizá-lo. Primeiro, seus versos continuam vivos e de contagiante simplicidade quando as obras maciças foram recolhidas, aos pedaços, aos museus das antologias arcaicas. Ainda se canta “Sou soldado, sentei Praça”. Segundo, o poeta é também um documento inarredável e obstinado da fidelidade brasileira na Corte de Portugal quando éramos Vice-Reino.<sup>355</sup>

A produção poética do século XVIII ainda não despertou o devido interesse dos estudiosos. Na época, as obras poéticas eram divulgadas oralmente por seus autores nos salões em que se reuniam, nas sessões das Academias ou nas chamadas assembleias, outeiros e saraus. Os teatros do Salitre e do Bairro Alto foram outros importantes meios de divulgação de peças desses autores, além da circulação em folhetos distribuídos e vendidos ao público ou em versões manuscritas de suas obras. Não podendo contar com a imprensa, os poetas desempenhavam o que hoje é trabalho adstrito às editoras e aos produtores culturais. Em vida, cada um procurava o melhor meio de divulgação de seus trabalhos, na esperança de os inscrever na posteridade. É do conhecimento moderno que o segredo do sucesso depende em grande parte da exposição do artista. Mortos todos os poetas da Academia de Belas Letras e finados todos os seus contemporâneos, a busca de um reconhecimento póstumo recai necessariamente sobre a obra impressa.

<sup>353</sup> Vanda, Anastácio, vol. II (2000 : I)

<sup>354</sup> Idem (2000 : VI) “No entanto, “menor” é muitas vezes um rótulo dado ao autor que não se leu e não se conhece, independentemente da importância que os seus contemporâneos lhe possam ter atribuído e do deleite que a leitura dos seus textos possa ainda suscitar em leitores nascidos muito tempo depois de sua morte.”

<sup>355</sup> Câmara (1972 : 29-30)

Caldas Barbosa teria tido consciência dessa situação pouco favorável à sobrevivência das obras poéticas ao longo dos tempos. O soneto de abertura do *Almanak das Musas* expressa essas preocupações já no primeiro quarteto. De olhos postos no futuro incerto, Caldas faz votos para que as obras, criadas no seio de tanta amizade e conhecimento, prossigam o seu caminho, valendo-se da garantia do prelo nos versos:

Versos, q'Amor, e q'a Razão dictara,  
A ternos Vates, q'Amizade unira,  
Ide girar por onde livre gira  
Prole, a q'a vida o prelo dilatara.<sup>356</sup>

Entretanto, o *Almanak das Musas* nunca foi reeditado, tal como nunca o foram muitas outras obras dos sócios da Academia de Belas Letras.

Se a literatura do Setecentos era considerada uma atividade sem brilho e sem lirismo, como opinava Teófilo Braga, os leitores e os estudiosos nossos contemporâneos desconhecem ainda quão reveladora é a leitura do *Almanak das Musas*. Como vimos, a epígrafe<sup>357</sup> repetida no verso do rosto de cada um dos quatro tomos dessa publicação oferece ao leitor a diretriz estética do *Almanak*. Deixar para trás “os sérios cuidados” do formalismo, evidenciando o prenúncio da subjetividade romântica.

Nem sempre hão de ocupar sérios cuidados  
Da nossa vida os dias pressurosos  
Hajam também prazeres misturados.

O esquecimento de Domingos Caldas Barbosa, além disso, se insere na problemática apresentada pela História da Literatura de pendor nacionalista ao pretender classificar os autores pertencentes à literatura brasileira ou à portuguesa. Segundo Vanda Anastácio:

No campo da literatura, a persistência de um critério de avaliação das obras baseado nas noções de originalidade e nacionalidade, entre os historiadores literários do século XX, parece explicar a atitude tradicional dos estudiosos de ambos os lados do Atlântico para reivindicar, para cada uma das literaturas nacionais (portuguesa e brasileira), determinados autores do período anterior à separação política<sup>358</sup>

Esta preocupação surgiu em pleno Romantismo, após 1822, data da Independência do Brasil. Até esse momento, a questão de pertencer a um ou a outro espaço político não entrava em consideração uma vez que, no dizer de Guilherme Pereira das Neves, os súditos portugueses eram, sem exceção, “personagens do império”.<sup>359</sup> De fato, o vasto Império de Portugal se estendia da Índia ao Brasil, passando por Angola e Moçambique, espaços

<sup>356</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1793). Ver: *Versos q'Amor, e q'a Razão dictara*, Anexo 1.

<sup>357</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1793): “Nem sempre hão de ocupar sérios cuidados / Da nossa vida os dias pressurosos / Hajam também prazeres misturados.”

<sup>358</sup> Anastácio, Vanda. *Por um espaço cultural luso-brasileiro* (2009 : 7-16)

<sup>359</sup> *Apud* Anastácio, Vanda. *Por um espaço cultural luso-brasileiro* (2009 : 7-16)

territoriais cujas fronteiras, embora distantes, estavam integradas ao país ibérico. Nascer em terras de Portugal continental ou em qualquer dos seus territórios imperiais implicava em ser português.

As manifestações literárias vinculadas ao Brasil e a Portugal originaram a chamada “literatura do período colonial” que, em princípio, pertenceriam, portanto, à literatura portuguesa. Há entretanto uma série de aspectos os quais, examinados com mais atenção, impedem uma atribuição de uma nacionalidade única a muitos autores desse período. Alguns deles são reivindicados pelas literaturas das duas nações desde o século XIX. Pero Vaz de Caminha e o Padre Antônio Vieira são os exemplos mais relevantes, referidos ora pelo local de nascimento, ora pelos anos vividos especificamente num desses territórios.

Caldas Barbosa pertence ao grupo de autores que, nascidos no Brasil em meados do século XVIII, estiveram ativos, quer em Portugal, quer no Brasil<sup>360</sup>. Por nascimento deveriam ser considerados brasileiros mas, tendo realizado sua produção poética em Portugal, poderiam ser também reivindicados para a literatura portuguesa. Caldas Barbosa foi provavelmente o que gozou o maior êxito em vida. No entanto, nenhuma das Histórias da Literatura dos países ao qual pertenceu, por nascimento ou por atividade profissional, o menciona com destaque na mesma proporção do seu sucesso. Suas obras estão vinculadas respectivamente ao Brasil e a Portugal: *A Viola de Lereno* evidencia o espírito brasileiro enquanto o *Almanak das Musas*, de gosto clássico, o português. Sua obra, todavia, não tem pátria literária no sentido em que, na sua totalidade, não pertence a nenhum dos países a que se vincula.

Retornamos a duas questões cruciais da apreciação do poeta. O *Almanak das Musas*, praticamente desconhecido no Brasil, não pôde garantir a inserção de Caldas Barbosa na literatura brasileira; por outro lado, o preconceito impediu o reconhecimento do poeta no âmbito da literatura portuguesa. Sem a chancela oficial de uma História da Literatura, restou o esquecimento de sua obra apátrida.

Outro aspecto provável do esquecimento dos poetas do século XVIII residiria na tensão subjacente da sua produção, isto é, por um lado, permanecer fiel à estética do Classicismo e por outro, introduzir parâmetros inovadores. Durante as sessões da Academia de Belas Letras era prática corrente entre os sócios que se fizesse uma “censura” dos poemas lidos em voz alta por seus autores, o que tinha por objetivo a busca do aprimoramento poético. Sugeria-se, portanto, alterações que eram submetidas à votação após o que procedia-se às emendas. Mantinha-se a observância aos parâmetros clássicos, mas não se abdicava da

---

<sup>360</sup> José Basílio da Gama (1741-1795), José de Alvarenga Peixoto (1744-1793), Manuel Inácio da Silva Alvarenga (1749-1814).

liberdade de introdução ideias renovadoras. Caldas Barbosa é o arauto dessa postura inovadora na “Carta Segunda a Arminda”.

O século XVIII, tantas vezes considerado apenas como um momento de transição e subjugado pelo absolutismo limitador do pensamento, concretiza-se em uma dinâmica pouco aparente. Provavelmente, por manterem o respeito à Escola precedente mas suavemente se distanciarem dela, os poetas desse tempo tenham sido desprezados e mantidos no esquecimento por tantos anos. A liberdade de que se valiam atuava em sentido contrário à aprovação da obra pelos receptores contemporâneos do Setecentos. Sua expectativa estava voltada para obras horacianas. Os grandes revolucionários, ao causarem fortes impactos, ganham mais facilmente o reconhecimento do que os suaves pastores. Talvez por isso os méritos da nova estética não tenham sido ainda plenamente compreendidos pelos estudiosos.

Raramente mencionados e, constituindo uma causa primeira para o esquecimento dos poetas do século XVIII, estão os graves conflitos políticos que envolveram a Europa com os propósitos hegemônicos de Napoleão Bonaparte. Sob o jugo desse general, a *Grande Armée* transformou o continente europeu numa colcha de retalhos em forma de campos de batalha.

Portugal, o pequeno reino com vastas possessões imperiais, viu-se diante de uma situação crítica, tendo optado pela transferência da Corte para o Brasil. Embarcariam não apenas toda a família real, mas também a Corte, o Governo, seus funcionários e o aparato de Estado, isto é, toda a elite portuguesa.<sup>361</sup> Nos navios ancorados no porto embarcaram com o Tesouro Real 80 milhões de cruzados, 60 mil volumes da Biblioteca Real da Ajuda, arquivos, pratarias, enfim tudo o que foi possível levar.

Nessa época, a população de Lisboa rondava os 200 mil habitantes e a estimativa que se tem é de que 10 mil tivessem partido na primeira leva para o Brasil.<sup>362</sup> A cidade logo se viu invadida por levas de camponeses incultos que fugiam do interior, temerosos de verem suas provisões roubadas pelos soldados franceses. Lisboa se tornou uma cidade fantasma onde a escassez de produtos ameaçava a vida quotidiana. Muitos dos que ficaram ainda tentaram a fuga por mar até a Inglaterra, onde formavam multidões à espera de receber passagens para o Brasil. Partiram a Coroa de Portugal, todos os nobres, toda a elite, todos os funcionários e todos os serviços.

Diante desse quadro desolador, as atividades culturais, carentes de artistas e de público, praticamente se extinguíram, causando o encerramento irreversível de um ciclo

---

<sup>361</sup> *Apud* Wilcken, Patrick (2005 : 32)

<sup>362</sup> *Idem*, (2005 : 45)

histórico. Portugal foi esvaziado de seus bens e de seus homens que partiam em direção à nova sede do Império.

Alguns anos antes, a amável convivência entre os poetas já havia sofrido um rude golpe ao serem encerradas as *Quartas-feiras de Lereño* no Palácio de Pombal, passando as sessões a transcorrer no Castelo de S. Jorge, sem nunca recobrar o antigo brilho. A fragorosa queda do Marquês de Pombal, a *Viradeira*, a doença de D. Maria I, a regência titubeante de D. João e a partida da Corte para o Brasil foram fatores cruciais de desestabilização do ambiente sócio-cultural.

Os pastores da Academia de Belas Letras morreram na viragem do século. Caldas Barbosa em 1800, o grande Bocage, em 1805 e alguns nomes como França Amaral e o Abade de Almoester vieram a falecer na mesma década. Filinto Elísio desapareceu em 1819 e apenas Francisco Joaquim Bingre sobreviveu a seus colegas, tendo falecido em 1856, já muito idoso para manter viva a lembrança da produção dos árcades.

Na década de 30, seguiram-se as mortes da Condessa de Pombeiro (1832), de José Agostinho de Macedo(1831), de Curvo de Semedo(1838) e da Marquesa de Alorna (1839). Dois dos irmãos Vasconcelos e Sousa – o Conde de Figueiró (1809) e o Conde de Pombeiro (1812) – viram o fim de seus dias no Rio de Janeiro.

Os dois grandes músicos portugueses próximos a Caldas Barbosa também desapareceram: Antonio Leal Moreira, em Lisboa em 1819, e Marcos Portugal, no Rio de Janeiro em 1830.

Em Portugal, o grande esforço para sobreviver não deixava espaço para diletantismo ou divertimentos como dantes. No Brasil não havia lugar para memórias, pois todos os olhos estavam postos no futuro. Ainda restou no Rio de Janeiro o grande tocador de viola Joaquim Manoel Gago da Câmera, companheiro de Caldas Barbosa, cujas modinhas só vieram a ser redescobertas e gravadas 200 anos depois, em 2008.<sup>363</sup> Tão logo chegou ao Rio de Janeiro em 1811, Marcos Portugal ainda apresentou a farsa “A Saloia Enamorada” com libreto de Caldas Barbosa mas apenas sobreviveram, tantas vezes como anônimas, as suas modinhas e lundus da *Viola de Lereño*, ainda hoje o único baluarte do Poeta, impedindo o seu esquecimento eterno. Malgrado esse percurso destinado ao olvido, Caldas Barbosa sobrevive ainda pois, como um dia terá afirmado Guimarães Rosa: “As pessoas não morrem, ficam encantadas”.

---

<sup>363</sup> Ver: Registros em CDs, Sawaya, Luiza e Pedro Persone, *20 Modinhas* (1998)

## Conclusão

Esta Dissertação se norteou pela convicção de que Caldas Barbosa fora um bom poeta e uma personalidade ímpar. Ao iniciar esta investigação, sua memória teria cumprido pouco mais 200 anos desde sua morte. Retomando as palavras de Guimarães Rosa - “as pessoas não morrem, ficam encantadas”-, o fato de Caldas Barbosa, durante todo esse longo percurso, “ressuscitar” aqui e ali, indicaria, por si só, a força do seu encanto pessoal, a força de seus versos, a força do seu gênio. Só era referido, entretanto, por suas quadrinhas populares da *Viola de Lereno*, considerada obra de interesse mas nunca suficiente para lhe outorgar um estatuto de maior valor. O ser mulato, tomado de forma preconceituosa, o desmerecia; suas demais obras eram desconhecidas; seu sucesso póstumo de modinheiro, apenas testemunhado por versos sem melodia, não explicava essa sobrevivência. Intuíam-se que, envoltas em penumbra, tivessem ficado as justificativas da força deste Poeta, fora do alcance do olhar dos investigadores.

O desconhecimento de praticamente metade da obra de Lereno talvez esteja na raiz do seu retrato apenas esboçado. Para além da *Viola de Lereno* há primeiras produções poéticas que têm sido superficialmente comentadas e, por isso, pouco valorizadas: *Poemas para a Inauguração da Estátua Equestre de D. José*, *Recopilação da História Sagrada*, *Epitalâmio*, *A Doença*. À margem está o *Almanak das Musas*, desconsiderado desde a sua única publicação em 1793, por se tratar, segundo opinião generalizada, de obra poética menor. Também à margem estão seus dois libretos para óperas e alguns poemas, até há pouco, inéditos.

Como em toda área de pesquisa, várias imprecisões, diversas omissões, lacunas e até certas discrepâncias ocorrem por estarem continuamente ancoradas em mesma base documental, mesmos autores e mesmas referências. Faz-se necessária uma revisão e um aprofundamento histórico em busca de novas fontes, de análises comparativas e de reflexões para reequacionar dados até então conhecidos. Reiteramos as palavras proferidas por José Bonifácio no seu discurso de despedida da Academia Real das Ciências de Lisboa em 1818: “Senhores, sem os socorros de novos documentos e manuscritos, nunca teremos uma história completa e verdadeira”.

A imagem mais divulgada de Caldas Barbosa é a que está fortemente vinculada à do improvisador de versos e intérprete de suas modinhas e lundus, acompanhando-se à sua viola. Esta teria sido, curiosamente, a causa da primeira reprimenda de que se tem notícia, ao ser destacado como soldado para a colônia do Sacramento, como se pensava, em virtude de suas quadrinhas ofensivas a Gomes Freire de Andrade, governador do Rio de Janeiro. Este episódio ficou esclarecido por pesquisas recentes, bem como o exame de nova documentação trouxe esclarecimentos sobre a data de sua chegada a Lisboa e sobre os estudos não concluídos em Coimbra.

No poema *A Doença* o próprio Caldas Barbosa revela muitas das circunstâncias de seus primeiros anos em Portugal, nem sempre considerados com o devido cuidado por seus críticos. Entre outros aspectos, um olhar mais atento esclarece informações imprecisas e repetidas por vários autores sobre o encontro com D. José Luis de Vasconcelos e Sousa e seu irmão, seus protetores desde então. O Conde de Pombeiro e sua família desempenharam o importante papel de introduzir Caldas Barbosa na mais alta sociedade lisboeta. Tornou-se um membro desta nobre Casa por merecimento, tendo sido por eles admirado, apreciado e estimado.

Estas premissas são parte da explicação para o seu sucesso. A realidade social do tempo em que surgiu Caldas Barbosa, um mulato brasileiro tocador de viola e intérprete de suas modinhas e lundus, foi muito mais rica do que a história tem registrado até hoje. Vivia-se um momento de abertura cultural e social em que novas modas eram facilmente aceitas e em que vigorava uma atração pelo exótico. A música de Caldas Barbosa era fora do comum e diferente daquilo que o público dos salões estava habituado a ouvir, levando a que, contra ele, se levantassem algumas vozes irônicas de poetas contemporâneos. Era a maneira de disfarçarem a sua inveja pelo sucesso daquele fazedor de versos recém-chegado da colônia, atacando, não o que os versos de Lereño traziam de novo, mas o que o tornava pessoalmente diferente: a sua negritude, sua origem colonial e a vulgaridade (no sentido de ser popular) de sua música tocada à viola.

Se o retrato do “fusco trovador” era desenhado com traços grotescos, aplicados por quem lhe tinha inveja, o cenário em que apenas provocava risos na plateia cedo se alteraria pela circunstância igualmente incômoda para a vaidade dos donos das boas letras da metrópole. Caldas Barbosa, um “invasor” tão diferenciado pela cor de sua pele, ingressava na Nova Arcádia ou Academia de Belas Letras. Este importante acontecimento vem a ser outra área de conhecimentos sobre o Poeta, onde estão presentes inúmeras lacunas e informações repetidas a partir de fontes já desatualizadas. Com o apoio em obras contemporâneas ou

pouco posteriores a Caldas Barbosa, esse assunto toma nova forma, conhecendo-se, por exemplo, quem foram os verdadeiros fundadores da Academia de Belas Letras, como transcorreu a querela entre Bocage e os demais pastores e quem foi de fato o autor do conhecido soneto sobre a “Rainha Ginga”. Neste âmbito, pode-se verificar a importância de Caldas Barbosa como eixo dos acontecimentos dessa Academia, elemento catalizador dos poetas que dela participavam e com quem convivia de igual para igual, como amigo e companheiro. A Academia de Belas Letras deixou uma obra fulcral para o conhecimento dos poetas e do ofício do verso em Portugal do final do século XVIII: o *Almanak das Musas*, “insignificância em quatro volumes, de que pouco se pode aproveitar” no dizer de José Feliciano de Castilho. O exame atento desta obra, entretanto, atesta hoje o seu grande valor.

À partida, altera-se a apreciação vigente do *Almanak das Musas*, contando entre seus méritos o de reunir o maior conjunto de autores portugueses do final do século XVIII. Muitos deles tiveram suas produções editadas unicamente nesta obra, responsável por aglutinar esse *corpus* que, provavelmente, estaria hoje disperso. Observamos que o *Almanak das Musas* também reúne o maior número de poemas eruditos de Caldas Barbosa, permitindo uma avaliação justa de sua produção poética. A realização desta obra demonstra claramente o aspecto visionário, de bom empreendedor e o espírito de liderança do Poeta, consciente de que o prelo seria a garantia de sobrevivência das obras poéticas, suas e de seus colegas. O exame do conteúdo do *Almanak das Musas* facultou a apreciação da importância de Horácio e de Boileau no universo poético no mundo luso-brasileiro dos finais do século XVIII ao serem mencionados nesta obra. Através de sua própria arte poética (duas “Cartas a Arminda”), Caldas Barbosa apresenta dados relevantes sobre o ofício da arte do verso de seu tempo ao destacar procedimentos característicos dos representantes da poesia portuguesa. O *Almanak das Musas*, portanto, obra esquecida na penumbra das bibliotecas, ao vir à luz, revela um material de grande importância para o estudo da poesia do século XVIII em Portugal e no Brasil.

Àquele poeta do “*tim por tim tim*”, o “*Xarapim metido nesta moenga das nhanhazinhas*”, “*o moleque, chuchando no dedinho, à espera do recadinho e de um apertinho de mão das iaiás*” se contrapõe um outro, possuidor de respeitável cultura e profundo conhecimento histórico, capaz de suplantar o conceito comum de que Caldas Barbosa era apenas um poeta menor.

Viveu plenamente os seus sessenta anos, dos quais quase quarenta foram passados em Portugal. Teve o privilégio de assistir em vida à publicação de sua obra poética e musical, viveu entre nobres e fidalgos, foi amigo e companheiro da intelectualidade luso-brasileira e

teve como parceiros os melhores músicos eruditos de seu tempo. Foi admitido como membro da família de um Grande de Portugal que lhe devotou sincera afeição e a quem Caldas Barbosa retribuiu com infinita gratidão.

Caldas usou de todos os artifícios poéticos de que dispunha para sobreviver. A exemplo de seus contemporâneos, não deixou de enaltecer os poderosos, a começar pelo Rei D. José I, e festejou em versos todas as efemérides da família Vasconcelos a quem tanto deveu por toda a sua existência. Deixou gravados em vários poemas os relatos das agruras de sua vida, da triste sina de seu nascimento, descreveu a vida bela e fagueira dos tempos de serviço militar em Sacramento, fechando com chave de ouro a sua produção litero-musical com a *Descrição da Grandiosa Quinta dos Senhores de Belas*.

Foi exemplo de poeta de sua época, voltado à poética de Horácio, de Boileau, ele mesmo um teórico ímpar da arte do verso. Seguiu os preceitos da poesia em função do prazer e da sua utilidade, manteve-se como fiel da balança ao oscilar entre o classicismo e as ideias inovadoras que apenas anunciavam a estética do Romantismo. Demonstrou continuamente a extensão do seu conhecimento através de citações, ou em Notas de Autor, relativas à História, aos Grandes de Portugal e a seus fidalgos.

Caldas Barbosa, além de improvisador, intérprete e poeta, pintou seu próprio retrato. Para conhecê-lo e apreciá-lo, serão precisos olhos como os de Filostrato, capazes de ir além das cores - *se bem que sejam todas feitas de ouro e de estanho* -, quase ouvindo o som de seu canto, o dedilhar de sua viola e a efusão das palmas recebidas.

A edição *princeps* da *Viola de Lereno*, publicada em 1798, ainda em vida de Caldas Barbosa, estampa o único retrato que dele se conhece. Pela data, portanto, pode-se garantir que tenha sido mandado fazer pelo Poeta que incluiu, abaixo da imagem, o seu próprio epitáfio, a exemplo do que fizeram tantos outros poetas de sua época. Como deixou registrado, sua imagem impressa é letra morta; seus versos impressos, entretanto, são sua alma sempre viva. Essa singela e instigante quadrinha resume o propósito desta Dissertação e nos dá a senha para conhecer Domingos Caldas Barbosa:

*Do extincto Lereno o rosto  
Se deviza em morta cor.  
Mas sua alma em seus escritos,  
Se conhece inda milhór.*

Esta Dissertação terá atingido o seu escopo se tiver contribuído para que alguns caminhos aqui abertos possam facultar a outros investigadores o prosseguimento de estudos sobre Lereno.

## Referências

### Bibliografia

ANASTÁCIO, Vanda. *A Marquesa de Alorna, (1750-1839), Estudos*, Edição de Livros e Revistas Lda., Lisboa, 2009.

\_\_\_\_\_. *A Obra Completa de Francisco Joaquim Bingre*, Edição Vanda Anastácio, Lisboa, 2000.

\_\_\_\_\_. *Por um espaço cultural luso-brasileiro – Notas para uma investigação*, Caderno de Pesquisas em Literatura, vol, 15, n. 1, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do sul, Porto Alegre, 2009.

ANDRADE, Adriano da Guerra, *Dicionário de pseudónimos e iniciais de escritores portugueses*, Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa, 1999.

Disponível em:

[http://books.google.com/books?id=8u4hGRIHT8cC&pg=PA307&dq=Joaquim+Francisco+d+e+Araujo+Freire+Barbosa&hl=pt-PT&ei=OhY0TbrICcqfOsKb-LQC&sa=X&oi=book\\_result&ct=result&resnum=4&ved=0CDMQ6AEwAw#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com/books?id=8u4hGRIHT8cC&pg=PA307&dq=Joaquim+Francisco+d+e+Araujo+Freire+Barbosa&hl=pt-PT&ei=OhY0TbrICcqfOsKb-LQC&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=4&ved=0CDMQ6AEwAw#v=onepage&q&f=false). Acesso em: jan.2011.

ARAÚJO, Mozart de. *Sigismund Neukomm – Um músico austríaco no Brasil*, Separata da Revista Brasileira de Cultura, Conselho Federal de Cultura, Ano I, Julho/Setembro, 1969.

BANDEIRA, Manuel. *Itinerário de Pasárgada*, Rio de Janeiro: Editora do Autor, s/d.

BARBOSA, Domingos Caldas. *Almanak das Musas, oferecido ao Genio Portugues*. Volume I, Parte 1, Lisboa: Oficina de Felipe José de França, 1793.

\_\_\_\_\_ *Almanak das Musas, oferecido ao Genio Portugues*, Volume I, Parte 2, Oficina de Antônio Gomes, Lisboa, 1793.

\_\_\_\_\_ *Almanak das Musas, oferecido ao Genio Portugues*, Volume II, Parte 3, Oficina de José Antônio da Silva, Lisboa, 1793.

\_\_\_\_\_ *Almanak das Musas, oferecido ao Genio Portugues*, Volume II, Parte 4, Oficina de José Antônio da Silva, Lisboa, 1794.

\_\_\_\_\_ *Collecção de Poesias feitas na feliz inauguração da Estatua Equestre de ElRey Nosso Senhor Dom José I em 6 de Junho de 1775*. Lisboa: Régia Oficina Tipográfica, 1775.

\_\_\_\_\_ *Descripção Da Grandiosa Quinta Dos Senhores De Bellas, E Noticia Do Seu Melhoramento, Offerecida À Illustrissima E Excellentissima Senhora D. Maria Rita De Castello Branco Correa E Cunha, Condeça De Pombeiro, E Senhora De Bellas, Por Seu Humilde Servo O Beneficiado Domingos Caldas Barboza, Capellão Da Relação*, Lisboa: MDCCXCIX [1799]. Na Typographia Regia Silviana. Com licença da Mesa do Desembrago do Paço.

\_\_\_\_\_ *Doença, A*, Lisboa: Régia Oficina Tipográfica, 1777. (BNP – L. 55251)

\_\_\_\_\_ *Muzica Escolhida da viola de Lereno (1799)*, Manuel Morais (Estudo introdutório e revisão), ESTAR-editora, Lda., Portugal, 2003.

\_\_\_\_\_ *Nas felicíssimas núpcias do Illustríssimo e Excellentíssimo Senhor Antonio de Vasconcelos, Conde da Calheta, com a Exclelentíssima Senhora D. Marianna de Assis Mascarenhas: Epithalamio*, Regia Officina Typografica, Lisboa, 1777.

\_\_\_\_\_ *Recopilação dos successos principaes da Historia Sagrada : em verso / pelo Beneficiado Domingos Caldas Barbosa, Capellaõ da Casa da Supplicação, Socio da Arcadia de Roma, com o nome de Lereno Selinuntino. Segunda impressão, argumentada, correcta, e addicionada com hum Index alphabetico, que lhe serve de Annotaçoens*, Lisboa: na Off. de Antonio Rodrigues Galhardo, Impressor da Serenissima Casa do Infantado, 1793.

\_\_\_\_\_ *Viola de Lereno*. Francisco de Assis Barbosa (Prefácio), Suetônio Soares Valença (Introdução, estabelecimento do texto e notas), Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.

BARBOSA, Januário da Cunha. *Parnaso Brasileiro, ou Coleção das Melhores Poesias dos Poetas do Brasil, Tanto Inéditas, Como Já Impressas*. José Américo Miranda (Organização). Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, IV, Rio de Janeiro, 1842.

BECKFORD, William. *A Corte da Rainha D. Maria I, Correpondência de William Beckford*, 1787, trad. anônima, Lisboa : Frenesi Livros, 2007.

BECKFORD, William. *Diário de William Beckford em Portugal e Espanha*. Boyd Alexander (Introdução e notas), João Gaspar Simões (Tradução), Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 1988.

BOMBELLES, Marc-Marie. *Journal D'Un Ambassadeur De France Au Portugal, 1786-1788*, publicado com a autorização do Conde Georg Clam-Martinic. Roger Kann (Introdução e notas), Presses Universitaires de France, Paris, 1979.

BORDA DÁGUA. *Almanaque*, Lisboa : Editorial Minerva, 2005.

BOSI, Alfredo, *História concisa da Literatura Brasileira*, São Paulo : Cultrix, 1984.

BRAGA, Teófilo. *Bocage, sua vida e época literária*, Imprensa Portuguesa, Porto, 1876.

\_\_\_\_\_. *História da Literatura Portuguesa – Os Arcades*, volume 4, Imprensa Nacional – Casa da Moeda Angra do Heroísmo, Secretaria Regional de Educação e Cultura, Lisboa, 1984.

BRANCO, João de Freitas, *História da Música Portuguesa*, Publicações Europa-América, Lda., Mem Martins, 1995.

BRANDÃO, Roberto de Oliveira. *Poética e Poesia no Brasil (Colônia)*, Editora UNESP, São Paulo, 2000.

CÂMERA, Joaquim Manoel da, Sigismund Neukomm. *20 Modinhas Portuguesas, Musicoteca*, Lisboa, 1998.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira – Momentos Decisivos – (1750-1836), 1º Volume*, Livraria Martins Editora, São Paulo, 1959.

CASCUDO, Câmara. *Caldas Barbosa, Poesia*, Vol. 16, AGIR Editora, 1972.

CASTILHO, José Feliciano de. *M. M. du Bocage*, Tomo 2, Livraria de B. L. Garnier, Editor, R. Janeiro, 1867.

CEARENSE, Catulo da Paixão. *Modinhas*, Editora Fermata do Brasil, São Paulo, 1972.

CHAVES, Vânia Pinheiro. *O Uruguay e a Fundação da Literatura Brasileira*, Editora da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 1997.

CIDADE, Hernani. *Bocage*, Editorial Presença, Lisboa, 1986.

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*, 2º vol., Editorial Sul Americana S. A., Rio de Janeiro, 1966.

COELHO, Jacinto Prado. *Dicionário de Literatura*, 1º Volume, Mário Figueirinhas Editor EIRL, Porto, 1997.

COSTA, Claudio Manuel da. *A Poesia dos Inconfidentes, Poesia completa de Claudio Manuel da Costa, Tomás Antonio Gonzaga e Alvarenga Peixoto*, Domicio Proença Filho (Organização), Editora Nova Aguilar S. A. Rio de Janeiro, 1996.

CRUZ, Manuel Ivo. *O Teatro Nacional de S. Carlos*, Lello & Irmãos – Editores, Porto, 1992.

CUNHA, Margarida. *A encadernação dos almanaques in O Almanaque na Biblioteca Nacional do século XV ao XXI – Os sucessores de Zacuto*, Biblioteca Nacional, Lisboa, 2002.

DUBOIS, Jean. *Larousse de la Langue Française*, Librairie Larousse, Paris, 1977.

ELYSIO, Filinto. *Versos de Filinto Elisio*. Paris, 1797-1802.  
(BNP – L. 83241 P.)

FAGERLANDE, Marcelo. *Joaquim Manoel, Improvisador de Modinhas*, in *Brasiliana, Revista Semestral da Academia Brasileira de Música*, Nº 27, Setembro de 2008.

FALCÃO, Pedro Braga. *Tradução de Horácio - Odes*, Livros Cotovia, Lisboa, 2008.

FARIA, Ana Leal de, Maria Adelina Amorim (Coordenação). *O Reino sem Corte - 1807-1821*, Tribuna da História Editora, Lisboa, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da Língua Portuguesa*, Editora Nova Fronteira S. A., 3ª edição, Rio de Janeiro, 1999.

FERRO, Maria Inês. Queluz, *O Palácio e os Jardins*, Scala Books, Londres, 1997.

FREYCINET, M. Louis de. *Voyage autour du monde*, Pillet ainé, imprimeur, Libraire, Paris 1827.

GALVÃO, Rosa (Coordenação). *O Almanaque na Biblioteca Nacional do século XV ao XXI - Os sucessores de Zacuto*, Biblioteca Nacional, Lisboa, 2002.

GUERREIRO, Manuel Viegas e João David Pinto Correia. *ICALP, Revista do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa*, nº 6, Agosto/Dezembro, Lisboa, 1988.

HOLANDA, Sergio Buarque de. *Revista Brasiliense*, nº 3, São Paulo, 1956.

JOFFÉ, Roland, Diretor. *VATEL, um banquete para o Rei*. Produção: Alain Goldman e Roland Joffé. Intérpretes: Gerard Depardieu; Uma Thurman; Tim Roth e outros. Roteiro original: Jeanne Labrune. Co-produção: franco inglesa. Música: Ênio Morricone. Figurino: Yvonne Sassinot de Mesle. Adaptação para o inglês Tom Stoppard. Gaumont Legende Enterprises 2000.

KATZENSTEIN, Heinrich. *Notas genealógicas acerca de algumas das mais antigas famílias de origem germânica fixadas na Estremadura Portuguesa*, *Boletim da Junta de Província da Estremadura*, Separata do Nº 19, Oficinas Gráficas de Ramos, Afonso & Moita, Lisboa, 1949.

KESTNER, Auguste e Hermann. *Canzoni popolare musicate (1808-1810)*, manuscrito inédito pertencente a Luigi Ferdinando Tagliavini.

LANGSDORFF, Baronesa Victorine Émilie de. *O Diário de Viagem de D. Francisca de Bragança (1842-43) pela Baronesa E. de Langsdorff*. José Alberto Ribeiro (Estudo Introdutório), Alétheia Editores, Lisboa, 2006.

LAROUSSE. *Dictionnaire de la mythologie grecque et romaine*, Librairie Larousse, Paris, 1965.

LELLO, José e Edgar. *LELLO UNIVERSAL, Dicionário enciclopédico luso-brasileiro*, 4 volumes, Livraria Lello & Irmão, Porto, 1955.

LIMA, Edilson. *Modinhas do Brasil*, Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

LIMA, José Osório de Oliveira. *História Breve da Literatura Brasileira*, 5ª edição, Editorial Verbo LDA., Lisboa, 1964.

LIMA, Manuel de Oliveira. *Aspectos da Literatura Colonial Brasileira*, F. A. Brockhaus, Leipzig, 1896.

LIMA, Marina Lindenberg. *O Organizador Profissional de Eventos: Perfil de Competência Profissional*, Dissertação (Mestrado em Hospitalidade) – Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2004.

LINDENBERG, Augusto. *Luís Lindenberg, sua vida, sua descendência*, edição de autor, São Paulo, 1968.

LUSEBRINK, Hans-Jurgen (Organização). *Les lectures du Peuple En Europe et dans les Amériques du XVIIe. Au XXe.* (org.), Bruxelles, Complexe, 2003.

MARCHAL, Pedro Anselmo e Francisco Domingos Milcent. *Jornal de Modinhas*. Maria João Durães Albuquerque (Introdução), Edição Facsimilada, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, Lisboa, 1996.

MARQUES, A. H. de Oliveira. *História de Portugal*, volume 2, Palas Editores, Lisboa, 1984.

MARSY, Charles Sautreau. *apud* Grente, Cardinal Georges, *Dictionnaire des Lettres Françaises – Le XVIIIe. Siècle*, Édition Fayard, Turim, 1960.

MARTINS, Oliveira. *História de Portugal*, Guimarães Editores, Lisboa, 1987.

MENDÓÇA, Filipe Folque de. *O Cardeal-Patriarca de Lisboa Dom José de Mendóça, O Homem e o seu Tempo (1725-1808)*, Universidade Lusíada Editora, Lisboa, 2010.

MOISÉS, Massaud. *Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira*, Editora Cultrix Ltda., São Paulo, 1987.

MONGELLII, Lênia Márcia de Medeiros. Boletim Informativo. Centro de Estudos Portugueses da Universidade de São Paulo (USP), ano XI, nº 1, São Paulo, 1985.

MONTEIRO, Nuno Gonçalo Freitas. *O Crepúsculo dos Grandes, A casa e o património da aristocracia em Portugal (1750 – 1832)*. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1998.

MONTEIRO, Ofélia Paiva. *No Alvorecer do Iluminismo em Portugal - D. Francisco Xavier Meneses, 4º Conde de Ericeira*, Editora Coimbra, Coimbra, 1963.

*Narração dos Applausos com que o Juiz do Povo e Casa dos Vinte-Quatro Festeja a Felicíssima Inauguração da Estátua Equestre Onde Também se Expõem as Alegorias dos Carros, Figuras , e tudo o mais concernente às ditas Festas*, Oficina Regia Tipográfica, Com Licença da Real Mas Censória, Lisboa, 1775.

NEVES, Cesar das. *Cancioneiro de Músicas Populares*. 3 volumes, Tipografia Ocidental, Porto, 1893/1898.

NORONHA, Eduardo de. *Pina Manique, O Intendente de antes quebrar...* Livraria Civilização, Porto, 1928.

OVALLE, Jayme e Manuel Bandeira. *Azulão*, opus 21, N° de Catálogo 7783, Irmãos Vitale Editores, São Paulo e Rio de Janeiro, 1945.

OVALLE, Jayme e Manuel Bandeira. *Modinha*, opus 5, N° de Catálogo 7874, Irmãos vitale Editores, São Paulo e Rio de Janeiro, 1945.

PEREIRA, Claudia Gomes. *Beatriz Brandão, Mulher e Escritora no Brasil do Século XIX*. Scortecci Editora, São Paulo, 2005.

\_\_\_\_\_ *Contestado Fruto: A poesia Esquecida de Beatriz Brandão*, CLEPUL (Centro de Literaturas e culturas Lusófonas e europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2011.

RENNÓ, Adriana de Campos. *Violando as regras*, Editora Arte & Ciência, São Paulo, 1999.

\_\_\_\_\_ *Caldas Barbosa, o pecado das orelhas*, Editora Arte & Ciência, S.Paulo, 2005.

RESENDE, Marquês de. *Pintura de um outeiro nocturno e um sarão musical às portas de Lisboa no fim do seculo passado feita e lida no primeiro serão litterario do Grémio Recreativo em 12 de Dezembro de 1867*, Typographia da Academia Real das Sciencias, Lisboa, 1868.

ROMERO, Silvio. *Cantos populares do Brazil, volume I*, Teófilo Braga (Introdução), Livraria Internacional, Lisboa, 1883.

\_\_\_\_\_ *História da Literatura Brasileira*, volume I, Instituto Nacional do Livro e Ministério da Educação e Cultura, Brasília, 1980.

SARAIVA, António José e Oscar Lopes. *História da Lietratura Portuguesa*, Porto Editora, Lda., Porto, 1987.

SERNA, Jorge Antonio Ruedas de la. *Arcádia: Tradição e Mudança*, Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

SILVA, Antonio de Moraes, *Dicionário da Língua Portuguesa*, Editora – Empresa Literária Fluminense de A. A. Da Silva Lobo, dois volumes, 1890.

SILVA, Inocêncio Francisco da. *Dicionário Bibliográfico Português*, Estudos, Tomo Segundo, Imprensa Nacional, Lisboa, 1849.

SPIX, Johann Baptist von e Carl Friedrich Philipp von Martius. *Viagem pelo Brasil – 1817 – 1820*, Edições Melhoramentos, São Paulo, s/data.

STOOP, Anne de. *Quintas e Palácios nos arredores de Lisboa*, Livraria Civilização Editora, Porto, 1999.

TABORDA, Marcia. *A viola e a música de Domingos Caldas Barbosa: uma investigação bibliográfica*. Brasília, 2006.

TAGLIAVINI, Luigi Ferdinando. *Musikstadt Rom – Geschichte – Forschung – Perspektiven*, *Analecta Musicologica*, nº 45, “August e Hermann Kestner cultori della musa popolare: le vicende avventurose d’una raccolta manoscritta”, Bologna, 2011.

TINHORÃO, José Ramos. *Crítica cheia de graça*, Empório do Livro, São Paulo, 2010.

\_\_\_\_\_. *A Música Popular que surge na era da Revolução*, Editora 34 Ltda., São Paulo, 2009.

\_\_\_\_\_. *Domingos Caldas Barbosa, o poeta da viola, da modinha e do lundu (1740-1800)*, Editora 34, São Paulo, 2004.

TOPA, Francisco. *A Musa Trovadora, Dispersos e Inéditos de D. Joana Isabel de Lencastre Forjaz*, Edição do Autor, Porto, 2002.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. “Domingos Caldas Barboza”, *Revista do Instituto Histórico e Geographico do Brazil*, XIV (Rio de Janeiro), 1851.

\_\_\_\_\_. *Florilégio da poesia brasileira, ou collecção das mais notaveis composições dos poetas brasileiros fallecidos, contendo as biographias de muitos d’elles*, Tomo II, Imprensa Nacional, Lisboa, 1850.

VERÍSSIMO, José. *História da Literatura Brasileira, 5ª edição*, José Olimpio Editora, Rio de Janeiro, 1969

WALTMANN, J. B. *Jornal de Modinhas Novas dedicados às Senhoras*, Casa de J. B. Waltamnn, Lisboa 1801, manuscrito.

WILCKEN, Patrick. *Império à Deriva: A corte portuguesa no Rio de Janeiro, 1808-1821*, Tradução de Vera Ribeiro, Editora Objetiva Ltda. , Rio de Janeiro, 2005.

## Registros em CDs

KIEFFER, Anna Maria, Gisela Nogueira e Edelson Gloden. *Viagem pelo Brasil*, AKRON Projetos Culturais, São Paulo, 2000.

SAWAYA, Luiza e Achille Picchi. *Cancioneiro*, Lisboa, 2000.

SAWAYA, Luiza e Achille Picchi. *Veneno de Agradar*, São Paulo, 1998

SAWAYA, Luiza e Pedro Persone. *20 Modinhas de Joaquim Manuel da Câmara*, São Paulo, 1998

SAWAYA, Luiza e Achille Picchi, *O Ipê e Você – Trovas*, São Paulo, 2005.

## Registros em Video

PICCHI, Achille e José Ananias. *L'Amoureux*, Sigismund Neukomm  
[http://www.youtube.com/watch?v=uxNo\\_PM5-vA](http://www.youtube.com/watch?v=uxNo_PM5-vA)

PICCHI, Achille. *O Amor Brasileiro*, Sigismund Neukomm  
<http://www.youtube.com/watch?v=WBOqRMDoOb8>

SAWAYA, Luiza e Achille Picchi. *Azulão*, Ovalle, Jayme e Manuel Bandeira  
<http://www.youtube.com/watch?v=jT1phopAeRI>

SAWAYA, Luiza e Achille Picchi. *Ciranda, cantiga das eiras*, anônima, recomposição Achille Picchi  
[http://www.youtube.com/watch?v=kOtu\\_FfDhpQ](http://www.youtube.com/watch?v=kOtu_FfDhpQ),

SAWAYA, Luiza e Achille Picchi. *Duas modinhas de Joaquim Manuel da Câmara*  
[http://www.youtube.com/watch?v=gxiJ\\_U7DJHs](http://www.youtube.com/watch?v=gxiJ_U7DJHs)

SAWAYA, Luiza e Achille Picchi. *Modinha*, Ovalle, Jayme e Manuel Bandeira  
<http://www.youtube.com/watch?v=6REI6UeTivI>

SAWAYA, Luiza, Fernando Serafim e Nicholas McNair. *Basta, pensamento, basta*. Domingos Caldas Barbosa.  
<http://www.youtube.com/watch?v=Wc4DeELHUwY&feature=related>

SAWAYA, Luiza, Lucia Lemos e Achille Picchi. *A vingança da cigana* – duas árias: “É cioso o castelhano”, “E viva a alegria”, Antonio Leal Moreira, Domingos Caldas Barbosa.  
<http://www.youtube.com/watch?v=tCgMnswbc48>

SAWAYA, Luiza, Lúcia Lemos, Nuno Ivo Cruz e Nicholas McNair. *Jornal de Modinhas* – “Você trata Amor em brinco”, Marcos Portugal, Domingos Caldas Barbosa.  
<http://www.youtube.com/watch?NR=1&v=6CrjihO0RS0>

SAWAYA, Luiza e Nicholas McNair. Ária de *A Vingança da Cigana*, “Já me suponho com o esposo ao lado” Antonio Leal Moreira, Domingos Caldas Barbosa  
<http://www.youtube.com/watch?v=X4lhDag7oLI&feature=related>

## **Anexo 1**

### **Domingos Caldas Barbosa no *Almanak das Musas***

Transcrição dos textos de Domingos Caldas Barbosa	136
Índice de primeiros versos	314
Índice onomástico	315
Índice das referências mitológicas citadas	339
Relação de poemas de outros autores no <i>Almanak das Musas</i>	348
Notas e Genealogia dos Vasconcelos e Sousa	352

## Tomo I – Parte 1

---

### [ 1. ]            **Soneto**

Versos, qu'Amor, e qu'a Razão ditara  
 A ternos Vates, qu'a Amizade unira,<sup>364</sup>  
 Ide girar por onde livre gira  
 Prole, a qu'a vida o prelo dilatara:<sup>365</sup>

Crimina Apolo aquela Musa avara, 5  
 Qu'entezairando os dons, qu'ele lhe inspira,  
 O seu fogo vãmente consumira,  
 Quando a luz recebida sufocara:

O Público vos chama, e vos espera,  
 Ah! Não temais a língua detratora,<sup>366</sup> 10  
 Que mal diz o qu'enfim não entendera

Em amiga união sai embora,  
 E ensinai, a quem inda não soubera.  
 Como se ri de Amor, como se chora.

Lereno Selinuntino, da Arcádia de Roma<sup>367</sup>

---

<sup>364</sup> **Amizade dos ternos Vates:** alusão ao grupo de poetas amigos de Domingos Caldas Barbosa pertencentes à Academia de Belas Letras ou Nova Arcádia. Os respectivos poemas foram publicados no *Almanak das Musas*.

<sup>365</sup> **Prelo dilatara:** a publicação dos poemas dos amigos de Lereno por ele publicados no *Almanak das Musas* garantia-lhes vida longa através do prelo.

<sup>366</sup> **Língua detratora:** provável alusão discreta aos desentendimentos entre os árcades e Bocage que, em 1793, atingiam o seu pico. O clima chulo das contendas foi motivo para que fossem encerradas as atividades da Nova Arcádia em 1794, um ano depois da publicação do *Almanak das Musas* (v. 10 a 14).

<sup>367</sup> **Membro da Arcádia de Roma:** a outorga deste título a Domingos Caldas Barbosa ainda não está ainda plenamente elucidada.

## Tomo I – Parte 1

---

### [ 2. ]      **Soneto**

Com a terna Amizade, Amor lutava,  
 Fora a primeira vez, que vira a terra  
 Destes meigos Irmãos a usada guerra,  
 E assustada tremia, e vacilava:

Longa trança da Deusa ao ar ondeava 5  
 Entre o sendal<sup>368</sup>, que desatado erra,  
 E o véu fatal, que ao Nume os olhos cerra,  
 Em pedaços ao vento volteava:

Desce dos Céus fatídico Destino;  
 Ouve da boca de ambos a verdade; 10  
 Marfida os move a este desatino:

Decretou a infalível Divindade;  
 Parta-se o coração, de ambos é dino;  
 Dê-se uma parte a Amor, outra à Amizade.

Lereno Selinuntino

---

<sup>368</sup> **Sendal:** véu fino; tecido ralo de cobrir o corpo, de sorte que se veja o que está por baixo; serve para cobrir o rosto.



**Tomo I – Parte 1**

---

**[ 4. ]            Soneto**

Neste Dia fatal, infausto Dia,  
Nasceu ao Mundo mais um desgraçado;  
E bem, que pelas Musas embalado,  
Só para Melpômene\* é que nascia;

Quando a funesta aurora ressurgia, 5  
O lúcido caminho achou turbado,  
Negro vapor da terra aos Céus alçado,  
Veio empecer-lhe a alegre louçania;

Três vezes troa o Céu, e do Cocito\* 10  
Soltou a Inveja as viperinas tranças,  
Soou da parte esquerda um rouco grito:

Ah! Nasceste infeliz, e em vão te cansas;  
Lereno, já teu fado estava escrito,  
Serão teu maior bem vãs esperanças.<sup>371</sup>

Lereno Selinuntino.

---

<sup>371</sup> **Vãs esperanças:** este Soneto deve ter sido escrito durante os primeiros anos depois da morte do pai de Lereno (c. 1764) quando então se viu atirado na mais completa penúria. Julga-se objeto do Destino que pautou sua vida pela infelicidade, deixando claro que qualquer esperança seria em vão. Tal não ocorreu, entretanto, uma vez que Lereno obteve a proteção dos Condes de Pombeiro\* e, mais tarde, recebeu de D. Maria I\* a mercê do Benefício que lhe deu liberdade financeira para viver.





**Tomo I – Parte 1**

---

[ 7. ]            **Soneto**

De uma gruta no seio cavernoso,  
 O frágil barco recolheu Lerenó,  
 E reclinado no árido terreno,  
 O livre pescador dormiu gostoso:

Amor, qu'a ninguém pode ver ditoso;

5

Nem paz confiante em ânimo sereno,  
 Na usada forma de um rapaz pequeno,  
 Vem ofertar-lhe mimo caviloso<sup>372</sup>:

De Arminda a gentilíssima figura  
 Lhe mostra, e diz: É tua, e tu não medes  
 Qual seja a que terás longa ventura:

10

Acorda alegre o pescador; já vedes,  
 Que por sonhados bens da formosura,  
 Deixa o certo descanso, o barco, as redes.

Lerenó Selinuntino.

---

<sup>372</sup> **Caviloso:** capcioso, enganoso.



**Tomo I – Parte 1**

---

**[ 9. ]            Soneto**

A Cabana de Tirce, qu'eu respeito,  
 Além se vê, ali branqueja o marco:  
 Eu quero ir visitá-la, aqui me embarco,  
 Aqui aonde o Tejo é mais estreito:<sup>376</sup>

A longa vara encosto ao duro peito, 5  
 Firmo a ponta na areia, empurro o barco,  
 A quilha emperra no limoso charco,  
 Nem se move por força, nem por jeito:

Salto fora ligeiro, e agora arrumo 10  
 O esquerdo ombro ao côncavo costado,  
 Mas em vão me afadigo, e me consumo:

Só chegando a maré se põe em nado,  
 E deste próprio exemplo é qu'eu resumo,  
 Que sem ocasião, tudo é baldado.

Lereno Selinuntino.

---

<sup>376</sup> **Tejo é mais estreito:** a distância mais estreita entre as margens do Tejo está localizada entre Vila Franca de Xira e Salvaterra de Magos\*, local muito frequentado pela Corte durante o verão.







**Tomo I – Parte 1**


---

**[ 13. ]      Soneto**

Eu vivo ainda, ó Ínclita Lisboa,  
 Meus dias volve ainda o fatal fuso,  
 E as hórridas Irmãs<sup>382</sup> os tem escuso  
 À tesoura fatal, que perto soa.

A Idade, qu'entre mil desastres voa, 5  
 Leva meus anos a um montão confuso,<sup>383</sup>  
 E em triste conta vai marcar por uso,  
 Com branca pedra os dias qu'amontoa:

Eu vivo ainda: o tempo em qu'o Céu some 10  
 A conta dos meus dias, não tem marca,  
 Ou enganou-se a sorte com meu nome:<sup>384</sup>

Nem comigo terá trabalho a Parca;  
 Porque eu hei-de finar-me às mãos da Fome,  
 Sem ter no Letes\* com que pague a barca.

Lereno Selinuntino

---

<sup>382</sup> **Fatal fuso / hórridas irmãs:** alusão às três irmãs Parcas\*.

<sup>383</sup> **Montão confuso:** Neste quarteto o Poeta se refere à sua vida de muitos sofrimentos, comparando-a a um *montão confuso* que a *Idade* vai registrar numa lápide mortuária (*branca pedra*) todos os dias que abarca.

<sup>384</sup> Neste terceto Caldas Barbosa mostra a impossível a contagem de seus dias de sofrimento por estar envolto em tão grandes miséria.

## Tomo I – Parte 1

---

### [ 14. ]      Soneto

De mirradas *Perpétuas* amarelas;  
 Eu vi as Parcas\* coroar-se um dia;  
 E a *Mangerona*<sup>385</sup> fétida se via,  
 Qu'era a planta, que ornava o peito delas:

Cada uma das hórridas Donzelas 5  
 Letal *Cipreste*<sup>386</sup> em sua mão trazia,  
 De cuja rama, e *Murta*<sup>387</sup> uma tecia  
 Aos seus sequazes lúgubres capelas:

Ornado de *Alecrim*<sup>388</sup>, rasgava o vento 10  
 Ligeiro terno Amor gritando “acudo,  
 “A cantar desta planta o vencimento:

“Reine em plana campina, ou Monte agudo,  
 “Pois no peito lhe deu sublime assento,  
 “A Bela *Márcia*<sup>389</sup>, que é quem pode tudo.

### Lereno Selinuntino

<sup>385</sup> **Manjerona:** (*Origanum majorana*) é uma erva perene mas sensível ao frio, desenvolvendo-se em climas secos. Com temperaturas elevadas adquirem um sabor apimentado e apresentam odor forte, penetrante e amargo. Talvez seja este o motivo da escolha do Poeta por esta planta a qual chamou de fétida talvez para marcar a figura horripilante das Parcas.

<sup>386</sup> **Cipreste:** o cipreste-italiano (*Cupressus sempervirens*), também designado como cipreste-comum, É uma árvore nativa na região do Mediterrâneo que chega a medir 45 m, com copa estreita e esguia. É uma espécie de grande longevidade - algumas chegam a viver mais de um milénio - de folha persistente (tal como se depreende do seu nome científico *sempervirens*, isto é, "sempre verde"). Desde a Antiguidade tem sido utilizada como símbolo recorrente da tristeza e da melancolia, vinculada à esperança da vida eterna, com seu cimo apontado para o infinito. Por este motivo é adotada como árvore “oficial” dos cemitérios embora seja particularmente apreciada para fins decorativos. No poema, alude ao poder das Parcas sobre a vida e a morte.

<sup>387</sup> **Murta:** (*Myrtus*) é uma planta nativa da região mediterrânica, sendo muito cultivada por todo o mundo, apreciada pela sua copa arredondada, cujas flores perfumam deliciosamente o ar nas noites de verão. Por tradição, a donzela que receber um ramo de murta terá vida breve.

<sup>388</sup> **Alecrim:** (*Rosmarinus officinalis*) é um arbusto comum na região do Mediterrâneo. Devido ao seu aroma característico, os romanos designavam-no como *rosmarinus*, que em latim significa *orvalho do mar*. Simboliza coragem e felicidade. No poema, esta planta enfeita o terno e ligeiro Amor, mostrando ser delicada e agradável.

<sup>389</sup> **Bela Márcia:** era uma alcunha muito referida mas pertencia à D. Maria José de Meneses, filha do 4º Marquês de Marialva, segunda mulher do Conde de Soure. Era contemporânea de Caldas Barbosa assim como suas amigas D. Joana Isabel de Lencastre Forjaz e da Marquesa de Alorna. Sobre ela existe uma modinha com o título *Marcia Bela*, recolhida no final do século XIX. Ver: discografia - Sawaya, Luiza e Achille Picchi, *Cancioneiro*, 2000, Fx 3.









## Tomo I – Parte 1

[ 19. ]      **Desafogo do estro**<sup>401</sup>

Já fatigado de forçar vãmente<sup>402</sup>

Aferrolhadas portas do Futuro;

Cansado de espreitar por várias fendas

O que o Tempo por vir me tem guardado;

Surgir vejo o Fantasma do possível,

5

Q'ora se apouca, e ora se agiganta,

Sinto o pavor, que vai calando as veias,

E aqui me prende o sangue, ali o agita,

Ah! quer de mim fugir minha alma aflita:

Armânia\*<sup>403</sup>, Armânia... tímido eu clamava,

10

E os soluços a rouca voz cortando,

Só arma, arma... pelo ar soava,

E o Eco o triste som ia alongando:

Não sei se mais me assusta a infeliz troca,

Que faz perder teu nome em minha boca.

15

Mas graças a Morfeu\* co'a plúmbea vara

O meu corpo tocou, e as dormideiras<sup>404</sup>

Espremeu nos meus olhos assustados:

Cerram-se frouxamente à luz do dia,

E afracando-me os pés, falhando o passo,

20

Já na terra baqueia o corpo lasso.

<sup>401</sup> A autoria deste poema recai sobre Caldas Barbosa pelas seguintes razões: 1) Poema dirigido a D. Mariana de Assis Mascarenhas em casa de quem Caldas Barbosa morou inicialmente. 2) Citação do pseudônimo do Poeta – Lereno – no verso 63. 3) Afirmação do Poeta (v. 113 a 120) de ter recebido o dom “De eternizar mortais” (assim imortalizando) “os outros, e o meu nome”. Considerava sua missão o ser poeta e imortalizar os nobres nos seus versos, sobretudo os Vasconcelos e Sousa.

<sup>402</sup> **Forçar vãmente**: refere-se o Poeta ao cansaço de insistentemente procurar uma fonte de sustento que lhe dê liberdade financeira. Este poema deve ter sido escrito, portanto, ainda antes de 11/JUL/1787, data em que D. Maria I\* assinou o alvará que concedeu a Caldas Barbosa a mercê de um Benefício pelo qual ele passaria a receber o estipêndio almejado.

<sup>403</sup> **Armânia\***: nome arcádico de D. Mariana de Assis Mascarenhas\*.

<sup>404</sup> **Dormideira** ou **sensitiva** (*Mimosa pudica L.*): um pequeno arbusto perene da América tropical, pertencente à família das ervilhas. Este nome é devido à forma como os folíolos das folhas se juntam quando ela é tocada ou exposta ao calor. Morfeu portava na mão uma papoula mas Caldas preferiu utilizar a imagem da dormideira, muito comum no Brasil.

Outra vez a Morfeu as graças rendo,  
 Q'arranjando a revolta Fantasia,  
 Faz qu'em torno de mim ledos risonhos,  
 Voem alegres lisonjeiros sonhos: 25  
 Vem com eles em plácida mistura,  
 Vivificas volúveis esperanças:  
 Qual me mostra a Abundância bem de perto,  
 Q'a mão estende, e sobre mim entorna  
 O seu torcido cofre, nunca exausto; 30  
 Qual me faz ver qu'o meu merecimento  
 (Quanto se alegra esta alma com tal vista)  
 Cresce de dia a dia, e vai subindo  
 À sombra do alto Trono, qu'o escuda,  
 Aos raios que fulmina a ardente Inveja, 35  
 Ah seja embora assim, sempre assim seja.

Quem avalia a confusão qu'eu tive,  
 Ao ver o lindo rosto da Ventura,  
 Na sonhada Fantástica figura?  
 Armânia, Armânia, viste-me risonho, 40  
 É qu'eu vivi a Fortuna, mas foi sonho.

Pareceu-me que o Templo seu me abria,  
 Que tu a ele mesmo me guiavas,  
 Qu'inclinando-se meiga, já me ouvia,  
 Qu'a sua proteção tu me entregavas, 45  
 Qu'a poderosa mão ela estendia,  
 E que de onde eu jazia, ela me alçava,  
 Já quase entrava as portas da Fortuna,  
 Eis súbito se ergueu vapor espesso,  
 Para aqui vou errado, ali tropeço. 50

Por entre a nuvem adiante oposta,  
 O templo eu vejo, as portas vejo abertas,

Lá vejo os bens, que para mim pedias,  
 Não é longo o caminho, o altar é perto,  
 Mas se Armânia me deixa, eu não acerto. 55

Armânia, Armânia, acode-me: que monstro  
 De orelhas asininas, larga a boca!  
 Não tem, não tem mais hórridos latidos,  
 O rouco ladrador das três gargantas.<sup>405</sup>  
 Cruel Maledicência, assim se avança, 60  
 Vomita em mim o infernal veneno,  
 Ó triste sorte do infeliz Lerenó.<sup>406</sup>

Porqu'ajusta co'a lira alegres versos,  
 Qu'ó louvor dos Heróis alçam às nuvens,  
 Ou com as graças entre as Ninfas brincam, 65  
 É esta a culpa infanda, é este o crime:  
 Porqu'ó monstro cruel o morde, e oprime.

Não quero revolver alheios fastos;  
 Tu mesmo ó Portugal, tu por mim fala;  
 Mostra o Grande Moniz\*<sup>407</sup> junto ao teu berço, 70  
 Fazendo na linguagem inda grosseira,  
 Rirem as graças, castas Musas rirem.  
 E salva a Guimarães<sup>408</sup>. Cumpre a palavra,  
 Não envolve o vil pó tua memória,  
 A fama canta ainda a sua glória. 75

Deixa q'assome à Lusa Majestade!  
 E os séculos passados desenvolva,  
 Mostrarei mão real, que teve o cetro,  
 E a lira ebúrnea acomodou o plectro:

<sup>405</sup> **Ladrador das três gargantas:** Refere-se a Cérbero\*.

<sup>406</sup> Menção ao nome de Lerenó, comprovando a sua autoria do poema.

<sup>407</sup> **Moniz\*:** referência a Egas Moniz,

<sup>408</sup> **Guimarães:** alusão ao berço da Nação portuguesa.

Co'a arte de reinar mesclam esta arte, 80  
 Providente Diniz\*, sábio Duarte\*.

Guardam as Musas os bastões, e as togas.  
 De ilustres Portugueses, qu'educaram,  
 E ao Templo da Memória em fim levaram:  
 Guardam-lhe as Mitras, guardam as Tiaras, 85  
 E o devoto faial, e o burel tosco,  
 E os hinos, que do ermo ao Céu subiram,  
 Inda entre nós por sua glória giram.

Cal'-te ó monstro infiel, monstro malvado,  
 Eu indigno não sou, sou desgraçado<sup>409</sup>, 90  
 Qu'ê isto? Ó Céus! Desmaio: espectro novo!<sup>410</sup>  
 Gorro emplumado o rosto seu me oculta:  
 Pende dos ombros remendada capa,  
 Já com poucos botões prende o justilho,<sup>411</sup>  
 Ata-lhe velha fita as fofas calças, 95  
 Rotos pantufos, mal cerzidas meias  
 Qu'ê isto? O sangue ferve-me nas veias.

Uma espada, sobraça, longa, e larga,  
 E pende-lhe à direita a aguda adaga:  
 Pede em suja escudela o seu sustento, 100  
 E enquanto espera a prometida esmola,  
 Do hirsuto peito tira, e desenrola  
 Grosso volume em que ateimado escreve,  
*As armas, o os varões assinalados,*  
 Ó versos tristes, versos desgraçados: 105

Eis que a triste visão desaparece,  
 Armânia, Armânia entendo a minha sorte:

<sup>409</sup> **Disgraçado:** Caldas reafirma a sua pobreza financeira mas jamais contesta a sua dignidade.

<sup>410</sup> **Espectro novo:** alusão a Camões.

<sup>411</sup> **Justilho:** espécie de colete muito justo.

Mas não importe, Armânia, não importe,  
 Nasci Poeta, em vão será cansar-te,  
 Sofro o meu Fado mau, nada mais peço, 110  
 Eu tiro um bem da minha desventura,  
 O Céu modera, ao Céu pois agradeço.

Deu-me a arte divinal, a feliz arte,  
 De eternizar mortais, de eternizar-te,  
 E posto na Piéria\* companhia, 115  
 Salvar das mãos do tempo o digno dia,  
 Que te deu uma Irmã, tanto Irmã tua,  
 Vou segurar tua memória, e a sua,  
 Morto vaidoso ainda às mãos da fome,  
 Qu'immortalizo os outros, e o meu nome.<sup>412</sup> 120

[Sem assinatura]

---

<sup>412</sup> Com esta afirmação Caldas Barbosa comprova ser ele o autor deste poema. Seu ofício consistia em ser poeta e immortalizar os nobres nos seus versos, sobretudo os Vasconcelos e Sousa, cf. Nota 2.

**Tomo I – Parte 1**

---

[ 20. ]      **Quintilhas**

**À Exma. SENHORA / Condessa de Pombeiro\*, / No dia em que completou um ano o seu / Primogênito<sup>413</sup>, em cujo nascimento não / havia o Autor poetisado**

*Estes versos foram postos diante de Sua Excelência / nas mãos de uma figura de um pobre.*

Bela Mãe de Filhos belos <sup>414</sup> A quem os Fados põem francos Seus tesouros para havê-los, Unindo a Castelos-Brancos, <sup>415</sup> A Estirpe de Vasconcelos.	5
Ouve-me agora falar Em honra do digno Filho, Que a fortuna há de estradar, Dos seus maiores no trilho Por sua memória honrar.	10
Não culpes minha alegria Se às vezes me vês calar, Quando mais falar devia, Que o louvor temo estribar Nas medidas da Poesia.	15
Tendo assunto que me sobre Pasmear em silêncio eu uso; E com motivo tão nobre, Emudeço por confuso, Que a abundância me faz pobre.	20

---

<sup>413</sup> **Primogênito:** D. Antonio Maria de Castelo Branco Correa e Cunha\*, nasceu a 08/MAR/1785. A data do poema será, portanto, 08/MAR/1786, ao completar um ano.

<sup>414</sup> **Assinatura:** Considerando-se que Domingos Caldas Barbosa era o poeta oficial da família Vasconcelos e, ainda, considerando que não deixava de fazer um poema para celebrar os anos dos familiares dessa Casa, tudo indica ser de autoria de Lerenio estas quintilhas.

<sup>415</sup> **Unindo a Castelos-Brancos:** O Conde de Pombeiro era Vasconcelos e Sousa e sua mulher, Castelo-Branco.

Mas minh'alma enfim procura  
 Vencer seu próprio alvoroço;  
 Quererá minha ventura,  
 Que pois com vozes não posso  
 Me explique assim por figura. 25

Senhora, não te soçobres  
 Essa ao teu Antonio entrega,  
 E cuido que lhe descobres  
 Que um pobre já se lhe chega,  
 Porque nasceu para os Pobres. 30

Saiba que grande nasceu,  
 Para que aos pequenos preste;  
 Tem do Pai<sup>416</sup> o exemplo, e teu;  
 E o grande interesse é este  
 Com que o pedimos ao Céu. 35

Se alguém murmurar quiser  
 De que eu na alegria séria,  
 Lhe faça míseros ver,  
 Vê que o valer à miséria,  
 É dos Heróis o prazer. 40

Mostre-se-lhe essa nudez:  
 Ensina-o a nus vestir,  
 Como vestido me vês;<sup>417</sup>  
 Tem de casa a quem seguir,  
 Faça o que seu Pai me fez. 45

D'Hércules\*<sup>418</sup> contam as Gentes,  
 Ter no berço espedaçados

<sup>416</sup> **Pai:** de D. Antonio, D. José Luis Vasconcelos e Sousa\*, 6º Conde de Pombeiro.

<sup>417</sup> Referência ao fato de que, protegido pelos Condes de Pombeiro, piedosamente o recolheram e vestiram.

<sup>418</sup> **Hércules\*:** referência ao fato de que, possuidor de sua força inusitada, ainda bebê, tenha esmagado com as próprias mãos duas serpentes enviadas por Juno, movida por ciúmes, para matá-lo.

Ferozes monstros ingentes;  
 E é valer aos Desgraçados,  
 Mais qu'espadaçar serpentes. 50

Começa a tenra idade  
 A imprimir-lhe na memória,  
 Lições de heróica piedade;  
 Faze que sustente a glória  
 Do seu nome a dignidade. 55

Fazendo-o ver o bastão  
 Ou de Guerra, ou de Justiça,  
 Que há de vir à sua mão,  
 Para esta honrada cubiça,  
 Formemos-lhe o coração. 60

Nos lusos fastos escrito,  
 Louvor d'alta gerarquia  
 Bem se vê, e eu não repito;  
 E se ouvirá algum dia,  
 Da Fama o cêntuplo grito. 65

Os Séc'los são testemunhas;  
 E a Inveja em tristes arrancos,  
 Volta ao próprio peito as unhas,  
 Fugindo a Castelos-Brancos,<sup>419</sup>  
 Correias temendo, e Cunhas.<sup>420</sup> 70

Se os Ilustres Vasconcelos  
 Os Céus vêm nele juntar,  
 Faça a História conhecê-los,  
 Porque para segurar  
 Tem já de sobra os modelos. 75

---

<sup>419</sup> **Castelos-Brancos:** referência a todos os valorosos membros dessa família Ver: Índice onomástico: **Condessa de Pombeiro.**

<sup>420</sup> **Correias e Cunhas:** dignos antepassados da família da Condessa de Pombeiro.

Não lhes mostro triunfando  
Do Inimigo triste, e exangue;  
Nossas quinas arvorando  
Cubertos de pó, e sangue,  
Reinos ao Reino ganhando. 80

Minha plácida Camena \*  
Lhe entra um alegre canto;  
E quando o louvor lhe ordena,  
Em alheio sangue, e pranto  
Nunca vai molhar a pena, 85

É das asas d'Alegria  
A pena com que hoje escrevo;  
Dá-me o prazer a harmonia  
Com que aos Céus ousado elevo  
A alta glória deste Dia. 90

[Sem assinatura]



Com guerreiro porte, e franco  
 Ajustando a Cota, e o Casco,  
 Vê que da Espada ao arranco  
 Cai o Ibero aos pés de Vasco,<sup>424</sup>  
 E ele ergue Castelo-Branco 25

Não conta a História um só Nuno\*<sup>425</sup>  
 Que ajudasse João Primeiro\*:  
 Também houve outro oportuno<sup>426</sup>  
 Da prosápia de Pombeiro,  
 E que fez tremer Netuno. 30

De meias Luas c'roadada,  
 Debalde Ceuta se empina,  
 Que ao luzir de Nuno a Espada,  
 Humilde a cabeça inclina,  
 Beija a cadeia dourada. 35

Aos pés de um Herói Vassalo,  
 Vejo alado velho intonso,  
 Que se esmera em coroá-lo;<sup>427</sup>  
 E os louros do quinto Afonso\*,  
 São parte dos de Gonçalo. 40

Se o Almeirante se chama,<sup>428</sup>  
 O Oceano inda se assusta;  
 Mas triste pranto derrama  
 Por Lopo a quem mão injusta<sup>429</sup>  
 Tirou vida, mas não fama. 45

<sup>424</sup> **Nota do Autor** [No original, junto ao verso 25]: *Vasco Pais de Paiva, que vivendo em Castelo-Branco, que pelas suas grandes ações, se chamou Castelo-Branco.* [ver Castelo-Branco, Vasco Pires de\*].

<sup>425</sup> **Nuno**: referência a Nuno Álvares Pereira. Ver Álvares Pereira, Nuno\*.

<sup>426</sup> **Nota do Autor** [No original, junto ao verso 28]: *Nuno Vaz de Castelo-Branco, valoroso Almirante de Portugal.* [ver Castelo-Branco, Nuno Vaz de\*].

<sup>427</sup> **Nota do Autor** [No original, junto ao verso 38]: *Gonçalo Vaz de Castelo-Branco, homem valoroso, que foi o que instituiu o Morgado deste Título, sendo cabeça a Quinta deste nome.* [ver Castelo-Branco, Gonçalo Vaz\*].

<sup>428</sup> **Nota do Autor** [No original, junto a verso 41]: *Nuno Vaz de Castelo-Branco [10º Almirante de Portugal]; &c.*

<sup>429</sup> **Nota do Autor** [No original, junto ao verso 44]: *Lopo Vaz de Castelo-Branco, valoroso, porém morto à traição.* [ver Castelo-Branco, Lopo Vaz de\*].

Ou gire os Mares, ou cerque  
 Castelo, que leva à escala,  
 Nuno faz que o Pindo\* alterque,<sup>430</sup>  
 Se excedeu mais do que iguala  
 Contemporâneo Albuquerque.<sup>431</sup> 50

Até ao Pérsico feio,  
 A memória te conduz,  
 A ver como rege o freio,<sup>432</sup>  
 Que mastiga a fera Ormuz,  
 Avô teu, que eu não nomeio.<sup>433</sup> 55

Virá tempo em que a idade  
 Fará que tua alma tome  
 Lições de heróica verdade,  
 E do dever do teu nome,  
 Que zela a posteridade. 60

De um Antônio como tu,<sup>434</sup>  
 (Não sei se também tão lindo)  
 Verás como o Fado cru  
 Sofreu, a seu Rei seguindo  
 Até ser cativo, e nu. 65

Meu Brasil<sup>435</sup> canta mil vezes<sup>436</sup>  
 Que outro Antônio o fez feliz;  
 E em honra dos Portugueses  
 Lhe aliviou a cerviz  
 Do jugo dos Holandeses. 70

<sup>430</sup> **Nota do Autor** [No original, junto ao verso 48]: *Nuno Vás de Castelo-Branco, que nos mares da Índia fez maravilhas de valor.* [ver Castelo-Branco, Nuno Vaz de\*].

<sup>431</sup> **Albuquerque:** refere-se a D. Matias de Albuquerque. Ver Albuquerque, D. Matias de\*.

<sup>432</sup> **Nota do Autor** [No original, junto ao verso 53]: *D. Pedro de Castelo-Branco, Governador de Ormuz.* [Ver Castelo-Branco, D. Pedro de\*].

<sup>433</sup> **Avô que não nomeio:** refere-se a Vasco Pires de Castelo-Branco\*.

<sup>434</sup> **Nota do Autor** [No original, junto ao verso 61]: *Antonio de Castelo-Branco, que seguiu o Rei D. Sebastião a África onde foi escravo.* [D. Sebastião (1554-1578). Alcácer Quibir (1578). Não foi possível identificar.]

<sup>435</sup> **Meu Brasil:** referência ao país de origem de Domingos Caldas Barbosa, mais um aspecto que o identifica como Autor destas “Quintilhas”.

<sup>436</sup> **Nota do Autor** [No original, junto ao verso 66]: *D. Antonio de Castelo-Branco, serviu na armada, que fez restaurar o Brasil das mãos dos Holandeses.* [Ver Castelo-Branco, Antônio de Castelo Branco e Cunha\*].

Mais e mais dos teus Castelos  
 Da glória nos fastos achas,<sup>437</sup>  
 Que terá novos desvelos  
 De unir teus Leões às fachtas,  
 E torres de Vasconcelos. 75

Quis, Senhor, que repassasses  
 Tanto na tenra memória,  
 Nem temi me criminasses,  
 Que do teu nascer a glória  
 Vem da glória de quem nascas. 80

Dos teus os fastos saber  
 Eu julgo assaz necessário;  
 E a dispor-te para os ler,  
 Esse novo abecedário<sup>438</sup>  
 Vem teus servos of'recer. 85

Os meus próprios olhos vêm,  
 As tuas graças dispostas  
 A desempenhar-te bem;  
 Vejo que das armas gostas,  
 Gosta das letras também. 90

Se me não fora vedado...  
 Céus minha boca fechai,  
 Não vá eu arrebatado  
 Desobedecer ao Pai<sup>439</sup>  
 Eu devo admirar calado. 95

<sup>437</sup> **Nota do Autor** [No original, junto ao verso 72]: *Lembra-se assim as armas da casa de Castelo-Melhor\**.

<sup>438</sup> **Nota do Autor** [No original, junto ao verso 84]: *Oferecia-se ao Menino um abecedário disposto em dados para aprender brincando.*

<sup>439</sup> **Nota do Autor** [No original, junto ao verso 94]: *O Excelentíssimo Senhor Conde de Pombeiro tem proibido ao Autor o dar-lhe louvores, quaisquer que eles sejam.* [Esta Nota do Autor constitui mais uma prova de que estas “Quintilhas” eram da autoria de Domingos Caldas Barbosa, protegido do Conde de Pombeiro.]

Ó verdade, ó gratidão,  
 Que dentro em mim murmurando  
 Agitais meu coração,  
 Se eu obedeço calando  
 Outros por mim falarão. 100

Senhor, deveis escutar  
 Estes meus conselhos sérios,  
 E n'alma os deveis gravar;  
 É mais que ganhar Impérios  
 O sabê-los governar. 105

Nunca a Discórdia desuna  
 Nações, que a amizade enlaça,  
 Que vos obrigue importuna  
 A ser de outros a desgraça:  
 Ah! Sede a nossa fortuna! 110

Sede dos servos que crescem  
 Amparo, e consolação;  
 Honrai-os, que honra merecem;  
 Sede arrimo, e dai a mão  
 Aos que como eu envelhecem.<sup>440</sup> 115

Sei que pouca perda vai,  
 Sucedem outros a estes;  
 Porém um pouco notai,  
 Achaste-os quando nascestes,  
 Já serviam vosso Pai. 120

E quando frouxos, e lassos,  
 Para a vossa companhia  
 Não pudermos já dar passos,

---

<sup>440</sup> Não se sabe quantos anos teria D. Antonio Maria quando Caldas Barbosa lhe dedicou estas “Quintilhas”. No seu nascimento, em 1785, o Poeta teria 45 anos, portanto, à altura deste poema, poderia ter alguns anos mais. Se considerarmos, entretanto, que estas “Quintilhas” vêm publicadas imediatamente a seguir à dedicada à Condessa de Pombeiro no primeiro aniversário de seu primogênito (1786), podemos afirmar que o Poeta então tivesse 46 anos.

Lembre-vos, Senhor, um dia,  
 Que vos trouxemos nos braços.<sup>441</sup> 125

Guardai em vossa lembrança  
 O que é digno de reter;  
 Que merece confiança,  
 E não é para perder  
 Uma servidão de herança. 130

Pois que o Céu assim dispôs  
 A obrigação nos reparte;  
 Vivei, Senhor, para nós:  
 E do mundo em qualquer parte  
 Nós morreremos por vós. 135

[Sem assinatura]

---

<sup>441</sup> O Autor (Lereno) refere-se a si mesmo, relatando que um dia trouxera D. Antonio Maria\* nos seus braços. Ver Vasconcelos e Sousa, Antonio Maria\*.

## Tomo I – Parte 1

[ 22. ] Quintilhas<sup>442</sup>

**Ficando em Salvaterra\* o Autor, quando / Suas Majestades saíram dali, o Senhor / Arcebispo Confessor\* quis que / descrevesse aquela saída, e como ficava / a terra.**<sup>443</sup>

Musa, mandam-nos pintar<sup>444</sup>  
 Majestosa despedida;  
 Vai os pincéis preparar;  
 Traça do quadro a medida,  
 Vai as cores misturar. 5

Vê que alguém já se alvoroça  
 Por ver se avivo as figuras;  
 Talvez por desgraça nossa  
 Achem que nestas pinturas  
 Sou Apeles\* de Obra grossa. 10

Estas vizinhas Campinas,  
 E as várias hirsutas moitas,  
 Com tintas grossas, ou finas  
 Já pintaste, e ora te afoitas<sup>445</sup>  
 A cousas mais peregrinas. 15

Não ao Porco sedeúdo<sup>446</sup>  
 De alvo dente anavalhado,  
 Nem ao tímido, e galhudo,  
 Ligeiríssimo Veado,  
 Que de um salto foge a tudo. 20

<sup>442</sup> **Assinatura:** Não há dúvida quanto a ser D. C. Barbosa o autor destas “Quintilhas” pelo que afirma na Notado Autor (nota 4) abaixo.

<sup>443</sup> Este acontecimento deve ter ocorrido entre FEV e ABR de 1788, considerando-se os 40 dias de resguardo após os partos pois a Condessa de Pombeiro acabava de dar à luz seu filho José em 07/FEV/1788.

<sup>444</sup> **Mandam-nos:** duas diferentes grafias: no texto original – *manda-nos*; na Errata: *mandaõ-nos*.

<sup>445</sup> **Nota do Autor** [v. 14]: *Alude à caçada das Lebres já descrita pelo mesmo Autor. [Lebreida ou Caçada Real das Lebres, Tomo II, Parte 3, p. 6 a 23]*

<sup>446</sup> **Sedeúdo:** Sedoso

Nem pintes a nédia Corça;  
 Deixa em paz o leve Gamo;  
 E o caminho, ou siga ou torça,  
 Falcão chamado ao recramo,<sup>447</sup>  
 Que mostrou destreza, e força. 25

O animal das meias luas<sup>448</sup>  
 Deixa ali raspando a terra  
 Co'as rachadas unhas suas:  
 Deixa o que no jugo berra  
 Co'as arrastadas charruas. 30

Fogoso Poldro sacuda,  
 Relinchando, as crinas soltas,  
 Quando a própria Mãe saúda,  
 Ou quando em saltos, e voltas  
 Vem procurar quem lhe acuda. 35

Não digo que o lápis quebres  
 Com que um dia obediente  
 Debuxaste o Lobo, e as Lebres;  
 Mas mandam-te pintar gente,  
 Gente é justo que celebres. 40

Alongando a vila eu vejo  
 Por entre esta plana terra  
 Estender braços o Tejo,  
 E neles põe Salvaterra\*  
 Tudo o que eu pintar forcejo. 45

À pressa as saudosas cores  
 Mói, desfaz, mistura, e liga,

<sup>447</sup> **Recramo:** canto com que uma ave chama a outra de sua espécie. Significa também a disposição editorial antiga de registrar no final das páginas de um livro a primeira sílaba ou palavra da página seguinte.

<sup>448</sup> **Animal das meias luas:** Touro de chifre curvo que puxa charruas.

E eu terei, se hábil tu fores,  
 Retrato de gente amiga,  
 Cópia de grandes Senhores. 50

Seia<sup>449</sup>, larga, solta, cassa<sup>450</sup>;  
 Um se apresta, outro tem fleuma;  
 Aqui moço ousado passa;  
 Ali confusa celeuma  
 Delicada gente enlaça. 55

Ali uma ao colo vai,  
 Levam outra pela mão;  
 Aqui um gemido, um ai:  
 Bate deste o coração;  
 Aquele tropeça, e cai. 60

Rubra canada de vinho  
 Sorver um Algarve eu vejo,  
 Enquanto n'um resistinho<sup>451</sup>  
 Pespega devoto beijo  
 Velha que teme o caminho. 65

A sobrinha ali desmaia,  
 Tornam-lhe à boca as fatias,  
 Que toma em limpa cambraia  
 E inda em tantas agonias,  
 Ela acena para a praia. 70

Aquele escaler despega,  
 Já outro as velas soltou;  
 Frota de remos navega;

---

<sup>449</sup> **Seia:** termo náutico; “fazer seio ou voltar em redondo; remar para trás ou para fazer recuar a embarcação ou para voltar; e neste caso os remeiros do lado oposto aos que remam para trás vogam avante, dando assim facilmente a voltam o que chamam, *remar de seiavoga*.” *apud* Silva, Antonio de Moraes, 1890.

<sup>450</sup> **Cassa:** do francês *casser*; quebrar; cassou (quebrou) a amarra.c.

<sup>451</sup> **Resistinho:** de resistir.

De terra um clarim soou  
Musa alerta, olha quem chega. 75

Musa apoucada, e mesquinha,  
Tu que arrostavas ufana  
Qualquer assunto que vinha,  
Tremes vendo a Soberana  
Face da Augusta Rainha?<sup>452</sup> 80

Com susto de submissão,  
Nem podes a vista alçar?  
Põem os joelhos no chão:  
É tempo de desenhar,  
Mas cai-te o lápis da mão. 85

Ah! Musa não te soçobres  
Chega sem susto àquela,  
Que cercam Grandes, e Nobres;  
Vê que tem o amparo nela  
Pequenos, Humildes, Pobres. 90

Lembre-se bem quanto agora  
Desta mão real nos veio,<sup>453</sup>  
Cheguemo-nos muito embora,  
Que não deve dar receio  
Majestade benfeitora. 95

Pinto aqueles, pinto aquelas:  
Tu não podes? Dá-me a tinta,  
Quero as cópias, vou fazê-las;  
Mas ai de mim! ninguém pinta  
Bem o Sol, bem as Estrelas, 100

Deslumbrado, e quase cego  
Dando a teu espanto abono,

<sup>452</sup> **Augusta Rainha**; refere-se a D. Maria I de Portugal \*.

<sup>453</sup> Provável referência à mercê de um Benefício Simples, recebido de D. Maria I\* por alvará de 11 de julho de 1787, o que deu ao poeta independência financeira.

Os toscos pincéis te entrego,  
Sem pintar esta que ao Trono  
Chamou Afonso em Lamego.<sup>454</sup> 105

Não, não a posso pintar,  
Pasmei no gosto de vê-la;  
Ah! Nasceu para reinar,  
Não, não honra o Trono a ela,  
Ela veio o Trono honrar. 110

Nem o grupo de união cara  
Das Irmãs<sup>455</sup>, e um, e outro Filho,<sup>456</sup>  
E a que em filha<sup>457</sup> amor tornara:  
De afracar me maravilho  
O desejo me enganara. 115

Foram meus esforços vãos,  
Mudamente ajoelharei;  
Chegam, Mãe, Filhos, e Irmãos;  
Ânimo ó Musa, eu beije  
Em silêncio as reais mãos. 120

C'os olhos acompanhemos  
Toda a real comitiva,  
E deste Povo que vemos  
Alternando *viva viva*,  
Alguma cópia teremos. 125

<sup>454</sup> **Afonso em Lamego:** Refere-se a D. Afonso Henriques\*. Nas Atas das Cortes reunidas em Lamego por volta de 1143, foi concretizada a “eleição” do rei D. Afonso Henriques, por grande assembleia do clero, da nobreza e do povo. Esse documento formalizou a lei de direito sucessório em que se dava às mulheres essa prerrogativa. Assim sendo, D. Maria “foi chamada ao trono por Afonso (Henriques) em Lamego” pois desde esse momento as Atas garantiram-lhe o lugar de rainha de Portugal.

<sup>455</sup> **Irmãs:** eram irmãs de Maria I\*: M. Ana Francisca, M. Francisca Dorotéia, M. Francisca Benedita\*.

<sup>456</sup> **Outro Filho:** Refere-se a D. José\*, Duque de Bragança e a D. João , posteriormente D. João VI\*, os únicos dois filhos de D. Maria I que poderiam ter participado desse acontecimento descrito por Caldas Barbosa. Os demais haviam falecido antes de 1788 (entre FEV e ABR desse ano), data desta partida mencionada na **Nota do Autor** e indicada junto ao v. 257 (v. nota 387). A outra filha, D. Mariana Vitória, se casara anteriormente na Espanha.

<sup>457</sup> **Filha:** Refere-se a D. M. Francisca Benedita\* que se tornara sua filha e nora por se ter casado com D. José\*, Duque de Bragança, filho mais velho de D. Maria I\*, sua irmã.

Já o Bergantim dourado  
 Vozeria alegre solta;  
 E esta turba de encarnado  
 Dá no ar mais de uma volta  
 C' o barrete prateado. 130

O rancho de prazer louco,  
 Cobre a gadelha<sup>458</sup> inda enxuta;  
 Arranja-se pouco a pouco,  
 E entre a celeuma se escuta  
 O Patrão mor sempre rouco. 135

Este voga, aquele seia<sup>459</sup>,  
 Gadelhuda<sup>460</sup> a perna, e o braço;  
 Mostra a roxa cordoveia,<sup>461</sup>  
 Que bem prestes no arregaço  
 Túrgida aparece, e cheia. 140

Deu-se ao mais robusto a boga<sup>462</sup>;  
 E o Mancebo que a alcançara  
 Nenhum outro lugar roga,  
 Nem por tal honra trocara,  
 Uma de bengala, ou toga. 145

Já o tostado Algarvio<sup>463</sup>,  
 O punho do remo aperta,  
 E alçado n'um pé com brio,  
 Em voga<sup>464</sup> arrancada, e corta  
 Talha este braço do rio. 150

---

<sup>458</sup> **Gadelha:** o cabelo.

<sup>459</sup> **Seia:** termo náutico. Ver Nota 3.

<sup>460</sup> **Gadelhuda:** peluda

<sup>461</sup> **Cordoveia:** termo popular; as veias jugulares.

<sup>462</sup> **Boga:** ou voga significa o primeiro remo de ré cujo remeiro serve de baliza quando se rema.

<sup>463</sup> **Algarvio:** eram os remadores preferidos segundo testemunho do Embaixador Bombelles: "Ces rameurs sont tous tirés du royaume d'Algarve et sont de superbes hommes, extrêmement bons marins et qu'on dit être aussi intrépides dans une tempête que peu braves au coup de fusil." *apud* Bombelles, Marc-Marie, (1959 : 128).

<sup>464</sup> **Voga:** ação de remar com força; cada um dos remos ou dos remeiros do primeiro banco, geralmente os marinheiros mais fortes.

Triste fica o Povo, e chora  
 Ao ver que assim apressada  
 Se alonga a sua Senhora;  
 Chamam pequena a jornada,  
 Maior quiseram que fora. 155

Lá vai desaparecendo  
 Da vista de Salvaterra:  
 Nós Musa, o passo volvendo  
 Aos que nos ficam na terra,  
 Iremos ouvindo, e vendo. 160

Velha que de longe viu  
 Na popa os moços reais,  
 Os gorgomilos abriu;  
 Gritou que ouviram os mais:  
 “Bem haja a Mãe que os pariu. 165

“Dê-lhes Deus boa maré  
 “E cubra de boas fadas;  
 “Sua Mãe, nossa Mãe é:  
 “Gentes sois afortunadas,  
 “Eu sei por quem, e porque. 170

“Qual vossa vida, e a minha  
 “Triste se houvera finado  
 “Pela desgraça mesquinha  
 ”A não nos ter o Céu dado  
 “Tão piedosa Rainha! 175

“Leva o Inverno a semente!  
 “São vossos granjais<sup>465</sup> desfeitos!  
 “Alaga-vos tudo a enchente!<sup>466</sup>  
 “Vem ela, sois satisfeitos,  
 “Acha com que vos contente. 180

<sup>465</sup> **Granjais:** de granja; fazenda com hortas, pomares, granjarias.

<sup>466</sup> **Enchente:** referência às enchentes muito frequentes na região do Ribatejo

“Espera o que lhe deveis;  
 “E muitas vezes perdoa;  
 “Cura-vos se adoeceis:  
 “Olhai, Senhora mais boa  
 “Nunca vistes, nem vereis. 185

“Demos ao Céu mil louvores;  
 “E anos lhe dê aos milheiros;  
 “Eu vivo dos seus favores,  
 “Fez os meus Filhos Couteiros,  
 ”Meus Netos Emprazadores.<sup>467</sup> 190

“Se na minha geração  
 “Alguém há que a tal Senhora  
 “Não sirva de coração,  
 “Quero que já desde agora  
 “Tenha a minha maldição.” 195

E alçando a sua mão canha<sup>468</sup>,  
 Pela desdentada boca,  
 Murmurou arenga estranha;  
 Em soluços se sufoca,  
 E alva baba o queixo banha. 200

Eis súbito um Neto ufano;  
 Que mão real vestir faz,  
 Mostra o ajeitado pano,  
 E diz alegre o rapaz:  
 “É mais bonito este ano;” 205

Também mostra o ornato seu  
 Órfã pobre Rapariga;  
 Eu a vejo, escuto-a eu;  
 Não encontra a quem não diga:  
 “A Rainha é quem mo deu.” 210

<sup>467</sup> **Emprazadores:** de emprazar, isto é, ajustar prazo.

<sup>468</sup> **Mão canha:** mão esquerda, mão canhota.

Quanta gente eu vejo! Quanta,  
 Que veste real grandeza?  
 E oiço mais, e não me espanta,  
 “A mim vestiu-me a Princesa,  
 “A mim a Senhora Infanta.” 215

Rústico moço robusto,  
 Que estas moitas espancou  
 Com o azinheiro adulto,  
 Aos Companheiros mostrou  
 Piedosa ajuda de custo. 220

Fumando em sujo cachimbo  
 Gordo Arraes<sup>469</sup>, digno de estampa  
 Diz à companha: Marimbo;<sup>470</sup>  
 “Agora aqui ‘stá quem campá  
 “Ei-la aí vai, que deu gimbo.”<sup>471</sup> 225

Ferve a farta caldeirada,  
 E o vermelho pimentão  
 Por entre a fervura nada;  
 Vai o ensebado tostão,  
 Vem transbordando a canada.<sup>472</sup> 230

Na Vila o mesmo sucede;  
 Já do vinho batizado<sup>473</sup>  
 A pipa em canadas mede,  
 O Taberneiro cansado  
 De dar ao Povo o que pede. 235

---

<sup>469</sup> **Arraes:** do árabe. Os Mouros dão este nome a todos os capitães de armadas ou navios; patrão ou mestre de galé, de barco costeiro, ou de pesca ou de serviço de rio.

<sup>470</sup> **Marimbo:** jogo de cartas.

<sup>471</sup> **Gimbo:** palavra africana; termo usual entre os negros do Congo e de Angola para designar o dinheiro, a que também chamam *gimbongo*; zimbo.

<sup>472</sup> **Canada:** antiga medida portuguesa de líquidos que continha quatro quartilhos. Um quartilho equivalia a trinta e cinco centilitros.; era a 12ª parte de um almude, isto é, 1,4 litros. Um almude continha 12 canadas, dois potes ou 16 litros. .

<sup>473</sup> **Vinho batizado:** diz-se do vinho misturado com outro, em geral de qualidade inferior, para fazer o primeiro render.

Negro azeite torra o Sável,<sup>474</sup>  
 E ali coze a Boga, e o Barbo,  
 A Bodegoa agradável,  
 Que já rendeu ao seu garbo  
 Duro Campino intratável. 240

Fartura, e prazer total  
 Enche a casa, enche a cozinha;  
 É o brodio<sup>475</sup> ali geral  
 À saúde da Rainha,  
 E da Família Real. 245

Correm Vilões, e Pastores,  
 Às tendas, antes, que emalem;<sup>476</sup>  
 Compram das alegres cores,  
 Talvez por mais do que valem;  
 Vai na fé dos Mercadores. 250

À pressa escolhem Mulheres  
 Pintados lenços, e fitas:  
 Deixam garfos, e colheres,  
 Compram argo'as bonitas,  
 E formosos rossicleres.<sup>477</sup> 255

Mas findas as compras suas,  
 Musa, não há que pintar  
 Por estas desertas ruas:  
 Vai o painel rematar,  
 Que é tempo que o concluas: 260

<sup>474</sup> **Sável:** Sável, Boga, Barbo, Bodegoa – tipos de peixes.

<sup>475</sup> **Brodio:** Do italiano *brodo*: caldo com restos de sopa e ervas que se costumava distribuir à porta dos conventos para os pobres; festim, banquete.

<sup>476</sup> **Emalem:** emalar, arrumar ou guardar em mala, isto é, antes que desmanchem e recolham as tendas.

<sup>477</sup> **Rosicleres:** colares de pedraria que cingem o pescoço..

Pinta-me em tal solidão  
Junto dos meus Benfeitores,<sup>478</sup>  
Tendo ao lado a Gratidão:  
E tendo aos reais louvores,  
Preparada a voz, e a mão.

265

[Sem assinatura]

---

<sup>478</sup> **Nota do Autor** [v. 257]: *Os Senhores Condes de Pombeiro ficavam, porque a Senhora Condessa estava mal convalescida do parto em que teve o Senhor José de Castelo-Branco.* [Ver: Índice onomástico, **Vasconcelos e Sousa, D. José de Castelo Branco Correa e Cunha**].

## Tomo I – Parte 1

[ 23. ] Quintilhas<sup>479</sup>

## A Ilustre O’Neill pergunta que cousa / sejam saudades.

Musa, basta de silêncio;  
 Quer linda O’Neill escutar-nos,  
 E à sua amável grandeza,  
 Seria crime escusar-nos:

Limpo as ferrugentas cordas, 5  
 Mas desmaia o coração;  
 E ao pensar no excelso Nome,<sup>480</sup>  
 Me cai a lira da mão:

É esta a que em berço augusto, 10  
 Graças, e Musas dotaram,  
 E a quem Artes, e Ciências,  
 A dócil razão guiaram.

É esta a Britana Safo\*,<sup>481</sup>  
 A quem rendem vassalage,  
 Com Dacier\* erudita, 15  
 A suave du Bocage\*:<sup>482</sup>

Qu’estuda o Homem com Pope\*,  
 Com Robinson\*<sup>483</sup> lê o Mundo,  
 Ri com Swift\* engraçado,  
 E segue a Newton\* profundo; 20

<sup>479</sup> **Assinatura:** Não há dúvida quanto a ser D. C. Barbosa o autor destas “QuintilhaS” pelo que afirma na Notado Autor (nota 4) abaixo.

<sup>480</sup> **Excelso Nome** (v. 7) e **augusto nome** (v. 9): Referência à família de ...O’Neill\*.

<sup>481</sup> **Britana Safo:** o Poeta compara O’Neill, oriunda da Britânia, à poetisa grega Safo\*.

<sup>482</sup> **Suave du Bocage\*:** o Poeta a considera e a compara a Bocage, embora dele seja uma versão suave.

<sup>483</sup> **Robinson:** alusão ao romance *A Vida e as Estranhas Aventuras de Robinson Crusoe*.

Co's ouvidos costumados  
 A meigas vozes sonoras,  
 Porque tem seu lugar próprio  
 Entre as Aônias\* cantoras;

Como poderá ouvir 25  
 Os meus roucos gritos vãos,  
 Sem tapar sábios ouvidos,  
 Com as jasminadas mãos?

Não é do Tamisa<sup>484</sup> um Cisne,  
 Que vai soltar doce canto, 30  
 Brasileiro Papagaio<sup>485</sup>  
 De arremedo a voz levanta.

Tinha razão de calar-me,  
 Deveria emudecer,  
 Mas se O'Neill quer qu'eu fale, 35  
 É virtude obedecer.

Enfim, Musa, obedeçamos,  
 Basta já de dar desculpa,  
 Porqu'o muito desculpar,  
 Também às vezes é culpa. 40

Pois saber o que é saudade  
 Gentil O'Neill careces,  
 Vou talvez dizer-te um mal,  
 Que sofres, e não conheces.

---

<sup>484</sup> **Cisne do Tamisa:** título que confere à Sra. O'Neill, referindo-se ao rio Tamisa que atravessa Londres, sua Pátria.

<sup>485</sup> **Papagaio Brasileiro:** o Poeta alude a si mesmo, designando-se Papagaio Brasileiro, ave palradora do Brasil. Ao contrário do tom pejorativo que alguns críticos atribuem a esse pássaro, referindo-se a Caldas Barbosa, entre seus contemporâneos o papagaio era uma ave de nobre exotismo, de beleza exuberante, muito apreciada e admirada.

Dirão uns qu' é sentimento. 45  
 Que só Portugueses têm;  
 E qu' importa falte aos outros,  
 Vozes qu' o expliquem bem:

Mas eu, Senhora, não quero 50  
 Iludir vossa grandeza;  
 Saudade, é nome qu' explica  
 Triste mal da Natureza:

Filha de cruel ausência  
 É esta terna paixão;  
 Que se nutre de esperanças 55  
 No sensível coração:

De lembranças, e desejos,  
 Tristemente acompanhada,  
 Punge, e fere uma alma terna,  
 Do amado bem separada: 60

Por exemplo dividida  
 Da tua cara metade,  
 Toda esta falta que sentes,  
 Isto O'Neill é qu' é saudade.

Em meio de mil prazeres, 65  
 Sempre esta paixão é triste,  
 E a seu íntimo tormento,  
 Nenhuma cousa resiste.

Obriga a lágrimas tristes,  
 Obriga a sentidos ais, 70  
 Nem só humanos obriga,  
 Inda a brutos animais.

Ouve o saudoso gorjeio  
 Da amorosa Filomela\*,  
 Quantas vezes te enterneces 75  
 Co'a triste saudade dela:

O áureo colo entumecendo,  
 Arrulando o pombo aflito,  
 Tenra esposa que lhe falta  
 Chama em seu saudoso grito: 80

Bravo sanhudo Leão,  
 A madeixa sacudindo,  
 Se a cara Leoa prendem,  
 Os campos corre bramindo:

Traz estes males Amor, 85  
 Porém a doce Amizade  
 Não deixa de ter também  
 A doença da saudade;

Tu, qu'à memória tens cheia  
 De mil sucessos antigos, 90  
 Escutas qu'eu te recontei,  
 Tristes saudosos amigos:

De teu Augusto Ricardo\*<sup>486</sup>,  
 Te lembre a célebre história,  
 E vê do amigo saudoso, 95  
 Qual seja a honrada memória:

Também de fido animal,  
 Que seu bom senhor perdeu,  
 Se conta que de saudades,  
 Junto ao sepulcro morreu: 100

---

<sup>486</sup> **Ricardo**: referência a Ricardo I, rei da Inglaterra.

É temer este mal,  
O tempo o torna mais forte,  
E em lhe faltando a esperança,  
Bem depressa é mal de morte.

Basta, Senhora: já sabes, 105  
Qu'enfim saudade só é  
O sentimento que um sofre,  
Quando o que estima não vê:

Tu qu'onde quer qu'apareces, 110  
Causas Amor, e Amizade,  
Terás dado (eu não duvido)  
Motivo a muita saudade.

L. Selinuntino

**Tomo I – Parte 1**

---

[ 24. ]

**Ao Ilmo. E Exmo. Senhor / D. Antônio Maria / De Castelo-Branco Correa / E Cunha\*, /  
Primogênito dos Ilustríssimos, e Excelentíssimos / Senhores Condes de Pombeiro\*.<sup>487</sup>**

I

Deixa qu'a Lira

Nas mãos eu tome

E qu'o teu nome

Possa cantar:

Vai-te ensaiando

5

Desde pequeno<sup>488</sup>

A ouvir Lereno

Por ti chamar:

II

Se um nome queres

Digno de glória,

10

E qu'a Memória

O haja de honrar:

Tens os modelos,

Não busques mais,

Os dignos Pais

15

Te hão de guiar.

III

Vai bem quem segue

Destes modelos,

Qu'os Vasconcelos

---

<sup>487</sup> **Assinatura:** pela dedicatória, pelo teor do poema e ainda pela citação do nome de Lereno no verso 7 não há dúvida quanto a ser este poema de autoria de Caldas Barbosa.

<sup>488</sup> **Desde pequeno:** D. Antonio devia ser ainda pequeno quando Lereno lhe dedicou este poema. Caldas Barbosa vivera primeiramente em casa de D. Antônio José de Vasconcelos e Sousa Câmara Caminha Faro e Veiga, irmão mais velho do Conde de Pombeiro que ainda não tinha sua casa pois era solteiro. A partir de seu casamento em 1783 com a Condessa de Pombeiro, o casal passou a hospedar o Poeta. Este poema, portanto, foi escrito provavelmente próximo à data de nascimento de D. Antônio, em 1785.

São de imitar:	20
Deixam-te a glória	
Castelos-Brancos	
Caminhos francos	
Para trilhar.	
 IV	
Dizer podia	25
Pasmosas coisas,	
Que dos teus Soizas	
Há de contar:	
Se eu chamo os séculos	
Por testemunhas,	30
Correas, Cunhas	
Ouves louvar.	
 V	
Quando tu leres	
A Lusa história,	
Tua memória	35
Tens que fatar:	
Ilustre Aônio*	
Graças aos Céus,	
Podes dos teus	
Lições tomar.	40
 VI	
Se eu fosse próprio	
Para ensinar-te,	
Bem pouco d'arte	
Tinha qu'ufar:	
Basta mostrar-te	45
Dos teus o trilho,	
Vai d'água o filho	
O Sol buscar.	

## VII

Já sobre o Pindo\*

Eu me levanto, 50

Oiço alto canto

Teu nome alçar:

Para escrevê-lo,

Doiradas penas,

Sábias Camenas\* 55

Vão preparar.

## VIII

O Céu vigie

Na tua idade,

E esta verdade

Verás chegar: 60

Nos pobres versos,

Qu'ofrecer venho,

A honra tenho

De anunciar.

[Sem assinatura]

**Tomo I – Parte 2**

---

[ 25. ]

**Ao Ilustríssimo, e Excelentíssimo Sr. / D. Antônio de Castelo Branco Correa e Cunha Vasconcelos e Souza\*, / No Dia de Seus Anos<sup>489</sup> / Oferecendo-lhe / Uma Espada, E Uma Pena.**

Aceita, Ilustre Menino,

Toma a espada, toma a pena

Instrumentos que te cumprem

Da heróica vida na Cena:

Vai-te assim acostumando 5

Ao que te deve servir.

Teu nascimento te obriga

Tomar uma, e outra cingir:

Ouve da guerreira Europa

A terrível confusão, 10

Cai à honra do teu nome

Costumando o coração:

Grato à Sábia Providência,

Que ilustre prole te fez,

Deves Senhor recordar-te, 15

Qual tu nasceste, e quem és:

Dos herdados nome, e sangue

Esta a grande obrigação,

Que de outra sorte seria

Herdar sangue, e nome vão: 20

Castelos Brancos, Correias,

Cunhas, Vasconcelos, Sousa,<sup>490</sup>

São nomes que sempre exigem

---

<sup>489</sup> **Dia dos seus anos:** D. Antonio Maria nasceu a 15/FEV/1785, portanto, este poema deve ter sido apresentado neste dia sem que se possa precisar o ano.

<sup>490</sup> **Cunhas, Vasconcelos, Sousa:** nobres e valorosos antepassados da família do jovem aniversariante D. Antonio Maria de Castelo Branco Correia e Cunha Vasconcelos e Sousa, guerreiros, cavaleiros, homens ligados à Corte, magistrados, ministros, etc.

Na guerra, e paz grandes cousas:	
Se pelo vasto Universo	25
A Fama os tem espalhados,	
Com a espada, com a pena	
Se tem feito assim honrados.	
Precedendo a teus Maiores	
Pública voz fende os ares,	30
Que faz com os nomes dignos	
Ressoar a Terra, e os Mares:	
Nem este som se conserva	
Nas vozes da Fama em vão,	
Mesmo agora, sim agora	35
É própria a sua lição:	
No alto do seu Castelo	
Lisboa aperta nos braços	
Aquele que a seus vindouros <sup>491</sup>	
Mostra para a glória os passos:	40
O que salva a Guimarães,	
O que tem a honra ao Rei defende,	
Tens na tua estirpe Ilustre,	
Que a jurada fé não vende:	
Honras a Mem <sup>492</sup> se oferecem, <sup>493</sup>	45
Porque vista a espada nua;	
Mas na jurada homenagem	
Guarda Real, guarda sua:	

<sup>491</sup> **Nota do Autor** [No original, junto ao verso 40]: *É bem celebrado nos fastos da História Portuguesa o valor com que o esforçado Martim Moniz\* Ilustríssimo Progenitor da Família Vasconcelos, se deixou matar esmagado entre a porta do Castelo de Lisboa, para que seu corpo morto a sustivesse aberta para a entrada dos nossos, que por este meio completaram a vitória contra os Mouros. O Rei em reconhecimento lhe mandou ali erguer um busto, e a porta conserva ainda o nome do Herói.*

[Próximo à *Porta de Martim Moniz*, na antiga cerca moura de Lisboa, ergue-se um busto do herói. Em uma placa epigráfica de mármore, sobre a porta, colocada por um descendente da família Vasconcelos em meados do século XVII, lê-se: "*El-Rei dō Afonso Henriques mandou aqui colocar esta statua e cabeça de pedra em memória da gloriosa morte que dō Marti Muniz progenitor da família dos Vasconcelos recebeu nesta porta quando atravessando-se nela franqueou aos seus a entrada com que se ganhou aos mouros esta cidade no ano de 1147.*" "*João Roiz de Vasconcelos e Sousa Conde de Castel Melhor seu décimo quarto neto por baronia fes aqui por esta inscrição no ano de 1646.*"]

<sup>492</sup> **Nota do Autor** [No original, junto ao verso 46]: *Lembro aqui a fidelidade do Illustrissimo Mem Rodrigues, na guarda, e defeza de Guimarães pela parte do Senhor Rei D. Diniz: Declaro-o assim porque pode equivocar-se este louvor com o que merecera o famoso Egas Moniz\*, também desta geração.*

<sup>493</sup> **Nota do Autor** [No original, junto ao verso 46]: *D. Antonio de Castelo-Branco que seguiu a El Rei D. Sebastião na infeliz batalha de Alcaccer [em 04/AGO/1578. Não foi possível identificar este antepassado.].*

Seguir do Rei a ventura, Qual vário caminho tome É dos de teu apelido, E até mesmo do teu nome:	50
Africana areia o viu Em fogo de brio aceso, Ferido onde o Rei feriram, <sup>494</sup> Prezo onde seu Rei foi preso:	55
E do seu Rei natural Defendendo a Terra, e o Povo Não só os viu Mundo antigo, Também os viu Mundo novo:	60
Assim na Marcial estrada Espero, que à glória assomes, Que isto é dever (já to disse) De tal Família, e tais Nomes:	65
Mas se a doce Paz vier Tirar o Elmo a Minerva, Das Ciências no caminho Os teus Maiores observa:	70
Co'a pena instruindo os Lusos Sabendo justos regê-los Verás bons Castelos Brancos, Verás sábios Vasconcelos:	75
Fugidas virtudes, e Artes Dos teus se abrigam nas casas, E dali vêm a apagar-se Da guerra as ardentes brasas:	75
Não só a Piedade aceita, Procura-as, convida, chama, Estende a mão benfeitora	

---

<sup>494</sup> **Nota do Autor** [No original, junto ao verso 56]: *Outro D. Antonio que foi na Armada de socorro ao Brasil.* [Ver: Índice onomástico, **Castelo Branco, Antonio de Castelo Branco e Cunha\***]

E as graças longe derrama:	80
Não vou buscar longe o exemplo,	
Eis que tens à vista, é este;	
Respeita a lição Paterna,	
Para segui-la nasceste:	
Sobre mim já neva a Tempo,	85
E já me esfria a cabeça,	
Sinto já pertos os dias	
Em que de todo arrefeça:	
Meu amor, e minha idade <sup>495</sup>	
Autorizam meus conselhos,	90
Que não são de desprezar-se	
De servos fiéis, e velhos:	
Prepara-te a Sorte os cargos,	
Eu prevejo, eu o estimo	
Do Trono serás o esteio	95
E dos pequenos o arrimo:	
Enfim meus aviso escuta	
Guarda-o em tua memória:	
Nasceste para viver:	
Mas vida de honra, e de glória.	100
Disse	
O mais humilde servo de V. Excelência	
<i>Domingos Caldas Barbosa</i>	

---

<sup>495</sup> **Minha idade:** Não se pode precisar o ano em que este poema foi composto. Quando D. Antonio Maria nasceu (1785) Caldas Barbosa tinha 45 anos, portanto, o Poeta deveria ter essa idade ou pouco mais, o que já era considerada avançada para aqueles tempos.

**Tomo I – Parte 2**

---

[ 26. ]

**Carta [Primeira] / de / Lereno a Arminda, / em que se dão as necessárias regras / dos versos de arte menor, / ensinando a conhecer, / o que sejam consoantes, e tonantes; / e o que são palavras agudas, graves, / e esdrúxulas &c.<sup>496</sup>**

Arminda, cuja beleza

Para o Mundo rara, e nova

Do primor da Natureza

Nos deu a mais linda prova:

Em quem por um modo vário

5

Tais graças o Céu reparte,

Que é quase desnecessário

Ajudar o estudo a arte:

Cujo Amor á Poesia

A faz ser de tanto preço,

10

Que eu que nada merecia,

Por ela tanto mereço:

Pois vosso gênio me pede,

Que vos queira declarar,

O como o Verso se mede,

15

E o de que deve confiar:

Eu trabalharei sincero,

Porque vosso gênio adestre,

Com condição que não quero

O vão título de Mestre:

20

---

<sup>496</sup> A inclusão do pseudônimo Lereno na dedicatória e no último verso comprovam que Domingos Caldas Barbosa é o autor deste poema.

- Porque falando a verdade,  
De mim mesmo vos direi,  
Qu'eu tenho esta habilidade,  
E como a tenho não sei.<sup>497</sup>
- Sinto n'alma, subtil, destro, 25  
Um doce furor vagar;  
É isto o que chamam estro,  
Que me faz poetizar.
- Sem as regras aprender,  
Que aprendê-las sempre é bom, 30  
Versos me viram fazer  
Por inato, e doce tom.
- Ao que a Natureza nega  
Esta precisa harmonia,  
Chega tarde, ou nunca chega 35  
A doçura da Poesia.
- Mas a vós, eu imagino  
Vos não negou este bem,  
Dando a um corpo peregrino  
Peregrin'alma também. 40
- E pois que minh'alma, e vida  
Repartir convosco Intento,  
Tereis com igual medida  
Os frutos do meu talento.
- Sei que vos há de agradar 45  
Fazer galantes Cantigas;  
Sei que as desejais glosar  
Por divertir as Amigas.

---

<sup>497</sup> Lerenó refere-se à sua grande facilidade em fazer versos, um dom inato. Ver também v. 25 a 32.

Vou dar às cantigas Lei,  
 À redondilha<sup>498</sup>, ao Quarteto<sup>499</sup>, 50  
 Em Quintilhas<sup>500</sup> falarei,  
 Décima<sup>501</sup>, e mais não prometo.

Só com versos desta casta  
 Sei que muita gente brilha;  
 E sendo bem feita, basta 55  
 A corrente redondilha.

Este Verso assim cantarei  
 Mesmo entre o Povo grosseiro<sup>502</sup>  
 Trouxe Terpsicore<sup>503</sup> amável<sup>504</sup>  
 Ao som de alegre Pandeiro. 60

Com ele ao tempo que Ceres\*  
 Eiras ou tulhas enchia,  
 Veio adoçar com prazeres  
 A cansada companhia.<sup>505</sup>

Mas Fábulas não metamos, 65  
 Menina, vamos avante;  
 Tomai sentido, qu'estamos  
 Co'a forma do Consoante.<sup>506</sup>

<sup>498</sup> **Redondilha:** termo de origem espanhola, é o nome dado, a partir do século XVI, às estrofes em verso de cinco ou sete sílabas — a chamada medida velha — em oposição à estrofe lírica ou heróica em decassílabos. Os versos podem ser curtos (de cinco sílabas /pentassílabos) também chamados de redondilha menor ou longos (de sete sílabas / heptassílabos), chamados de redondilha maior.

<sup>499</sup> **Quarteto:** estrofe de quatro versos. Chama-se **quadra** se for de arte-menor e, **quarteto** se for de arte-maior. O gênero que melhor tipifica este formato é a trova. Entretanto, há moldes isostróficos nos quais o quarteto tem larga aplicabilidade, tais como a écloga, a elegia ou a ode além das arcaicas cantigas ou das endechas.

<sup>500</sup> **Quintilhas:** estrofes de cinco versos.

<sup>501</sup> **Décima:** estrofe com dez versos.

<sup>502</sup> O Poeta fará uso da redondilha maior junto ao que chama de “povo grosseiro” em detrimento da menor que seria mais adequada por ser mais popular.

<sup>503</sup> **Terpsicore\*:** Ver: Musas\* no índice onomástico.

<sup>504</sup> **Nota do Autor:** [No original, junto ao v. 58] *Musa própria a cantar prazeres brincando.*

<sup>505</sup> **Companhia:** grupo de agricultores depois dos trabalhos na lavoura.

<sup>506</sup> **Rima Consoante** ou Perfeita é a que apresenta homofonia de vogais e consoantes na última vogal tônica do verso. É considerada “Completa” ou “rica” quando a homofonia abrange a consoante ou consoantes de apoio da sílaba predominante. Pode ser aguda, grave ou esdrúxula.

Saber primeiro é preciso,  
 O Consoante o que é; 70  
 Eu serei breve, e conciso;  
 Mas com razão, e porque.

Espero que se me aceite  
 Este gostoso trabalho;  
 E que minh'arte aproveite, 75  
 Salvo a atenção a Borrvalho\*<sup>507</sup>.

Consoante é uma voz  
 Quando igual com outra soa,  
 Nestas duas achais vós  
 Consoantes: Goa, e boa. 80

Mas preciso declarar,  
 Por ir coerente em tudo,  
 Que três sons haveis de achar  
*Esdrúxulo, grave, agudo.*

Aguda aquela voz é, 85  
 Que fere<sup>508</sup> última vogal,  
 Como dizendo *José*,  
 Ou *fiel*, ou *desleal*.

Na penúltima ferindo,  
 Esta voz grave se chama; 90  
 Assim como *amado, lindo*,  
*Graciosa, bela, Dama.*

<sup>507</sup> **Nota do autor:** [No original, junto ao v. 75] *Borrvalho autor de uma arte de Metrificação.*

<sup>508</sup> **Nota do autor** [No original, junto ao v. 96]: *Achei melhor explicar-me, com ferir a vogal, que é que dá o som à sílaba, do que tratar do acento predominante; como se vê no quarteto o ferir &c.* [O Autor refere-se ao acento tônico que recai na última vogal da última sílaba do verso.]

- N'antepenúltima fere  
 O esdrúxulo galantíssimo;  
 Quem quer o exemplo, pondere 95  
 Em *Rústico*, ou *polidíssimo*.
- O ferir é dilatar  
 Nessa vogal carregando,  
 E o mais que continuar,  
 Em som mudo abreviando. 100
- É da vogal que ferimos,  
 Que regemos por diante,  
 S'iguais letras exprimimos,  
 Essa voz é consoante.
- Se um consoante quiserdes 105  
 Para um verso ao vosso *amado*,  
 Basta o seu som escolherdes  
 N'outro, como *desejado*.
- Que é grave já conheceis,  
 Fere a penúltima só, 110  
 Depois dela ali tereis  
 Iguais letras, *d*, e *o*.
- O que as vozes graves têm,  
 Nas outras vozes sucede;  
 Da mesma sorte também 115  
 Esdrúxulo e agudo, o pede.
- Neutral segue natural*  
 Onde fere a vogal última;  
*Pícaro* a *Ícaro* igual.  
 Que fere n'antepenúltima. 120

- Caso que outra letra encerre  
 No meio, difere já,  
*Amado*, e *claro*, eis o *r*.  
 Que veio depois do *a*.
- Esta diferença basta, 125  
 Que as faz não ser consoantes;  
 São as vozes desta casta  
 Uma das outras toantes.<sup>509</sup>
- Conhecer que é diferente  
 O toante, eu acho bom; 130  
 Pois s'engana muita gente  
 Com o tom em vez do som.
- Se o verso diz coisa boa,  
 Não digo que não s'estima,  
 Sempre se nota a Pessoa, 135  
 Que tem pobreza na Rima.
- Conheço mil ignorantes  
 De uns ouvidos bronzeados,  
 Que deixam os Consoantes  
 Com os toantes trocados. 140
- Fujamos de tais Juízes,  
 De tais Cantores fujamos;  
 Se os ouvirmos, infelizes  
 Se as orelhas não tapamos.
- Deixemos coisas por vir, 145  
 Continue a nossa lenda;  
 Vamos as regras seguir,  
 E quem não souber, que aprenda.

---

<sup>509</sup> **Rima Toante** ou Imperfeita: é aquela que apresenta sons semelhantes apenas nas vogais tônicas. Utilizada pelos trovadores, era rima obrigatória nos romances. Foi rapidamente vencida pela rima consoante que passou a ser uma rima comum das línguas modernas.

É toante em diferindo

Depois da vogal que rege; 150  
Tens o exemplo em refletindo  
Nas palavras *Leve*, e *Sege*.

O *u* e *g* que se lêem

Entre os *ee* mudam o som;  
Som igual eles não têm, 155  
Bem que têm um igual tom.

Regras aos hábeis s'escrivem,

Não são para a gente toda,  
Que há tais, que à *sorte* se atrevem  
Dar o consoante *roda*. 160

Para estas testas de ferro

A minha pena não corre,  
Nesses nasce e corre o erro,  
E por teima vive e morre.

Arminda, está dada a ordem 165

Para as vozes escolher;  
Porque em tom ou som concordem  
Como as deveis conhecer.

E mal, se alguém com rudeza

Mais do que isto precisar; 170  
Aos que escusa a Natureza  
Não quer Apolo\* aceitar.

*Ai de mim, falei de Apolo,*

Fui-me em Fábulas meter;  
Não é daqui, estou tolo, 175  
Próprio lugar há de haver.

Mas de passagem senhora,  
 Se a digressão não escusas,  
 Falo deste Nume<sup>510</sup> agora,  
 E do Parnaso\*, e das Musas\*. 180

Os antigos figuraram  
 Esta ciência em um Monte  
 Bipartido\*<sup>511</sup>, em que pintaram  
 Limpa, doce, e clara Fonte.<sup>512</sup>

Este Nume presidía, 185  
 Segundo diz esta História,  
 E eram sua companhia  
 Nove Filhas da Memória.<sup>513</sup>

Tinham diversos Ofícios<sup>514</sup>  
 Estas que Musas se chamam, 190  
 Socorrendo aos exercícios  
 De vários Vates que as amam.

Se acaso fosse verdade,  
 Vós íeis a fazer dez,  
 Deixemos a antiguidade 195  
 Acabemos de uma vez.

E enquanto alígero Bruto  
 Co'a pegada abre a Hipocrene\*  
 De longe os gritos escuto  
 De quem quer que a Arte ordene. 200

<sup>510</sup> **Nume:** refere-se a Apolo\*, divindade que inspira a arte.

<sup>511</sup> **Monte Bipartido:** alusão às Fedríades\*, dois imensos rochedos do Monte Parnaso.

<sup>512</sup> **Clara fonte:** alusão à fonte Castália\*.

<sup>513</sup> **Nove Filhas da Memória:** alusão a Mnemôsine \*. (ver Musas)

<sup>514</sup> **Ofícios das Musas \*:**(ver Musas).

Negra ignorância, se ladras  
 Desta Arte sobre a reforma,  
 Cal'-te que aos Versos, e às Quadras  
 Já vou dar medida e norma.

Vamos pois principiar 205  
 Nas cantigas ordinárias,  
 Que hoje costumam vogar;  
 Por isso as mais necessárias.

Vós Senhora, a voz soltando 210  
 Que o rápido vento enfreia,  
 Começai a ir cantando  
 Sem ser de medida alheia.

Pequeno Verso ajuízo 215  
 Primeiro quereis fazer;  
 Ensinar-vos é preciso,  
 Que sílabas deve ter.

Se for agudo, só fere,  
 Oito ao grave se hão-de dar;  
 E ao esdrúxulo compete  
 Nove sílabas contar. 220

Mas cautela o gênio tome,  
 Que às vezes nessa tarefa,  
 Uma vogal outra come,  
 A que chamam Sinalefa.<sup>515</sup>

Isto é quando uma dicção 225  
 Tem no fim letra vogal,  
 E a outra começa então  
 Mas só uma ao medir val'.

---

<sup>515</sup> **Sinalefa:** figura de linguagem pela qual se reúnem duas sílabas em uma só, por elisão, crase ou sinérese.

- Minha Arminda*, branda e linda  
 Justo exemplo aqui se tome; 230  
 Que o *a* de *minha* o de *Arminda*  
 Envolve em si, em si come.
- Devemos exceptuar  
 Se for aguda a dicção,  
 Que o fim não deve juntar, 235  
 Às letras que avante vão.
- Sirva de exemplo *estará*,  
*Estará* em boa fé;  
 Eis a que vemos o *a*  
 Que não vai unir-se ao *e*. 240
- Vamos aos artigos mais  
*E, o, a, e do, da, de*,  
 Como seguintes vogais  
 E este relativo *que*.
- Outra figura há também, 245  
 Que Sinéreses<sup>516</sup> chamamos,  
 Da dicção no meio vem,  
 Se o próprio lugar lhe damos.
- Com ela duas vogais  
 Fazem ali união; 250  
*A glória de mandar mais*  
 Eis aí que unidas vão.
- Se não fosse contraída  
 A letra *i* com o *a*,  
 Seria longa a medida 255  
 Pelas regras ditas já.

---

<sup>516</sup> **Sinérese:** em linguística é como se denomina a contração de duas vogais em um ditongo (gló-ri-a > gló-ria) como está demonstrado nos v. 246 a 253.

- Esta contração se faz  
 Na sílaba subsequente,  
 Quando ferida se traz  
 A sílaba antecedente. 260
- Às vezes é mais pomposo  
 Soltar-se o preso ditongo;  
 Como o nome *glorioso*  
 Quando o *i* se faz mais longo.
- Por ora os mais Versos calo 265  
 Que inda tem menos medida;  
 Na composição vos falo  
 Mais usada e recebida.
- Nestes a regra observada  
 Dessas figuras já ditas. 270  
 É a cantiga formada  
 Co'as Leis abaixo descritas.
- Devo declarar também.  
 Pois qu'inda o não disse acima,  
 Que a vós consoante tem 275  
 Outro Nome, chamam rima.
- De quatro Versos iguais  
 De uma mesma medição  
 O quarteto vós formais,  
 Como estes formados são. 280
- Dos quatro Versos que tem,  
 Vem o seu nome a tomar,  
 Chamam-lhe quadras também.  
 Vem-lhe o nome quadrar.

Do fim do verso primeiro 285  
 O consoante travando  
 Com o Verso terceiro,  
 Segundo ao quarto imitando.

E para dar mais apreço  
 Arminda as minhas razões, 290  
 Já o exemplo vos ofereço  
 D'um quarteto de Camões.

#### EXEMPLO

*Alma que está ofrecida*  
*A tudo, nada lhe é forte,* 295  
*Assim passa o bem da vida,*  
*Como passa o mal da morte.<sup>517</sup>*

Tendes *ofrecida e vida*  
 Soando da mesma sorte,  
 E destramente tecida 300  
 A rima de *forte e morte*.

Deixai falar que falar,  
 Este sempre o Mestre é;  
 Nem vós podeis encontrar  
 Quem mais certas regras dê. 305

Na Redondilha é diverso,  
 Pois vai o Verso primeiro  
 Rimar com o quarto Verso,  
 O segundo c'o terceiro.

---

<sup>517</sup> Trata-se do *Mote* da Parte IV das *Redondilhas* de Camões, cuja *Volta* diz: “De maneira me sucede / o que temo e o que desejo, / que sempre o que temo vejo, / nunca o que a vontade pede. / Tenho tão oferecida / alma e vida a toda a sorte / que isso me dera da morte / como já me dá da vida.”

EXEMPLO 310  
*Esperai já não espero*  
*De mais vos servir Senhora,*  
*Pois me fazeis cada hora*  
*Tanto mal, que desespero.*

Bem por este exemplo vedes 315  
 O que eu expliquei agora,  
 Porque a posição vós ledes  
 Das rimas *ero* e *ora*.

Seis Versos acrescentando  
 À redondilha depois, 320  
 Ides Décimas formando,  
 De que eu sei que amiga sois.

Com o quarto rima o quinto,  
 Seis e sete ao do fim vem;  
 O oitavo ao nono: Eu vos pinto 325  
 Que forma as Décimas tem.

DÉCIMA *Lobo.*  
*Cruel, e ingrato Ferino,*  
*Nome, e Coração de fera,*  
*Se da mais bruta se espera 330*  
*Um tão grande desatino:*  
*A ti deste amor indino*  
*Florela amante ofendida*  
*Inda como agradecida,*  
*De ver que em tão triste sorte 335*  
*Procuraste dar lhe a morte,*  
*Te deseja larga vida.*

Vai-se este modo seguindo,  
 Que os antigos não usavam:  
 Duas quintilhas unindo 340  
 Suas Décimas formavam.

É um modo de formar  
 Esta chamada quintilha  
 Mais um Verso acrescentar  
 Aos quatro da redondilha. 345

#### I. EXEMPLO

Camões – Epist.

*Ora vede que perigos  
 Tem cercado o Coração,  
 Que no meio da opressão  
 A seus próprios inimigos 350  
 Vão pedir a detenção.*

Que atendais isto eu requeiro,  
 Té ao quarto é redondilha,  
 E o que a segue derradeiro  
 É quem a forma quintilha. 355

Destas quintilhas porém  
 Há muita variedade,  
 No modo da rima tem  
 A sua diversidade.

Eu peço ó Musa que exprimas 360  
 O como ele as outras fez,  
 Ou juntando as duas rimas,  
 Ou tecendo-as com as três.

II. EXEMPLO. Ibidem.

*Suspeitas que me quereis,* 365  
*Que eu vos quero dar lugar*  
*Que de certas me mateis,*  
*Se a causa de que nasceis,*  
*Vós quiséreis confessar.*

Rimam só Verso primeiro, 370  
 Terceiro e quarto igualmente,  
 Segundo ao quinto é parceiro  
 N'outra rima diferente.

III. EXEMPLO. Ibidem.

*Por segredo namorado* 375  
*É certo estar conhecido,*  
*Que o mal de ser enjeitado*  
*Mais atormenta sabido*  
*Mil vezes, que respeitado.*

Primeiro, terceiro, e quinto 380  
 Rimam iguais, e o segundo  
 Vai com o quarto distinto,  
 Cuido que vos não confundo.

Ou desta, ou daquela, casta, 385  
 Duas quintilhas juntando  
 A fazer décima basta;  
 Eu vou o exemplo mostrando.

DÉCIMA ANTIGA. Camões

*Um Rei de grande poder*  
*Com veneno foi criado,* 390

<i>Porque sendo costumado</i>		
<i>Não lhe pudesse empecer,</i>		
<i>Se depois lhe fosse dado.</i>	<i>1. Quintilha.</i>	
<i>Eu que criei de pequena</i>		
<i>A vista a quanto padece,</i>		395
<i>Desta sorte me acontece</i>		
<i>Que não me faz mal a pena,</i>		
<i>Senão quando me falece.</i>	<i>2. Quintilha.</i>	
Vedes as Quintilhas juntas		
Este Décima formar,		400
São escusadas perguntas		
Neste modo de rimar.		
Porque é como vos mostrei		
Já nas Quintilhas primeiras,		
E as outras tiram a Lei		405
Das segundas, das terceiras.		
E assim como há quartetos		
Nesta medida, e quintilhas,		
Também se fazem tercetos,		
Também se compõem sextilhas.		410
Rimam por modos diversos;		
Mas na rima não está,		
É do número dos Versos		
Que o seu nome se lhes dá.		
Mas minha Arminda cuidado,		415
Sentido Arminda formosa,		
Do que é Verso está falado,		
Vamos ao modo da Glosa.		

Não tomareis por pretexto,  
 Que ignorais o que é glosar. 420  
 Que é um Verso como texto  
 N'outros Versos ampliar.

Diferente casta e lote  
 Poéticas glosas tem,  
 E o verso glosado é mote, 425  
 Saber-lhe o nome convém.

Camões, Bernardes, Ferreira,  
 E outra mais antiga gente  
 Glosavam d'outra maneira;  
 Hoje a glosa é diferente. 430

De certo modo glosavam  
 A que eles chamavam voltas,  
 Que umas o mote ligavam,  
 Outras iam livres, soltas.

Lede aqui um mote, alheio, 435  
 Que em voltas Camões glosou,  
 E desta sorte bem creio  
 Que um claro exemplo vos dou.

MOTE.

*Se me desta terra for,*<sup>518</sup> 440  
*Eu vos levarei Amor.*

GLOSA.

*Se me for e vos deixar,*  
*Ponho por causa que eu possa,*  
*Esta minh'alma que é vossa,* 445

---

<sup>518</sup> Camões, *Redondilhas*, Parte III. Disponível em <http://www.revista.agulha.nom.br/camoes75.html>

*Convosco me há de ficar,*  
*Assim que por só ficar,*  
*A minh'alma se me for,*  
*Vos levarei meu amor,*  
*Que mal pode maltratar-me* 450  
*Que convosco seja mal?*  
*Ou que bem pode ser tal,*  
*Que sem vos possa alegrar-me?*  
*O mal não pode enojar-me*  
*O bem me será maior,* 455  
*Se vos levar meu amor.*

Dois Versos que motes eram  
 São nas voltas ampliados,  
 E eles não apareceram  
 Se não assim explicados. 460

Das voltas o outro modo  
 É um Verso declarar,  
 E o sentido d'outro todo  
 Entre as voltas se espalhar.

MOTE. 465

Perdigão perdeu a pena  
 Não há mal que lhe não venha.

VOLTA.

*Perdigão que o pensamento*  
*Subiu em alto lugar,* 470  
*Perde a pena do voar,*  
*Ganha a pena do tormento.*  
*Não tem no ar nem no vento*  
*Asas com que se sustenha,*  
*Não há mal que lhe não venha.* 475  
*Quis voar a uma alta Torre,*

*Mas achou-se defasado,  
 E vendo-se depenado  
 De puro penado morre;  
 Se a queixumes se socorre, 480  
 Lança no fogo mais lenha,  
 Não há mal que lhe não venha.*

Outros d'outro modo usando  
 Própria glosa quanto a mim,  
 Os Versos que vão glosando 485  
 Sempre vem da glosa ao fim.

Assim os outros usaram,  
 E assim mesmo usou Camões;  
 Décimas assim formaram  
 De que encontrareis milhões. 490

#### MOTE ALHEIO

*Já não posso ser contente,  
 Tenho a esperança perdida;  
 Ando perdido entre a gente,  
 Nem morro nem tenho vida. 495*

#### GLOSA.

*Depois que meu cruel Fado  
 Destruiu uma esperança,  
 Em que me vi levantado  
 No mal fiquei sem mudança, 500  
 E do bem desesperado.  
 O coração qu'isto sente  
 À sua dor não resiste,  
 Porque vê mui claramente,  
 Que pois nasci para triste, 510  
 Já não posso ser contente.*

*Por isso contentamentos*  
*Fugi de quem vos despreza,*  
*Já fiz outros fundamentos,*  
*Já fiz Senhora a tristeza* 505  
*De todos meus pensamentos.*  
*O menos que lhe entreguei*  
*Foi esta cansada vida,*  
*Cuido, que nisto acertei,*  
*Porque de quanto esperei,* 515  
*Tenho a esperança perdida.*

*Acabar de me perder*  
*Fora já muito melhor*  
*Tivera fim esta dor,*  
*Que não podendo mor ser* 520  
*Cada vez a sinto mor.*  
*De vós desejo esconder-me,*  
*E de mim principalmente,*  
*Onde ninguém possa ver-me,*  
*Que pois me ganho em perder-me* 525  
*Ando perdido entre a gente.*

*Gostos de mudança cheios,*  
*Não me busqueis, não vos quero,*  
*Tenho-vos por tão alheios,*  
*Que do bem que não espero,* 530  
*Inda me ficam receios:*  
*Em pena tão sem medida*  
*Em tormento tão esquivo*  
*Que morra ninguém duvida,*  
*Mas eu se morro ou se vivo,* 535  
*Nem morro nem tenho vida.*

Este exemplo que vos dou,  
 Próprio é de vós e de mim,  
 De vós que a ensinar-vos vou,  
 De mim porque passa assim. 540

Porém não falo em paixão,  
 Que eu sei que vos desagrada,  
 Continue-se a lição,  
 Que o mais pouco val' ou nada:

Desta medida de Versos 545  
 Há uns Romances galantes,  
 Que servem para narrar,  
 E se formam de toantes.

ROMANCES Lob. o Tast. peregr.

*Enganadas esperanças,* 550  
*Quantos dias há que espero*  
*Ver o fim dos meus cuidados,*  
*E sempre para em começos!*  
*Nascendo crescestes logo,*  
*E veio o fruto nascendo.* 555  
*Na flor que de antecipada*  
*Conheci que era imperfeito.*

*De princípio tão ditoso*  
*Tornastes logo a ser menos,*  
*Que bem se engana c' o fim,* 560  
*Quem tem princípio de extremos.*

Eis aqui o exemplo dado,  
 E dos toantes primeiros  
 Vai sempre continuando  
 Té chegar aos derradeiros: 565

E não tem nenhuma rima  
 Primeiro e terceiro Verso;  
 Vós vedes no exemplo acima  
 Coplas de modo diverso.

Cuidais que tenho acabado? 570  
 Inda há muito que falar,  
 Porém por não ser cansado  
 Tratarei de abreviar.

Faltam endechas<sup>519</sup>, cantigas  
 De uma medida menor, 575  
 Feitas em louvor de amigas,  
 E doce paixão de Amor.

De sete sílabas muitas  
 De seis, e de cinco mais,  
 Que irão no fim todas juntas, 580  
 Porque não vos confundais.

Já se sabe, que se deve  
 Em termo grave contar,  
 Que sendo agudo é mais breve,  
 O esdrúxulo há de aumentar. 585

Assim nestes que tratamos,  
 Os que oito sílabas têm,  
 Ou sete, ou nove lhe damos  
 Conforme ao termo convém.

Arminda, gentil Arminda, 590  
 Se fazer Versos quereis,  
 Resta muito mais ainda,  
 Que cuidadosa estudeis.

---

<sup>519</sup> **Endechas:** cantigas fúnebres ou penas melancólicas.

- Porém bastarão por ora  
 As poucas regras gerais; 595  
 A estes Versos, Senhora,  
 Depois iremos aos mais.
- Começa-se pouco a pouco  
 O entendimento a adestrar,  
 Porque é temerário e louco 600  
 Quem quer logo aos Céus voar.
- Bem como o corpo começa,  
 De pequenino a crescer,  
 Dessa mesma forma dessa  
 A ideia cresce em saber. 605
- Quem ao alto de uma escada  
 Seguro intenta trepar,  
 Sobe aos poucos, faz parada,  
 Té que ao alto vai chegar.
- A maldita presunção 610  
 Que tem de enganar o ofício  
 Muitos arrebatá, então  
 É seguro o precipício.
- Vós caminhai mais segura,  
 E com a cauta prudência 615  
 Vereis a ignorância escura,  
 À clara luz da ciência.
- Porém não queirais mui perto  
 Assim à pressa chegar,  
 Pois quem sai de escuro, é certo, 620  
 Que as luzes fazem cegar.

Pouco a pouco acostumando  
 Ide os olhos à verdade  
 Podereis ir suportando  
 Sua intensa claridade.

625

Guiada do sério estudo  
 E guardando as suas Leis,  
 Ah formosa Arminda! tudo  
 A seu tempo alcançareis.

Conheço almas vagarosas,  
 A vossa corre ligeira,  
 Mas ciladas perigosas  
 Tem de poeta a carreira.

630

Qual posso, Arminda querida,  
 Os teus perigos vos marco,  
 Por vos não ter submergida  
 No imundo pegasio charco.

635

Musa não quer sujeição,  
 Muita gente vos dirá,  
 E é pior a confusão,  
 Bem que a sujeição é má.

640

Depois das regras vos dar,  
 Livre por elas vagai,  
 Como bem vos agradar.  
 Com regra a voz entoai.

645

Feliz eu se acaso alcanço  
 Ornar vosso entendimento,  
 Verei com gosto e descanso  
 Fruto de um raro talento.

Daquele talento raro, 650  
De quem Arminda, de quem...  
(Não sei se muito declaro)  
Depende todo o meu bem.

Espero que vos aproveitem  
As lições que vos ordeno, 655  
Em sinal de Amor se aceitem  
As fadigas de Lereno.

[Sem assinatura]

**Tomo I – Parte 2**

---

[ 27. ]

**Carta Segunda / A / Arminda / Em que se trata da Composição  
do Verso Grande, ou de Arte Maior / a que vulgarmente chamamos Heróico. / Por /  
Lereno Selinuntino / da / Arcádia de Roma / aliás / D. C. B.**

Graças ao meu trabalho, que eu já vejo  
Em parte satisfeito o meu desejo:  
Tu me deves, Arminda, sim, tu deves,  
(E cuido, que a negá-lo não te atreves)  
Um realce das graças, e beleza, 5  
De que te ornou a rica Natureza;  
Desenvolveu-se o métrico talento,  
Já é maior o teu merecimento.  
Tu já pisas do Pindo\* a longa estrada,  
E de Euterpe\*, e Terpsicore\* guiada, 10  
Caminhas a banhar-te na Helicônia\*;  
E ali ao lado da melíflua Jônia\*,  
Da elevada Lília, e Márcia terna  
Farás com Tirce a tua fama eterna.  
Veja o vulgo ignorante assim perplexo 15  
Que as meigas Musas amam o seu sexo.  
E possa a austera gente Portuguesa  
Restituir o crédito à beleza,  
A quem abrindo as Graças\* seu tesouro  
Apolo\* entrega a doce Lira d'ouro. 20  
Grécia que o diga, que o repita Itália,  
E solte as vozes a confusa Gália,  
A eterna Safo\*, a imortal Faustina,  
Bocage\*, Dacier\*, Deshoulières\*,  
Não são bastante exemplo? E que mais queres? 25  
Apolo quer que os teus talentos ornes,

Começaste o caminho, atrás não tornes.

Foram úteis Lições, úteis fadigas,  
 Tu já fazes quartetos, já cantigas,  
 As Décimas ajustas, compões glosas, 30  
 E pasmam de te ouvir mil orgulhosas,  
 Que invejando-te muito a face linda  
 O engenho, e arte mais t'invejam inda.

Chamam-te Poetisa, e já te alegras,  
 E apenas sabes as primeiras regras; 35  
 Mas do teu estro ostentação não faças,  
 Que de oito, ou nove sílabas não passas.  
 Por harmônico tom da Natureza,  
 Se cantas Versos de mais grandeza,  
 É qual simples Menino que aplicado 40  
 Forma acaso no chão cerro um quadrado,  
 Um círculo, um triângulo assim forma,  
 E não sabe a medida, a regra, a norma.  
 Néscio da proporção que às linhas cabe,  
 O mesmo nome do que faz não sabe. 45

Pode uma vez o acaso acreditar-te  
 Entre ignorantes, imperitos d'arte,  
 Que usados a compor sem ter preceitos,  
 Nem conhecem os teus, nem seus defeitos:  
 A bisonho Pintor alguém celebra 50  
 O quadro mau que depois rasga, ou quebra,  
 Quando um' arte fiel filha do estudo  
 Lhe vai mostrar qu'estava informe em tudo.

Não te deixes de vãos louvores;  
 Teme o voto dos teus adoradores; 55  
 Que por teus lindos olhos deslumbrados

Versos que erraste, medem acertados:

Amor a estende, se a medida é curta,

E se é sobeja, a demasia encurta:

Tal vejo enfim, que no amoroso Ofício, 60

Te faz do entendimento um sacrifício,

E do seu coração por interesses

Te dá falso louvor, que não careces.

Cautela pois Arminda, sim cautela,

Que eu vejo ameaçar rija procela. 65

Tu deves segurar os teus talentos,

Porque não voguem à mercê dos ventos;

Os olhos fitos sobre o rumo d'arte

Apruma, e sonda para desviar-te;

E em seguro baixel que rege o estudo, 70

A são e salvo tu vadeias tudo.

Ao Santo Alcaçar,<sup>520</sup> onde tua glória

Te dão louvor as filhas da Memória.<sup>521</sup>

Sentada junto à doce Cabalina\*

Corre aos passados Séc'los a cortina, 75

E lê nos fastos que a memória encerra,

Como baixara a Poesia à terra.

Clama o Egito que primeiro a vira

E a sua doce voz primeiro ouvira:

Qu'imitando das Aves o gorjeio 80

A dar medida às nossas vozes veio:

Que aos Pássaros os Homens imitando,

Hinos Santos aos céus vão concertando.

Que cantarão depois assim seus reis,

E este suave som lhe adoça as Leis. 85

<sup>520</sup> **Santo Alcaçar:** provavelmente uma referência ao Olimpo ou ao Parnaso, onde habitavam os deuses e à Trácia, a leste do Olimpo, onde habitavam as Musas.

<sup>521</sup> **Filhas da Memória:** alusão a Mnemôsine\*.

A Caldeia\* o recebe, e Grécia o toma,  
 Dali o tem a vencedora Roma.  
 Que aos subjugados Povos o estendera,  
 Quando as Virtudes com as Leis lhes dera:

Assim a doce divinal Poesia 90  
 Propagando os triunfos da harmonia,  
 Ditara aos Gregos os costumes puros,  
 E erguera a Tebas alterosos muros.  
 De Augusto no magnífico Palácio  
 Com Virgílio cantou, riu com Horácio: 95  
 Nas sábias Cortes, nas Campinas rudes  
 Vícios punindo, honrando as sãs virtudes,  
 Sobre as medidas sílabas caminha,  
 E assim à Lusitânia se avizinha.  
 Traz por adorno a sonora rima, 100  
 Qu'Itália, França, Espanha tanto estima;  
 Adorno que ela despe muitas vezes,  
 Inda em meio de austeros Portugueses;  
 Sem que por se mostrar desafeitada  
 Seja entre os Sábios menos estimada. 105  
 Acabou a toada Leonina  
 Da sacra magistral Língua Latina:  
 Nossa linguagem pois veio daquela,  
 Dirão, devem seguir-se os passos dela.  
 Não creias tudo quanto os outros dizem, 110  
 É preciso que as causas se analisem.  
 E talvez nem o exemplo nos importa  
 De uma linguagem boa, porém morta;  
 Há outras Línguas dela descendentes,  
 Que devemos seguir como Parentes. 115  
 Os que ralham da rima em nossa língua,  
 Talvez é por dureza sua, e míngua:  
 Eu sei que a Italiana nasceu antes,

E conserva no verso os consoantes,  
 Inda sendo mais fácil a mover-se, 120  
 Porque sabe alongar-se, ou encolher-se.

Vê a Sábia gentil Musa Francesa  
 A pés juntos marchar unida, e presa,  
 E representa assim sem que mal fique,  
 As ações grandes do famoso Henrique\*. 125  
 Nem a Tragédia o gesto seu afronta,  
 Se em passo unido os altos feitos conta:

Assim o Cid\*, e Zara\* honram a Cena  
 Sem dos Poetas infamar a pena:  
 Se vamos ler ao Píndaro de Espanha, 130  
 Que pelas nuvens rápido se entranha,  
 Nós não diremos não, que a sua rima  
 Deixara o seu talento em pouca estima.  
 Ouve a Camões a Épica trombeta;  
 Verás que a rima ornou Musa discreta, 135  
 E que sábia, e gentil não desfigura  
 De Adamastor\* a hórrida figura.

Vamos porém co'as regras adiante,  
 Seja enfeite da Musa o consoante;  
 Mas venha próprio, em próprio lugar posto, 140  
 Que então realçará da Musa o gosto.  
 Lembrete gentil Moça, qu'enfeitaram  
 Mãos inertes que o gesto lh'estragaram  
 Porque o Bonet\* de forte lhe puseram,  
 Que à natural beleza lh'empeceram. 145  
 Assim mal aplicado o consoante  
 Estraga, como a touca, o bom semblante.  
 Não tem nosso Parnaso um mesmo Canto,  
 Varia em tons, e muitos pedem tanto:

- Várias composições de vária ordem 150  
 Pedem que em sua solfa assim discordem;  
 Ora a Musa vai livre, ora sujeita;  
 Por mais que pró, e contra alguém te alegue,  
 Teu gênio escolha, e o teu gênio segue.
- Se à tu'alma porém falta a harmonia, 155  
 Foge da melindrosa Poesia,  
 E em vão a maior marcha enfim te aprontas,  
 Se os largos passos pelos dedos contas:  
 Previne sempre quando as vozes lances,  
 Em que lugar o fôlego descanses, 160  
 Que este Verso maior traz seu cansaço,  
 Se com regra não poussa espaço a espaço.
- Se o metro vais compor de maior arte,  
 O Verso em onze sílabas reparte.  
 Seja a décima longa, a outra breve, 165  
 Que assim a Lei do Pindo\*<sup>522</sup> lhe prescreve:  
 Se esdrúxula dicção o finaliza,  
 Então mais uma sílaba precisa:  
 Se com dicção aguda se conclui,  
 Então uma das onze diminui; 170  
 E na décima longa que assinalo,  
 O meu Verso acabei, e aí me calo:  
 Mas d'altiva Epopeia na voz bela  
 Destes Versos agudos te acautela;  
 E evita no Soneto escrupuloso, 175  
 Um tal verso que o faz menos formoso:  
 Se um conceito porém melhor se exprime,  
 Não há medida então que o desestime.

---

<sup>522</sup> **Lei do Pindo:** isto é, lei da Grécia. (Metonímia.)

Com estes Versos se maior medida	
A heróica Musa ao Canto nos convida,	180
Heróico assim se chame, porque tome nome.	
Do assunto a que é mais próprio, um próprio	
Com ele aos Lusos deu eterna fama	
O imortal Cantor do ilustre Gama*, <sup>523</sup>	
E com ele o grandíloquo Pereira*. <sup>524</sup>	185
Deu a Lisboa a glória verdadeira:	
Mil outros casos nossos muito honrados	
Nos Versos desta ordem são cantados:	
E ou solto, ou preso co'a sonora rima	
Tem dos próprios, e estranhos alta estima.	190
Com ele a Poesia abranda, adoça	
Duros princípios da Linguagem nossa.	
Eia, Arminda, se o gênio te convida,	
Mãos à obra: aqui tens regra, e medida:	
Recorda-te que ao Verso em que escrevemos,	195
Sendo grave, onze sílabas daremos,	
Tem o esdrúxulo doze, dez o agudo,	
O Hemistíquio sete, e disse tudo:	
Segue esta diferença o seu quebrado	
Em grave, agudo, e esdrúxulo notado;	200
Mas a sílaba sexta longa seja,	
Bem que a final dicção de oito se veja.	
Não julgo estes preceitos já confusos,	
Sabe-se o verso, vamos aos seus usos,	
Como se trava, ou emparelha a rima,	205
E qual o Canto que a requer, e estima.	
Muitas vezes grandíloqua Epopeia,	
Solta desta prisão voa, e passeia,	

<sup>523</sup> **Cantor do ilustre Gama:** alusão a **Vasco da Gama\***, cantado em versos por Camões nos Lusíadas.

<sup>524</sup> **Pereira:** alusão a Duarte Pacheco Pereira\*.

Outras vozes sem ter duro embaraço,  
 Vai medindo em Oitava o seu passo. 210  
 Assim Camões a heróica marcha ordena,  
 Assim de Castro a delicada pena.  
 Cabe agora notar, qual se une, e trava  
 Sonora rima na graciosa Oitava;  
 Que em si mesma um discurso concentrado 215  
 Vai para outros a passagem dando,  
 E em curtos ramalhetes bem diversos  
 Das flores da eloquência adorna os Versos,  
 Fazendo em uma música alternante,  
 Que sirva no compasso o Consoante. 220  
 Soa o primeiro co' o terceiro, e quinto,  
 Segundo, e quarto, e sexto é som distinto;  
 E o sétimo, e oitavo sempre unidos  
 Enchem de um final som nossos ouvidos.

**Exemplo** 225

*As Armas, e os Varões assinalados,  
 Que da ocidental praia Lusitana  
 Por mares nunca d'antes navegados  
 Passarão muito além da Traprobana:  
 Que em perigos, e guerras esforçados, 230  
 Mais do que a permitia a força humana,  
 Entre gente remota edificaram  
 Novo Reino, que tanto sublimaram.*

*Lusiad. I.*<sup>525</sup>

Esta grata invenção, que da Castália\*  
 Correu a secundar Espanha, Itália, 235  
 De uma fácil maneira se acomoda  
 A todo o assunto, e a matéria toda.  
 Assusta-nos co' o rufo dos tambores,  
 Alegra-nos co' as graças, e os amores,

<sup>525</sup> Camões, Lusíadas, Canto I, 1ª estrofe.

Pinta os Campos, Cidades, Leis costumes, 240  
 No mundo honra os mortais, no Céu os Numes;  
 Um ora esfria, outr'ora se afogueia  
 E alterna a marcha a gosto da Epopeia.

Tem sextilhas também uso seguido,  
 E em alguma Epopeia tem servido: 245  
 Servem como as Oitavas caminhando  
 Ora em passo mais forte, ora mais brando:  
 E porque o som pouco se exprima  
 No quarteto alternando a vária rima,  
 Reduz a mais curteza o seu contexto, 250  
 E acaba unindo o quinto verso ao sexto.

### Exemplo

*Muitas vezes meus versos me pediste  
 Que tos mostrasse, e nunca tos mostrei;  
 Em não pedir-te os teus, se bem sentiste, 255  
 Entenderíeis porque tos neguei;  
 Da paga me temi, se a não temera,  
 Muitas vezes meus versos já te lera. Pedro de A. Cam.*

Esta sextilha chamam sexta rima,  
 Que mais a moda usa, e a moda estima: 260  
 Há outra, em que Camões forma as Estâncias,  
 E travam de outro modo as consonâncias,  
 Indo achar nas seguintes harmonia  
 Do arranjo em que a primeira principia.

### Exemplo. 265

*Foge-me pouco a pouco a curta vida,  
 Se por caso é verdade que inda vivo:  
 Vai-se-me o breve tempo d'ante os olhos;  
 Choro pelo passado, e enquanto falo  
 Se me passam os dias passo a passo, 270*

*Vai-se me enfim a idade, e fica a pena.*

*Que maneira tão áspera de pena,  
Pois nunca um 'hora viu tão longa vida  
Em que do mal mover se visse hum passo.  
Que mais me monta ser morto, que vivo?  
Para que choro, enfim? Para que falo,  
Se lograr-me não pude de meus olhos?*

275

*Camões Sext. I [ou IV ?]*

Não, este exemplo assim não te confunda,  
Busca a voz da primeira na segunda,  
Uma remata, outra começa em pena;  
E outros falsos assim a Musa ordena.

280

Não escuto aos quartetos dar a norma,  
Pois que a Musa os varia em sua forma:  
Em uns do quarto a rima une ao primeiro,  
E ata a do segundo à do terceiro.

285

**Exemplo.**

*Cruel, que te fiz, que me aborreces?  
Tens duro coração mais que um rochedo:  
Eu sou tigre, ou leão que meta medo,  
Que apenas tu me vês, desapareces.*

290

Em outros vão as rimas alternadas  
Rimar aonde cabem cerceadas  
Versos que a Musa de ordinário inspira  
A quem nos Campos faz soar a Lira.

**Exemplo.**

295

*Em vão será negar, trago no rosto  
Escrito o meu total desassossego;*

*Neste cruel estado me tem posto,  
Os enganos suaves d'Amor cego.*

*Lereno a Arminda.* 300

Ao triste som do fúnebre alaúde  
Melpômene\*, que em pranto honra a virtude,  
Sempre gosta exprimir os seus afetos  
Nas variadas rimas dos tercetos.

Com eles dos Heróis à Campa fria 305

Caminha a saudosíssima Elegia:

De funéreos ciprestes mal toucada,

Nos discursos pousando por cansada:

O primeiro se une ao seu terceiro,

Busca o solto segundo um companheiro. 310

**Exemplo.**

*Que tristes novas, ou que novo dano,*

*Que inopinado mal inserto soa,*

*Tingindo de temos o vulto humano?*

*Que vejo as praias úmidas de Goa* 315

*Ferver com gente de boca em boca voa!*

*É morto D. Miguel (Ah crua espada!)*

*E parte da lustrosa companhia,*

*Que alegre se embarcou na triste armada.* *Camões Eleg. 10.*

Mas deste modo fácil, e corrente 320

Se tem aproveitado muita gente:

Ele serve aos terníssimos Pastores

E exprime a voz dos duros Pescadores:

Com eles é que a Écloga me pinta

O que amor faz sentir, e quer que eu sinta. 325

**Exemplo.**

*Agora já que o Tejo nos rodeia,*

*Neste penedo dando mansamente*

- Murmurando se quebra a branda veia.*  
*Espera Délio\*<sup>526</sup>, até que do Ocidente* 330  
*De azul deixe a ribeira matizada*  
*O Sol levando o dia a outra gente.*  
*Entre tanto daqui verás pintada*  
*A praia de conchinhas de oiro, e prata,*  
*E a agua dos mansos sopros encrespada. Camões Eclog. 14.* 335
- Diversa travação de consoantes  
 Ordenam mil Poemas elegantes,  
 Que tratados com arte, e com destreza  
 Dão fama, e honra á Musa Portuguesa:
- E destes que por força hão de ter rima, 340  
 Que grande valor tem, que grande estima  
 O Soneto, que em métrica falange  
 Arrostra quanto a Poetisa abrange?
- Dispõe a heróica marcha em dois quartetos  
 Que remata depois em dois tercetos, 345  
 Sem consentir que um termo se repita,  
 Aceita só a voz que necessita:  
 Naturais expressões devem uni-lo,  
 E a rima obediente há de servi-lo,  
 E o vate o seu descrédito procura, 350  
 Se aguda, grave, e esdrúxula mistura.
- Nesta composição pois excelente  
 A rima é quatro vezes diferente.  
 Primeiro, quarto, quinto, e oitavo verso, 355  
 Não se usa rimar em som diverso:  
 O segundo, e o terceiro vão unidos,  
 E são do texto, e sétimo seguidos:  
 Aos nove, aos onze, aos treze é uma a rima  
 Vão dez, e doze ao verso em que se ultima. 360

---

<sup>526</sup> **Délio\***: Ver Apolo\*

**Exemplo.**

- O Raio cristalino se estendia*  
*Pelo mundo da Aurora marchetada,*  
*Quando Nise, Pastora delicada*  
*Donde a vida deixava, se partia.* 365
- Dos olhos com que o Sol escurecia*  
*Levando a luz, em lágrimas banhada.*  
*De si, do Fado, e Tempo magoada,*  
*Pondo os olhos no Céu assim dizia:*
- Nasce o sereno Sol puro, e luzente* 370  
*Resplandece purpúrea, e branca Aurora,*  
*Qualquer alma alegrando descontente:*  
*Que a minha, sabe tu, que desde agora*  
*Jamais na vida a podes ver contente,*  
*Nem tão triste como em outra Pastora.* *Cam. Son, 89.* 375

De outra arte a Musa antiga os acomoda,  
 Que ainda os Versos tem usança, e moda.  
 Temos quartetos ditos terceados,  
 Temos tercetos n'outro som travados:  
 Tem o chavão de Mestres respeitáveis, 380  
 Mas são hoje entre nós pouco agradáveis.

**Exemplo.**

- Vos que escutais em ritmas derramado*  
*Dos suspiros o som que me alentava,*  
*Na juvenil idade, quando andava* 385  
*Em outro, em parte do que sou, mudado.*
- Sabei que busca só do já cantado*  
*Em tempo que ou temia, ou esperava,*  
*De quem o mal provou que eu tanto amava,*  
*Piedade, e não perdão o meu cuidado.* 390

*Pois vejo que tamanho sentimento  
Só me rendeu ser fábula da gente  
(Do que comigo mesmo me envergonho.)*

*Sirva de exemplo claro meu tormento,  
Com que todos conheçam claramente, 395  
Que quanto ao mundo apraz, é breve sonho. Cam. Son. 101.*

Acrósticos, retrógrados, caudatos

Passam por ser de velhas Musas flatos;

Passou a subtileza genuína

Co' o tempo do bigode à Fernandina:<sup>527</sup> 400

Quando os enigmas, quando os anagramas

Foram o enleio das discretas Damas,

Quando o bifronte equívoco<sup>528</sup> fazia

O prazer, e era o sal da companhia:

Deixou c' os rolos esta Moda à Musa 405

E um tom mais sério nos sonetos usa,

Às Liras<sup>529</sup>, e às Canções serve este Verso

Com a rima travada em som diverso,

E serve aos Madrigais<sup>530</sup>, e serve às Odes<sup>531</sup>,

Que aos Astros soltas conduzir tu poderes; 410

Sua desordem graciosa, e bela

Ext'riores preceitos atropela,

E vai da mente acesa no Capricho

<sup>527</sup> Referência aos longos bigodes que podem ser vistos nos retratos de D. Fernando I, nono rei de Portugal, (Lisboa, 1345 - 1383). Era filho do rei D. Pedro I de Portugal e sua mulher, a princesa D. Constança de Castela, tendo sido cognominado *O Formoso* ou *O Belo* pela beleza física. Mandou reparar muitos castelos e construir outros, e ordenou a construção de novas muralhas em redor de Lisboa e do Porto.

<sup>528</sup> **Bifronte equívoco:** Referência a Capricórnio ou Pã, o grande sedutor. Ver: Índice onomástico.

<sup>529</sup> **Lira:** estrofe de cinco versos da métrica espanhola e italiana, composta de tres versos heptasílabos e dois endecasílabos com a seguinte disposição: a7 – b11 – a7 – a7 – b11.

<sup>530</sup> **Madrigal:** composição lírica breve, especialmente intensa e delicada de tema amoroso, que utiliza um combinação livre de versos endecasílabos e heptasílabos rimados em consonante. Presta-se muito bem para ser cantada, tendo sido especialmente cultivada no Renascimento. Seu nome e sua forma são de origem italiana. Alcançou seu maior esplendor, no apenas literário, com poemas de Dante, Petrarca, Tasso, como também teve extraordinária aceitação musical, nas obras de numerosos compositores como Claudio Monteverdi e Carlo Gesualdo.

<sup>531</sup> **Ode:** originalmente, e desde Horácio, um poema destinado a ser cantado: canto fúnebre, religioso, mágico, de guerra, de louvor ou hino, com acompanhamentos musicais. Atualmente constitui apenas poesia rimada de assunto elevado, geralmente escrita em forma de dedicatória com sentimentos elevados. A ode de Horácio é privada e pessoal.

- Volteando a estrada a seu objeto fixo:  
Assim matéria própria arde inflamada, 415  
Flutua a flama unida, ou separada;  
E seguindo este vário desafogo  
Mostra abatida que se apaga o fogo.
- Nem mais me alongarei, porque não canse  
Com Madrigal, com Silva<sup>532</sup>, com Romance<sup>533</sup>: 420  
Este segue no tom ordem prescrita  
Ao do Verso pequeno, e a dou por dita:  
A Silva os consoantes emparelha,  
Quebrados lhe permite a regra velha  
Como à Ode, à Canção, à meiga lira 425  
Sem que nisto Lei certa instituía.  
Esta Poesia facilmente corre,  
E a memória fugaz no tom socorre;  
Ao Vate, que se inflama de improviso  
Este fácil Poema acho preciso, 430  
Quantas vezes Arminda me escutaste,  
E umas vezes tu riste, outras choraste?
- O chistoso Epigrama<sup>534</sup> me esquecia,  
Onde ostenta agudezas a Poesia:  
É breve, e as suas rimas se dispõem, 435  
A sabor do Poeta que o compõem  
Parece que singelo vai tecido,  
E remata porém dobre o sentido.

<sup>532</sup> **Silva:** gênero poético do Siglo de Oro, parece ter nascido em Salamanca, tornando-se poesia barroca por excelência. Cultivada por Quevedo, Calderón, Lope de Vega e Gongora (*Soledades*) e em toda a Península Ibérica nos séculos XVI e XVII. Eram originalmente poesias improvisadas e populares, ao que devem sua inserção nos entremezes. Poema originário e parceiro do madrigal que tinha estrofes (ramas) não uniformes e menos de 20 versos. A silva apresentava oitavas e sextas para se tornar mais suave, sendo herdeira do madrigal, surgiu nos centros em que este último era muito cultivado.

<sup>533</sup> **Romance:** longo poema heróico em prosa ou verso narrativo muito popular na Idade Média, que relatava fantásticas histórias de cavalaria e amor cortês.

<sup>534</sup> **Epigrama:** composição poética breve que expressa um único pensamento. Foi criado na Grécia e, como o significado do termo indica, tratava-se de uma inscrição que se punha sobre um objeto: estátua ou tumba.

O Madrigal que em meio do seu gado  
 Por singelos Pastores é cantado, 440  
 Curtas estâncias tem, com que se ata  
 Com que expõem, entretêm, e enfim desata.  
 Uns por tercetos vão marchando à meta,  
 Outros vão a capricho do Poeta.  
 Nos Versos tem a Lei, não nos assuntos: 445  
 Não mais de onze, e os finais que rimam juntos.

Não quero mais Arminda não cansar-te,  
 Basta de Exemplos, Regras, Leis, e Artes:  
 Pouco basta a quem tem tanta viveza,  
 Supra os defeitos d'Arte a Natureza: 450  
 Para adornar dessa alma a formosura  
 Enriquecê-la podes co'as fitas os Poetas,  
 Co'a lição, e co'os olhos vencedores  
 De ti há de valer-te o Deus d'Amores,  
 Vencerás os ouvidos como a vista: 455  
 Já por mim começaste esta conquista.

Lereno

## Tomo I – Parte 2

[ 28. ]

**Tradução / Da / Ode I. / De Horácio / A / Mecenas / Em que o Poeta mostra desejar só a glória / da Poesia, principalmente da Lírica.**<sup>535</sup>Ouve, ó Mecenas<sup>536</sup>, que de Reis descendes,

Tu que me honras, tu que me defendes:

Ter de Olímpico pó cuberto o rosto

Em honrosa carreira é d'uns o gosto:

Girando em torno a perigosa meta<sup>537</sup> 5

No veloz carro o destro, o forte Atleta

Sem que as rodas lhe toquem, se assinala;

E esta vitória aos Deuses os iguala.

A este a que os romanos inconstantes

Dão á cinte [sic] os empregos mais brilhantes; 10

Àquele que em celeiros mil recolhe,

Quanto nas Africanas eiras colhe

Satisfeito em cavar, e costumado

Nos pátrios campos c'o rompente arado,

Se em Cípria\* não convidas ao ondoso 15

Mar Egeu turbulento<sup>538</sup>, e perigoso,

Nunca do seu estado os inquietas,

Bem que as riquezas d'Átalo\*<sup>539</sup> prometas.<sup>535</sup> Exceto a **Nota do Autor** (Nota 10), as demais são de Falcão, Pedro Braga (2008 : 46 a 48).<sup>536</sup> **Mecenas:** Gaius Cilnius Maecenas, descendente de uma família etrusca de Arretium (atualmente Arezzo), era cavaleiro romano de grande fortuna. Era proverbial o luxo da sua casa, bem como os seus escravos e libertos, os seus vinhos, os seus banquetes, os seus escandalosos amores. É como patrono das artes que o seu nome se immortalizou. Vergílio lhe dedicou suas *Geórgicas* e Horácio, as suas *Sátiras*, os *Epodos*, as *Odes* (I-III) e as *Epístolas* (I). Foi apresentado a Horácio por Vergílio e Vario em 39 a.C.<sup>537</sup> Quanto mais próximo o condutor passasse com o seu carro da meta do circo (grupo de três colunas de forma cônica, sobre uma base elevada, colocada no fim do percurso), sem tocar nele, maior era a sua perícia. Daí que as rodas se aquecessem (*ardentes rodas*) sob o efeito de uma curva tão apertada.<sup>538</sup> Alusão ao Mar de Mirto, nome usado pelos geólogos e pelos antigos para designar o mar entre o Peloponeso e as Cíclades. Este mar é para Horácio um dos mais agitados e perigosos.<sup>539</sup> **Átalo** Átalo III de Pérgamo legou aos Romanos, em 133 a.C., todo o seu império, a capital e a sua enorme riqueza, na esperança de que assim pudesse ser conservado o seu reino. Cedo se tornou conhecido na Antiguidade como exemplo de proverbial riqueza.

- Enquanto c'ò as Icárias\* ondas<sup>540</sup> luta  
 O áfrico vento<sup>541</sup>, tímido se escuta 20  
 O Mercador louvar a paz, que goza  
 A campina da Pátria deleitosa.  
 Eis que chega ao porto, as Naus reforma à pressa,  
 Receia que em miséria ali pereça.
- Sacrificam alguns parte do dia 25  
 Ao doce vinho<sup>542</sup>, que a Campânia<sup>543</sup> cria  
 Ora na verde relva reclinados,  
 Junto da branda fonte, ora sentados.
- Do campo Marcial a rica pompa,  
 E o misto som da clarineta, e trompa 30  
 Agrada a uns, a quem a guerra agrada,  
 Pelas Mães sempre, e sempre detestada.
- Ao caçador nem lembra a terna Esposa  
 Velando em noite frígida, e chuvosa:  
 Ou porque os fiéis co'a corça deram, 35  
 Ou porque a rede os Javalis romperam.
- A [h]era, que honra o sábio, esta somente  
 Entre os Deuses me põe: fujo da gente  
 Ao frio bosque a ouvir suaves coros  
 Das Ninfas, e dos sátiros sonoros; 40  
 Quando a tocar o Líbico alaúde\*  
 Polímnia\* inspire, e Euterpe\* a flauta ajude.  
 Se entre os Líricos vates<sup>544</sup> me numeras,  
 Eu subirei às luzidas esferas.  
 D. C. B.

<sup>540</sup> **Icárias ondas:** O mar onde Ícaro caiu, entre Samos e Míconos, no mar Egeu.

<sup>541</sup> **Áfrico vento:** vento sudoeste

<sup>542</sup> **Doce vinho:** alusão ao vinho da montanha de Mássico, na Campânia, celebrada pela qualidade de seus vinhos.

<sup>543</sup> **Nota do Autor:** Campânia: região da Itália, ao sul de Roma, tendo Nápoles por capital. .

<sup>544</sup> Horácio expressa assim o desejo de ser inserido no cânon dos poetas líricos, que no seu tempo incluía nomes como Píndaro, Safo ou Alceu.

**Tomo II – Parte 3**

---

[ 29. ]

**Lebreida ou Caçada Real das Lebres**

I

Eu canto a Majestade, o Fausto, a Pompa,  
 Com que vi o meu Rei<sup>545</sup> aquele dia,  
 Que ao som festivo de doirada trompa  
 Seu leal Povo a vê-lo concorria.  
 Ninguém a terra pise, ou o mar rompa,  
 Qu'a ouvir-me não se encha d'alegria;  
 Como se enchera de alegria, e espanto  
 Quem viu o grande Rei, que alegre eu canto.

5

II

Não vai ao espetáculo d'horrorosas<sup>546</sup>  
 Feras, que um dia aos míseros humanos,  
 Rodeados de turbas belicosas,  
 Costumavam lançar Ímpios tiranos:  
 Justas, torneios, lutas caprichosas,  
 Que produziam só funestos danos.  
 Não vai a isto um Rei Pio<sup>547</sup>, e Prudente,  
 Qu'impera amando a Lusitana Gente.

10

15

III

Deixa, triste Melpômene\*, que um dia  
 Do teu furor m'aparte, e que procure  
 A suave influência de Talia\*,  
 Com que a voz neste canto eu mais segure:  
 Estilo claro, sólida alegria  
 Ela fará, que nos meus versos dure,

20

---

<sup>545</sup> **Meu Rei** (v.2) / **Grande rei** (v. 9): Alusão a D. José I\* (1714-1777), que reinou em Portugal de 1750 a 1777.

<sup>546</sup> Alusão aos espetáculos do Coliseu romano.

<sup>547</sup> **Rei Pio**: cognome de Filipe II de Portugal, III da Espanha de 1578 a 1621 . Neste caso refere-se a D. José I.

E que eu possa pintar tanta grandeza  
Sem misturar-lhe sombra de tristeza.

## IV

E a quem se não a Vós, Augusto Neto<sup>548</sup> 25  
Do Rei, que louvo, e que respeito tanto,  
Já por obrigação, já por afeto,  
Eu devo oferecer tudo o que eu canto?  
Dai-me o vosso favor, que eu vos prometo,  
Que a voz, que enfraquecida aqui levanto, 30  
Quando coragem nova alegre tome,  
Leve por todo o Mundo o vosso Nome.

## V

Convosco nos meus versos também quero  
Pelo Orbe levar os Lusitanos,  
Qual o doce Virgílio, e o grande Homero 35  
A nós trouxeram Gregos, e Romanos.  
O meu canto, Senhor, eu inda espero,  
Que façais conhecido entre os humanos:  
Inda espero, que o mundo estime munto  
Meus versos, de que haveis ser Alto Assunto:

## VI

E se acaso julgais, que sou pequeno 40  
Para em vossos louvores empregar-me;  
Do Grande Avô<sup>549</sup> ao poderoso aceno  
Eu bem sei quanto posso levantar-me.  
E talvez ouvirá o Indo<sup>550</sup>, e o Reno<sup>551</sup>,

<sup>548</sup> **Augusto Neto:** referência a D. José I que o poeta tanto ama e respeita. Era neto de D. Pedro II\* (1648 -1706), irmão de D. Afonso VI\* (1646-1683).

<sup>549</sup> **Grande Avô:** refere-se a D. Pedro II, avô de D. José. Consolidou a independência de Portugal com a assinatura do Tratado de Madrid em 1668, pondo fim às guerras da Restauração iniciadas em 1640, daí seu cognome de o Pacífico.

<sup>550</sup> **Indo:** o rio mais longo e mais importante do Paquistão e um dos mais destacados rios do subcontinente indiano. O topônimo "Índia" é proveniente do nome do rio. O poeta o menciona, aludindo à região pertencente à Índia, onde Portugal mantinha seu poder.

Se o vosso amparo não quereis negar-me,  
 Mais do que tem ouvido tantas vezes 45  
 Dos vossos respeitáveis Portugueses.

## VII

Porém, Príncipe Augusto<sup>552</sup>, agora enquanto  
 Eu não posso chegar ao que desejo;<sup>553</sup>  
 Enquanto inda não posso fazer tanto,  
 Quanto merecem as ações, que eu vejo, 50  
 Ouvi os naturais versos, que eu canto,  
 E ponho nas benignas mãos, que beijo.  
 Costumai-vos a ouvir<sup>554</sup> com que verdade  
 Falo da mais Augusta Majestade.

## VIII

No Mês, a que deu nome o Deus bifronte\*<sup>555</sup>, 55  
 Em que o giro dos anos principia,  
 Quando se c'roa d'alvo gelo o monte,  
 E inda não nos visita Progne\* impia,  
 Quando o ardente Pai do<sup>556</sup> Faetonte\*,  
 Os seus raios parece em neve esfria, 60  
 Quando o frio Aquilão\* sopra com raiva,  
 E os troncos despe a horrífona saraiva.

<sup>551</sup> **Reno:** O poeta provavelmente alude ao Reno, lembrando a Áustria, país de origem da mãe de D. José, D. Maria Ana d'Austria Este rio, com 1 230 km de comprimento, atravessa ou acompanha seis países: a Suíça, a Áustria, o Liechtenstein, a Alemanha, a França e os Países Baixos.

<sup>552</sup> **Príncipe Augusto** (v. 47) / **Augusta Majestade** (v. 54): D. José I

<sup>553</sup> **Ao que desejo:** o Poeta refere-se ao seu desejo de obter um estipêndio que lhe garantisse a independência financeira, fato que só veio a acontecer em 1787 por alvará de D. Maria I.

<sup>554</sup> **Costumai-vos a ouvir:** Caldas já havia escrito e declamado poemas para D. José que, portanto, estaria "acostumado" a ouvi-lo: "A Doença", Canto II, estrofe 2; "Coleção de Poesias feitas na feliz inauguração da Estátua equestre de El Rey Nosso Senhor D. José I" em 06/JUN/1775;soneto "A El Rey N. Senho"; neste poema "Lebreida". Estes documentos poéticos devem ter sido escritos antes de 1775, data em que D. José I foi acometido de uma apoplexia e afastado do governo sem ter dado ao Poeta a mercê que desejava.

<sup>555</sup> **Deus bifronte:** refere-se a Jano (Capricórnio\* ou Pã) que deu o nome ao mês de Janeiro, estação do Inverno, e que rege a astrologia de 21/DEZ a 21/JAN-JAN

<sup>556</sup> **Pai de Faetonte:** ver: Índice onomástico: **Hélios** \*.

## IX

Em um dia, em que o Sol desembrulhava  
 As densas nuvens d'úmidos vapores,  
 E por entre elas mesmas espalhava 65  
 Sobre a terra brilhantes resplendores,  
 Vibrando o turvo ar então soava  
 Voz de marciais clarins, e de tambores:  
 O estrépito dos brutos já se ouvia;  
 Mas não causava horror, tudo alegria. 70

## X

Corre então muita gente velha, e moça,  
 Por cujas mãos o trigo se semeia,  
 Sem guarda fica então o rebanho, e choça  
 E não fica um só rústico na Aldeia.  
 Um com rudes palavras, e voz grossa 75  
 Conta o estrago da passada cheia<sup>557</sup>:  
 Vem ver o Rei,<sup>558</sup> que soube libertar-nos  
 Da fome, que marchava a desolar-nos.

## XI

Povo, e mais Povo, vai correndo àquelas  
 Estradas, porque o giro está disposto; 80  
 Povoam as mulheres as janelas,  
 Querem ver todos do Monarca o rosto:  
 Co'as enrugadas faces, e amarelas  
 Por mão do filho, ou a um pau d'encosto  
 Um velho, e outro à porta se chegava, 85  
 Onde o seu grande Rei ver esperava.

<sup>557</sup> **Nota do Autor** [v. 77]: *É bem sabida a providência que Sua Majestade dera para se tornarem a semear os campos do Riba-Tejo quando a cheia de 1771 lhes tinha levado as sementes &c. &c. &c.* [A região do Ribatejo foi muito acometida por cheias devastadoras.]

<sup>558</sup> **O Rei** (v. 77 e 86); **Monarca** (v. 82): D. José I

## XII

Com a brilhante Cruz se vê ao peito  
 Um a nobre Gineta<sup>559</sup> recostado,  
 E as cãs, que inda lhe dão maior respeito,  
 Orna o chapéu com oiro circulado. 90  
 E da cansada vida satisfeito  
 Vem ver a quem o sustenta, e o tem honrado,  
 E aos patrícios, que vê postos em roda,  
 Conta as façanhas de sua vida toda.<sup>560</sup>

## XIII

Inda me lembra, diz erguendo a fronte, 95  
 Que fazem inclinar pesados anos,  
 O aparato, o trem, e a rica ponte,  
 Porque Carlos<sup>561</sup> passou, e os Castelhanos.  
 Mas de que serve agora que eu vos conte  
 O que fez Pedro, Rei dos Lusitanos<sup>562</sup>, 100  
 Quando ainda, é maior é mais completo,  
 O magnífico Fausto de seu Neto<sup>563?</sup>

## XIV

Então em mais robusta, e forte idade  
 O foi servir a Brozas<sup>564</sup>, e a Monsanto:  
 Inda a carniceria, a mortandade 105  
 Daqueles choques faz no mundo espanto.  
 Acabou-se o vigor da mocidade,

<sup>559</sup> **Gineta:** cavalo com estribos curtos e com freio apropriado; insígnia antiga de capitão.

<sup>560</sup> **Personagem narrador:** Nos versos 94 a 138 o Poeta transforma um velho soldado em narrador de suas façanhas quando, na sua mocidade, esteve a serviço do Rei D. Pedro II referido a seguir (v. 100), aliando-se a Carlos III (Arquiduque Carlos da Áustria) contra Filipe V por volta de 1704. As lutas se deram na fronteira com Espanha onde se encontram as praças de Monsanto, território português e Broças, na fronteira com Espanha (v. 104).

<sup>561</sup> **Carlos:** Referência a Carlos III\*, Arquiduque da Áustria, aliado de D. Pedro II (1648 -1706), que entrou em Lisboa em 09/MAR/1704.

<sup>562</sup> **Rei dos Lusitanos:** Pedro II\*

<sup>563</sup> **Neto:** D. José I, neto de D. Pedro II.

<sup>564</sup> **Brozas:** municípios da Espanha na província raiana de Cáceres, na Extremadura. Aí se encontra a fortaleza de Brozas ou Castillo de la Encomienda Mayor de Alcántara. A construção abarcou o período que vai do século XIV ao século XVII. Da primeira etapa resta a torre de menagem e a última fase construtiva remonta ao período da guerra da Restauração. Ainda pode-se ver os escudos de Filipe II e do português Cristóvão de Moura, 1º Marquês de Castelo Rodrigo, secretário do rei, na altura considerado um traidor pelos portugueses.

Froixa velhice já me abate tanto.  
 Mas inda sinto, em vendo o Augusto rosto<sup>565</sup>,  
 Fortalecer-se o coração de gosto. 110

## XV

Por Ele<sup>566</sup> inda com esta, e ia empunhando  
 A larga espada, que lhe pende à cinta,  
 Vendo-se a crespia pele ir já tomando  
 A cor, com que o valor o gesto pinta.  
 Esta, que os inimigos desarmando, 115  
 Foi tantas vezes no seu sangue tinta,  
 Fará que de seu Rei nunca se esqueçam,  
 Os naturais, e os outros e obedeçam.

## XVI

Quem diante de mim negar se atreve,  
 Que é Ele o nosso Bem, nossa Ventura? 120  
 Que a polícia da corte se lhe deve<sup>567</sup>  
 Que os campos têm por Ele mais cultura?<sup>568</sup>  
 Diga a sábia Minerva quando esteve  
 Assim tão respeitada, e tão segura  
 Dando leis ao Universo com sossego 125  
 Nas aprazíveis margens do Mondego<sup>569</sup>?

## XVII

Tu, ó nova Lisboa, que levantas  
 Nova face gentil d'entre as ruínas,<sup>570</sup>  
 Tu sim, por bocas mil, por mil gargantas  
 A decantar seu Nome grata ensinas. 130  
 Eu bem oiço, e ouvem todos, que tu cantas

<sup>565</sup> **Augusto rosto:** de D. José I

<sup>566</sup> **Ele:** D. José I.

<sup>567</sup> **Polícia da corte:** alusão a Pina Manique\*.

<sup>568</sup> Ver **Nota do Autor** indicada junto ao v. 77 (nota 665) sobre D. José I e suas providências quanto às cheias e nova sementeira dos campos do Ribatejo.

<sup>569</sup> Referência à Universidade de Coimbra

<sup>570</sup> Referência a Lisboa restaurada por Pombal depois do terremoto de 1755.

Co'as Ciências, e as Artes peregrinas,  
 O Nome, que respeita o mundo inteiro  
 Do Rei de Portugal, José Primeiro.

## XVIII

Já de gritar o Velho enrouquecia, 135  
 Uma palavra a outra sufocando,  
 Ternura, gosto, amor, e valentia  
 Foi insensivelmente misturando.  
 Mas suspendeu as vozes, quando ouvia  
 Som guerreiro, que ao longe vem soando, 140  
 E ao longe as ricas fardas vermelhavam  
 Com as tecidas pratas, que as ornavam.

## XIX

Eram eles, que a tudo precediam,  
 Em ligeiros cavalos bem montados,  
 Os carros de clarins, que já se ouviam 145  
 De sonoros timbales<sup>571</sup> alternado.  
 Outros d'iguais librés logo os seguiam,  
 Que traziam no braço apoleirados  
 Com os olhos tapados os Açores<sup>572</sup>,  
 Que haviam ser no campo os contendores 150

## XX

Com doiradas coleiras nos pescoços,  
 Leves compridos galgos<sup>573</sup> vão diante,  
 Puxam pelas cadeias, belos moços,  
 Que em os deter trabalho tem bastante,  
 São inda na barriga menos grossos 155  
 Que pelo magro peito; de galante

<sup>571</sup> **Timbales:** instrumento musical; espécie de tambor de cobre em forma de meia laranja; tocam-se dois ao mesmo tempo por isso a forma no plural é mais frequente. Usam-se na cavalaria.

<sup>572</sup> **Açores:** Aves de rapina, semelhante ao milhafre.

<sup>573</sup> **Galgo:** cão de caça, pernalto, ligeiro e corredor; encontra as lebres sem as matar.

E pequena cabeça um pouco aguda,  
A cauda longa sim, mas não felpuda.

## XXI

Atrás da vistósissima caterva<sup>574</sup>

Rica liteira mulas carregavam; 160

Onde outras muitas aves de reserva

As bordadas cortinas ver deixavam.

A turba espectadora, que isto observa,

E a todos, que confusos a admiravam.

O artifício a fazia inda mais grata, 165

Que o seu fino veludo, o oiro, e prata.

## XXII

Que improviso murmúrio reboiço!

As lisas calvas descobrindo os velhos,

Os moços com um modo mais submisso,

Baixam as testas, dobram os joelhos: 170

Barras eu cuidou ver d'oiro maciço

Sobre amarelos panos, e vermelhos.<sup>575</sup>

Tanto inferior é esta pompa àquela<sup>576</sup>,

Quanto às luzes do Sol a de uma estrela.

## XXIII

Como alegre o Mineiro desentranha 175

Da terra dura, ou d'entre a solta areia,

Coloridos topázios, e os apanha,

E ambicioso o ânimo recreia:

Mas vendo do diamante a luz estranha

Se confunde de gosto, e titubeia 180

Por ir a aproveitá-lo, deixa tudo:

Assim deixo esta pompa, à outra acudo.

<sup>574</sup> **Caterva:** Multidão de gente ou de soldados.

<sup>575</sup> Os tecidos amarelos e vermelhos costumavam ser os mais ricos.

<sup>576</sup> O Poeta se refere à pompa do cortejo de D. José que se mostra superior e mais sublime à anterior, realizada para Carlos III à sua entrada em Lisboa em 1704.

## XXIV

Sobre o valente bruto de cor negra,  
 Que pelas largas ventas fumegando  
 Ligeiras mãos, e pés move com regra, 185  
 Faz a terra tremer, que vai calcando,  
 Vejo o Grande José, que anima, alegre  
 Ao povo, que o espera ajoelhando,  
 E a majestosa face, o Augusto Rosto  
 Derrama sobre todos glória, e gosto. 190

## XXV

O Marialva<sup>577</sup> ilustre o acompanha,  
 Como Estribeiro Mór<sup>578</sup>, e vem montado  
 Em bravo bruto d'uma cor castanha  
 De doirados arreios jaezado:  
 De espumoso suor o corpo banha, 195  
 Tanto a tempo se move, e concertado,  
 Que mostra que respeita, teme, e estima  
 O Cavaleiro bom<sup>579</sup>, que traz em cima.

## XXVI

Logo o Monteiro Mór, o Ilustre Melo<sup>580</sup>  
 Do outro lado o acompanha sobre 200  
 Um generoso, e bem fiel, murzelo,<sup>581</sup>  
 Seguro o passo, sossegado, e nobre  
 O metal que aos avaros faz disvelo  
 Lhe esmalta o freio, e os jaezes cobre,  
 E as fitas, como aos outros, enlaçadas 205  
 Lhes faziam as crinas matizadas.

<sup>577</sup> **Marialva\***: D. Pedro José de Alcântara de Meneses Noronha Coutinho (1713-1799), 6º conde de Cantanhede, 4º Marquês de Marialva. Estribeiro-Mor de D. José I, mantinha a tradição familiar nas artes equestres e nas touradas.

<sup>578</sup> **Estribeiro-Mór**: Constituíra cargo de honra e distinção a administração da tropa de cavalos, apoio militar de grande importância para a defesa nacional. O Estribeiro-Mór cuidava também dos arreios, estribos e adereços que eram característicos a cada classe de nobreza. Este cargo era tradicionalmente ocupado pelos Marialva desde D. Luis de Menezes (Cantanhede, 1603-1675), 3º Conde de Cantanhede 1º Marquês de Marialva, considerado Herói da Restauração e Libertador da Pátria. Faleceu com 72 anos como Estribeiro-Mor da Casa Real.

<sup>579</sup> **Cavaleiro bom**: nova referência a D. Pedro José de Alcântara de Meneses Noronha Coutinho, 4º Marquês de Marialva.

<sup>580</sup> **Monteiro-Mór**: cargo ocupado por Francisco de Melo\*, Monteiro-Mór do Reino que equivalia ao Comandante das Forças Armadas. Seguiu à frente, como batero.

<sup>581</sup> **Murzelo**: Cavalo morado, da cor da amora preta.

## XXVII

Branco animal ao ar sacode a terra,  
 Que a mão ferrada apanha, e traz em cima  
 Com a Deusa da Caça, ou a da Guerra,  
 Vaidoso sopra, e tudo em pouco estima. 210  
 Prole de Chile<sup>582</sup> veio a Salvaterra<sup>583</sup>,  
 A quem o movimento airoso anima,  
 Não fingida Minerva, nem Diana,  
 Mãe verdadeira, Augusta Mariana<sup>584</sup>.

## XXVIII

Da excelsa fundadora de Cartago,<sup>585</sup> 215  
 E da Sábia Zenóbia do Oriente\*<sup>586</sup>,  
 E outras, que o povoado mundo, e o vago  
 Encherão de seu nome ilustremente,  
 Não, não se chore a perda: o mundo é pago;  
 Com bastante razão d' estar contente, 220  
 Nessa<sup>587</sup>, que sobre o bruto o campo trilha,  
 Que o guia, que o afaga, leva, e humilha.

## XXIX

Gira Sangue real dentro das veias  
 Deste, que a segue General famoso<sup>588</sup>,  
 Que rege os nossos mares, e às alheias 225  
 Terras, manda seu nome respeitoso,  
 Vem sobre airoso bruto, que traz cheias

<sup>582</sup> **Prole de Chile:** Alusão a D. Mariana Vitória\*, mulher de D. José I, excelente amazona que acompanhava sempre o marido em suas caçadas. Filha de Carlos V da Espanha durante cujo reinado, Hernán Cortez conquistou o México, riquíssimo em ouro, e Fernão de Magalhaes deu a volta ao mundo. Suas possessões americanas abrangiam toda as colônias da América Espanhola, daí a referência..

<sup>583</sup> **Salvaterra de Magos:** Muito frequentada nos séculos XVIII e XIX pela família real, foi palco, em meados do século XVIII, de uma fase de expansão das caçadas com falcão e se devem à falcoaria real aí introduzida por Carlos V, genro de D. Manuel I.

<sup>584</sup> **Augusta Mariana:** D. Mariana Vitória de Bourbon\*, mulher de D. José I.

<sup>585</sup> **Fundadora de Cartago:** Refere-se à Fenícia cujos habitantes, vindos de Tiro, fundaram Cartago antes de 814 a. C.

<sup>586</sup> **Zenóbia\*:** rainha foi rainha de Palmira (Síria, c. 270 A. D.); deu o nome à ópera de David Perez (1711-1779), antigo mestre de D. Maria I.

<sup>587</sup> **Nessa:** alusão a essa terra de Portugal.

<sup>588</sup> **Grande General, Grande Aveiras:** referência a D. Duarte da Câmara, Conde de Aveiras, marido da Marquesa de Tancos, Camareira Mor de D. Maria I. Ver: Índice onomástico: **Aveiras\***

De branca espuma as ancas, e o formoso  
 Peito, que vai sustendo os pés, e os braços  
 Seguindo, e imitando a outro os passos. 230

XXX

Generoso alazão segue mascando  
 O duríssimo ferro, que o refreia,  
 Levando alegre a frente, e vai deixando  
 Impresso o passo sobre a loura areia.  
 Parece que se ensaia assim pisando 235  
 Na terra própria ao que fará na alheia  
 Co' o Grande General, que traz em cima  
 À testa dos Exércitos, que anima.

XXXI

Sim: este General, que tem gravado  
 No seu tranquilo aspecto alto respeito, 240  
 O filho<sup>589</sup>, o grande Aveiras, traz ao lado  
 Da lição, e do exemplo satisfeito.  
 Em outro bruto de igual cor montado,  
 D'uma anca bem fornida relinchando  
 O som guerreiro, que lhe vão tocando. 245

XXII

Sobre um castanho escuro, que maneja  
 Também com regra, e ligeireza os braços;  
 E cuja longa cauda ao vento ondeja  
 Co' as soltas pontas dos vermelhos laços,  
 Vem o Real Infante<sup>590</sup>, que deseja 250  
 Sempre ao Rei, Sogro, Irmão seguir os passos,  
 E do sereno Rosto a Majestade  
 Bem se vê transpirar santa Piedade.

<sup>589</sup> **O filho:** D. Francisco da Silva Telo e Menezes, 6º Conde de Aveiras, 1º marquês de Vagos, filho de D. Duarte da Câmara, 5º Conde de Aveiras.

<sup>590</sup> **Real Infante:** D. Pedro III, (Pedro Clemente Francisco José António de Bragança - 05/JUL/1717 — 25/MAI/1786), Infante de Portugal, Senhor do Infantado, Grão-Prior do Crato, Duque de Beja, posteriormente Príncipe Consorte do Brasil e Rei de Portugal de *jure uxoris*, irmão de D. José I. Foi o quarto filho de D. João V. Ao casar-se com D. Maria I, filha de D. José, este se tornou, portanto, seu sogro.

## XXXIII

Bem que mais clara a cor também castanha  
 É d'outro bruto a nédia, e lisa pele,  
 E a tantos quantos pisam a Campanha, 255  
 Não cede em graça, e valentia àquele:  
 O garboso Ilustríssimo Saldanha\*<sup>591</sup>,  
 Eu o estou admirando, é quem vem nele,  
 Co'a rédea o passo ao bruto suprimindo  
 O seu Amo Real lá vem seguindo. 260

## XXXIV

Vem a turba de Ilustres Cavaleiros  
 Com vestidos riquíssimos ornados  
 D'oiro, e prata, a divisa dos Guerreiros;  
 Os mais de lindas cores matizados:  
 Vem sobre airosos brutos, e ligeiros, 265  
 Que parecem levantam compassados  
 Os pés, e as mãos, fazendo os movimentos  
 Ao som dos belicosos instrumentos.

## XXXV

Aqueles são os principais, aqueles  
 Compõem de Portugal a alta Nobreza, 270  
 Debalde é repetir o nome deles,  
 Que a Fama espalha em toda a redondeza.  
 Vê Francisco<sup>592</sup>, os teus Silvas, e os teus Teles,  
 E outros, que brota a terra Portuguesa:  
 Ilustres ramos d'árvore tamanha, 275  
 Q'honra c'os frutos seus toda Alemanha<sup>593</sup>.

<sup>591</sup> **Saldanha\***: João Vicente de Saldanha Oliveira e Sousa Juzarte Figueira (1746-1804), 1º Conde de Rio Maior. Casou-se com D. Maria Amália de Carvalho e Daun, filha dos primeiros Marqueses de Pombal.

<sup>592</sup> **Francisco**: Refere-se a D. Francisco da Silva Telo e Menezes, 6º Conde de Aveiras, 1º marquês de Vagos, aparentado com todas as famílias citadas. Ver nota 697.

<sup>593</sup> **Alemanha**: provável referência à ligação do Marquês de Pombal e sua descendência vinculada à Alemanha-Áustria. Em 1733, com 34 anos, Sebastião José de Carvalho e Melo que em Viena de Áustria, em Dezembro de 1745, celebrará novo casamento, desta feita com a Condessa Maria Leonor Ernestina Daun, filha do Marechal Heinrich Richard, conde de Daun e figura de destaque na Guerra de Áustria. Este casamento foi abençoado pela Imperatriz Maria Teresa assim como pela

## XXXVI

Farta essa juvenil curiosidade,  
 O nobre tronco vê donde descendes,  
 O valor, a Ciência, a heroicidade  
 Dos teus maiores, que imitar pretendes. 280  
 Porém enquanto a ver a quantidade  
 Dos heróis do teu tronco te suspendes;  
 Eu vou continuando com meu canto;  
 Porque não posso dilatar-me tanto.

## XXXVII

Seis corpulentos ursos, levantando 285  
 Pesadas grossas patas brandamente,  
 Rico, e pomposo coche vem tirando:  
 A roda trilha o chão, e mal se sente.  
 Sobre as pontas dos pés se está firmando  
 Para vê-lo admirada toda a gente: 290  
 Penhor da Lisia<sup>594</sup>, Príncipe Menino<sup>595</sup>;  
 É causa deste alegre desatino.

## XXXVIII

Agora soam mais, e mais clamores,  
 Ninguém sofre que a vista outrem lh' impeça:  
 Os pequenos se queixam dos maiores, 295  
 U' para ver melhor ergue a cabeça.  
 Manchadas pelas de graciosas cores  
 São as dos brutos, que conduzem nessa  
 Berlinda a sua Augusta Mãe<sup>596</sup>, com ela  
 As três Reais Irmãs, a qual mais bela. 300

---

Rainha Maria Ana de Áustria, mulher de D. João V, tendo desta forma Sebastião José assegurado o lugar de Secretário de Estado do Governo de Lisboa. Ao contrário do que sucedera com o anterior, deste casamento resultou descendência e Sebastião José foi pai de cinco filhos. Uma de suas filhas, M. Amália, casou-se com o 1º Conde de Rio Maior (ver Nota 47).

<sup>594</sup> **Lísia:** refere igualmente a Lisboa e a Portugal, neste caso, a este último.

<sup>595</sup> **Príncipe Menino:** D. José, primeiro Príncipe da Beira (1761-1788), primogênito da Princesa D. Maria Francisca, futura D. Maria I. Era herdeiro da Coroa mas morreu prematuramente, acometido de varíola, sendo mais tarde sucedido no Trono por seu irmão D. João VI.

<sup>596</sup> **Augusta Mãe:** D. Maria Francisca, futura D. Maria I (1734-1816) e suas irmãs: Maria Ana Francisca (1736-1813), Maria Francisca Doroteia (1739-1771), Maria Francisca Benedita (1746-1829).

## XXXIX

Aos brutos, que talvez mal governados  
 Precipitaram o infeliz Faetonte,  
 Qu'Orbe giram nunca fatigados  
 Pirôis<sup>597</sup>, Flegonte, Eôo, e o bravo Etonte,  
 Fazem inveja àqueles, que guiados 305  
 Por um experto auriga, erguida a frente,  
 Ali vão conduzindo com vaidade  
 A Beleza, a Virtude, a Majestade.

## XL

Inda d'um lado, e outro *viva, viva*  
 Se está com vós alegre repetindo, 310  
 Enquanto em outro coche a comitiva  
 D'Ilustres Damas ali vem seguindo.  
 É tosco o meu pincel, bem não aviva  
 A imagem do que vou mais distinguindo,  
 Nem eu tento do Verso na estreiteza 315  
 Poder recopilar tanta grandeza.

## XLI

Novo, e grande tropel manda aos ouvidos:  
 Pelas ferradas mãos o chão trilhado  
 De mil ligeiros brutos prevenidos  
 Para suprir algum, que for cansado. 320  
 Os jaezes, de qu'eles vêm cingidos  
 Cobre o pano riquíssimo, e bordado;  
 E das ricas librés nas várias cores  
 Se distinguem quais são, de quais Senhores.

## XLII

Pelo campo em comprida ala s'estendem: 325  
 Já muda a comitiva de figura;

<sup>597</sup> **Pirôis:** irmão de Flegonte, Eôo e Etonte, os quatro corcéis que puxavam o carro de Hélios, o sol.

Já os sôfregos galgos se desprendem;  
 E o raivoso Falcão vê a luz pura.  
 Parece, que estes brutos já entendem  
 Ao que foram trazidos; pois procura 330  
 Cada um seu lugar: questão discreta!  
 Um Filósofo a trate, eu sou Poeta.

## XLIII

Sei que a tímida lebre, que se acoita  
 Entre pequenos ramos percebendo  
 As vozes, e o tropel, fuge da moita; 335  
 Mas o galgo veloz segue-a correndo.  
 E o rápido Falcão, que o ar açoita  
 Co'as fortes asas lá do alto vendo,  
 Vem logo com bravíssima destreza  
 Tirar a vida d' um, e a outro a presa. 340

## XLIV

Vai das rompentes unhas pendurado  
 O pequeno animal, o povo grita;  
 Para o ligeiro cão, como pasmado,  
 Sobre o sucesso quase, que medita:  
 Ora se move a um, ora a outro lado: 345  
 Move a cauda co'a vista no ar fita;  
 Mas vê correr ao longe outros, e corre  
 Enquanto a lebre ensanguentada morre.

## XLV

Ainda estão a este o prêmio dando  
 Da, que trouxera arrebatada, presa; 350  
 Vem negras gralhas pelo ar gasnando,  
 Voa outro com rápida braveza:  
 Uma quer escapar-lhe confiando  
 De suas leves asas na destreza;  
 Mas ela cai sobre o picante tojo 355  
 Das duras garras mísero despojo.

## XLVI

Fogem aqui quadrúpedes ligeiros,  
 Bando alígero ali se turba, e espalha;  
 Dos Falcões são os galgos companheiros;  
 Há na terra, e no ar igual batalha. 360  
 Aqui tem os infantes derradeiros  
 Calada lebre, e gritadora gralha:  
 Chove sangue do ar, na terra corre  
 Sangue das veias do animal, que morre.

## XLVII

Como à garra tenaz dos diligentes 365  
 Falcões nada se encontra, que resista;  
 Assim ao braço das heróicas gentes,  
 Que reges, Grande Rei, e tens à vista.  
 Para o experimentar basta que intentes  
 Novo Império ganhar, nova Conquista: 370  
 Verás que as mais lhes fogem nas batalhas,  
 Quais do altivo Falcão, Lebres, e Gralhas.

## XLVIII

Mas não: cândida Paz co'as longas asas  
 Cubra, e defenda a Lusitana terra,  
 Enquanto homens, Cidades, campos, casas 375  
 Desola ao longe o ardor voraz da guerra.  
 Tróia, e Cartago estão campinas rasas,  
 E o funesto caso nos aterra.  
 Nem consente a tua alma santa, e pia  
 Para a vã glória tanta tirania. 380

## XLVIX

Há gente Lusitana, assim remato;  
 Dela tem dito já bastante a Fama.

Vê que foi Lusitano Viriato\*<sup>598</sup>,  
 Lusitano também o Ilustre Gama\*<sup>599</sup>.  
 E outros muitos agora não relato, 385  
 Cujos nomes no mundo se derrama,  
 E tem corrido em mais suaves rimas  
 Diversas regiões, diversos climas.

L

Erguei, Príncipe Augusto<sup>600</sup>: erguei a testa,  
 Vede do Grande Avô<sup>601</sup> grandes vassallos, 390  
 Spécie, d'humanos, singular é esta;  
 Já desde agora começai a honrá-los.  
 E o ouvido inclinai a quem protesta  
 Não só co'as ações vossas animá-los;  
 Mas a estranho País, a estranhos Povos 395  
 Levar do novo Herói louvores novos.

D. C. B.

<sup>598</sup> **Viriato\*** (? – 139 a. C.) foi um dos líderes da tribo lusitana que confrontou os romanos na Península Ibérica em 1 a. C. Pouco se sabe sobre sua vida, desconhecendo-se a data e o local exacto onde nasceu.

<sup>599</sup> **Vasco da Gama\***; Navegador português nascido em Sines (1469), Alentejo, foi o primeiro a dar a volta à África, contornando o Cabo da Boa Esperança, e a alcançar a Índia (1497-1499).

<sup>600</sup> **Príncipe Augusto:** D. José I

<sup>601</sup> **Grande Avô:** D. Pedro II

**Tomo II – Parte 3**

---

[ 30. ]

**Bilhete de Boas Festas; / E Anos Bons / Ao Excelentíssimo, e reverendíssimo / Senhor Arcebispo\* / Inquisidor Geral / confessor / da / Rainha Nossa Senhora.<sup>602</sup>**

Eis-me a vossos pés prostrado,

Dai-me a beijar essa mão

Capaz de mudar meu fado,

E que em piedosa intenção

Me tem beneficiado.

5

Por esta ocasião, por esta

Eu vos venho aparecer

Hoje com cara de festa,

Enfeitada do prazer,

Qu'entre esperanças me resta:

10

Felices anos conteis,

Pedir aos Céus me compete,

E fazei vós, que podeis,

Me seja o de oitenta e sete<sup>603</sup>

Melhor, que o de oitenta e seis.

15

Este o tempo, vós sabeis,

De cumpridas profecias:

Tenho fé nas que fazeis,

Lembro mais, que estou nos dias

Dos donativos dos Reis.<sup>604</sup>

20

Mas temo uma má ventura,

Que tudo o meu me baralha,

E cruel talvez procura

Embrulhar-me na mortalha,

Tristes bens da sepultura.

25

---

<sup>602</sup> **Rainha Nossa Senhora:** referência a D. Maria I\*.

<sup>603</sup> O poeta se refere a 1787 ano em que escreve este *Bilhete de Boas Festas*, desejando que esse ano fosse melhor que o anterior de 1786. O Arcebispo morreu no ano seguinte em 1788. Podemos, portanto, datar o poema no ano de 1787.

<sup>604</sup> Alusão ao dia 6 de Janeiro, Dia de Reis, em que antigamente era reservado para entrega dos presenes de Natal.

Dai-me vós algum conforto,<sup>605</sup>  
 Marcai mais curta esta meta:  
 Qu'às vezes pondero absorto,  
 Que já Camões o Poeta  
 Foi feliz depois de morto: 30

Quisera que a Real Mão<sup>606</sup>,  
 Que faz felices as gentes,  
 Me tirasse de aflição:  
 E enquanto inda tenho dentes  
 Me desse da Igreja o Pão. 35

E mais que o próprio sustento  
 Vai-me a honra interessada,  
 Porque haverá fraudulento,  
 Qu'afirme, que não ter nada  
 É não ter merecimento. 40

Fora o meu crime cantar,  
 Se isso crime pode ser!  
 Agora vou-me a mudar  
 De cantar para comer,  
 A comer para rezar. 45

E pois que o Senhor vos pôs  
 Onde me valhais assim:  
 Vá um ajuste entre nós:  
 Orai vós, e orai por mim,  
 E eu rezarei por vós. 50

Não quero ser mais extenso,  
 Boas festas vos agoiro;  
 E ao Mistério a que eu pertença  
 Fazei possa ofertar oiro,  
 Qu'eu só tenho mirra, e incenso. 55

Lereno Selinuntino

<sup>605</sup> Em 1787 Caldas tinha 47 anos. Deste v. 26 até o final do poema, Caldas alude ao seu estado de pobreza, finalmente resolvido por alvará assinado nesse mesmo ano por D. Maria I, fazendo-lhe a mercê de um Benefício Simples que lhe garantirá uma certa independência econômica.

<sup>606</sup> **Real Mão:** de D. Maria I.

## Tomo II – Parte 3

[ 31. ]

**Ao Ilustríssimo, E Excellentíssimo / Senhor / Jozé de Vasconcellos / E Souza\*. / O Jardim.**<sup>607</sup>

À fresca sombra dum cerrado bosque,  
 Onde por alvas pedras murmurando  
 Um trêmulo Ribeiro se escutava;  
 Saudoso de Anacrina as louras tranças,  
 Ao som da grata lira descantava. 5  
 Quando sobre um veloz doirado carro,  
 Que seis Águias tiravam pelos ares,  
 A Deusa dos Jardins<sup>608</sup> se apresentava  
 A meus cansados lacrimosos olhos;  
 Cândidas flores, pudibundas rosas, 10  
 Adornavam-lhe em torno a nívea fronte,  
 De Goivos, e Jasmins festões compridos,  
 Os fúlgidos cabelos lhe enastravam:  
 Batendo as rédeas às pomposas águias,  
 Entrava pelo bosque florescente, 15  
 E descendo ligeira do áureo carro  
 Desta sorte risonha me falava.

“Cansado vate do bicórnio Pindo<sup>609\*</sup>  
 Que a par do Cíntio Nume sonoro<sup>610</sup>,  
 Na juvenil idade tens bebido 20  
 Da clara linfa do Helicon<sup>611</sup> sagrado;

<sup>607</sup> Não há dúvida quanto a ser este poema da autoria Lerenó. Além de o ter dedicado a José de Vasconcelos, seu protetor, afirma que cantara muitas vezes as suas ações (v. 22 a 24), e ainda refere a benevolência do Conde de Pombeiro que lhe oferecera “a doce habitação”, isto é, proteção em sua casa (v. 28). Pelo teor dos últimos versos do poema (v. 208 a 210) pode-se depreender que seja o cantor do nome ilustre do Conde.

<sup>608</sup> **Deusa dos jardins:** alusão a Flora, ninfa das Ilhas Afortunadas, esposa de Zéfiro e deusa das flores. Na Grécia é chamada de Clóris.

<sup>609</sup> **Bicórnio Pindo:** alusão à Fedríades\*, dois imensos rochedos nas faldas do monte Parnaso.

<sup>610</sup> Referência a Apolo\*, às vezes chamado Cíntio, irmão gêmeo de Cíntia ou Artemis, protetor das artes. Ambos nasceram em Delos, próximo ao monte Cinto.

<sup>611</sup> Ver: Helicônia\*

Tu que afinando a Cítara dourada  
 Do Ilustre Vasconcelos tens cantado  
 Ações famosas, com ebúrneo plectro,  
 E desejas rasgando os leves ares, 25  
 No Sacro Templo da Imortal memória  
 Entre os Heróis gravar seu nome Ilustre;  
 Não consintas, ó Vate, não consintas,  
 Que às letárgicas ondas sonolentas  
 Entregue fique deste Herói preclaro 30  
 A doce habitação, que me dedica.  
 A ver estes floridos novos prados  
 Comigo agora diligente parte;  
 Onde mostrando-se os diversos planos  
 As sublimes figuras, as Cascatas 35  
 Por cem partes a terra borrifando,  
 E imagens verdadeiras concebendo,  
 A decantar começas o que imploro.”

Acabou de falar. Tomando as rédeas  
 Me conduzia com semblante ledó 40  
 A seu carro veloz, qu’alegre subo;  
 C’o longo açoute nas formosas Águias  
 Dando um sonoro estalo ressoante,  
 De zéfiros lascivos mil falanges  
 Em torno d’alva Donzela revoando 45  
 Das brancas plumas sobre o áureo carro  
 Lançavam ledos desfolhadas rosas.

Da grande Elísia<sup>612</sup> sobre os duros ombros,  
 Num sítio ameno d’árvores bordado  
 Suntuoso Palácio se alça às Nuvens, 50  
 De famosa estrutura fabricado;

---

<sup>612</sup> Elísia, ou Lísia, refere-se a Portugal. O 9º conde da Calheta, D. Antonio José de Vasconcelos e Sousa Câmara Caminha Faro e Veiga, vivia em sua casa no Rossio. Mais tarde, construiu uma nova residência, origem do que é hoje o Palácio Foz, na Praça dos Restauradores, totalmente remodelado.

Onde o Calheta\*<sup>613</sup> Ilustre, em paz serena  
 Sobre longas varandas, frescas tardes  
 Do calmoso verão contente gasta,  
 Ao lado junto da consorte amável<sup>614</sup>, 55  
 Cujas virtudes no estelante Olimpo  
 Cintilam entre as lúcidas Estrelas.

Aqui soberbas as pomposas Águias  
 Tocavam levemente a terra dura;  
 Quando a Deusa descendo do áureo carro, 60  
 De um famoso Jardim a porta entrava.

Já de vivo desejo afervorado,  
 Por espaçosa escada a vou seguindo.  
 Eis que súbito vejo um largo plano  
 De tortas heras guarnecido em torno; 65

Alva donzela de prazer tingida,  
 Douradas horas consumia em jogos.  
 Ao lado oposto numa funda gruta  
 Sonora fonte murmurar se ouvia.

Sobre pilastres de um, e d'outro lado, 70  
 Diferentes figuras se mostravam.  
 Vênus formosa de uma parte estava,  
 Qual o mancebo Paris\* ledto a vira,

Quando na Idália<sup>615</sup> selva o Pomo d'ouro<sup>616</sup>  
 A Sentença lançando-lhe entregava. 75  
 O potente Netuno ali se via  
 C'o aspérrimo Tridente reprimindo

Os cerúleos Cavalos espumantes.  
 D'outro lado Plutão<sup>617</sup> soberbo estava

<sup>613</sup> Ver: Índice onomástico: **Vasconcelos e Sousa, D. Antonio José\***

<sup>614</sup> Refere-se a D. Mariana de Assis Mascarenhas.

<sup>615</sup> **Idália:** onde se localiza um dos templos de Vênus na ilha de Chipre.

<sup>616</sup> **Pomo de ouro** (ou da discórdia): Ver: Índice onomástico: **Paris\***

<sup>617</sup> **Plutão:** deus do Inferno (Hades). Aos pés de seu trono permanecia Cérbero, cão de três (ou múltiplas) cabeças. Como senhor das profundezas da terra, era também o protetor da agricultura, fazendo germinar as sementes.

Sobre o férreo Bidente <sup>618</sup> reclinado,	80
E a seus pés o latrante Cão trifauce <sup>619</sup> .	
Pouco distante Juno <sup>620</sup> se avistava	
Olhando com inveja o áureo Pomo,	
Que a linda Vênus entre as mãos sustinha.	
Porém daqui voltando a Deusa os passos	85
Larga escada subia. Eis outro plano	
Habitação dos ledos Passarinhos,	
Que sonoras endechas <sup>621</sup> modulando	
Tornar faziam aos meus olhos tristes	
Da cândida alegria a imagem bela;	90
Além soberbo pórtico mostrava	
Espaçosa, aplainada, longa rua;	
Sombrios Freixos, Álamos copados	
Hum e outro lado ornavam florescentes.	
Ao longo uma cascata se avistava	95
À dura terra em borbotões lançando	
Serenas águas do escarpado seio.	
Águia soberba de País estranho	
As brancas asas sobre o cume abrindo	
Do denso bosque a sombra procurava.	100
Ficava ao lado esquerdo alto mirante	
De figuras diversas adornado,	
Donde espalhando-se a cansada vista	
A grande Elísia em torno se descobre;	
Ao dextro a Deusa toma. Eis larga escada,	105
Frondoso novo plano patenteia.	
Vistosos arcos de engraçadas flores;	
E as estações do tempo ali se viam	
De mármore soberbo figuradas.	
Uma casa de campo além estava,	110

<sup>618</sup> **Bidente**: ou alvião ou sachola, instrumento rústico de trabalhar a terra. Tem de um lado a forma de uma enxada e, do outro, uma ponta como picareta que serve para arrancar pedras, raízes ou batatas.

<sup>619</sup> **Cão trifauce**: refere-se a Cérbero, o cão com três cabeças, guardião das portas do Hades, o inferno.

<sup>620</sup> **Juno**: Ver: Índice onomástico: **Paris**\*

<sup>621</sup> **Endechas**: canções fúnebres ou apenas melancólicas.

De pórfidos<sup>622</sup> brilhantes, de áureo teto,  
 E diamantinas portas: mais distante,  
 Onde um plácido tanque debuxava  
 No feio ondoso as debruçadas penhas,  
 O copado arvoredado, as nuvens densas, 115  
 Pelas paredes retratadas via  
 As cerúleas Campinas de Anfitrite<sup>623</sup>;  
 Onde sentada sobre uma alva concha,  
 De cândidos Amores rodeada,  
 Dione<sup>624</sup> linda os olhos seus volvendo 120  
 Serena os mares, e adormece os ventos.  
 Não longe sobre um carro fulgurante,  
 Das alvas filhas de Nereu\*<sup>625</sup> cercado,  
 Curvando as crespas ondas, Doris<sup>626</sup> bela  
 Dois soberbos Delfins tirando vinham. 125  
 D'outro lado se via reclinada  
 Europa\* aflita sobre o branco Touro<sup>627</sup>,  
 De Fenícias grinaldas coroadas.  
 Mais ao longe co'a Foz do Tejo ameno,  
 Intestavam os bravos Oceanos: 130  
 Sobre um níveo montão de crespas ondas  
 Sentado ali se via o Pátrio Rio  
 Co'as Tágides formosas abraçado:  
 Umas as longas cãs lhe penteavam,  
 Outras lhe adornam a limosa fronte, 135  
 De luzentes capelas. Sobre as margens  
 No seio de uma gruta divisava  
 As louras filhas do Supremo Jove  
 Tocando ebúrneas Liras sonoras;

<sup>622</sup> **Pórfidos:** espécie de mármore esverdeado ou purpúreo, salpicado de várias cores, sendo o mais duro dos mármore.

<sup>623</sup> **Anfitrite:** esposa legítima de Netuno pois teve muitas mulheres com quem não se casou, tendo com elas muitos filhos.

<sup>624</sup> **Dione:** considerada esposa de Jupiter.

<sup>625</sup> **Alvas filhas de Nereu:** as nereidas.

<sup>626</sup> **Doris:** esposa de Nereu.\*

<sup>627</sup> Alusão ao rapto de Europa por Zeus, disfarçado em touro branco. Ver: Índice onomástico: **Europa.**

Aquelas, que nas margens da Castália\*, 140  
 À fresca sombra dos frondosos louros,  
 Eternos fazem os Heróis preclaros.  
 No roto seio de um penedo alçado,  
 Tocando a doce frauta altissonante,  
 O Semicapro Pã\* ali se via 145  
 Gostando transformada ver em cana  
 A falsa Ninfa<sup>628</sup>, que adorava grato.

Aqui chegava: quando a gentil Deusa  
 Alçando a doce voz assim falava.  
 “Eis a suave habitação gostosa, 150  
 Onde tecendo mil Grinaldas belas  
 Serenos dias com prazer consumo.  
 Além um Trono de Jasmins, e rosas  
 Me erigiram as Ninfas destes prados.  
 Se errante pelos campos, sem asilo 155  
 Há longos anos vivo desprezada,  
 Lançando os olhos por campinas longas,  
 Assaltada de Éolo\*, Boreas\*, Noto\*;  
 Agora em paz serena alegre vejo  
 A meu Império as estações sujeitas. 160  
 Estes climas, que vês tão docemente  
 Respirando suaves alegrias,  
 Por eles tem deixado a Cípria\* Deusa  
 Citera\*, Gnido<sup>629</sup>, Pafos\*, e outras Ilhas  
 Consagradas à sua formosura: 165  
 E por eles deixara o Cíntio Nume<sup>630</sup>,  
 Se os rúbidos Etontes<sup>631</sup> açoutando  
 Não levasse, e trouxesse ao mundo os dias,  
 O mesmo ingente bipartido monte.

<sup>628</sup> **Falsa Ninfa transformada em cana:** ver Pã\*

<sup>629</sup> **Gnido:** um dos templos de Vênus na cidade de Carla.

<sup>630</sup> **Cíntio Nume:** Apolo

<sup>631</sup> **Etontes:** cavalos do carro do Sol dirigido por Apolo.

Quando passeia o nosso Herói preclaro 170  
 Esses floridos graciosos prados  
 Lançando a vista sobre abertos livros,  
 Que sisudo entre as mãos sustem parando,  
 Das viçosas verdejantes heras  
 Prêmio das doutas fronte, reverente 175  
 C'uma verde coroa lhe circundo  
 A sempre grata majestosa fronte.  
 Verão meus olhos inda vir um dia  
 De imensos sóis brilhantes coroados  
 Trazendo ao luso Povo a alta notícia, 180  
 Que ávido a tanto não de balde espera;  
 Elísia venturosa em paz veremos  
 Sábio Ministro, liberal, e justo,  
 Da mão Augusta recebendo as ordens;  
 E ao público sossego as Leis ditando; 185  
 Hórridos Monstros, em catervas feias,  
 Veremos d'entre nós fugindo irosos  
 Bramidos dando em pélagos caírem,  
 Onde jamais o triste pranto enxuguem.  
 Tu que tens visto, e tu que alegre cantas 190  
 As ações deste Herói esclarecido  
 Agora é tempo, afina a grata Lira:  
 Soem por toda a parte os seus louvores:  
 Enquanto d'alvas Ninfas rodeada,  
 Pelos nodosos troncos dos loureiros, 195  
 Em mil sublimes versos entalhado  
 De Vasconcelos deixo o nome illustre.”

Mais não disse: os angélicos acentos  
 Sobre as penas dos Zéfiro\* levados  
 Ficaram longo tempo ressoando; 200  
 Dali saindo, a meus saudosos olhos  
 A pátria terra pareceu estranha;

Na f3rvida mem3ria recordando  
Quanto a Deusa gentil permeditara  
O claro dia que raiar n3o tarda 205  
Dos gratos Lusos suspirado a tanto  
Fiquei led0 esperando: ent3o vaidoso  
Tenteando da Lira as 3ureas cordas  
Do S3bio, do Famoso Vasconcelos,  
Alegre cantarei o Nome Ilustre 210  
O largo mundo atender3 meu canto,  
E de louros cingida minha fronte  
Levantarei acima das Estrelas.

[Sem assinatura]

**Tomo II – Parte 3**

---

[ 32. ]

**Tempestade**

O Torvo Inverno sobre pardas nuvens  
 Caminha a sós do sossegado Lima<sup>632</sup>  
 C'o séquito dos Austros\* furiosos:  
 Em vão pertende Febo\* infatigável  
 O dia ornar de raios luminosos, 5  
 Que o monstro, que asoberba a natureza,  
 Lhe opõem de escuras névoas a barreira:  
 E apenas à assustada gente passa  
 Uma luz duvidosa, tibia, escassa.

Os Vassalos de Éolo\* 10  
 Fria saraiva arrojam sobre a terra;  
 Troam os ares; vejo aceso o polo;  
 Movem-se os ventos n'uma mútua guerra;  
 Treme inquieto o mar, raivosas vagas,  
 Ora aos abismos os baixéis mergulham, 15  
 Ora por entre as nuvens os entranham,  
 E bramindo, e espumando  
 Vão of'recê-los a imortais rochedos,  
 Que inalteráveis, quedos  
 Lhes respondem raivosos 20  
 Com sons desentoados, e horrorosos.  
 O pávido Piloto então desmaia,  
 E em vão de longe vê a amiga praia.

---

<sup>632</sup> **Lima:** rio do Minho, província de Portugal. É provável que este poema tenha sido escrito enquanto Caldas vivia em Viana, cidade banhada por este rio como afirma Varnhagen, Francisco Adolfo de (1851 : 446).

Colhem à pressa a rede os Pescadores;  
 Nervosos braços, e robustos ombros 25  
 Se aplicam ao batel; na areia encalha:  
 Tudo aterrado está, cheio de assombros  
 Tudo fugir, tudo escapar trabalha.

Os tímidos Pastores  
 Vão abrigar lanígero rebanho: 30  
 E os solícitos pobres Lavradores  
 Vêm semente perder, perder-se o amanhã  
 Dos campos, que o arado revolvera,  
 E em que a sua esperança mal nascera.

Aos mansos animais, às feras brutas, 35  
 Aos leves passarinhos  
 A tempestade encheu de horror, e medo.  
 Quais se vão abrigar nas cavas grutas;  
 Quais vão procurar longe  
 Um resto de vestidos arvoredos, 40  
 Que o Inverno não desfolha,  
 Tudo quer, quem o abrigue, e o recolha.

Um alígero bando de Amorinhos,  
 Que são doce prazer desta campina,  
 Assustados, medrosos, 45  
 Se encaminham à choça de Corina;  
 Corina, que entre fera, e graciosa  
 Para abrigar Amores poucas horas  
 Tem mais arte, que todas as Pastoras.

Quais se vão esconder entre os rochedos 50  
 Fios de seus cabelos,  
 Outros, quais borboletas, são queimados  
 Na luz dos olhos belos;

Qual faz que a seus ouvidos  
 Cheguem os meus terníssimos gemidos, 55  
 A qual ditoso toca  
 Ir recolher-se na engraçada boca;  
 Qual dos lábios lhe pende,  
 E a seu sabor o riso solta, e prende.  
 Lá dois no níveo seio se revolvem, 60  
 Sobem e descem dois gelados orbes,  
 Que assim nos roliços braços,  
 E quais se estendem ledos  
 Nas jasminadas mãos, nos lindos dedos.

Mas um, que no meu peito eu sempre abrigo, 65  
 Que eu nutro sempre, e vive, e está comigo.  
 Sentindo o sussurrar dos companheiros,  
 Do coração aos olhos se me assoma,  
 Rápido vôo toma:  
 Meu desejo atrevido é quem o guia. 70  
 Gira Corina em roda,  
 Desde a cabeça até os pés lhe desce  
 Guiado do desejo  
 Escondeu-se, ocultou-se, eu não o vejo.

Lereno Selinuntino

**Tomo II – Parte 3**

---

[ 33. ]      **Canção**

Qual enxame de abelhas sussurando

    Entre as mimosas flores,

    Vejo voar o bando,

Lindo bando, de alígeros<sup>633</sup> Amores:

Poisam na areia as brancas asas fecham

5

Arcos, e aljava sobre a praia deixam.

Na branca praia um círculo formaram,

    E o fogo, que feriram,

Entre as quebradas hastes atearam;

Contam quanto fizeram, quanto viram;

10

    E entre risos, contentes

Zombam do mal, que tem causado às gentes.

Qual mostra a mão ainda tinta em sangue,

    Em que ensopara o ferro,

Qual vem pintar o moribundo exangue,

15

    Que ele feriu por erro.

Um venceu com fereza, um com afagos:

Ouçõ assustado os seus cruéis estragos.

    Ai que ouçõ um soluçando

Sai em soluçõs fria voz partida.

20

Três vezes intentou chamar Erfando,

Saiu-lhe a voz três vezes dividida.

    És tu, mancebo nobre,

A causa do seu pranto? ele o descobre.

---

<sup>633</sup> **Aligeros:** céleres.

Tu foste o que algum dia 25  
 Com ele amor travesso  
 Em tua companhia,  
 Levavas as Pastoras ao excesso  
 De suspirar a teu sabor, e jeito  
 Fazendo arder o fogo em níveo peito. 30

Lembram-se os mais Amores,  
 Qu' em tu aparecendo,  
 Um bando de rivais competidores,  
 Em ciúmes ardendo  
 Iam raivar ao longe desprezados. 35  
 Só tu feliz quando eles desgraçados!

A verde Cinira o sabe!  
 Ela guarda terníssimos segredos.  
 Qual Ninfa teme o seu amor se acabe  
 Vejo os Sustos, e os Medos 40  
 Pintados em um rosto,  
 Em outros fazes reluzir o gosto.

Remam fortes membrudos Algarvios<sup>634</sup>,  
 E o escaler doirado  
 Vai rasgando do Tejo os ombros frios, 45  
 Da outra parte esperado  
 Por travessos Amores:  
 Sofrem guerra os tranquilos amadores.

Infelizes amantes!  
 Vai abaldar-se<sup>635</sup> a pública ternura: 50  
 Para os dedos brilhantes

<sup>634</sup> **Algarvio:** eram os remadores preferidos segundo testemunho do Embaixador Bombelles: “Ces rameurs sont tous tiré du royaume d’Algarve et sont de superbes hommes, extrêmement bons mariniers et qu’on dit être aussi intrépides dans une tempête que peu braves au coup de fusil.” *apud* Bombelles, Marc-Marie (1959 : 128).

<sup>635</sup> **Abaldar-se:** ou baldar-se; inutilizar ou frustrar.



**Tomo II – Parte 3**

---

[ 34. ]

**Memorial**

**I.**

Já que te chega a ventura,

Formosa Armânia\*, tão perto,

A quem de sublime altura

Nos rege com tanto acerto.

Ouve a voz pesada, e dura<sup>636</sup> 5

De quem sempre vago, e incerto

Erra as sortes, que procura,

E de misérias cuberto

Vive dias de amargura

Crendo que o descanso certo, 10

Só terá na sepultura.

**II.**

Se podes perante o Trono,

Onde a sã Piedade brilha,

De onde o seu torna a seu dono

A Justiça dos Céus filha. 15

Dá seguro, e certo abono

À voz de quem se lhe humilha,

Filho de honrado Colono,<sup>637</sup>

Qu'em soberba, e curva quilha<sup>638</sup> 20

Dos ventos ao desabono

Foi ao novo Mundo, e Ilha

Sofrer o perpétuo sono.

---

<sup>636</sup> Como indica o próprio título, trata-se de um poema autobiográfico em que o autor, já desesperado depois de tantos anos de miséria e de humilhações desde a morte prematura de seu pai (c. 1764), refere passagens de sua vida em Portugal numa “ostensiva petição” a Armânia, nome arcádico de D. Mariana de Assis Mascarenhas. Íntima do círculo de D. Maria I, seus préstimos junto à Rainha seriam úteis às reivindicações do Poeta de mercês para obter um estipêndio sacerdotal que lhe garantisse a sobrevivência. Cf. Tinhorão, José Ramos (2004 : 42).

<sup>637</sup> **Colono:** referência ao pai de Caldas Barbosa, Antonio de Caldas Barbosa, “funcionário de D. João V na África no ‘Ofício de Tesoureiro das Fazendas dos defunctos e auzentes...dos reziduos do reyno de Angola’ de 1731 a 1734.” *apud* Tinhorão, José Ramos (2004 : 28-29).

<sup>638</sup> **Quilha:** referência do Poeta ao navio que levou seu pai e sua mãe, Antonia de Jesus, da África para o Brasil, onde veio a falecer.

### III.

Não cansas a Majestade

Com a triste, e longa história  
De um Pai, cuja lealdade 25  
Faz a sua, e minha glória.

E nem há necessidade

Desta destinação notória  
Para mover a piedade:  
Tenho de filho a vã-glória, 30  
Herdei-lhe a infelicidade:  
Mas honro a sua memória,  
Tu sabes, que isto é verdade.

### IV.

Desde o triste nascimento<sup>639</sup>

Fundara minhas razões; 35  
Se fora aqui meu intento  
Ir desculpar gerações.

Mas sei, que o merecimento

É base das petições,<sup>640</sup>  
E tenho em conhecimento, 40  
Que não houve dois Adões.  
Louvo o Grande Rei<sup>641</sup>, que atento  
Da cor às vãs distinções  
Deu à minha cabimento.

### V.

Basta-me, que se me desse 45  
Uma educação honrada,

<sup>639</sup> **Nascimento:** Caldas Barbosa sempre se refere aos seu triste nascimento, fato também documentado no seu poema *Lereno Melancólico* incluído na *Viola de Lereno*, apud Barbosa, Domingos Caldas (1980 : 135). Ver: Discografia: Sawaya, Luiza, Pedro Persone.

<sup>640</sup> **Petições:** Caldas se empenhava para obter o estado sacerdotal cujos rendimentos lhe garantiriam o sustento, o que finalmente obteve através de alvará assinado por D. Maria I em 11/JUL/1787.

<sup>641</sup> **Grande Rei:** refere-se a D. José I\* que o favoreceu com uma acolhida incondicional por seu merecimento. Na estrofe X, v. 100 a 110, o Poeta afirma que o Rei o recebeu repetidas vezes quando ouviu os seus versos.

Que por ela conhecesse  
 Do meu ser primeiro o nada:  
 Q'a lei do Céu aprendesse,  
 E que à do Trono ditada 50  
 Fiel sempre obedecesse:  
 E esta alma ao bem inclinada  
 Sempre buscá-lo quisesse  
 Da honra seguindo a estrada:  
 Meu merecimento é esse. 55

## VI.

Assim de remoto clima  
 Deixei do Sul o Cruzeiro;<sup>642</sup>  
 Vi do Norte a estrela em cima<sup>643</sup>  
 De muito maior luzeiro.  
 Nas margens do claro Lima<sup>644</sup> 60  
 Eu me vi órfão primeiro;  
 E então da fortuna opima  
 Vi o dia derradeiro.  
 Do louvor da minha rima  
 Só passando o ano inteiro, 65  
 Por quem tenho pão, e estima.<sup>645</sup>

## VII.

Este pois, que a natureza  
 Me dera infeliz talento,  
 Dá-me, sem me dar riqueza,  
 Estéril merecimento. 70  
 Vates vivem na pobreza  
 Pois do estro o atrevimento

<sup>642</sup> **Cruzeiro do Sul:** Ao deixar o Brasil situado no Hemisfério Sul, deixou também de ver a constelação do Cruzeiro do Sul, pertencente ao Céu Austral.

<sup>643</sup> **Estrela em cima:** referência à Estrela Polar que fica na ponta da cauda da constelação da Ursa Menor, visível no Hemisfério Norte - Céu Boreal.

<sup>644</sup> **Claro Lima** (em galego *Limia*), rio internacional que nasce na província de Ourense, na Galiza, Espanha. Entra em Portugal ao norte, passando por Ponte da Barca e Ponte de Lima, até desaguar no Oceano Atlântico junto a Viana do Castelo.

<sup>645</sup> Caldas Barbosa faz alusão à perda do arrimo paterno, tendo vivido graças a seus dotes de improvisador.

Tudo, parece, despreza.  
 Mas eu nisso vou com tento:  
 Pois sei por triste certeza 75  
 Que se não vive do vento,  
 E versos não fartam mesa.

### VIII.

Se à ocasião pouco peluda  
 Vou pela grenha sustar;  
 Quero uma mão, que me acuda, 80  
 Que só temo não poder:  
 E em lida honesta, e sizuda  
 Quero ganhar que comer.  
 Qu' o estudo o estro ajuda  
 Eu ouço o amigo dizer: 85  
 Que me sossega assim cuda!  
 Sim o estudo faz saber  
 Mas mendigo não se estuda.

### IX.

Alguém à sombra me há posto<sup>646</sup>  
 Da sua própria ventura, 90  
 E me escuda ao vil desgosto  
 Que me arroja à sorte dura:  
 A vontade alheia, e gosto  
 Ninguém conte por segura.  
 Por esta porém aposto 95  
 Conheço-lhe a frase pura.  
 Mas o barro assim composto  
 Quem sabe o tempo que dura:  
 E a que sustos ando exposto!

<sup>646</sup> Referência a D. Antonio de Vasconcelos e Sousa Câmara Caminha Faro e Veiga\*, 9º Conde da Calheta 4º Conde e 2º Marquês de Castelo Melhor e marido de Armânia, D. Mariana de Assis Mascarenhas. Foi este casal quem primeiro abrigou Caldas Barbosa em sua residência.

**X.**

Quem diria, quem diria	100
Quando o Grande Rei me honrou, E da fácil Poesia Agradar-se assim mostrou;	
Que de noite, que de dia	
Gratamente me escudou:	105
E a Real proteção pia Franquear-me começou, Que tão pouco viveria? Mas não vive; e eu pobre estou. Sem emprego, e sem valia. <sup>647</sup>	110

**XI.**<sup>648</sup>

Sempre eu quis, tu tens lembrança, O Estado Sacerdotal <sup>649</sup> E esperei com confiança Sempre no favor real.	
Este estado não se alcança	115
Sem bem patrimonial. E a fatídica balança Sempre a mim mo pesou mal; E eu fiquei só co'a esperança, Que não dá nem um real,	120
E que por velha se cansa.	

**XII.**

Que se cumpra esta promessa,  
    Que me fez bens esperar,

<sup>647</sup> Nesta estrofe o Autor se refere às repetidas vezes em que foi recebido por D. José I\* que se dignou ouvir seus poemas. Estes encontros devem ter ocorrido provavelmente antes de JUN/1775, data em que apresentou ao Rei seu poema para a inauguração da Estátua Equestre. D. José I viria a sofrer um ataque apoplético pouco depois, tendo sido afastado do Governo, assim frustrando as expectativas do Poeta de ser por ele socorrido.

<sup>648</sup> No exemplar consultado do *Almanak das Musas* esta estrofe está erradamente numerada como **IX**.

<sup>649</sup> **Estado Sacerdotal:** ver nota 5 com referências sobre os v. 112 e 130.

Parece justo, que eu peça  
 E justo não é escusar. 125

Mereça, Armânia, mereça,  
 Queiras meu caso advogar,  
 E seja com toda a pressa  
 Qu' é meu contrário o vagar.

A Petição apareça 130  
 Faze-a ler, faze-a tomar  
 Um lugar, que nunca esqueça:  
 Tu sempre me hás de lembrar.<sup>650</sup>

Lereno Sil.

---

<sup>650</sup> A veemente insistência de Caldas Barbosa em pedir, tanto ao Rei quanto a Armânia, uma mercê sob forma de benefício é claramente indicativa da preocupação do Poeta em se desvencilhar da dependência em que vivia sob a proteção da Família Vasconcelos e Sousa.

**Tomo II – Parte 3**

---

[ 35. ]

**Tradução / De uma Carta melancólica de Mme. Des Houllières\*<sup>651</sup> a uma Senhora, que pertendia / ser Poeta.**

Que glória! Que capricho! Que esperança

Vos tenta, e inquieta?

Quereis ser sábia? O nome de discreta

Sem disgosto, Amaranto\*<sup>652</sup>, não se alcança.

Nem este nome um tempo glorioso

5

Conserva nada em si de doce, e honroso.

Deste odioso título oprimida

De nada val' o seres virtuosa:

Basta ser por discreta conhecida,

Para em vão pertenderdes ser ditosa:

10

Eu sei que liberal o Céu vos dera

Todo o esplendor de ilustre nascimento:

Nem vosso gênio espera

Mais prêmio, que nutrir vosso talento.

Tendes menos um mal; mas há piores

15

Que haveis de arrepender-vos,

De haverdes desprezado os meus clamores.

Vereis sem vos cansar sempre aturados

Pedantes, e Poetas,

Que vos hão-de gritar de ambos os lados

20

Com obras indiscretas.

Podereis suportar um nobre tolo

---

<sup>651</sup> **Mme. Des Houllières:** Ver Deshoullières\* no índice onomástico.

<sup>652</sup> **Amaranto:** alusão à fábula sobre Amaranto e a Rosa. (Ver Amaranto\* no índice onomástico). Também chamado *Perpétua* (*Gomphrea globosa*), originalmente uma planta de flores de coloração roxa.

Que apenas sabe ler, e em vossos versos  
 Decide como Apolo\*?

Nutre a murmuração peitos diversos: 25  
 Quem compra um livro, é para rir-se dele  
 Do longo estudo o fruto é só aquele.  
 Ninguém lê porque aprenda; e em vários modos  
 Só para murmurar é que lêem todos.

Rides do meu temor; julgas quimera; 30  
 Vosso amor-próprio diz-vos e, sogredo,  
 Qu'eu julgo mal, que não deveis ter medo  
 Do Censor rude, à Crítica mais fera.  
 Está bem: mas notai que entrando um dia,  
 Onde a moda importuna ajunta a gente, 35  
 Mal vosso nome um servo pronuncia,  
 Tomando um tom diferente,  
 Corre esta voz por toda a companhia:  
 “A discreta aí temos;  
 “O discurso se mude a voz mudemos. 40

De nova prosa, e versos só vos falam.  
 E então vos asseguro,  
 Que para vos ouvir todos se calam;  
 E se em discurso enfático, e escuro  
 Não respondeis; prometo 45  
 Que murmurando o auditório inquieto,  
 Diga: é esta a Discreta, e peregrina?  
 Como ela fala, fala uma menina.

Ides ver ao Teatro um Drama novo,  
 Para vós olha o Povo, 50  
 O Autor tem em vós a vista fita,  
 E nos vossos meneios só medita:  
 Por vós está alerta,

E se ao gosto da gente não acerta,  
Do que se diz do Drama sois culpada,  
A risco de sofrer a Musa irada. 55

Mas podeis responder-me:  
Não tenhas esse medo inútil, vão:  
Jamais em tal perigo espero ver-me,  
Que eu fugirei a néscia multidão:

É verdade: porém como se evita 60  
A raiva, com que espreita a Corte inquieta  
A uma mulher discreta?  
Como lhe há-de escapar, quem nela habita?  
Aí o mesmo ar, que se respira  
Traz contra quem escreve inveja, e ira. 65

Não é coisa de riso: estamos todos  
Forçados a viver, como escondidos.  
Apenas de alguns modos  
Publica em seus bramidos  
A Deusa faladora, 70  
Que da Lira tirais a vós sonora.  
Os homens, e as mulheres fogem, tremem  
Mulheres, e homens responder-vos temem.

Há gênios bem adversos,  
Que não sofrem escusas, 75  
E cuidam, que quem tem trato co'as Musas,  
Só sabe fazer versos.  
Quanto ministra a Fábula à Eloquência  
E da história se aprende!  
Sofrem com impaciência 80  
E o saber mais do que eles os ofende.

Vendo-os num ar soberbo, e presumido,  
 Que afetam escutando  
 Verso, que para eles não é lido:  
 Talvez se estão bons votos esperando: 85  
 Ninguém se fie desta farsa usada;  
 Porque umas vezes não escutam nada:  
 E muitas vezes mais nada compreendem:  
 E assim acusam uns, outros defendem.  
 Por dois bonitos toda a obra é boa, 90  
 E toda é má se um verso mal lhe soa.

Torpe desolação, jogos proscritos  
 São seu estudo fero,  
 E eles falam de Homero,  
 E de Horácio, e comparam seus escritos. 95  
 Confundem d'um, e d'outro a Poesia  
 Tão conhecidos como tão dif'rentes,  
 E as obras excelentes  
 Trarão como quimera, e zombaria.  
 Inimigos cruéis de língua estranha: 100  
 Tem a sua ignorância por façanha.  
 Ainda tem a Corte alguns Senhores,  
 Que mais piedade tendo  
 Se ostentarão generosos Protetores  
 Da ciência, que está quase morrendo. 105  
 Mas quanto há-de durar gente tão boa?  
 Ah! Que eu já tremo! Eu sinto o sangue frio.  
 Láquesis\*, que a nenhum mortal perdoa,  
 Levanta o golpe contra o débil fio.

Que fareis vós então! 110  
 Haveis de envergonhar-vos? Confundir-vos?  
 Bela Amaranto, cantareis em vão,  
 Sem que uma só pessoa queira ouvir-vos.

Mais de um exemplo triste vos segura  
 Desta prognosticada desventura. 115

A moda está passada:  
 Já o saber a todos desagrada.  
 Gente discreta para nada serve.  
 Fazei que se conserve  
 Destas fatais verdades a memória, 120

Qu'ela pode vencer  
 O vão desejo de uma fútil glória,  
 Que dá muito pesar, pouco prazer.

Crede que eu bem o chego a conhecer;  
 E jamais na Hipocrene\* eu beberia 125  
 A ter a liberdade de escolher.

Mas ó dos nossos Fados Lei impia!  
 Ninguém se rege a si, o esforço é vão,  
 É mui violenta a nossa inclinação.  
 Fiz verso dantes de ter conhecimento 130  
 Do mal, que causa este fatal talento.<sup>653</sup>

Mas pois Vós não nascestes, que eu conheço,  
 Co' o infeliz talento, que aborreço;  
 Não, não vos apliqueis a estudo tal,  
 Qu' é concorrerdes para o vosso mal.<sup>654</sup> 135

Lereno Selin.

<sup>653</sup> **Fatal talento:** Refere-se ao seu dom natural para fazer versos, mesmo antes de estudar o assunto.

<sup>654</sup> Caldas, portanto, desaconselha Mme. Deshoulières a buscar a carreira de poeta, baseado na sua própria experiência após ter enfrentado os mesmos percalços que cita nestes versos, permanentes fontes de dissabores.

**Tomo II – Parte 3**

---

[ 36. ]

**À Ilustríssima, e Excelentíssima / Senhora / Condessa de Pombeiro\*, / No Dia de Seus Anos.**

Hoje é dia de oblação,

E eu trago do meu tesouro

Coisas, que já raras são:

Valem mais que prata, e oiro,

Pedaços de gratidão. 5

Trago palavras, Senhora,

Qu'ofertar-vos: não duvido;

Ralhe o Mundo muito embora,

Qu'expressões de agradecido

Não são de lançar-se fora. 10

Mas disto não venho mal:

E se eu mesmo testemunho,

Qu'ante vos ser grato val;

Da gratidão com o cunho

Trago muito cabedal. 15

Trago dos meus companheiros,<sup>655</sup>

Os que vos servem comigo,

Qu'ái vedes prazenteiros,

Parabéns de cunho antigo

Singelos, e verdadeiros. 20

Qual diz: que aos Céus vos pediu,

E que do Céu vos julgou,

---

<sup>655</sup> **Meus companheiros:** provavel referência aos seus companheiros na Nova Arcádia que se reuniam às quartas-feiras nos aposentos de Caldas Barbosa na residência dos Pombeiro.

- Apenas vos descobriu;  
 Pois as que o Céu vos doou,  
 Graças iguais nunca viu. 25
- Qual vos viu as mantilhas,  
 E logo, em beleza, diz:  
 Que podíeis dar partilhas,  
 E mostra que as repartis  
 Pelos filhos, pelas filhas. 30
- Qual vos trouxe nos seus braços,  
 E qual pelas andadeiras  
 Vos teve em primeiros passos:  
 Qual conta as graças primeiras,  
 E pueris desembaraços. 35
- Por todos se nota então  
 Quanto mais fiéis crescendo  
 Ia crescendo a razão;  
 Mais, e mais aparecendo  
 Formosura, e discrição. 40
- Trago entre tantos louvores  
 Com o toque da verdade  
 Agradecidos clamores,  
 De vozes de toda a idade,  
 Gentes de todas as cores. 45
- Reparai bem no alvoroço  
 De mim, e de todos estes:  
 Reparai no asseio nosso:  
 Para tanto vós nos destes  
 Quanto vedes tudo é vosso. 50

Mas aqui não pareis, não,  
 Veja o vosso entendimento,  
 Qual vem nosso coração,  
 Que traz agradecimento  
 Por câmbio de gratidão. 55

Tomemos um tom mais alto:  
 Convém à honra do dia;  
 Saiba o Mundo que eu não falto,  
 Dando em sinal de alegria  
 Até nos versos meu falto. 60

Dos outros disse até-qui;  
 Agora de mim direi;  
 Que logo quando vos vi  
 Desde então presaguei  
 Cumpriu-se o que eu antevi. 65

Inda nas fachtas honraste  
 Minha rude cantilena:  
 Já quando então me escutaste,  
 Sempre ao som da minha avena<sup>656</sup>  
 Piedosos olhos voltaste. 70

A minha usada amargura (p. 120)  
 Diminuir-se eu sentia:  
 Cuidei que era a formosura,  
 A cujo esplendor fugia  
 Minha feia má ventura. 75

Batia o meu coração,  
 Qual podia se expressava,  
 Ele me dizia então:

---

<sup>656</sup> **Avena:** antiga flauta pastoril feita do talo da aveia.

- Qu'em vossos dias estava  
Dos meus a consolação. 80
- Quanto na desgraça minha  
José <sup>657</sup>estancou meus ais,  
Roguei ao Céu, qual convinha,  
Desse aos outros grandes mais  
Almas, como a que ele tinha. 85
- Ouve o Céu meus gritos lassos;  
Foi a minha voz ouvida;  
Teceu estes doces laços,  
Eis sua alma à vossa unida <sup>658</sup>  
Já nos dão dignos pedaços. 90
- Possa a tão justa união,  
Segura em doces afetos,  
Respeitar do Tempo a mão,  
E os Netos dos vossos Netos  
Recebam vossa bênção. 95
- Quando vai meu voto ardente  
Revoando ao Céu assim:  
Sabe o Deus Omnipotente,  
Que não sois só para mim  
Sois o bem de muita gente. 100
- Portugal, que não se esquece  
Do que dos vossos lhe vem,  
E medita o que carece,  
Pede comigo também  
Qu' é seu o mesmo interesse. 105

<sup>657</sup> **José**: referência a José Luis Vasconcelos e Sousa, Conde de Pombeiro, aquele que tomou o Poeta sob sua proteção.

<sup>658</sup> Referência ao casamento do conde de Pombeiro com D. Maira Rita, tendo frutificado em seus filhos, nove ao todo, nascidos a partir de 1785 até 1804.

Nega-me o Céu cabedais,  
Qual seja a razão não sei;  
Porém como vós vivais;  
Mais nada ao Céu pedirei:  
Vivei, não desejo mais.

110

D. C. B.

## Tomo II – Parte 4

[ 37. ]

**Ao Muito Alto, / E Muito Poderoso / Senhor / D. João\* / Príncipe do Brasil / Nosso Senhor./ &c. &c. &c.**<sup>659</sup>

Eia, Príncipe Augusto, ouviste o canto

De alvos Cisnes<sup>660</sup>, qu’o fulvo Tejo aninha;

Diverte um pouco o seu melífluo encanto

Ouvindo a rude voz, a vós mesquinha

De ave atrevida, que alto vôo erguera

5

Do ninho Americano, onde nascera:<sup>661</sup>

Já de um vôo feliz rápido, e forte

Passei a divisão deste Orbe inteiro,<sup>662</sup>

E encarando co’a fixa luz do Norte

Perdi de vista o lúcido cruzeiro,<sup>663</sup>

10

Beijando a areia para mim estranha

Honro a Corte, a que os pés o Tejo banha.

Do aurífero Brasil<sup>664</sup> o alegre Povo

Núncio do seu prazer, sua alegria

Por um impulso desusado, e novo,

15

Magnânimo JOÃO, a ti me envia;

Trago verdades sem enfeite, ou arte

Da singela do Mundo última parte.<sup>665</sup>

<sup>659</sup> Este poema deve ter sido escrito quando, em 10 de Fevereiro de 1792, D. João assumiu a regência em nome de D. Maria I, sua mãe, em função da doença mental da rainha.

<sup>660</sup> **Alvos cisnes:** alusão aos navios a vela abrigados no porto de Lisboa.

<sup>661</sup> **Ninho americano:** Caldas, a “ave atrevida”, autor do poema, se refere a ele mesmo, nascido na América.

<sup>662</sup> **Orbe inteiro:** alusão à viagem feliz empreendida em 1763 pelo Poeta (vinha estudar em Coimbra a mandado do pai), tendo cruzado a Linha do Equador, divisora do mundo.

<sup>663</sup> **Lúcido cruzeiro:** referência à brilhante constelação do Cruzeiro do Sul que não mais avistou depois de entrar no hemisfério norte. O Cruzeiro do Sul desempenhou importante papel para as Navegações.

<sup>664</sup> **Aurífero Brasil:** o ouro foi descoberto no Brasil no reinado de D. João V (1689-1750)

<sup>665</sup> **Última parte do Mundo:** o mundo se dividia em quatro partes: Europa, Ásia, África e América. Esta era a quarta e última parte do mundo.

- A Fama que ora grita, ora murmura  
 E umas vezes repete o já passado 20  
 Outras em sons fatídicos augura  
 O caso que há de vir afortunado,  
 Leva ao teu fiel Povo alta notícia<sup>666</sup>  
 Tanto gostosa quanto a nós propícia.
- No romoto país da Zona ardente 25  
 Qual júbilo espalhou da Fama o brado?  
 Exultou de prazer a baça gente,<sup>667</sup>  
 De quem, mais que temido és adorado:  
 Quanto é bela, Senhor, a singeleza  
 De amor leal na voz da natureza! 30
- Se à tua grande Mãe<sup>668</sup> ele se humilha  
 No parabém da suspirada Prole,  
 Deixa que à tua amável Real Filha<sup>669</sup>  
 Beijando a mão Augusta se console;  
 E por mim seu amor tudo lhe ofereça 35  
 Quanto possui, e em seu terreno cresça. [possui?]
- A abóbada dos Céus fendida, e rota  
 Pelos votos lustrais que tem subido  
 Teu nome, e o da Augustíssima CARLOTA\*<sup>670</sup>  
 Inda acima das nuvens tem erguido; 40  
 Nem falta quem por doce empresas tome  
 Fazer crescer os troncos com teu nome.<sup>671</sup>
- Os desmedidos volumosos troncos,  
 Eis que d'entre os seus bosques dezarreiga<sup>672</sup>,

<sup>666</sup> **Alta notícia:** A nomeação de D. João como regente constituiu um ato importante não apenas para o Brasil – “alta notícia” - como para Portugal – “propícia” notícia - trazendo novas perspectivas para ambos.

<sup>667</sup> **Baça gente:** provável referência à gente mestiça do Brasil.

<sup>668</sup> Alusão a Europa.

<sup>669</sup> Alusão a América.

<sup>670</sup> **Carlota:** refere-se a Carlota Joaquina\*

<sup>671</sup> Referência aos troncos familiares advindos desse casamento.

- E vai colher entre os seus matos brancos 45  
 Com pacífica face, branda, e meiga  
 Lenhos que domem com teu nome os mares,<sup>673</sup>  
 E aromas que perfumem<sup>674</sup> teus altares.
- Não é tão rico assim da Aurora o berço,  
 Ásia um tempo vaidosa, hoje lhe cede: 50  
 Quanto pelas três partes tem disperso<sup>675</sup>  
 A natureza junto lhe concede.  
 Já o novo Salomão eu te contemplo,<sup>676</sup>  
 Eis as riquezas para o novo Templo.
- Se abriu para um JOÃO seu rico seio, 55  
 Se a cr'ôa de oiro, e pedras lhe esmaltara  
 Vale mais grande Príncipe ao que eu creio  
 O grato novo dom, que te prepara:  
 Oferta corações, puros, constantes  
 Que valem mais que o oiro, e que os diamantes. 60
- Tu verás co's teus lusos de mistura (p. 6)  
 A teu mando as Brasílicas falanges,  
 Ou as precise a paz, ou a guerra dura  
 Marchar aonde com teu nome abranges:  
 Nem terão as Nações prova primeira 65  
 Da Fé, da lealdade Brasileira.<sup>677</sup>
- Mas eis que novamente o voo eu tomo,  
 Sigo sem tino a pública alegria;  
 Já deixo a terra, já ousado assomo

<sup>672</sup> **Desarreiga:** ou **desarraiga** significa arrancar, extirpar. O primeiro é mais usado em relação a um sentimento: arrancar do peito, da alma, etc., provável alusão à descendência de D. João e/ou aos troncos transformados em destemidas caravelas. O segundo estaria ligado a arrancar algo concreto como troncos de árvores dos bosques como no v. 44. O Poeta parece alargar o sentido da palavra, sintetizando as duas acepções do termo.

<sup>673</sup> Referência à fabricação de navios para a esquadra portuguesa.

<sup>674</sup> Referência aos perfumes do Oriente.

<sup>675</sup> Referência às outras três partes do mundo: Europa, África e América.

<sup>676</sup> Num rasgo encomiástico, compara D. João\* a Salomão e seu Reino ao Templo deste.

<sup>677</sup> Caldas deixa transparecer o seu patriotismo provavelmente exaltado pelas saudades do Brasil.

Aonde o tempo os tempos principia.  
Lísia <sup>\*678</sup> meu vaticínio não desprezes  
Ficai em paz ditosos Portugueses,

70

Eu vejo para vós principiados  
Séculos pelo Céu abençoados.

Domingos Caldas Barbosa

---

<sup>678</sup>**Lísia\***: alusão a Portugal

**Tomo II – Parte 4**

---

[ 38. ]

**A Feira da Luz**

Librado sobre as asas

O Deus de Amor eu vi girar três dias:

Desce ao Campo da Luz\* entra nas Casas:

Com ele as inquietas Alegrias

Os travessos Prazeres,

5

Desassossegam homens, e mulheres.

Ora poisava em ariçadas tranças

Ora se vê a furto em olhos belos

Semeando esperanças,

Que dão por triste fruto horríveis zelos

10

Ora em peito se esconde,

E ali existe, e não se sabe aonde.

No lugar em que o Povo compra, e vende,

Ali pertende Amor ter lucro grande,

Subtis laços estende,

15

Nem algum há que ali seguro ande,

Dão-se arriscados passos,

E eu vi a mais de cem cair nos laços.

Destra beleza ufana passeava,

Turba imensa a seguia:

20

Com estudados gestos cativava,

E nunca se rendia,

A seus grilhões já presos

Vi muitos corações em vão acesos.

- Martezia que de livre assim blasona,<sup>679</sup> 25  
 E que tantos cativa  
 Por entre as ruas de baeta<sup>680</sup>, e lona  
 Faz rabear a escrava comitiva,  
 E vai ao torpe bando  
 Desgraçados rivais acrescentando. 30
- Pendem d'um lado matizadas fitas,  
 Bordadas coifas, lenços mil galantes,  
 Várias plumas bonitas,  
 Lindas caixas, anéis extravagantes,  
 Com que o destro caixeiro 35  
 Faz do que pouco val muito dinheiro.
- De preparada concha a um lado alvejam  
 Pequenos corações com letras d'oiro,  
 Lêem-se ali expressões, que se desejam.  
 Um acha o seu agoiro; 40  
 E número infinito  
 Poupa em curto letreiro um longo escrito.
- De um anfíbio animal malhada casca<sup>681</sup>  
 Dera os subtis anéis, que vende aos fios  
 Graciosa tarasca,<sup>682</sup> 45  
 E os grosseiros bonecos d'assobios,  
 E as azuis, e encarnadas charamelas,<sup>683</sup>  
 E os molhos de perpétuas amarelas.
- Já Martezia lá vai a recostar-se  
 Em certo mostrador, defronte eu fico; 50  
 Basta ela chegar-se

---

<sup>679</sup> **Blasonar-se:** jactar-se.

<sup>680</sup> **Baeta:** tecido felpudo de lã.

<sup>681</sup> **Anfíbio de malhada casca:** tartaruga

<sup>682</sup> **Tarasca:** do espanhol, mulher feia.

<sup>683</sup> **Charamela:** Instrumento de sopro a modo de trombeta direita de madeira forte, com buracos; espécie de flauta pastoril.

O pobre vendedor se torna rico:  
     Qual virtude eu conheço  
 Do que a ela lhe agrada sobe o preço.

Vãos peraltas lá vão em competência, 55  
 Qual ofertar-lhe a fita primorosa,  
     Qu'aceita por decência;  
 Qual leva por ofr'enda graciosa  
     Um coração bem feito,  
 Tão frágil como o que lh'esconde o peito. 60

Esta volante, e frouxa bateria  
     Não pode inda rendê-la;  
 E é falso amor, amor de zombaria,  
 O que se lê nos lindos olhos dela:  
     E já Cupido irado 65  
 Tem digno vencimento destinado.

As magras bolsas dão o último alento,  
     E esta beleza invicta  
 Bem livre canta o próprio vencimento:  
 Fria isenção terríveis leis lhe dita, 70  
     E astuta resistindo  
 Os deixou ir chorando, e ficou rindo.

Mas não zombes, cruel, que pouco tarda  
     A vingança d'Amor,  
 A quem tua isenção não acobarda, 75  
     Teme o teu vencedor,  
 Mil setas despontaste, mas espera  
 A que de Acrísio\*<sup>684</sup> a prole já rendera.

---

<sup>684</sup> **Acrísio\***: filho de Abante e Aglaia, uma das três Graças (ver Três Graças\*) foi morto por seu neto Perseu como rezava a profecia do oráculo.

- Fogosos brutos entr'espuma envoltos  
 Duro freio raivosos mastigando 80  
 Param aonde os Amorzinhos soltos  
 Os virtuosos corações tentando  
 Escreveram atentos  
 A lista de futuros casamentos.
- Desce o moço Frondélio, então retine 85  
 O som das algibeiras  
 Não tarda que Martezia não se incline  
 Às vozes lisonjeiras  
 De oiro sempre suave,  
 Qu'ao peito sem virtude é própria chave. 90
- Venceste, astuto Amor, enfim venceste  
 Já Martezia delira,  
 Não fazem todos o que fez só este,  
 A cruel já suspira,  
 Mas seu vil interesse é desprezado 95  
 Alvícaras, Amor, estás vingado.
- Incautos Moços, conheci o engano,  
 E nele contempalai o que eu contemplo,  
 E para o outro ano,  
 Lembrando o conto que vos dou d'exemplo, 100  
 Ninguém fiar se queira  
 Em achadiços corações da feira.
- Ler. Sel.

**Tomo II – Parte 4**

---

[ 39. ]

**Carta a Frondelio / em que o A. conta a nova paixão por / Anfriza.**

Enquanto à sombra dos nodosos freixos  
 Sentado à borda do apoucado rio,  
 Vê no fundo rolar os alvos seixos,  
 E c'ó farpado anzol no longo fio  
 Tiras a engano as salpicadas trutas, 5  
 Que se recolhem nas limosas grutas:

Amor, travesso, Amor, as redes colhe,  
 Em que muitos prendeu, e em quem me prende,  
 E Anfriza, a bela Anfriza é quem escolhe  
 Para os sucessos que só ele entende. 10  
     Frondelio, ouve a verdade,  
 Já perdi a guardada liberdade.

Não valeu o raivoso juramento  
 Quando me desatei de Livia ingrata  
 Inda as vozes rolavam com o vento 15  
 Eis em novas prisões Amor me ata,  
 E Anfriza... Anfriza, como Livia bela;  
 Temo que seja ingrata como aquela.

Caro Frondelio, e não compadeces  
     De me veres tornado 20  
     Aos males que conheces?  
 Tem compaixão do Amigo desgraçado.  
 Provaste a força já deste delírio;  
 Sim, há de condoer-te o meu martírio.

Torno a ter as algemas nos meus pulsos, 25  
Sinto os membros convulsos,  
E cuido o coração ter em pedaços.  
Torno ao cruel, e bárbaro costume  
De gemer de saudade, e de ciúme.

Não peço a Amor me solte, não, só peço 30  
Que conserve o meu bem sempre segura,  
Qu'eu muito bem conheço  
Como é vária, inconstante a formosura,  
E entre imensos rivais  
Temo a Fortuna, e não o amor dos mais. 35

Ler. Sel.

## Tomo II – Parte 4

---

[ 40. ]

### As Doentes

Entre os frescos arvoredos

Divertia meus cuidados,

Quando em rústicos penedos

Vi Razão, e Amor tentados,

Tratando mútuos segredos. 5

O arco, as frechas, a aljava

Nas mãos, nos ombros não via

Amor desarmado estava,

E a Razão alegre ria,

E co'meigo Amor brincava. 10

Com que pasmo, e confusão

Maravilhado parei,

Palpitou-me o coração,

Pois que nunca Amor achei

Tanto unido co'a Razão. 15

Notando estive o lugar,

Aquele era menino aquele,

Qu'aos da serra ouvi contar,

Que Cíntia\*<sup>685</sup> descia a ele,

Quando Amor a fez amar. 20

Então na mente agitada,

Que coisas eu revolvía,

Da conversa nunca usada

---

<sup>685</sup> **Cíntia:** Ver **Artemis** no índice onomástico. Alusão ao grande amor de Cíntia, Órion, que ela mesm matou, enganada por seu irmão gêmeo Apolo. Na sua dor, transformou-o na constelação de Órion assim preservando-o para a eternidade..

- Eu esperava, eu temia  
Sem poder acertar nada. 25
- Ergue aos Céus vista divina,  
E os dedos das mãos cruzando  
Grita Amor: pobre campina...  
E três vezes suspirando  
Clama Alcina, Alcina, Alcina. 30
- Sua voz nas penhas soa,  
E Eco entre elas escondida  
Imitando-o o nome entoa,  
E a voz no ar estendida  
Por todo o bosque ressoa. 35
- É a Razão quem sossega  
A Amor aflito, e queixoso,  
Abraça-o, à face o chega,  
E ele muito mais choroso  
À sua mágoa se entrega. 40
- Em soluços continua  
Alcina, Alcina adorada,  
Que crueldade é a sua?  
Tens ódio à viçosa estrada,  
Qu'até Cíntia chama sua. 45
- C'o bando dos meus amores  
Esperava acompanhar-te,  
E teus olhos matadores  
Me pouparam força, e arte  
Para render os Pastores. 50

Já tuas gentis amigas

Me cortaram loiro, e palmas;  
 Mas Alcina é bem qu'ó digas,  
 Qu'inda restam duras almas  
 Do meu Império inimigas. 55

Inda estava assim bradando

Esta meiga Divindade,  
 Eis qu'à pressa caminhando  
 A solícita Amizade  
 Vem o caro Irmão buscando. 60

À esperta Razão saúda,

Depois a Amor brandamente  
 Diz que à sua Alcina acuda,  
 Porque Alcina está doente;  
 Solta um ai, o gesto muda. 65

Quando tal notícia ouviram

Razão, e Amor se assustaram,  
 Mil perguntas repetiram,  
 Mudos para o chão olharam  
 E depois todos suspiram. 70

Que mal? Perguntava Amor,

Como! gritava a Razão  
 E eu ao mútuo dissabor  
 Sentia o meu coração  
 Palpitar de susto, e dor. 75

Então a meiga Amizade

O antigo mal descrevia,  
 E o triste Irmão persuade,  
 Qu'a Medicina já ia  
 Vencendo do mal metade. 80

- Eis que Amor isto efetuando,  
 O vejo tornar tranquilo,  
 Pede que o sucesso infando  
 Se lhe conte, e para ouvi-lo  
 Junto à Irmã se vai sentando. 85
- Da outra parte a Razão  
 Seriamente se assentava,  
 E encostando a face à mão  
 Já da Amizade escutava  
 A funesta narração. 90
- Anda a doença fatal  
 Perseguindo a Natureza;  
 Nada a resistir-lhe val,  
 E quer mostrar que a Beleza  
 Também não é imortal. 95
- A Armânia\* atacou ferina,  
 Nem já respeitou Marília,  
 Tanto em maldade refina,  
 Que vai perturbar Emília,  
 E vem assustar Alcina. 100
- Amor não quis ouvir mais,  
 Toma d'um Nume a presença,  
 E arrancando sérios ais  
 Quer disputar à doença  
 Seus privilégios fatais. 105
- Ouvi seu alto clamor,  
 Ele já vai socorrê-las,  
 E dizia em seu furor,

Que pertence às que são belas  
Só adoecer de amor. 110

Já ia em tanta aflição  
Armar-se de arco, e de aljava,  
Sustem-lhe o braço a Razão,  
E a Amizade suplicava  
Precisa quietação. 115

Ninguém tenta Amor suster  
Quem tanto ousar, fuja, e trema,  
Amor faz tudo o que quer,  
Nem arte val, nem sistema  
De Amor deve adoecer. 120

Por entre a vereda estreita  
Voa Amor ferindo as gentes,  
A Razão seu vôo espreita,  
E vê que às suas doentes  
Vai preparar a receita<sup>686</sup>. 125

Ler. Sel.

---

<sup>686</sup> **Nota do Autor** [v. 125]: *Estes Versos precederam às cantigas da Receita de Amor, que irão nos folhetos Viola de Amor, que se darão com brevidade ao Público.* [Provavelmente o Poeta se refere à futura *Viola de Leren* embora nenhum poema com o título *Receita de Amor* conste dessa obra.]

## Tomo II – Parte 4

[ 41. ]

**No dia em que os Poetas Amigos de Lerenó<sup>687</sup> / o ajudaram a louvar o Benigníssimo /  
Benfeitor / O Ilustríssimo, e Excelentíssimo / Senhor / José de Vasconcelos, e Sousa, /  
Conde de Pombeiro\*, / Regedor das Justiças &c. &c. &c. / Na presença de S.  
Excelências.<sup>688</sup>**

Estes Vates, os sonoros vates,<sup>689</sup>

Que no sagrado asilo,

Em qu'a vossa piedade o tem, e acolhe,<sup>690</sup>

Para si, para vós Lerenó escolhe:

Eu só não bastarei; não posso tanto,

5

E não louvadas ficarão, e ocultas

As Virtudes que são

Próprias a exemplo, dignas de lição.

Cem mãos não tenho, em que ocupar cem penas,

E bem qu'a Centilingue assaz me ajude,

10

Devem dar-me socorro outras Camenas\*;<sup>691</sup>

Tanto dá que louvar vossa virtude.

<sup>687</sup> **Vates amigos de Lerenó:** os árcades da Nova Arcádia amigos de Caldas Barbosa e patentes no *Almanak das Musas* eram: Francisco Joaquim Bingre, Belchior Manoel Curvo de Semedo Torres de Sequeira, D. Francisco Xavier de Meneses (4º Conde da Ericeira), João Baptista de Lara, Joaquim Franco de Araújo Freire Barbosa, José Agostinho de Macedo, José Thomaz da Silva Quintanilha, Ignácio da Costa Quintanilha, Luis Corrêa da França Amaral, André da Ponte do Quental e Jerônimo Martins da Costa. Havia outros que não estão publicados no *Almanak*.

<sup>688</sup> Beneficiado: Se Caldas assina como Beneficiado, este poema só poderia ter sido escrito depois de 1787, data em que D. Maria I assinou o alvará de sua mercê. Podemos ainda considerar que Caldas tenha escrito esse poema no momento da publicação da Parte 4 do *Almanak das Musas*, dado à estampa em 1794.

<sup>689</sup> Era norma arcádica que os poetas vestissem “a capa da humildade retórica”, atestando humildemente a sua incapacidade de louvar o seu Benfeitor, razão pela qual invoca não só o auxílio dos poetas seus amigos como de outras Camenas (v. 11). Brandão, Roberto de Oliveira (2000 : 50 e 51).

<sup>690</sup> Referência à acolhida oferecida pelo Conde de Pombeiro a Caldas Barbosa em casa de quem morava e onde recebia os amigos às tradicionais *Quartas-feiras de Lerenó*. Seus aposentos davam o Largo conde de Pombeiro, onde é hoje a Embaixada da Itália. Nessa mesma morada, o apartamento de Caldas tinha entrada independente.

<sup>691</sup> **Camenas:** Aqui faz referência aos seus amigos poetas que o virão ajudar a louvar as virtudes do Conde de Pombeiro à semelhança das Camenas, as verdadeiras ninfas.

Inspira tu, inspira, ò digna Esposa<sup>692</sup>  
 Do meu excelso Herói, cara metade,  
 Tão linda, e tão formosa, 15  
 Como é linda, e formosa a sã Verdade.

Não procuro o pincel, não peço as cores  
     Com que Graças\*, e Amores\*  
 De mãos dadas co'a sábia Natureza  
 Em ti formaram singular Beleza. 20

Oh! Arte divinal, dos Céus mandada  
     Para cantar seus dons;  
 De Amira\* honrar as graças não estudes,  
 Voemos mais, honremos-lhe as virtudes.

Claro exemplo de Filhas, e de Esposas, 25  
     E de Mãe<sup>693</sup>, doce exemplo  
 A providente Musa há-de guardar-te  
     Da Memória no Templo.<sup>694</sup>

Dos Lusos um momento abençoado  
     Há-de ser sempre aquele, 30  
 Em qu'este Esposo te doou o Fado;  
 Ele é digno de ti, tu digna dele.

Limpa torrente que de Heróis dimana<sup>695</sup>  
 Vossos troncos ilustres fertiliza;<sup>696</sup>  
 Ah! Quanto a grata gente Lusitana 35  
 A vossa estirpe Augusta especializa.

<sup>692</sup> **Digna Esposa:** Referência a D. Maria Rita \*, esposa do Conde de Pombeiro \*.

<sup>693</sup> D. Maria Rita\* é considerada pelo poeta como exemplo para todas as filhas, todas as esposas e mães.

<sup>694</sup> **Templo da Memória:** alusão ao templo de Mnemósine\*, deusa da memória e mãe das nove musas.

<sup>695</sup> **Dimana:** brota, deriva.

<sup>696</sup> **Troncos ilustres:** Referência aos ancestrais dos Condes de Pombeiro e de sua esposa.

Não, o Sábio José<sup>697</sup> ouvir não deve  
 Dos seus Maiores a sabida História,  
 Qu' o meu ardente zelo hoje se atreve  
 A sua separar de alheia glória. 40

Títulos, cargos, honras, afastai-vos,  
 E tu, antiga estimação herdada,  
     Para outros guardai-vos,  
 Qu' o meu Herói não necessita nada.

Vós, a que o Reino Luso deve tanto 45  
 Fortes Monizes \*<sup>698</sup>, grandes Vasconcelos,  
     Fosteis os seus modelos,  
 Mas eu mais alto o meu Herói levanto.

Escuta, escuta, ó Filho afortunado:  
     Vê respeitável Filho, 50  
 Vê o caminho pelos teus trilhado,  
 Da glória a estrada tem diverso trilho.

Pendem elmos, alfanges, broquéis, malhas  
     Da Memória no Templo,  
 Ah! Se te chama o Nume das Batalhas<sup>699</sup> 55  
 Tu não precisas d'um estranho exemplo.

Da outra parte, ó novo Conde,<sup>700</sup> observa,  
     Qual te brinda Minerva\*,  
 Se ao paternal exemplo não te escusas,  
 Junto ao teu lado vão sentar-se as Musas. 60

<sup>697</sup> **Sábio José**: alusão a D. José Luis de Vasconcelos e Sousa, 6º Conde de Pombeiro\*.

<sup>698</sup> **Monizes**: alusão a Egas Moniz e a Martim Moniz .

<sup>699</sup> **Nume das Batalhas**: alusão à divindade que inspira nas batalhas, isto é, Marte, deus da guerra, equivalente ao grego **Ares**, filho de Juno e de Júpiter.

<sup>700</sup> **Novo Conde**: provável alusão à data do casamento (29-NOV-1783) de D. José Luis de Vasconcelos com D. M. Rita de Castelo Branco Correia e Cunha, 6ª Condessa de Pombeiro e 1ª Marquesa de Belas quando adquiriu os mesmos títulos de sua mulher. Nesse caso, portanto, este poema pode ter sido escrito c. 1783, data do casamento dos Condes de Pombeiro.

Honra, honra às Camenas  
 Sê, como o Pai<sup>701</sup>, seu protetor, e amigo;  
 Terás em teu serviço as doutas penas,  
 Antes deste o Parnaso era mendigo.

Fita uma vez a irresoluta vista 65

Decide-te, decide-te  
 A qual caminho abalançar-te queres:  
 A idade chama já<sup>702</sup>, mais não esperes.  
 Eis formosas Virtudes sociáveis,  
 Qu'a teu amável Pai sempre acompanham; 70  
 Elas querem guardar-te,  
 E, aonde quer que vás, acompanhar-te.

Ah! Chega, chega a vê-las  
 Co'a linda tropa dos Irmãos formosos,  
 E os olhos paternais sempre piedosos 75  
 Movem, movem-nos elas.

Eis qu'à Justiça faz alçar o ferro  
 Eis que alargueia os passos a Piedade:  
 Punindo o vício, e separando o erro 80  
 Ouve com dor a voz da Humanidade.

Deixo o rígido ofício,  
 Aonde a Lei seu coração constringe,  
 E mesmo para honrá-lo  
 Deixo o Juiz, e só no homem falo. 85  
 Aos Parentes terníssimo Parente,<sup>703</sup>  
 Aos Amigos o mais fiel Amigo,

<sup>701</sup> José de Caminha Vasconcelos e Souza Távora Faro e Veiga, 4º Conde e 1º Marquês de Castello Melhor, comendador de Pombal, donatário de Funchal (1706 – 1769).

<sup>702</sup> **Idade:** Se o poema foi escrito c. 1783, data do casamento de José de Vasconcelos e D. Maria Rita, o Conde de Pombeiro teria 43 anos.

<sup>703</sup> Este verso e os seguintes aludem às qualidades de ser humano do Regedor de Justiças, Conde de Pombeiro, sempre dedicado à sua família, aos amigos e aos desvalidos.

Para o grande, e pequeno sempre humano,  
E mais que humano para o que é mendigo.

Fostes perdida, ó adorada Prole, 90  
O Mundo, o pobre Mundo precisava  
Não sucessor dos cargos lisonjeiros,  
Mas de Virtudes sãs dignos herdeiros.

Em vão se jactem outros  
De trazer Povos a seu carro atados, 95  
José faz infelizes venturosos;  
Mais do que aos homens é vencer aos Fados,

Eu mesmo, eu sou exemplo,<sup>704</sup>  
Ouvem-me em roda gratos companheiros,  
Respiramos aqui uma aura pura, 100  
José venceu a nossa má ventura.

A gratidão no peito me bafeja,  
Um fogo ativo que a meus hinos cresta,  
As asas com qu'ao Céu subir forcejam,  
Em vão fracos adejam, 105  
Rojo na Terra: não, não posso tanto,  
Vates amigos, ajudai meu Canto.

Disse.

*O Beneficiado Domingos Caldas Barbosa.*

---

<sup>704</sup> **O exemplo:** Caldas demonstra o quanto ele e seus amigos vates são felizes sob a proteção do Conde de Pombeiro, pedindo-lhes, portanto, que o ajudem a louvá-lo pois se sente incapaz de o fazer sozinho.

**Tomo II – Parte 4**

---

[ 42. ]

**Epístola a Belmiro Transtagano**<sup>705</sup>

Caro Belmiro, meu prezado Amigo,  
 Sábio filhos d’Apolo, a quem as Musas  
 De verdejante loiro a fronte cingem:  
 Como é possível, que em teu dócil peito  
 Infame ingratidão entrar pertenda? 5  
 Como é possível, que deixar intentes  
 Sem motivo real, sem justa causa,  
 A nossa Arcádia em triste soledade.  
 Queres abandonar fiéis amigos,  
 Qu’estremecem por ti, que por ti choram 10  
 E que jamais da cândida amizade  
 Souberam quebrantar as leis sagradas,  
 Por loucura dum Zoilo arrebatado!  
 Ah! Vê Belmiro meu, vê que é impulso.  
 Se os altos Numes da razão fizeram 15  
 Brilhar em ti a tocha inextinguível,  
 Não apenas queiras ofuscar luzes tão belas  
 Entre as sombras do ódio, e da vingança.

Que não diria a gente ajuizada,  
 Se obrar te vira assim errado, e louco? 20  
 Diria, que eras tal, qual o sujeito,  
 Por quem deixar-nos queres secamente;  
 Pois se este foi ingrato em conspirar-se

---

<sup>705</sup> Castilho, Antonio Feliciano de (1867 : 88): “Na parte IV do *Almanak das Musas*, impressa em 1794 pela Arcádia, aparece entre outras produções antibocagianas uma epístola a Belmiro, sem assignatura, e talvez de Caldas” Esta Carta trata de assunto pertinente a Caldas Barbosa e sua autoria pode ser comprovada pelo teor do poema. Deve tê-lo escrito no auge das desavenças entre os poetas da Academia de Belas Letras e Bocage que foi especialmente impiedoso em relação a Belmiro Transtagano. Dando provas de seu carácter conciliador, Caldas Barbosa aconselha Belmiro (pseudônimo de Belchior Curvo de Semedo) a não ceder às invectivas de Bocage, seu inimigo.

Contra o seu próprio amigo, e companheiro,  
 Tu ingrato és também, pois que pertendes 25  
 Deixar tantos amigos, tantos sócios,  
 Que jamais em seus dias te ofenderam.  
 Que não diria o Mundo se observasse,  
 Que sendo tu dos Sócios primitivos<sup>706</sup>,  
 Que este Corpo a formar principiaram, 30  
 E que tens aumentado a sua Glória  
 Com assíduas fadigas literárias,  
 Tentavas hoje, o nome teu manchando,  
 Deixá-lo, e semear nele discórdia,  
 Que noutro tempo em teus sonoros Versos 35  
 Fugir fizeste d'aprazível margem  
 Do cristalino Tejo, em férreo carro  
 Tirado por horríveis negros monstros  
 Té ao centro do Baratro profundo.  
  
 Que não diria o mesmo teu Contrário?<sup>707</sup> 40  
 Cheio de presunção talvez dissesse,  
 Que a tua retirada era receio  
 De repetires Versos junto a ele.  
 Ah! Meu prezado Amigo, eu te recordo,  
 O que o Grande Boileau dizia destes. 45  
 Dizia, que mais útil lhe era o ódio,  
 E a vil mordacidade de mil Zoilos,  
 Que sempre os Versos seus caluniavam,  
 Que seu fraco talento, a quem a França  
 Continuamente dava mil louvores. 50  
 Eles sabem livrar-me, ele dizia,  
 A cada passo de cair em erros,  
 E assim de seus malévolos furores  
 Venho sempre a tirar grande proveito

<sup>706</sup> Alusão à fundação da Academia de Belas Letras por Francisco Bingre, Curvo Semedo e Joaquim Severino Ferraz de Campos por volta de 1790.

<sup>707</sup> Alusão a Bocage, o agressor.

Cuidadoso evadindo as minhas faltas. 55  
Eis aqui, meu Belmiro, o que tu deves  
Obrar embora como prudente, e sábio.  
Deixa chover mil Sátiras infames;  
Que a justa imparcial Posteridade  
Lerá os Versos teus cheia de assombro. 60

E em vez de abandonares esta Arcádia  
Como, ingrato Belmiro, projetavas,  
De mãos dadas c'os teus fiéis Alunos,  
Que te estimam, que te amam, que te adoram,  
Façamos que ela venha a ser olhada 65  
Com respeito dos Povos do Universo.

[Sem assinatura]

## Tomo II – Parte 4

[ 43. ]

**Festas / na Real Quinta de Queluz\*, / Descritas em uma carta / de Lerenio Selinuntino**

Pois chega a Moda ao Pindo\*, eu sigo a Moda,  
 Desato os Versos das prisões da Rima<sup>708</sup>,  
 E soltos correrão mais facilmente  
 A apresentar-se as mal lançadas linhas  
 Com que eu empreendo o portentoso quadro 5  
 Do sincero prazer, Nacional glória,  
 Com qu' aos fiéis ditosos Portugueses  
 A viçosa Queluz brindou três Dias<sup>709</sup>.

Para aqui, meu Albano<sup>710</sup>, é qu' eu careço  
 Do pincel delicado, e finas cores, 10  
 De que te serves quando o esmero d' arte  
 Mostras nas ruas naturais pinturas,  
 Mas talvez do rascunho tirar possas  
 Coisa qu' a melhor forma reduzida  
 C' os toques magistras, que dar costumias, 15  
 Do augusto original mais digna seja.<sup>711</sup>

Eu mal desenho os três formosos Dias,  
 Qu' o almo<sup>712</sup> Tempo havia preparado  
 Para ofertar ao Príncipe da Lísia<sup>713</sup>,  
 Que o tinha destinado ao prazer Luso 20

<sup>708</sup> **Prisões da Rima:** alude ao novo uso de versos soltos ou brancos, desvencilhando-se da obrigatoriedade do esquema das rimas, dispensando inclusive as rimas toantes cf. seu exemplo na “Carta Primeira a Arminda” (v. 545 a 561).

<sup>709</sup> **Brindou três dias:** Provavelmente se referia aos grandiosos festejos pelo nascimento da primogênita de D. João e D. Carlota Joaquina, M. Teresa de Bragança, Princesa da Beira (Queluz, 23/ABR/1793-Trieste, 17/JAN/1874), descritos na Gazeta de Lisboa de 31/AGO/1793, sendo D. João já Regente. *apud* Ferro, M. Inês (1997 : 41.).

<sup>710</sup> **Albano:** pseudônimo do poeta José Ferreira Barroco.

<sup>711</sup> Nesta estrofe Caldas Barbosa evidencia o conceito de Horácio da “pintura poética” na expressão *ut pictura poesis*, relação entre a pintura e a poesia.

<sup>712</sup> **Almo:** adorável, delicioso, encantador.

<sup>713</sup> **Lísia:** termo que designa ora Portugal, ora Lisboa. Neste caso, refere-se a Portugal.

Vai atento comigo, e pensa um pouco,  
 Ao qu' o Príncipe amável os destina;  
 E verás como é digno do alto Império,  
 Que lhe dá seu direito, o nosso gosto.

Já do amor do seu Povo persuadido, 25  
 E da glória, que dele em nós transfunde,  
 Bem como o convidamos, nos convida  
 A festejar a dádiva celeste,  
 Qu' o Céu dera à Nação, quando lha dera  
 C' os Vassallos igual neste interesse, 30  
 Por quanto o bem do Trono é bem do Povo  
 Quis co' o Povo fiel congratular-se.

O Mes, que viu nascer o Grande Augusto,<sup>714</sup>  
 E que a glória da Lísia agora marca,  
 Nunca nas margens do famoso Tejo 35  
 Apareceram com dias tão formosos.  
 E nem Pórcio<sup>715</sup>, nem Sírio<sup>716\*</sup> os perturbaram  
 Com o usado furor raivoso, e ardente;  
 Antes benignas nuvens interpostas  
 Entre o Sol, e a Terra moderaram 40  
 Calor próprio da estação adusta.<sup>717</sup>

Os furiosos ventos recolhidos  
 À gruta Eólia\* livres sós deixaram,  
 Dos brincadores Zéfiro\* as chusmas  
 Mover as folhas, menear os frutos, 45  
 E beijar brandamente as tenras flores.

<sup>714</sup> **Mês que viu nascer:** Refere-se à data de nascimento de D. José I\*, 20/AGO/1761.

<sup>715</sup> **Porcio\*:** Alusão a Porcio Festus\*, nomeado por Nero como governador da Judeia, provavelmente entre 58 e 60 d.C. Durante os seus dois anos de governo teve que enfrentar inúmeras agitações sociais, políticas e religiosas. Ao morrer deixou a Judeia em uma situação de total anarquia.

<sup>716</sup> **Sírio:** estrela da constelação do Cão Maior, anunciava as cheias do Nilo, pois aparecia no céu antes do solstício de Verão.

<sup>717</sup> **Estação adusta:** Verão

Vê, como se enfeitou a linda Aurora,  
 Que já vem o primeiro conduzindo<sup>718</sup>;  
 Escuta, como as aves a saúdam:  
 Sobre as asas das horas estendida 50  
 A serena manhã lá vem passando:  
 Enquanto o Gênio tutelar dos Lusos,  
 Afasta os sonhos, que revoam ledos  
 Entre o Real JOÃO, Real consorte,  
 E em meio dos amores, e das graças 55  
 Os chama para a pública alegria.

Entram primeiro no sagrado Templo,  
 Eu os vejo, eu os oiço agradecidos  
 Curvados ante o Trono honrar humildes  
 Ao que governa a sorte dos Impérios, 60  
 E ajuntar sua voz aos sacros Hinos  
 De Amor, de Gratidão, e de Fé pura.  
 Qu'os Portugueses ao seu Deus enviam:  
 Oiço o Ministro da Palavra santa,  
 Que lhes diz, qual seja o modo 65  
 De merecermos tanto ao Céu piedoso,  
 Qu'ouviu, que despachou as nossas preces.  
 Há tempo para tudo, diz a lenda,  
 Há tempo de rezar, de brincar tempo  
 Sempre foi a Eutrapélia<sup>719</sup> uma virtude. 70

Assim passou esta manhã festiva  
 Devota, mas devotamente alegre,  
 Eis já o dia a declinar começa  
 E o sol do seu Zênite<sup>720</sup> já vai descendo,  
 A tarde o lindo rosto desafronta, 75  
 E nos mostra o prazer qu'inda lhe cabe.

<sup>718</sup> **Primeiro conduzindo:** alusão ao Sol que Aurora, toda enfeitada, conduz, trazendo o dia.

<sup>719</sup> **Eutrapélia:** virtude cujo objetivo é moderar os ditos de forma a que agradem.

<sup>720</sup> **Zênite:** o ponto do céu vertical a cada ponto do globo terrestre. Neste caso, o meiodia, sol a pino.

Em larga praça ressoar se escutam  
 Os famosos clarins, marciais timbales<sup>721</sup>,  
 E os outros instrumentos sempre próprios  
 Para privar da multidão o gosto, 80  
 Era o sinal de que chegava aquele  
*De Portugal delícias, e esperança.*

Tu Augusto JOÃO, tu mesmo ouviste,  
 A voz geral do coração dos Lusos  
 Por uma, e muitas vezes explicar-se: 85  
 Tu viste c'os reais afáveis olhos,  
 O modelo qu'o Mundo hoje carece  
*De fiéis servos, de leais Vassalos.*

Perdoa, caro Albano, arrebatei-me,  
 Cuidei qu'o meu bom Príncipe me ouvia: 90  
 Por ilusão de amor tenho-o presente,  
 É mais meu, do que teu, eu provo à pressa:  
 Do Trono Português é inda herdeiro,<sup>722</sup>  
 Mas é Príncipe já da Pátria minha.

Debuxemos a Praça, ai qu'eu não posso, 95  
 Cai-me o lápis da mão, eu me confundo,  
 Nem posso figurar quanto ali vejo.

Mentiram os Poetas, sim mentiram,  
 Albano, não são três somente as graças\*:  
 Se houvesse um Páris\* para dar um pomo 100  
 Em prêmio da beleza, hoje perplexo,  
 Muito mais que o do Ida<sup>723</sup> aqui se achara!  
 Ali estavam... não, não tas nomeio,  
 Que talvez não conheces, colhe os votos,

<sup>721</sup> **Timbale:** instrumento musical; espécie de tambor de cobre em forma de meia laranja; tocam-se dois ao mesmo tempo por isso a forma no plural é mais frequente. Usam-se na cavalaria.

<sup>722</sup> **Herdeiro:** alusão a D. João\* que recebeu o título de Príncipe do Brasil ao se tornar herdeiro da Coroa com a morte prematura, em 1788, de seu irmão D. José \*, Duque de Bragança e Príncipe da Beira, acometido de varíola.

<sup>723</sup> **Ida:** Monte em que Páris foi abandonado por sua mãe Hécuba logo que nasceu. Ver. Índice onomástico: **Páris** \*.

- E a maioral de Belas\*<sup>724</sup> (vou contigo, 105  
 E repito o que tu já propuseste:)  
 É mais bela que Vênus, e em virtudes  
 Às que chamaram Deusas sei qu'excede.
- Eu mal rascunho a multidão daqueles  
 De Ilustre nome, e ilustre sangue herdeiros, 110  
 Netos d'Heróis, qu'o Reino, e qu'os domínios  
 À custa do seu sangue dilataram,  
 E ao Trono próprio assim restituíram.<sup>725</sup>  
 Os Augustos Avós de quem o ocupa;  
 Os que servem na paz, na guerra servem 115  
 A Deus, ao Príncipe, à Nação inteira  
 Esteios próprios a suster o peso  
 Da abóbada fatal da Monarquia.  
 Própria ao abrigo de um prudente Povo.
- Agora os semi-círculos qu'eu traço 120  
 São para desenhar o giro, e as voltas,  
 Que vêm a dar airosos cavaleiros  
 No jogo marcial nunca esquecido  
*Da Portuguesa ardente mocidade.*
- Dezasseis airosíssimos mancebos 125  
 Giram a Praça em voltas concertadas,  
 Dos soberbos ginetes vão medidos  
 Os passos na gentil escaramuça,  
 E o freio mastigando não se avançam  
 Mais do que quer o cavaleiro destre. 130  
 A mistura das cores dos vestidos,  
 E das plumas qu'ondeiam engraçadas,

<sup>724</sup> **Maioral de Belas:** Refere-se à Condessa de Pombeiro\*, D. Mariana de Assis Mascarenhas, a outra graça além das três. Era proprietária da Quinta de Belas\* Ver: Índice onomástico: **Belas, Quinta de.**

<sup>725</sup> Provável alusão a D. João I pois o patrimônio de Queluz incluía todos os bens confiscados aos simpatizantes de Castela após a Restauração e a subida no ao trono do Duque de Bragança que opusera fim a sessenta anos de domínio espanhol (1589-1640). à Restauração em 1640, graças ao duque de Bragança, futuro D. João IV, contra o domínio filipino em Portugal. *apud* Ferro M. Inês (1997 : 13).

Fazem o jogo muito mais vistoso.

Uso antigo é dos nossos o ensaiar-se<sup>726</sup>

Nesta guerra de brinco a fera guerra: 135

Correm-se airosamente as longas lanças,

Corta afiado ferro as leves canas,

Tornam-se nos broquéis<sup>727</sup> as alcancias,<sup>728</sup>

E mostram ao seu Príncipe, brincando,

Qu'os tem já prontos, quando forem veras. 140

Ficam no Campo quatro a quem se lançam

Os bravos animais das meias luas,

Eis qu'o toiro feroz solta um mugido,

E co'a rachada unha rasga a terra;

Curva a cabeça, e furioso parte, 145

E o destro Cavaleiro esquiva o golpe,

E de tal arte o ferro agudo encrava,

Qu'a borbotões despeja o sangue, a vida.

De pé também não falta quem se arroje

Ao animal raivoso qu'o procura: 150

A destreza do pé salva o Capinha,<sup>729</sup>

E a destra forte mão embebe a espada

No peito d'outro bruto, que cai morto

A noite parecia que esperava,

Que este guerreiro jogo se acabasse, 155

Para apagar da luz do dia o resto:

Já começava a desdobrar o seu manto

Recamado de nítidas Estrelas

<sup>726</sup> A arte equestre em Portugal é muito antiga. No final do século XVII já o 1º Marquês de Marialva e, no XVIII, o 4º M. Marialva (contemporâneo de D. C. Barbosa), deram-lhe uma contribuição excepcional que influenciou a equitação e as touradas portuguesas até nossos dias. Os Marialva ocuparam sempre cargo de Estribeiros-Mor da Corte. Em 1748 D. João V fundou a Picaria Real. Desde 1955 o Palácio de Queluz abriga a Escola Portuguesa de Arte Equestre com cavalos lusitanos da raça portuguesa de Alter.

<sup>727</sup> **Broquéis:** broquel; escudo pequeno e redondo de madeira, forrado de couro forte, com o seu brocal. Tinha no meio uma espécie de umbigo de metal ou diamante que cobria a embaçadeira que estava por dentro.

<sup>728</sup> **Alcancias** ou **alcanzia:** do árabe: significa bola de barro ôca que se arremessava cheia de flores ou de outros mimos nas cavalladas antigas.

<sup>729</sup> **Capinha:** toureiro a pé que tem na mão a capa.

Com qu'ao digno louvor vinha assistir-nos.

Mas que pasmo, ó amigo, o seu seria, 160

Vendo que a preveniram mãos humanas,

E a arte poude em fim desvanecê-la?

Parecia, qu'o Céu na terra estava,

E a clara habitação do Pai das Luzes

Eu vi no plano de Queluz viçosa: 165

As Pilastras de luz, de luz cornijas

Plintas<sup>730</sup>, e Capitéis, Bases, e Socos:

Era fonte de luz, a que foi d'água,

Estátuas, Pedestais, Árvores, Flores,

De uma matéria lúcida era tudo. 170

Muito mais m'enganei, quando de um vôo

Eu vi subir um Globo além das Nuvens,

Ao som das ajustadas harmonias:

Então cuidei que de prazer a impulsos

Os Globos das Esferas desatados, 175

Soltos vagavam pelo Céu, e terra.

Mas acordei enfim do alegre sonho,

Quando vi passeando afáveis gratos,

O Augusto JOÃO co'a Augusta Esposa,

A que os servos fiés as mãos beijavam. 180

Vês essa Nuvem qu'eu desenho a um lado,

Os êxtases de gosto aí confundo,

Qu'inesperada honra fez em todos,

E demos este dia assim por findo,

Porqu'eu confesso não poder com tanto 185

Temo que a rouca voz desonre o Canto.

Ler. Selinunt.

---

<sup>730</sup> **Plintas:** ou plintos, termo de arquitetura. Indica peça quadrangular que serve de base a uma coluna ou um pedestal.

## Índice de primeiros versos

A cabana de Tirse qu'eu respeito . . . . .	144
A Fresca sombra d'um cerrado bosque, . . . . .	254
Aceita, Ilustre Menino, . . . . .	188
Arde em raivas Diana, eu o conheço . . . . .	145
Arminda, cuja beleza . . . . .	192
Basta de Amores, minha Musa, basta: . . . . .	150
Bela Mãe de Filhos belos . . . . .	159
Cansada a natureza, ou preguiçosa . . . . .	152
Caro Belmiro, meu prezado Amigo . . . . .	304
Com a terna Amizade, Amor lutava . . . . .	137
De uma gruta no seio cavernoso . . . . .	142
De mirradas <i>Perpetuas</i> amarelas . . . . .	149
Deixa q'a Lira . . . . .	185
Eia, Príncipe Augusto, ouviste o canto . . . . .	284
Eis-me a vossos pés prostrado, . . . . .	252
Enfeitam Graças a formosa trança, . . . . .	153
Enquanto à sombra dos nodosos freixos . . . . .	292
Entre os frescos arvoredos . . . . .	294
Escurece-se o ar, troa em redondo , . . . . .	146
Estes os Vates, os sonoros vates, . . . . .	299
Eu canto a Majestade, o Fausto, a Pompa . . . . .	235
Eu vivo ainda, ó Inclita Lisboa, . . . . .	148
Graças ao meu trabalho, que eu já vejo . . . . .	217
Hoje é dia de oblação . . . . .	279
Já fatigado de forçar vãmente . . . . .	154
Já que te chega a ventura, . . . . .	268
Librado sobre as asas . . . . .	288
Mirradas pernas, e mirrados braços; . . . . .	147
Musa, basta de silencio, . . . . .	180
Musa, mandam-nos pintar . . . . .	169
Não vês, cruel, o Cedro corpolento, . . . . .	141
Negras nocturnas aves agoiraram . . . . .	138
Neste Dia fatal, infausto Dia, . . . . .	139
No Dia, em que teus dias começaram, . . . . .	151
O Torvo Inverno sobre pardas nuvens . . . . .	262
Ouve, ó Mecenas, que de Reis descendes, . . . . .	233
Pois chega a Moda ao Pindo, eu sigo a Moda, . . . . .	307
Qual enxame de abelhas sussurrando . . . . .	265
Que gloria! Que capricho! Que esperança . . . . .	274
Se eu vejo o forte, o impávido Tebano, . . . . .	143
Se um despido pobre viste . . . . .	163
Todos querem saber quem seja Arminda, . . . . .	140
Versos, q'Amor, e q'a Razão ditara . . . . .	136

## Índice onomástico

**AFONSO V, D.**<sup>731</sup>: (1432-1481), o Africano, filho do rei D. Duarte e de D. Leonor de Aragão. Casado com sua prima direita. D. Isabel, filha de D. Pedro, duque de Coimbra e irmão de D. Duarte.

**AFONSO VI, D.**<sup>732</sup>: (ver Pedro II, D.)

**ALBUQUERQUE, D. Matias de**<sup>733</sup>: (1547-1609), militar português, 32º Governador da Índia e 15º vice-Rei da Índia, era descendente de Afonso de Albuquerque. Serviu na Índia por mais de 30 anos, combatendo e alcançando importantes vitórias, como em Mangalore (1566) e na defesa de Goa, que encontrava-se sitiada em 1571. Entre 1584 e 1588 foi capitão da fortaleza de Ormuz, onde procedeu aos trabalhos de reparação da fortaleza. Como vice-rei, teve fama de administrador honesto e conseguiu vitórias em Ceilão e Malabar. É considerado um dos mais respeitados governantes da Índia Portuguesa. Casou-se com Filipa de Vilhena sem deixar descendente.

**ALORNA, Marquesa de - Leonor de Almeida Portugal de Lorena e Lencastre** (Lisboa, 31/OUT/1750 — Benfca, 11/OUT/1839), era filha de D. João de Almeida Portugal, conde de Assumar. Devido ao atentado contra o rei D. José I, o Marquês de Pombal ordenou a execução e a prisão de vários membros da família Távora à qual pertencia D. João de Almeida Portugal que permaneceu preso enquanto sua mulher e suas filhas foram encarceradas no mosteiro de São Felix, em Chelas de 1758 a 1777. Só depois de dezoito anos, por morte do rei D. José I e, subindo ao trono D. Maria I, esta mandou libertar os prisioneiros do Estado momento em que D. João de Almeida Portugal recuperou a sua inocência. No convento D. Leonor se entregou ao estudo das obras de Rousseau, Voltaire, Montesquieu e da Enciclopédia de D'Alembert e Diderot, dedicando-se à composição de poesias que alcançaram fama. Conhecia a fundo várias línguas, tinha uma vasta instrução científica, desenhava e pintava admiravelmente. Seu pai enviava-lhes com dificuldade cartas escritas a que a jovem começou a responder, desde que completou 11 anos de idade. Desde os anos de reclusão em Chelas, D. Leonor se destacava pelo seu gênio poético, recebendo o nome de Alcipe e participando brilhantemente nos *outeiros* realizados no convento. Ao sair do convento tinha 27 anos. Casou em Lisboa em 1779 com Carlos (Pedro Maria José) Augusto (1739- 1793) Conde de Oyenhausen-Groewenbourg na Austria e Conde do Sacro Império Romano, tendo vivido em Viena e no Porto. Sua importante obra poética e suas cartas são hoje objeto de estudo minucioso e vêm sendo publicadas com o devido reconhecimento por seu valor.

<sup>731</sup> Ver: *Eu canto a Majestade, o Fausto, a Pompa*, v. 39, Anexo 1.

<sup>732</sup> Ver: *Musa, basta de silêncio*, v. 23, Anexo 1. *Eu canto a Majestade, o Fausto, a Pompa*, v. 23, Anexo 1.

<sup>733</sup> Ver: *Se um despido pobre viste*, v. 50, Anexo 1.

**ÁLVARES PEREIRA, NUNO**<sup>734</sup>: (1360 – 1431), também conhecido como o Santo Condestável ou simplesmente Nun'Álvares, foi um nobre e guerreiro português do século XIV que desempenhou papel fundamental na crise de 1383-1385 quando esteve em causa a independência de Portugal contra Castela. Por ocasião da morte do Rei Dom Fernando de Portugal em 1383, sem herdeiros, D. Nuno foi um dos primeiros nobres a apoiar as pretensões de João, o Mestre de Avis, à coroa, como D. João I. Depois de sua primeira vitória frente aos castelhanos na batalha dos Atoleiros em que pela primeira vez se combateu a pé em Portugal, em Abril de 1384, D. João de Avis o nomeou Condestável de Portugal e Conde de Ourém. Em Agosto desse ano, D. Nuno Álvares Pereira mostrou o seu génio militar ao vencer a batalha de Aljubarrota.

**AMARAL, Luís Correia da França e**, (Lisboa, 1725-1808). Bacharel formado em Leis pela Universidade de Coimbra, exerceu cargos da magistratura. Membro da Arcádia Lusitana (1779) e da Academia de Belas Letras (1790) com o pseudônimo de Melyzeo Cylenio. Autor de várias obras: *Melyseo Cylenio* (1764), *Idyllos morais* (1783), que compôs sobre as quatro estações do ano, *D. Maria Telles: tragédia em três atos, tirada da historia portuguesa* (1808) entre outras e de várias obras avulsas, algumas das quais publicadas no *Almanak das Musas* de Domingos Caldas Barbosa em 1793. Foi um dos que mais provocaram a ira de Bocage, que o flagelou por vezes com pungentes sátiras.

**AMIRA**<sup>735</sup>: nome árabe da Condessa de Pombeiro.

**ANTONIO MARIA DE CASTELO BRANCO, D.**<sup>736</sup>: (ver Castelo Branco)

**AÔNIA**<sup>737</sup>: (ver Aônio)

**AÔNIO**<sup>738</sup> ou Áon: filho de Netuno deu o nome aos Montes Aônios, na Beócia, região da Grécia a nordeste do golfo de Corinto, também chamada de Aônia.

**ARCEBISPO CONFESSOR**: (ver: São Caetano, Inácio de)

**ARCOS, Conde dos**: Manuel José Antonio de Noronha e Menezes, 2º filho varão do 4º Marquês de Marialva\*. Pelo casamento com D. Juliana Xavier de Lancastre, 7ª Condessa dos Arcos de Vale de Vez, recebeu dela o título de 7º Conde dos Arcos. Na Quinta da Murteira, entre Samora Correia e Salvaterra de Magos no Ribatejo, perdeu a vida num brinco de touros em 1778, causando profunda consternação.

**ARMÂNIA**<sup>739</sup>: (ver Mariana de Assis Mascarenhas)

**AVEIRAS, 5º CONDE DE**<sup>740</sup>: D. Duarte Rodrigo da Câmara (13/OUT/1693 – 29/JUN/1779), filho do 2º conde da Ribeira Grande. Recebeu o título de 5º Conde de Aveiras por seu casamento em 13/JUN/1720 com D. Inês Joaquina Ana Antonia Isabel da Hungria da Silva Telo de Meneses, 5ª Condessa de Aveiras. Era senhora e herdeira de toda a casa,

<sup>734</sup> Ver: *Se um despido pobre viste*, v. 26, Anexo 1.

<sup>735</sup> Ver: *Estes os Vates, os sonoros vates*, v. 23, Anexo 1. *Apud* Assis Barbosa, Domingos Caldas, *Viola de Lerenó*, nota 1, p. 213.

<sup>736</sup> Ver: *Deixa q'a Lira, Título*, Anexo A. *Aceita, Ilustre Menino*, Título, Anexo 1.

<sup>737</sup> Ver: *Musa, basta de silêncio*, v. 23, Anexo 1.

<sup>738</sup> Ver: *Deixa q'a Lira*, v. 37, Anexo 1.

<sup>739</sup> Ver: *Já que te chega a ventura*, v. 2, Anexo 1. *Entre frescos arvoredos*, v. 96, Anexo 1.

<sup>740</sup> Ver: *Eu canto a Majestade, o Fausto, a Pompa*, v.334, Anexo 1.

senhorios, vínculos e padroados da casa que administrava seu pai, o 4º Conde de Aveiras, D. Luis da Silva Telo de Meneses (1682-1741). Este era casado desde 1700 com D. Maria Inácia de Távora, filha do 1º conde de Alvor. O título de Conde de Aveiras foi instituído por carta do Rei Filipe III de 24 de fevereiro de 1640 a favor de João da Silva Telo e Meneses (1600-1651). D. Duarte serviu no exército como voluntário desde 1709. Foi tenente-general, conselheiro de Guerra, governador das Armas do Alentejo, depois da Estremadura, deputado da Junta dos Três Estados, gentil-homem da casa do Infante D. Francisco, veador da Rainha D. Maria Ana, gentil-homem da Câmara de El-Rei D. João V. Em segundas núpcias, o D. Duarte casou-se em 08/FEV/1746 com sua sobrinha D. Constança Manuel (1719-29/AGO/1791), filha de João Manuel de Noronha, 6º conde de Atalaia e 1º Marquês de Tancos e sucessora de seu pai em todos os senhorios, alcaidarias-mores e comendas, tornando-se, com a morte deste em 1761, 7ª Condessa de Atalaia e 2ª Marquesa de Tancos. D. Duarte recebeu, portanto, o título de Marquês de Tancos que lhe foi tornado extensivo no dia do casamento por carta de D. João V. Com a morte de D. Duarte, o Conde de Aveiras e, em virtude de ser Camareira Mor de D. Maria I de Portugal, foi elevada a Duquesa de Tancos por carta de 22/ABR/1790.

**AVEIRAS, 6º CONDE DE**<sup>741</sup>: D. Francisco da Silva Telo e Menezes, (Lisboa 01/JAN/1723 -05/JAN//1808), 6º Conde de Aveiras, 1º marquês de Vagos. O título de Conde de Aveiras foi instituído por carta do Rei Filipe III de 24 de fevereiro de 1640 a favor de João da Silva Telo e Meneses (1600-1651). Foi o primogênito do primeiro casamento de D. Duarte Rodrigo da Câmara, 5º Conde de Aveiras com D. Inês Joaquina Ana Antonia Isabel da Hungria da Silva Telo de Meneses, 5ª Condessa de Aveiras. Era senhora e herdeira de toda a casa, senhorios, vínculos e padroados da casa que administrava seu pai, o 4º Conde de Aveiras, D. Luis da Silva Telo de Meneses (1682-1741) o qual se casou em 1700 com D. Maria Inácia de Távora, filha do 1º conde de Alvor. O título de Conde de Aveiras foi instituído por carta do Rei Filipe III de 24 de fevereiro de 1640 a favor de João da Silva Telo e Meneses (1600-1651). D. Francisco da Silva Telo e Menezes foi governador de Évora, encarregado do governo das Armas da Corte e Província da Estremadura, no impedimento do duque de Lafões, Conselheiro da Guerra, Mordomo-Mor da princesa D. Maria Francisca Benedita, Grã-Cruz da Ordem de Cristo. Em 2 de Fevereiro de 1802, D. João VI de Portugal criou o título de Marquês de Vagos a seu, título que sucedeu a este e que desde então passou a ser usado pelos herdeiros presuntivos dos Marqueses de Vagos. Seus antepassados, pertencentes às mais nobres famílias do Reino, sempre estiveram ligados à Corte na condição de Conselheiros de Estado e da Guerra, Regedores da Justiça, Vice-Reis da Índia. Seu filho, D. Nuno da Silva Telo e Meneses Corte-Real (1746-1813), foi o 2.º Marquês de Vagos e 7º conde de Aveiras, tendo ocupado o cargo de Estribeiro-Mór na corte de D. João VI.

**BARBOSA, Cônego Januário da Cunha.** (10/JUL/1780), tomou ordens sacras em 1803 e no ano seguinte fez viagens a Lisboa, voltando ao Rio de Janeiro em 1805. Era sobrinho de Domingos Caldas Barbosa. Em sua passagem por Lisboa. É provável que o cônego Januário tivesse travado contato com pessoas do convívio de Caldas, cujo falecimento se dera havia apenas quatro anos.

**BARBOSA, Joaquim Franco de Araújo Freire, Abade de Almoster** (Cascais, ? – morreu entre 1807 e 1812). Homem de grande cultura, conhecia música mas demonstrava pouco talento. Foi correspondente da Academia Real das Ciências de Lisboa e sócio da Academia de Belas Letras (1790) com o pseudônimo de Corydon Neptunino. Aí se distinguiu menos pelos dotes literários do que por se um dos maiores antagonistas de Bocage contra quem escreveu

<sup>741</sup> Ver: *Eu canto a Majestade, o Fausto, a Pompa*, v.241, Anexo 1.

inúmeras sátiras. Alguns de seus poemas esparsos foram publicados no *Almanak das Musas* de Domingos Caldas Barbosa (1793).

**BECKFORD, William Thomas** (01/OUT/1760-02/MAI/1844), foi um excêntrico aristocrata inglês, romancista, crítico de arte, escritor de viagens e político, tendo herdado a fortuna paterna de cerca de um milhão de libras, incluindo propriedades e plantações de açúcar na Jamaica e o título de barão. Recebeu educação esmerada: aulas de piano, arquitetura, pintura e línguas, Francês, Latim, Italiano e Alemão, tendo, já adulto, acrescentado o Português, o Espanhol e o Árabe a esta lista. O seu envolvimento emocional com o seu jovem primo Hon (William Courtenay, o 9.º barão de Devon), tornou-se no maior escândalo sexual da Inglaterra sob George III e apressou o seu exílio na Europa Continental, o Grand Tour de Beckford (Itália, Portugal e Espanha), para o qual levou a sua mulher e onde esta haveria de falecer ao dar à luz o seu primeiro filho, um ano depois do casamento. Beckford nunca mais voltou a casar. Foi muito bem recebido em Portugal mas as notícias do escândalo que o obrigara a sair de Inglaterra perseguiam-no e a comunidade britânica opunha-se à sua permanência no país, tendo sido forçado a ir para a Espanha. Foi perseguido nos últimos anos da sua vida devido à sua homossexualidade. Deixou obras de valor: *Memoirs of Extraordinary Painters*, 1783, *Dreams, Waking Thoughts and Incidents*, 1780, *Vathek*, 1786, *Italy; with Sketches of Spain and Portugal*, *Recollections of an Excursion to the Monasteries of Alcobaca and Batalha*.

**BELAS, QUINTA DE**<sup>742</sup>: a origem da Quinta de Belas remonta a D. Afonso Henriques, passando por D. Pedro I e por D. João I. Sabe-se que, anos mais tarde, Filipe II é recebido pelos Marqueses de Belas, D. António de Castelo Branco da Cunha e D. Maria da Silva, décimo primeiros senhores de Pombeiro. No século XVII, a propriedade recebe importantes melhoramentos empreendidos pelo 1º Conde de Pombeiro, D. Pedro Castelo Branco da Cunha e, já no século XVIII, o 4º Conde de Pombeiro, D. Luís de Castelo Branco terá edificado a ermida do Senhor da Serra. A Quinta sofreu danos com o terremoto de 1755, necessitando obras de reconstrução. Em 1770 os jardins são modificados por acção do 5º Conde de Pombeiro, D. António de Castelo Branco, quando adquire a famosa fonte de Neptuno, proveniente do palácio lisboeta dos Condes da Ericeira. Em 1793 celebra-se o casamento de D. Maria Rita Castelo Branco Correia e Cunha, 6ª Condessa de Pombeiro com D. José Luís de Vasconcelos e Sousa, segundo varão dos primeiros marqueses de Castelo Melhor, tornando-se primeiros Marqueses de Belas. Realizam grandes melhoramentos na sua propriedade que acolhe então numerosos artistas e intelectuais, designadamente os membros da Nova Arcádia, tendo à frente o poeta Domingos Caldas Barbosa. Sua última obra - *Descrição da Grandiosa Quinta dos Senhores de Belas* (Lisboa, 1799) - descreve poeticamente a propriedade. Nesse tempo os condes de Pombeiro realizam aí grandes festas, cujo ponto alto foi, em 1795, a visita do príncipe regente D. João e de D. Carlota Joaquina, fato que é celebrado por um obelisco colocado no jardim. Em 1878 a propriedade é vendida pelo 3º Marquês de Belas, D. António de Castelo Branco Correia e Cunha Vasconcelos e Sousa, a seguir D. Virgínia Ferreira de Almeida que, posteriormente, em 1942, é adquirida pelo industrial Júlio Martins, o qual promove uma remodelação do palácio, sob orientação do Arquitecto Raul Lino. Após as cheias ocorridas em 1968/1969, as agitações políticas de 1975 determinam o saque dos edifícios da propriedade, sendo danificado o grupo escultórico do obelisco. Finalmente, entre 1994/1995, as obras da CREL fazem passar o viaduto rodoviário sobre parte da Quinta.

**BINGRE, Francisco Joaquim**, (Canelas, Estarreja 09/JUL/1763 – 26/MAR/1865) filho de Manuel Fernandes natural da mesma freguesia e de Ana Maria Clara Hebinge, natural de

<sup>742</sup> Ver: *Pois chega a Moda ao Pindo, eu sigo a Moda*, v. 105, Anexo 1.

Viena de Áustria. Seus pais se mudaram para Lisboa a fim de participar nos negócios de seus parentes alemães ali instalados. Na capital realizou os seus estudos, durante os quais ficou patente a sua preferência por temas literários. Dotado de uma capacidade de improvisação notável, participando de todo e qualquer outeiro, serenata ou função em que fosse convidado na companhia de Manuel Maria Barbosa du Bocage. Foi o principal fundador da Academia de Belas Letras também conhecida como a Nova Arcádia de Lisboa sob o pseudónimo arcádico de *Francélio Vouguense*. Tem quatro poemas publicados no *Almanak das Musas* de Domingos Caldas Barbosa (1793). Foi um dos árcades que se manteve distante da querela entre eles e Bocage. A par do espírito do seu tempo, foi sob a influência do pré-romantismo que Bingre compôs uma vasta obra, distribuída por sonetos, odes, sátiras, madrigais, farsas, elegias, fábulas cançonetas, epístolas, hinos, etc. Dos colegas literários recebeu o cognome de "Cisne do Vouga". Poeta arcádico e pré-romântico português, famoso em vida na sociedade portuguesa, veio a ser quase olvidado nos séculos seguintes. A sua obra foi pela primeira vez coligida numa edição crítica da professora Vanda Anastácio, sendo impressa em seis volumes (2000-2005) pela Editora Lello & Irmão. Contudo a sua obra é ainda desconhecida para muitos portugueses e a leitura dos seus versos ainda não faz parte dos programas de História de Literatura Portuguesa.

**BOCAGE**<sup>743</sup>: (Setúbal, 15/SET/1765- 21/DEZ/1805) Manuel Maria Barbosa du Bocage, neto de um Almirante francês, filho do bacharel José Luís Soares de Barbosa e de Mariana Lestoff du Bocage. cedo revelou a sua sensibilidade literária que o ambiente familiar propício incentivou. Uma boa parte da sua vida é pouco conhecida como, por exemplo, o seu percurso estudantil, embora sua obra demonstre seu conhecimento dos clássicos, das mitologias gregas e latina, francês e latim. A identificação das mulheres não é clara. Aos 16 anos assentou praça no em Setúbal e aos 18 alistou-se na Marinha. Embarcou posteriormente para Goa como oficial. Fez escala no Rio de Janeiro e na Ilha de Moçambique, chegando à Índia em Outubro de 1786. A sua estadia neste território caracterizou-se por uma profunda desadaptação e por um descontentamento que retratou em alguns sonetos satíricos. Destacado para Damão, desertou, embarcando para Macau, tendo regressado a Lisboa em meados de 1790. Vivenciou a boémia lisboeta, frequentou os cafés que alimentavam as ideias da revolução francesa, satirizou a sociedade estagnada portuguesa, desbaratou, por vezes, o seu imenso talento. Suas primeiras publicações datam de 1791, 1798 e 1804. No início da década de noventa, envolveu-se aguerridamente com os poetas da Nova Arcádia, atacando-os com inúmeros poemas cáusticos. Por suas ideias revolucionárias, foi finalmente preso e encarcerado no Limoeiro em 1797, tendo sido libertado no ano seguinte. Em 1800, iniciou a sua tarefa de tradutor para a Tipografia do Arco do Cego. A partir de 1801, até à morte por aneurisma, viveu em casa por ele arrendada no Bairro Alto, naquela que é hoje o nº 25 da travessa André Valente.

**BOMBELLES, Marquês Marc-Marie de** (1744-1822) foi designado Embaixador da França em Portugal, tendo permanecido no cargo durante dezoito meses, entre 1786 e 1788. Homem de fino trato, culto, inteligente e religioso, dedicou sua vida à carreira militar e diplomática, vindo a falecer no cargo de Bispo de Amiens. Durante seus quase oitenta anos e graças ao seu espírito inquieto e perscrutador, redigiu minuciosa e persistentemente um diário no qual deixou registradas observações inestimáveis sobre acontecimentos de que foi testemunha como homem e como diplomata. Os dezoito meses passados em Portugal estão registrados de forma abrangente. Retrata o universo da vida portuguesa, revelando os meandros do quotidiano em que muitos dos aspectos teriam caído em total esquecimento: a realeza, os

<sup>743</sup> Ver: *Musa, basta de silêncio*, v. 15, Anexo 1. *Graças ao meu trabalho, que eu já vejo*, v. 24, Anexo 1.

nobres, o cerimonial, a sociedade em geral, eventos políticos, religiosos e civis, casas nobres, os militares, a diplomacia, etc.

**BONET**<sup>744</sup>: Juan Pablo Bonet (1573-1633) foi um padre renascentista espanhol, nascido em Zaragoza, educador e pioneiro na educação de surdos. Bonet publicou o primeiro livro sobre o assunto em 1620, em Madrid, com o título *Reducción de las letras, y arte para enseñar a hablar los mudos*

**BORGONHA, Henrique de**<sup>745</sup>: o conde Henrique de Borgonha era bisneto de Roberto I da França e pai de Afonso Henriques.

**BORRALHO, Manoel da Fonseca**<sup>746</sup>: natural de Santarém, perito nos preceitos da gramática latina, e nas regras da poética, autor da Arte Poética barroca, *Luzes da Poesia descobertas no Oriente de Apollo nos influxos das muzas, divididas em três Luzes Essenciais*. Como poeta foi artífice da técnica de metrificação.

**BROÇAS E MONSANTO**<sup>747</sup>: municípios da Espanha na província raiana de Cáceres, na Extremadura. Aí se encontra a fortaleza de Brozas ou Castillo de la Encomienda Mayor de Alcántara. A construção abarcou o período que vai do século XIV ao século XVII. Da primeira etapa resta a torre de menagem e a última fase construtiva remonta ao período da nossa guerra da Restauração. É curioso encontrar aí os escudos de Filipe II e do português Cristóvão de Moura, 1º Marquês de Castelo Rodrigo, secretário do rei, na altura considerado um traidor pelos portugueses.

**CALDEIA**: Antiga civilização que viveu por volta de 10.0000 a.C., na região entre os rios Tigre e Eufrates, reunindo sob seu domínio os sumérios e os assírios. Era dividida em pequenos estados florescentes como mostram monumentos dessa época remota. Em escavações realizadas, encontraram-se muitas inscrições em caracteres cuneiformes do mais primitivo estilo arcaico, atestando um alto grau de cultura. Foram os inventores da ciência da matemática, do primeiro calendário e da arte da escrita.

**CÂMERA, Joaquim Manoel Gago da**, (Rio de Janeiro, c. 1770 – idem, c. 1830) músico brasileiro contemporâneo de Caldas Barbosa, esteve em Portugal provavelmente entre 1794 e 1819. No Rio de Janeiro morava na estrada de Matacavalos, atual rua do Riachuelo, onde possuía uma chácara. Compositor de modinhas das quais 20 foram harmonizadas e publicadas por Sigismund Neukomm em Paris, 1822, e postas à venda em Lisboa entre 1823-1824. A primeira gravação integral destas modinhas foi registrada no CD *20 Modinhas de Joaquim Manuel da Câmara/Sigismund Neukomm* por Luiza Sawaya e Pedro Persone, 1998.

**CAMPO DA LUZ**<sup>748</sup>: essa região ainda era assim chamada no final do século XVIII. Hoje está envolvida pelos bairros do Benfica e de Carnide. A Infanta D. Maria, filha de D. Manuel, foi a responsável pela construção de dois edifícios nesse então também denominado sítio da Luz. O primeiro deles é a Igreja de Nossa Senhora da Luz, ainda hoje em funcionamento e que possui obras de arte notáveis, assinadas por F. Venegas e Henrique Ferreira por volta de 1715. O segundo edifício foi o hospital Nossa Senhora dos Prazeres, fundado em 1618. Em 1814 nele se instalou o Colégio Militar (antigo Real Colégio Militar). O fato de este Colégio se situar no sítio da Luz originou o epíteto dado a seus alunos: “Meninos da Luz”.

<sup>744</sup> Ver: *Graças ao meu trabalho, que eu já vejo*, v. 144, Anexo 1.

<sup>745</sup> Ver: *Graças ao meu trabalho, que eu já vejo*, v. 125, Anexo 1.

<sup>746</sup> Ver: *Armanda, cuja beleza*, v. 75, Anexo 1.

<sup>747</sup> Ver: *Eu canto a Majestade, o Fausto, a Pompa*, v. 104, Anexo 1.

<sup>748</sup> Ver: *Librado sobre as asas*, v. 3, Anexo 1.

**CAMPOS, Joaquim Severino Ferraz de**, (Lisboa, 1760 ? – 1813 ?). Escrivão da Junta do Depósito público, foi sócio da Academia de Belas Letras (1790) com o pseudônimo de *Alcino Lisbonense*. Algumas de suas poesias esparsas foram publicadas no *Almanak das Musas* de Domingos Caldas Barbosa (1793).

**CARLOS III**<sup>749</sup> (1711-1740), Arquiduque da Áustria, filho de Leopoldo I e futuro Carlos VI da Austria. Fez valer seus direitos sucessórios ao trono espanhol, fazendo-se aclamar em Viena, a 12 de Setembro de 1703, como Carlos III da Espanha, à revelia de Filipe V, herdeiro da coroa por indicação testamentária de Carlos II, antecessor deste último. Desejava dominar a região da Catalunha para impedir qualquer avanço que ameaçasse a Áustria ou a Itália. Entendeu fazer de Portugal a base das operações contra seu adversário Filipe V, tendo desembarcado em Lisboa a 9 de Março de 1704, durante o reinado de D. Pedro II, seu aliado. Deixou a cidade em 1705, entrando triunfalmente em Barcelona como Carlos III para se fixar na Catalunha. As tropas portuguesas contra Filipe V foram comandadas, entre outros, por Fernando de Mascarenhas, futuro 1º Marquês de Fronteira, título recebido em memória das acirradas batalhadas travadas na fronteira com Espanha, próximo às praças de Monsanto, território português e Broças, na fronteira com Espanha. Um fato inesperado alterou o curso dos acontecimentos: em abril de 1711 morria o imperador austríaco José I. Seu irmão, o arquiduque Carlos herdava a coroa e, portanto, deixava Barcelona rumo a Viena. Em 1713 as potências aliadas não austríacas decidiram negociar a paz, assinando com Luis XIV o Tratado de Utrecht em 1713, reconhecendo definitivamente Felipe V como rei da Espanha.

**CARLOTA JOAQUINA**<sup>750</sup>: Carlota Joaquina Teresa Cayetana de Borbón y Borbón, Infanta de Espanha, Princesa do Brasil (25/04/1775-07/01/1830) filha primogénita do rei Carlos IV de Espanha e de sua esposa Maria Luísa de Parma. Casou-se com D. João (D. João VI) em 08/MAI/1785.

**CASTELO-BRANCO, Antonio de Castelo Branco e Cunha**<sup>751</sup>: (c. 1645-1696), 2º Conde de Pombeiro, casado com Leonor Maria de Faro (c. 1660). Filho de D. Pedro de Castelo-Branco da Cunha, 1º conde de Pombeiro (c. 1620) e de D. Luisa Ponce de Leon.

**CASTELO-BRANCO, Gonçalo Vaz Castelo-Branco de**<sup>752</sup>: (+ c. 1430), 1º Senhor e Conde de Vila Nova de Portimão casado com Leonor Vasques Soares. Segundo filho de Lopo Vaz de Castelo-Branco (+ c. 1380) e de Catarina Pessanha (+ c. 1380).

**CASTELO-BRANCO, Lopo Vaz de**<sup>753</sup>: (+ c. 1380), filho de Vasco Pires de Castelo-Branco \* e de Leonor Vasques Soares.

**CASTELO-BRANCO, Nuno Vaz de**<sup>754</sup>: (+ c. 1400), 10º almirante de Portugal, casado com Filipa de Ataíde (+ c. 1420). Primogénito de Lopo Vaz de Castelo-Branco (c. 1380) e de Catarina Pessanha (+ c. 1440).

**CASTELO-BRANCO, D. Pedro de**<sup>755</sup>: (c. 1480-1548), almirante, casado com Mécia de Camões, era filho de Nuno Vaz de Castelo-Branco \*, e de Filipa de Ataíde.

<sup>749</sup> Ver: *Eu canto a Majestade, o Fausto, a Pompa*, v. 94-98-173, Anexo 1.

<sup>750</sup> Ver: *Eia, Príncipe Augusto, ouviste o canto*, v. 39, Anexo 1.

<sup>751</sup> Ver: *Se um despido pobre viste*, v. 66, Anexo 1.

<sup>752</sup> Ver: *Se um despido pobre viste*, v. 38, Anexo 1.

<sup>753</sup> Ver: *Se um despido pobre viste*, v. 44, Anexo 1.

<sup>754</sup> Ver: *Se um despido pobre viste*, v. 28 e 48, Anexo 1.

<sup>755</sup> Ver: *Se um despido pobre viste*, v. 53, Anexo 1.

**CASTELO-BRANCO, Vasco Pires de**<sup>756</sup>: (+ c. 1350), cujo nome de batismo era Vasco Pais de Paiva. Tendo vivido em Castelo-Branco e por suas grandes ações, se chamou Castelo-Branco. Foi alcaide-mór da Covilhã e Monsanto. Casado com Leonor Vasques Soares, avô de Nuno Vaz de Castelo-Branco\*.

**CASTELO MELHOR**<sup>757</sup>: (ver: Vasconcelos e Sousa, Antonio José)

**CID**: (Vivar, 1043 - Valência, 1099), Rodrigo Díaz de Vivar, chamado de **El Cid** (do mourisco *sidi*, "senhor") também referido como *Campidoctor*, foi um nobre guerreiro espanhol cuja vida e cujos feitos se tornaram lendários, sobretudo devido à canção de gesta - *Canción de Mio Cid* - datada de 1207 que relata suas façanhas.

**CONDE DA CALHETA**: (ver: Vasconcelos e Sousa, D. Antonio José)

**CONDE DE POMBEIRO - FILHOS**<sup>758</sup>: Os 6os. Condes de Pombeiro, D. José Luis e D. Maria Rita, tiveram nove filhos: D. Antonio Maria de Castelo Branco Correia e Cunha Vasconcelos e Sousa (1785-?); D. Maria José Vasconcelos e Sousa (1787-1827); D. José de Castelo Branco Correia e Cunha Vasconcelos e Sousa (1788-1872); D. Anna de Castelo Branco (1789-1856); D. Rita de Castelo Branco (1790-1868); D. João de Castelo Branco (1793-1861); D. Mariana de Castelo Branco (1794-1862); D. Joaquina de Castelo Branco (1795-1857); D. Guiomar de Castelo Branco (1804-1807).

**CONDE DE POMBEIRO**: (ver: Vasconcelos e Sousa, D. José Luis).

**CONDESSA DE POMBEIRO**<sup>759</sup>: Maria Rita de Castelo Branco Correia e Cunha (05/ABR/1769 - 03/MAI/1832), 6ª Condessa de Pombeiro e 1ª Marquesa de Belas, dama de honor de D. Maria I. Filha de D. Antonio Joaquim de Castelo Branco Correia e Cunha (07/MAI/1745) e de D. Ana Vitória Xavier Teles (21/SET/1741), por sua vez, filha dos quintos Condes de Unhão. Por morte de seu pai, em 1784, ficou sendo a 17.ª senhora de Pombeiro, 14.ª senhora do morgado de Castelo Branco, em Santa Iria, termo de Lisboa, 12.ª senhora de Belas, 12.ª senhora da Alcaidaria-mor de Vila Franca de Xira; senhora do ofício de capitão da Guarda Real dos Archeiros. Foi, além de dama de honor da rainha D. Maria I, dama da ordem de Santa Isabel,. Sobreviveu a seu marido por 20 anos. Casada com José Luis de Vasconcelos e Sousa que, por este enlace, adquiriu os títulos de sua mulher. "No camarote do proscênio vi a afetada Condessa de Pombeiro que, com os seus cabelos louros e a alvura da sua cútis fazia um primoroso contraste com a cor de ébano das duas criaditas pretas que a ladeavam".(W. Beckford, *A Corte da Rainha D. Maria I*, p.162)

**COSTA, Bartolomeu** (01/OUT/1731-07/JUN/1801), oficial do exército, primeiro com a patente de brigadeiro de artilharia e mais tarde, em 1796, promovido a marechal de campo e a tenente-general. Supervisionou a fundição da estátua equestre de D. José I. Recebeu uma pensão de 6000\$000 réis e tinha o hábito da Ordem de Cristo (informações de Manuel Morais, *Muzica Escolhida da Viola de Lerenó*, p. 76).

(Obra, p. 6)

<sup>756</sup> Ver: *Se um despido pobre viste*, v. 25 e 55, Anexo 1.

<sup>757</sup> Ver: *Se um despido pobre viste*, v. 72, Anexo 1.

<sup>758</sup> Ver: *Enfeitam Graças a formosa trança*, v. 4, Anexo 1.

<sup>759</sup> Ver: *Cansada a natureza , ou preguiçosa*, Título, Anexo 1. *Enfeitam Graças a formosa trança*, v. 10, Anexo 1. *Hoje é dia de oblação*, Título, Anexo 1.

**COSTA, Jerônimo Martins da** ( ?? - ??), foi sócio da Academia de Belas Letras (1790) com o pseudônimo *Cassindro Lisbonense*. Tem apenas uma Ode publicada no *Almanak das Musas* de Domingos Caldas Barbosa (1793).

**DACIER, Anne Le Fèvre**<sup>760</sup>: (1654 – 17/AGO/1720), nascida em Saumur, mais conhecida como Madame Dacier, intelectual francesa responsável pela tradução de Homero e outros clássicos gregos.

**DEFOE**<sup>761</sup>, Daniel (1660 – 1731), escritor e jornalista inglês, considerado o inaugurador da forma moderna do romance. Autor de *A Vida e as Estranhas Aventuras de Robinson Crusoe*, escrito em 1719, inspirado numa história verídica. Daniel Defoe (1660 – 1731), escritor e jornalista inglês, é considerado o inaugurador da forma moderna do romance.

**DESHOULIÈRES, Antoinette Du Ligier de la Garde**<sup>762</sup>: (Paris, 01/JAN/1638 – idem, 17/FEV/1694). Poetisa francesa, era filha de Melchior du Ligier, senhor de la Garde, reposteiro-mor das rainhas Maria de Medicis e Ana da Austria. Recebeu uma educação primorosa, tendo estudado latim, espanhol, italiano e prosódia. Aos treze anos casou-se com Guillaume de Boisguerin, senhor Deshoulières, que logo depois acompanhou a Flandres o príncipe de Condé como tenente-coronel em um de seus regimentos. Madame Deshoulières recolheu-se em casa dos pais, onde passou a escrever poesias. Reuniu-se ao marido em Rocroi, próximo a Bruxelas, onde sua beleza foi alvo de embaraçosas atenções do príncipe de Condé. Ao revoltar-se contra o Governo pelo não pagamento dos estipêndios de seu marido, foi encarcerada no castelo de Wilworden. Foi libertada por M. Deshoulières que atacou o castelo no comando de um bando de soldados. Tendo sido anistiados, o casal pode retornar à França onde Madame Deshoulières se tornou personagem relevante na sociedade literária da corte de Luis XIV. Foi agraciada com a admiração e a amizade dos mais eminentes homens de letras de seu tempo – alguns deles chegaram a denominá-la décima musa e a Calíope francesa. Sua extensa obra abrangeu todas as formas da arte poética: odes, élogos, idílios, elegias, canções, baladas, madrigais, entre outras. Entretanto, apenas os idílios, entre toda a sua produção, resistiram ao passar dos anos. Amiga de Corneille, tomou partido a favor de *Fedra* de Pradon contra a de Racine. Voltaire a considerou como a melhor poetisa francesa e seu valor pode ser avaliado pelo reconhecimento dos seus contemporâneos que a indicaram como membro das Academias dos Ricovrati de Padua e de Aries. In 1688, recebeu do Rei a pensão de 2000 libras, livrando-se da pobreza a que fora relegada por muito tempo. Suas obras completas mereceram publicações a partir de 1695, incluindo alguns poemas de sua filha, Antoinette Thérèse Deshoulières (1656-1718), que herdou o talento materno.

**DINIS, D.**<sup>763</sup>: o Lavrador (1264-1325), reorganizou política e administrativamente o reino de Portugal, protegeu a agricultura, a pesca e o comércio, tendo criado Bolsa de Mercadores. Foi grande impulsionador da cultura em Portugal não apenas pelo que escreveu mas por ter instituído o uso obrigatório do português nos documentos oficiais. Fundou a primeira Universidade em Lisboa, depois transferida para Coimbra, tendo substituído o uso do pergaminho pelo de papel.

**DUARTE, D.**<sup>764</sup>: (1392-1438), o Eloquent, foi o primogênito da chamada Ínclita Geração, filho de D. João I e de D. Filipa de Lencastre. Seu curto reinado de apenacincos anos foi profícuo em acontecimentos de vária ordem. Seu pai o chamara a partilhar do seu governo

<sup>760</sup> Ver: *Musa, basta de silêncio*, v. 14, Anexo 1. *Graças ao meu trabalho, que eu já vejo*, v. 24, Anexo 1.

<sup>761</sup> Ver: *Musa, basta de silêncio*, v. 17, Anexo 1.

<sup>762</sup> Ver: *Graças ao meu trabalho, que eu já vejo*, v. 24, Anexo 1.

<sup>763</sup> Ver: *Já fatigado de forçar vamente*, v. 81, Anexo 1.

<sup>764</sup> Ver: *Já fatigado de forçar vamente*, v. 81, Anexo 1.

desde muito jovem o que lhe deu grande experiência. Reformou a administração pública, reorganizou a legislação do reino e restaurou a Fazenda da Coroa. Foi escritor e filósofo, um homem de rara cultura no seu tempo.

**ERICEIRA, 4º Conde de:** D. Francisco Xavier de Meneses (29/JAN/1673 – 21/DEZ/1743). Casou-se aos 15 anos (1688) com D. Joana Madalena de Noronha, filha dos Condes de Sarzedos. Residiam no Palácio da Anunciada. Foi protector e secretário, e na Real Academia de Historia Portuguesa, formada por D. João V de Portugal em 1720, foi um dos cinco diretores e censores. Criou em 1696 as *Conferências Discretas e Eruditas* onde se tratava de Literatura, Filologia, Ciências, História, etc. Buscava-se impor à língua portuguesa um carácter nacional normativo, imprimindo elegância tanto na prosa quanto na poesia. Não tinha valor como poeta nem qualidade de pensador e artista, mas ocupou lugar de na história das ciências em Portugal, não como criador, mas como uma das personalidades que melhor deve ter entendido a ciência europeia do seu tempo e que mais deve ter feito para a introduzir no país. A vida intelectual portuguesa atravessava realmente nesse primeiro quartel do s. XVIII uma fase de transição durante a qual o Conde de Ericeira foi mentor da sociedade culta do seu tempo e um real pioneiro da renovação intelectual portuguesa do século XVIII.

**ESTRIBEIRO-MOR**<sup>765</sup>: Constituía cargo de honra e distinção a administração da tropa de cavalos, apoio militar de grande importância para a defesa nacional. O Estribeiro-Mór cuidava também dos arreios, estribos e adereços que eram característicos a cada classe de nobreza. Este cargo era tradicionalmente ocupado pelos Marialva desde D. Luis de Menezes (Cantanhede, 1603-1675), 3º Conde de Cantanhede 1º Marquês de Marialva, considerado Herói da Restauração e Libertador da Pátria. Faleceu com 72 anos como Estribeiro-Mor da Casa Real.

**FILIPE II de Portugal**<sup>766</sup>: o Pio (14/ABR/1578-31/MAR/1621) foi Filipe III da Espanha, assumiu o trono português em 1598 depois da morte de D. Sebastião.

**FONSECA, André da Ponte de Quental, (?? -??)**. Pertenceu à Academia de Belas Letras (1790). Tem uma Ode Sáfica publicada no *Almanak das Musas* de Domingos Caldas Barbosa (1793)

**FRANCISCA DE BRAGANÇA, D.:** Francisca Carolina Joana Leopoldina Romana Xavier de Paula Michaela Rafaela Gabriela Gonzaga de Bragança (Rio de Janeiro, 02/AGO/1824-Paris (27/MAR/1898) foi a quarta filha do imperador D. Pedro I e da Imperatriz Maria Leopoldina. Era irmã do Imperador D. Pedro II do Brasil e de D. Maria II de Portugal. Cresceu ao lado dos irmãos que muito estimava, D. Pedro (depois Imperador do Brasil), Paula Mariana e D. Januária. Seu nome foi escolhido por seu pai, que a chamava de “Bela Chica”, como homenagem ao rio S. Francisco no estado de Minas Gerais. Perdeu sua mãe aos três anos e ficou sem o pai (D. Pedro I) e sua madrasta (D. Amélia) que vieram para Portugal com a filha mais velha, futura D. Maria II. Teve educação muito rigorosa. Casou-se em 01/MAI/1843 com Francisco Fernando d’Orléans, Príncipe de Joinville, almirante, terceiro filho do rei Luis Filipe I e de Maria Amélia Bourbon Nápoles. Na corte francesa era chamada de “La Belle Française”, tornando-se uma das Princesas mais populares. A cidade brasileira Joinville chamou-se primeiramente Colônia Dona Francisca.

**GAMA, José Basílio da,** (São José do Rio das Mortes 22/JUL/1740 - Lisboa, 31/JUL/1795). Sua cidade passou a ser São José del Rei, hoje Tiradentes. Identificou-se com a política

<sup>765</sup> Ver: *Eu canto a Majestade, o Fausto, a Pompa*, v. 192, Anexo 1.

<sup>766</sup> Ver: *Eu canto a Majestade, o Fausto, a Pompa*, v. 16, Anexo 1.

pombalina. Compôs o poema épico *Uraguai* (1769) que trata da expedição mista de portugueses e espanhóis contra as missões jesuíticas do Rio Grande para executar as cláusulas do Tratado de Madrid (1756). Escreveu, além de outras obras, o *Epitalâmio* às núpcias da Sra. D. Maria Amáli, filha do Marquês de PombalÉ o patrono da Cadeira nº 4 da Academia Brasileira de Letras, por escolha do fundador Aluísio Azevedo.

**GAMA**<sup>767</sup>, Vasco da: (Sines, 1469-Cochim, 1524) Navegador português nascido no Alentejo, foi o primeiro a dar a volta à África, contornando o Cabo da Boa Esperança, e a alcançar a Índia (1497-1499). Trabalhando como tripulante de frotas francesas que aportavam no Algarve e em Setúbal (1492). Após ter Bartolomeu Dias descoberto o acesso por mar ao Oriente, ao vencer o cabo da Boa Esperança e tornando viável um novo caminho além do pelo Mediterrâneo, na época bloqueado pelos turcos otomanos após a tomada Constantinopla (1453), Vasco da Gama foi chamado por D. João II para chefiar uma expedição para descobrir uma rota marítima segura para as Índias. A viagem só foi iniciada com uma frota composta de quatro naus, já no reinado de D. Manuel I (1497). Depois de vencer inúmeros problemas e adversidades como epidemias de escorbuto, deserções e mudanças de rota para contornar as calmarias, alcançou o território Índico e foi recebido pelo samorim, governante hindu de Calecut (1498). Foi dessa aventura que Luís de Camões inspirou-se para escrever *Os Lusíadas*, o maior poema épico da língua portuguesa. Após uma volta também conturbada, chegou a Portugal (1499) e foi recebido como herói. Recebeu muitas homenagens, o título de dom, uma pensão anual, alguns bens e foi nomeado conselheiro do rei para assuntos marítimos. Voltou a Índia (1519) para contornar as reações contra a presença portuguesa em Calecut, conseguiu a pacificação e um tratado bastante vantajoso para os portugueses em Cochim, retornando a Portugal. Foi designado conde de Vidigueira (1519) e nomeado vice-rei para a Índia, mas morreu logo depois de chegar em Cochim em 1524. Seu corpo foi transportado e sepultado no Mosteiro dos Jerônimos em Lisboa.

**HENRIQUES, AFONSO, D.**<sup>768</sup>: (Guimarães ou Viseu, c.1109 - Coimbra, 06/DEZ/1185). Foi o primeiro rei de Portugal com o título de **D. Afonso I de Portugal**, cognominado *O Conquistador*, *O Fundador* ou *O Grande* pela fundação do reino e pelas muitas conquistas. Era filho de Henrique de Borgonha, bisneto do rei Roberto II da França, e da infanta Teresa de Leão, filha ilegítima do Rei Afonso VI de Leão e Castela, a quem Afonso VI doara o Condado de Portucale pelo casamento. Após a morte de seu pai, opôs-se à sua mãe, assumindo o governo em 1128 depois de vencer a batalha de São Mamede contra ela, dedicando-se à obtenção do reconhecimento de seu reino. Em 1139, depois da vitória na batalha de Ourique contra os mouros, D. Afonso Henriques proclamou-se rei de Portugal e, em 1143 pelo tratado de Zamora, foi reconhecida a independência portuguesa. O seu túmulo encontra-se no Mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra, ao lado do túmulo do seu filho e herdeiro D. Sancho I (1154-1212).

**HORÁCIO**<sup>769</sup>: (65 a.C. /8 a.C.) Quinto Horácio Flaco nasceu em Venúcia na Itália. Filho de um escravo emancipado recebeu boa formação literária em Roma, completada depois em Atenas. Ao regressar a Roma depois da morte de Júlio César (44 a. C.), conseguiu o cargo de escrivão de gestor e, graças à proteção do influente Caio Mecenas, a quem foi apresentado por Virgílio e Vario em 39 a.C., tornando-se seu íntimo amigo. Horácio entrou nos círculos literários, tornando-se o primeiro literato profissional romano. Em 33 a.C. Mecenas o presenteou com uma propriedade na Sabina, situada a cerca de 40 km a nordeste de Roma, o que permitiu ao poeta romano dedicar-se exclusivamente ao estudo e à literatura. Seus versos

<sup>767</sup> Ver: *Graças ao meu trabalho, que eu já vejo*, v. 184, Anexo 1. *Eu canto a Majestade, o Fausto, a Pompa*, v. 224, An. 1.

<sup>768</sup> Ver: *Musa, mandam-nos pintar*, v. 105, Anexo 1.

<sup>769</sup> Ver: *Ouve, ó Mecenas, que de Reis descendes*, Título, Anexo 1.

constituem modelo de perfeição formal. Além de suas *Odes*, possui muitas outras obras das quais se destaca a carta aos Pisões, conhecida como *Arte Poética*.

**JOÃO VI, D.**<sup>770</sup>: o Clemente, (Palácio da Ajuda, Lisboa, 13/MAI/1767- Palácio da Bemposta, Lisboa, 10/MAR/1826), João Maria José Francisco Xavier de Paula Luís António Domingos Rafael, filho de D. Maria I e de D. Pedro III. Casou em 08/MAI/1785 com D. Carlota Joaquina (25/04/1775-07/01/1830), Infanta de Espanha, filha de Carlos IV e de Maria Luísa de Parma. Recebeu o título de Príncipe do Brasil ao se tornar herdeiro da Coroa com a morte prematura em 1788, de seu irmão D. José, Duque de Bragança e Príncipe da Beira, acometido de varíola. Em função da doença mental de sua mãe, D. Maria I, ele assumiu a regência em nome da rainha em 10/FEV/1792. Posteriormente, em 13/JUL/1799, tornou-se Príncipe Regente em nome próprio, um ano depois do nascimento de seu filho Pedro de Alcântara (mais tarde Pedro I do Brasil e Pedro IV de Portugal). Em 1816, com a morte da mãe, foi aclamado rei no Rio de Janeiro. O seu reinado decorreu numa época de profundas mutações à escala mundial e à escala nacional: Revolução Francesa e a consequente guerra europeia, Bloqueio Continental, invasões francesas e a partida da corte para o Brasil onde permaneceu durante 14 anos. Sua presença no Rio de Janeiro impulsionou a independência do Brasil. Foi a derrocada de um mundo e o nascimento de outro. Até sua morte, em 1816, D. João VI ainda sonhava com a reunião dos dois países na pessoa de um só soberano.

**JOÃO I, D.**<sup>771</sup>: (1357-1433), o de Boa Memória, Mestre de Avis; Defensor e Regedor do Reino; Vencedor da Batalha de Aljubarrota contra os espanhóis em 1384, tendo sido aclamado a seguir. Reinou de 1385 a 1433.

**JOSÉ I DE PORTUGAL, D.**<sup>772</sup>: (06/JUN/1714 – 24/FEV/1777): José Francisco António Inácio Norberto Agostinho de Bragança, cognominado O Reformador devido às reformas que empreendeu durante o seu reinado. Era filho de D. João V e de D. Maria Ana de Áustria. Subiu ao trono em 1750. Pertenceu à Dinastia de Bragança. Casou-se em 17/JAN/1729 com D. Mariana Vitória de Bourbon (31/MAR/1718 – 15/JAN/1781), filha de Filipe V, rei de Espanha. Tiveram quatro filhas: D. Maria Francisca (1734-1816), D. Maria Ana Francisca (1736-1813), D. Maria Francisca Doroteia (1739-1771), D. Maria Francisca Benedita (1746-1829). Por morte de seu pai D. João V, foi aclamado a 07/SET/1750. Empreendeu um reinado glorioso, graças aos esforços, à iniciativa enérgica, e à notável persistência de Sebastião José de Carvalho, futuro Marquês de Pombal, na administração de que se encarregara com mão de ferro.

**JOSÉ, D.**<sup>773</sup>: (20/AGO/1761-1/SET/1788) José Francisco Xavier de Paula Domingos António Agostinho Anastácio de Bragança foi o filho primogênito da Rainha D. Maria I e de seu consorte, D. Pedro III. Nascido no Palácio da Ajuda, em Lisboa, D. José foi titulado Príncipe da Beira por seu avô materno ao nascer, tornando-se o primeiro homem a receber tal título. Era o herdeiro aparente de sua mãe, então titulada Princesa do Brasil e proclamada herdeira da coroa portuguesa. Foi educado por tutores. No dia 21/FEV/1777, em Lisboa, D. José desposou sua tia materna, a Infanta Maria Francisca Benedita (1746-1829). Na época, ele tinha quinze anos de idade e sua noiva, trinta. Não tiveram filhos. Três dias depois do casamento, o Rei D. José I, seu avô e pai de sua esposa, faleceu e sua mãe ascendeu ao trono. D. José, como novo príncipe herdeiro da coroa, tornou-se Príncipe do Brasil e o 14.º Duque de Bragança. O Príncipe D. José faleceu prematuramente de varíola em Lisboa, aos vinte e

<sup>770</sup> Ver: *Musa, mandam-nos pintar*, v. 112, Anexo 1. *Eia, Príncipe Augusto, ouviste o canto*, Título, Anexo 1. *Pois chega a Moda ao Pindo, eu sigo a Moda*, v. 123, Anexo 1.

<sup>771</sup> Ver: *Se um despido pobre viste*, v. 27, Anexo 1.

<sup>772</sup> Ver: *Eu canto a Majestade, o Fausto, a Pompa*, v. 2-9-15-17-25-47-54-77-82-86-109-299, Anexo 1.

<sup>773</sup> Ver: *Musa, mandam-nos pintar*, v. 112, Anexo 1. *Eu canto a Majestade, o Fausto, a Pompa*, v. 291, Anexo 1.

sete anos, pois sua mãe, D. Maria I, se havia recusado a vaciná-lo por motivos religiosos. Seu corpo está sepultado no Panteão dos Bragança, em São Vicente de Fora, tendo a sua morte contribuído para a loucura da Rainha. O seu irmão menor, D. João, tornou-se o herdeiro da coroa e, mais tarde, rei de Portugal, com o nome de João VI de Portugal.

**LANGSDORFF, Baronesa Victorine Emilie de:** (1812- ?) uma das três filhas dos Condes de Sainte Aulaire, casou-se em 1834 com seu primo Émile, Barão de Langsdorff (1804-1867) que entrou para o ministério francês dos Negócios Estrangeiros. Em 1841 o rei dos franceses creditou-o junto à corte imperial do Brasil a fim de que preparasse o caminho para o casamento entre François d'Orléans, Príncipe de Joinville com a Princesa D. Francisca de Bragança do Brasil. A Baronesa de Langsdorff desempenhou papel crucial nessa negociação. Registrou no seu diário toda a viagem de volta à França como acompanhante da Princesa. A conselho de seu pai, havia iniciado esse Diário com apenas 15 anos e cuja redação continuou por toda a sua vida.

**LARA, João Baptista de,** (03/SET/1764-07/JAN/1828). Cavaleiro da Ordem de Cristo, Escrivão da Mesa grande da Alfândega do tabaco, Vogal e Secretário da Comissão de reforma da Alfândega. Sócio da Academia de Belas Letras, com o pseudônimo de *Albano Ulissiponense*, possui muitas obras esparsas publicadas no *Almanak das Musas* de Domingos Caldas Barbosa (1793). Primava pela correção da língua e seus versos se distinguem mais pela falta de defeitos que pela abundância de belezas, tendo ficado esquecidos.

**LEITE,** Antonio da Silva, Porto, 1759 – Porto, 1833) Mestre da Capela Nacional do Porto e mais tarde da Sé da mesma cidade. Autor de inúmeras óperas e sonatas, de música religiosa, do *Hino Patriótico* pela coroação de D. João VI e de inúmeras modinhas publicadas no *Jornal de Modinhas*.

**MACEDO, José Agostinho de** (Beja, 11/SET/1761 — Lisboa, 02/OUT/ 1831). Eremita Agostiniano, professou em 1778 mas suas impertinências, indisciplinas e infrações monásticas, implicaram na sua expulsão da Ordem. Seu inegável talento e sua vasta erudição foram, entretanto, conspurcadas por seu temperamento arbitrário suscitou muitas querelas políticas, incitando inimizades. Foi Pregador Régio e Censor Ordinário (1824-1829), sócio da Academia de Belas Letras (1790) com o pseudônimo de *Elmiro Tagideo*. Escritor de estilo polêmico e agressivo foi inicialmente grande amigo e depois grande inimigo de Bocage com quem digladiou em versos. Entre suas obras algumas esparsas foram publicadas no *Almanak das Musas* de Domingos Caldas Barbosa (1793).

**MARIA I DE PORTUGAL, D.**<sup>774</sup>: (Lisboa, 17 de Dezembro de 1734 — Rio de Janeiro, 20 de Março de 1816). Maria Francisca Isabel Josefa Antónia Gertrudes Rita Joana de Bragança, princesa do Brasil, princesa da Beira e duquesa de Bragança, reinou de 1777 a 1816. Recebeu os cognomes de **A Piedosa** ou **A Pia**, devido à sua extrema devoção religiosa e **Dona Maria, a Louca** (assim chamada no Brasil), devido à doença mental manifestada com veemência nos últimos 24 anos de vida, depois da morte do seu filho primogênito o qual, por motivos religiosos, ela impedira de ser vacinado contra a varíola.. Casou-se com o tio Pedro de Bragança no Palácio de Nossa Senhora da Ajuda, em Lisboa, a 06/JUL/1760. Tiveram quatro filhos e três filhas: José, Duque de Bragança e príncipe do Brasil (1761-1788), João de Bragança, (natimorto 1762), D. João Francisco de Paula (1763, morreu com um mês), D. João de Bragança, futuro João VI (1767-1826), Mariana Vitória (1768-1788), Maria Clementina (1774-1776), M. Isabel (1776-1777).

<sup>774</sup> Ver: *Musa, mandam-nos pintar*, v. 80, Anexo 1. *Eu canto a Majestade, o Fausto, a Pompa*, v. 216 e 299, Anexo 1.

**MARIA ANA D'AUSTRIA, D.:** (ver: D. José I)

**MARIA FRANCISCA BENEDITA, D.**<sup>775</sup>: (Lisboa, 25/JUL/1746 no Palácio da Ajuda, 08/AGO/1829), Maria Francisca Benedita Ana Isabel Josefa Antónia Lourença Inácia Teresa Gertrudes Rita Joana Rosa , Princesa da Beira e do Brasil, quarta e última filha do rei D. José I e da rainha D. Mariana Vitória, sua mulher. Tinha já completado 30 anos de idade quando se casou, em 21/FEV/1777, com seu sobrinho, D. José, Príncipe da Beira, então com 16 anos, filho primogénito de D. Maria I, na época ainda princesa do Brasil, e de seu marido e tio, o infante D. Pedro. Por morte de D. José e, subindo ao trono D. Maria I, receberam os recém-casados o título de príncipes do Brasil. Onze anos depois, o príncipe foi acometido de varíola que o vitimou em 11/SET/1788. D. Maria Benedita era muito formosa e inteligente, tendo recebido educação esmerada: estudou línguas (falava com toda a correcção o inglês, espanhol, francês e italiano), ciências, música e pintura. Foi a mais dedicada discípula do célebre maestro napolitano David Peres, destacando-se por sua voz melodiosa. Ainda hoje se podem apreciar os dotes artísticos das princesas D. Maria, D. Mariana Josefa e D. Maria Francisca Doroteia num painel de uma das capelas laterais da Basílica da Estrela, assinado por elas. Em Runa encontra-se ainda um órgão móvel do séc. XVIII, muitas vezes tocado pela Princesa. A peça de arte mais conhecida da Princesa é a famosa custódia, executada a partir de um desenho seu e que se pode admirar no museu de Runa.

**MARIALVA, 4º Marquês de**<sup>776</sup>: (ver: Estribeiro Mor) D. Pedro José de Alcântara de Meneses Noronha Coutinho (1713-1799), 6º conde de Cantanhede e 4º Marquês de Marialva. Estribeiro-Mor de D. José I, mantinha a tradição familiar nas artes equestres e nas touradas.

**MARIA RITA DE CASTELO BRANCO CORREIA E CUNHA**<sup>777</sup>: (ver: Condessa de Pombeiro)  
(II; 3; 117 a 121 - Título)

**MARIANA DE ASSIS MASCARENHAS:** (Armânia): mulher de Antonio José de Vasconcelos e Sousa Câmara Caminha Faro e Veiga, 9º Conde da Calheta 4º Conde e 2º Marquês de Castelo Melhor. Eram seus pais: D. Manoel de Assis Mascarenhas 3º Conde de Óbidos e Condessa Helena Maria Josefa de Meneses.

**MARIANA VITÓRIA DE BOURBON, D.**<sup>778</sup>: (Madrid, 31/MAR/1718 - Lisboa, 15/JAN/1781), filha do rei Filipe V de Espanha e de sua segunda esposa, Isabel de Parma. Casou com D. José de Bragança, futuro D. José I, em 19/JAN/1729, atendendo ao desejo de seu pai Filipe V de estabelecer uma aliança entre as coroas de Espanha e de Portugal. No final de 1776, D. José I se encontrava com a saúde muito abalada, nomeando D. Marina Vitória como regente até a morte do Rei em 1777. Tiveram quatro filhas: D. Maria I (1734-1816); Maria Ana Francisca Josefa de Bragança (1736-1813); Maria Francisca Doroteia de Bragança (1739-1771); Maria Francisca Benedita de Bragança (1746-1829). Antes de se retirar para a Espanha, D. Mariana Vitória empenhou-se na aproximação dos dois Estados peninsulares que discutiam a questão dos limites dos territórios da América. Ainda por sua influência, assinou-se em 1778 o tratado que estipulou dois casamentos: o do infante D. João (futuro D. João VI) com a infanta D. Carlota Joaquina, das Astúrias, e o da infanta D. Mariana Vitória Josefa com

<sup>775</sup> Ver: *Musa, mandam-nos pintar*, v. 113, Anexo 1.

<sup>776</sup> Ver: *Eu canto a Majestade, o Fausto, a Pompa*, v. 191, Anexo 1.

<sup>777</sup> Ver: *Já que te chega a ventura*, v. 2, Anexo 1.

<sup>778</sup> Ver: *Já que te chega a ventura*, v. 2, Anexo 1.

o infante D. Gabriel, irmão do príncipe das Astúrias. Era excelente amazona e acompanhava o marido nas caçadas em Salvaterra de Magos.

**MAURÍCIO**, José (Coimbra, 1752 – Figueira da Foz, 1815), organista e compositor viveu em Salamanca e foi Mestre de Capela da Sé da Guarda. Em Coimbra, sua cidade natal, assumiu funções de lente de Música da Universidade (1802), foi Mestre Capela da Sé além de ter ministrado Música na Aula Pública do Paço Episcopal. Ganhou reputação de artista esclarecido e cultivado, tendo escrito várias modinhas publicadas nos álbuns dedicados a esse repertório.

**MELO, FRANCISCO DE**<sup>779</sup>: Monteiro-Mor\* do Reino. Seus filhos: D. José Maria de Melo, bispo do Algarve, nomeado confessor da Rainha D. Maria I por morte do Arcebispo Inácio de S. Caetano\* (em 1788), seu primeiro confessor, renunciou à mitra, sendo nomeado Inquisidor Geral do Reino; D. Teresa de Melo que, enquanto solteira, fora dedicadíssima dama de quarto de D. Maria até 1760. Quando D. Maria se casou, D. Teresa professou e tornou-se priora do convento de Carnide. Ao se tornar rainha, D. Maria mandou erigir a Basílica do Convento Novo do Coração de Jesus do qual D. Teresa foi a abadessa. (T. Braga, p. 237)

**MELO, JOSÉ MARIA DE**: (ver: Melo, Francisco de) Bispo do Algarve, confessor de D. Maria I.

**MELO, TERESA DE**: (ver: Melo, Francisco de) Dama de quarto de D. Maria I.

**MELPÔMENE**<sup>780</sup>: (ver Musas) “A que canta”. Uma das nove Musas. Presidia o canto, a harmonia musical e a tragédia. Do seu casamento com Aquelô nasceram as sereias. Fazia parte do cortejo de Baco e era representada ricamente vestida e calçada de coturnos, símbolo da Tragédia. Portava cetro, coroa de folhas de videira, punhal e máscaras trágicas e folhas de videira.

**MENESES, D. Francisco Xavier de**: (ver: ERICEIRA)

**MONIZ, EGAS**<sup>781</sup>: (1080-1146), dito “o Aio”, foi rico-homem portugalense, da linhagem dos Riba Douro uma das cinco grandes famílias do Entre-Douro-e-Minho condal do século XII, a quem Henrique de Borgonha, conde de Portucale confiou a educação do filho, Afonso Henriques, tarefa que lhe deu o cognome pelo qual é conhecido. Por esta altura Portucale era dependente de Leão e Castela, então regidos pela rainha D. Urraca. Por morte desta em 1127, sucede-lhe no trono Afonso VII, com o título de *imperador de toda a Hispânia*. Procura a vassalagem dos demais reinos, incluindo também o Condado Portugalense. Em 1128, Afonso Henriques, então com vinte anos, assume a liderança política do condado, almejando a sua independência. Pouco depois, Afonso VII cerca Guimarães, então sede política do condado, e exige um juramento de vassalagem a seu primo Afonso Henriques, confirmado por Egas Moniz, juramento que, afinal, não foi mantido. Como Afonso Henriques não cumpriu o acordado, Egas Moniz, deslocou-se a Toledo, a capital imperial, e colocou ao dispor do imperador a sua vida e a dos seus, como penhor pela manutenção do juramento de fidelidade de nove anos antes. O imperador, comovido com tanta honra, o perdoou e o mandou em paz de volta a Portucale.

<sup>779</sup> Ver: *Eu canto a Majestade, o Fausto, a Pompa*, v. 199, Anexo 1.

<sup>780</sup> Ver: *Neste Dia fatal, infausto dia*, v. 4, Anexo 1. *Graças ao meu trabalho, que eu já vejo*, v. 296, Anexo 1. *Eu canto a Majestade, o Fausto, a Pompa*, v. 211 e 214, Anexo 1.

<sup>781</sup> Ver: *Aceita, Ilustre Menino*, v. 46, Nota 5, Anexo 1. *Estes os Vates, os sonorosos vates*, v. 46, Anexo 1.

**MONIZ, MARTIM**<sup>782</sup>: de acordo com a lenda, terá sido um nobre cavaleiro que lutou com heroísmo um cerco, ao lado das forças cristãs sob o comando do rei D. Afonso Henriques (1112-1185). Ao perceber o entreabrir de uma porta no Castelo dos Mouros, atacou-a individualmente, sacrificando a vida ao atravessar o seu próprio corpo no vão da mesma, como forma de impedir o seu fechamento pelos defensores. Esse gesto heróico permitiu o tempo necessário à chegada e ao acesso dos companheiros que, desta maneira, conseguiram conquistar o castelo. Em sua homenagem, esse acesso ficou conhecido como *Porta de Martim Moniz*.

**MONSANTO**<sup>783</sup>: (ver Broças)

**MONTEIRO-MOR**<sup>784</sup>: cargo que equivalia ao Comandante das Forças Armadas. Seguiu à frente, como “batedor”, ocupado por Francisco de Melo\*, Monteiro Mor do Reino.

**MORAES, Anacleto da Silva** (c. 1761 – Lisboa, 17/DEZ/1831). Foi sócio da Academia de Belas Letras (1790) com o pseudônimo de *Anaclusio*, tendo apenas publicado uma ode no *Almanak das Musas* de Domingos Caldas Barbosa (1793).

**MOREIRA, Antonio Leal** (Abrantes, 1758 – Lisboa, 1819) Frequentou o Seminário da Patriarcal de Lisboa, onde foi aluno de João de Sousa Carvalho de quem se tornou assistente e organista. Nomeado como Mestre de Capela, compôs para a Capela Real a maior parte de sua música sacra. Compôs ainda serenatas, representadas nos palácios de Queluz e Ajuda. A partir de 1790 tornou-se diretor musical do Teatro da Rua dos Condes, onde representavam óperas italianas. De seu drama *Il natale agosto*, participou o grande mezzo-soprano *Luísa Todi*. Em 1793 tornou-se o primeiro diretor musical do novo Teatro de São Carlos, cuja peça de estreia foi a sua obra *A Saloia Enamorada ou O Remédio é Casar*, com texto em português de Domingos Caldas Barbosa. Em 1799 deixou a direção do São Carlos a Marcos Portugal, seu colega e cunhado.

**MORFEU**<sup>785</sup>: Filho de Hípnos [sono], tomava forma humana e apresentava-se como a pessoa amada dos homens em sonhos. Possui grandes asas que, sem ruído, transportam-no rapidamente às extremidades da Terra. É representado com asas de borboleta, portando na mão uma papoula, planta com que faz os homens adormecerem, pois suas sementes constituem um poderoso sedativo.

**MULLER, Johann Wilhelm Christian** (Gottingen, 12/MAI/1752-Lisboa, 15/MAR/1814). Casou em Lisboa em 19/JAN/1779 com D. Anna Elisabeth Moller (Lisboa, 14/MAR/1754-id. 22/JUL/1797). cursou humanidades, línguas orientais e teologia na sua terra natal e veio para Portugal em 1772, tendo sido contratado na Alemanha para a Congregação Evangélica Alemã em Lisboa onde veio ser o primeiro pastor luterano. Afeiçãoou-se de tal forma a Portugal que não apenas dominava a língua portuguesa, mas abandonou, depois de dezoito anos, seu trabalho pastoral que tanto prezava para, em 1791, passar ao serviço do governo Português. Por este motivo converteu-se ao Catolicismo por não poder exercer funções no Governo sem abjurar o Luteranismo. Foi nomeado professor dos príncipes, nomeado tradutor e intérprete do Almirantado, recebendo a graduação de capitão-de-fragata com direito a usar uniforme. Mais tarde exerceu o cargo de bibliotecário da Rainha D. Maria I, foi deputado à

<sup>782</sup> Ver: *Aceita, Ilustre Menino*, v. 42, Nota 5, do Autor, Anexo 1.; *Eu canto a Majestade, o Fausto, a Pompa*, v. 17, Anexo 1.; *Estes os Vates, os sonorosos vates*, v. 46, Anexo 1.

<sup>783</sup> Ver: *Aceita, Ilustre Menino*, v. 40, Nota do Autor, Anexo 1.

<sup>784</sup> Ver: *Eu canto a Majestade, o Fausto, a Pompa*, v. 104, Anexo 1.

<sup>785</sup> Ver: *Já fatigado de forçar vamente*, v. 16, Anexo 1.

Mesa da Comissão Geral para exames e censura de livros, Censor Régio do Desembargo do Paço, sócio da Academia Real das Ciências na qual exerceu o cargo de Diretor da Classe de Literatura Portuguesa. Escreveu várias obras, entre elas: sobre as medalhas portuguesas, sobre a literatura religiosa dos judeus portugueses, sobre a literatura portuguesa, vários discursos, pareceres, etc. além de traduções em verso das odes de Anacreonte e de Horácio, entre outros.

**NEUKOMM**, Sigismund Ritter von (Austria, 1778 - Paris, 1858), compositor, regente, organista em Salzburgo, discípulo predileto de Haydn. Integrou a comitiva do Duque de Luxemburgo, embaixador extraordinário de Luis XVIII que, no Rio de Janeiro, deveria cumprimentar D. João VI por sua ascensão ao trono de Portugal. Recomendado ao Conde da Barca em carta do Príncipe de Talleyrand, foi nomeado por decreto real professor público de música no Rio de Janeiro, tornando-se professor do Príncipe D. Pedro e de sua esposa D. Leopoldina. Foi professor de futuros grandes músicos brasileiros como Francisco Manuel da Silva, compositor do Hino Nacional Brasileiro. Interessado pela música realizada no Brasil, compôs para piano e flauta o Capricho *L'Amoureux*, com o tema de uma modinha de Joaquim Manoel\* com versos de Domingos Caldas Barbosa, *Desde o dia em que eu nasci*. Compôs ainda *O Amor Brasileiro* inspirado no lundu de Caldas Barbosa *Doçura de Amor*, cuja melodia se perdeu. Recolheu e harmonizou 20 modinhas de Joaquim Manoel Gago da Câmara, publicadas em Lisboa em 1824. Foi pioneiro na utilização de temas brasileiros na música erudita. Permaneceu no Brasil de 1816 a 1821.

**NEWTON**<sup>786</sup>, Sir Isaac (1643-1727), cientista inglês, referência universal como físico, matemático, astrônomo e filósofo. Sua obra, *Philosophiae Naturalis Principia Mathematica* (1687) é considerada uma das mais influentes em História da Ciência ao tratar da lei da gravitação universal e das três leis de Newton, que fundamentaram a mecânica clássica.

**O'NEILL**<sup>787</sup>: família cujo antepassado Shane (ou John) O'Neill era o cabeça titular da dinastia dos Clanaboy O'Neill, radicado em Lisboa desde 1740. Casou-se em 1750 com Valentina Maria Josefa Ferreira e tiveram três filhos: Carlos O'Neill (11/JUN/1760), Cecília e Ana O'Neill, ambas prioras do Convento das Freiras Irlandesas do Bom Sucesso.

**PAULA, Antônio Bersane Leite de** ( ?? - ??), foi sócio da Academia de Belas Letras (1790) com o pseudônimo *Tionio*. Tem apenas um Idílio publicado no *Almanak das Musas* de Domingos Caldas Barbosa (1793). Foi contador do Arsenal do Real Exército e foi vizinho de Bocage quando este viveu certo tempo em casa do conselheiro José Andrade de Carvalho na Calçada de Santo André.

**PEDRO II, D.**<sup>788</sup>: o Pacífico (1648 -1706), era irmão de D. Afonso VI (1646-1683) que, doente desde a infância, não tinha capacidade mental para governar. Seu ministro, D. Luís de Vasconcelos e Sousa, 3º Conde de Castelo Melhor (1636-1720), conseguiu que se casasse com D. Maria Francisca Isabel de Sabóia, Princesa de Nemours. Esta logo obteve a anulação do casamento e, juntamente com seu cunhado D. Pedro, derrubaram o rei, casando-se em seguida. D. Pedro II pôs fim à longa Guerra da Restauração, assinando, em 1668, o Tratado de Madrid, restabelecendo a paz com a Espanha daí seu cognome de o Pacífico.

**PEDRO III, D.**<sup>789</sup>: Pedro Clemente Francisco José António de Bragança (05/JUL/1717 — 25/MAI/1786), Infante de Portugal, Senhor do Infantado, Grão-Prior do Crato, Duque de Beja, posteriormente Príncipe Consorte do Brasil e Rei de Portugal de *jure uxoris*, irmão de

<sup>786</sup> Ver: *Musa, basta de silêncio*, v. 19, Anexo 1.

<sup>787</sup> Ver: *Musa, basta de silêncio*, v. 19, Anexo 1.

<sup>788</sup> Ver: *Eu canto a Majestade, o Fausto, a Pompa*, v. 43, Anexo 1.

<sup>789</sup> Ver: *Eu canto a Majestade, o Fausto, a Pompa*, v. 25, 41, 100, 390, Anexo 1.

D. José I. Foi o quarto filho de D. João V. Ao casar-se com D. Maria I, filha de D. José I, este se tornou, portanto, seu sogro. Subiu ao trono como Pedro III, sendo feito 19.º Duque de Bragança, 16.º Duque de Guimarães e 14.º Duque de Barcelos, 12.º Marquês de Vila Viçosa, 20.º conde de Barcelos, 16.º conde de Guimarães, de Ourém, de Faria, e de Neiva, 22.º conde de Arraiolos.

**PEIXOTO, Ignácio José de Alvarenga**, (Rio de Janeiro, 1743 ou 1744 – Ambaca, Angola, 27/AGO/1792). Doutor em Leis pela Universidade de Coimbra (1767), onde conheceu Basílio da Gama. Foi juiz de fora da Vila de Sintra e ouvidor em Rio das Mortes, no Brasil. Casou-se com Bárbara Heliadora Guilermina da Silveira em São João d’El Rei (1781) com quem teve quatro filhos, passando a cuidar da fazenda de sua mulher e a trabalhos de mineração. Coronel da cavalaria de milícias de Rio Verde, era amigo dos poderosos da época, partilhando com os demais intelectuais de seu tempo idéias libertárias advindas do Iluminismo: os poetas Cláudio Manuel da Costa e Tomás Antônio Gonzaga (seu parente), o padre José da Silva Oliveira Rolim, o militar Joaquim José da Silva Xavier (o "Tiradentes"), e Joaquim Silvério dos Reis, que delataria os conjurados. Implicado na Inconfidência Mineira em 1789, sendo preso, conduzido para o Rio e depois desterrado para Angola, onde faleceu no presídio. A sua diminuta obra inscreve-se entre a dos poetas do Arcadismo, e foi recolhida por Rodrigues Lapa. Apresenta alguns dos sonetos mais bem acabados do Arcadismo no Brasil. A temática amorosa foi uma das vertentes da sua poesia, em que também se observa uma postura crítica quanto à sociedade da época. Entre os vários títulos de sua obra estão: *A Dona Bárbara Heliadora* e *Canto Genetlácio* (1793). Foi sócio da Academia de Belas Letras (1790) com os pseudônimos *Alcindo Palmireno* e *Eureste Fenício*. Tem apenas um poema publicado no *Almanak das Musas* de Domingos Caldas Barbosa (1793) e um soneto na coletânea de poemas para a *Inauguração da estátua equestre de D. José I*.

**PEREIRA, Duarte Pacheco Pereira**<sup>790</sup>: (1450-1533), navegador, militar e cosmógrafo português. Em *Os Lusíadas*, Camões chama-lhe *fortíssimo* e *Grão Pacheco Aquiles Lusitano*.

**PINA MANIQUE**<sup>791</sup>, Diogo Inácio de (1733-1805): foi magistrado, formado em Leis pela Universidade de Coimbra, tendo ocupado diversos cargos antes de ser designado Intendente-Geral da Polícia, fato ocorrido depois da queda do Marquês de Pombal. Foi juiz do crime em diversos bairros de Lisboa, superintendente-geral de Contrabandos e Descaminhos, desembargador da Relação do Porto, desembargador dos Agravos da Casa da Suplicação. Contador da Fazenda, superintendente-geral de Contrabandos e Descaminhos.

**POPE**<sup>792</sup>, Alexander (21/MAI/1688 – 30/MAI/1744), renomado poeta inglês do século XVIII, mais conhecido por seus versos satíricos e por sua tradução de Homero.

**PORCIO FESTUS**<sup>793</sup>: Foi nomeado por Nero governador da Judeia em substituição de Marco Antonio Felice, acusado de corrupção, provavelmente entre 58 e 60 d.C.. Nos anos de seu governo a Judeia sofreu grandes agitações sociais, políticas e religiosas com as quais Festo teve que se defrontar. Em primeiro lugar o conflito na Cesarea entre a população de origem grega e hebraica, fortemente reprimida por seu antecessor. Houve também o movimento anti-romano dos Zelotes e os extremistas considerados pelos romanos como ladrões e bandidos. Surgiram ainda desavenças entre Agrippa II e os sacerdotes do templo de Jerusalém além da incômoda situação relativa ao apóstolo Paulo, herdada de seu antecessor Antonio Felice.

<sup>790</sup> Ver: *Graças ao meu trabalho, que eu já vejo*, v. 185, Anexo 1.

<sup>791</sup> Ver: *Eu canto a Majestade, o Fausto, a Pompa*, v. 250, Anexo 1.

<sup>792</sup> Ver: *Musa, basta de silêncio*, v. 16, Anexo 1.

<sup>793</sup> Ver: *Pois chega a Moda, eu sigo a Moda*, v. 37, Anexo 1.

Depois de cerca de dois anos Festo morreu inesperadamente em 62 d. C. em circunstâncias misteriosas, deixando a Judeia em uma situação de total anarquia.

**PORTUGAL**, Marcos Antonio da Fonseca (Lisboa, 1762 - Rio de Janeiro, 1830) o maior músico português de todos os tempos, possuidor de invejável talento, cuja fama internacional de deveu às suas mais de 40 óperas apresentadas nos diversos países da Europa. Compôs música sacra, algumas das quais para os seis órgãos da Basílica de Mafra. Como primeiro compositor do estado, substituindo João de Sousa Carvalho, compôs músicas para grandes cerimônias reais. Foi compositor de modinhas publicadas no *Jornal de Modinhas*, algumas com texto de Domingos Caldas Barbosa. Estudou no Seminário da Patriarcal a que deveu sua excelente formação, complementando-a como pensionista régio na Itália. Em 1799 foi nomeado diretor do Teatro de São Carlos a seguir a Antonio Leal Moreira, seu cunhado. Chegou ao Brasil em 1811, onde foi nomeado Mestre da Capela Real e Diretor da Música da Corte.

**PROLE DO CHILE**<sup>794</sup>: (ver Mariana Vitoria, D.)

**QUELUZ, REAL QUINTA DE**<sup>795</sup>: hoje Palácio Nacional de Queluz. A chamada Quinta de Queluz era propriedade da Casa do Infantado, criada em 1654 por Alvará do Rei D. João IV, em favor dos filhos segundos dos Reis de Portugal. Nessa condição, pertencia a D. Pedro III (1717-1786), que teve a iniciativa de construir o Palácio de Queluz nessas terras a partir de 1757, recebendo o epíteto de "o Versalhes português". Já no século XVI os terrenos e casais do lugar de Queluz estão na posse de D. Margarida Corte Real, casada em 1581 com D. Cristóvão de Moura (1538-1613), tendo o casal instituído um morgado no seu filho Manuel de Moura Corte Real (1592-1652), 1º Conde de Lumiares e 2º Marquês de Castelo Rodrigo que dele toma posse em 1613. Tornou-se propriedade real em 1654. Possuía uma pequena praça de touros, mais tarde foi extinta.

**QUINTANILHA, José Tomás da Silva**. Formado em Leis e em Matemática pela Universidade de Coimbra, foi sócio da Academia de Belas Letras (1790) com o pseudônimo arcádico de *Eurindo*. Exerceu o cargo de Juiz de Fora no Maranhão de 1778 a 1784, onde vivia ainda em 1834. Casou-se com a maranhense Maria Clara Soeiro Quintanilha. Entre suas obras podemos citar: *Três sonetos*, *Ode às núpcias dos condes de Pombeiro* (1783), *Epístola ao beneficiado Domingos Caldas Barbosa*. O filho do casal, com o mesmo nome do pai, foi o primeiro e único Barão de Paquetá, grande político brasileiro que muito contribuiu para a Independência do Brasil.

**QUINTELA, Ignácio da Silva** (Lisboa, 1763 – id. 06/DEZ/1838). Foi Vice-Almirante e sócio da Academia de Belas Letras (1790) com o pseudônimo *Jacindo Ulissiponense*. Tem apenas uma ode publicada no *Almanak das Musas* de Domingos Caldas Barbosa (1793).

**REGO**, Antonio José do (Lisboa, c. 1760 – Lisboa, c. 1822) compositor de modinhas publicadas nos álbuns dedicados a esse repertório.

**RENO**<sup>796</sup>: rio com 1 230 km de comprimento que atravessa ou acompanha seis países: a Suíça, a Áustria, o Liechtenstein, a Alemanha, a França e os Países Baixos.

<sup>794</sup> Ver: *Deixa q'a Lira*, v. 49, Anexo 1.

<sup>795</sup> Ver: *Musa, basta de silêncio*, v. 68, Anexo 1. *Eu canto a Majestade, o Fausto, a Pompa*, v. 58, Anexo 1. *Pois chega a Moda, eu sigo a Moda*, Título, Anexo 1.

<sup>796</sup> Ver: *Eu canto a Majestade, o Fausto, a Pompa*, v. 211, Anexo 1.

**RICARDO I**<sup>797</sup>: (1157-1199), Rei de Inglaterra (1189-1199), também Conde de Anjou e Duque da Normandia. Teve vários cognomes, entre eles *Coração de Leão*, *Oc et No* (*sim e não* em provençal) e *Melek-Ric* (*Rei-Ricardo*) pelos muçulmanos do Oriente Médio, que usavam a sua figura para ameaçar as crianças que se portavam mal. Ricardo foi um dos líderes da Terceira Cruzada, considerado herói na sua época.

**ROBINSON**: (ver: Defoe)

**SAFO**<sup>798</sup>: poetisa grega, da ilha de Lesbos, considerada "a décima musa".

**SALDANHA**<sup>799</sup>: João Vicente de Saldanha Oliveira e Sousa Juzarte Figueira (22/MAI/1746-26-JAN/1804), foi 1º Conde de Rio Maior, filho de António Saldanha de Oliveira e Sousa, 15º morgado de Oliveira, e de D. Constança de Portugal. Foi 16º administrador do morgado de Oliveira, comendador de Santa Maria de África e de mais cinco comendas da Ordem de Cristo, grã-cruz da mesma Ordem, do Conselho de Estado, gentil-homem da Câmara da rainha D. Maria I, deputado da Junta Provisória do Erário Régio e inspector-geral do Terreiro Público. Casou-se com D. Maria Amália de Carvalho e Daun, filha dos 1ºs Marqueses de Pombal. O título de conde de Rio Maior foi instituído por decreto do príncipe-regente D. João, em nome de sua mãe D. Maria I de Portugal, em 18 de Novembro de 1802 e confirmado por carta de lei de 8 de Janeiro de 1803, em favor de João Vicente de Saldanha Oliveira e Sousa.

**SALVATERRA DE MAGOS**<sup>800</sup>: Muito frequentada nos séculos XVIII e XIX pela família real, foi palco, em meados do século XVIII, de uma fase de expansão das caçadas com falcão e se devem à falcoaria real aí introduzida por Carlos V, genro de D. Manuel I. Desde então, estabeleceu-se a tradição de entregar ao Rei de Portugal falcões vindos diretamente da Ilha de Malta, propriedade de Carlos V como relata o Embaixador Bombelles no seu diário (10/MAR/1787): “[D. Maria I] pressée qu’elle était par l’heure donnée pour recevoir les faucons dont le grand maître de Malte lui fait présent tous les ans.” O Palácio da Falcoaria terá sido construído por ordem de D. João V na periferia da vila e foi local de encontro de falcoeiros oriundos de vários pontos da Europa. Em 1752, por iniciativa da família real, estiveram em Salvaterra dez falcoeiros holandeses para transmitirem os seus conhecimentos. Foi no tempo de D. Pedro II que o palácio de Salvaterra de Magos voltou a ser o local preferido da corte, ali se instalando o rei nos meses de Janeiro e Fevereiro para se dedicar aos desportos da montaria. As caçadas em Salvaterra dos Magos, coutada real, se realizavam no verão. Na Quinta da Murteira, entre Samora Correria e Salvaterra de Magos no Ribatejo, Manuel José Antonio de Noronha e Menezes, 2º filho varão do 4º Marquês de Marialva e 7º conde dos Arcos (por casamento com D. Juliana Xavier de Lancastre, 7ª Condessa dos Arcos de Vale de Vez), perdeu a vida num brinco de touros em 1778. Eram conhecidas as suas qualidades físicas, tanto na destreza das armas como no toureio a cavalo, por ter uma agilidade e fortaleza que o predispunham para exercícios de violência. Foi tal a comoção causada pelo ocorrido que, a partir dessa data, foram extintas as touradas em Portugal. (Ver: Júlio de Sousa e Costas – Memórias do Capelão dos Marialvas, p. 225) A partir do século XIX, o antigo palácio entrou em degradação, que se agravou nos últimos 30 anos. O imóvel foi classificado como monumento de interesse nacional, o que ocorreu em 1953.

<sup>797</sup> Ver: *Musa, basta de silêncio*, v. 87, Anexo 1.

<sup>798</sup> Ver: *Musa, basta de silêncio*, v. 87, Anexo 1. Graças ao meu trabalho, que eu já vejo, v. 24, Anexo 1.

<sup>799</sup> Ver: *Musa, basta de silêncio*, v. 17, Anexo 1.

<sup>800</sup> Ver: *Musa, mandam-nos pintar*, v. 44, Anexo 1. *Eu canto a Majestade, o Fausto, a Pompa*, v. 211, Anexo 1.

**SÃO CAETANO**<sup>801</sup>, Frei Inácio de, Arcebispo Confessor (Chaves, 31/JUL/1719 - Queluz, 29/NOV/1788), membro da Real Mesa Censória (1768), Inquisidor Geral), era filho de Pedro Álvares de Teixeira e de Isabel Rodrigues, lavradores abastados. Por indicação de Pombal e contra a vontade de muitos, Frei Inácio recebeu em 1759 a nomeação confessor da princesa da Beira, depois rainha D. Maria I, lugar que vagara pela expulsão dos jesuítas confessores do paço, e depois da morte de Frei José de Sant'Ana. Mais tarde, sem o solicitar nem parecer desejá-lo, foi nomeado inquisidor-mor. A Rainha respeitava-o e não podia passar sem ele que exercia grande influência no seu espírito. Quando faleceu, a Rainha entrou em permanente estado de loucura. Das mortes a que assistiu esta foi a que mais a comoveu.

**SEMEDO, Belchior Manuel Curvo de Semedo Torres de**, (Montemor-o-Novo, 1766/Lisboa /1838). Fidalgo da Casa Real, cavaleiro professo das ordens de Cristo e N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Conceição, capitão do corpo de engenheiros, escrivão dos portos, pertenceu à Nova Arcádia tomou o nome de *Belmiro Transtagano*. Ganhou grande reputação como poeta, tendo publicado cinco livros de poesias entre eles os quatro volumes das *Composições Poéticas*. Obteve renome como fabulista, tendo publicado em 1820 uma *Tradução das melhores fábulas de La Fontaine* em que há muito de original, de verdadeira recriação. Muitos de seus poemas esparsos foram publicados no *Almanak das Musas* de Domingos Caldas Barbosa em 1793. Partilhou com Bocage uma rivalidade que só veio a terminar perto da morte do escritor sadino, simplesmente porque partilhavam o mesmo estilo literário.

**SILVA, António Dinis da Cruz e**, (Lisboa 1731 – Rio de Janeiro, 05/OUT/1799) filho de uma modesta família lisboeta, cujo pai imigrou para o Brasil pouco antes do seu nascimento, deixando a educação dos filhos a cuidado de sua esposa. Estudou Direito na Universidade de Coimbra (1747), sendo nomeado juiz em Castelo de Vide, em 1759, e em Elvas, em 1764. Mais tarde, foi promovido a desembargador da Relação do Rio de Janeiro. Nomeado posteriormente desembargador da Relação do Porto, regressou a Portugal, em 1774. Poeta do Neoclassicismo, fundou em Lisboa, em 1756, juntamente com dois outros bacharéis em Direito, Esteves Negrão e Teotónio Gomes de Carvalho, aos quais se juntou mais tarde Correia Garção, a Arcádia Lusitana ou *Olissiponense*, adoptando o pseudónimo arcádico de gosto clássico *Elpino Nonacriense*. Em Julho de 1790 foi nomeado Desembargador da Casa da Suplicação. Nesta qualidade foi de novo ao Brasil como parte da comitiva enviada a este território para julgar os réus da revolta que ficou conhecida por Inconfidência Mineira na qual estavam implicados poetas amigos seus, tais como Tomás António Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa e Inácio José de Alvarenga Peixoto. Em Dezembro de 1792, foi nomeado para exercer as funções de Chanceler da Relação do Rio de Janeiro e seis anos depois conselheiro do Conselho Ultramarino, funções que o obrigavam regressar a Lisboa, mas para onde não teve tempo de regressar, falecendo no Rio de Janeiro. A sua obra de maior vulto, é o poema herói-cómico *O Hissope* (de 1768), verdadeira obra-prima do humor nacional, que desfrutou de grande popularidade e foi traduzido para francês, inglês e alemão. A sua obra, na sua maioria, só foi publicada depois da sua morte: "*Odes Pindáricas*" (1801), "*O Hissope*" (1802) e, "*Poesias*" em seis volumes entre 1807 e 1817. Pertenceu à Academia de Belas Letras e tem obras esparsas publicadas no *Almanak das Musas* de Domingos Caldas Barbosa (1793).

**SOUSA, D. Antonio Maria de Castelo Branco Correa e Cunha de Vasconcelos e**<sup>802</sup>: (08/MAR/1785-20/MAR/1834), 7.º conde de Pombeiro e 2.º marquês de Belas. Era o

<sup>801</sup> Ver: Ver: *Musa, basta de silêncio*, v. 12, Anexo 1. *Musa, mandam-nos pintar*, Título, Anexo 1. *Eis-me a vossos pés prostrado*, Título, Anexo 1.

<sup>802</sup> Ver: *Deixa q'a Lira*, Título, Anexo 1. *Se um despido pobre viste*, Título, Anexo 1. *Aceita, Ilustre Menino*, Título, An. 1.

primogênito de D. José Luís de Vasconcelos e Sousa, 6.º conde de Pombeiro e 1.º marquês de Belas, e de sua mulher, D. Maria Rita de Castelo Branco Correia e Cunha. Casou-se a 26 de Novembro de 1803 com D. Constança Manuel de Menezes, dama da ordem de Santa Isabel, filha dos 3.ºs marqueses de Tancos. Deste matrimónio nasceu D. António Maria de Castelo Branco, que foi cónego da antiga Patriarcal, e fal. em Coimbra a 7 de Dezembro de 1827; D. Maria Domingas de Castelo Branco, dama da rainha D. Maria II, que casou em primeiras núpcias a 21 de Novembro de 1820 com o 2.º conde de Belmonte, D. José Maria de Figueiredo Cabral da Câmara; e pela segunda vez, em 1 de Abril de 1837, com D. Francisco de Paula de Portugal e Castro, 13.º conde de Vimioso. Entre seus títulos, estão: Fidalgo da Casa Real, 18.º senhor de Pombeiro, 13.º senhor de Belas, 15.º senhor do morgado de Castelo Branco, em Santa Iria, termo de Lisboa; 13.º alcaide-mor de Vila Franca de Xira; 7.º capitão da guarda real dos archeiros; gentil-homem da câmara da rainha D. Maria I, grã-cruz das ordens de N. Sr.<sup>a</sup> da Conceição e da de Torre e Espada; ajudante de ordens do infante D. Miguel, brigadeiro, par do reino.

**SOUSA, D. Antonio José de Vasconcelos e Sousa Câmara Caminha Faro e Veiga**<sup>803</sup>: (Lisboa, 15/FEV/1738- idem, 06/JUN/1801), 9.º *Conde da Calheta e 2.º Marquês de Castelo Melhor*. Primogênito do 1.º Marquês de Castelo Melhor, José de Caminha Vasconcelos e Sousa Távora Faro e Veiga, e de sua mulher D. Maria Rosa Quitéria de Noronha. Casou com D. Mariana de Assis Mascarenhas, filha do 3.º conde de Óbidos, D. Manuel de Assis Mascarenhas, e da Condessa D. Helena Maria Josefa de Menezes, sua segunda mulher, filha dos 4.ºs Marqueses de Alegrete. Entre seus títulos figuram: Conselheiro de Estado, reposteiro-mor vitalício da Casa Real, e Mordomo-Mor de D. Carlota Joaquina; presidente do Senado da Câmara de Lisboa; Grã-cruz da Ordem de Cristo; alcaide-mor e capitão-mor da cidade do Funchal e da ilha de Santa Maria, alcaide-mor de Penamacor, comendador das comendas na ordem de Cristo e senhor dos vínculos já mencionados.

**SOUSA, D. José de Castelo-Branco Correia e Cunha de Vasconcelos e**<sup>804</sup>: (Salvaterra de Magos, (05/FEV/1788- Lisboa, 16/MAR/1872), 1º Conde da Figueira. Era o segundo varão de D. José Luís de Vasconcelos e Sousa, e de sua mulher, D. Maria Rita de Castelo Branco Correia e Cunha, sextos Condes de Pombeiro. Casou a 29 de Agosto de 1801 com D. Maria José de Mello Menezes e Silva, que faleceu no Rio de Janeiro a 4 de Maio de 1818. Passou as segundas núpcias a 11 de Fevereiro do ano de 1822, com D. Maria Amália Machado de Mendonça Eça Castro Vasconcelos Orosco e Ribera, que faleceu a 28 de Dezembro do ano de 1863. O título de conde da Figueira foi concedido por D. João VI, sendo ainda regente, por decreto de 13 de Maio de 1810. Entre outros de seus títulos constam: Veador da princesa do Brasil D. Maria Benedita, viúva do príncipe D. José; comendador de Santa Maria de Gulfar e de S. Pedro de Vale de Ladrões, ambas na ordem de Cristo; par do reino; grã-cruz das ordens de N. Sr.<sup>a</sup> da Conceição, da Torre e Espada, e da de Carlos III, de Espanha; brigadeiro reformado, governador e capitão-general da província de S. Pedro de Rio Grande do Sul no Brasil. O conde da Figueira serviu de reposteiro-mor nos actos da aclamação e do funeral de D. João VI. Exerceu o cargo de governador e capitão-general da província do Rio Grande do Sul, desde Julho de 1818 até 1821. O conde de Figueira era grande de Espanha de 1.ª classe, marquês de Olias e de Zursial, na Catalunha, e marquês de Mortara, no ducado de Milão. Foi um fidalgo sempre dedicado ao partido legitimista.

**SOUSA, D. José Luís de Vasconcelos e**: (Lisboa, 09/JUL/1740 - Rio de Janeiro, 16/ABR/1812), 6.º Conde de Pombeiro e 1.º marquês de Belas. Era filho segundo dos 1.ºs

<sup>803</sup> Ver: *No Dia, em que teus dias começaram*, Título, Anexo 1. *Já que te chega a ventura*, v. 66 e 89, Anexo 1.

<sup>804</sup> Ver: *Musa, mandam-nos pintar*, v. 257, Anexo 1.

marqueses e 4.<sup>os</sup> condes de Castelo Melhor, José de Caminha Vasconcelos e Sousa Távora Faro e Veiga, e de sua mulher, D. Maria Rosa Quitéria de Noronha, filha dos 2.<sup>os</sup> marqueses de Angeja. Casou em 29 de Novembro de 1783 com D. Maria Rita de Castelo Branco Correia e Cunha (05/ABR/1769/03/MA/1832), filha e herdeira de António Joaquim de Castelo Branco Correia e Cunha, 5.<sup>o</sup> conde de Pombeiro, e de D. Ana Vitória Xavier Teles, filha dos 5.<sup>os</sup> condes de Unhão. Pelo casamento com a 6.<sup>a</sup> condessa de Pombeiro, recebeu este título e a administração de todos os bens desta nobre casa, sendo mais tarde agraciado com o título de marquês de Belas no reinado de D. Maria I, regência do príncipe D. João. Entre seus títulos figuram: Fidalgo da Casa Real, conselheiro de Estado, regedor das justiças, desembargador do Paço, e da Consciência e Ordens no Rio de Janeiro, procurador fiscal da Junta dos Três Estados, deputado do exame das dívidas da Fazenda Real; embaixador extraordinário em Londres por diferentes épocas, desembargador da Relação e Casa do Porto, e dos agravos da Casa da Suplicação, bacharel formado em Cânones pela Universidade de Coimbra. O Marquês de Belas era muito dedicado à literatura, e entusiasta pela poesia. Traduziu: *Henrique IV, poema epico, traduzido do original francez*, Lisboa, 1807; *Henriada*, de Voltaire. Há quem pretenda, que estas duas traduções foram realizadas por seu protegido o beneficiado e capelão da Relação, Domingos Caldas Barbosa.

**SOUSA, Luís de Vasconcelos e**<sup>805</sup>: (Lisboa, 01/NOV/1742-R. Janeiro, 24/MAR/ 1809), 4.<sup>o</sup> conde de Figueiró. Terceiro varão de José de Vasconcelos e Sousa Caminha Câmara Faro e Veiga, 1.<sup>o</sup> marquês de Castelo Melhor, e Maria Rosa Quitéria de Noronha. Entre seus cargos figuram: desembargador da Relação do Porto e da Casa da Suplicação; veador da princesa viúva do príncipe D. José, D. Maria Francisca Benedita; desembargador do Paço, conselheiro de Estado, vereador do senado de Lisboa, presidente da Mesa do Desembargo do Paço. Foi o 12.<sup>o</sup> Vice-Rei do Brasil e Capitão General de Mar e Terra do Estado do Brasil (1778-1790), tendo administrado com sucesso os assuntos relativos à religião, justiça, fazenda, agricultura, navegação, comércio, política. Segundo Varnhagen, distinguiu-se "pela moderação e pela prudência". Fomentou o cultivo do anil e do cânhamo. Muito fez pela cidade do Rio de Janeiro, capital do Vice-Reinado: criou o Passeio Público, ainda hoje existente; abriu ruas e protegeu artistas. Mandou construir a chamada Casa dos Pássaros, origem do Museu Nacional do Rio de Janeiro, no Largo da Lampadosa (era dirigida por *Xavier dos Pássaros*, como era chamado Francisco Xavier Cardoso Caldeira). Diz-se ter sido o precursor do urbanismo do Rio. O final de seu governo foi abalado pela Inconfidência Mineira.

**SWIFT**<sup>806</sup>, Jonathan (Dublin, 1667- 1745), escritor e grande intelectual irlandês. Em 1726 publicou sua obra-prima *Viagens de Gulliver*, onde pretendia agredir o mundo e não divertilo. Esta sátira em que recria os anões de Lilliput teve sucesso imediato, sendo considerado um dos livros mais famosos e inteligentes da literatura universal.

**TANCOS, MARQUESA DE**<sup>807</sup>: (ver: Aveiras)

**VIMIEIRO, Condessa de:** (D. Teresa Josefa de Melo Breyner (10/JAN/1739/ c. 1798), mulher de D. Sancho de Faro, 4.<sup>o</sup> conde de Vimieiro. Era Dama de Honor e depois Camareira-Mor de D. Maria I, filha de D. Francisco de Meço Breyner e de D. Isabel de Meneses, condessa de Ficalho. Cultivou as letras, as ciências e as artes. Fez parte do cenáculo literário junto aos poetas Tolentino e Cruz e Silva, sendo amiga predileta de D. Leonor de Almeida Portugal, Marquesa de Alorna com respectivos nomes arcádicos de Tirse e Alcipe. (Tese: p. 21)

<sup>805</sup> Ver: *Esses Vates, os sonoros vates*, Título, Anexo 1.

<sup>806</sup> Ver: *Musa, basta de silêncio*, v. 18, Anexo 1.

<sup>807</sup> Ver: *Musa, basta de silêncio*, v. 18, Anexo 1. *Eu canto a Majestade, o Fausto, a Pompa*, v. 19, Anexo 1.

**VIRIATO**<sup>808</sup>: (? – 139 a. C.) foi um dos líderes da tribo lusitana que confrontou os romanos na Península Ibérica em 1 a. C. Pouco se sabe sobre sua vida, desconhecendo-se a data e o local exacto onde nasceu. A única referência à localização da sua tribo nativa foi feita pelo historiador grego Diodoro da Sicília ao afirmar que pertencia às tribos Lusitanas que habitavam do lado do oceano. Outra teoria diz que é oriundo dos altos Montes Hermínios, atual Serra da Estrela, embora nenhum autor da antiguidade o tenha mencionado. Foi descrito como um homem que seguia os princípios da honestidade e trato justo, sendo reconhecido por ser exacto e fiel à sua palavra nos tratados e alianças que fez. Diodoro afirmou que Viriato teria sido o mais amado de todos os líderes lusitanos. Pertencia à classe dos guerreiros, à minoria governante. Era conhecido entre os romanos como *dux* do exército Lusitano, como protetor, da Hispânia, ou como *imperator*, provavelmente da confederação das tribos Lusitanas e Celtiberos. Os lusitanos constituíram um conjunto de povos ibéricos pré-romanos de origem indo-europeia que habitaram a porção oeste da Península Ibérica desde a idade do ferro. Em 29 a.C., na sequência da invasão romana a que resistiram longo tempo, foi criada a província romana da Lusitânia nos seus territórios, correspondentes a grande parte do atual Portugal.

**ZARA**<sup>809</sup>: Bela moura cujo nome está ligado à lenda da conquista da cidade de Abrantes. Em 1148 a hoste dos cristãos, chefiada por D. Afonso Henriques, pôs cerco ao castelo cujo alcaide era um velho mouro chamado Abraham Zaid que tinha uma filha de nome Zara. Entre os cavaleiros de D. Afonso Henriques encontrava-se um valente guerreiro de nome Machado que, depois de muitas perícias, acabou por se casar com a bela moura Zara.

**ZENÓBIA DO ORIENTE**<sup>810</sup>: (Tibur - hoje Tívoli), foi rainha de Palmira (Síria). Depois da morte do marido reinou em nome do filho e fez de Palmira uma brilhante capital no Oriente Médio. Em finais de 271 Zenóbia ameaçava Roma com a chamada “questão de Palmira”, por ter proclamado a sua independência. À frente de seu reino, conquistara também o Egito e estava prestes a avançar sobre a Ásia Menor até o Helesponto. Lúcio Domício Aureliano, imperador romano (270 — 275) entretanto, conseguiu reconquistar os territórios sírios, da Ásia Menor e também o Egito, apertando o cerco a Palmira, onde Zenóbia foi vencida e reduzida ao cativeiro em 273.

**ZENÓBIA, ÓPERA**<sup>811</sup>: ópera de David Perez (1711-1779), antigo mestre de D. Maria I. Desconhecendo os fenômenos da psicologia, o confessor e os nobres de sua Corte procuravam distraí-la na sua loucura, promovendo estrondosas regatas pelo Tejo com escaleres reais. Numa dessas ocasiões, no teatro de Salvaterra \*, apresentaram a dramática ópera Zenóbia, na ópera, uma rainha com dois filhos, que foi destronada e aprisionada pelo imperador Aureliano. D. Maria, que acabara de perder o marido, a filha D. Mariana Vitória e o filho D. José, identificou-se com a tragédia e já deixou o teatro em delírio, nunca mais recobrando a consciência.

<sup>808</sup> Ver: *Pois chega a Moda ao Pindo, eu sigo a Moda*, v. 99, Anexo 1.

<sup>809</sup> Ver: *Graças ao meu trabalho, que eu já vejo*, v. 128, Anexo 1.

<sup>810</sup> Ver: *Pois chega a Moda ao Pindo, eu sigo a Moda*, v. 44, Anexo 1.

<sup>811</sup> Ver: *Eu canto a Majestade, o Fausto, a Pompa*, v. 216, Anexo 1.

## Índice das referências mitológicas citadas

**ACRÍSIO**<sup>812</sup>: Abante e Aglaia, uma das três Graças (ver Três Graças) e tiveram os gêmeos Acrísio e Preto. Acrísio sucedeu ao pai como rei de enquanto Preto governou Tirinto. Acrísio se casou com Eurídice e tiveram uma filha chamada Dânae. Desgostoso de não ter um filho varão, consultou o oráculo que lhe afirmou que não teria um filho, mas um neto que o mataria. Para escapar a esse destino, Acrísio mandou encerrar Dânae em uma câmara de bronze subterrânea e posta sob guarda, onde ela permaneceu até ser visitada por Zeus na forma de uma chuva de ouro, ficando grávida de Perseu. Anos depois Perseu matou a Medusa, libertou e casou com Andrômeda, filha de Cassiopéia e voltou com ela e a mãe Dânae para Argos. Ao saber da sua chegada, o velho rei Acrísio fugiu para a Tessália. Durante os jogos fúnebres do rei de Larissa, entretanto, Perseu, que não conhecia o avô nem este o conhecia a ele, atirou um disco que se desviou e atingiu Acrísio, que se encontrava entre os espectadores, matando-o, cumprindo-se assim a profecia do oráculo.

**ADAMASTOR**<sup>813</sup>: mítico gigante baseado na mitologia greco-romana, referido por Luís de Camões n'*Os Lusíadas*. Representa as forças da natureza contra Vasco da Gama sob a forma de uma tempestade, ameaçando a ruína daquele que tentasse dobrar o Cabo da Boa Esperança e penetrasse no Oceano Índico, os alegados domínios de Adamastor.

**AGLAIA** : (ver Três Graças)

**ALAÚDE**<sup>814</sup>: *al-oud* em árabe, é um instrumento datado da época dos faraós, levado para a Espanha durante a dominação mourisca, tendo-se popularizado em toda a Europa. Instrumento típico da cultura árabe, suas melodias são escritas em uma escala exótica numa cadência peculiar com infundáveis trinados e floreios aliciantes. É comum no norte da África em países do mundo árabe como Marrocos, Algéria, Líbia, Egito.

**AMARANTO**<sup>815</sup>: ou Perpétuas (*Gomphrea globosa*), originalmente uma planta de flores de coloração roxa. Mnatém seu porte, suas folhas, suas flores e sementes com sua cor por longo e indeterminado tempo. A fábula o compara à rosa que explode em beleza tão logo floresce mas suas pétalas, mal se abrem, caem e ela perece. Concluem os fabulistas que é melhor ter vida longa sempre jovem do que viver o fulgor extremo, mas que não perdura.

**AMORES**: (ver Cupido)

<sup>812</sup> Ver: *Graças ao meu trabalho, que eu já vejo*, v. 79, Anexo 1.

<sup>813</sup> Idem, v. 137, Anexo 1.

<sup>814</sup> Ver: *Ouve, ó Mecenas, que de Reis descendes*, v. 41, Anexo 1.

<sup>815</sup> Ver: *Que gloria! que capricho! Que esperança*, v. 4, Anexo 1.

**APELES**<sup>816</sup>: Segundo testemunhos de autores como Plínio, Estrabão, Luciano, Ovídio, Petrônio e outros foi o mais importante pintor da antiguidade. Há indícios de que, nascido na Jônia, tenha estudado com o pintor Pânfilo de Anfípolis na célebre escola dória de Sícion, no sul da Grécia. Nenhuma de suas obras foi preservada, mas teve sua celebridade firmada através de referências escritas. O estilo do mestre grego, segundo os autores da antiguidade, caracterizava-se pela suavidade do colorido e a precisão das linhas. Nem por meio de cópias suas obras foram conhecidas, mas descrições delas asseguraram-lhes influência bem mais tarde, especialmente durante o Renascimento na Itália. Assim é que "Calúnia" de Apeles, descrita por Luciano, inspirou a Boticelli, em 1494, uma pintura de igual título hoje nos Uffizi, em Florença. Foi contemporâneo de Alexandre que conheceu na Olimpíada 112 (332-329 a.C.) e, segundo Plínio, tornou-se seu retratista oficial. Apeles esteve ativo até os últimos anos do século IV a.C., a se deduzir de suas relações com Ptolomeu, Antígono e Protógenes.

**APOLO**<sup>817</sup>: também Delio por ter nascido em Delos, irmão gêmeo de Artemis, também chamada Cíntia, deusa da Lua. Filho de Júpiter, era o deus da luz, aquele que conduzia o carro do sol diariamente para o céu e, à noite, o escondia por trás das montanhas, trazendo o dia e a noite sobre a Terra. Uma vez por ano visitava o país dos Hiperbóreos, provocando o inverno. Desvendava os ditames do Destino nos seus vários templos por meio das pitonisas. De grande beleza, foi sagrado pelas Musas como protetor das artes e da perfeição. Seu carácter funesto, entretanto, podia provocar a morte súbita ou enviar terríveis epidemias de pestes.

**AQUILÃO**<sup>818</sup>: filho de Éolo e de Aurora. Vento Norte cujo sopro se assemelha ao vôo da águia. Costuma ser representado pelos poetas como um ancião de cabelos brancos com cauda de serpente.

**ARTEMIS**: uma das doze divindade gregas do Olimpo, inicialmente ligada à floresta e à caça, associou-se depois à luz da lua, sendo fonte inesgotável da inspiração das artes. Filha de Zeus e Leto, era irmã gêmea de Apolo, conhecida pelos romanos como *Diana*. Sua mãe foi perseguida por Hera que a perseguiu. À espera de gêmeos deu a luz no monte Cinto na ilha de Delos: primeiro a Artemis e em seguida ao seu irmão gêmeo, Apolo. Zeus, seu pai, fê-la rainha dos bosques, presenteando-a com arco e flechas de prata, enquanto seu irmão Apolo recebeu os mesmos em ouro, obra de Hefesto o deus do fogo e das forjas. Sendo considerada a mais pura e casta das deusas, era amada pelas Ninfas e com elas dançava freqüentemente nas florestas como a luz prateada da lua. Infatigável caçadora e, apesar do seu voto de castidade, apaixonou-se pelo jovem caçador Órion, filho de Poseidon. Enciumado, seu irmão Apolo, ao ver os amantes em uma praia, desafiou Artemis a matar um monstro que submergia da água. Sem saber que se tratava da cabeça de Órion, retesou o arco e o acertou com sua flecha. As ondas trouxeram seu corpo até a praia e ela, em sua dor, colocou-o entre as estrelas do céu, onde ele aparece como um gigante com cinto e espada, vestindo pele de leão e segurando uma clava, acompanhado pelo seu cão, *Sírius*. Artemis também é conhecida como Cíntia por ter nascido no monte Cinto.

**ÁTALO I**<sup>819</sup>, Sóter: rei de Pérgamo entre 241 e 197 a.C. Era primo e filho adotivo de Eumenes I, a quem sucedeu, dando origem à Dinastia Atálida. Seus pais foram Átalo e Antíoque, princesa do império Selêucida. Em seu reinado foram contidas as invasões dos gálatas, que por mais de uma geração vinham amedrontando e saqueando a Ásia Menor. General capaz e corajoso, foi aliado leal da Roma Antiga. Desempenhou um papel importante

<sup>816</sup> Ver: *Musa, mandam-nos pintar*, v. 10, Anexo 1.

<sup>817</sup> Ver: *Arminda, cuja beleza*, v. 171, Anexo 1. *Graças ao meu trabalho*, v. 20 e v. 322, Anexo 1.

<sup>818</sup> Ver: *No Dia, em que teus dias começaram*, v. 6, Anexo 1. *Eu canto a Majestadade, o Fausto, a Pompa*, v. 61, Anexo 1.

<sup>819</sup> Ver: *Ouve, ó Mecenas, que de Reis descendes*, v. 18, Anexo 1.

nas Guerras Macedônicas contra Filipe IV da Macedônia, conduzindo diversas operações navais no mar Egeu. Morreu com 72 anos, sucedendo-o Eumenes II, um de seus filhos.

**ATROPOS**<sup>820</sup>: (ver Parcas)

**AUSTRO ou NOTO**<sup>821</sup>: Vento Sul, filho de Astreu e Aurora, irmão de Boreas, vento do Norte e de Zéfiro, vento do Oeste. Em certas épocas trazia chuvas e nevoeiros e, em outras, era seco e sufocante.

**BOREAS**<sup>822</sup>: Vento do Norte, frio e rigoroso. Filho de Astreu e de Aurora, irmão de Austro\* ou Noto\*, vento do Sul e de Zéfiro\*, vento do Oeste.

**CABALINA**<sup>823</sup>: ou Hipocrene\*, fonte grega que, na mitologia celta, se chamava Épona, “a amazona”, uma deusa montada em um cavalo branco, protetora das águas e da agricultura. Depois da conquista da Gália, os romanos divulgaram esse nome por seus territórios. Épona corresponderia, portanto, a Hipocrene, “fonte cabalina” grega. (I; 2; 71 a 87 – v. 74)

**CAMENAS**<sup>824</sup>: ninfas das fontes e dos bosques, responsáveis pelas profecias, presidiam o nascimento das crianças, curavam as doenças e inspiravam os poetas.

**CAPRICÓRNIO**<sup>825</sup>: ou Jano, décima constelação do Zodíaco na qual Júpiter teria transformado o deus Pã. Este assumira a forma de um bode, tentando escapar à perseguição do gigante Titão. Conforme outra lenda, resulta da metamorfose da cabra Amalteia, nutriz de Júpiter. Seu outro apelativo Jano deu o nome ao mês de Janeiro, estação do Inverno, e que rege a astrologia de 21/DEZ a 21/JAN.

**CASTÁLIA**<sup>826</sup>: fonte que ficava na entrada do templo de Apolo, onde Pítia, a pitonisa bebia sua água antes de fazer suas profecias, envolvida nas emanações gasosas que saíam de uma fenda da rocha. Também os visitantes faziam parada obrigatória na entrada da fonte Castália, para purificação antes do acesso ao templo.

**CÉRBERO**<sup>827</sup>: o cão de três cabeças, filho de Tifom e Equidna, inimigo de Zeus e da hidra de Lerna com sete cabeças. Da sua união com Quimera nasceram o leão de Nemeia e a Esfinge. Cérbero era o cão mais famoso da mitologia, guardião das portas do reino de Hades, o inferno. Sua missão não era impedir a entrada de alguém mas sim a sua saída. Era tão feroz e temido que o rei Euristeu, certo da derrota do Herói, desafiou Hércules a vencer Cérbero como seu 12º trabalho, no que se enganou. Os mortos eram transportados na barca de Caronte para a outra margem do rio Aqueronte, onde se situava a entrada do reino de Hades, guardada por Cérbero, que acolhia os mortos ao som de fortes latidos. Para acalmar-lhe a fúria, os mortos lhe jogavam um bolo de farinha e mel que seus entes queridos teriam deixado nos seus túmulos.

<sup>820</sup> Ver: *Negras noturnas aves agoiraram*, v. 10, Anexo 1.

<sup>821</sup> Ver: *À fresca sombra de um cerrado bosque*, v. 158, Anexo 1. *O Torvo Inverno sobre pardas nuvens*, v. 3, Anexo 1.

<sup>822</sup> Ver: *À Fresca sombra dum cerrado bosque*, v. 158, Anexo 1.

<sup>823</sup> Ver: *Graças ao meu trabalho, que eu já vejo*, v. 86, Anexo 1.

<sup>824</sup> Ver: *Deixa q' a Lira*, v. 55, Anexo 1. *Estes Vates, os sonorosos vates*, v. 11, Anexo 1.

<sup>825</sup> Ver: *Ouve, ó Mecenas, que de Reis descendes*, v. 55, Anexo 1.

<sup>826</sup> Ver: *Arminda, cuja beleza*, v. 182, Anexo 1. *Graças ao meu trabalho, que eu já vejo*, v. 232, Anexo 1. *À Fresca sombra dum cerrado bosque*, v. 140, Anexo 1.

<sup>827</sup> Ver: *Já fatigado de forçar vamente*, v. 59, Anexo 1.

**CERES**<sup>828</sup>: deusa da lavoura na mitologia romana equivalia à deusa grega Deméter. Era filha de Saturno e Cibele, sempre retratada com um cetro, um cesto de flores e frutos, tendo na orelha uma coroa feita de orelhas de trigo. Era a deusa das plantas que brotam, (particularmente dos grãos) e do amor maternal. Em 496 a.C., durante uma fome devastadora, parece ter sido adotada pelos romanos quando os livros Sibílicos aconselharam que tomassem a proteção de deusa grega Deméter. Sua veneração ficou associada às classes plebeias, que dominavam o comércio de cereais. Ela tinha doze deuses menores que a assistiam e estavam encarregados de tarefas específicas da lavoura.

**CÍPRIA**<sup>829</sup>: nome dado à ilha de Chipre; em grego significa cobre, metal encontrado nas muitas minas a noroeste da ilha; quem nasce em Chipre é cipriano. Pode ainda se referir a Vênus, a Deusa Cípriá (ou Ciprígena), que nasceu da espuma do mar que cerca a ilha de Chipre, onde era venerada.

**CITERA**<sup>830</sup>: (*em grego: Κύθηρα, Kythera*) é uma ilha grega que faz parte das Ilhas Jónicas. Situa-se frente à extremidade oriental da península do Peloponeso, ao sul do Cabo Maleia. A paisagem é acidentada e rochosa, fruto dos ventos marítimos predominantes que, pelo efeito da erosão, moldaram as suas encostas em penhascos com baías profundas na base. Durante muitos séculos, a ilha era um ponto estratégico de relevo na região, sendo, desde a antiguidade até meados do século XIX, um ponto de paragem quase obrigatório na rota de marinheiros, comerciantes e navios militares. A ilha foi durante muito tempo conhecida pelos seus pescadores de *murex*, de onde extraíam o corante púrpura. Os fenícios instalaram lá um templo à deusa Astarte-Ishtar, identificada com Afrodite, que por lá teria passado após ter nascido da espuma (*aphrós*) do mar. No século XVIII foi uma referência para poetas e artistas que a consideravam um local idílico, propenso aos amantes, como se verifica, por exemplo, no quadro de Antoine Watteau, *O embarque para Citera*.

**CLOTO**<sup>831</sup>: (ver: Parcas)

**COCITO**<sup>832</sup>: Afluente do rio Aqueronte que os mortos atravessavam para atingir sua morada definitiva. Também servia de comunicação com os Infernos. Suas águas eram formadas pelas lágrimas dos culpados e às suas margens vagavam, durante cem anos, as almas dos mortos insepultos ou que não tinham recebido homenagens fúnebres.

**CUPIDO**<sup>833</sup>: também conhecido como Amor, equivale ao deus grego Eros. Filho de Vênus e de Marte, andava sempre com seu arco, pronto para disparar sobre o coração de homens e deuses. Tornou-se marido de Psiquê, a deusa da alma. Personifica a paixão arrebatadora. É representado como um menino alado que carrega um arco e um carvão com setas. Os ferimentos provocados por suas setas despertam amor ou paixão em suas vítimas. É também representado com uma armadura semelhante à de Marte, seu pai, talvez para assim sugerir paralelos irónicos entre a guerra e o romance ou para simbolizar a invencibilidade do amor. Embora fosse algumas vezes apresentado como insensível e descuidado, Cupido era, em geral, tido como benéfico em razão da felicidade que concedia aos casais, mortais ou imortais. Era considerado malicioso pelas combinações que fazia, situações em que agia orientado por Vênus.

<sup>828</sup> Ver: *Arminda, cuja beleza*, v. 60, Anexo 1.

<sup>829</sup> Ver: *Ouve, ó Mecenas, que de Reis descendes*, v. 15, Anexo 1.

<sup>830</sup> Ver: *À Fresca sombra de um cerrado bosque*, v. 164, Anexo 1.

<sup>831</sup> Ver: *Negras, noturnas aves agoiraram*, v. 6, Anexo 1.

<sup>832</sup> Ver: *Neste Dia fatla, infausto dia*, v. 9, Anexo 1.

<sup>833</sup> Ver: *Estes Vates, os sonorosos vates*, v. 18, Anexo 1.

**DEUS BIFRONTE:** (ver: Capricornio)

**ELÍSIO, Filinto** - Francisco Manuel do Nascimento (Lisboa, 23/DEZ/1734 - Paris, 25/FEV/1819), poeta, e tradutor, português do Neoclassicismo. O seu pseudónimo, Filinto Elísio, ou também Niceno, foi-lhe atribuído pela Marquesa de Alorna a quem ensinou latim quando se encontrava reclusa, juntamente com sua mãe e irmã, D. Maria Rita de Almeida Portugal, no mosteiro de São Feliz, em Chelas. Foi ordenado sacerdote, em 1754, e influenciado pelo arcadismo, e pelo iluminismo. As suas ideias liberais levaram a que fosse denunciado à Inquisição, sendo obrigado a fugir de Portugal, exilando-se em Paris em 1778. Para subsistir dedicou-se à tradução de obras francesas. Suas obras foram publicadas ainda em sua vida em 11 volumes (Paris, 1817- 1819), seguindo-se uma 2ª póstuma em 22 volumes (Lisboa, 1836-1840). Sua grande influência - o "filintismo – se fez sentir principalmente no Pré-Romantismo. Obras Completas, (1817-1819)

**ÉOLIA**<sup>834</sup>: ilha flutuante, reino de Éolo, filho de Netuno e Arne. Aquele reinava sobre tumultuosos súditos, os Ventos eram encerrados em odres numa caverna dessa ilha

**ÉOLO**<sup>835</sup>: deus dos ventos.  
(II; 3; 82 a 84 - v. 10)

**EUTERPE**<sup>836</sup>: (ver: Musas)

**EUFROSINA:** (ver: Três Graças)

**EUROPA**<sup>837</sup>: Filha de Agenor e Telefassa. Júpiter se apaixonou por ela quando a viu em Tiro, brincando na praia. A jovem foi surpreendida por um belo touro branco que se ajoelhou a seus pés, desejando então montá-lo. Este era Júpiter metamorfoseado que a levou para o fundo do mar. Em Creta teve com ela três filhos que mais tarde foram adotados por seu marido.

**FAETONTE**<sup>838</sup>: na mitologia grega era o filho de Hélios e da ninfa Climene. Um dia pediu a seu pai as rédeas do carro do Sol. Hélios recusou, inicialmente, mas acabou por aceder, dando-lhe a indicação da rota a seguir. No entanto Faetonte não obedeceu às instruções paternas, ora subindo demasiado e provocando oscilações nos astros ora descendo e arriscando-se a provocar destruição na terra. A fim de prevenir um desastre, Zeus viu-se obrigado a fulminá-lo com um raio e Faetonte precipitou-se sobre o rio Erídano (rio Pó).

**FEBO**<sup>839</sup>: (ver: Apolo) Epíteto de Apolo, o deus brilhante.

**FEDRÍADES**<sup>840</sup>: dois imensos rochedos nas faldas do monte Parnaso, dando idéia de o dividir ao meio. No seu sopé ficava Delfos, onde Pítia formulava suas profecias.

**FILOMELA e PROGNE**<sup>841</sup>: duas irmãs filhas de Andíon, rei de Atenas. Progne casou-se com Tereu, rei da Trácia que se enamorou da cunhada Filomela. Depois de possuí-la, cortou-

<sup>834</sup> Ver: *Pois chega a Moda ao Pindo, eu sigo a Moda*, v. 43, Anexo 1.

<sup>835</sup> Ver: *O Torvo Inverno sobre pardas nuvens*, v. 10, Anexo 1.

<sup>836</sup> Ver: *Graças ao meu trabalho, que eu já vejo*, v. 10, Anexo 1. *Ouve, ó Mecenas, que dos reis descendes*, v. 43, Anexo 1.

<sup>837</sup> Ver: *À Fresca sombra dum cerrado bosque*, v. 127, Anexo 1.

<sup>838</sup> Ver: *Eu canto a Majestade, o Fausto, a Pompa*, v. 58, Anexo 1.

<sup>839</sup> Ver: *O Torvo Inverno sobre pardas nuvens*, v. 4, Anexo 1.

<sup>840</sup> Ver: *Arminda, cuja beleza*, v. 181, Anexo A.

<sup>841</sup> Ver: *Musa, basta de silêncio*, v. 68, Anexo 1.

lhe a língua mas Filomela ainda assim, através dos seus bordados, conseguiu contar à sua irmã toda violência de Tereu. Para vingar-se, Progne mata o próprio filho Ítis e prepara suas carnes que dá a comer ao marido. Ao descobrir essa trama macabra, Tereu desembainha a espada para matar as duas irmãs. Os deuses intervêm e transformam Filomela em rouxinol e Progne em andorinha. Em grego *prókné* significa mulher ou Primavera; nas **Geórgicas** de Virgílio, esse vocábulo ocorre com o significado de 'andorinha'. Nos seus versos, o Poeta se refere a Progne ímpia por ter morto o filho e por personificar a Primavera que ainda aguarda a passagem do inverno.

**GRAÇAS**<sup>842</sup>: (ver: Três Graças)

**HELICÔNIA**<sup>843</sup>: região da Beócia, na Grécia, onde estava situado o Monte Helicon onde, segundo a mitologia, residiam Apolo e suas Musas. Aí havia duas fontes, Aganipe e Hipocrene\*, que tinham a virtude de conferir inspiração poética a quem bebesse suas águas.

**HÉLIOS**<sup>844</sup>: pai de Faetonte, era, na mitologia grega, a representação divina do *Sol* em todas as suas fases e latitudes, desde o nascer até o seu desaparecimento. Filho de Hipérion era neto de Urano e de Gaia, irmão de Eos, a *Aurora*, e de Selene, a *Lua*. Enquanto Apolo era o deus da luz do sol, ele era o *olho* do mundo. Percorria o céu todos os dias, de leste para oeste, num carro flamejante puxado por quatro corcéis, para levar luz e calor aos homens. Os quatro corcéis que puxavam o carro de Hélios era puxado eram os irmãos Piróis, Flegonte, Eô e Etonte.

**HÉRCULES**<sup>845</sup>: o mais célebre dos heróis da mitologia grega, um semideus, símbolo do homem em luta contra as forças da natureza. Era filho de Zeus e Alcmena. Foi protagonista de doze perigosíssimos trabalhos ordenados por seu primo Euristeu, rei de Micenas e de Tirinto, gerando a lenda da sua maior realização: os Doze Trabalhos de Hércules. O primeiro deles – matar o invencível leão de Nemeia - realizou-se na região de Nemeia, próxima de Tebas. Conta a lenda que, possuidor de sua força inusitada, ainda bebê, tenha esmagado com as próprias mãos duas serpentes enviadas por Juno, movida por ciúmes, para matá-lo.

**HIPOCRENE**<sup>846</sup>: fonte do Monte Helicon que surgiu de uma patada do cavalo Pégaso. Suas águas conferiam inspiração poética. À sua volta reuniam-se as Musas para dançar com graciosos movimentos enquanto cantavam. Acreditava-se que sua água favorecia a inspiração poética.

**ICÁRIA**<sup>847</sup>: ilha grega localizada no mar Egeu setentrional, a sudoeste da ilha de Samos. O nome *Icaria* deriva da figura mitológica de Ícaro, filho de Dédalo, que teria caído do céu no mar próximo à região.

**INDO**<sup>848</sup>: o rio mais longo e mais importante do Paquistão e um dos mais destacados rios do subcontinente indiano. O topônimo "Índia" é proveniente do nome desse rio.

<sup>842</sup> Ver: *Graças ao meu trabalho, que eu já vejo*, v. 19, Anexo 1.

<sup>843</sup> Ver: *Graças ao meu trabalho, que eu já vejo*, v. 11, Anexo 1.

<sup>844</sup> Ver: *Eu canto a Majestade, o Fausto, a Pompa*, v. 58, Anexo 1.

<sup>845</sup> Ver: *Se eu vejo o forte, impávido Tebano*, Nota 1, Anexo A. *Bela Mãe de Filhos belos*, v. 46, Anexo 1.

<sup>846</sup> Ver: *Arminda, cuja beleza*, v. 196, Anexo 1. *Que glória! Que capricho! que esperança*, v. 125, Anexo 1.

<sup>847</sup> Ver: *Ouve, ó Mecenas, que de Reis descendes*, v. 19, Anexo 1.

<sup>848</sup> Ver: *Eu canto a Majestade, o Fausto, a Pompa*, v. 43, Anexo 1.

**JÔNIA**<sup>849</sup>: nome como se conhecia, na Antiga Grécia, a parte central e ocidental da península da Anatólia na Turquia (chamada Grécia asiática ou costa oeste da Ásia menor) que incluía também as ilhas adjacentes em frente às costas em que floresceram as colônias gregas cuja população propagou o comércio e as artes. Jônia designava também toda a península da Ática onde, mais tarde, seria fundada Atenas.

**LÁQUESIS**<sup>850</sup>: (ver Parcas)

**LETES**<sup>851</sup>: ou rio do esquecimento, um dos rios que levam ao Inferno. Para atravessá-lo é exigido um pagamento. Aquele que bebe de suas águas ou nelas mergulha, perde completamente a memória, esquecendo todo o passado.

**LÍSIA**<sup>852</sup>: epíteto que ora designa Portugal, ora Lisboa.

**MNEMOSINE**<sup>853</sup>: Mãe das nove Musas (ver: Musas)

**MINERVA**<sup>854</sup>: equivalente romana da deusa grega Atena, uma das doze divindades do Olimpo, filha de Jupiter e Métis. Era deusa das artes e da guerra, dotada de inteligência e sabedoria.

**MUSAS**<sup>855</sup>: As nove musas eram filhas de Zeus e Mnemosine. Habitavam a Pieria na Trácia, junto ao monte Olimpo, onde nasceram as nove Musas, suas filhas: Clio, a que confere fama; Euterpe, a que dá júbilo; Talia, a festiva; Melpômene, a cantora; Terpsicore, a que adora a dança; Érato, a que desperta o desejo; Polímnia, a de muitos hinos; Urânia, a da astronomia; Calíope, a da eloquência. Eram, originalmente, ninfas dos rios e lagos. Seu culto era originário da Trácia ou de Pieria, região a leste do Olimpo, de cujas encostas escarpadas desciam vários córregos produzindo sons que sugeriam uma música natural, levando a crer que a montanha era habitada por deusas amantes da música. Nos primórdios, eram apenas deusas da música, formando um maravilhoso coro feminino. Posteriormente, suas funções e atributos se diversificaram.

**NEREU**<sup>856</sup>: filho do Mar e da Terra, casou com a oceânida Doris cujas filhas foram as Nereidas. Reinava no mar Egeu, possuindo o dom da profecia e, como todas as divindades marinhas, podia assumir várias formas. Indicou a Hércules o caminho para o país das Hespérides e avisou Paris do destino infeliz de sua pátria se raptasse Helena. Era representado como um velho de barbas brancas montado num tritão e sustendo um tridente.

**NOTO ou AUSTRO**<sup>857</sup>: vento sul, filho de Astreu e de Aurora, irmão de Boreas\*, vento do Norte e de Zéfiro\*, vento do Oeste. Em certas épocas trazia nevoeiros e chuvas e, em outras, era seco e quente. Os poetas o consideravam como anunciador de desgraças.

<sup>849</sup> Ver: *Graças ao meu trabalho, que eu já vejo*, v. 12, Anexo 1.

<sup>850</sup> Ver: *Negras noturnas aves agoiraram*, v. 6, Anexo 1. *Que glória!, que capricho! que esperança*, v. 108, Anexo 1.

<sup>851</sup> Ver: *Eu vivo ainda, ó Ínclita Lisboa*, v. 14, Anexo 1.

<sup>852</sup> Ver: *Eia, Príncipe Augusto, ouviste o canto*, v. 71, Anexo A.

<sup>853</sup> Ver: *Arminda, cuja beleza*, v. 186, Anexo 1. *Graças ao meu trabalho, que eu já vejo*, v. 73, Anexo 1.

<sup>854</sup> Ver: *Estes os Vates, os sonoros vates*, v. 58, Anexo 1.

<sup>855</sup> Ver: *Arminda, cuja beleza*, v. 178 e 186, Anexo 1. *À Fresca sombra dum cerrado bosque*, v. 199, Anexo 1.

<sup>856</sup> Ver: *À Fresca sombra dum cerrado bosque*, v. 123, Anexo 1.

<sup>857</sup> Ver: *À Fresca sombra dum cerrado bosque*, v. 158, Anexo 1.

**ODE**<sup>858</sup>: originalmente, e desde Horácio, um poema destinado a ser cantado: canto fúnebre, religioso, mágico, de guerra, de louvor ou hino, comum deleita-se se a multidão dos volúveis Romano acompanhamentos musicais. Atualmente constitui apenas poesia rimada de assunto elevado, geralmente escrita em forma de dedicatória com sentimentos elevados. A ode de Horácio é privada e pessoal.

**PÃ**<sup>859</sup>: (ver Carpicórnio) Em uma das tradições, teria sido filho de Mercúrio e Penélope. Meio homem, meio cabra, era protetor dos pastores e dos rebanhos. Habitava os bosques nos lugares próximos às fontes. Assustava os homens com aparições bruscas, dando origem ao “medo pânico”. Personificava a fecundidade e a potência sexual, assediando indiferentemente as ninfas ou os rapazes. Ao perseguir a ninfa Siringe, graças à intervenção do rio Ladão, esta transformou-se em caniços do brejo. Pã colheu-os, uniu-os e fabricou uma flauta agreste a que deu o nome de siringe. Foi amante da Lua a quem presenteou com um rebanho de bois brancos. Seu culto é originário da Arcádia.

**PAFOS**<sup>860</sup>: Foi a capital de Chipre já no tempo das civilizações grega e romana. Foi um dos mais célebres centros de peregrinação do antigo mundo grego, pois era onde se pensava ter nascido a deusa grega Afrodite. O apóstolo Paulo de Tarso visitou-a no século I d.C..

**PARCAS**<sup>861</sup>: filhas de Júpiter e Têmis, personificavam o Destino, poder incontável que regula a sorte de todos os homens do nascimento até a morte. A princípio havia apenas uma Parca mas a mitologia a transformou em três irmãs: Cloto a fiandeira que tecia o fio da vida dos homens desde o nascimento; Láquesis, a fixadora, determinava-lhe o tamanho e enrolava o fio; Átropos, a irremovível, cortava-o quando a vida que representava chegava ao fim. Habitavam um lugar junto das Horas, nas regiões olímpicas, donde dirigiam não somente a sorte dos mortais mas também o movimentos das esferas celestes e a harmonia do mundo. Nem Júpiter podia lhes contestar as decisões.

**PÁRIS**: filho do rei de Tróia, Príamo, e Hécuba. Quando recém-nascido, foi abandonado pela mãe no monte Ida, tendo sido recolhido por pastores e criado por Agelau, um servo de seu pai. Quando adulto, retornou a Tróia para participar dos jogos fúnebres instituídos em sua memória pois acreditavam que estivesse morto. Venceu os jogos e foi reconhecido por seu pai Príamo. Júpiter encarregou-o de escolher a mais bela entre Vênus, Minerva e Juno, entregando à vencedora o Pomo da Discórdia. Escolheu Vênus que lhe ofereceu Helena, esposa de Menelau, considerada a mulher mais bela. Raptou-a, provocando a Guerra de Tróia durante a qual matou Aquiles com uma flecha em seu calcanhar.

**PARNASO**<sup>862</sup>: filho de Netuno e da ninfa Cleodora, deu nome a uma montanha na Fócida, considerada a morada das Musas e de Apolo, lugar privilegiado, onde músicos e poetas buscavam inspiração. Suas encostas possuíam cavernas habitadas por divindade agrestes.

**PIÉRIA ou PIÉRIDAS**<sup>863</sup>: Píero, filho de Mácedon, deu nome à Piéria, onde introduziu o culto das Musas. Do seu casamento com Evipe, teve nove filhas, as Piéridas, dotadas de grande talento musical. Ousaram desafiar as Musas e, tendo sido vencidas, como castigo, foram por elas transformadas em pássaros.

<sup>858</sup> Ver: *Ouve, ó Mecenas, que de Reis descendes*, Título, Anexo 1.

<sup>859</sup> Ver: *À Fresca sombra dum cerrado bosque*, v. 145, Anexo 1.

<sup>860</sup> Ver: *À Fresca sombra dum cerrado bosque*, v. 164, Anexo 1.

<sup>861</sup> Ver: *Mirradas pernas, e mirrados braços*, v. 8, Anexo 1. *De mirradas Perpétuas amarelas*, v. 2, Anexo 1. *Eu vivo ainda, ó Íclita Lisboa*, v. 3, Anexo 1. *No Dia, em que teus dias começaram*, v. 9, Anexo 1. *Musa, basta de silêncio*, Título, An. 1.

<sup>862</sup> Ver: *Armanda, cuja beleza*, v. 178, Anexo 1.

<sup>863</sup> Ver: *Já fatigado de forçar vãmente*, v. 115, Anexo 1.

**PINDO**<sup>864</sup>: Os Montes Pindo formam uma cordilheira do norte da Grécia que corre de norte a sul ao longo de 160 km, entre o mar Jônico e o mar Egeu, formando o centro do país. Era na Antiguidade frequentemente chamada de "coluna vertebral" da Grécia. Pindo era filho de Máceton. Numa caçada se defrontou com uma serpente que não o atacou e, em reconhecimento, Pindo passou a lhe ofertar parte do que obtinha em suas caçadas.

**PIRÓIS**<sup>865</sup>: irmão de Flegonte, Eôo e Etonte, os quatro corcéis que puxavam o carro de Hélios. (ver Helios).

**POLÍMNIA**<sup>866</sup>: (ver Musas)

**PROGNE**<sup>867</sup>: (ver Filomela)

**SÍRIO**<sup>868</sup>: uma estrela da constelação do Cão Maior. No antigo Egito, Sírio (ou Sírius), anunciava as cheias do Nilo, pois aparecia no céu antes do solstício de Verão. Por isso foi adorada e as casas eram geralmente construídas de maneira que a sua luz pudesse entrar por elas adentro!

**TALIA**<sup>869</sup>: (ver: Três Graças e Musas) "A festiva", uma das nove Musas ou uma das três Graças, presidia a comédia e a poesia bucólica ou pastoril. Era representada na figura de uma jovem alegre, coroada de ramos de hera e apoiada num cajado de pastor. Muitas de suas estátuas possuem um clarim que servia para sustentar a voz dos autores da Comédia antiga.<sup>870</sup>

**TERPSICORE**: (ver: Musas)<sup>871</sup>

**TRÊS GRAÇAS**<sup>872</sup>: Aglaia, Eufrosina e Talia, filhas de Júpiter e Eurínome. Personificavam a beleza e o encanto, incumbiam-se de espalhar alegria na natureza, no coração dos homens e entre os deuses. Habitavam no Olimpo junto com as Musas, pertencendo ao séquito de Vênus. Representadas como 3 jovens nuas.

**ZÉFIRO**<sup>873</sup>: Vento do Oeste. Era impetuoso e funesto, provocando tempestades. Era filho de Astreu e de Aurora, irmão de Noto, vento do Norte. Apaixonando-se por Flora, esta recusou-o por ser demasiado impetuoso. Para agradá-la, transformou-se numa brisa doce, cujo sopro faz abrirem-se as flores. Diante disso, Flora aceitou o casamento. É representado como um jovem com asas de borboleta, portando uma coroa de flores nas mãos.

<sup>864</sup> Ver: *Graças ao meu trabalho, que eu já vejo*, v. 9, Anexo 1. *Eu canto a Majestade, o Fausto, a Pompa*, v. 121, Anexo 1.

<sup>865</sup> Ver: *Eu canto a Majestade, o Fausto, a Pompa*, v. 304, Anexo 1.

<sup>866</sup> Ver: *Ouve, ó Mecenas, que de Reis descendes*, v. 43, Anexo 1.

<sup>867</sup> Ver: *Musa, basta de silêncio*, v. 16, Anexo 1.

<sup>868</sup> Ver: *Pois chega a Moda, eu sigo a Moda*, v. 37, Anexo 1.

<sup>869</sup> Ver: *Eu canto a Majestade, o Fausto, a Pompa*, v. 19, Anexo 1.

<sup>870</sup> Ver: *Arminda, cuja beleza*, v. 58, Anexo 1. *Graças ao meu trabalho, que eu já vejo*, v. 10, Anexo 1.

<sup>871</sup> Ver: *Arminda, cuja beleza*, v. 58, Anexo 1. *Graças ao meu trabalho, que eu já vejo*, v. 10, Anexo 1.

<sup>872</sup> Ver: *Eu canto a Majestade, o Fausto, a Pompa*, v.224, Anexo 1. *Estes Vates, os sonoros vates*. V. 18, Anexo 1.

<sup>873</sup> Ver Ver: *Arminda, cuja beleza*, v. 58, Anexo 1. *Graças ao meu trabalho, que eu já vejo*, v. 10, Anexo 1.: *Eu canto a Majestade, o Fausto, a Pompa*, v. 216, Anexo 1. *Pois chega a Moda ao Pindo, eu sigo a Moda*, v. 383, Anexo 1. *No Dia, em que teus dias começaram*, v.5, Anexo 1.

**OUTROS POETAS ALEM DE CALDAS BARBOSA NO ALMANAK DAS MUSAS**

<b>Autor</b>	<b>Pseudônimo</b>	<b>1º verso</b>	<b>Gênero / Título</b>	<b>Tomo</b>	<b>Parte</b>	<b>Página</b>
<b>Anacleto da Silva Moraes</b>	<b>Anaclusio</b>	Enquanto o vão capricho os homens leva	Ode	2	4	78 a 82
<b>André da Ponte de Quental Fonseca</b>	<b>Marisbeu Ultramarino</b>	Por mais que a fonte m'elevasse ao cume	Ode Safica	2	3	115 a 116
<b>Antonio Bersane Leite de Paula</b>	<b>Tionio</b>	Muza inerte, e rasteira	Idílio	2	4	31 a 41
<b>Antonio Dinis da Cruz e Silva</b>	<b>Elpino Nonacriense</b>	O Matutino Sol, claro, e formoso	Soneto	1	1	4
		Não suspirada Marcia, não, não leias	Soneto	1	1	5
		Amor, de Amores mil vi rodeado	Soneto	1	1	6
<b>Belchior Manoel Curvo de Semedo Torres de Sequeira</b>	<b>Belmiro Transtagano</b>	Ao fulvo solar coche luminoso,	Ditirambo	2	3	27 a 34
		Mentes Lemano, a minha Celia amada,	Soneto	1	1	43
		Não te compreendo, coração mavioso;	Soneto	1	1	44
		No seyo desta fria sepultura,	Soneto	1	1	45
		Tinto de sangue por braço mostrava,	Soneto	1	1	46
		Ceos! Qu'implacavel horrída figura,	Soneto	1	1	47
		Quatro vezes na Ecliptica brilhante,	Soneto	1	1	48
		Deichei por flaçã Armania desdenhosa;	Madrigal	1	1	49 a 50
		De meus Versos ineditos,	Ditirambo	1	1	56 a 65
		N'Um bosque tenebroso emmaranhado,		1	1	66 a 71
		Da molle cama de rosas		1	1	90 a 96
		"Compadre (contão que ao Lobo	Apólogo	1	1	97 a 99
		À Volta do Dia	Apólogo	1	1	100 a 102
		N'um bosque frondente	Cançoneta	1	1	103 a 109
		Se da vil que te sulca, me vingares	Soneto	1	2	13
		Hum dia ornado Amor de verde louro,	Soneto	1	2	14
		Voa saudoso lugubre suspiro,	Soneto	1	2	15
		As leves chinxas Marineu lançava	Soneto	1	2	16
		Qual Diana fugaz, n'um bosque umbroso,	Soneto	1	2	17
		Medonha corre a Noute, a frouza Lua	Soneto	1	2	18
		Fui entre ferros por Amopr levado	Soneto	1	2	19
		Depois que ao Sol as redes estendia	Soneto	1	2	20
		Morro Analia por ti, mais hum instante	Soneto	1	2	21
		Junto da voraz Pyra que ondeava,	Soneto	1	2	22
		Tu com settas nas mãos, gesto sombrio	Soneto	1	2	23
		Que fruades, que enredos,	Cançoneta	1	2	25 a 29
		Chovendo estragos Orion ensífero,	Dithyrambo	1	2	30 a 39
		N'Hum fresca manhã bella,	Cançoneta	2	3	56 a 60
		Vendo o perverso vendado	Cançoneta	2	3	61 a 64
		Huma Naiade bella desdenhoza,	Idilio / O Fauno	2	3	65 a 73
As brônzeas portas do befrente Jano	Cantata	2	4	7 a 13		

## OUTROS POETAS ALÉM DE CALDAS BARBOSA NO ALMANAK DAS MUSAS

Autor	Pseudônimo	1º verso	Gênero / Título	Tomo	Parte	Página
<b>Belchior Manoel Curvo de Semedo Torres de Sequeira</b>	<b>Belmiro Transtagano</b>	Como risonha vem abrindo a Aurora	Cantata	2	4	14 a 19
		De quantos filhos a campestre Flora	Metamorfose/O Suspiro	2	4	20 a25
		Deixai os filtros, os farpões ervados,	Soneto	2	4	26
		Não decanto Senhor neste almo dia	Soneto	2	4	27
		Um pouco, um pouco ó mar enfurecido	Soneto	2	4	30
		Porque me roubas o deseajo antigo,	Soneto	2	4	98
		Se intentas ser meu bárbaro homicida,	Soneto	2	4	99
		Já matizando os Céus de vivas cores	Soneto	2	4	100
		Risonha margem do aprazível Tejo,	Soneto	2	4	101
		Não mais Natércia receosa vivas	Soneto	2	4	102
		Não sei, Marcia, não sei que laço forte	Soneto	2	4	103
		Zoilo mordaz me insulta impaciente,	Epigrama I	2	4	104
		O Fogo de teus Versos me exageras,	Epigrama II	2	4	104
		Enquanto o meu Zoilo	Cantilenas Anacreônticas - 1	2	4	105
		O Sol transmonta	Cantilenas Anacreônticas - 2	2	4	106
		Sonhei que a Fortuna	Cantilenas Anacreônticas - 3	2	4	107
		As fuscas asas	Cantilenas Anacreônticas - 4	2	4	108
		Vendado Nume,	Cantilenas Anacreônticas - 5	2	4	109
		Doce Milcenia,	Cantilenas Anacreônticas - 6	2	4	109 a 110
		Tuas virtudes	Cantilenas Anacreônticas - 7	2	4	110
		Castiga os ingratos,	Cantilenas Anacreônticas - 8	2	4	111
		Palreira Andorinha,	Cantilenas Anacreônticas - 9	2	4	111 a 112
Se é tido por Nume	Cantilenas Anacreônticas - 10	2	4	112		
Ao tronco d'um Cedro	Cantilenas Anacreônticas - 11	2	4	113		
Feito Colono	Cantilenas Anacreônticas - 12	2	4	114		
Sobre as sonoras rutilantes asas	Ode	2	4	115 a 118		
<b>D. Francisco Xavier de Meneses - 4º Conde da Ericeira</b>	<b>Ormano Palisco</b>	Em vão quer no Parnaso hum temerario	Tradução Canto Primeiro	1	2	89 a 99
		Qual na festa aldeã, bella Pastora	Tradução Canto Segundo	1	2	101 a 111
		Não há monstro odioso, nem serpente,	Tradução Canto Terceiro	1	2	103 a 123
		Viveo (se conta) hum Medico em Florença	Tradução Canto Quarto	1	2	125 a 137
<b>Ignácio da Costa Quintela</b>	<b>Jacindo Ulyssiponense</b>	Em vão, caro Belmiro, em vão ressurgem	Ode	2	4	110 a 121

**OUTROS POETAS ALÉM DE CALDAS BARBOSA NO ALMANAK DAS MUSAS**

<b>Autor</b>	<b>Pseudônimo</b>	<b>1º verso</b>	<b>Gênero / Título</b>	<b>Tomo</b>	<b>Parte</b>	<b>Página</b>
<b>Ignácio José de Alvarenga Peixoto</b>	<b>Alcindo Palmireno</b>	Bárbaros filhos destas brenhas duras,	Oitavas	2	4	139 a 145
<b>Jerônimo Martins da Costa</b>	<b>Cassindro Lisbonense</b>	Honrai, ó Musas, a brilhante cena	Ode	2	4	121 a 123
<b>João Baptista de Lara</b>	<b>Albano Ulissiponense</b>	Cançado Pensamento, em paz me deixa	Soneto	1	1	26
		Em triste som de fúnebre Elegia,	Soneto	1	1	27
		Trez ramos de Cypó, Verbena, e Teixo,	Soneto	1	1	28
		A Hum leve aceno dos seus olhos belos,	Soneto	1	1	29
		Maldito seja o dia, e seja a hora,	Soneto	1	1	30
		Cançado d'esperar a luz do dia,	Soneto	1	1	31
		No tronco de huma liza faya, hum dia	Soneto	1	1	32
		Meu bem, que mal te fiz? Porque motivo	Soneto	1	1	33
		Ao Reyno triste, onde não entra o Dia;	Soneto	1	1	34
		Cançada d'esperar o terno Amante,	Soneto	1	1	35
		Se a mente arrebatada aos Ceos levanto,	Soneto	1	1	36
		Lisongeiras Imagens de alegria,	Soneto	1	1	37
		À Força de lutar co'a desventura,	Soneto	1	1	38
		Há no Averno hum lugar medonho, e horrendo	Soneto	1	1	39
		Novamente, meu bem, a minha lyra,	Soneto	1	1	40
		Formosa Nynfa com fingido agrado,	Soneto	1	1	41
		Em meyo estava a Noute, e a vez terceira,	Soneto	1	1	42
		No mel do Hyneto, e na Accidalia fonte,		1	1	72 a 74
		Em quanto o espaço dos desertos ares,	Ode Safica	1	1	75 a 77
		Nem sempre no soberbo Capitolio	Ode	1	1	78 a 79
		Ó Tu em ocio, vergonhoso passas,	Ode Safica	1	1	80 a 82
		Cruel, que te fiz eu? Que horrendo crime	Elegia	1	1	83 a 85
		Nas azas librado	Cançoneta	1	1	86 a 89
Nero de Heroes, de Heroe preclaro Filho	Soneto	1	2	2		
Já do Sol a cruel atra Inimiga	Soneto	1	2	3		
Entre humas verdes balças escondido	Soneto	1	2	4		
Os iscados anzoes ao Mar lançava	Soneto	1	2	5		

**OUTROS POETAS ALÉM DE CALDAS BARBOSA NO ALMANAK DAS MUSAS**

<b>Autor</b>	<b>Pseudônimo</b>	<b>1º verso</b>	<b>Gênero / Título</b>	<b>Tomo</b>	<b>Parte</b>	<b>Página</b>
<b>João Baptista de Lara</b>	<b>Albano Ulissiponense</b>	Quando junto de Alcina reclinado	Soneto	1	2	6
		Das tranças do meu bem Amor urdia	Soneto	1	2	7
		Anelada porção d'aureos cabellos	Soneto	1	2	8
		Pois teimas caro Anfrizo, que te diga	Soneto	1	2	9
		No seio de huma branca penedia,	Soneto	1	2	10
		Da minha fé, da minha lealdade	Soneto	1	2	11
		Se alguém no Prado vir huma Pastora	Soneto	1	2	12
		Musa, qu'ora as douradas longas tnaças,	Ode / O Universo	2	4	67 a 69
<b>Joaquim Franco de Araujo Freire Barbosa</b>	<b>Coridon Neptunino</b>	Meu amado Laurino, caro amigo,	Epistola	2	3	106 a 109
		Pedes-me, caro amigo, que te mande	Epístola	2	4	124 a 133
<b>Joaquim Severino Ferraz de Campos</b>	<b>Alcino Lisbonense</b>	Raivoza contra a Fama, que voava	Soneto	1	2	1
		As altas longas asas sacudindo	Soneto	2	4	28
<b>José Agostinho de Macedo</b>	<b>Elmiro Tagidio</b>	Funestos Lucros da fatal riqueza	Ode / Vantagens, da Pobreza, e da vida ignorada	2	3	110 a 114
		Eia Sublime sonoro Caldas,	Ode	2	4	74 a 77
<b>José Thomaz da Silva Quintanilha</b>	<b>Eurindo Nonacriense</b>	Entre festões de rosas, e boninas,	Versos	2	4	64 a 66
		Se Eu pudera do Pindo alto, e frondoso	Epístola	2	4	91 a 97
<b>Luis Corrêa da França Amaral</b>	<b>Melyseo Silenio</b>	De donde vem, Belmiro, essa mania,	Carta contra os intrusos Poetas do presente século	2	4	134 a 138
<b>Muito humilde, e muito obediente/ Servo./ Despreaux</b>		Meu Senhor./Ainda que aas minhas obras tenham feito	Carta	1	2	139 a 142
<b>não identificado</b>	<b>Leocacio Melpomineo</b>	Embora corte os alterosos Mares	Ode / A Amizade	2	3	50 a 51
<b>s/assinatura</b>		Tirar Ignez ao mundo determina	Soneto	1	1	7
		Entre as vagas azues do mar dourado,	Soneto	1	1	8
		Que julga, sô (?) Amor, não me desdigo,	Soneto	1	2	24
		A Fresca sombra d'hum cerrado bosque,	O jardim	2	3	74 a 81
		Inconstante Ariadna ambiciosa,	Heroida / Theseo a Ariadna.	2	3	101 a 105
		A Noite envolta em tenebroso manto	A Jacinta	2	4	42 a 45
		Embora a face da habitada Terra	Ode / O Universo	2	4	59 a 63

## Notas sobre os Vasconcelos e Sousa

As origens dos Vasconcelos e Sousa prendem-se à fundação do Reino no século XII. Pertenciam tradicionalmente aos Grandes de Portugal, tendo ocupado “ofícios superiores da Casa Real portuguesa [que] constituíam, desde um longínquo passado, um terreno nobiliárquico por excelência e [...] um dos redutos mais cristalizados das velhas casas de Grandes.”<sup>874</sup> Exerceram, entre outras funções oficiais, os cargos de Ministros de Estado, Vice-Reis, Embaixadores, Reposteiros-Mor, Mordomos-Mor, Veadores, Desembargadores e Regedores da Justiça.

Receberam títulos de nobreza criados pelos monarcas em seu favor: Conde de Castelo Maior, Conde da Calheta, Conde e Marquês de Castelo Melhor, Conde de Pombeiro, Marquês de Belas, Conde da Figueira, Conde de Figueiró. Também as mulheres da família tiveram cargos de honra junto à Corte, ocupando os lugares de Camareira-Mor, Damas de Honor, e outros, tendo-lhes sido outorgados títulos de nobreza (alguns por casamento) como: Condessa de Penafiel, Marquesa de Fronteira, Marquesa e Condessa de Vianna, Marquesa de Angeja, Condessa da Ponte, Viscondessa de Asseca.

D. José Luís foi, sem sombra de dúvida, o Vasconcelos e Sousa mais chegado a Caldas Barbosa. Bacharel formado em Cânones pela Universidade de Coimbra, integrava os Grandes de Portugal, tendo ocupado cargos relevantes junto à Corte: Fidalgo da Casa Real, Regedor das Justiças, Desembargador do Paço e da Consciência e Ordens no Rio de Janeiro, Procurador Fiscal da Junta dos Três Estados, Deputado do exame das dívidas da Fazenda Real, Desembargador da Relação e Casa do Porto e dos agravos da Casa da Suplicação, entre outros.

Em 29 de Novembro de 1783, casou-se com D. Maria Rita de Castelo Branco Correia e Cunha, filha e herdeira de D. Antônio Joaquim de Castelo Branco Correia e Cunha, 5º Conde de Pombeiro. D. José Luís, ao casar-se com a 6ª Condessa de Pombeiro, recebeu dela este título e a administração de todos os bens desta nobre Casa, incluindo a Quinta de Belas, pelo que, mais tarde, foi agraciado com o título de Marquês de Belas no reinado de D. Maria I, sob a regência do príncipe D. João. Passou a ser o 6º Conde de Pombeiro e 1º Marquês de Belas.

---

<sup>874</sup> Monteiro, Nuno Gonçalo Freitas. *O CrePúsculo dos Grandes, A casa e o património da aristocracia em Portugal (1750 – 1832)*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa (1998 : 530).

## Os Vasconcelos e Sousa próximos a Caldas Barbosa

### Resumo Genealógico

Como parâmetro para melhor compreensão das relações de parentesco entre os Vasconcelos e Sousa mais próximos a Caldas Barbosa, segue-se uma planilha com alguns de seus nomes e respectiva relação genealógica entre seus membros.

Adotamos uma modalidade diferente daquela usada comumente nas genealogias para formação dos índices de descendência. Utilizamos apenas algarismos arábicos, ao invés de letras maiúsculas, algarismos romanos e arábicos.

Assim, os índices 1.1, 1.3, 1.5 correspondem respectivamente ao primeiro, terceiro e quinto filhos e segunda geração (dois algarismos) do mais antigo antepassado referido, sendo Luis de Vasconcelos e Sousa a primeira<sup>875</sup>. Embora os antepassados desta Casa remontem a Afonso Henriques, tomamos por referência um descendente mais próximo, isto é, D. Luis de Vasconcelos e Sousa, 6º Conde da Calheta, 3º Conde de Castelo Melhor (1636-1720). Desta forma, vamos encontrar na presente planilha:

- 1            **Luis** de Vasconcelos e Sousa (tomado como primeira referência)
- 1.1        **Afonso** Vasconcelos e Sousa  
(primogênito do anterior)
- 1.1.6     **José** de Caminha Vasconcelos e Sousa Távora Faro e Veiga  
(6º filho de Afonso e neto de Luis)
- 1.1.6.5   **José Luis** de Vasconcelos e Sousa. 6º Conde de Pombeiro  
(5º filho de José e bisneto de Luis)
- 1.1.6.5.1 **Antonio Maria** de Vasconcelos e Sousa  
(primogênito de José Luis, 6º Conde de Pombeiro)

---

<sup>875</sup>Lindenberg, Augusto (1968 : II).



## **Anexo 2: Iconografia**

Imagens de páginas de rosto do <i>Almanach des Muses</i>	356
Imagens de páginas de rosto do <i>Almanak das Musas</i>	357

## Imagens de páginas de rosto do *Almanach des Muses*



Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

### Le concert des Muses - 1671<sup>876</sup>

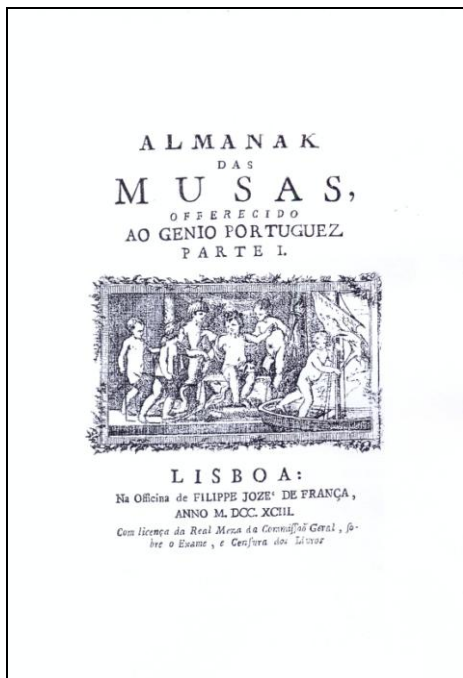


### Frontispício do *Almanach des Muses* - 1767<sup>877</sup>

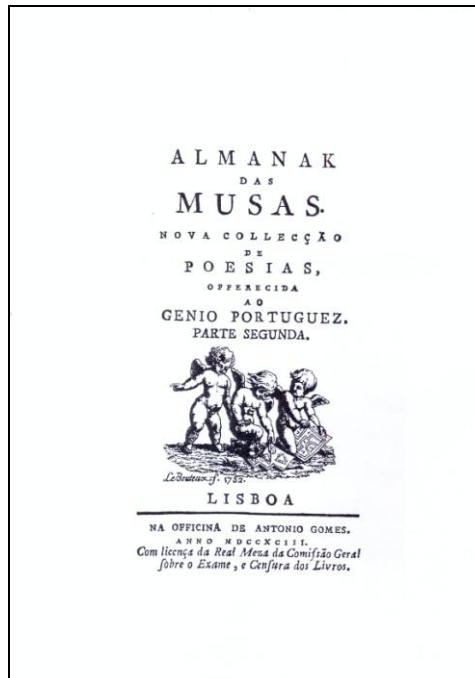
<sup>876</sup> Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b84274962.r=Almanach+des+Muses.langPT>

<sup>877</sup> Disponível em: [http://en.wikipedia.org/wiki/Almanach\\_des\\_Muses](http://en.wikipedia.org/wiki/Almanach_des_Muses)

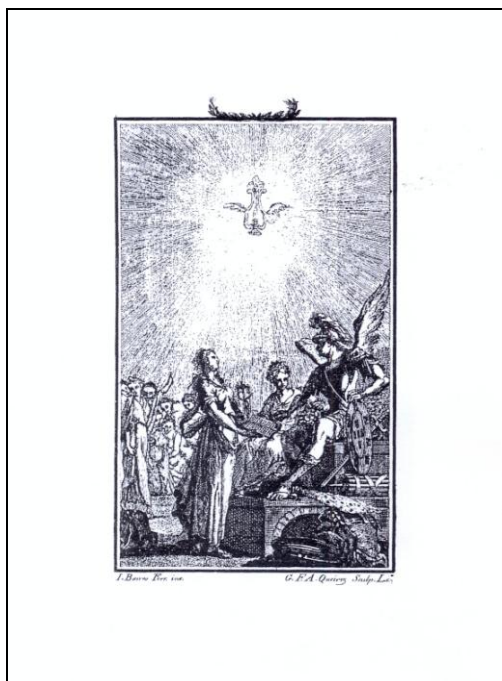
## Imagens de capas do *Almanak das Musas*



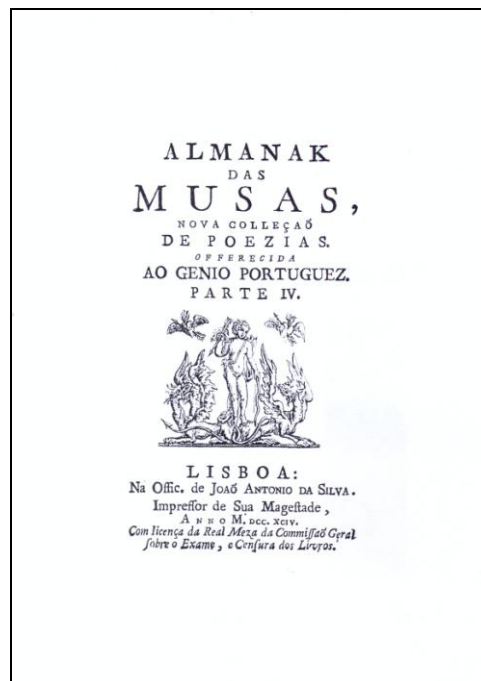
*Página de rosto do Tomo I – Parte 1, 1793*



*Página de rosto do Tomo I – Parte 2, 1793*



*Contra-capla do Tomo II – Parte 4  
Apolo e as nove Musas: Clío, Euterpe, Talia, Melpômene  
Terpsicore, Érato, Polímnia, Urânia e Calíope*



*Página de rosto do Tomo II – Parte 4, 1794*

## Apêndice documental

Ode I de Horácio e sua tradução por Domingos Caldas Barbosa e Pedro Braga Falcão	359
Carta a Pedro Rademacker	363
Dois sonetos	370
Caldas Barbosa: excertos de “Coleção de poesias para a Inauguração da Estátua” e “Recopilação dos textos sagrados”	374
Beatriz Brandão e Caldas Barbosa	379
Bocage e Caldas Barbosa	380
Alvarenga Peixoto e D. Joana Forjaz	383
Transcrição de uma carta de D. Leonor de Almeida	384

Carmen I<sup>878</sup>

Metrum:

Asclepiadeum primum

Maecenas atavis edite regibus,  
o et praesidium et dulce decus meum:  
sunt quos curriculo pulverem Olympicum  
collegisse iuvat metaque fervidis

5

evitata rotis palmaque nobilis  
terrarum dominos evehit ad deos;  
hunc, si mobilium turba Quiritium  
certat tergemini tollere honoribus;  
illum, si proprio condidit horreo

10

quidquid de Libycis verritur areis.  
gaudentem patrios findere sarculo  
agros Attalicis condicionibus  
numquam demoveas, ut trabe Cypria  
Myrtoum pavidus nauta secet mare;

15

luctantem Icariis fluctibus Africum  
mercator metuens otium et oppidi  
laudat rura sui: mox reficit rates  
quassas indocilis pauperiem pati.  
est qui nec veteris pocula Massici

20

nec partem solido demere de die  
spernit, nunc viridi membra sub arbuto  
stratus, nunc ad aquae lene caput sacrae;  
multos castra iuvant et lituo tubae  
permixtus sonitus bellaque matribus

25

---

<sup>878</sup> Bibliotheca Augustana: disponível em:  
[http://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lsante01/Horatius/hor\\_c000.html](http://www.hs-augsburg.de/~harsch/Chronologia/Lsante01/Horatius/hor_c000.html)

detestata; manet sub Iove frigido  
venator tenerae coniugis inmemor,  
seu visa est catulis cerva fidelibus,  
seu rupit teretes Marsus aper plagas.  
me doctarum hederæ præmia frontium

30

dis miscent superis, me gelidum nemus  
Nympharumque leves cum Satyris chori  
secernunt populo, si neque tibus  
Euterpe cohibet nec Polyhymnia  
Lesboum refugit tendere barbiton.

35

quodsi me lyricis vatibus inseres,  
sublimi feriam sidera vertice.

*Tradução Ode I. De Horácio a Mecenas / Em que o Poeta mostra desejar só a gloria da Poesia, principalmente a Lyrica.*

**Domingos Caldas Barbosa - Tradução da Ode I\* - De Horácio\* a Mecenas**

**Pedro Braga Falcão - Tradução da Ode I - De Horácio a Mecenas**

**DOMINGOS CALDAS BARBOSA**

**PEDRO BRAGA FALCÃO<sup>879</sup>**

Ouve, ó Mecenas, que de Reis descendes,  
 Tu que me honras, tu que me defendes:  
 Ter de Olímpico pó cuberto o rosto  
 Em honrosa carreira é d'uns o gosto:  
 5 Girando em torno a perigosa meta  
 No veloz carro o destro, o forte Atleta  
 Sem que as rodas lhe toquem, se assinala;  
 E esta vitória aos Deuses os iguala.

A este a que os romanos inconstantes  
 10 Dão á cinte [sic] os empregos mais brilhantes;  
 Àquele que em celeiros mil recolhe,  
 Quanto nas Africanas eiras colhe

Satisfeito em cavar, e costumado  
 Nos pátrios campos c'ò rompente arado,  
 15 Se em Cípria não convidas ao ondoso

Mar Egeu turbulento, e perigoso,  
 Nunca do seu estado os inquietas,  
 Bem que as riquezas d'Átalo prometas.

Enquanto c'ò as Icárias ondas luta  
 20 O áfrico vento, tímido se escuta  
 O Mercador louvar a paz, que goza  
 A campina da Pátria deleitosa.  
 Eis que chega ao porto, as Naus reforma à  
 pressa,  
 Receia que em miséria ali pereça.

Mecenas, descendente de reis ancestrais,  
 meu amparo, minha doce glória:  
 a alguns agrada acumular em seu carro  
 o pó de Olimpo, evitando a meta do circo  
 5 com as rodas ardentes: a nobre palma eleva  
 os senhores da terra aos deuses.  
 um deleita-se se a multidão dos volúveis Romanos  
 luta para o erguer às três grandes honras,  
 outro, se guardou no próprio celeiro  
 10 tudo quanto se varreu das eiras líbias.  
 Àquele que se alegra em fender os campos pátrios  
 com a enxada, nunca, nem com riquezas de Átalo  
 o poderás convencer a, temeroso nauta,  
 em barco cipriota o mar Mirto atravessar.

15 O mercador, receando o África,  
 que com as ondas de Ícaro luta, louva a calma  
 e os campos da sua terra; mas logo desfeitos  
 os navios conserta, não sabendo suportar a  
 pobreza.  
 Há quem não recuse beber um velho Mássico,  
 20 nem despreze ao seu dia retirar uma parte,  
 ora espreguiçando-se sob um verde medronheiro,  
 ora junto à suave nascente de uma fonte sacra.  
 A muitos apraz o campo militar, o som da tuba

<sup>879</sup> Exceto a Nota 10 (do Autor), as demais são de Falcão, Pedro Braga, 2008, p. 46 a 48.

25 Sacrificam alguns parte do dia

Ao doce vinho, que a Campânia cria  
Ora na verde relva reclinados,  
Junto da branda fonte, ora sentados.

Do campo Marcial a rica pompa,

30 E o misto som da clarineta, e trompa  
Agrada a uns, a quem a guerra agrada,  
Pelas Mães sempre, e sempre detestada.  
Ao caçador nem lembra a terna Esposa  
Velando em noite frígida, e chuvosa:  
35 Ou porque os fiéis co'a corça deram,  
Ou porque a rede os Javalis romperam.

A [h]era, que honra o sábio, esta somente

Entre os Deuses me põe: fujo da gente  
Ao frio bosque a ouvir suaves coros  
40 Das Ninfas, e dos sátiros sonoros;  
Quando a tocar o Líbico alaúde  
Polímnia inspire, e Euterpe a flauta ajude.  
Se entre os Líricos vates me numeras,  
Eu subirei às luzidas esferas.

que se mistura com o lítuo, as guerras pelas mães  
odiadas.

25 Se os fiéis cães um veado avistaram,  
ou um javali marso as finas redes rompeu,  
permanece o caçador frio sob o céu de Júpiter,  
esquecido da terna e jovem mulher.

A mim a hera, prêmio das sages fronteas,  
30 aos supernos deuses me une,  
a mim a fria mata e os coros das Ninfas  
e dos Sátiros do poço me apartam,

desde que Euterpe não afaste de mim sua túbias,  
nem Polímnia se recuse afinar o bárbito de Lesbos;  
35 e se me contares entre os vates líricos,  
de cabeça erguida tocarei as estrelas.

MANUSCRITO DA CARTA DE DOMINGOS CALDAS BARBOSA  
AO SNR. PEDRO RADEMACKER<sup>880</sup>

Este documento manuscrito de Caldas Barbosa, até recentemente e inédito, depoistado na Academia das Ciências de Lisboa, foi encontrado e publicado pelo pesquisador Tinhorão. Trata-se de uma carta em versos, sem assinatura, registrada no catálogo de Manuscritos, “Provenientes do antigo Convento de Nossa Senhora de Jesus, também conhecido como Documentos dos Frades.”<sup>881</sup> Poderíamos datar este poema por volta de 1780 pois Caldas o escreveu antes mesmo de ter sido nomeado Presbítero Secular em 1787 o que os últimos versos desta Carta sugerem. Caldas Barbosa dirige-se a Pedro Rademacker, provavelmente um amigo frade franciscano,

membro de uma influente família burguesa de origem holandesa que se estabeleceu em Lisboa partir do terceiro quartel do século XVIII. Dois dos seus membros, Daniel Rademacker e José Basílio Rademacker (1789-1856) receberiam várias mercês tanto da Rainha D. Maria I como do seu neto. D. Pedro IV.<sup>882</sup>

Ao escrever esta “Carta”, supomos que Caldas estivesse já na casa dos quarenta anos, trazendo consigo uma considerável bagagem de sua vida atribulada cujos problemas ainda não se tinham resolvido por completo. Na década de 1780 já sofrera fome e desprezo, já chegara ao limiar da morte, buscava ainda a fonte de renda que o libertaria da condição de mero protegido e que sua dignidade clamava a todo momento e, no entanto, conservava sua bondade, seu altruísmo, sua modéstia e sua humildade diante da vida. Caldas Barbosa se revela através de seus versos, levando-nos a admirar mais uma vez o seu caráter, o amigo sincero, desinteressado e prestativo.

---

<sup>880</sup> *Apud* Tinhorão, José Ramos (2004 : 174)

<sup>881</sup> Tinhorão, José Ramos (2004 : 168)

<sup>882</sup> Barbosa, Domingos Caldas (2003 : 74)

Pub. 5.º E. 21.º  
Carta 4.º De Domingos Caldas Barbosa  
a Sr. Pedro Rademaker

X Carta

Lacrimas nas' portubham. Caros amigo,  
 As minhas expozicoes' de tu facago,  
 E tu queres de pouco abm' falar comigo;  
 Ah! (com que prazeres!) abm' me dezes  
 Que vites mais de perto a claridade  
 E o Mundo inda nao' ve' errado, e cego;  
 Tu que deengano, mil na' variedade  
 Ha' confusoes' de meusos da Mentira  
 O' Raiz porcellyte da Verdade;  
 Tu, que vendo o vai' lucro, que fetira  
 Do negocio, do Mundo, em que se gasta  
 Em vez de amor Inveja e odio e ira;  
 Tu, q' entre a natural e agente e tramo  
 Com vito produzir' furoto e feto,  
 Vago do mercio q' n'uma q' n'uma tramo.  
 Tu, que sempre nutrite no teu peito  
 O amor da Virtude, e da Sciencia  
 Que sem vao' gloria, e sempre amor profito;  
 Ouve ali, que nao' clora atua auencia,  
 e' n'uma, porque teyptima, e' n'uma murto  
 O' bem do amigo m'le' conveniencia:  
 Qual te acly ali eu te pergunto  
 Nao' de prazeres, amigo, de faude,  
 E' o may que de' n'uma ali' t'ny' junto:  
 Ali' Sciencia teny, ali' Virtude  
 Com que vag' teu espirito consolando  
 E ali' espero eu que Dny' te ajude:  
 Sei q' subtilmente o tempo vai' passando  
 Ora no Sancto Cora a Dny' pedindo  
 Ora co' sabio Comony' estudando:  
 Nao' foga, e' n'uma paz sempre adquirindo  
 Queco' ya' temey a i'nfatata terra  
 Nem o feroz leao' q' anda lugindo \*

Di. Barbosa  
 \* Tanquam leo rugiens



Primeira página da carta de Domingos Caldas Barbosa  
a Pedro Rademaker, s/d.

Nunca te oíste mais qual uiva eborra  
 venemigo omel sempre contrario  
 et sua viridade a se clayto encerra:  
 Nem a vroz attenday do Vauvarro  
 que se cuida augmentar seu terro  
 sem hedar de ver ptoe o sanctuario:  
 E Com apaz ferora o seu teagiro  
 Estime, como os 5 q nuyt dmas  
 De metay brigancas brancas eliro:  
 De se sair de luz a ali deoramas  
 A sciencia a Deu cas Mundo utij  
 E inflamey como goma ali se inflamã:  
 Nem ja mais gastaray coray intellij  
 quando atropuzay qual fora ocuay  
 scioza, paloray, today futuj:  
 Fugite a impudentay Companhã  
 aq nome Politica (que nome!)  
 Obriga amuioz ler, saque tullay:  
 Or sai neyo tambem ninguem metome  
 que cuide q a vir tude a Romanidade  
 qsto sentimento e sim Confome:  
 Devem ser coz outro a mizade  
 amax moz, luyz aq outro, e falor moz  
 Deu mesmo quer aqsa i ocuade:  
 Fazemoz muito mal em mal julgermo  
 e nestal este o Mundo, etal q fuy  
 q se necessamo tudo acautelar moz:  
 Mas desforay ninguem: sai Imago Deu  
 Todo q Comoy; Deu q manda a maã  
 Ma fayu bem se q dilaç fo por Deu:  
 Deve por muitas vezes consultay  
 Comtigo a hca mesma occasã  
 E se promto avoz de Deu olla clamar:  
 Em lu buril envoltay elu cordã  
 ou em faya ou em pida ou na clausura  
 ou fora de la q tanto e tanto fã:  
 Entre os Comoy provoyse de maã  
 e qode fãto ser, mas se pãcezo  
 Deu e sempre lica utada a maã figura:  
 Nem esta e nem aquela e peculiaris  
 Mas ve qua muuay tozay la vinda  
 e Caminlo que veu maã plano eliro:  
 Nem ferejas tambem Lorrizay  
 Fugite figura la de maã do voo  
 Pij ofulgo de Deu nas te fozado.

Segunda página da carta de Domingos Caldas Barbosa  
a Pedro Rademaker, s/d.



DE DOMINGOS CALDAS BARBOSA  
 AO SNR. PEDRO RADEMACKER  
 CARTA

Se acazo não perturbam, caro amigo,  
 As minhas expressões o teu socego  
 Eu quero hu pouco assim falar contigo:  
 A ti (com que prazer!) a ti me chego  
 Que viste mais de perto a claridade 5  
 Q' o Mundo inda não ve errado, e cego;  
 Tu, que de enganos mil na variedade  
 Na confusão das nuvens da mentira  
 Os raios percebeste da verdade:  
 Tu que vendo o vão lucro que se tira 10  
 Dos negócios do Mundo, em que se ganha  
 Em vez de amor inveja, e ódio, e ira:  
 Tu q. entre a natural, e a gente estranha  
 Tens visto produzir funesto efeito  
 Vago comercio q' no mar se entranha: 15  
 Tu, que sempre nutriste no teu peito  
 O amor da virtude, e da Sciencia  
 Que sem vaã gloria he sempre amor perfeito;  
 Ouve hus, que não chora a tua auzencia,  
 Antes, porque te estima, a estima muito 20  
 Do bem, do amigo me he conveniencia:  
 Qual te achas afeu te pergunto  
 Não de prazer, amigo, de saúde  
 Q' o mais que desejaste ahi tens junto:  
 Ahi Sciencia tens, ahi virtude 25  
 Com que vais teu espírito consolando  
 E ahi espero eu que Deus te ajude:  
 Sei q sutilmente o tempo vai pasando  
 Ora no Sancto Coro a Deus pedindo  
 Ora c' os sabios homens estudando: 30  
 Mais socego, e mais paz sempre adquirindo  
 Pouco ja temeis a infestada Terra  
 Nem o feroz Leão q. anda rugindo\*<sup>883</sup>  
 Nunca tu oisas mais qual uiva e berra  
 O enemigo cruel sempre contrario 35  
 A sã virtude que esse claustro encerra:  
 Nem as vezes atendas do usuario  
 Que só cuida aumentar o seu tezoiro  
 Sem lhe dar de ver pobre, o Sanctuario:  
 E com a paz serena q eu te agoiro 40  
 Estimas, como pó, o q outros amaõ  
 Dos metais enganosos branco e loiro:  
 Deses raios de luz q a hi derramas  
 As Sciencias, a Deus, e ao Mundo úteis  
 Te inflames como os mais ahi se inflamaõ: 45

<sup>883</sup> \* Diabolus tanquam Leo rugiens [nota manuscrita à margem direita do original].

Nem ja mais gastarás horas enteiras  
 Ouvindo, a teu pezar, qual fora ouvias  
 Ociozas palavras, todas futeis:  
 Fugiste a impertinentes companhias  
 A q o nome Politica, (que nome!) 50  
 Obriga a muitos ler, e a que tu lias:  
 Por tal nescio tambem ninguém me tome  
 Que cuide q a virtude á Humanidade  
 O justo sentimento assim consome:  
 Devemos ter c'os outros Amizade 55  
 Amar-mos huns aos outros, e falar-mos,  
 Deus mesmo quer a nosa Sociedade:  
 Fariamos muito mal em mal julgarmos  
 Mas tal está o Mundo, e tal os seus  
 Q he necessário tudo acautelarmos: 60  
 Não desprezes ninguém: são Irmãos teus  
 Todos homens; Deus os manda amar  
 Mas fazes bem se os deichas só por Deus:  
 Deves por muitas vezes consultar  
 Comtigo a tua mesma vocasaõ 65  
 E hir prompto á voz de Deus onde chamar:  
 Em hu burel envolto e hu cordão  
 Ou em sarja ou em seda ou na clausura  
 Ou fora dela os Santos Santos são:  
 Entre os homens perversos de mistura 70  
 Se pode Santo ser; mas é preciso  
 Buscar sempre hua estrada a mais segura:  
 Nem esta, nem aquela especializo  
 Mas vê que muitas vezes he errado  
 O caminho que vai mais plano e lizo: 75  
 Nem te vejas também horrorizado  
 Por que figures hu tremendo pezo  
 Pois o jugo de Deus não é pezado.  
 Eu conheço mui bem todo o desprezo  
 Q. há muito fazes dos vãos bens do Mundo 80  
 E o teu exemplo estimo, gosto, e prezo:  
 Com a dezolusão me não confundo  
 Eu vi com qual acerto isto fizeste  
 Muito acerto a espera já d'outro eu fundo:  
 Muitas vezes ouvi o que diceste, 85  
 E como Irmão e amigo preparaste  
 O efeito q esperei então he este:  
 Eu sei em cujas mãos te entregaste  
 Eu os conheço, e todos o conhecem  
 Todos estão dizendo q acertaste: 90  
 Os louvores em fim q eles merecem  
 Não são para hua carta a ti escrita  
 Convinhão aos que deles não soubessem.  
 Tu tens, amigo, aventurosa dita  
 Em achar quem te guie sabiamente: 95  
 Medita muito bem: Pedro, medita:

Não oisas louca voz da louca gente  
 Segue o que mais te importa, e te convem  
 Deus he mais teu amigo, e teu Parente:  
 Ah! Queira Deus q'eu possa inda também 100  
 Seguir os acertados passos teus  
 Para q eu chegue a ter tamanho bem  
 Ajuda-me a pedir a grasa a Deus.<sup>884</sup>

Nota de José Ramos Tinhorão:

De Domingos Caldas Barbosa Ao Snr. Pedro Rademacker – Carta, Manuscrito vermelho 726,  
 do Catálogo de Manuscritos da Biblioteca Academia de Ciências de Lisboa. [...] Pertencente aos religiosos da Terceira Ordem da Penitência do N. Pe. S. Francisco. Ano 1825.  
 Antiga cota  
 Gabinete 5ª Estante Past. IV. Proveniente do antigo Convento de Nossa Senhora de Jesus, também conhecido como Documentos dos Frades.  
 Academia de Ciências de Lisboa  
 Catálogo de Manuscritos  
 Série Vermelha II (nº 500-980)  
 Publicação do II Centenário da Academia de Ciências de Lisboa, 1896 (p. 139).

---

<sup>884</sup> Apud Tinhorão, José Ramos (2004 : 180)

DOIS SONETOS DE DOMINGOS CALDAS BARBOSA<sup>885</sup>

Recentemente localizados e publicados por Tinhorão, encontram-se dois sonetos manuscritos de Domingos Caldas Barbosadepositados na Biblioteca do Palácio Nacional da Ajuda . O primeiro é dedicado “A El Rey N. Senhor”<sup>886</sup>, D. José I, provavelmente datado de cerca de 1775, quando Domingos Caldas Barbosa foi apresentado ao Rei pouco antes deste ser acometido pelo derrame cerebral que o afastou do trono.

## A El Rey N. Senhor

Poeta vulgarmente é um farroupilha  
 Osga do ofício: antípoda do agrado  
 Duns iludido d’outros procurado  
 A capa do vestir da sopa a pilha.

Deixa de ser figura peralvilha  
 Que vos tem por Neunas soblimado  
 Que no vosso favor sempre elevado  
 O nome o engrandece, e não o humilha:

Eu era Trovador, mas na verdade  
 Outro me sinto já tendo o primeiro  
 Indício de total felicidade:

Pois que mais buscara o Brasileiro  
 Que por boca de Vossa Majestade  
 Ser chamado o Poeta no Pinheiro.

O Poeta  
 Domingos de Caldas Barboza.

<sup>885</sup> *Apud* Tinhorão, José Ramos (2004 : 170)

<sup>886</sup> Tinhorão, José Ramos (2004 : 57; 167-171)

A. M. N. Senkor.

VERSOS

Poeta vulgarmente é um farruspidka  
 Osga do afrio: antipoda do egredo  
 D'um iludido Douro procurado  
 Acapa do Vytis da sopa agilka:  
 Deixa de ser figuro. gualvilka  
 Gaum vos tem por Mearny sublimado  
 Que novo favor sempre elevado  
 Onome o angrosidels, enú o unilka:  
 Eu era Covador, mas na verdade  
 Outro me sinto já sendo o primiro  
 Indício de total felicidade:  
 Pois que mais baxara o Dvarileiro  
 Que por boca de Vosa Magestade  
 Se tornou o Poeta no Pinheiro.

O Poeta

Domingo de Caldas Barbosa

Manuscrito autógrafo de Domingos Caldas Barbosa  
 com soneto dedicado ao rei d. José I, c. 1775.

O soneto dedicado à Rainha D. Maria I se refere, provavelmente, a uma de suas filhas menores falecidas ambas ainda pequeninas: Maria Clementina (1774-1776) ou M. Isabel (1776-1777). De qualquer forma, poderíamos datar o poema como anterior a 1775, quando Caldas Barbosa ainda assinava seu nome de acordo com o que fizera na sua candidatura ao curso da Universidade de Coimbra: Domingos de Caldas Barboza, filho de Antonio de Caldas Barboza. A partir da publicação de suas poesias feitas para a inauguração da estátua equestre de D. José I em 1775, passou a assinar apenas Domingos Caldas Barbosa, sem a preposição e substituindo a letra “z” por “s” no seu apelido.<sup>887</sup>

A RAINHA N. SENHORA<sup>888</sup>

A vosa Augusta Filha já cansada  
Lutava com a Parca enfurecida  
Que o áureo fio da estimada vida  
Pertendia quebrar fera, e indignada:

Já a Bela Heroína fatigada  
Parecia renderse amortecida  
Por que o trabalho da terrível lida  
Por momento a deixava inanimada.

Porem clamou por vos Real Senhora  
Xegasteis a acudir lhe e de repente  
A Parca sausentou ela melhora:

Ah se vos podeis tanto, e estais presente  
Não tenho que temer jamais: agora  
He crível que a disgrasa se m'ausente.

O Poeta  
Domingos de Caldas Barboza

<sup>887</sup> Tinhorão, José Ramos (2004 : 167-171).

<sup>888</sup> *Apud* Tinhorão, José Ramos (2004 : 172)

A Rainha e D. Senhora

A Vossa

Vossa Augusta Filha já cansada  
 Luceava com a Parca enjurecida  
 E que o ouro fio da estirpe obvida  
 Pretendia quebrar fôr, e indignada:  
 Já a Bela Fluminense fatigada  
 Parcia tendose amortecida  
 Porque o trabalho da terrível lida  
 Por momento deixava inanimada.  
 Com clamor por vos Oh! Senhora  
 Regostey a acudir-me e de repente  
 A Parca saurou-se ela melhora:  
 Não se vos podis tanto, e estais presente  
 Não senho que temer jamis: agora.  
 He crível que a desgraça se m'acunte.

O Poeta

Domingos Caldas Barbosa

Manuscrito autógrafo de Domingos Caldas Barbosa  
 com soneto dedicado à futura rainha d. Maria I, c. 1775.

**Caldas Barbosa: excertos de**

**“Coleção de Poesias feitas na feliz inauguração da Estatua Equestre”<sup>889</sup>  
Quatro sonetos**

**“Recopilação dos sucessos principais da História Sagrada: em verso pelo Beneficiado  
Domingos Caldas Barbosa, Capelão da Casa da Suplicação”<sup>890</sup>**

-O-O-O-O-O-O-O-

**Soneto alusivo à data do aniversário de D. José I  
escolhida para a a inauguração de sua estátua no Terreiro do Paço.  
- 6 de Junho, quando completava 61 anos -**

[ 1. ]

O Mês, que pelo meio o ano corta,<sup>891</sup>  
E a quem faz sempre Câncer companhia,  
Conduz alegre o glorioso dia,  
Que deixa à Lusa gente em pasmo absorta.

Sem a triste ampulheta, e foice torta  
O tempo vem guiado da Alegria;  
Vem com a irmã cantando a Poesia,  
Que os corações até ao Céu transporta.

A Lusa gratidão de um modo agudo,  
Este dia feliz distingue, e marca  
C’um Monumento, que se explica mudo;

Enquanto o Nome do maior MONARCA  
Espalha a grande Deusa, que diz tudo,  
Por quanto o Sol rodeia, e o Mar abarca.

---

<sup>889</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1775)

<sup>890</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1776/1793)

<sup>891</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1775), *Coleção de Poesias*, 5º Soneto.

**Soneto com referências à História de Portugal:  
Inscrição em soneto – Domingos Caldas Barbosa<sup>892</sup>**

[ 2. ]

Não é do Grande Henrique, ó Caminhante,  
Ou de um dos seis Afonsos a Figura,  
Lembrar Fernando, e os Sanchos não procura,  
E nem Diniz, bem que o Mondego o cante.

Não é d'algum dos Pedros o semblante,  
Que a Arte destra a imitar se apura,  
Nem Manuel, o Amado da ventura,  
E nem Duarte da Ciência amante.

Não do Guerreiro Rei, que nos deu susto,  
Não do Velho tirado do Mosteiro,<sup>893</sup>  
Nem dos cinco Joões, qual mais Augusto:

Olha em roda do Insigne Cavaleiro,  
Prostra-te, adora o Pai da Pátria, o Justo,  
Rei de Fama imortal, JOSÉ PRIMEIRO.

**No soneto de homenagem a Pombal, Ministro de D. José**

[ 3. ]

Aquele, que se oferece por modelo<sup>894</sup>  
A estranhos, e vindouros Soberanos,  
É JOSÉ Grande REY dos Lusitanos:  
Correi, ó Povos, a adorá-lo, e vê-lo.

Amor, Justiça, Piedade, e Zelo  
O distinguiram d'entre os mais Humanos;  
Assim aos que hão de vir remotos anos  
Lisboa agradecida há de dizê-lo.

E aquele, que no Busto está presente,  
É o Ilustre CARVALHO: ide admirá-lo,  
Fiel Ministro, Sábio, e Diligente:

Convosco, que me ouvis, convosco eu falo;  
Daqueles dous se pode juntamente  
Aprender a ser REI, e a ser Vassalo.

<sup>892</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1775) *Coleção de Poesias*, 1º Soneto, de abertura.

<sup>893</sup> Refere-se ao Cardeal-rei D. Henrique, O Casto, que vivia uma vida eclesiástica, e estando no Mosteiro de Alcobaça, recebeu a notícia da morte do sobrinho-neto D. Sebastião em Alcácer-Quibir, no Norte de África (1578), vendo-se obrigado a assumir a Coroa de Portugal.

<sup>894</sup> Barbosa, Domingos Caldas (1775) “Coleção de Poesias”, 3º Soneto.

### Homenagem ao Brigadeiro Bartolomeu da Costa

O Ministro Pombal via no monumento um símbolo que sintetizava a sua grandiosa obra da reconstrução de Lisboa. Sobre o pedestal, de autoria de Reinaldo Manuel dos Santos, foi erguida a estátua pelo escultor português Joaquim Machado de Castro, obra pioneira no panorama escultórico nacional, ostentando um medalhão com a efígie do Marquês. Esta obra serviu como experiência da adaptação das técnicas militares de fundição à arte da escultura, sob a direção do brigadeiro Bartolomeu da Costa\* a quem Caldas homenageia no seguinte soneto:

[ 4. ]

De entre a trêmula, roxa labareda,<sup>895</sup>  
 Globoso espesso fumo os ares fende  
 No lugar, em que ativo gênio emprende,  
 Que o metal duro a seu arbítrio ceda:

Porque tudo com ordem lhe suceda  
 A toda a parte olha, a tudo atende;  
 Ora modera o fogo, ora o acende,  
 Não quer que diminua, nem que exceda.

Abre os dutos; e o bronze com brandura,  
 E uma fluidez, digna de espanto,  
 Ocupa o molde, forma-se a Figura

Gênio ditoso, que padece tanto,  
 Mostra glorioso a enérgica Estrutura,  
 Que eu, depois de a adorar, teu nome canto.

---

<sup>895</sup> Idem (1775), “Coleção de Poesias”, 7º Soneto.

### “Recopilação dos sucessos principaes da Historia Sagrada”

Esta obra teve duas edições: a primeira, datada de 1776, continha apenas os versos sobre a História Sagrada; a segunda, datada de 1793, inclui um *Index* com referências a diversas personagens citadas ou a explicações sobre vocabulário utilizado. Caldas Barbosa se propôs a versificar os principais acontecimentos da História Sagrada com o objetivo de torná-la mais didática e mais facilmente aprendida pela juventude. O extenso poema tem 1998 versos decassílabos: abre com o *Gênesis* e termina com a conquista da Judeia pelos Romanos.

Na Dedicatória do poema o Poeta expõe os seus objetivos, cuja preocupação era atingir um público jovem – a “Mocidade”.

[ 5. ]

#### À MOCIDADE PORTUGUESA

A simples narração da História Santa, Americana Musa sem enfeite À juvenil memória oferece, e canta: E espera que o trabalho se lhe aceite, E sem soberba voz soltar da boca, Qu’o simples canto instrua , e que deleite. A Épica trombeta não emboca, Faz soar a didática buzina, Qu’estranho termo, e fábulas não toca: Com a frase mais clara, e genuína	10	Talvez o rosto seu se encobriria, Entre figuras vãs se eu as pintasse, E os seus passos assim cofundiria: E talvez c’os enfeites ocultasse Dos Homens o progresso em véu escuro, Qu’a Memória jamais desembrulhasse. Julguei este caminho o mais seguro, <i>Preze-se quem quizer de ser enigma;</i> Q’eu fazer que m’entendam só procuro.	40
Aponta, em breves termos, à lembrança O caminho, em que às vezes não atina. Às transversais varedas se não lança, Segue o Homem depois que foi criado Até que foi remido; aí descansa. Canta o Povo de Deus um tempo amado, Seus principais Varões, seus inimigos, Sua virtude, e logo seu pecado. Diz a sua fortuna, os seus perigos, Os seus bens, e seus males de mistura,	20	Há gente, eu bem o sei, que desestima O verso sem rodeio, ou voz estranha, Qu’esquisito conceito assim exprima. Quem aos Astros não voa, não se entranha Nos frondíferos bosques, e não ara Cerúlea onda, que Caribdis banha; Por mais que em termo próprio, em frase clara, Sonora, fácil voz, doce harmonia, O Céu, a Terra, os Mares explicara: Terrível detrator não acharia,	50
Conta os seus erros, conta os seus castigos. Ser entendida, e breve assim procura: Tudo o que diz é pura, e sã verdade Da pura, e da santíssima Escritura. Deseja aproveitar a Mocidade, Socorrendo a memória de uma sorte, Qu’esqueça menos, e que mais agrade. Benévolo o Leitor veja, e suporte A simples narração, em que a Poesia Tem a verdade só por guia, e norte.	30	Qu’a seus versos, assim pouco estrondosos, Deve-se o nome dar de Poesia: Falem os Aristarcos orgulhosos: Eu sei Ode o que é, o que é Idílio: Quais de um Poema os termos gloriosos. Sei distinguir Ovídio de Virgílio, E sei o que é narrar algum sucesso, Ou as façanhas dos Heróis do Ilio. Não quero mais louvor que o que mereço: Sou homem, posso errar: fujo à vaidade, E sempre compaixão aos Sábios peço: Meu fim é instruir a Mocidade.	60

Nesta obra a aridez do estilo bíblico suaviza-se com a criação poética, como podemos verificar nos exemplos abaixo: os seis primeiros versículos do *Gênesis* e as três primeiras estrofes da “Recopilação da História Sagrada” de Caldas Barbosa.

#### **GÊNESIS**

1 No princípio Deus criou os céus e a terra.

2 A terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo, mas o Espírito de Deus pairava sobre a face das águas.

3 Disse Deus: haja luz. E houve luz.

4 Viu Deus que a luz era boa: e fez separação entre a luz e as trevas.

5 E Deus chamou à luz dia, e às trevas noite. E foi a tarde e a manhã do dia primeiro.

6 E disse Deus: haja um firmamento no meio das águas, e haja separação entre as águas e águas.

T [ 6. ]

#### **Caldas Barbosa – 1ª estrofe**

Um Deus Imenso, um Deus Omnipotente  
 No próprio Ser, na própria Omnipotência,  
 Qu’em si mesmo habitara eternamente,  
 Deus de tudo, e de todos, Deus bendito,  
 Um só na Essência, nas Pessoas trino,  
 Que princípio não tem, que é infinito;  
 O Pai, o Filho, e seu Amor divino,  
 Só a sua vontade consultando,  
 Iguais todos em Um, sem precedência  
 E seu desígnio eterno executando,  
 No próprio Ser, na própria Omnipotência,  
 Quando do Mundo a fábrica ordenou,  
 O Pai, o Filho, e seu Amor divino,  
 Criando o Céu, e a Terra começou.  
 Iguais todos em Um, sem precedência

#### **Caldas Barbosa – 2ª estrofe**

Era a Terra um montão vazio informe;  
 Cobriam trevas esta massa enorme,  
 O Espírito de Deus que isto atuava  
 Sobre as volúveis águas revoava,  
 E aquele, a cuja voz tudo respeita,  
 Manda se faça a Luz, e a Luz é feita.  
 Separá-la das trevas principia,  
 As Trevas são a Noite, a Luz o Dia.  
 Foi do Mundo o primeiro Dia aquele,  
 E a ordem para os mais se dispôs nele.

#### **Caldas Barbosa – 3ª estrofe**

Criou, e chamou Céu ao Firmamento,  
 E fez das águas sábio apartamento:  
 Um a baixa Terra estão cobrindo,  
 As outras sobre as nuvens vão subindo:  
 Ninguém sabe onde estão, se há onde espraíem;  
 (a) Se estão suspensas, ou se em chuvas caem:  
 A mão que umas susteve, outras erguia,  
 Este o trabalho do segundo Dia.

## BEATRIZ FRANCISCA DE ASSIS BRANDÃO E CALDAS BARBOSA

Esta poetisa de Ouro Preto foi autora de uma obra dispersa mas recentemente publicada a partir de pesquisas para a tese de mestrado e de doutoramento de que foi objeto.<sup>896</sup> Em 1855, mais de meio século após a morte de Caldas Barbosa, Beatriz Brandão publicou na *Marmota Fluminense*<sup>897</sup> dois poemas em que figuram, respectivamente, duas quadras do Poeta.

### [ 1. ]

#### **Mote**<sup>898</sup>

Muitos amam com loucura<sup>900</sup>  
 Eu se amor tenho razão;  
 Que tem mil razões amáveis  
 A minha amante paixão  
*Viola de Lerenó*

#### **Glosa**

É tão grande o meu prazer  
 Em adorar-te, meu bem,  
 Que o mundo glória não tem

Que eu possa já pretender.  
 Bem sei que amor chega a ter  
 Muitos lances de amargura;  
 Porém desta desventura  
 Amor não tem culpa, não;  
 É porque sem reflexão  
 Muitos amam com loucura.

### [ 2. ]

#### **No Álbum de um Jovem**<sup>899</sup>

Mancebo, que pressuroso  
 Trilhar julgas, jubiloso  
 O caminho deleitoso  
 Do gozar e bom viver  
 Desconfia da amizade  
 Que ao vício se persuade,  
 Não creias na lealdade  
 De quem te quer perverter.

#### **Pensamento gentil de Lerenó na sua vida.**

Não se cansa a natureza<sup>901</sup>  
 Em criar coisas em vão:  
 E se não for, para amar  
 De que serve o coração?

<sup>896</sup> Pereira, Claudia Gomes (2005 e 2011)

<sup>897</sup> *Jornal de modas e variedades* editado por Paula Brito, de Maio de 1852 a Junho de 1857.

<sup>898</sup> *Marmota Fluminense*, Sexta-feira, 16/FEV/1855, nº 554, p. 03. *Apud* Pereira, Claudia (2005 : 88)

<sup>899</sup> *Marmota Fluminense*, Sexta-feira, 04/MAI/1855, nº 579, p. 04. *Apud* Pereira, Claudia (2005 : 117)

<sup>900</sup> Barbosa, Domingos Caldas, vol. I (1980 : 156) *A Minha amante Paixão*, 8ª estrofe.

<sup>901</sup> *Idem*, vol I (1980 : 111): *Crime gostoso*, última estrofe.

**BOCAGE E CALDAS BARBOSA**  
**SONETOS E VERSOS TROCADOS ENTRE SI**<sup>902</sup>

[ 1. ]

Preside o neto da rainha Ginga  
 À corja vil, adúladora, insana;  
 Traz sujo moço amostras de chanfana,  
 Por copos desiguais se esgota a pinga;

Vem pão, manteiga, chá, tudo à catinga:  
 Masca a farinha a chusma americana,  
 E o orang-outang a corda à banza abana  
 Com gestos e visagens de mandinga:

Um milhão de comparses logo acode  
 Do fofo Conde ao novo Talaveiras;  
 Improvisa berrando o rouco bode.

Aplaudem de contínuo as frioleiras  
 Belmiro em ditirambo, o ex-frade em ode...  
 Eis aqui do Lerenó as quartas-feiras.<sup>903</sup>

[ 2. ]

Nojenta prole da rainha Ginga,<sup>904</sup>  
 Sabujo ladrador, cara de nico,  
 Loquaz saguim, burlesco Teodorico,  
 Osga torrada, estúpido resinga,

Eu não te acuso de poeta pinga!  
 Tens lido o Mestre Inácio e o bom Supico;  
 De oca ideias tens o caco rico...  
 Mas teus versos tresandão a catinga.

Se a tua musa nos outeiros campa,  
 Se ao Miranda fizeste ode demente,  
 E o mais que ao mundo estolidó se encampa,

É porque sendo, ó Caldas, tão somente  
 Um cafre, um gozo, um néscio, um parvo, um...  
 Queres meter nariz em ... de gente.

<sup>902</sup> *Apud* Castilho, José Feliciano de (1867)

<sup>903</sup> Transcrição segundo texto anotado por Castilho, José Feliciano de (1867 : 32)

<sup>904</sup> *Idem* (1867 : 27 e 42)

## [ 3. ]

Por casa de Febo co'um vil bugio,<sup>905</sup>  
 As musas o animal não conheciam;  
 E, fugindo assustadas do que viam,  
 Foi de ventas à terra a pobre Clio!

“Não fujam! Venham cá! Não é bravio!”  
 Gritava o deus... E as musas que remiam,  
 Todas por uma vez lhe responderam:  
 “Ai! Que bicho tão feio! Ai! Não me fio!”

“Qual feio (Acode Apolo)! É mui galante,  
 “E na figura e gestos dá mil provas  
 “De ser em parte aos homens semelhante.

“Caldas o nomeei. Com graças novas  
 “Faz-me estalar de riso a cada instante...  
 “Em prêmio lhe concedo o dom das trovas!”

## [ 4. ]

Lembrou-se no Brasil bruxa insolente<sup>906</sup>  
 De pregar aos mortais estranha peta:  
 Um mono pilha, que infernal careta  
 Lhe faz de longe e lhe arreganha o dente.

Caçando-o, por mercê de Averno ardente,  
 Conserva-lhe as feições na face preta;  
 Corta-lhe a cauda; põe-lhe uma roupeta;  
 E os guinchos lhe converte em voz de gente.

Deixa-lhe os calos; deixa-lhe a catinga...  
 E eis que entre os Lusos animal sem rabo  
 Prole se aclama da tostada Ginga;

Dos trovistas se vê modelo e cabo!  
 A sua alta ciência é a mandinga,  
 O seu divino Apolo é o diabo.

---

<sup>905</sup> Castilho, José Feliciano de (1867 : 42)

<sup>906</sup> Castilho, José Feliciano de (1867 : 43)

Ao ser dado o mote <sup>907</sup> “Eu vi nos braços da aurora / O sol tremendo com frio”, Caldas cantou ao som de sua viola uma décima que obteve imediata resposta de Bocage:

[ 3. ]

**Caldas:**

Tenho visto até agora  
Mil cousas que são portentos;  
Trinta velhos rabujentos  
*Eu vi nos braços da aurora;*  
Um cão puxar uma nora;  
Correr para trás um rio;  
Velas arder sem pavio;  
Vi um defunto a correr...  
Só me falta agora ver  
*O sol nascer com frio!*

[ 4.]

**Bocage:**

Se isto vai de foz em fora,  
Também com luz diamantina,  
Vir raiando a matutina  
*Eu vi nos braços da aurora;*  
Só me falta ver agora  
O caranguejo de um rio!  
Ver os efeitos do cio!  
Cantar modas um macaco!  
A lua tomar tabaco!  
*O sol nascer com frio!*

---

<sup>907</sup> Castilho, José Feliciano de (1867 : 44)

**SONETO DE ALVARENGA PEIXOTO A  
D. JOANA ISABEL DE LENCASTRE FORJAZ**

Ignácio José de Alvarenga Peixoto dedicou três sonetos encomiásticos a D. Joana Isabel de Lencastre Forjaz, aludindo aos seus dotes poéticos e, sobretudo, à sua decantada formosura. O soneto abaixo<sup>908</sup> se reporta a uma competição de beleza em que certa vez se viram confrontadas D. Joana e a Condessa de Soure, D. Maria José de Meneses<sup>909</sup>, conhecida por Márcia Bela<sup>910</sup>.

Chegai, Ninfas, chegai, chegai, pastores  
Qu'inda que esconde Jônia as graças belas,  
Márcia corre a cortina das estrelas,  
Quando espalha nos montes os resplandores.

Debaixo dos seus pés brotam as flores,  
Quais brancas, quais azuis, quais amarelas;  
E pelas próprias mãos lh'orna capelas,  
Bem que invejosa, a deusa dos Amores.

Despe a Serra os horrores da aspereza,  
E as aves, que choravam até agora,  
Acompanhando a Jônia na tristeza,

Já todas, ao raiar da nova aurora,  
Cantam hinos em honra da beleza  
De Márcia, gentilíssima pastora.

---

<sup>908</sup> Costa, Claudio Manuel da (1996 : 964). Em **Notas do Autor** ao texto: “*d. Joana Isabel de Alencastro Forjaz, da alta sociedade lisboeta, poetisa pouco importante, mas protetora dos poetas, viveu caso amoroso com Alvarenga Peixoto.*”; v. 2 – “*possível alusão ao luto, que prejudicava a beleza de Joana Isabel de Alencastro Forjaz*”; v. 3 – “*entenda-se : descerra os véus da manhã, e deixa passar o sol.*”; v. 8 – “*Na mitologia greco-romana, Vênus, em grego Afrodite, a deusa do amor e da beleza.*”, p. 1150.

<sup>909</sup> Filha do 4º Marquês de Marialva, segunda mulher do Conde de Soure.

<sup>910</sup> Ver: Gravações em CDs, Sawaya, Luiza e Achille Picchi, “*Marcia Bela*”.

## [6.]

**Transcrição de uma  
Carta de D. Leonor de Almeida Portugal a seu Pai<sup>911</sup>**

(Redigida entre 1770 e 1777)

[p. 1]

Meu querido Pai e meu Senhor do meu coração hoje não tenho escrito nada opremida de uma forte dor de cabeça de que fico já inteiramente livre, e por essa razão vou aproveitar os p[ôcos] instantes que me restam para escrever a V. Ex.<sup>a</sup> e dar-lhe as noções que necessita a respeito dos nossos negócios. Tenho feito ideia de que V. Ex.<sup>a</sup> julga alguma afectação no que eu digo [sobre] o sofrimento Filosófico, e desejo para a tranquilidade mesma de V. Ex.<sup>a</sup>, que V. Ex.<sup>a</sup> chegue a fazer conceito da verdade<sup>912</sup> e de que não tem nenhuma comparação a prática com a Teoria. A felicidade é o objecto do nosso estudo, e qualquer de nós está tão preocupado do sistema que tomou deficultosamente e os sucessos nos poderão desenganar de que a paz interna se altera com estranhas deligências. Todas nos esforçamos a ser feliz no centro das angústias; os objectos do nosso sumo interesse são a inocência, o recíproco amor da nossa família, a estimação própria, a [*lacuna do suporte*] e a sabedoria, estas coisas que não se comovem com os [*lacunas do suporte*] e que muitas vezes se nutrem com eles, nos trazem satis[feitas] bastantemente e capazes de afrontar as mais horrorosas [tempes]tades. Neste artigo é o que posso dizer a V. Ex.<sup>a</sup>. Queira Deus que as minhas palavras obtenham<sup>913</sup> o crédito que merecem.

Sobre o segredo que pedi aos S[ão] Miguéis não imagine V. Ex.<sup>a</sup> que foi tão fora de propósito que esta diligência não [fosse de] de suma utilidade. Esta família, sendo de boas [intenções] | [p. 2] tem um carácter extravagante que nos faz julgar dos negócios alheios sem conhecimento de causa; e nutridos das mais rancidas preocupações e exdruzelarias, arrogam-se direitos que lhe não pertencem e estab'lecem proposições, que ordinariamente det'rrioram muito as vítimas que lhe cai nas mãos. Além disto o ar mesterioso com que se tem praticado e estas privações nos é de suma conveniência, porque o Arcebispo me recomendou segredo até de minha mãe, e agora soubemos que à Princesa mesma ele não tinha dito senão a mínima parte do que nos disse, e como nós ainda que não falámos a ninguém, nunca confiámos que tínhamos ordem para isso, entre muitas pessoas é problema a tal proibição. O que praticámos com as criadas foi simplesmente com as de baxa condição, porque as graves tendo desde o princípio uma declaração a seu favor nessa matéria, necessitavam agora outra para sujeitar-se, e não a fariam ainda com ela, porque não seria justo conservá-las para uma injúria.

Não a tiveram nem nós buscamos explicação nisso porque toda a explicação é uma parvoíce. Em ar d'atenção com o Arcebispo que se contradisse muito é que nós quisemos sujeitar as criadas a uma prática insignificante e de nenhum modo incómoda [*lacuna do suporte*] o estado das coisas, e quanto mais se fala nelas mais [-cem] [*lacuna do suporte*]. O que eu pertendi foi que se calassem porque até com os sapateiros que iam de cá tinham aqueles fidalgos colóquios sobre o que nos respeitava. Tomaram a mal a minha

---

<sup>911</sup> [Transcrição do original de uma carta inédita de D. Leonor de Almeida Portugal gentilmente cedida pela Dra. Vanda Anastácio. O documento original se encontra no IANTT cota Fronteira 180]

<sup>912</sup> 'verdade' Leitura duvidosa.

<sup>913</sup> obtenham ] resultado de alteração da redacção inicial mereçam riscado em curso.

recomendação, feita nos termos mais obrigantes que é possível, porém daí pode V. Ex.<sup>a</sup> ver como eles estão costumados a fazer de um argueiro um cavaleiro.

Não é pequena parvoíce o que fez outro ou talvez o Conde de S[ão] Miguel, que foi be'jar a mão ao [p. 3] Patriarca porque Sua Eminência tinha assim evitado que nos ouvíssemos *Músicas e Poetas*<sup>914</sup>. **Estes crimes singulares são cometidos, como V. Ex.<sup>a</sup> sabe, alguma vez por acaso traz a Condessa de Soire [lacuna do suporte] [-testine] que é o seu mestre, e dá-nos alguma lição. Os Poetas é Felinto e Albano e o Caldas que pela amizade dos Vasconcelos, é o mesmo que se qualquer dos nossos criados<sup>915</sup> fosse a casa da Marquesa de Fronteira.**<sup>916</sup> Além disto ele é admetido até em casa das Valenças, e considerado de suma indeferença em toda a parte. Finalmente tudo o que fazemos é consultado com V. Ex.<sup>a</sup> e é a quarta parte do que V. Ex.<sup>a</sup> concede. Contudo os Senhores S[ão] Miguéis e outros do mesmo lote atreveram-se a apresentar em conversação como dignos de castigo os abraços e be'jos que meu Irmão nos dá e nós lhe damos e daremos toda a vida, chamando-lhe os tais doutores indecentíssimos b. eu confesso a V. Ex.<sup>a</sup> que todo o parentesco que tenho com estas famílias e toda a sua idade me não carece o mínimo respeito quando tanta parvoíce se lhe junta, e antes me infureço muito contra a *Prudomia* destes *Monsieurs* que certamente não é para reger nem para avaliar as sabidas virtudes que minha mãe nos inspira. O que pode gente de juízo é obrar bem apesar de tudo, e compadecer a fraqueza destas cabeças. Eu mandarei a cópia da carta que foi ao Patriarca, que já estava feita quando V. Ex.<sup>a</sup> mandou as suas ordens, mas creio que pouco defiriu [lacuna do suporte] [acomo]dando-se mais às circunstâncias. Não posso mais a Deus meu querido Pai do meu coração, recados ao mano T.

de V. Ex.<sup>a</sup>

Filha mais amante e obdiente

L.

<sup>914</sup> Sublinhado no original.

<sup>915</sup> 'qualquer dos nossos criados' substitui 'João António' riscado em curso.

<sup>916</sup> O uso de negrito não faz parte do texto original. Foi utilizado para destacar a passagem que refere Caldas Barbosa.